H. P. BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

síntese da ciência, da religião e da filosofia

Volume IV

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO E DA CIÊNCIA

PENSAMENTO

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

A DOUTRINA SECRETA

Síntese de Ciência, Religião e Filosofia

Tradução de
RAYMUNDO MENDES SOBRAL

VOLUME IV

ANTROPOGÊNESE

(PARTES II e III)

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO
E CIÊNCIA E DOUTRINA SECRETA COMPARADAS

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Tradução do original inglês
The Secret Doctrine

The Synthesis of Science, Religion and Philosophy

Edição Adyar

Theosophical Publishing House, 1938

Copyright © 1973 by Sociedade Teosófica no Brasil

Edição
9 8 7 6 5 4 3

Ano
3 4 5 6 7 8 9

Direitos Reservados

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374, 04270 São Paulo, SP, fone 63-3141.

Impresso em nossas
oficinas gráficas.



Esta obra
é dedicada aos verdadeiros Teósofos
de todos os países,
seja qual for a raça a que pertençam.
Eles a solicitaram e para eles foi escrita.

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

SUMÁRIO

PARTE II

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

Seção I — Doutrinas Esotéricas corroboradas em todas as Escrituras 15

O *Rig Veda* é a chave da Sabedoria Ariana — O *Rig Veda* foi compilado por Iniciados — A Teologia e o Materialismo desfiguram todo o conceito filosófico arcaico.

Seção II — Adão-Adami 19

Adão-Adami é um nome genérico da Primeira Raça Falante — Os Nabateus eram Caldeus Adoradores das Estrelas — *A Nabathean Agriculture* repete os Ensinamentos da Doutrina Secreta — Nebo, o Deus da Sabedoria e um Criador — Os Cabalistas ensinam a existência de quatro Adãos diferentes — Hieróglifos egípcios para as Cinco Raças.

Seção III — O "Santo dos Santos". Sua degradação 26

Os muitos significados do Adytum ou Sanctum Sanctorum — O significado místico da Arca — A "Dança do Círculo" ao redor da Arca — A Câmara do Rei na Pirâmide de Quéops é um "Sacrário dos Sacrários" egípcio — A Primeira Trindade dos egípcios — Simbolismo cristão da Arca — IOH e a Lua — O Fundamento esotérico do Templo de Salomão — Medidas da "Câmara do Rei" — O Adão Kadmon Andrógino foi feito à imagem de Deus — Permuta cabalística de palavras — "Eu Sou o que Sou" — Lingam e Yoni é o mesmo que o "Santo dos Santos" — Quem são realmente os judeus — O Lingam hindu e o Pilar de Jacob — O significado simbólico de Jehovah — Data dos Textos Eloísticos — Significado da palavra Abraxas.

Seção IV — O Mito dos "Anjos Caídos" em seus vários aspectos 42

A. O Espírito do Mal: Quem e Que É? 42

Filosofia do Problema do Mal — A biografia do Diabo cristão — Deus amaldiçoou o Demônio? — O Logos representa dois papéis no Drama da Criação e do Ser — O Anjo da Face — Fravashi ou Ferouer — Tradução fraudulenta da Bíblia — O Livro de Enoch e o Novo Testamento — Antiga universalidade dos Vedas.

B. Os Deuses de Luz procedem dos Deuses de Trevas 50

Efeitos da Queda Metafórica, da propiciação e da Crucifixão sobre a Humanidade Ocidental — Os Filhos da Eternidade Manvatárica — Todas as Nações tiveram seu Demônio "Caído" — A Mente Coletiva Universal é finita quando se compara com o Espaço Não-Nascido e Inalterável — Ahriman é a "Sombra" de Ahura Mazda — Os Elohim "criam" os Dois Céus, i. é., separam os Planos de Consciência Superior e Inferior — As Sete Legiões e os Adityas — Da Divindade Passiva emana o Poder Ativo — o Mistério chamado Sabedoria, o Filho — O Zohar fala dos "Caídos" — Esoterismo no Pimandro.

C. As Muitas Significações da "Guerra no Céu" 59

Do Sopro Universal Único procedem inumeráveis sopros — Vestígios do destino dos Atlantes em Ezequiel — A última forma dos Titãs Divinos — Diversos nomes dos Iniciados — Manas é duplo, Lunar e Solar — O símbolo da Árvore — O significado da Guerra Celeste, no Apocalipse — A Târâ e outras guerras — Soma, astronomicamente, é a Lua — A luta entre os "Filhos de Deus" e os "Filhos das Trevas" — Os Daityas e Dânavas são os Demônios e Gigantes da Bíblia — Os Sarpas, Serpentes, Nagas e Sábios — Um Centro de Estudos no Deserto de Gobi — A origem das religiões exotéricas — O mistério e a santidade da Serpente.

Seção V — É o Pleroma o Covil de Satã? 73

O "Antigo Dragão" e Satã transformaram-se, em termos teológicos, em "Anjos Caídos" — O Deus dos israelitas é um Deus de Tribo — A Igreja inventou um Demônio antropomórfico — Jehovah é um Espírito usurpador — Todos os Deuses dos gentios estão relacionados com Jehovah — Os Elohim — Deus é a Luz, Satã é a Sombra — O grande Agente Mágico é Éter ou Lúcifer — Akâsha é a Matriz do Universo — A Alma e o Coração da Grande Mãe — Lúcifer é a Luz Divina e Terrestre — Deus e Satã são idênticos — O Sétimo Mistério da Criação — O Dualismo na Religião Masdeísta — O número 888.

Seção VI — Prometeu, o Titã. Sua origem na Índia Antiga. 87

O Freixo na Mitologia Escandinava e Grega — Os Sete Fogos Celestes — A Primeira produção do Fogo — Capacidade do Crânio, antiga e moderna — O Fogo existia na Terra desde o Princípio — O Titã é a representação da Humanidade, Ativa, Industriosa, Inteligente — O Arani-Fêmea é Aditi, a Substância Primordial — A Matriz ou Mãe dos Deuses — O significado dos Seis Irmãos de Krishna — Entre a Serpente do Éden e o Demônio dos cristãos não há semelhança.

Seção VII — Enoichion-Henoch 99

O Livro de Enoch é apócrifo? — Os Rolos preciosos de Enoch e os Livros de Sabedoria de Hermes — As Artes, as Ciências, a Teologia antediluvianas foram registradas ideograficamente — O Adepto morre para continuar vivendo — O que é Enoch esotericamente — Símbolos das Grandes Raças — O Dilúvio e a Inclinação do eixo da Terra — O modo de movimentar-se do Globo variou mais de uma vez — O Livro de Enoch é um resumo da História da Terceira, Quarta e Quinta Raças.

Seção VIII — O Simbolismo dos Nomes Misteriosos de Iao e Jehovah, em suas relações com a Cruz e o Círculo 107

O valor dos Nomes de Deus, dos Anjos e dos Patriarcas — A Divindade Oculta representada pela circunferência de um Círculo — A Doutrina Arcaica nos Seis Primeiros Capítulos do Gênesis, o rejeitado Livro de Enoch e o mal-traduzido de Job — Os judeus são os únicos herdeiros de Jehovah — A Trindade e os Planetas — A "Luz Sétupla", Cristo e Hermes — A antiguidade da Cruz — O Cubo desenvolvido se converte em Tau — A Divindade judaica é um Número — O Mistério da Terceira Criação de Bramã.

A. A Cruz e o Círculo 116

A Tipologia da Cruz — A Cruz se transforma em Símbolo da Procriação Humana — Variações do Símbolo da Cruz — O "Terceiro Olho" e a "Cruz Tau" — As paixões humanas devem ser crucificadas na Cruz — A Cruz mais primitiva e o Círculo — O Fogo e a Água e o Simbolismo da Cruz e do Círculo — Os Rishis e as Plêiades — As Plêiades são o Ponto Central, ao redor do qual gira o nosso Universo — A Cruz Astronômica e o Globo Alado se transformam no Escaravelho Sagrado dos Egípcios — O Misticismo do Círculo, em Ezequiel — A Luz Eterna simbolizada por um Círculo — Deus-Manifestado é o Diâmetro do Círculo.

B. A Queda da Cruz na Matéria 124

O Círculo e o Diâmetro são o primeiro Símbolo na Cosmogonia — A Cruz e o Círculo são um Conceito Universal — A Presença do Princípio Invisível na Natureza — Os quatro braços da Cruz, dobrados nas pontas, formam a Svástika — O Enigma Hermético da Cruz — Cena de Iniciação nos Mistérios Egípcios — O significado da Crucifixão — A idéia original do Homem Crucificado — A ideação cósmica fundamenta o Símbolo da Cruz — O verdadeiro Pai-Nosso — A Cruz dos "Chrestoi".

Seção IX — Os Upanishads na Literatura Gnóstica 133

"Som", "Linguagem", "Vogais" gnósticas e Vozes dos Raios e dos Anjos, no Apocalipse — As Sete Vogais e seus Quarenta e Nove Poderes — As Sete Vogais e suas Sete Raças-Raízes — Quando acabar a Sétima Ronda, terminará o Tempo — O significado do Fogo e da Água nos Mistérios — "Sopros-Vitais" — O Fogo é idêntico ao Yo — Conhecendo o "Nome" — O Ciclo de Garuda — Antiguidade dos Kapilas — Kapila é o nome genérico dos Kumâras.

Seção X — A Cruz e a Década Pitagórica 143

A Década representa a Evolução do Universo desde o Silêncio — A Divisão Setenária é determinada pela Natureza mesma — A língua pré-histórica do Mistério era pictórica e simbólica — O valor dos Números Pares e Ímpares — O Quaternário, Símbolo da Imortalidade — O Homem Perfeito é um Quaternário e um Ternário — O significado místico de Makara — Alegorias dos Avatares Oannes e Matsya — O aspecto Branco e Preto de Shakti — Os Cinco Sagrados — O significado dos Números Seis a Dez — O Três e o Quatro entre os Antigos — Valor numérico da palavra Nilo — Todos os Dogmas saíram da Raiz da Sabedoria — Os que desenvolveram suas Naturezas Quíntuplas — Antiguidade da Cruz — Os quatro Elementos e a Svástika — Atração dos profundos Mistérios do Passado — O Sábio mantém silêncio a respeito dos Mistérios Universais.

Seção XI — Os Mistérios da Hebdômada 160

A. Saptaparna 160

O Nome Oculto do Homem — O Número Seis, emblema da Natureza Física é um Signo Sétuplo — O Número Três e o Quatro são Espírito e Matéria — Princípios Humanos e Princípios da Natureza Física — O Homem, primeiro mamífero da Quarta Ronda — A Lua guia o lado Oculto da Natureza Terrestre, ao passo que o Sol é o Regulador da Vida Manifestada — O Setenário no Simbolismo Religioso Antigo — A Tríade Sephirothal origina o Quaternário — Aspectos ou Princípios Humanos e Cósmicos — Noé simboliza tanto o Manu-Raiz como o Manu-Semente.

B. O Tetraktys em Relação com o Heptágono 167

A consciência em seu todo está composta de Grupos Setenários — Por que a Tétrade é um Número Sagrado — A Tetraktys Inferior é a Raiz da Ilusão — O Quatro unido ao Três é a própria Natureza — O Setenário Sagrado — As Cosmologias antigas baseiam seus Mistérios no Número Dez — Provas de um Evangelho Gnóstico.

C. O Elemento Setenário nos Vedas Corrobora o Ensinamento Oculto referente aos Sete Globos e às Sete Raças 175

Os Sete Raios do Sol — O *Rig Veda* corrobora os Ensinamentos Ocultos — A mesma Doutrina no *Vendidad* — O Setenário Zoroastriano — As Duas Primeiras Raças não morreram, mas foram absorvidas em sua Progênie — Princípios da Quarta Raça — O Ocultismo limita o número das Raças Primordiais a Sete.

D. O Setenário nas Obras Exotéricas 181

O Setenário nos *Purânas* — Os Maruts em seu significado esotérico — Aditi ou Akâsha no Sétuplo Céu Egípcio — Os Maruts e as Potências Ocultas —

O Renascimento contínuo — As Sete Terras no Hinduísmo e outras Escrituras — Os Quarenta e Nove Manus e as Sete Rondas — Os Cinco Reis caídos.

E. Os Sete na Astronomia, na Ciência e na Magia 188

A Fênix e o Ciclo de Naros — A Cronologia de Povos Ocidentais importada da Índia — O Sol, a Lua e os Planetas, os Medidores infalíveis do Tempo — O Mistério das Divisões Cíclicas aplicado ao Céu e à Terra, aos Deuses e aos Homens — A Setena na Fisiologia — Cifras caldaicas no Novo Testamento — Os "Filhos nascidos da Mente" começaram a Divisão da Humanidade em Raças — Os Tetragrammaton — O Número Sete na Química — Os Sete Sacerdotes dos Zuñis — O Sete é o Grande Número Mágico.

F. As Sete Almas dos Egiptólogos 199

O Setenário no Egito — Tábuas Esotéricas hindus e egípcias dos Sete Princípios — Nomes cabalísticos e hieroglíficos dos Princípios Humanos — A *Doutrina Secreta* sobre a evolução Pré-Humana — Todos os mamíferos provieram do Homem — Doutrina Esotérica Trans e Cis-Himalaica — Uma alegoria do *Anugitâ* — Absorção dos Princípios Inferiores pelos Superiores — A Doutrina Setenária é muito antiga — A necessidade de compreender os Sete Estados da Consciência.

Parte III

Apêndice

Ciência e Doutrina Secreta Comparadas

Seção I — Antropologia Arcaica ou Moderna? 215

Teorias científicas do Gênesis — Seleção "Fisiológica" ou "Natural" — A Seleção Natural não pode produzir "Espécies" — Tipos-Raízes Primordiais de Animais procedem do Astral — Os Ensinamentos Esotéricos sobre as Três Primeiras Raças Rumanas Pré-Animais não são uma Ficção — Desacordo Oculto com os Materialistas — Os Ensinamentos Esotéricos se opõem à Teoria Darwinista da Evolução — Que é que dirige as Forças da Evolução? — A Evolução Física e Espiritual reconciliadas.

Seção II — Os Antepassados que a Ciência Oferece à Humanidade 226

Duas teorias de Evolução comparadas — A Sabedoria Arcaica, sobre cujos alicerces foram construídas todas as outras Religiões — Vários modos de reprodução de uma Forma Primordial comum — A Mônada penetra no Corpo Astral dos Progenitores — Teorias sobre o desenvolvimento da Linguagem Humana — Etapas do desenvolvimento lingüístico — O dever da Ciência é observar a origem do Homem — A Lei da Caracterização Permanente — O Homem Pitecóide teórico — Toda a Antiguidade Cria na origem Dhyân-Chohânica do Homem — Necessidade de se admitir a presença da Essência Monádica.

Almas Plastidulares e Células Nervosas Conscientes 240

Os átomos dos Princípios Inferiores são atraídos por afinidade à mesma Individualidade — A Energia Vital é um Princípio, como Número, ao passo que como Fenômeno é representado pelos Átomos — As Almas-Átomos de Hæckel.

Seção III — As Relíquias Fósseis do Homem e o Símio Antropóide 245

A. Fatos Geológicos que se Referem à Relação Entre os Dois 245

Onde devemos ir buscar o homem primitivo? — Existia o Homem nos primeiros tempos da Época Terciária? — Houve uma Criação especial para o Homem? —

Não havia Símios Antropóides nos melhores dias da Quarta Raça — A Lemúria foi o berço da Humanidade Física.

B. Evolucionismo Ocidental: A Anatomia Comparada do Homem e do Antropóide não Confirma de Modo Algum o Darwinismo 250

Órgãos rudimentares no Homem — A Descendência do Homem do Símio seria antinatural — Tipos fundamentais foram produzidos pelo Homem da Terceira e Quarta Rondas — Os mamíferos são pós-humanos — O desenvolvimento do Feto Humano compendia a Vida Terrestre da Terceira e Quarta Rondas.

C. O Darwinismo e a Antiguidade do Homem: Os Antropóides e Seus Sucessores 255

Incertezas da Ciência acerca da idade do Homem — A genealogia dos Símios — A Teologia e a Ciência.

Seção IV — Duração dos Períodos Geológicos, os Ciclos de Raça e a Antiguidade do Homem 260

A Cronologia judaica requer a computação cabalística, com a Chave — Datas Babilônicas — A Doutrina Oculta dá informação clara sobre a idade da Humanidade — Vaivasvata Manu.

A. Especulações Científicas Modernas Acerca da Idade do Globo, da Evolução Animal e do Homem 264

Cifras científicas para a idade geológica do Mundo — O Progresso lento e majestoso da Natureza — Impulsos de Vida Planetários — Pouco se conhece acerca da Raça-Raiz Ária e suas origens.

B. Sobre as Cadeias de Planetas e sua Pluralidade 269

A suficiência de dados nos Livros Secretos — Os Adeptos *sabem* que quase todos os Mundos Planetários são habitados — Os "Outros Mundos" bíblicos se referem a outros Globos habitados — São Paulo, um Iniciado, conhecia outros Mundos — Quem eram os Reis de Edom? — A Astronomia fala em favor da vida organizada em outros Planetas — Uma grande variedade de seres nos diversos Mundos — Por que a Cristandade refutava que outros Globos fossem habitados?

C. Observações Suplementares Sobre a Cronologia Geológica Esotérica 278

Dados ocultos sobre o tempo transcorrido desde os primeiros depósitos sedimentarios — Divergência entre a Ciência Ortodoxa e a Esotérica — O Homem é sempre do mesmo género — Utensílios Paleolíticos e Nações altamente civilizadas contemporâneas — Como os Germes de Vida vieram à nossa Terra — Artistas Primitivos — A Doutrina Esotérica sobre a elevação e queda das Civilizações — Conformação da Terra depois do cataclismo da Quarta Raça — Novas distribuições periódicas da terra e da água — A realidade dos continentes submersos — Faculdades intelectuais e morais superiores desempenham o papel principal no esquema do progresso — Na Natureza nada se perde — Cada novo Manvantara traz consigo a renovação das Formas, Tipos e Espécies.

Seção V — Evolução Orgânica e Centros Criadores 299

A Filosofia Esotérica ensina uma Lei Cíclica, uma dupla Corrente de Força e Matéria — As Formas Etéreas dos primeiros Homens se projetam em Sete Zonas — O Processo de Desenvolvimento abrange desde o menos até o mais perfeito — O Ocultismo classifica o corpo humano com a Criação Bruta.

A. Origem e Evolução dos Mamíferos: a Ciência e a Filogênese Esotérica 302

A Raiz dos Mamíferos Ungulados segundo o Ocultismo — Vários protilos na Natureza correspondem aos diversos planos da Matéria — Fatores intervenientes na origem das espécies animais e vegetais.

B. As Raças Paleolíticas Européias: De Onde Vêm e Como Estão Distribuídas 306

Tipos de crânios encontrados na Europa — De onde irradiaram as correntes sucessivas de Homens "Primitivos"? — O pesadelo do Karma Atlante.

Seção VI — Gigantes, Civilizações e Continentes Submersos Assinalados na História 310

Os gregos eram os poucos e debilitados remanescentes da nação Atlante — O Homem, associado dos Símios e dos Anjos — Semelhança entre a Arquitetura Ciclópica e a Arquitetura Européia antiga — Necessidade de uma interpretação oculta da Bíblia — Os Sábados dos Mistérios são sete Pralayas entre Manvantaras ou Rondas — Primitivo termo médio da estatura da Humanidade — Antiga Geografia da Europa — O significado das Pedras Druídicas e Círculos e Túmulos de Serpentes — Nas Mitologias os Gigantes representam um papel importante — Quem eram os Druidas? As Sete Terras, segundo o Masdeísmo — Os últimos animais e plantas gigantescas.

A. Explicação Esotérica de Algumas Declarações dos Clássicos Sobre Continentes e Ilhas Sagradas 328

Homero fala dos Atlantes em sua *Odisséia* — Deodoro apresenta fatos a respeito dos Atlantes — Os Sacerdotes egípcios, Platão e os Neoplatônicos tinham conhecimento acerca da Atlântida — A *Teologia* de Hesíodo é histórica — Os Deuses do Olimpo eram Personificações Septiformes — Os Deuses maiores do Olimpo — A *Doutrina Secreta* é a Chave Esotérica dos Mistérios das Teogonias Cristã e Grega, e das Ciências — O Poder dos Nomes — Alegorias Gregas das Sete Filhas de Atlas ou Atlântida — Quando o Pólo da Terra apontava para o extremo da cauda da Ursa Maior — Ulisses pertence ao Ciclo dos Heróis da Quarta Raça — Latona é geologicamente o Continente Hiperbóreo — o símbolo gráfico das lágrimas de Níobe — A Idade de Bronze e os Gigantes das Primeiras Raças Físicas — A Ilha dos Reis Divinos — O Dilúvio de Noé é Astronômico e Alegórico — Os Nephilim eram os Homens Paleolíticos e Neolíticos na Palestina — Zeus, a Divindade da Quarta Raça — A Mitologia está baseada na História.

Seção VII — Provas Científicas e Geológicas de vários Continentes Submersos 345

A Geologia corrobora o Ocultismo — A Lei Cíclica explica o desaparecimento das Raças — A Atlântida é necessária para a Etnologia — A Época em que os Deuses abandonaram a Terra — Verdades Esotéricas eram reveladas ao público sob o disfarce de alegorias — Evidências em favor de Continentes anteriores agora submersos — Lemúria *foi* a morada do Primeiro Tronco Humano Físico — O N.O. da África esteve relacionado com a Atlântida por uma rede de ilhas — Os restos de um continente gigantesco que havia unido outrora a África com a América — Fatos que provam a existência da Atlântida.

Conclusão 360

A Doutrina Secreta já foi uma propriedade comum — A História Esotérica está baseada em Fatos — Cálculos Esotéricos baseados nos chamados Períodos Históricos — A Chave da Sabedoria se oculta no coração da Natureza.

Notas Adicionais 365

Bibliografia 367

VOLUME IV

ANTROPOGÊNESE

Parte II

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

Os relatos da Doutrina não são mais que a sua vestimenta. O ignorante considera apenas a roupagem exterior, isto é, os relatos da Doutrina; e nada mais percebe. O erudito, porém, não vê só a vestimenta, mas também o que ela encobre.

Zohar (III, 152; FRANCK, 119.)

Os mistérios da Fé não devem ser divulgados a todos... É necessário velar com o mistério a sabedoria expressa.

Stromateis (12, CLEMENTE DE ALEXANDRIA.)

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

SEÇÃO I

DOUTRINAS ESOTÉRICAS CORROBORADAS EM TODAS AS ESCRITURAS

Dado o caráter estranho dos ensinamentos e o aparente absurdo das doutrinas, do ponto de vista da ciência moderna, faz-se necessário apresentar algumas explicações adicionais. As teorias contidas nas Estâncias do Volume III são ainda mais difíceis de assimilar do que as consubstanciadas no Volume I, sobre Cosmogonia. Vamos, por isso, nesta Segunda Parte, argumentar com a Teologia, como o faremos com a Ciência na Terceira Parte; porquanto, divergindo as nossas doutrinas das idéias correntes tanto no Materialismo como na Teologia, devemos os Ocultistas estar sempre preparados para rebater os ataques de um e de outra.

Nunca seria demais lembrar ao leitor que tais ensinamentos, como o provam as abundantes citações recolhidas das antigas Escrituras, são tão velhos quanto o mundo, e que a presente obra não é mais que uma simples tentativa para traduzir, em linguagem moderna e na fraseologia familiar aos homens cultos e estudiosos da ciência, a Gênese e a História Arcaicas, tais como ensinadas em certos centros asiáticos de Conhecimento Esotérico. Devem, portanto, ser aceitos ou recusados, de modo completo ou parcial, segundo o seu mérito próprio; não antes, porém, de serem cuidadosamente comparados com os correspondentes dogmas teológicos e as teorias e especulações científicas modernas.

Há sérias dúvidas de que seja possível em nossa época, apesar de toda a sua penetração intelectual, encontrar em cada uma das nações ocidentais um só sábio ou filósofo *não-iniciado* que seja capaz de compreender completamente o espírito da Filosofia Arcaica. Nem se pode esperar que tal venha a suceder antes que o verdadeiro significado do Alfa e do Ômega do Esote-

rismo Oriental, os termos Sat e Asat, tão usados no *Rig Veda* e em outras partes, sejam por completo assimilados. Sem esta chave da Sabedoria Ariana, a Cosmogonia dos Rishis e do Arhats corre o perigo de continuar letra morta para os orientalistas em geral. Asat não é simplesmente a negação de Sat, nem significa tampouco "o não existente ainda"; pois Sat não é em si nem "o existente" nem "o ser". Sat é o imutável, a Raiz sempre presente, eterna e inalterável, da qual tudo procede. Mas é muito mais que a força potencial na semente, que impulsiona o processo de desenvolvimento, ou o que agora se chama evolução. É o que está sempre evolvendo, sem jamais se manifestar [1]. Sat nasce de Asat, e Asat é engendrado por Sat; é, verdadeiramente, um movimento perpétuo em círculo; círculo, todavia, cuja quadratura só se realiza no momento da Suprema Iniciação, no limiar do Paranirvana.

Barth fez sobre o *Rig Veda* uma reflexão que se supôs constituir uma crítica severa, e portanto uma apreciação fora do comum e original a respeito desse livro arcaico. Sucedeu, porém, que a crítica do sábio revelou uma verdade de cujo alcance ele próprio não se deu conta. Começou por dizer que "nem na letra nem no pensamento do *Rig Veda*" lhe fora possível "descobrir aquele caráter de *simplicidade natural primitiva* que muitos pretendem ver ali". Barth pensava em Max Muller quando escreveu isso. Porque o famoso professor de Oxford caracterizou sempre os hinos do *Rig Veda* como a expressão pura dos sentimentos religiosos de um povo ingênuo e pastoril. Segundo a opinião do ilustrado sanscritista, "as idéias e os mitos, nos hinos védicos, são expostos em sua forma mais simples e louçã". Barth, contudo, é de opinião diferente.

Tão divididas e tão pessoais são as opiniões dos sanscritistas quanto à importância e valor intrínseco do *Rig Veda*, que nos aparecem de todo eivadas de preconceitos, qualquer o sentido em que se inclinem. Assim, declara o professor Max Muller que:

> "Nunca se observa tão claramente a distância que separa os antigos poemas da Índia da mais recuada literatura da Grécia, quanto na comparação dos mitos em via de formação do Veda com os mitos plenamente desenvolvidos e já decadentes em que se baseia a poesia de Homero. O Veda é a verdadeira Teogonia das *Raças Arianas*, ao passo que a de Hesíodo é uma caricatura deformada da imagem original."

Eis uma afirmativa categórica e talvez algo injusta em sua aplicação geral. Mas, por que não tratar de explicá-la? Os orientalistas não podem fazê-lo, visto que recusam a cronologia da Doutrina Secreta e lhes custaria admitir que hajam transcorrido dezenas de milhares de anos entre a época dos hinos do *Rig Veda* e da Teogonia de Hesíodo. Não podem, assim, compreender que os mitos gregos já não representam a primitiva linguagem simbólica dos Iniciados, dos Discípulos dos Deuses Hierofantes, dos anti-

(1) A doutrina de Hegel, que identifica o Ser Absoluto ou "Asseidade" com o "Não-Ser" e apresenta o Universo como um *eterno vir-a-ser*, coincide com a Filosofia Vedanta.

gos "Sacrificadores" divinos, e que, desfigurados pela distância e sob o influxo do desenvolvimento exuberante da imaginação *profana*, semelham agora ao reflexo deformado das estrelas sobre as ondas em movimento. Se, porém, devem considerar-se a Cosmogonia e a Teogonia de Hesíodo como caricaturas das imagens originais, com muito mais razão há de ser assim em relação aos mitos do *Gênesis* hebreu, aos olhos daqueles para quem não existe neles mais revelação divina ou palavra de Deus do que na Teogonia de Hesíodo para o Sr. Gladstone.

Conforme disse Barth,

"A poesia que contém (o *Rig Veda*) me parece, pelo contrário, de um caráter singularmente apurado e artificialmente elaborado, cheio de alusões e reticências, de pretensões (?) ao misticismo e à intuição teosófica; e a maneira como se expressa faz recordar com mais freqüência e fraseologia usada por certos pequenos grupos de Iniciados, que a linguagem poética de uma grande comunidade." [2]

Não nos deteremos em perguntar ao crítico o que ele sabe acerca da fraseologia usada entre o "iniciados", ou se ele mesmo pertence a um desses grupos, porque neste caso não teria certamente empregado semelhante linguagem. A citação, porém, serve para demonstrar o notável desacordo entre os sábios, ainda no que diz respeito ao caráter *exterior* do *Rig Veda*. Que podem saber os sanscritistas modernos no tocante ao seu sentido *interior* ou *esotérico*, a não ser a exata suposição de Barth de que essa escritura *foi compilada por Iniciados?*

Toda a presente obra é uma tentativa para provar essa verdade. Os antigos Adeptos resolveram os grandes problemas da Ciência, por mais que o Materialismo de nossos dias se recuse a admitir o fato. Os mistérios da Vida e da Morte *foram* sondados por estes grandes e esclarecidos espíritos da antiguidade; e se os conservaram em segredo e em silêncio foi porque tais problemas formavam parte dos Mistérios Sagrados, que deveriam permanecer incompreensíveis para a grande maioria dos homens daquele tempo, como o são para os homens de hoje. Se tais ensinamentos ainda hoje são considerados quimeras pelos nossos adversários em filosofia, talvez seja um consolo para os Teósofos saber, com provas à mão, que as especulações dos psicólogos modernos (quer sejam idealistas sérios, como Herbert Spencer, ou pseudo-idealistas transviados) são quimeras infinitamente maiores. Porque, longe de se apoiarem no firme cimento dos fatos naturais, em verdade não passam de insalubres fogos fátuos da imaginação materialista dos cérebros que as engendraram; e nada mais. Enquanto eles negam, nós afirmamos; e a nossa afirmação está corroborada por quase todos os Sábios da antiguidade. Com boas razões para crer no Ocultismo e na existência de uma legião de Potências invisíveis, nós dizemos: *Certus sum, scio quod credidi*; e a isso respondem os nossos críticos: *Credat Judæus Apella.* Nenhum convence o outro, nem semelhante resultado influi em nosso pequeno planeta. *E pur si muove!*

(2) *The Religions of India*, p. XIII.

Tampouco há necessidade de fazer prosélitos. Conforme observou o sábio Cícero,

"O tempo destrói as especulações do homem, mas confirma o julgamento da Natureza."

Aguardemos a nossa hora. Enquanto isso, diremos que não está no temperamento humano assistir em silêncio à destruição de seus Deuses, sejam verdadeiros ou falsos. E como a Teologia e o Materialismo se aliaram para destruir os Deuses da antiguidade, e porfiam em desfigurar todos os conceitos filosóficos arcaicos, justo é que os fiéis da Antiga Sabedoria defendam a sua posição, provando que todo o arsenal dos dois adversários, afinal de contas, não é formado senão de armas novas construídas com materiais muito velhos.

SEÇÃO II

ADÃO-ADAMI

Um nome como Adão-Adami, empregado pelo doutor Chwolsohn em seu livro *Nabathean Agriculture,* mas ridicularizado pelo Sr. Renan, não prova muita coisa aos olhos do profano. Mas, para o Ocultista, basta que o termo se encontre em obra de tão imensa antiguidade como aquela para constituir importante prova. Evidencia, por exemplo, que Adami era um símbolo múltiplo, que teve origem do povo ariano, como o demonstra a raiz da palavra, tendo sido adotado pelos semitas e pelos turânios, como muitas outras coisas.

Adão-Adami é um nome genérico composto, tão velho como a língua falada. Ensina a Doutrina Secreta que Ad-i era o nome dado pelos arianos à primeira raça humana *dotada da palavra,* nesta Ronda. Dele vieram os nomes de Adonim e Adonai (a forma antiga do plural de Adon), que os judeus deram ao seu Jehovah e aos seus Anjos, os quais eram simplesmente os primeiros filhos espirituais e etéreos da Terra; e também o nome do Deus Adônis, que, em suas muitas variantes, representava o "Primeiro Senhor". Adão deriva da palavra sânscrita Ada-Nath, que igualmente significa o Primeiro Senhor, como Ad-Ishvara ou todo prefixo Ad (o Primeiro) antes de um adjetivo ou substantivo. A razão é que semelhantes verdades constituíam uma herança comum. Eram uma revelação recebida pela *primeira* humanidade, antes daquele tempo em que, na linguagem bíblica, se chama o "período de uma só *boca* e uma só palavra", ou período de uma única língua; conhecimento que se desenvolveu mais tarde pela própria intuição do homem e depois foi resguardado de toda profanação mediante um simbolismo apropriado. O autor da *Qabbalah*, seguindo os escritos filosóficos de Ibn Gebirol, mostra que os israelitas usaram a palavra Ad-onai (A Do Na Y), "Senhor", em vez de Eh'yeh, "Eu sou", e de YHVH; e acrescenta que Adonai foi traduzido, na *Bíblia*, por "Senhor".

"A designação inferior, ou a Divindade na Natureza, o termo mais geral de Elohim, foi traduzido por Deus." [1]

(1) *Qabbalah*, de Myer, p. 175.

Uma obra sobremodo curiosa foi traduzida em 1860, ou data aproximada, pelo orientalista Chwolsohn e apresentada à sempre incrédula e fátua Europa sob o título inocente de *Nabathean Agriculture*. Na opinião do tradutor, este livro arcaico seria uma *iniciação completa* nos mistérios das nações pré-adamitas, baseada em *documentos de irrecusável autenticidade*. É um compêndio inestimável, um epítome das doutrinas, artes e ciências, não só dos caldeus, mas também dos assírios e dos cananeus das eras pré-históricas [2]. Os nabateus, segundo pensam certos críticos, eram simplesmente os sabeus ou caldeus adoradores das estrelas. O livro é uma tradução do árabe, língua em que fora primeiramente traduzida do caldeu.

O historiador árabe Masoudi aludi aos nabateus e assim explica a sua origem:

"Após o Dilúvio (?), os povos se estabelecetam em vários países. Entre eles se contavam os nabateus, e eram os descendentes de Cham que se haviam estabelecido na mesma província, sob a direção de Nenrod, filho de Cush, que foi filho de Cham e neto de Noé. Passou-se isto na época em que Nenrod foi escolhido como governador de Babilônia, na qualidade de delegado de Dzahhak, chamado Biourasp." [3]

O tradutor Chwolsohn observa que os assertos do historiador estão perfeitamente de acordo com os de Moisés no *Gênesis*; contudo, críticos mais irreverentes poderão entender que esta é uma razão por que se deva inquinar de suspeição a veracidade do que ele afirma. Mas é inútil abrir discussão sobre esse ponto, que carece de importância no caso. O problema já tão debatido e há tanto tempo abandonado de explicar com fundamento lógico o fenômeno da origem de milhões de pessoas de várias raças, de muitas nações civilizadas e tribos, que proviriam de *três* casais, — os filhos de Noé e respectivas esposas —, em 346 anos [4] depois do Dilúvio, podem ser deixados ao Karma do autor do *Gênesis*, chame-se ele Moisés ou Ezra. O que interessa na obra a que nos referimos é o seu conteúdo, são as doutrinas nela enunciadas, que são, quase todas, se lidas esotericamente, idênticas aos Ensinamentos Secretos.

Quatremère aventou que o livro seria simplesmente uma cópia, feita no tempo de Nabucodonosor II, de um "tratado camítico infinitamente mais antigo", ao passo que o autor sustenta, com apoio em provas internas e externas, que o original caldeu foi escrito tendo por base os discursos e ensinamentos orais de um rico proprietário de Babilônia chamado Qû-tâmy, que havia usado para essas conferências materiais ainda muito mais antigos. Chwolsohn faz remontar a primeira tradução árabe ao século XIII antes de Cristo. Na primeira página desta "revelação", o autor ou copista Qû-tâmy declara que "as doutrinas nela expostas *foram dadas originariamente por*

(2) Ver De Mirville. *Des Esprits, III*, pp. 215 e seguintes.

(3) *Op. cit., ibid.*

(4) Ver o *Gênesis* e a cronologia autorizada. No capítulo VIII — "Noé deixa a arca" — em 2348 antes de Cristo. No capítulo X, "Nemrod, o primeiro monarca", reina em 1998 antes de Cristo.

Saturno... à Lua, a qual as transmitiu ao seu ídolo, e que o ídolo as revelou ao seu adorador, o autor" — o Adepto que escreveu a obra, Qû-tâmy.

As informações dadas pelo Deus em benefício e instrução dos mortais indicam períodos de duração incalculável e uma série de reinos e dinastias inumeráveis, que precederam o aparecimento de Adami (a "terra-vermelha") sobre a terra. Como era de esperar, esses períodos alvoroçaram os defensores da cronologia bíblica textual até as raias da fúria. De Rougemont foi o primeiro a organizar um movimento de ofensiva contra o tradutor. Acusou-o de *sacrificar* Moisés a autores anônimos [5]. Sustentou que Berose, por maiores que fossem *os seus erros cronológicos*, estava pelo menos inteiramente de acordo com o profeta no tocante aos primeiros homens, uma vez que falava de Alorus-Adão, Xisuthros-Noé, Belos-Nenrod, etc. Portanto, acrescentou, a obra deve ser *apócrifa* e digna de classificar-se entre as suas contemporâneas: o *Quarto Livro de Esdras*, o *Livro de Enoch*, os *Oráculos Sibilinos* e o *Livro de Hermes, nenhum dos quais remonta a mais de dois ou três séculos antes de Cristo*. Ewald atacou Chwolsohn ainda mais rudemente, e por fim Renan, na *Revue Germanique* [6], o intimou a apresentar provas de que o seu *Nabathean Agriculture* não era a obra fraudulenta de algum judeu do terceiro ou quarto século de nossa era. Não podia ser de outra forma, argumenta o autor da *Vie de Jésus*, porque nesse *in-folio* sobre Astrologia e Feitiçaria

"reconhecemos nos personagens indicados por Qû-tâmy todos os patriarcas das lendas bíblicas, tais como Adão-Adami, Anouka-Noé e o seu Ibraim-Abraham, etc."

É bem de ver, porém, que isso não é uma razão, pois os nomes de Adão e outros são nomes genéricos. Contudo, ousamos manifestar que, tudo bem considerado, uma obra *apócrifa*, datando embora do século terceiro de nossa era, em vez de ser do século XIII antes de Cristo, é bastante antiga para ser havida como *genuína*, constituindo documento capaz de satisfazer o arqueólogo ou o crítico mais exigente. Admitindo, para discutir, que essa relíquia literária tenha sido compilada por "algum judeu do terceiro século de nossa era", que se segue daí? Deixando de lado, por um momento, o grau de credibilidade de suas doutrinas, por que seria ela menos digna de consideração ou menos instrutiva, no sentido de refletir opiniões mais antigas, do que todas as outras obras religiosas, que são, igualmente, "compilações de textos antigos" ou de tradições orais — da mesma época ou mais recentes ainda? Neste caso, deveríamos recusar o *Corão* — surgido três séculos mais tarde — e classificá-lo de "apócrifo", apesar de sabermos que, como Minerva, saiu diretamente do cérebro do profeta árabe; e teríamos que relegar todos os ensinamentos que podemos recolher do *Talmud*, o qual, em sua forma atual, é também o fruto da compilação de materiais mais antigos e não data senão do século IX de nossa era.

(5) *Annales de Philosophie Chrétienne*, junho de 1860, p. 415.
(6) 30 de abril de 1860.

Fazemos referência a esta curiosa "Bíblia" do Adepto caldeu e às várias críticas que suscitou (como na tradução de Chwolsohn) porque ela tem uma importante relação com a presente obra. À parte a opugnação do Sr. Renan, iconoclasta por princípio, a quem Jules Lemaitre espirituosamente qualificou de "Paganini do Nada", parece que a maior censura que se argúi a esse livro *apócrifo* é o pretender que foi comunicado a um Adepto, *sob a forma de revelação*, pelo "ídolo da Lua", que a recebera de "Saturno". Daí a natural conclusão de que se trata de "um conto de fadas, do princípio ao fim". A isto bastará uma resposta: Será um conto de fadas tanto quanto a *Bíblia*, e se um dos dois livros cair por terra, o outro deverá segui-lo. Até o modo de adivinhação por meio do "ídolo da Lua" é o mesmo que praticavam David, Saul e os Sumos Sacerdotes do Tabernáculo Judeu por intermédio dos Teraphim.

Nabathean Agriculture é verdadeiramente uma compilação; não uma obra *apócrifa*, mas a repetição dos ensinamentos da Doutrina Secreta, sob a forma exotérica caldéia de símbolos nacionais, com o objetivo de "vestir" as doutrinas, do mesmo modo como os *Livros de Hermes* e os *Purânas* representam tentativas semelhantes feitas pelos egípcios e pelos hindus. A obra era tão conhecida na antiguidade quanto o foi na Idade Média. Maimonides dela se ocupa, e mais de uma vez cita este manuscrito caldeu-árabe chamando os nabateus como seus correligionários, os "adoradores das estrelas" ou sabeus, não chegando, porém, a descobrir na palavra desfigurada "Nabateu" o nome místico da casta devotada a Nebo, o Deus da Sabedoria *Secreta*, o que prova à evidência que os Nabateus constituíam uma Fraternidade Oculta [7]. Os Nabateus que, segundo o persa Yezide, vieram originariamente de Busrah para a Síria eram os membros degenerados dessa Fraternidade; no entanto, sua religião, mesmo nesta última época, era puramente *cabalística* [8]. Nebo é a divindade do planeta Mercúrio, e Mercúrio é o Deus da Sabedoria, ou Hermes, ou Buddha, que os judeus chamavam Kokab (כוכב), o "Senhor do alto, o que aspira", e os gregos Nabo (Ναβώ), donde o nome de Nabateus. Não obstante Maimonides qualificar as doutrinas destes como "tolices pagãs" e sua literatura arcaica de "*Sabæorum fœtum*", situa ele a sua "agricultura" — a Bíblia de Qû-tâmy — na primeira linha da literatura arcaica; e Abarbanel a enaltece em termos desmesurados. Spencer [9], referindo-se ao livro, chama-o "a excelente obra oriental", acrescentando que o termo Nabateus deve entender-se como desig-

(7) "Mencionar-te-ei os escritos... que se referem às crenças e instituições dos sabeus", diz ele. "O mais famoso é o livro *Agricultura dos Nabateus*, que foi traduzido por Ibn Wahohijah. Este livro está repleto de tolices pagãs... Trata da preparação de Talismãs, de arte de atrair os poderes dos Espíritos, da Magia e dos Vampiros que moram no deserto." (Maimonides, citado pelo Dr. D. Chwolsohn; *Die Szabier und der Szabismus*, II, 458.) Os nabateus do Monte Líbano acreditavam nos sete Arcanjos, assim como os seus antepassados haviam acreditado nas sete Grandes Estrelas, as mansões e corpos desses Arcanjos, em que ainda hoje crêem o católicos romanos, conforme já mostramos em outro local.

(8) Ver *Isis sem Véu*, II, 197.

(9) I, 354.

nativo de sabeus, caldeus e egípcios; numa palavra, *todas as nações contra as quais foram mais severamente aplicadas as leis de Moisés.*

Nebo, o Deus de Sabedoria mais antigo da Babilônia e da Mesopotâmia, era idêntico ao Buddha hindu e ao Hermes-Mercúrio dos gregos. A única alteração foi uma ligeira mudança no sexo dos pais. Assim como Buddha era, na Índia, o Filho de Soma (a Lua) e da esposa de Brihaspati (Júpiter), Nebo era também o filho de Zarpanitu (a Lua) e de Merodach, que se converteu em Júpiter depois de ter sido um Deus-Solar. E tal qual o Planeta Mercúrio, Nebo era o "vigilante" entre os sete Deuses dos Planetas; como personificação da Sabedoria Secreta, era Nabin, um vidente e profeta. De Moisés diz-se que morreu e desapareceu em um monte consagrado a Nebo. Prova de que foi ele um Iniciado e sacerdote desse Deus sob outro nome; porque esse Deus da Sabedoria era a Grande Divindade Criadora, e como tal adorado. Adorado não somente em Borsippa, no seu suntuoso Templo ou Torre Planetária, mas também pelos moabitas, cananeus, assírios e em toda a Palestina. E neste caso, por que não pelos israelitas? O "Templo planetário de Babilônia" tinha o seu "Sanctum-Sanctorum" no santuário de Nebo, o Deus-Profeta da Sabedoria. Eis o que nos dizem as "Hibbert-Lectures":

> "Os antigos babilônios tinham um intercessor entre os homens e os Deuses... e Nebo era o "proclamador" ou "profeta", porque dava a conhecer os desejos de seu pai Merodach." [10]

Nebo é, como Buddha, um Criador da Quarta Raça, e também da Quinta. Porque o primeiro dá lugar a uma nova raça de Adeptos, e o segundo à Dinastia Solar-Lunar, ou aos homens destas Raças e Rondas. São ambos os Adões de suas respectivas criaturas. Adão-Adami é uma personificação do Adão *dual*: do Adão-Kadmon paradigmático, o Criador, e do Adão inferior e terrestre, que, segundo a expressão dos cabalistas sírios, só possuía o "Nephesh", o "alento vital", mas carecia de *Alma Vivente* até a sua Queda.

Portanto, que Renan persista em considerar apócrifas as Escrituras Caldéias, ou o que delas resta, em nada pode influir na verdade e nos fatos. Há outros orientalistas que pensarão de maneira diferente; e ainda quando assim não fosse, pouco importaria ao caso. Tais doutrinas contêm os ensinamentos da Filosofia Esotérica, e isto deve bastar. Para os que nada entendem de simbologia, pode parecer astrolatria pura e simples, e para os que querem ocultar a Verdade Esotérica, até mesmo "tolices pagãs". Maimonides, porém, apesar de manifestar o seu desdém pelo esoterismo da religião das outras nações, confessava a existência do esoterismo e da simbologia em sua própria religião; preconizava o silêncio e o segredo sobre o verdadeiro significado das doutrinas de Moisés, o que deu lugar aos erros. Em suma, as doutrinas de Qû-tâmy, o caldeu, são a representação alegórica da religião dos primeiros povos da Quinta Raça.

---

(10) Sayce; cf., p. 115, segunda edição.

Por que, assim, há de exibir o Sr. Renan tanto desprezo acadêmico para com o nome de "Adão-Adami"? O autor de *Origines du Christianisme* nada conhece, evidentemente, das origens do simbolismo pagão, nem tampouco de Esoterismo; de outro modo, saberia que o nome Adão-Adami era uma forma de um símbolo universal que se refere, *inclusive para os judeus*, não a um só homem, mas a quatro humanidades distintas da espécie humana. Fácil a prova.

Ensinam os Cabalistas a existência de quatro Adões diferentes, ou a transformação de quatro Adões sucessivos, emanações do Dyooknah (fantasma divino) do Homem Celeste, uma combinação etérea de Neshamah, a Alma suprema ou Espírito; este Adão não possuía, naturalmente, nem um corpo grosseiro humano nem um *corpo de desejos*. Este Adão é o Protótipo (Tzure) do segundo Adão. Que todos eles representam as nossas Cinco Raças, não pode haver dúvida, como se pode ver de sua descrição na *Kabalah*. O primeiro é o Adão Santo e Perfeito, "uma sombra que desapareceu" (os Reis de Edom), produzida da divina Tzelem (Imagem); o segundo é chamado o Adão Andrógino Protoplásmico do futuro Adão terrestre e separado; o terceiro é o homem feito de "barro" (o primeiro Adão Inocente); e o quarto é o suposto antepassado de nossa própria raça — o Adão Caído. Veja-se, em todo o caso, a descrição admirável que deles faz Isaac Myer em sua *Qabbalah*. Menciona apenas quatro Adões, em virtude, sem dúvida, dos Reis de Edom, e acrescenta:

"O quarto Adão... era revestido de pele, carne, nervos, etc., o que corresponde à união do *Nephesh inferior com o Guft*, ou seja, o corpo. Possuía a faculdade animal da reprodução e continuação da espécie." [11]

É a Raça-Raiz *humana*.

Este é justamente o ponto em que os Cabalistas modernos — induzidos em erro por muitas gerações de Místicos cristãos, que têm desvirtuado os anais cabalísticos sempre que tal lhes foi possível — diferem dos Ocultistas em suas interpretações, confundindo o pensamento mais recente com a idéia primitiva. A *Kabalah* original era inteiramente metafísica e nada tinha que ver com os sexos animais ou terrestres; a *Kabalah* posterior sufocou o ideal divino sob o pesado elemento fálico. Os Cabalistas dizem: "Deus fez o homem macho e fêmea". O autor da *Qabbalah* diz:

"Entre os Cabalistas a necessidade de uma criação e de uma existência continuadas chama-se a Balança." [12]

E, não possuindo esta Balança, que se relaciona com Ma-qom (a misteriosa "Região") [13], nem mesmo a Primeira Raça, como vimos, chega a ser reconhecida pelos filhos do Quinto Adão. Desde o Homem Celeste

(11) *Op. cit.*, pp. 418 e 419.
(12) *Ibid.*, p. 118.
(13) Simplesmente a matriz, o "Santo dos Santos" para os semitas.

mais elevado, o Adão Superior, que é "Macho-fêmea" ou Andrógino, ao Adão de barro, estes símbolos personificados se acham todos relacionados com o sexo e a procriação. Para os Ocultistas orientais é exatamente o contrário. Consideram eles a ligação sexual como um *Karma*, que pertence tão somente às relações mundanas do homem que é dominado pela ilusão; como uma coisa a ser posta de lado assim que a pessoa alcance a condição de "sábio". Têm por sobremaneira feliz aquela circunstância em que o Guru (o mestre) encontra no discípulo aptidão para a vida pura de Brahmâchârya. Para eles, os símbolos duais são a imagem poética das sublimes correlações das forças cósmicas criadoras. E este conceito ideal fulge como um raio doirado sobre cada ídolo, por mais grosseiro e grotesco que este seja, nas estreitas galerias dos sombrios templos da Índia e de outras nações que deram origem aos cultos.

A comprovação será apresentada na Seção seguinte.

Acrescentaremos, por enquanto, que para os Gnósticos o segundo Adão emana também do Homem Primordial, o Adamas Ofita, "a cuja imagem foi criado"; o terceiro, um Andrógino, emana deste segundo. O último está simbolizado nos pares sexto e sétimo de Aeons macho-fêmeas, Amphaín-Essumen ('Αμφαὶν-Εσσουμὲν) e Venanin-Lamertade (Οὐανανὶν-Λαμερτάδε) — Pai-Mãe [14] — ao passo que o quarto Adão, ou a Quarta Raça, é representado por um monstro priápico. Este último, que é uma fantasia pós-cristã, é a cópia degradada do símbolo gnóstico pré-cristão do "Ser Bom", ou "Aquele *que criou antes que alguma coisa existisse*", o Priapo Celeste — nascido verdadeiramente de Vênus e Baco, *quando este Deus regressou de sua expedição à Índia*, pois Vênus e Baco são os tipos posteriores de Aditi e do Espírito. O Priapo mais recente, apesar de ser idêntico ao Agathodæmon, o Salvador gnóstico, e até mesmo ao Abraxas, já não é um símbolo do Poder *criador abstrato*, mas representa os quatro Adões ou Raças; correspondendo a quinta aos *cinco* ramos cortados da Árvore da Vida, sobre a qual se acha o ancião nas jóias gnósticas. O número de Raças-Raízes estava registrado nos antigos templos gregos pelas sete vogais, das quais *cinco* se achavam representadas em um painel nas Câmaras de Iniciação dos Adyta (Santuários). O signo egípcio era uma mão com os cinco dedos estendidos, o mínimo ainda semidesenvolvido, e também *cinco* "N" (hieróglifos representados por esta letra). Os romanos usavam as cinco vogais A, E, I, O, V, em seus templos, e este símbolo arcaico foi adotado na Idade Média como divisa da Casa de Habsburgo [15]. *Sic transit gloria!*

(14) Ver a Tábua Valentiniana em Epifânio (*Adv. Hoer.*, I. XXXI, 2).

(15) A E I O U (*Austriae Est Imperare Orbi Universo*, orgulhosa divisa da Casa da Áustria).

SEÇÃO III

O "SANTO DOS SANTOS". SUA DEGRADAÇÃO

O *Sanctum Sanctorum* dos antigos, também chamado o *Adytum* — recinto no extremo ocidental do Templo, que era fechado de três lados por paredes brancas e cuja única abertura estava cerrada por uma cortina — era comum a todas as nações daqueles tempos.

Vê-se hoje que há uma grande diferença entre o significado secreto daquele lugar simbólico, tal como o explica o esoterismo pagão, e o que mais tarde lhe atribuíram os judeus, ainda que o seu simbolismo fosse originariamente o mesmo em todas as raças e nações. Os *Gentios* colocavam no Adytum um sarcófago ou uma tumba (*taphos*), na qual estava o Deus Solar a quem o templo era consagrado e que eles, como panteístas, tinham na maior veneração. Consideravam-no, em seu sentido esotérico, como o símbolo da *ressurreição*, cósmica, solar ou diurna, e humana. Abarcava o vasto campo dos Manvantaras periódicos, pontuais no tempo, ou o despertar do Cosmos, da Terra e do Homem a novas existências; o Sol era o símbolo mais poético e, ao mesmo tempo, o mais grandioso de tais Ciclos no Céu, e o homem, em suas reencarnações, o era sobre a Terra. Os judeus — cujo realismo, a julgar pela letra morta, era tão prático e grosseiro nos dias de Moisés como o é hoje [1] — à medida que se afastavam dos deuses de seus vizinhos pagãos, consumaram uma política nacional e levítica com o objetivo de apresentarem o seu Santo dos Santos como o emblema mais solene do seu monoteísmo — exotericamente, ainda que esotericamente vissem nele um símbolo fálico universal. Enquanto os Cabalistas conheciam somente Ain-Soph e os "Deuses" dos Mistérios, os Levitas não tinham tumba nem Deus algum em seu Adytum, mas apenas a Arca "Sagrada" da Aliança, o seu "Santo dos Santos".

Sem embargo, quando a significação esotérica deste recinto for devidamente esclarecida, poderá o profano compreender melhor por que David bailou "desnudo" ante a *Arca* da Aliança e estava tão ansioso de se mostrar *vil* pela causa de seu "Senhor", e *abjeto* a seus próprios olhos [2].

(1) *Mas assim não era na realidade, como o atestam seus profetas.* Foram os Rabinos posteriores e o esquema talmúdico que erradicaram toda a espiritualidade de seus símbolos, só deixando subsistir em suas Escrituras um casção vazio e sem alma.

(2) Ver II Samuel, VI, 16-22.

A Arca é a Argha dos Mistérios em forma de nave. Parkhurst, que faz uma longa dissertação a respeito da Arca em seu dicionário grego, mas não diz uma palavra sobre ela em seu dicionário hebreu, dá a seguinte explicação:

"Arché ('Αρχή) neste sentido corresponde ao Rasit hebreu ou sabedoria... palavra que significava o emblema do poder gerador feminino, a Arg ou Arca, na qual se supunha que o germe de toda a natureza flutuava ou joeirava sobre o grande abismo, durante o intervalo de tempo que se seguia a cada ciclo deste mundo."

Assim é, com efeito; e a Arca da Aliança dos judeus tinha *precisamente o mesmo significado*, com o acréscimo suplementar de que, em vez de um belo e casto sarcófago (símbolo da Matriz da Natureza e da Ressurreição), como no Sanctum-Sanctorum dos pagãos, haviam eles tornado mais *realista* a Arca em sua construção, com os dois Querubins colocados frente a frente sobre o cofre ou Arca da Aliança, tendo as asas abertas de tal maneira que formava um Yoni perfeito (como se vê agora na Índia). Além disso, o significado deste símbolo gerador era reforçado pelas quatro letras místicas do nome de Jehovah, a saber, Y H V H (יהוה); Jod (י) representando o *membrum virile*; He (ה) a *matriz*; Vau (ו) um gancho; e novamente He (ה) significando também "uma abertura". O conjunto formava o emblema ou símbolo perfeito *bissexual*, ou I (e) H (o) V (a) H, o símbolo macho e fêmea.

Pode ser também que, quando um dia se conhecer o verdadeiro significado do título e função das Kadesh Kadeshim, as "santas" ou "as consagradas ao *Templo do Senhor*", o "Santo dos Santos" destas "santas" se apresente sob um aspecto mui pouco edificante.

Iacchus é, igualmente, Iao ou Jehovah; e Baal ou Adon, tal como Bacchus, era um Deus fálico.

"Quem subirá ao monte [o lugar elevado] do Senhor?, pergunta o santo rei David; quem estará no seu lugar sagrado [o sítio do seu Kadushu (קדשו)]?" [3]. Kadesh pode ter o sentido de "devotar", "santificar", "consagrar", e até mesmo "iniciar" ou "pôr de lado"; mas também significa o mistério dos ritos lascivos — o culto de Vênus — e a verdadeira interpretação da palavra Kadesh está cruamente indicada no *Deuteronômio* XXIII, 17; em *Oséias* IV, 14; e no *Gênesis* XXXVIII, 15-22. As "santas" Kadeshim da *Bíblia* eram idênticas, no que se refere aos deveres de sua função, às Bailadeiras (*Nautch-girls*) dos últimos pagodes hindus. As Kadeshim hebraicas, ou Galli, viviam "na casa do Senhor, onde as mulheres teciam panos para o bosque" ou para o busto de Vênus — Astartéia [4].

A dança executada por David ao redor da Arca era uma "dança circular" que, dizia-se, fora instituída pelas Amazonas para os Mistérios. Tal era a dança das filhas de Shiloh [5] e o saltar dos profetas de Baal [6]. Era simplesmente uma característica do culto sabeu, lembrando o movimento dos Planetas ao redor do Sol. É evidente que

(3) *Salmos*, XXIV, 3.

(4) II *Reis*, XXIII, 7; veja-se também *Sôd; The Mysteries of Adoni*, de Dunlap, p. 41.

(5) *Juízes, XXI*, 21, 23 *et passim*.

(6) I *Reis*, XVIII, 26.

semelhante dança era um frenesi báquico; empregavam-se sistros nessas ocasiões, e a reprovação de Michal assim como a resposta do rei são mui expressivas [7].

A Arca, em que se conservavam os germes de todas as coisas vivas necessárias à repovoação da Terra, representa a sobrevivência da Vida e a supremacia do Espírito sobre a Matéria, no conflito das forças opostas da Natureza. Na carta astroteosófica do Rito Ocidental, a Arca corresponde ao umbigo e está colocada do lado esquerdo, o lado da mulher (a Lua), um de cujos símbolos é a coluna à esquerda do Templo de Salomão, Boaz. O umbigo está ligado (pela placenta) ao receptáculo em que se frutificam os embriões da raça. A Arca é a Argh sagrada dos hindus, e assim não é difícil inferir sua relação com a Arca de Noé, tendo em conta que a Arca era um vaso oblongo usado pelos sumos-sacerdotes à guisa de cálice, nos sacrifícios do culto de Ísis, Astartéia e Vênus-Afrodite, que eram as deusas dos poderes geradores da Natureza ou da Matéria — e portanto representavam simbolicamente a arca que continha os germes de todas as coisas vivas." [8]

Como estão equivocados aqueles que tomam as obras cabalísticas de hoje e as interpretações do *Zohar* pelos Rabinos como a verdadeira ciência cabalística da antiguidade! [9] Porque atualmente, como no tempo de Frederico von Schelling, a *Cabala* acessível à Europa e à América não contém muito mais que:

"Ruínas e fragmentos, que são os restos assaz desfigurados daquele *sistema primitivo, chave de todos os sistemas religiosos.*" [10]

O sistema mais antigo e a *Kabalah* caldéia eram idênticos. As últimas versões do *Zohar* são as da Sinagoga dos primeiros séculos — isto é, o Thorah (ou a Lei), dogmático e intransigente.

A "Câmara do Rei" na Pirâmide de Cheops é, pois, um "Santo dos Santos" egípcio. No tempo dos Mistérios da Iniciação, o Candidato, que

---

(7) *Ísis sem Véu*, p. 45.

(8) *Ibid.*, II, 444.

(9) O autor da *Qabbalah*, repetidas vezes, procura provar de maneira concludente a antiguidade do *Zohar*. Para isso, mostra que Moisés de Léon não podia ser o autor ou o falsificador das obras sobre o *Zohar* no século III, como o acusam, já que Ibn Gébirol apresentou os mesmos ensinamentos filosóficos duzentos e vinte e cinco anos antes da época de Moisés de Léon. Nenhum sábio ou cabalista de verdade negará jamais este fato. É certo que Ibn Gébirol baseou as suas doutrinas nas fontes cabalísticas mais antigas, por exemplo, no *Livro dos Números* caldeu e em alguns Midrashim que já não existem, sem dúvida os mesmos utilizados por Moisés de Léon. Esta é justamente a diferença entre os dois modos de tratar os mesmos assuntos esotéricos, os quais, ao passo que provam a enorme antiguidade do sistema esotérico, assinalam a existência de um círculo bem definido de sectários talmúdicos e até cristãos, ao serem compilados os glossários do sistema de *Zohar* pelo Rabino Moisés. Ibn Gébirol *nunca fez a menor citação das Escrituras* para dar força aos ensinamentos (*Qabbalah*, de Myer, p. 7). Moisés de Léon, pelo contrário, fez do *Zohar* o que ainda hoje ele é: "um comentário corrente dos Cinco Livros ou Pentateuco" (*ibid.*), com algumas adições posteriores, introduzidas por mãos cristãs. Um segue a Filosofia Arcaica Esotérica; o outro se atém àquela parte que estava adaptada aos livros *perdidos* de Moisés e restaurados por Ezra. Assim, enquanto que o sistema ou tronco, no qual foi enxertado o original primitivo do *Zohar*, é de uma imensa antiguidade, muitos ramos posteriores estão fortemente coloridos pelas opiniões particulares dos Gnósticos cristãos (sírios e caldeus), amigos e colaboradores de Moisés de Léon, que aceitou suas interpretações, conforme o demonstra Munsk.

(10) Veja-se o Prefácio de *Cabbale*, de Franck; Paris, 2.ª edição.

representava o Deus Solar, tinha que descer dentro do Sarcófago e simbolizar o raio vivificador penetrando na matriz fecunda da Natureza. Ao sair do Sarcófago na manhã seguinte, ele simbolizava a ressurreição da Vida após a transformação chamada Morte. Nos Grandes Mistérios, sua "morte" figurada durava dois dias, levantando-se com o Sol na manhã do terceiro dia, depois de uma última noite passada em meio às provas mais cruéis. Enquanto que o Postulante representava o Sol — o orbe que a tudo vivifica, que "ressuscita" todas as manhãs para infundir vida a todas as coisas —, o Sarcófago simbolizava o princípio feminino. Assim era no Egito; a forma e o aspecto mudavam em cada país, mas não deixava o Sarcófago de ser sempre um barco, uma nave simbólica, ou um veículo semelhante a uma embarcação, e um *recipiente*, simbolicamente, para os germes ou o germe da vida. Na Índia é a "Vaca de Ouro", pela qual tem que passar o candidato ao Brahmanismo, se deseja, ser um brâmane e converter-se em um *Dvi-ja, ou* "nascido pela segunda vez". A Argha em forma de crescente, dos gregos, era o símbolo da Rainha do Céu, Diana ou a Lua. Ela era a Grande Mãe de todas as Existências, assim como o Sol era o Pai. Os judeus, antes e depois de haverem metamorfoseado Jehovah em um Deus *macho*, rendiam culto a Astoreth, o que levou Isaías a dizer: "As vossas luas novas e... festas, odeia-as minha alma" [11]; declaração evidentemente injusta. As Festas de Astoreth e da Lua Nova (a Argha em crescente) não tinham, como forma de culto público, um significado pior que o sentido oculto da Lua em geral, que, do ponto de vista cabalístico, estava diretamente relacionada a Jehovah, a quem era consagrada, como é sabido, com a única diferença que uma era o aspecto feminino e o outro o aspecto masculino da Lua e da estrela Vênus.

O Sol (o Pai), a Lua (a Mãe) e Mercúrio-Thoth (o Filho) constituíam a mais antiga Trindade dos Egípcios, que a personificavam em Osíris, Ísis e Thoth (Hermes). No Evangelho Gnóstico *Pistis Sophia* (**ΠΙΣΤΙΣ ΣΟΦΙΑ**), os sete Grandes Deuses, divididos em duas Tríades e o Deus supremo (o Sol), são os Tríplices Poderes inferiores (**Τριδυνάμεις**), que estão situados respectivamente em Marte, Mercúrio e Vênus, e a Tríade superior — os três "Deuses Invisíveis", que residem na Lua, Júpiter e Saturno [12].

Não requer isso nenhuma prova. Astoreth era, em certo sentido, o símbolo impessoal da Natureza, o Barco da Vida, que conduz os germes de todos os seres ao longo do Oceano Sideral sem-limites. E quando Astoreth não era identificada com Vênus, como todas as demais Rainhas do Céu, a quem se ofereciam em sacrifício doces e bolos, convertia-se no reflexo de "Nuah, a Mãe Universal" dos caldeus (o Noé feminino, considerado como uno com a Arca) e no da Tríade feminina, Ana, Belita e Davikina; chamadas, ao se confundirem em uma, "Deusa Soberana, Senhora do Abismo nferior, Mãe dos Deuses, Rainha da Terra e Rainha da Fecun-

(11) I, 14.
(12) Ver Schwartze, *op. cit.*, pp. 359-361 e seguintes.

didade". Mais tarde, Belita ou Tamtu [13] (o mar), a Mãe da Cidade de Erech (a grande Necrópole caldéia), converteu-se em Eva; e agora é a Virgem Maria da Igreja Latina, representada de pé sobre a Lua crescente e, às vezes, sobre o Globo, para variar o programa. A Nave, ou o crescente em forma de navio, que encerra em si todos os símbolos comuns do Barco da Vida, tais como a Arca de Noé, o Yoni dos hindus e a Arca da Aliança, é o símbolo feminino da "Mãe dos Deuses" Universal, e pode ser vista agora em todas as Igrejas sob o seu aspecto cristão: a "nave" da Igreja (de *navis*) [14]. A Nave, o Barco Sideral, é frutificada pelo Espírito da Vida, o Deus masculino, ou, como o chama com muita propriedade o erudito Kenealy em seu *Apocalypse*, o Espírito Santo. No simbolismo religioso ocidental, o crescente era o aspecto masculino, e a Lua cheia o aspecto feminino desse Espírito universal. A palavra mística ALM, que o profeta Maomé fez colocar no alto de muitos capítulos do *Corão*, refere-se a *ela* como a Virgem Imaculada dos Céus [15]. É desta raiz *Alm* (sempre o sublime descambando no ridículo) foi que se derivou a palavra Almeh — dançarinas egípcias. Estas últimas são "virgens" do mesmo tipo das Bailadeiras da Índia e das Kadeshim (femininas), as "santas" dos templos judeus (consagrados a Jehovah, que representava ambos os sexos) e cujas *sagradas* funções eram *idênticas* às das Bailadeiras.

Ora, Eustáquio declara que IO (IΩ) quer dizer a *Lua*, no dialeto dos Argivos; era também um dos nomes da Lua do Egito. Diz Jablonski:

"IΩ, *Ioh*, Ægyptiis Lunam significat neque habent illi, in communi sermonis usu, aliud nomen quo Lunam designent præter IO."

A Coluna e o Círculo (IO), que era para Pitágoras o número perfeito contido no Tetratkys [16], converteu-se mais tarde em um número *fálico por excelência*, principalmente entre os Judeus, representando para estes o Jehovah macho e fêmea.

Eis a explicação oferecida por um erudito:

"Vejo, na pedra de Rosetta de Uhlemann, a palavra *mooth* (também em *Seifforth*), o nome da *Lua*, usada como um ciclo de tempo; e daí o mês lunar do hieróglifo  , com  e  como determinantes, apresentados como o I O H copto, ou IOM. A palavra hebraica יוה pode também usar-se como IOH, pois a letra *vau* (ו) se empregava como *o* ou *u*, e ainda como *v* ou *w*. Isto antes da Massora, cujo ponto (.) era usado como ו = *o*, וֹ = *u* e וֻ = *v* ou *w*. Ora, as minhas pesquisas origi-

(13) Sayce, *Hibbert Lectures*, 1887, p. 374.

(14) Timeu de Locres, falando da "Arka" (Arca), chama-a "*o princípio das coisas melhores*" ('Αρχὰ τῶν ἀρίστων). A palavra *arcano*, "oculto" ou segredo, é um derivado. "A ninguém se revelam os *Arcanos*, exceto... ao Mais Elevado" (*Codex Nazaræus*) — alusão à Natureza como poder feminino, e ao Espírito como poder masculino. Esculápio, como Deus-Solar, era denominado *Archagetos*, "nascido da Arca", a divina Virgem-Mãe dos Céus. (Veja-se Kenealy, *The Book of God*, p. 10.)

(15) Kenealy, *op. cit., ibid.*

(16) Este se compõe de dez pontos em forma de triângulo sobre quatro filas. É o Tetragrammaton dos Cabalistas ocidentais.

nais haviam-me levado à conclusão de que a grande função distintiva do nome divino de Jehovah designava a influência da Lua como a *causa* da *geração*, e o seu valor exato como ano lunar na *medida* natural *dos dias*, conforme vereis claramente... E eis que esta mesma palavra remonta a uma origem muito mais remota: do copto, ou melhor, do antigo egípcio do tempo dos Coptos." [17]

O fato é ainda mais notável quando a Egiptologia o compara com o pouco que ela sabe a respeito da Tríade tebana, composta de Ammon, Mooth (ou Moot) e seu filho Khonsoo. Essa Tríade, quando unida, estava contida na Lua como símbolo comum; quando separada, era Khonsoo o Deus Lunus, que deste modo se confundia com Thoth e Phtah. Sua mãe Moot (nome que, seja dito de passagem, significava "Mãe" e não a Lua, que era apenas o seu símbolo) era chamada a "Rainha do Céu", a "Virgem", etc., por ser um aspecto de Ísis, Hathor e outras Deusas-Mães. Antes que esposa, ela era a mãe de Ammon, cujo título distintivo consistia em "esposo de sua mãe". Em uma estatueta que se encontra em Boulac, no Cairo, essa Tríade é representada por uma múmia, que tem na mão três cetros diferentes e sobre a cabeça o disco lunar; uma trança de cabelos característica evidencia a intenção de representar um Deus-*menino*, ou o "Sol", na Tríade. Era o Deus do Destino em Tebas, e aparece sob dois aspectos: 1.° como Khonsoo, o Deus-Lunar e Senhor de Tebas, *Nofir-hotpoo*, "o que está em absoluto repouso"; e 2.° como "Khonsoo *iri-sokhroo*", ou "Khonoo que cumpre o Destino"; o primeiro preparando os acontecimentos e concebendo-os para aqueles que nasciam sob sua influência geradora, e o último pondo-os em ação [18]. Em virtude de permutações teogônicas, Ammon se converte em Hórus, Hor-Ammon; e numa estatueta do período Saíta Moot-(h)-Ísis aparece amamentando-o [19]. Na Tríade assim transformada, Khonsoo por sua vez se converte em Thoth-Lunus, "o que opera a salvação". Tem a cabeça de um íbis, adornada com o disco lunar e o diadema chamado Io-tef (IO-tef) [20].

Ora, todos esses símbolos se encontram certamente refletidos no Iavé ou Jehovah da *Bíblia* (com o qual alguns os identificam). Vê-lo-ão claramente todos aqueles que lerem *The Source of Measures* ou *The Hebrew-Egyptian Mystery* e compreenderem as provas matemáticas, evidentes e incontestáveis, aí aduzidas, de que os *fundamentos esotéricos* do sistema usado na construção da Grande Pirâmide e nas medidas arquitetônicas do Templo de Salomão (quer seja este mítico ou real), da Arca de Noé e da Arca da Aliança, são os mesmos. Se temos algo neste mundo que possa dirimir a questão de saber se tanto os judeus antigos como os mais recentes da época pós-babilônica, e sobretudo os primeiros, edificaram a sua Teogonia e a sua Religião sobre os mesmos fundamentos que serviram aos pagãos, há de ser a obra a que nos referimos.

(17) De um manuscrito.
(18) Veja-se G. Maspéro, *Guide au Musée de Boulaq*, 1884, p. 168, número 1981.
(19) *Ibid.*, p. 169, n.° 1 998.
(20) *Ibid.*, p. 172, n.° 2 068.

E agora parece conveniente recordar ao leitor o que dissemos sobre I A O em *Ísis sem Véu*:

Nenhuma divindade apresenta tanta variedade de etimologia como Iaho, nem tampouco existe outro nome que possa ser pronunciado de tantas maneiras diferentes. Só associando-o aos pontos massoréticos conseguiram os últimos Rabinos que Jehovah fosse lido "adonai" — ou o Senhor. Filon de Biblos grafou-o em letras gregas IEYΩ, IEVO. Theodoret diz que os Samaritanos o pronunciavam Iavé (Yahva), e os judeus Yaho — o que viria a dar, conforme já mostramos, I-Ah-O. Segundo Deodoro, "os judeus contam que Moisés chamava ao Deus IAO". Com base na própria autoridade da Bíblia, sustentamos que Moisés, antes de ser iniciado por Jethro, seu sogro, nunca havia conhecido a palavra Iaho [21].

Foi isso corroborado por uma carta particular recebida de um cabalista assaz erudito. Em nosso primeiro volume [22], mencionamos que, exotericamente, Brahma (neutro) — que os orientalistas tão apressada e freqüentemente confudem com Brahmâ (masculino) — é às vezes chamado Kâla-hansa, o "Cisne da Eternidade"; e o significado esotérico de A-ham-sa é traduzido como "Eu (sou) ele", sendo So-ham igual a Sah, "ele", e A-ham, "eu"; um anagrama e permutação místicos. É também o "Brahmâ de quatro faces", o Chatur-mukham (o Cubo Perfeito), formando-se *dentro* do Círculo Infinito e *por* ele; e novamente temos a explicação do emprego do 1, 3, 5 e do $\frac{7}{7} = 14$, como a Hierarquia Esotérica dos Dhyân-Chohans. Acerca deste ponto, o correspondente precitado tece os seguintes comentários:

"Com relação aos 1, 3, 5 e duas vezes 7, significando mui especialmente 13 514, número que, disposto sobre um círculo, se possa ler como 31 415 (ou o valor de π), creio que não é possível duvidar, sobretudo quando se considerem com as marcas simbólicas sobre Sacr' [23], "Chakra" ou Círculo de Vishnu.

Peço que me seja permitido levar um pouco mais longe a vossa descrição. Dizeis: "O Uno precedendo o Ovo, o *Seis* e o *Cinco* [24] dão o número 1065, valor do Primogênito". Se é assim, então em 1065 temos o famoso nome de Jehovah, o Jvé ou Javé, ou Júpiter; e substituindo ה por ג, ou *h* por *n*, temos יגל ou a palavra latina Jun ou Juno, base do enigma chinês, chave para medir os números de Sni (Sinai) e Jehovah, descendo deste monte, número (1065) que corresponde ao emprego da nossa razão de 113 : 355; porque 1065 = 355 × 3, o que representa a circunferência de um diâmetro de 113 × 3 = 339. De modo que o primogênito de Brahmâ-Prajâpati (ou de qualquer demiurgo) indica o uso, como medida, de uma relação circular tomada do Chakra (ou Vishnu), e, como ficou dito antes, a Manifestação Divina toma a forma da Vida e do Primogênito.

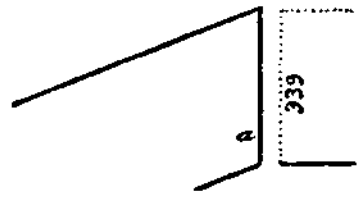
(21) Vol. II, p. 301. O leitor deve saber que Jethro não é chamado "sogro" de Moisés porque tivesse este realmente casado com uma de suas filhas. Moisés, se é que existiu, foi um Iniciado e, como tal, um Asceta, um Nazar, que não podia casar-se. Trata-se de uma alegoria, como tudo o mais. Zipporah (a "resplandecente") é a personificação de uma das Ciências Ocultas, transmitidas por Reuel-Jethro, o sacerdote iniciador de Midian, a Moisés, seu discípulo egípcio. O "poço", junto ao qual Moisés se sentou quando fugiu do Faraó, simboliza o "Poço do Conhecimento".

(22) Páginas 128-9 e alhures.

(23) Em hebreu, o símbolo fálico do Lingam-e-Yoni.

(24) Veja-se o volume I, Estância IV, Sloka 3.

Uma coisa bastante singular: Na entrada da passagem que leva à Câmara do Rei, a distância que vai da *superfície* do Grande Degrau [25] e da Grande Galeria até o alto desta é, segundo as medidas cuidadosamente tomadas por Piazzi-Smyth, de 339 polegadas. A partir de *a* como centro, descreve-se com esse raio um círculo; o diâmetro do círculo será de 339 × 2 = 678, e estes algarismos são os da expressão "*e o corvo*" nas cenas ou imagens "da pomba e do corvo" do Dilúvio de Noé (tomando-se o raio para mostrar a divisão em duas partes, as quais são de 1065 cada uma); pois 113 (o homem) × 6 = 678, e o diâmetro de uma circunferência de 1065 × 2; e assim



temos aqui uma indicação do *homem* cósmico neste alto degrau ou escalão, à *entrada* da Câmara do Rei (o Santo dos Santos), que é a *matriz*. Pois bem: a altura dessa passagem é de tal ordem que um homem, para entrar por ela, tem que *se curvar*. Mas um homem de pé é 113, e dobrado ou curvado passa a ser $\frac{113}{2}$ = 56,5 ou 5,65 × 10 (יהוה), ou Jehovah. Quer dizer: ele o personifica [26] ao entrar no Santo dos Santos. Para o esoterismo hebreu, porém, a *função principal* de Jehovah era *dar filhos*, etc., e isto porque, de acordo com os números do seu nome, era ele a *medida do ano lunar*, ciclo de tempo que — estando, devido ao seu fator 7 (sete), em perfeita coordenação com os períodos de animação, viabilidade e gestação — foi tomado como a *causa da ação geradora*, sendo, por isso, objeto de culto e invocação."

Esse descobrimento relaciona mais ainda Jehovah com todos os demais Deuses Criadores e Geradores, Solares e Lunares, e especialmente com o Rei "Soma", Deus Lunus hindu, a Lua, em virtude da influência esotérica que o Ocultismo atribui a este astro. A esse respeito existem, porém, outras confirmações na própria tradição hebraica. Maimonides, no *More Nevochim* (ou "Guia dos Perplexos" — na verdade!) nos apresenta Adão sob dois aspectos: como homem nascido, tal qual todos os outros, de homem e mulher, e como o *Profeta da Lua*; a razão disto faz-se agora aparente e deve ser aplicada.

Adão, como suposto "Progenitor da Raça Humana", é feito, como Adão Kadmon, à *imagem* de Deus, uma imagem priápica, portanto. As palavras hebraicas Sacr' e N'cabvah, traduzidas literalmente, correspondem a Lingam (Falo) e Yoni (Cteis), apesar de sua tradução na *Bíblia* por "macho e fêmea" [27]. Segundo ali consta, "Deus criou o *homem à sua pró-*

(25) Neste degrau é que se chega ao plano do nível da entrada aberta da Câmara do Rei", o "Santo dos Santos" egípcio.

(26) O Candidato à Iniciação personificava sempre o Deus do Templo a que pertencia, assim como o Sumo Sacerdote personificava o Deus em todos os momentos; tal qual o Papa agora personifica Pedro e até mesmo Jesus Cristo ao entrar no Santuário interno, o "Santo dos Santos" cristão.

(27) *Gênesis*, I, 27.

pria imagem; à imagem de Deus Ele o criou; *macho e fêmea* os criou": o Adão-Kadmon andrógino. Ora, este nome cabalístico não é o de nenhum homem vivente, nem mesmo o de um Ser humano ou divino, mas o dos dois sexos ou órgãos da procriação, chamados em hebreu, com essa franqueza usual de linguagem eminentemente bíblica, Sacr' e N'cabvah [28]; sendo estes dois, portanto, a *imagem* sob a qual o "Senhor Deus" aparecia geralmente ao seu povo eleito. Que assim é, está hoje provado, de maneira irrefutável, por quase todos os grandes simbologistas e hebraístas, assim como pela *Kabalah*. Segue-se que, em um dos seus sentidos, Adão é Jehovah. Com isto fica perfeitamente esclarecida outra tradição, comum no Oriente, que Gregorie menciona em *Notes and Observations upon several Passages in Scriptures* [29] e também citada por Jennings em seu *Phallicism*:

"Deus ordenou a Adão que o seu corpo morto permanecesse sobre a superfície da terra, até que, completado o tempo devido, fosse depositado... no *meio da terra*, por um sacerdote do Deus Altíssimo..."

Por esse motivo,

"Noé orava diariamente na Arca ante o 'Corpo de Adão'." [30]

ou ante o Falo que se encontrava na Arca, ou ainda o "Santo dos Santos". O que é cabalista e está habituado à permutação incessante dos nomes bíblicos, uma vez interpretados numérica e simbolicamente, compreenderá o sentido.

"As duas palavras de que se compõe o nome de Jehovah completam a idéia original de macho-fêmea, como causa de nascimento, pois o era o *membrum virile* e Hovah era *Eva*. Assim... o *ser perfeito*, como fonte das medidas, toma também a forma de origem do *nascimento*, como *hermafrodita*; daí o emprego fálico da forma." [31]

Além disso, o mesmo autor expõe e demonstra, numérica e geometricamente, que (*a*) *Arets*, "terra", Adão, "homem", e H-adam-h são estreitamente relacionados e estão personificados na *Bíblia* sob uma forma única, como o Marte egípcio e hebreu, Deus da Geração [32]; e (*b*) Jehovah, ou Jah, é Noé, pois que "*Jehovah é Noé*" se escrevia em hebreu יהוה , ou, literalmente, *Polegada*.

O que precede dá, assim, uma chave das mencionadas tradições. Noé, uma permutação divina, o suposto Salvador da Humanidade, que leva em

(28) Jehovah disse a Moisés: "a soma de meu nome é *sacr'*, o portador do germe": o falo. "É... o veículo da enunciação e, verdadeiramente, como *sacr'* ou portador do germe, o seu uso se transmitiu através de todas as idades ao *sacr-factum* do sacerdote romano e ao *sacr-fice* e *sacr-mente* da raça que fala o inglês" (*Source of Measures*, p. 236). É por isso que o casamento é um *sacramento* nas Igrejas Grega e Romana.

(29) *London*, 1684, vol. I, pp. 120 e 121.

(30) *Op. cit.*, p. 67.

(31) *Source of Measures*, p. 159.

(32) *Op. cit.*, p. 187.

sua Arca ou Argha (a Lua) os germes de todas as coisas que vivem, faz suas devoções ante o "Corpo de Adão", corpo que é a imagem do Criador, sendo ele mesmo um Criador. Eis por que Adão é chamado o "Profeta da Lua", a Argha ou "Santo dos Santos" de Yod (י). Fica também explicada a origem da crença popular dos judeus, de que a figura de Moisés *está na Lua* — isto é, corresponde às manchas da Lua. Porque Moisés e Jehovah são, cabalisticamente, outras permutações, como tem sido demonstrado. Diz o autor de *The Source of Measures*:

"Há, em relação a Moisés e suas obras, um fato que é por demais importante para ser omitido. Quando o Senhor o instrui acerca de sua missão; o nome de *poder* que assume a Divindade é: *Eu sou o que sou*, que assim se escreve em hebreu:

אהיה ־ אשר ־ אהיה;

uma variação de יהוה. Ora, Moisés é משה e igual a 345.

Adicione-se o valor da *nova forma* do nome de Jehovah, 21 + 501 + 21 = 543, ou, lendo-se às avessas, 345; mostrando assim que Moisés é uma forma de Jehovah nesta combinação 21 : 2 = 10,5 ou, invertendo-se, 501; de modo que o *asher* ou "*o que*" da frase "*Eu sou o que sou*" é simplesmente um guia para o emprego de 21 *ou 7 × 3 e de 501 = 251 × 10 + 1, um número piramidal mui precioso, etc.*" [33]

Para uma explicação mais clara àqueles que não sejam cabalistas, vamos expor a questão de outro modo, a saber: "Eu sou o que sou" é em hebreu:

Ahiyé	Asher	Ahiyé
א ה י ה	א ש ר	א ה י ה
5 10 5 1	200 300 1	5 10 5 1

Somem-se os números destas palavras separadas, e ter-se-á:

אהיה	אשר	אהיה
21	501	21

Isto se relaciona com o processo de descida em forma de Fogo, sobre a Montanha, para fazer o Homem, etc., explicando-se que não é senão uma *contra-senha* e o uso dos números das montanhas, porque, de um lado, temos 10 + 5 + 6 = 21, no meio 501, e do outro lado 6 + 5 + 10 = 21 [34].

Vê-se, pois, que o "Santo dos Santos", tanto cabalístico como rabínico, é um símbolo internacional e de propriedade comum. Não teve origem entre os hebreus, mas, devido ao manejo demasiado realista dos Levitas semi-iniciados, o símbolo adquiriu entre eles uma significação que não tem até hoje em nenhum outro povo e que originariamente nunca lhe foi atribuído pelos verdadeiros cabalistas. O Lingam e o Yoni dos hindus modernos de mediano desenvolvimento não valem, por certo, mais que o "Santo dos

(33) *Op cit.*, p. 271.

(34) Do mesmo autor. Veja-se também a Seção VIII deste volume: "O Simbolismo dos nomes misteriosos de Iao e Jehovah, em suas relações com a Cruz e o Círculo" (Parte Segunda).

Santos" rabínico — *não lhe sendo, contudo, pior.* Eis um ponto ganho sobre os tradutores cristãos das Filosofias religiosas asiáticas. Porque, em tais mitos religiosos e no simbolismo oculto de uma crença ou filosofia, é o *espírito* das doutrinas expostas que deve decidir do seu valor relativo. Quem haveria de pretender que, examinada em seus dois sentidos, uma tal "Sabedoria", aplicando-se unicamente às necessidades e ao benefício de uma pequena nação, pudesse jamais desenvolver nela algo que se assemelhasse a uma ética nacional? Os Profetas estão aí para nos mostrar a maneira de viver do povo eleito mais "obstinado", antes da época de Moisés, durante ela e depois dela. Que em dado momento eles houvessem estado de posse da Religião-Sabedoria, e do uso de sua linguagem universal e de seus símbolos, disso temos a prova com a existência, ainda hoje, do mesmo Esoterismo na Índia, com respeito ao "Santo dos Santos". Este, como já dissemos, consistia e consiste em passar pela Vaca "de Ouro" na mesma *posição curvada* que a Galeria da Pirâmide impunha e que no Esoterismo hebreu identificava o homem com Jehovah. Toda a diferença está no espírito da interpretação. Para os hindus, como para os antigos Egípcios, este espírito era e é inteiramente metafísico e psicológico; para os hebreus, era *realista* e *fisiológico*. Indicava a primeira separação sexual da raça humana — Eva dando nascimento a Caim-Jehovah, conforme o demonstra *The Source of Measures*; a consumação da união e concepção terrestre fisiológica — como na alegoria de Caim derramando o sangue de Abel, sendo *Habel* o princípio feminino; e finalmente o parto, processo que se diz haver principiado durante o curso da Terceira Raça, ou com o *Terceiro* Filho de Adão, Seth; após o nascimento do filho deste, Enoch, os homens começaram a dar a si mesmos o nome de Jehovah, ou Jah-hovah, o Jod masculino e Havah, Eva — ou seja, os seres machos e fêmeas [35]. A diferença, pois, consiste no sentimento religioso e moral, mas os dois símbolos são idênticos. Não há dúvida que para os Tanaim judeus totalmente iniciados o sentido do simbolismo era uma abstração tão sagrada como para os antigos Dvijas arianos. O culto do "Deus na Arca" data somente de David, e durante mil anos Israel não conheceu nenhum Jehovah fálico. Agora, no entanto, a antiga *Kabalah*, editada e reeditada, se acha dele contaminada.

Entre os arianos de antigamente, o significado oculto era grandioso, sublime e poético, por muito que a aparência externa do seu símbolo possa *agora* contradizer esta pretensão. A cerimônia de passar pelo "Santo dos Santos" — simbolizado hoje pela Vaca, mas de início pelo templo Hiranya-garbha, o Ovo Radioso, em si mesmo um símbolo da Natureza Universal Abstrata — significava a concepção e o nascimento espirituais, ou melhor, o *renascimento* do indivíduo e sua regeneração; o homem *curvado*, na entrada do Sanctum Sanctorum, prestes a atravessar a Matriz da Natureza-Mãe, ou a criatura física pronta para se converter novamente no Ser Espiritual originário, o HOMEM *pré*-natal. Para os semitas, este homem *cur-*

(35) No *Gênesis* (IV, 26) está mal traduzido o texto: "e chamou o seu nome Enos (homem); então se começou a invocar o nome do Senhor" — o que não tem sentido, pois Adão e os outros devem ter feito o mesmo.

vado representava a *queda* do Espírito na Matéria, e esta *queda* e *degradação* recebia deles as honras de uma apoteose, o que importava em rebaixar a Divindade ao nível do homem. Para os arianos, o símbolo expressava o divórcio do Espírito com a Matéria, sua volta à Fonte Primordial, para nela imergir-se; para os semitas, o conúbio do Homem Espiritual com a Natureza Material Feminina, o aspecto fisiológico sobrepondo-se ao psicológico e puramente imaterial. Os pontos de vista arianos sobre o simbolismo eram os de todo o mundo pagão; a interpretação semita era, peculiarmente, a de uma pequena tribo, no meio da qual surgira e teve curso, marcando assim as suas características nacionais e os defeitos idiossincráticos que são o traço de muitos judeus até hoje — realismo grosseiro, egoísmo e sensualidade. Haviam eles feito um ajuste, por intermédio do pai Jacob, com a divindade de sua tribo, exaltada sobre todas as demais, e *pactuado* que a sua "semente seria como o pó da terra"; e por isso aquela divindade não podia ter, daí por diante, uma imagem melhor que a do símbolo da geração, e como representação um *número* e *números*.

Carlyle tem frases sábias ao referir-se às duas nações. Para os indo-arianos — o povo mais metafísico e espiritual da terra — a religião foi sempre, segundo as suas palavras,

"uma eterna estrela polar, cujo brilho aumenta de intensidade no céu quanto mais escura é a noite aqui embaixo na terra."

A religião do hindu o aparta deste mundo; e por isso, ainda hoje, o símbolo da Vaca é um dos mais filosóficos e grandiosos entre todos os demais, em seu sentido interior. Para os "Amos" e "Senhores" das potências européias, os israelitas, certas expressões de Carlyle são admiravelmente justas; para eles,

"a religião é um sentimento sábio e prudente, baseado em *mero cálculo*",

e assim tem sido desde o princípio. Havendo assumido o seu ônus, as nações cristãs se vêem obrigadas a defendê-la e a *poetizá-la* a expensas de todas as outras religiões.

Mas não era assim entre as nações antigas. Para elas, a passagem de entrada e o sarcófago na Câmara do Rei significavam regeneração, e não geração. Era o símbolo mais solene, um verdadeiro *Santo dos Santos*, em que se formavam Hierofantes Imortais e "Filhos de Deus" — e nunca homens mortais, filhos do desejo e da carne, como sucede agora no sentido oculto do cabalista semita. A razão da diferença entre os pontos de vista das duas raças é fácil de explicar. O indo-ariano pertence às raças mais antigas que atualmente existem na terra; o semita hebreu pertence à mais recente. O primeiro tem quase um milhão de anos de antiguidade; o último é uma pequena sub-raça que conta uns 8 000 anos, não mais [36].

(36) Estritamente falando, constituem os judeus uma raça ariana artificial, nascida na Índia e pertencente à divisão caucasiana. Quem quer que conheça os armê-

O culto fálico, contudo, somente se desenvolveu com a perda gradual das chaves do sentido interno dos símbolos religiosos; e houve um tempo em que os israelitas tiveram crenças tão puras quanto as dos arianos. Mas o Judaísmo de hoje, fundado *só* no culto fálico, converteu-se numa das crenças mais atrasadas da Ásia e, teologicamente, numa religião de ódio e malquerença a tudo o que não pertença a ela. Filon, o judeu, expõe o que foi a verdadeira fé hebraica. As Sagradas Escrituras, diz ele, prescrevem o que devemos fazer e *nos mandam odiar os pagãos, suas leis e instituições.* Certo: odiavam publicamente o culto de Baal ou Baco, mas para se darem em segredo a suas piores práticas. Era entre os judeus talmúdicos que mais se profanavam os grandes símbolos da Natureza. Como ficou agora provado ao descobrir-se a chave que permite a interpretação correta da *Bíblia*, profanavam eles a Geometria, a *quinta* Ciência Divina — "quinta" na série das Sete Chaves da Linguagem e do Simbolismo universais — empregando-a para velar os mistérios sexuais mais terrenos e grosseiros, que degradavam tanto a Divindade como a Religião.

Sabe-se que sucede precisamente o mesmo com o nosso Brahmâ-Prajâpati, com Osíris e todos os outros Deuses *Criadores*. Assim é quando se julgam os seus ritos exotéricos e externos; dá-se o contrário, porém, quando o seu significado *interno* é compreendido, como observamos. O Lingam hindu é idêntico à "Coluna" de Jacob; não se pode contestar. Mas a diferença, conforme já dissemos, parece consistir em que o significado esotérico do Lingam era, na verdade, por demais sagrado e metafísico para que fosse revelado ao profano e ao vulgo, de modo que sua aparência superficial ficava ao sabor das especulações do povo. Os hierofantes árias e brâmanes, em seu orgulhoso exclusivismo e na auto-suficiência dos seus conhecimentos, não se davam tampouco ao trabalho de lhe velar a *nudez* primitiva com fábulas engenhosas, ao passo que os Rabinos, interpretando o símbolo em conformidade com as suas tendências pessoais, tiveram que encobrir a crueza do significado. Com isso visavam a um duplo objetivo: o de guardarem para si mesmos o segredo e o de se exaltarem, no seu suposto monoteísmo, acima dos pagãos, que a sua Lei ordenava odiarem [37] —

nios e os parses não pode deixar de reconhecer nos três o mesmo tipo ário-caucasiano. Dos sete tipos primitivos da Quinta Raça, hoje só restam três na terra. Dizia com razão o Professor W. H. Flower em 1885: "Não me é possível recusar a conclusão a que tantas vezes chegaram diversos antropólogos — a saber, que o homem primitivo, como quer que tenha sido, se dividiu no curso das idades em três tipos extremos, representados pelos caucasianos da Europa, os mongóis da Ásia e os etíopes da África, e que todos os indivíduos da espécie humana ora existentes podem classificar-se entre esses tipos." (Discurso Presidencial no Instituto Antropológico da Grã-Bretanha, etc.). Se considerarmos que a nossa Raça já chegou a sua quinta sub-raça, como poderia ser de outro modo?

(37) Sempre que se têm assinalado tais analogias entre os gentios e os judeus, e mais tarde os cristãos, estes últimos respondem invariavelmente que se devem elas à obra do Diabo, que obrigava os pagãos a imitarem os judeus, com o propósito de manchar a religião do *único e verdadeiro Deus*. A isto replica Faber com muita razão: "Certas pessoas têm imaginado que os gentios copiaram servilmente os israelitas e que todos os pontos de semelhança foram plagiados das instituições mosaicas. Mas

mandamento também hoje aceito prazerosamente pelos cristãos, apesar de outro mandamento posterior, o de: "Amai-vos uns aos outros". A Índia, como também o Egito, tinha e tem o seu lótus sagrado, que simboliza o mesmo "Santo dos Santos" — o lótus crescendo na água, duplo símbolo feminino — *portador* de sua própria semente e raiz de todas as coisas. Viraj e Hórus são ambos símbolos masculinos, emanando da Natureza Andrógina (um de Brahmâ e de sua contrapartida feminina Vâch, o outro de Osíris e Ísis), nunca do Deus Uno Infinito. No sistema judeu-cristão é diferente. Enquanto o lótus, que encerra Brahmâ, o Universo, é representado saindo do umbigo de Vishnu, Ponto Central das Águas do Espaço Infinito, e Hórus o é surgindo do lótus do Nilo Celeste — todas estas idéias panteístas e abstratas são rebaixadas e convertidas em termos terrenos e concretos, na *Bíblia*. Quase que somos levados a dizer que, em relação ao *esotérico*, são as idéias dos judeus ainda *mais grosseiras e antropomórficas* do que em sua forma *exotérica*. Tome-se como exemplo o mesmo símbolo, ainda que em sua aplicação cristã — os *lírios* na mão do Arcanjo Gabriel [38]. No Hinduísmo, o "Santo dos Santos" é uma abstração universal, que tem como *dramatis personæ* o Espírito Infinito e a Natureza; no Judaísmo cristão, é um Deus *pessoal exterior* a essa Natureza, e a matriz humana — Eva, Sarah, etc.; portanto, um Deus fálico antropomórfico, e sua imagem: o homem.

Temos, assim, que, a respeito do conteúdo da *Bíblia*, há que admitir uma das duas hipóteses seguintes. Ou por trás do substituto simbólico, Jehovah, estava a Divindade Desconhecida e Incomensurável, o Ain Soph cabalístico, ou os judeus não têm sido, desde o princípio, mais que adoradores do Lingam [39] da letra morta da Índia de nossos dias. Para nós, verdadeira é a primeira hipótese; o culto secreto e esotérico dos judeus era o mesmo panteísmo que hoje se reprocha aos Filósofos Vedantinos; Jehovah era um *substituto* para os fins da fé nacional exotérica, e carecia de importância e realidade aos olhos dos sacerdotes eruditos e dos filósofos; os saduceus, a mais refinada e instruída das seitas israelitas, não a melhor prova disso, ao recusarem desdenhosamente toda crença, exceto a da Lei. Como podiam os que imaginaram esse admirável esquema hoje conhecido pelo nome de *Bíblia*, ou os seus sucessores — que sabiam, como o sabem todos os cabalistas, que se destinava a servir de "véu" popular —; como podiam eles, perguntamos, sentir reverência alguma pelo símbolo fálico e pelo *número* que Jehovah representava, como se prova de modo irrecusável

---

essa teoria de modo nenhum resolve o problema. Primeiro, porque, nas cerimônias de povos muito distantes da Palestina, se nos depara a mesma semelhança observada nos ritos das nações que lhe eram vizinhas; segundo, por ser incrível que todas elas houvessem copiado de uma que era universalmente desprezada e odiada." (*Pagan Idolatry*, I, 104).

(38) *Lucas*, I, 28. (Os lírios neste sentido, não se acham mencionados no texto; mas os pintores medievais representavam Gabriel com um ramo de lírios na mão esquerda. Veja-se Douay.)

(39) Suas colunas sagradas (pedras não-lavradas), erigidas por Abrahão e Jacob, eram *Lingams*.

nas obras cabalísticas? Que filósofo digno desse título e que soubesse o verdadeiro sentido *secreto* da "Coluna deJacob", de *Bethel*, do *Falo* ungido de azeite e da "Serpente de Bronze", poderia render culto a um símbolo tão grosseiro e oficiar perante o mesmo, vendo nele a sua "Aliança" — o Senhor mesmo? Que o leitor se reporte ao *Guemara Sanhedrim* e faça o seu julgamento. Conforme o mostraram vários autores e o declara cruamente Hargrave Jennings em seu *Phallicism*:

"*Sabemos pelos anais judeus* que a Arca continha uma *tábua de pedra*; e que se pode demonstrar que esta pedra era fálica e, não obstante, idêntica ao sagrado nome de Jehovah ou Yehovah, o qual, escrito em hebreu sem pontos, com quatro letras, é J-E-V-E ou J-H-V-H (sendo H uma letra simplesmente aspirada e igual a E). Este processo nos deixa as duas letras I e V (ou, em outra de suas formas, U); e se colocamos o I *no* U temos o "Santo dos Santos"; temos ainda o Linga, o Yoni e a Argha dos hindus, o Ishwara [Ishvara] ou "Senhor Supremo"; e aqui está todo o segredo de sua significação mística ou de arco celestial, confirmada em si mesma como idêntica ao Linyoni (?) da Arca da Aliança." [40]

Os judeus bíblicos dos nossos dias não datam de Moisés, mas de David — ainda quando se admita que os antigos pergaminhos mosaicos são idênticos aos que foram refeitos mais tarde. Antes daquele tempo, a nacionalidade dos judeus se perde nas brumas das trevas pré-históricas, cujo véu levantamos agora, quanto nos permite o espaço de que dispomos. Os críticos menos severos só podem referir o *Antigo Testamento* à época do cativeiro de Babilônia, como sendo aproximadamente as opiniões correntes nos tempos de Moisés. Até cristãos e adoradores de Jehovah, tão fanáticos como o Rev. Mr. Horne, têm que admitir as numerosas mudanças e alterações feitas pelos últimos compiladores do "Livro de Deus" desde que foi *encontrado* por Hilkiah [41], tendo em vista que:

"O Pentateuco nasceu de documentos *mais antigos ou primitivos*, aos quais se deu um *suplemento*."

Os textos eloístas foram reescritos 500 anos depois de Moisés, e os jeovistas 800 anos, segundo a mesma cronologia bíblica. Temos, portanto, que a divindade, representada como o órgão da geração em sua forma de coluna, e como símbolo do duplo órgão sexual no valor numérico das letras do seu nome — o Yod, י, ou "falo", e o Hé, ה, a "abertura" ou a "matriz", de acordo com as autoridades cabalísticas — é de data muito posterior à dos símbolos de Elohim, e foi tomada dos ritos *exotéricos* pagãos; vendo-se, pois, que Jehovah está ao nível do Lingam e do Yoni que se podem encontrar na Índia por todos os caminhos.

Assim como o IAO dos Mistérios era distinto de Jehovah, o Iao e o Abraxas, ou Abrasax, posteriores, de algumas seitas gnósticas, eram idênticos ao Deus dos hebreus, que era o mesmo Hórus egípcio. Isso está

(40) *Op. cit.*, p. 67.
(41) Veja-se *Introduction to the Old Testament*, e também *Elohistic and Jehovistic Writers*, do Bispo Colenso.

provado de modo irrecusável, tanto por jóias "pagãs" como por jóias gnósticas "cristãs". Na coleção dessas pedras preciosas pertencente a Matter há um "Hórus"

"Sentado em um lótus com a inscrição ΑΒΡΑΣΑΞ — ΙΑΩ (Abraxas-Iao) — nome que equivale exatamente à invocação ΕΙΣ ΖΕΥΣ ΣΑΡΑΠΙ (Eis Zeus Serapi) que se vê nas joias pagãs contemporâneas, e que, portanto, não deve ser traduzido senão como 'Abraxas é o Jehovah Uno'." [42]

Mas, quem era Abraxas? Segundo explica o mesmo autor,

"O valor numérico ou cabalístico do nome de Abraxas se refere diretamente ao título persa do Deus "Mithra", Regente do ano, adorado desde os tempos mais remotos sob o nome de Iao." [43]

Era, portanto, o Sol, sob um aspecto, e, sob outro, a Lua ou o Gênio Lunar, aquela Divindade Geradora que os Gnósticos saudavam assim: "Tu, que presides aos Mistérios do Pai e do Filho, que brilhas durante a noite, ocupando o *segundo lugar*, primeiro Senhor da Morte".

Só em sua qualidade de Gênio da Lua — sendo esta representada na antiga cosmogonia como a mãe de nossa Terra — é que se pode considerar Jehovah como o *Criador* do nosso Globo e do *seu* Céu, isto é, do Firmamento.

O conhecimento de tudo isso, porém, não significará prova alguma aos olhos dos fanáticos em geral. Continuarão os missionários com os seus virulentos ataques contra as religiões da Índia, e os cristãos não deixarão de ler com o mesmo sorriso de ignara satisfação estas absurdas e injustas palavras de Coleridge:

"É sobremodo digno de nota que as escrituras inspiradas dos cristãos se distinguem de todos os demais livros que *pretendem inspiração*, das escrituras dos brâmanes e até do Corão, pelo vigor e constância de suas *evocações da verdade*."(!!)

(42) *Gnostics and their Remains*, de King, p. 327, segunda edição.
(43) Ibid., p. 326.

Seção IV

O MITO DOS "ANJOS CAÍDOS" EM SEUS VÁRIOS ASPECTOS

A

O ESPÍRITO DO MAL: QUEM E QUE É?

É com a Teologia, exclusivamente, que agora vamos discutir.

A Igreja impõe a crença em um Deus pessoal e em um Demônio pessoal, ao passo que o Ocultismo denuncia a sem-razão de semelhante crença. Para os Panteístas e os Ocultistas, assim como para os Pessimistas, a "Natureza" não é mais que "uma mãe formosa, porém fria como o mármore"; mas isto só é verdade no que se refere à Natureza física *exterior*. Estão de acordo em que, para o observador superficial, ela não passa de um imenso matadouro, em que os carniceiros se convertem em vítimas, e estas, por sua vez, em verdugos. É muito natural que o profano, de ânimo pessimista, uma vez convencido das numerosas imperfeições e frustrações da Natureza, e sobretudo de suas tendências autófagas, veja nisto a melhor prova de que não há nenhuma Divindade *in abscondito* na Natureza, e que esta não encerra nada de divino. Não é menos natural que o materialista e o físico imaginem que tudo se deve à força cega e ao acaso, assim como à sobrevivência do *mais forte*, mais ainda que à do *mais apto*. Mas os Ocultistas, que consideram a Natureza física como um feixe das mais variadas ilusões, no plano das percepções enganosas; que não reconhecem em cada dor e sofrimento senão as angústias necessárias de uma incessante procriação, uma série de graus para uma perfectibilidade sempre crescente, visível na influência silenciosa do infalível Karma, ou Natureza *abstrata* — os Ocultistas, repetimos, vêem a Grande Mãe sob uma luz diferente. Desgraçados aqueles que vivem sem sofrer. A estagnação e a morte, tal é o destino de tudo o que vegeta sem modificação. E como pode havet uma mudança para melhor, sem o sofrimento proporcionado no grau precedente? Não são aqueles que aprenderam a conhecer o valor ilusório das esperanças humanas e as seduções enganosas da natureza exterior, os únicos destinados a solucionar os grandes problemas da vida, da dor e da morte?

Se os nossos modernos filósofos — precedidos pelos sábios da Idade Média — se apropriaram de mais de uma das verdades fundamentais da antiguidade, os teólogos construíram o seu Deus e os seus Arcanjos, o seu Satã e os seus Anjos, juntamente com o Logos e seu respectivo estado-maior, só com os *dramatis personæ* dos antigos Panteões pagãos. Bem-vindos teriam sido eles se não houvessem astuciosamente deformado os caracteres originais, pervertido o significado filosófico e, aproveitando-se da ignorância da Cristandade — resultado de longos séculos de torpor mental, durante os quais só era permitido à humanidade raciocinar por procuração —, envolvido todos os símbolos na mais inextricável confusão. Um de seus feitos mais censuráveis neste particular foi a transformação do divino *Alter Ego* no grotesco *Satã* de sua Teologia.

Como toda a filosofia do problema do mal assenta na compreensão exata da constituição do *Ser Interno* da Natureza e do Homem, do divino no animal, o mesmo sucedendo quanto à justeza de todo o sistema exposto nestas páginas, no que se refere à obra-mestra da evolução — o Homem —, nunca serão demasiadas todas as precauções que tomemos contra os subterfúgios teológicos. Quando o bondoso Santo Agostinho e o impetuoso Tertuliano dizem que o Demônio é o "símio de Deus", devemos atribuí-lo à ignorância reinante na época em que viveram. Seria mais difícil, porém, exculpar os nossos autores modernos com o mesmo fundamento. A tradução da literatura mazdeísta deu aos escritores católicos romanos um pretexto para justificarem, uma vez, mais, sua opinião a esse respeito. Aproveitaram-se da natureza dual de Ahura Mazda e de seus Amshaspends no *Zend Avesta* e no *Vendidad* para dar ainda mais ênfase às estranhas teorias que adotaram. Satã é o *plagiário* e o *copista por antecipação* da religião que veio muitos séculos depois. Foi uma das cartadas de mestre da Igreja latina, o seu melhor trunfo após o aparecimento do Espiritismo na Europa. Ainda que não passe, em geral, de um *êxito de estima*, até mesmo entre os que não se interessam pela Teosofia nem pelo Espiritismo, essa arma é usada com freqüência pelos Cabalistas cristãos (católicos romanos) contra os Ocultistas orientais.

Ora, os próprios materialistas são de todo inofensivos e podem ser considerados amigos da Teosofia, quando comparados com alguns Cabalistas fanáticos do Continente, que se dão o nome de "cristãos", e que antes podemos chamar "sectários". Estes lêem o *Zohar*, não para buscar nele a antiga Sabedoria, mas para descobrir em seus versículos, mutilando o texto e o sentido, dogmas cristãos, ali onde ninguém poderia imaginar que pudessem existir; e, depois de pescá-los com a ajuda coletiva do casuísmo e da erudição jesuítica, passam esses pretensos "cabalistas" a escrever livros e a extraviar os estudantes da Cabala dotados de percepção menos penetrante [1].

(1) Um desses pseudocabalistas, na França, foi o Marquês De Mirville, que estudou o *Zohar* e outros antigos textos da Sabedoria Judaica com o "Chevalier" Drach, antigo Rabino cabalista convertido à Igreja Romana, e que escreveu, com a ajuda deste

Por que, então, não nos será permitido dragar os profundos rios do passado para trazer à superfície a idéia fundamental que conduziu à transformação do Deus de Sabedoria, havido primeiramente como o Criador de tudo o que existe, em um Anjo do Mal, um ridículo bípede com chifres, metade bode, metade macaco, pés em cascos e uma cauda? Não vemos necessidade de uma digressão para comparar os Demônios pagãos do Egito, da Índia ou da Caldéia com o Diabo do Cristianismo, pois semelhante comparação não é possível. Mas podemos deter-nos por alguns momentos para dizer alguma coisa sobre a biografia do Diabo cristão, audaciosa contrafação da mitologia judeu-caldéia.

A origem primitiva dessa personificação baseia-se no conceito arcadiano da eterna luta e antagonismo entre os Poderes Cósmicos — os Céus e a Terra — e o Caos. O Silik-Muludag (Muru-dug?), "Deus entre os Deuses", "guardião misericordioso dos homens na terra", era filho de Hea (ou Ea), o grande Deus de Sabedoria, chamado Nebo pelos babilônios. Para ambos os povos, tal como no caso dos Deuses hindus, as divindades eram ao mesmo tempo benéficas e maléficas. Como o mal e o castigo são os agentes do Karma, num sentido retributivo absolutamente justo, assim o mal estava a serviço de Deus [2]. Demonstrou-o agora a leitura dos ladrilhos caldeu-assírios, sem margem para dúvidas. A mesma idéia se nos depara no *Zohar*. Satã era um filho e um Anjo de Deus. Para todas as nações semitas, o Espírito da Terra era tanto o Criador, em seu próprio reino, como o Espírito dos Céus. Eram irmãos gêmeos e intercambiáveis em suas funções, quando não dois em um. Nada do que se vê no *Gênesis* falta nas crenças religiosas caldeu-assírias, mesmo no pouco que até agora se tem decifrado. A grande "Face do Abismo" do *Gênesis* corresponde ao Tohu-Bahu ("Abismo" ou "Espaço Primordial") ou Caos dos Babilônios. A Sabedoria, o Grande Deus Invisível, chamado no *Gênesis* o "Espírito de Deus", vivia, tanto para os antigos babilônios como para os arcadianos, no *Mar do Espaço*. Até os tempos descritos por Berose, este Mar se converteu nas Águas Visíveis na superfície da Terra — a mansão cristalina da Grande Mãe, a Mãe de Ea e de todos os Deuses, que se tornou mais tarde o grande Dragão Tiamat, a Serpente do Mar. A última fase de desenvolvimento foi a luta de Bel com o Dragão — o Diabo!

De onde surgiu a idéia cristã de que Deus amaldiçoou o Demônio? O Deus dos judeus, qualquer que fosse, proibia maldizer a Satã. Filon, o Judeu, e Josefo afirmam ambos que a Lei (o *Pentateuco* e o *Talmud*) proíbe invariavelmente a maldição do Adversário, assim como a dos Deuses dos Gentios. "Não injuriarás os Deuses", ordena o Deus de Moisés [3], pois foi

último, uns seis volumes cheios de ataques e calúnias contra todos os Espiritistas e Cabalistas eminentes. De 1848 a 1860 perseguiu sem descanso o velho Conde d'Ourches, um dos primeiros Ocultistas orientais da França; um homem cuja esfera de conhecimentos Ocultos nunca será apreciada com exatidão pelos que lhe sobreviveram, porquanto ocultava suas verdadeiras crenças sob a máscara do Espiritismo.

(2) Ver *Hibbert Lectures*, 1887, pp. 101-15.

(3) *Êxodo*, XXXII, 28.

Deus quem "os repartiu entre todas as nações" [4]; e aqueles que falam mal das "Dignidades" (Deuses) são os que "adormeceram e se contaminaram", segundo as palavras de São Judas.

"Porque até mesmo o Arcanjo Miguel... não ousou pronunciar juizo de maldição contra ele (o Diabo), mas disse: 'O Senhor te repreenda'." [5]

Finalmente, a mesma coisa vem repetida no *Talmud* [6]:

"Um dia Satã apareceu a um homem que tinha por costume maldizê-lo diariamente, e disse-lhe: 'Por que procedes assim? Repara que o *próprio Deus* não quis amaldiçoar-me, mas se limitou a dizer: 'O Senhor te repreende, Satã'." [7]

Este exemplo talmúdico mostra claramente: (*a*) que São Miguel é chamado "Deus" no *Talmud*, e algum outro o "Senhor"; e (*b*) que Satã é *um* Deus que o mesmo "Senhor" teme. Tudo o que lemos no *Zohar* e em *outras obras cabalísticas a respeito de Satã evidencia* que este "personagem" é simplesmente a personificação do Mal abstrato, que é a arma da Lei Kármica e do Karma. É a natureza humana e o próprio homem, pois se diz que "Satã está sempte junto e inextricavelmente entretecido no homem". Toda a questão está em saber se esse Poder se encontra latente ou ativo em nós.

É coisa sabida — ao menos pelos simbologistas eruditos — que em todas as grandes religiões da antiguidade o Logos Demiurgo — o Segundo Logos, ou a primeira emanação da Mente, Mahat — é o que dá, por assim dizer, a tônica do que se poderia chamar a correlação entre a Individualidade e a Personalidade, no esquema evolutivo subseqüente. No simbolismo místico da Cosmogonia, da Teogonia e da Antropogonia, aparece o Logos desempenhando dois papéis no drama da Criação e do Ser: o da Personalidade puramente humana e da Impersonalidade divina dos chamados Avatares ou encarnações divinas, e o do Espírito Universal, chamado Christos pelos Gnósticos, o Fravarshi (ou Ferouer) de Ahura-Mazda na filosofia masdeísta. Nos graus menos elevados da Teogonia, os Seres Celestiais das Hierarquias inferiores tinham cada qual um Fravarshi ou "Duplo" Celestial. É um novo enunciado, em termos ainda mais místicos, do mesmo axioma cabalístico "*Deus est Demon inversus*"; a palavra Demônio, porém, como no caso de Sócrates e no sentido que lhe era atribuído por toda a antiguidade, representava o Espírito Guardião, um "Anjo", e não um Diabo de origem satânica, como pretende a Teologia. A Igreja Católica Romana dá uma demonstração de sua lógica e bom senso habituais ao aceitar São Miguel como o *Ferouer* do Cristo. Este Ferouer era o seu "Anjo da

(4) *Deut.*, IV, 19.
(5) *Judas*, 8, 9.
(6) Veja-se *Ísis sem Véu*, II, pp. 487 e segs.
(7) Trat. *Kiddusheem*, p. 81; veja-se, porém, a *Qabbalah* de Myer, pp. 93, 94.

Guarda", como *está provado* por São Tomás [8], o que não o impediu de chamar aos protótipos e sinônimos de Miguel (tal como Mercúrio, por exemplo) *Demônios!*

A Igreja positivamente aceita a doutrina de que Cristo tem o seu Ferouer como qualquer outro Deus ou mortal. Escreve De Mirville:

"Aqui temos os dois heróis do Antigo Testamento, o *Verbum* [?] (ou *segundo Jehovah*) e sua *Face* ["Presença", na tradução dos Protestantes], não sendo os dois mais do que um e, não obstante, sendo dois, mistério que nos parecia insolúvel até que estudamos a doutrina dos *Ferouers* masdeístas e ficamos sabendo que o *Ferouer* era a potência espiritual, *imagem, face* e guardiã da Alma, a qual se assimila finalmente o *Ferouer*." [9]

Quase correto.

Entre outros absurdos, sustentam os Cabalistas que a palavra Metatron, quando dividida em *meta-thron* (μετὰ, θρόνον), significa *perto do trono* [10]. Mas significa justamente o contrário, pois *meta* quer dizer "além de" e não "perto de". Isto é de grande importância em nossa argumentação. São Miguel, o *quis ut Deus*, é portanto, e por assim dizer, o que traduz o mundo invisível para o visível e objetivo.

Além disso, afirmam, com a Igreja Católica Romana, que na Teologia bíblica e cristã não existe "uma personalidade celeste mais elevada, depois da Trindade, que o Arcanjo ou Serafim Miguel". Segundo eles, o vencedor do Dragão é o Arqui-sátrapa da Milícia Sagrada, o Guardião dos Planetas, o Rei das Estrelas, o Matador de Satã e o Regente Poderoso. Na astronomia mística desses cavalheiros, é ele o vencedor de Ahriman — que, havendo derrubado o Trono Sideral do usurpador, se banha em seu lugar nos Fogos Solares; e que, defensor do Cristo-Sol, se aproxima tanto de seu Senhor "que parece tornar-se um com ele" [11]. Devido a essa fusão com o Verbo (Verbum), os protestantes, e entre eles Calvino, concluíram por perder inteiramente de vista a dualidade e não mais viram Miguel, "mas tão somente o seu Senhor", escreve o Abade Caron. Os Católicos Romanos, e especialmente os seus cabalistas, estão mais bem informados; e explicam ao mundo essa dualidade, que lhes proporciona os meios de glorificar os eleitos da Igreja e de refugar, anatematizando-os, todos os Deuses que contrariem os seus dogmas.

E assim os mesmos títulos e os mesmos nomes são dados, alternativamente, a Deus e ao Arcanjo. Ambos são chamados Metatron, "a ambos se dá o nome de Jehovah quando falam *um ao outro*" (sic), por isso que, segundo o *Zohar*, o termo significa igualmente o "Senhor e o Embaixador".

(8) Marangone, em seu *Delle Grandezze del Archangelo Sancti Mikaele*, exclama: "Ó grandiosa Estrela, que segues o Sol que é Cristo!... Ó *imagem vivente da Divindade!* Ó grande taumaturgo do Antigo Testamento! Ó invisível Vigário de Cristo em sua Igreja!..." Esta obra é tida na maior estima pela Igreja Latina.

(9) *Des Esprits*, V, p. 516.

(10) *Ibid.*, p. 515.

(11) *Ibid.*, p. 514.

Ambos são o Anjo da Face, dizendo-se que, se por um lado o "Verbo" é chamado "a Face (ou a Presença) e a Imagem da Substância de Deus", por outro lado "Isaías (?), ao falar do *Salvador* aos israelitas, lhes disse" que "o Anjo de sua Presença os salvara em sua aflição" — "portanto ele era o seu Salvador" [12]. Em outra parte Miguel é chamado mui claramente o "Príncipe das Faces do Senhor", a "Glória do Senhor". Tanto Jehovah como Miguel são os "Guias de Israel [13]... Chefes dos Exércitos do Senhor, Juízes Supremos das Almas e até mesmo *Serafins*" [14].

Tudo o que acabamos de expor foi baseado na autoridade de várias obras de autores católicos romanos, devendo, portanto, ter a chancela ortodoxa. Algumas expressões foram traduzidas para mostrar o que os teólogos e casuístas sutis querem significar com o termo "Ferouer" [15], palavra tomada do *Zend Avesta* por alguns escritores franceses, como já dissemos, e utilizada no Catolicismo Romano com um objetivo que Zoroastro estava muito longe de imaginar. No Fargard XIX (versículo 14) do *Vendidad* lê-se:

"Invoca, ó Zaratustra! o meu Fravarshi, a mim, que sou Ahura Mazda, o maior, o melhor, o mais belo dos seres, o mais sólido, o mais inteligente... e cuja alma é o Verbo sagrado (Mâthra Spenta)." [16]

Os orientalistas franceses traduzem *Fravarshi* por *Ferouer*.

Pois bem: que é um Ferouer ou Fravarshi? Em algumas obras mas-defstas o texto indica que o Fravarshi é o Homem *interno*, imortal, ou o Ego que se reencarna; que existia anteriormente ao corpo físico e sobrevive a todos os corpos de que se reveste.

"Não só os homens são dotados de um Fravarshi, *mas também os Deuses*, o firmamento, o fogo, as águas e as plantas." [17]

Isso mostra, de maneira tão clara quanto possível, que o Ferouer é a "contrapartida espiritual" de todo Deus, animal, planta ou elemento, quer dizer, a parte refinada e *mais pura* da criação grosseira, a alma do corpo, seja o que seja este corpo. Eis por que Ahura Mazda recomenda a Zaratustra que invoque o seu Fravarshi e não a ele (Ahura Mazda); isto é, a Essência impessoal e *verdadeira* da Divindade, que é una com o próprio Atmâ (ou Christos) de Zoroastro, e não a aparência pessoal e *falsa*. Isso está perfeitamente claro.

Foi nesse protótipo divino e etéreo que se basearam os Católicos Romanos para elaborar uma suposta diferença entre Deus e seus Anjos, entre a

(12) *Isaías*, LXIII, 8, 9.
(13) Metator e ἡγεμών.
(14) *Des Esprits*, V, pp. 514-15. "La Face et le Représentant du Verbe".
(15) O que no *Vendidad* é chamado Fravashi a parte imortal de um indivíduo; o que sobrevive ao homem — o Ego Superior, dizem os Ocultistas, ou o Duplo Divino.
(16) Trad. de Darmesteter, *Sacred Books of the East*, vol. IV, p. 208.
(17) *Orm. Ahr.*, §§ 112, 113; citação de Darmesteter, *op. cit.*, vol. IV, introd., p. LXXIV.

Divindade e seus aspectos, ou os Deuses das religiões antigas. Assim, ao passo que qualificam de Demônios a Mercúrio, Vênus e Júpiter (seja como Deuses ou como Planetas), fazem do mesmo Mercúrio o Ferouer do seu Cristo. Este fato é incontestável. Vossius [18] prova que Miguel é o Mercúrio dos pagãos, e Maury e outros escritores franceses o confirmam, acrescentando que, segundo os grandes teólogos, *Mercúrio e o Sol são um só* (?); o que não é de admirar, dizem, porque Mercúrio, estando tão perto da Sabedoria e do Verbo (o Sol), deve ser absorvido e confundido com ele [19].

Esta opinião "pagã" foi aceita desde o primeiro século de nossa era, como é prova o original dos *Atos dos Apóstolos* (a tradução inglesa carece de valor). E tanto Miguel é o Mercúrio dos gregos e de outros povos que, quando os habitantes de Listra tomaram equivocadamente Paulo e Barnabé por Mercúrio e Júpiter e exclamaram: "Os Deuses desceram entre nós em forma de homens" [20], o texto acrescenta: "E chamaram a Barnabé, Júpiter (Zeus), e a Paulo, Mercúrio (Hermes), porque este era o *condutor do Verbo* (Logos)" [21] e não "o orador principal", como está na tradução incorreta da *Bíblia* inglesa autorizada e até em sua nova edição revista e corrigida. Miguel é o Anjo da visão de Daniel, o Filho de Deus, "que era semelhante ao Filho do Homem". É o Hermes-Christos dos Gnósticos, o Conselheiro de Osíris no Amenti, o Leontoid Miguel-Ofiomorfos (ὀφιομόρφος) dos Ofitas, que traz uma *cabeça* de leão em certas jóias gnósticas, como o seu pai Ildabaoth [22].

Tudo isso a Igreja Católica Romana admite tacitamente, e muitos dos seus escritores o confessam publicamente. Não podendo negar o "empréstimo" flagrante que a sua Igreja tomou, "apropriando-se" dos símbolos de seus maiores, da mesma forma que os judeus se haviam "apropriado" das jóias de prata e outro dos Egípcios, eles explicam o fato com a maior seriedade e desembaraço. Assim, os escritores, que até então se tinham revelado bastante *tímidos* para ver naquela repetição das idéias pagãs pelos dogmas cristãos *"um plágio legendário* perpetrado pelo homem", são gravemente advertidos de que, longe de admitirem uma explicação tão fácil para essas semelhança quase perfeita, devem atribuí-la a uma causa inteiramente diversa — "a um plágio *pré-histórico*, de origem *sobre-humana*".

Se o leitor deseja saber como tal coisa se passou, consulte o mesmo volume da obra de De Mirville [23]. Observe-se bem que este autor foi o *defensor oficial e autorizado* da Igreja Romana, e que teve a colaboração erudita de todos os Jesuítas. Lê-se ali o seguinte:

"Temos mencionado vários semideuses, e também heróis "realmente históricos" dos pagãos, que foram predestinados, desde o nascimento, a *remedar* e ao mesmo

(18) De *Idol.*, II, 373.
(19) Veja-se De Mirville, *ibid.*, tomo V, p. 515.
(20) *Ibid.*; vejam-se também as lâminas de *Gnostics and their Remains*, de King.
(21) *Atos*, XIV, 11.
(22) *Ibid.*, 12.
(23) Tomo V.

tempo desonrar a natividade do herói *que era precisamente Deus* e ante o qual toda a Terra havia de inclinar-se; vimos que, como *ele*, nasceram de mãe imaculada; estrangularam serpentes em seus berços; lutaram contra demônios; realizaram milagres; sucumbiram como mártires; desceram ao mundo inferior e ressuscitaram de entre os mortos. E temos deplorado amargamente que alguns cristãos demasiado tímidos se sentissem obrigados a explicar todas essas semelhanças como coincidências dos mitos e dos símbolos. Esqueceram, ao que parece, as palavras do Salvador: "*Todos os que vieram antes de mim foram ladrões e malfeitores*" — palavras que tudo explicam sem necessidade de nenhuma negação absurda, e às quais fiz o seguinte comentário: o Evangelho é um drama sublime, *parodiado e representado antes do seu tempo por embusteiros.*"

Os "embusteiros" são, naturalmente, Demônios sob a direção de Satã. Eis aí, certamente, a maneira mais fácil, e ao mesmo tempo a mais simples e edificante, de evadir uma dificuldade! O Rev. Dr. Lundy (um De Mirville e protestante) adotou essa feliz sugestão em sua *Monumental Christianity*, e o Dr. Sepp, de Munich, seguiu-lhe os passos nas obras que escreveu para provar a divindade de Jesus e a origem satânica de todos os outros Salvadores. O que é de lastimar é que um plágio sistemático e coletivo, que se manteve em escala tão gigantesca durante vários séculos, venha a ser explicado por outro plágio, desta vez no quarto Evangelho. Porque a frase que nele se menciona: "Todos os que vieram antes de mim", etc., é a reprodução textual da que se vê no *Livro de Enoch*. No prefácio à tradução, feita pelo Arcebispo Laurence, de um manuscrito etíope da Biblioteca Bodleyan (Oxford), o editor, que foi também autor de *Evolution of Christianity*, observa:

"Ao corrigir as provas do *Livro de Enoch*, causou-nos ainda a maior impressão sua semelhança com o Novo Testamento. Assim, a parábola da ovelha, salva pelo Bom Pastor dos guardas mercenários e dos lobos ferozes, *se vê claramente que foi tomada* pelo quarto Evangelista do cap. LXXXIX do *Livro de Enoch*, em que o autor descreve os pastores matando e destruindo o rebanho antes da vinda do seu Senhor, e revela assim o verdadeiro significado desta passagem, até então misteriosa, da parábola de João: "Todos os que vieram antes de mim são ladrões e malfeitores" — frase em que vemos agora uma clara referência aos pastores alegóricos de Enoch." [24]

Já agora é demasiado tarde para se pretender que foi Enoch quem copiou do *Novo Testamento*, e não este daquele. Judas (14, 15) reproduz, palavra por palavra, um longo trecho de Enoch a respeito da vinda do Senhor com seus dez mil santos, e ao nomear o profeta *reconhece* expressamente a origem.

"Ao... completar o paralelismo entre o profeta e o apóstolo, deixamos assente, fora de qualquer dúvida, que o Livro de Enoch era, *aos olhos do autor de uma Epístola aceita como revelação divina, a inspirada produção de um patriarca antediluviano*...

A dupla coincidência de linguagem e idéias em Enoch e nos autores do Novo Testamento... indica claramente que a obra do Milton semítico era a fonte inesgotável em que os Evangelistas e os Apóstolos, ou os que escreveram sob os seus nomes, foram buscar os seus conceitos de ressurreição, juízo, imortalidade, perdição e reino universal da justiça, sob o domínio eterno do Filho do Homem. O *plágio evangélico* chega ao ponto culminante no *Apocalipse* de São João, que adapta ao Cristianismo

(24) The Book of Enoch the Prophet, p. XVLIII, Edição de 1883.

as visões de Enoch, com modificações em que não se nota a sublime simplicidade do grande mestre das predições apocalípticas, que profetizou sob o nome do patriarca antediluviano." [25]

"Antediluviano", realmente; mas, se o texto data apenas de alguns séculos, ou mesmo de alguns milênios antes de nossa era histórica, então já não é a *predição* original de sucessos futuros, e sim a cópia, por sua vez, de uma parte de escrituras de uma religião pré-histórica.

"Durante a idade Krita, Vishnu, sob a forma de Kapila e de outros [instrutores inspirados]... ensina... a verdadeira sabedoria (como o fez Enoch). Na idade Tretâ, ele reprime os maus, sob a forma de um monarca universal [Chakravartin, o "Rei Eterno" de Enoch] [26], e protege os três mundos [ou Raças]. Na idade Dvâpara, na pessoa de Vedavyâsa, divide o Veda em quatro e o distribui por centenas de ramos." [27]

Exato. O Veda dos primeiros arianos, antes de ser escrito, foi transmitido a todas as nações dos lêmuro-atlantes, semeando os primeiros germes de todas as religiões antigas que existem ainda hoje. Os ramos da Árvore de Sabedoria, que jamais pereceu, esparziram suas folhas mortas até mesmo sobre o Judeu-Cristianismo. E no fim da idade Kali, a nossa idade atual, Vishnu, ou o "Rei Eterno", aparecerá como Kalki para restabelecer a justiça sobre a Terra. As mentes dos que então viverem serão despertadas, adquirindo a transparência do cristal.

"Os homens que assim se transformarão, com o advento daquela era especial [Sexta Raça], *serão como que as sementes* de outros seres humanos, e darão nascimento a uma raça que seguirá as leis da idade Krita da pureza";

ou seja, à Sétima Raça, a Raça dos "Buddhas", dos "Filhos de Deus", nascidos de pais *imaculados*.

B

OS DEUSES DE LUZ PROCEDEM DOS DEUSES DE TREVAS

Isso posto, fica suficientemente demonstrado que Cristo, o Logos, ou o Deus no Espaço e o Salvador na Terra, é tão somente um dos ecos daquela mesma Sabedoria antediluviana tão mal compreendida. Sua história principia com a descida, na Terra, dos "Deuses" que se encarnaram na humanidade — e isto representa a "Queda". Quer se trate de Brahmâ, precipitado na Terra por Bhagavân na alegoria, ou de Júpiter por Cronos, são todos símbolos das raças humanas. A partir do instante em que tocaram este planeta de matéria densa, as níveas asas do Anjo, ainda que o mais

(25) Op. cit., pp. XXXIV, XXXV.

(26) Diz Uriel no *Livro de Enoch* (XXVI, 3): "Os que foram perdoados bendirão para sempre a Deus... o *Rei Eterno*", que reinará sobre eles.

(27) *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, III, 31.

elevado, não mais podem continuar imaculadas, nem ser perfeito o Avatar (ou encarnação); pois cada um desses Avatares é a queda de um Deus na geração. Em parte alguma está mais clara a verdade metafísica quando explicada esotericamente, nem mais oculta à compreensão geral daqueles que, em vez de apreciar a sublimidade da idéia, só sabem degradá-la, do que nos *Upanishads*, glossários esotéricos dos *Vedas*. O *Rig-Veda*, como o caracterizou Guignault, é "a concepção mais sublime dos grandes roteiros da humanidade". Os Vedas são e serão sempre, no esoterismo da *Vedanta* e dos *Upanishads*, "o espelho da Sabedoria Eterna".

Desde há mais de dezesseis séculos, as novas máscaras afiveladas à força nas feições dos Deuses antigos os têm ocultado à curiosidade pública; finalmente, porém, chegou-se à evidência de que não passavam de um disfarce contraproducente. Entretanto, a QUEDA metafórica, assim como a Expiação e a Crucificação, igualmente metafóricas, têm conduzido a Humanidade Ocidental por caminhos em que o sangue lhe vai até os joelhos. E o pior de tudo é que a induziram a crer no dogma de um Espírito Maligno distinto do Espírito do Bem, sendo que o primeiro vive em tudo o que é Matéria e particularmente no homem. Por último, inventaram o dogma blasfemo do Inferno e das penas eternas; como resultado, uma espessa nuvem se interpôs entre as intuições superiores do homem e as verdades divinas, e — de todos, o mais pernicioso efeito — ficou o povo ignorando que não havia nem demônios nem seres malignos tenebrosos no Universo, antes que o homem aparecesse na Terra e provavelmente em outros orbes. Essa a razão que levou o povo a aceitar a idéia do pecado original, à guisa de consolo problemático para os males deste mundo.

A filosofia desta lei da Natureza, que implanta no homem, assim como em todos os animais, um desejo apaixonado, inerente e instintivo, de liberdade e livre arbítrio, pertence à alçada da Psicologia, e não pode ser agora examinada; porque, para demonstrar a existência de tal sentimento nas Inteligências superiores, para analisá-lo e apresentar uma razão natural da mesma existência, haveria mister de intermináveis explicações filosóficas, para as quais nos falta aqui espaço. Talvez que a melhor síntese desse sentimento se encontre em poucas linhas do *Paraíso Perdido* de Milton. Diz o "Anjo Caído":

> Aqui podemos reinar seguros;
> E, segundo o meu entendimento,
> O reinar justifica a ambição,
> Inda que seja no próprio inferno!
> É preferível reinar no inferno
> Que servir como escravos no céu!

É melhor ser homem — coroamento da produção terrestre e rei do seu *opus operatum* — que confundir-se no Céu entre as Legiões Espirituais sem vontade.

Dissemos alhures que o dogma da primeira Queda tinha por fundamento alguns versículos do *Apocalipse*, versículos que, como demonstrado

agora em pesquisas de eruditos, são um plágio de Enoch. Deram elas origem a teorias e especulações sem-fim, as quais foram pouco a pouco adquirindo a importância de dogma e de tradição inspirada. Todas procuraram explicar o versículo que se refere ao dragão de sete cabeças, com seus dez cornos e sete coroas, e cuja cauda "levava após si um terço das estrelas do céu e as precipitou sobre a terra", e cujo lugar, assim como o de seus anjos, "não mais se achava no céu". O que significam as sete cabeças do Dragão (ou Ciclo) e os seus *cinco* reis maus pode ver-se no Apêndice com que termina a Parte III deste volume.

Desde Newton a Bossuet, estão os cérebros cristãos desenvolvendo continuamente especulações acerca desses obscuros versículos. Diz Bossuet:

> "A estrela que cai é o heresiarca Teodósio... As nuvens de fumo são as heresias dos Montanistas... O terço das estrelas representa os mártires, e especialmente os doutores em teologia."

Bossuet, no entanto, devia saber que os sucessos descritos no *Apocalipse* não eram originais, podendo ser encontrados, conforme vimos, em outras tradições pagãs. Durante os tempos Védicos não havia Escolásticos nem Montanistas, nem os havia tampouco na China em época muito anterior. Mas era necessário que a *Teologia* cristã fosse *protegida* e *salva*.

É natural. Mas por que sacrificar a verdade, a fim de pôr as lucubrações dos teólogos cristãos a recato da destruição?

O *"princeps aëris hujus"*, o "Príncipe do Ar" de São Paulo, não é o Demônio, mas os efeitos da Luz Astral, como bem o explica Eliphas Lévi. O Demônio não é o "Deus *desta época*", conforme ele diz, mas a Divindade de todas as idades e épocas desde que o homem apareceu sobre a Terra e a Matéria, em seus estados e formas inumeráveis, teve que lutar por sua efêmera existência contra outras forças dissolventes da Natureza.

O "Dragão" é simplesmente o símbolo do Ciclo e dos "Filhos da Eternidade do Manvantara", que haviam descido sobre a Terra em certa época de seu período de formação. As "nuvens de fumo" são os fenômenos geológicos. A "terça parte das estrelas do Céu", precipitadas sobre a Terra, refere-se às Mônadas Divinas — os Espíritos das Estrelas, em Astrologia — que circulam pelo nosso Globo, isto é, aos Egos *humanos* destinados a cumprir todo o Ciclo de Encarnações. A expressão *"qui circumambulat terram"* [28], porém, é ainda considerada pela Teologia como dizendo respeito ao Demônio, o mítico Pai do Mal, que "teria caído como um raio". Esta infeliz interpretação não atentou em que o "Filho do Homem", ou "Cristo", terá que descer também à Terra, segundo o testemunho pessoal de Jesus, "como o relâmpago que vem do oriente" [29], exatamente da mesma forma e sob o mesmo símbolo que Satã, que foi visto, "como o raio, cair do Céu" [30]. A origem de todas estas metáforas e figuras

(28) I *Pedro*, V, 8.
(29) *Mateus*, XXIV, 27.
(30) *Lucas*, X, 18.

de retórica, eminentemente orientais em seu caráter, devemos ir buscá-la no Oriente. Em todas as cosmogonias antigas, a *Luz* vem das *Trevas*. No Egito, como em outras partes, as *Trevas* eram "o princípio de todas as coisas". Assim, Pimandro, o "Pensamento Divino", surge como Luz do fundo das Trevas. Behemoth [31] é o princípio das Trevas, ou Satã, na Teologia Católica Romana, e no entanto Job diz que "Behemoth é o principal (princípio) dos caminhos de Deus", "*Principium viarum Domini Behemoth*"! [32].

A coerência de idéias não parece ser uma virtude favorita em nenhuma das partes da chamada Revelação Divina, pelo menos tal como a interpretam os teólogos.

Os Egípcios e os Caldeus afirmavam que a origem de suas dinastias divinas remontava àquela época em que a Terra criadora passava pelas dores finais para dar à luz suas cordilheiras pré-históricas, que vieram depois a desaparecer, bem como seus mares e continentes. Sua superfície estava envolta em "profundas Trevas, e naquele Caos (Secundário) se continha o princípio de todas as coisas" que mais tarde se desenvolveram no Globo. Os nossos geólogos confirmam hoje que semelhante conflagração terrestre se produziu nos períodos geológicos primitivos, há cerca de várias centenas de milhões de anos [33]. Quanto à tradição em si, todos os povos e nações a possuíam, cada qual sob a forma nacional que lhe era peculiar.

Não era somente a Grécia, a Escandinávia, o Egito e o México que tinham os seus Píton, Loki, Tífon e Demônio "caído"; mas também a China. Os filhos do Celeste Império possuem toda uma literatura sobre o mesmo assunto. Conta-se que, em conseqüência da rebelião promovida contra Ti por um Espírito orgulhoso que se fazia passar pelo próprio Ti, foram exilados para a Terra sete Coros de Espíritos Celestes, o que "*ocasionou uma transformação em toda a Natureza*, fazendo o Céu *inclinar-se* para unir-se à Terra".

Lê-se no *Y-King*:

"O Dragão voador, soberbo e rebelde, sofre agora, e é punido por seu orgulho; pensou que reinava no Céu, e só reina na Terra."

E o *Tchoon-Tsieoo* (ou *Chuan-Hsueh-pien*, uma obra sobre educação) diz alegoricamente:

"Uma noite, as estrelas deixaram de brilhar na escuridão e daí desertaram, caindo como chuva sobre a Terra, *onde agora se acham ocultas*."

(31) A Bíblia protestante define *inocentemente* Behemoth como: "o *elefante*, conforme pensam alguns"; veja-se a nota (*Job*, XL, 15) na Versão Autorizada.

(32) *Job*, XL, 19.

(33) Contudo, nada sabe a Astronomia acerca das estrelas que *desapareceram*, exceto que simplesmente deixaram de ser visíveis; nunca, porém, que houvessem deixado de existir. As estrelas temporárias não passam de estrelas *variáveis*, e acredita-se que até as novas estrelas de Kepler e de Tycho-Brahe podem ainda ser vistas.

Essas estrelas são as Mônadas.

As cosmogonias chinesas têm os seus "Senhores da Chama" e a sua "Virgem Celestial", com pequenos "Espíritos que a ajudam e servem; assim como Espíritos grandes para combater os inimigos de outros Deuses". Tudo isto, porém, não prova que as citadas alegorias sejam *pressentimentos* ou escritos *proféticos* relacionados com a Teologia Cristã.

A melhor prova, que se pode oferecer aos teólogos cristãos, de que as declarações esotéricas da *Bíblia*, nos dois Testamentos, são a afirmação da mesma idéia contida em nossos Ensinamentos Arcaicos — a saber, que a "Queda dos Anjos" era simplesmente uma alusão à Encarnação dos Anjos "que haviam transposto os Sete Círculos" — encontra-se no *Zohar*. Ora, a *Kabalah* de Simeão Ben Iochai é a alma e essência da narração alegórica, assim como a *Cabala Cristã* posterior é o *Pentateuco* Mosaico "obscuramente vestido". Diz ela (nos manuscritos de Agrippa):

"A Sabedoria da Cabala se apoia na Ciência do Equilíbrio e da Harmonia.
As forças que se manifestam sem o prévio equilíbrio perecem no Espaço ["equilíbrio" quer dizer diferenciação].

Assim pereceram os primeiros Reis [as Dinastias Divinas] do Mundo Antigo, os *autogerados* Príncipes dos Gigantes. Caíram como árvores sem raízes e desapareceram, porque *eram a Sombra da Sombra* [isto é, o Chhâwâ nos nebulosos Pitris] [34].

Mas os que vieram depois, projetando-se do alto como estrelas cadentes, foram encerrados nas Sombras, continuam até hoje [os Dhyanis, que, encarnando-se nessas Sombras vazias, inauguram a era da humanidade]."

Todas as proposições das antigas cosmogonias revelam, àqueles que sabem ler entre linhas, a identidade de idéias, ainda que sob formas diversas.

A primeira lição da Filosofia Esotérica é que a Causa Incognoscível não envolve, nem consciente nem inconscientemente, limitando-se a exibir periodicamente *aspectos* diferentes de Si mesma para a percepção das mentes finitas. Ora, a Mente Coletiva — a Mente Universal —, composta de inumeráveis e variadas Legiões de Poderes Criadores, por mais infinita que seja no Tempo Manifestado, é, não obstante, finita quando se compara com o Espaço Não-Nascido e Inalterável em seu aspecto essencial supremo. O que é finito não pode ser perfeito, e, por conseguinte, entre essas Legiões há Seres inferiores; mas nunca houve Demônios nem "Anjos desobedientes", pela simples razão de que todos são regidos pela Lei. Os Asuras (dêem-lhes o nome que se quiser), ao se encarnarem, obedeceram a uma lei tão implacável como as outras. Eles se haviam manifestado antes dos Pitris, e, como o Tempo (no Espaço) procede por Ciclos, a sua vez era chegada; daí as numerosas alegorias. O nome de "Asura" foi primeiro aplicado pelos Brâmanes indistintamente àqueles que se opunham aos seus sacrifícios e rituais inúteis, como o fez o grande Asura chamado Asurendra. A essa época, provavelmente, deve remontar a origem da idéia do Demônio como opositor e adversário.

(34) É uma referência aos "Reis de Edom".

Os Elohim hebreus, a que se deu o nome de Deus nas traduções, os que criaram a "Luz", são idênticos aos Asuras arianos. São também chamados "os Filhos das Trevas", como contraste filosófico e lógico com a Luz Imutável e Eterna. Os primeiros zoroastrianos não acreditavam que o Mal ou as Trevas fossem *co-eternos* com o Bem ou a Luz, e davam a mesma interpretação. Ahriman é a *Sombra* manifestada de Ahura-Mazda (Asura Mazda), nascido por sua vez de Zeruâna Akerne, o "(Círculo do) Tempo Infinito", ou a Causa Desconhecida. Sobre esta última, dizem eles:

"Sua glória é demasiado exaltada, sua luz demasiado resplendente para que a perceba o intelecto humano ou a veja o olho mortal."

Sua emanação primordial *é a Luz Eterna, a qual, tendo estado primeiramente oculta nas Trevas, foi chamada à manifestação; e deste modo se formou Ormazd, o "Rei da Vida"*. É o "Primogênito" no Espaço infinito; mas, tal como o seu antítipo (a idéia espiritual preexistente), *viveu nas Trevas desde toda a Eternidade*.

Os seis Amshaspends — sete contando com ele, o chefe de todos —, os *Anjos e Homens espirituais primitivos*, representam *coletivamente* o seu Logos. Os Amshaspends de Zoroastro criam também o mundo em seis dias ou períodos, e descansam no sétimo; mas na Filosofia Esotérica este *sétimo* é o primeiro período ou "Dia", a chamada *Criação Primária* na cosmogonia ariana. Este Æon intermédio constitui o Prólogo da Criação, que se acha nas fronteiras entre a Eterna Causação incriada e os efeitos finitos produzidos; um estado de atividade e energia *nascentes*, como primeiro aspecto do repouso imutável e eterno. No *Gênesis*, em que não foi despendida nenhuma energia metafísica, mas apenas uma agudeza e engenho extraordinários para velar a Verdade Esotérica, a Criação principia na terceira fase da manifestação. "Deus", ou os Elohim, são os "Sete Regentes" do *Pimandro*[35]. São eles idênticos a todos os outros Criadores.

No *Gênesis*, contudo, esse período está indicado na rudeza do quadro e nas "Trevas" que cobriam a face do Abismo. Ali se vê os Elohim "criarem", isto é, construírem ou edificarem os dois Céus ou o "duplo Céu" (não o Céu e a Terra); o que significa que eles separaram o Céu superior (Angélico) manifestado, ou plano de consciência, do plano terrestre inferior; os (para nós) Eternos e Imutáveis Æons, dos Períodos que existem no espaço, no tempo e na duração: o Céu da Terra, o Desconhecido do Conhecido, para o profano. Tal é o sentido daquelas palavras do *Pimandro*, a saber:

"O Pensamento *divino*, que é a Luz e a Vida [Zeruâna Akerne], produziu, por meio do seu Verbo ou primeiro aspecto, o outro Pensamento *operador*, o qual, sendo o Deus do Espírito e do Fogo, construiu Sete Regentes, que encerraram em seu Círculo o Mundo dos Sentidos, chamado "Destino Fatal".

Este último é o Karma; os "Sete Círculos" são os sete planetas ou planos, como também os sete Espíritos Invisíveis, nas Esferas Angélicas,

(35) De Hermes Trismegisto.

cujos símbolos visíveis são os sete planetas [36], os sete Rishis da Ursa Maior e outros signos. Conforme disse Rath, falando dos Adytias:

"Não são nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, nem a aurora, mas os eternos sustentáculos da vida luminosa, que existem, por assim dizer, atrás de todos os fenômenos."

São elas — as "Sete Legiões" — que, tendo "considerado com o seu Pai (o Pensamento Divino) o plano do operador", segundo a expressão do *Pimandro, desejaram* operar do mesmo modo (ou construir o mundo com todas as suas criaturas); pois, havendo nascido "*dentro* da Esfera de Operações" — o Universo Manifestado —, tal é a Lei Manvantárica. E agora vem a segunda parte da passagem, ou melhor, de duas passagens convertidas em uma para ocultar o sentido completo. Os que nasceram dentro da Esfera de Operações eram "os irmãos que *o* amavam muito". Este — ou seja, *o* que era amado — eram os Anjos Primordiais; os Asuras, os Ahrimans, os Elohim ou "Filhos de Deus", um dos quais era Satã — todos estes Seres Espirituais eram chamados os "Anjos das Trevas", porque as Trevas são a Luz *absoluta*, fato a que hoje a Teologia está bastante desatenta, senão que o esqueceu completamente. No entanto, a espiritualidade desses tão maltratados "Filhos da Luz", Luz que são as Trevas, evidentemente deve ser tão grande, em comparação com a dos Anjos da ordem seguinte, como o etéreo destes últimos comparado com a densidade do corpo humano. Aqueles são os "Primogênitos", e portanto se acham tão perto das lindes do Espírito Puro em Repouso, que são simplesmente as "privações" (no sentido aristotélico), os Ferouers ou tipos ideais dos que vieram depois. Eles não podiam criar coisas *corporais*, materiais; e foi por isso que, com o andar dos tempos, se disse que se haviam *recusado* a criar, conforme "lhes ordenara Deus"; numa palavra, que se haviam *rebelado*.

Isso talvez encontre justificativa naquele princípio da teoria *científica* que nos ensina o efeito produzido por duas ondas sonoras de igual longitude ao se encontrarem:

"Se os dois sons têm a mesma intensidade, a sua coincidência produz um som quatro vezes mais forte que um deles, ao passo que o choque entre ambos produz o *silêncio absoluto*."

Ao explicar algumas das "heresias" de seu tempo, Justino, o Mártir, demonstra a identidade de todas as religiões do mundo em seus pontos de origem. No *começo* temos invariavelmente a Divindade *Desconhecida* e *Passiva*, da qual emana certo Poder Ativo ou Virtude, o MISTÉRIO que às vezes é chamado SABEDORIA, às vezes o Filho, muitas outras Deus, Anjo, Senhor e Logos [37]. Este último termo se aplica alguma vezes à pri-

(36) Outra prova, se ainda necessária, de que os antigos Iniciados conheciam mais de *sete* planetas, se encontra no *Vishnu Purâna* (II, XII), onde, ao descrever os carros de Dhruva (a Estrela Polar), Parashâra fala dos "carros dos *nove* planetas" que estão unidos por cordas aéreas.

(37) Justino, *Cum Tryphone*, p. 284.

meira Emanação; mas em diversos sistemas o Logos procede do primeiro Raio Andrógino ou Dual, produzido no princípio pelo Invisível. Filon descreve esta Sabedoria como macho e fêmea; mas, embora sua primeira manifestação tivesse um começo — visto que procedeu de *Oulom* [38] (Aion, o Tempo), o Æon mais elevado quando surgiu do Pai — havía permanecido com o Pai *antes de toda criação*, pois era uma parte dele mesmo [39]. Por isso Filon, o Judeu, dá a Adão Kadmon o nome de "Mente"; a Ennoia de Bythos no sistema gnóstico. "Que a Mente seja chamada Adão" [40].

Segundo ensinam os antigos livros de Magia, tudo se esclarece. Uma coisa só pode existir por meio de seu contrário, diz Hegel; e só é preciso um pouco de filosofia e espiritualidade para compreender-se a origem do último dogma, tão verdadeiramente satânico e infernal em sua fria e requintada maldade. Eis como os Magos explicavam a Origem do Mal em seus ensinamentos exotéricos: "A Luz só pode produzir a Luz, e nunca pode ser a origem do Mal"; como, então, teria surgido o Mal, se em sua produção nada *havia* de igual ou semelhante à Luz? A Luz, *diziam* eles, produziu vários Seres, todos espirituais, resplandecentes e poderosos; mas um Grande Ser (o "Grande Asura", Ahriman, Lúcifer, etc.) teve um *mau pensamento*, contrário à Luz. Duvidou, e por esta dúvida se converteu em sombra.

Isto se aproxima um pouco da verdade, mas se encontra ainda longe dela. *Não* foi um *mau* pensamento que deu origem ao Poder contrário, senão, e simplesmente, o Pensamento *per se*; algo que, sendo reflexivo e contendo um desígnio e um objetivo, é conseqüentemente finito e tem, naturalmente, que estar em oposição ao Repouso puro, que é o estado natural da Espiritualidade e Perfeição absolutas. Foi simplesmente a Lei da Evolução que se afirmou; o progresso do Desenvolvimento Mental, diferenciado do Espírito, já envolvido e impregnado pela Matéria, para a qual é atraído de modo irresistível. As idéias, por sua própria natureza e essência, como conceitos que têm relações com os objetos, verdadeiros ou imaginários, são opostas ao Pensamento Absoluto, esse Todo Incognoscível, de cujas misteriosas operações afirma Spencer que nada se pode dizer, senão "que não tem nenhum parentesco de natureza com a Evolução" [41]; e certamente que não o tem [42].

O *Zohar* contém uma exposição muito sugestiva a esse respeito. Quando o "Santo Ser" (o Logos) desejou criar o homem, chamou os Anjos da Legião *mais elevada* e lhes disse o que queria; eles, porém, *duvidaram* da sabedoria deste desejo e responderam: "O Homem não terá a duração de

(38) Divisão indicativa de tempo.

(39) Sanchoniathon chama ao Tempo o mais velho dos Æons; Protógonos, o "Primogênito".

(40) Filon, o Judeu, *Cain and his Birth*, p. XVII.

(41) *Principles of Psychology*, vol. II, p. 474.

(42) Nada descreve melhor o espírito de negação paradoxal dos nossos dias, pois, enquanto que a hipótese da evolução obteve direito de cidadania na Ciência, tal como a expõem Darwin e Hæckel, a Eternidade do Universo e a Preexistência de uma Consciência Universal são ambas refugadas pelos psicólogos modernos. "Se os idealistas tivessem razão, a doutrina da evolução seria um sonho", diz Herbert Spencer.

uma só noite em sua glória" — pelo que foram queimados (aniquilados?) pelo "Santo" Senhor. Então ele chamou os Anjos de outra Legião menos elevada, e lhes disse a mesma coisa. Estes contraditaram o "Santo Ser", argüindo: "Que há de bom no Homem?" Apesar disso, Elohim criou o Homem, e quando o Homem *pecou* vieram as legiões de Uzza e Azael, e exprobraram Deus: "Eis aqui", disseram, "o Filho do Homem que fizeste; vê como ele pecou!" Então o Santo Ser replicou: "Se houvésseis estado entre eles (os Homens), teríeis sido piores do que eles". E os arrojou do alto de sua posição no Céu sobre a Terra; e "foram transformados (em Homens) e pecaram com as mulheres da Terra[43]". Tudo está perfeitamente claro. O *Gênesis* (VI) não faz nenhuma referência a esses "Filhos de Deus" que são *castigados*. A única alusão que há na *Bíblia* a tal respeito se encontra em *Judas*:

"E aos anjos que não guardaram a sua primeira posição, mas deixaram a sua própria habitação, ele os reteve em *prisões eternas* no meio das *trevas* até o juízo do grande dia."[44]

Isto simplesmente quer dizer que os "Anjos" condenados à encarnação ficam nas *prisões* da carne e da matéria, em meio às *trevas* da ignorância, até o "*Grande Dia*", que virá, como sempre, após a Sétima Ronda, finda a "Semana" do Sétimo Sabbath, ou no Nirvana Pós-Manvantárico.

Só nas traduções originais e positivas para o Latim e o Grego é que se pode ver quanto o *Pimandro*, o Pensamento Divino de Hermes, é verdadeiramente esotérico e se afina com a Doutrina Secreta. Por outra parte, pode-se ver também quanto veio mais tarde a ser desfigurado pelos cristãos na Europa, lendo-se as observações e *confissões* inconscientes feitas por De Saint-Marc em sua Carta e Prefácio ao Bispo de Ayre em 1578. Ali se expõe todo o ciclo das transformações de um tratado panteísta e egípcio em um tratado místico católico romano; e podemos observar como se converteu o *Pimandro* no que hoje é. Apesar de tudo, mesmo na tradução de Saint-Marc se encontram vestígios do verdadeiro Pimandro, o "Pensamento" ou "Mente Universal". Eis aqui a tradução da antiga versão francesa, cujo original transcrevemos em nota infra, no seu curioso francês arcaico[45]:

"Sete homens |princípios| foram gerados no Homem... A natureza da harmonia dos Sete do Pai e do Espírito. A Natureza... produziu sete homens consoante a natureza dos Sete Espíritos... que tinham em si, potencialmente, os dois sexos."

(43) *Zohar*, 9*b*.
(44) Versículo 6.
(45) Hermes Trismegisto, *Pimandro*, cap. I, seção 16: "Oh, ma pensée, que s'ensuit-il? car je desire grandement ce propos. Pimandre dict, ceci est un mystère celé, jusques à ce jour d'hui. Car nature, soi mestant avec l'hôme, a produit le miracle très merveilleux, aiant celluy qui ie t'ay dict, la nature de l'harmonie des sept du père et de l'esprit. *Nature ne s'arresta pas lá*, mais incontinent a produict *sept hômes, selon les natures des sept gouverneurs* en puissance des deux sexes et esleuez... La génération de ces *sept* s'est donnée en cette manière..."
E depois há uma lacuna na tradução, que pode ser em parte preenchida recorrendo-se ao texto latino em Apulcio. O Bispo, comentando, diz: "A Natureza produziu nele (o homem) sete homens" (sete princípios).

Metafisicamente, o Pai e o Filho são a "Mente Universal" e o "Universo Periódico"; o "Anjo" e o "Homem". É o FILHO e o PAI ao mesmo tempo; no *Pimandro*, é a *IDÉIA ativa* e o PENSAMENTO passivo que a gera; a tônica radical da Natureza que dá nascimento às sete notas — a escala setenária das Forças Criadoras — e aos sete *aspectos* prismáticos da cor, nascidos todos do Único Raio Branco — ou LUZ, gerada nas TREVAS.

C

AS MUITAS SIGNIFICAÇÕES DA "GUERRA NO CÉU"

A Doutrina Secreta assinala, como fato evidente, que a Humanidade, coletiva e individualmente, constitui, com toda a Natureza manifestada, o veículo (a) do Sopro do Princípio Universal Único em sua diferenciação primária; e (b) dos "sopros" inumeráveis procedentes daquele Sopro Único em suas diferenciações secundárias e sucessivas, à medida que a Natureza, com suas muitas "Humanidades", segue descendo para os planos de materialidade sempre crescente. O Sopro Primário anima as Hierarquias Superiores; o secundário anima as inferiores, nos planos sempre descendentes.

Ora, existem na *Bíblia* muitas passagens que provam, à simples leitura, *exotericamente*, que semelhante crença foi *universal* em tempos idos; e as duas mais convincentes estão em *Ezequiel*, XXVIII, e em *Isaías*, XIV. Os teólogos cristãos podem, se assim lhes aprouver, interpretar uma e outra como referentes à Grande Guerra que precedeu a Criação, à Epopéia da Rebelião de Satã, etc.; mas o absurdo da idéia é por demais evidente. Ezequiel dirige suas lamentações e censuras ao Rei de Tiro; Isaías, ao Rei Achaz, que se dedicava ao culto dos ídolos, como todo o resto da nação, exceto alguns Iniciados (os chamados Profetas), que se esforçavam por detê-la em sua marcha para o exoterismo (ou a idolatria, o que vem a dar no mesmo). Que o leitor faça o seu julgamento.

Lê-se em *Ezequiel*:

"Filho do Homem, dize ao príncipe de Tiro: Assim disse o Senhor Deus [em nossa interpretação o "Deus" Karma]: Portanto se elevou o teu coração e tu disseste. Eu sou um Deus... sendo tu um homem... E eis que eu farei vir contra ti estrangeiros... os quais desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria... e te farão descer à cova [ou à vida terrestre]..." [46]

A origem do "príncipe de Tiro" podemos encontrá-la nas "Dinastias Divinas" dos Atlantes ímpios, os Grandes Feiticeiros. Não há metáfora alguma nas palavras de Ezequiel, mas, desta vez, *História* verdadeira. Porque a voz que se ouvia *no* profeta, a voz do "Senhor", o seu próprio Espírito que nele falou, dizia:

(46) XXVIII, 2-8.

"Porque... tu disseste: Eu sou um Deus, e estou sentado na cadeira de Deus [47] [as Dinastias Divinas], no meio dos mares, sendo tu um homem... Eis que és mais sábio que Daniel; não há segredo que se possa esconder de ti: com tua sabedoria... aumentaste a tua riqueza, e o teu coração está exaltado por causa de tuas riquezas. Por isso, eis que... estrangeiros desembainharão as suas espadas contra a formosura da tua sabedoria... e te farão descer... e morrerás da morte dos traspassados no meio dos mares." [48]

Todas estas imprecações não são *profecias*, mas simples *reminiscências* do destino dos atlantes, os "Gigantes da Terra".

Qual seria o sentido da última frase, se não fosse um relato do destino dos atlantes? Demais, a expressão "Teu coração está exaltado por causa de tua formosura" [49] pode referir-se ao "Homem Celeste" do *Pimandro*, ou aos Anjos Caídos, que foram acusados de haver caído por causa do orgulho provocado pela grande formosura e sabedoria de que eram dotados. Aqui não há nenhuma metáfora; salvo, talvez, nas idéias pré-concebidas dos nossos teólogos. Estes versículos se referem ao passado, e pertencem mais ao conhecimento adquirido nos Mistérios da Iniciação que à clarividência retrospectiva! A voz continua dizendo:

"Tu estiveste no Éden, jardim de Deus [no Satya Yuga]; todas as pedras preciosas eram a tua cobertura... a obra dos teus tambores e dos teus pífaros foi preparada no dia em que foste criado. Tu és o querubim ungido...; tu andavas no meio das pedras de fogo... Perfeito eras em teus caminhos desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Eis por que te precipitarei... da montanha de Deus e... te farei perecer." [50]

A "Montanha de Deus" é a "Montanha *dos Deuses*" ou o Meru, cuja representação na Quarta Raça foi o Monte Atlas, *última forma de um dos Titãs divinos*, tão alto naqueles tempos que os antigos acreditavam que o Céu descansava no seu cume. Não prestou Atlas ajuda aos Gigantes na Guerra destes contra os Deuses (Hyginus)? Outra versão é que a *fábula* se teria originado da paixão de Atlas, filho de Jápeto e Climene, pela Astronomia, paixão que o levou a morar nos picos das montanhas mais altas. A verdade é que o Atlas, a "Montanha dos Deuses", e também o herói desse nome são os símbolos esotéricos da Quarta Raça, e que suas sete filhas, as Atlântidas, são os símbolos das sete sub-raças da Quarta Raça. O monte Atlas, segundo todas as lendas, era três vezes mais alto que agora, tendo sofrido abaixamento em duas ocasiões sucessivas. É de origem vulcânica, e por isto disse a voz interior de Ezequiel:

"Eu farei, portanto, *brotar um fogo do meio de ti*, e ele te consumirá." [51]

Decerto não quer dizer, como parece defluir do texto traduzido, que o fogo devia sair do meio do Príncipe de Tiro ou de seu povo, e sim do

(47) (Dos Deuses).
(48) *Ezequiel*, XXVIII, 2-8.
(49) *Ibid.*, 17.
(50) *Ibid.*, 13-16.
(51) *Ibid.*, 18.

monte Atlas, que simbolizava a orgulhosa Raça, sábia em Magia e adiantada em artes e civilização, cujos últimos remanescentes foram destruídos quase ao pé daquela cadeia de montanhas outrora gigantescas.

Em verdade: "Tu serás um objeto de terror e nunca mais voltarás a ser" [52]; *porque até mesmo o nome da Raça e o seu destino foram hoje obliterados da memória do homem.* Tenha-se presente que quase todos os reis e sacerdotes daqueles tempos eram Iniciados; que lá para o fim da Quarta Raça houve uma guerra entre os Iniciados da Senda da Direita e os da Senda da Esquerda; e finalmente, que o Jardim do Éden era mencionado por outros personagens afora os judeus da Raça Adâmica, pois que até o Faraó foi comparado à mais bela árvore do Éden pelo próprio Ezequiel, que assim se expressou:

"Todas as árvores do Éden, as mais selecionadas e as melhores do Líbano... se consolavam nas partes inferiores da Terra. [Porque] também elas desceram ao Inferno com ele [Faraó]." [53]

Ou seja, às regiões inferiores, que são efetivamente o fundo do oceano, cujo solo se abriu para devorar as terras dos atlantes e a eles próprios. Se se atentar em tudo isso, e forem comparados os diversos relatos, ver-se-á que os capítulos XXVII e XXXI de *Ezequiel* não se relacionam com a Babilônia, a Assíria ou mesmo o Egito (pois nenhum destes países foi destruído daquela forma, mas simplesmente caíram em ruínas na *superfície* da terra e não *embaixo* dela), e sim com a Atlântida e a maior parte de sua população. Ver-se-á também que o "Jardim do Éden" dos Iniciados *não era um mito, senão uma localidade hoje submersa.* A luz *se fará*, e serão apreciadas em seu verdadeiro valor esotérico frases como esta: "Tu estiveste no Éden... estavas na montanha sagrada de Deus" [54]; porque cada nação tinha, e muitas ainda têm, montanhas *sagradas* — umas os Picos do Himalaia, outras o Parnaso e o Sinai. Todas eram sítios de Iniciação e moradas dos Chefes das comunidades de Adeptos, antigas e modernas. Atente-se ainda:

"Eis que o assírio [por que não o Iniciado atlante?] era um cedro do Líbano... sua altura se elevava acima de todas as árvores... Os cedros do jardim de Deus não podiam ocultá-lo... de modo que todas as árvores do Éden o invejavam." [55]

Em toda a Ásia Menor, os Iniciados eram chamados "Árvores da Justiça" e Cedros do Líbano, como também alguns reis de Israel. O mesmo sucedia com os Grandes Adeptos na Índia, mas tão somente os Adeptos da Mão Esquerda. Quando o *Vishnu Purâna* diz que "o mundo foi invadido pelas árvores", enquanto os Prachetasas, que passaram "10 000 anos de

(52) *Ibid.*, 19.

(53) XXXI, 16-17. O único Faraó que a *Bíblia* nos mostra submergindo-se no Mar Vermelho foi o que perseguiu os Israelitas e que permaneceu anônimo, sem dúvida por excelentes razões. A história, com toda a certeza, foi tirada da lenda Atlante.

(54) XXVIII, 13, 14.

(55) XXXI, 3-9.

austeridade no vasto Oceano", estavam absortos em suas devoções, a alegoria se refere aos Atlantes e Adeptos dos primeiros tempos da Quinta Raça, os arianos. Outras "*árvores* (Adeptos Feiticeiros) se estenderam e ensombraram a terra sem proteção; e os povos pereceram... incapazes de trabalhar durante dez mil anos". Vêem-se então os Sábios, os Rishis da Raça Ariana, chamados Prachetasas, "saindo das *profundezas do abismo*" [56] e destruindo, com o vento e as chamas que sopravam de suas bocas, as "Árvores" tocadas pela iniquidade e todo o reino vegetal; até que Soma (a Lua), o rei do mundo vegetal, os apazigua fazendo aliança com os Adeptos da Senda da Direita, aos quais oferece como esposa Marisha, a "prole das árvores" [57]. É uma alusão à grande luta entre os "Filhos de Deus" e os Filhos da Sabedoria Tenebrosa — nossos antepassados; ou, por outra, entre os Adeptos atlantes e os arianos.

Toda a história desses período está alegoricamente contada no *Râmâyana*, que é a versão mística, em forma de epopéia, da luta entre Râma (o primeiro rei da Dinastia Divina dos primitivos arianos) e Râvana, personificação simbólica da Raça Atlante (de Lankâ). Os primeiros eram as encarnações dos Deuses solares; os segundos, as dos Devas lunares. Esta foi a grande batalha entre o Bem e o Mal, entre a Magia Branca e a Magia Negra, pela supremacia das forças divinas sobre as forças inferiores ou cósmicas.

Se o estudante quiser compreender melhor o que vem de expor-se, que se reporte ao episódio do *Anugita*, no *Mahâbhârata*, em que o Brâmane diz a sua esposa:

"Eu percebi por meio do Eu a sede que está no Eu — (a sede) onde mora o Brâmane liberto dos pares de opostos; e a lua, juntamente com o [fogo ou o sol], que sustém (todos os) seres (como) propulsora do princípio intelectual." [58]

A Lua é a divindade da mente (Manas), mas somente no plano inferior. Diz um Comentário:

Manas é duplo — Lunar em sua parte inferior, Solar na parte superior.

Vale dizer: em seu aspecto superior é atraído para Buddhi, e no inferior desce para a sua *Alma* animal, cheia de desejos egoístas e sensuais,

(56) *Vishnu Purana*, Wilson, vol. III, p. 1.

(57) É pura alegoria. As Águas são um símbolo de Sabedoria e de Conhecimento Oculto. Hermes representava a Ciência Sagrada sob o símbolo do Fogo; os Iniciados do Norte a representavam sob o da Água. Esta última é produto de Nara, o "Espírito de Deus", ou melhor, Paramâtman, a "Alma Suprema", diz Khulluka Bhatta; significando Nârâyana "aquele que mora no abismo" ou está submergido nas Águas da Sabedoria, "pois a água é o corpo de Nara" (*Vâyu Purana*). Daí adveio a declaração de que durante 10 000 anos permaneceram em austeridade "no vasto oceano"; e é por isso que os representavam surgindo deste último. Ea, o Deus de Sabedoria, é o "Peixe Sublime"; e Dagon ou Oannes é o Homem-Peixe caldeu, que emerge do fundo das Águas para ensinar a Sabedoria.

(58) Cap. V, *Sacred Book of the East*, v. VIII, p. 257.

escutando-lhe a voz; e é nisto que consiste o mistério da vida de um Adepto e o da vida de um profano, bem como o da separação *post mortem* entre o Homem divino e o Homem animal. O *Mahâbhârata* (cada uma de cujas linhas deve ler-se esotericamente) revela, em seu magnífico simbolismo e em suas alegorias, as tribulações do Homem e da Alma. No *Anugita* diz o Brâmane:

"No interior (dentro do corpo), no meio de todos estes (sopros vitais) [princípios?], que percorrem o corpo e se absorvem reciprocamente [59], arde o fogo sétuplo Vaishvânara [60]." [61]

Mas a "Alma" principal é Manas ou a mente; e é por isso que se diz que Soma, a Lua, fez aliança com a parte solar de Manas, personificada pelos Prachetasas. Esta não é senão uma das sete chaves que decifram os sete aspectos do *Râmâyana*, assim como os de todas as demais Escrituras: a chave metafísica.

O símbolo da "Árvore" para representar os diversos Iniciados era quase universal. A Jesus chamou-se a "Árvore da Vida", como também a todos os Adeptos da Boa Lei, ao passo que os da Senda da Esquerda são chamados as "árvores que perecem". João Batista fala do "machado" que "corta a raiz das árvores" [62], e os reis dos exércitos assírios eram chamados "árvores" [63].

O verdadeiro significado do Jardim do Éden foi exposto suficientemente em *Ísis sem Véu*. Pois bem: mais de uma vez a autora ouviu manifestação de surpresa por haver em *Ísis sem Véu* tão pouco das doutrinas agora ensinadas. É um grande erro. Porque as alusões a estas doutrinas são bem numerosas, ainda mesmo que houvesse reservas quanto aos ensinamentos. É que ainda não era chegado o tempo, como até hoje não soou tão pouco a hora *de dizer tudo*. "Nenhum atlante, nem a Quarta Raça que precedeu a nossa, a Quinta, são objeto de referência em *Ísis sem Véu*" — escreveu certa vez um crítico do *Budismo Esotérico*. Eu, que escrevi *Ísis sem Véu*, afirmo que os atlantes estão ali mencionados como nossos predecessores. Que pode haver, realmente, de mais claro que as seguintes palavras, ao referir-me ao *Livro de Job?*

"No texto original, em lugar de "coisas mortas", está escrito: *Rephaim mortos* (gigantes ou homens fortes primitivos), aos quais a "Evolução" *poderá um dia fazer remontar a nossa raça atual.*" [64]

---

(59) Eis como o hábil tradutor do *Anugita* explica isso em uma nota (p. 258). "O sentido parece ser o seguinte: O curso da vida no mundo é devido às operações dos sopros vitais que dependem do Eu, e que conduzem a suas manifestações como almas individuais".

(60) Vaishvânara é uma palavra que amiúde se usa para indicar o Eu — explica Nilakantha.

(61) *Ibid.*, p. 259, trad. de Kashinath Trimbak Telang, M.A., Bombaim.

(62) *Mateus*, III, 10.

(63) *Isaías*, X, 19.

(64) *Op. cit.*, I, 133.

Agora, que a alusão fica perfeitamente explicada, solicitamos que sejam dados os passos naquele sentido; mas é fora de dúvida que os evolucionistas se negarão hoje a fazê-lo, como se negaram há dez anos. A Ciência e a Teologia estão contra nós; temos, pois, que enfrentá-las e formular a nossa defesa. Fundando-se em vagas metáforas disseminadas aqui e ali pelos profetas, e no *Apocalipse*, de São João, majestosa versão do *Livro de Enoch* reeditado, edificou a Igreja, sobre bases assim tão inseguras, a sua epopéia dogmática da Guerra no Céu. Fez mais: utilizou as visões simbólicas, só inteligíveis para os Iniciados, como colunas destinadas a suportar todo o peso do enorme edifício de sua religião. Ora, apurou-se agora que essas colunas não passavam de débeis caniços; e a habilidosa construção ameaça desmoronar. Todo o tema cristão repousa sobre estes Jakin e Bohaz: as duas forças opostas do Bem e do Mal, de Cristo e de Satã, αἱ ἀγαθαὶ καὶ κακαὶ δυναμεις (forças benignas e malignas). Tire-se ao Cristianismo o seu principal ponto de apoio, os Anjos Caídos, e o Jardim do Éden se desvanecerá nos ares, com o seu Adão e Eva; e o Cristo, em seu caráter exclusivista de Único Deus e Salvador, e de Vítima expiatória dos pecados do homem-animal, se converterá em um mito inútil e sem sentido.

Em antigo número da *Revue Archéologique*, o escritor francês M. Maury observa que:

"Esta luta universal entre os bons e os maus espíritos parece ser tão só a reprodução de *outra guerra mais antiga e mais terrível*, que, segundo os mitos antigos, ocorreu antes da criação do Universo entre as legiões fiéis e as rebeldes." [65]

Mais uma vez dizemos: é uma simples questão de prioridade. Se o *Apocalipse* de São João tivesse sido escrito no período Védico, e se não houvesse hoje a certeza de que é simplesmente outra versão do *Livro de Enoch* e das lendas do Dragão da antiguidade pagã, a grandiosidade e a beleza das imagens poderiam inclinar a opinião do crítico em favor da interpretação cristã sobre essa primeira Guerra, cujo campo de batalha foi o Céu estrelado, e os primeiros mortos os Anjos. No estado atual das coisas, porém, impõe-se remontar o *Apocalipse*, sucesso por sucesso, a outras visões bem mais antigas. Para melhor compreensão das alegorias apocalípticas e da epopéia Esotérica, pedimos ao leitor que se dirija ao *Apocalipse* e leia o capítulo III, do versículo 1.º ao versículo 7.º.

Tem esse capítulo vários significados, e nele já se descobriu muita coisa acerca das chaves astronômica e numérica daquele mito universal. O que agora podemos mostrar é um fragmento, são algumas indicações do seu sentido oculto, que traduzem a reminiscência de uma guerra verdadeira, a luta entre os Iniciados das duas Escolas. Muitas e variadas são as alegorias que ainda existem, construídas sobre esta mesma pedra fundamental. A história real, e que revela todo o significado esotérico, encontra-se nos Livros Secretos, mas estes se acham fora do alcance da autora.

Nas obras exotéricas, contudo, o episódio da Guerra Târaka e alguns Comentários Esotéricos poderão, talvez, dar-nos uma chave. Em todos os

(65) 1845, p. 41.

Purânas, o acontecimento vem descrito com mais ou menos variações, que lhe denunciam o caráter alegórico.

Na mitologia dos primeiros Arianos Védicos, como nos relatos posteriores dos *Purânas*, há referências a Buddha, o "Sábio", o "instruído na Sabedoria Secreta", o que é a "evemerização" do planeta Mercúrio. O *Hindu Classical Dictionnary* atribui a Buddha a autoria de um hino do *Rig Veda*. Portanto, não pode ser de modo algum "uma ficção posterior dos Brâmanes", mas sim uma personificação realmente antiquíssima.

É investigando a sua genealogia, ou melhor, a sua teologia, que se descobrem os fatos seguintes. Como mito, é filho de Târâ, a esposa de Brihaspati, o "de cor de ouro", e de Soma, a Lua (masculina), que, à semelhança de Páris, arrebata ao marido esta nova Helena do Reino Sideral hindu. Surge daí uma grande disputa e uma *guerra* no Svarga (o Céu). O episódio dá lugar a uma batalha entre os Deuses e os Asuras. O Rei Soma encontra um aliado em Ushanas (Vênus), chefe dos Dânavas; e os Deuses são capitaneados por Indra e Rudra, que lutam ao lado de Brihaspati. Este último recebe a ajuda de Shankara (Shiva), de quem o pai de Brihaspati, Angiras, foi Guru, e que assim defende o filho. Indra é aqui o protótipo indiano de Miguel, o Arquiestratego e destruidor dos Anjos do "Dragão" — *pois que um de seus nomes é Jishnu, "chefe da legião celeste"*. Ambos combatem, como alguns Titãs o fizeram contra outros Titãs em defesa de Deuses vingativos, uns em prol de Júpiter Tonante (na Índia, Brihaspati é o planeta Júpiter, o que é uma coincidência curiosa) e os outros a favor do sempre tonante Rudra. Durante esta guerra, Indra é abandonado por sua guarda de corpo, os Deuses da Tempestade (Maruts). A história é muito sugestiva em alguns de seus pormenores.

Examinemos alguns deles e busquemos descobrir-lhes o sentido.

O Gênio ou "Regente" que preside ao planeta Júpiter é Brihaspati, o esposo ultrajado. É o Instrutor ou Guru Espiritual dos Deuses, representantes dos Poderes Procriadores. No *Rig Veda* é chamado Brahmanaspati, nome "de uma divindade em quem está personificada *a ação do objeto do culto* sobre os Deuses". Brahmanaspati representa, portanto, a materialização da "Graça Divina", por assim dizer, mediante o ritual e as cerimônias, ou seja, o culto exotérico.

Târâ [66], sua esposa, é, por outra parte, a personificação dos poderes dos iniciados no Gupta Vidyâ (o Conhecimento Secreto), como se verá.

Soma é, astronomicamente, a Lua; mas, na fraseologia mística, é também o nome da poção sagrada que os Iniciados e os Brâmanes bebiam durante os seus mistérios e os ritos do sacrifício. A planta Soma é a *Asclepia acida*, que produz um suco do qual se faz a bebida mística que tem o mesmo nome de Soma. Os descendentes dos Richis, os Agnihotris ou Sacerdotes do Fogo dos grandes Mistérios, eram os únicos que conheciam todas as virtudes da bebida. Mas a verdadeira propriedade do Soma *real*

(66) Consulte-se, para maiores informações sobre o assunto, o *Hindu Classical Dictionary* de Dowson.

consistia (e *consiste* ainda) em fazer do Iniciado um "novo homem", após o seu "renascimento", isto é, quando ele principia a viver em seu Corpo *Astral* [67]; pois a sua natureza espiritual, sobrepondo-se à física, o leva dentro em pouco a desfazer-se desta e a separar-se mesmo daquela forma etérea [68].

Antigamente nunca se dava o Soma aos Brâmanes não-iniciados — os simples Grihastas ou sacerdotes do ritual exotérico. Assim, Brihaspati, embora fosse o "Guru dos Deuses", não deixava de também representar a letra morta do culto. É Târâ, sua *esposa* — símbolo do que, embora aliado ao culto dogmático, aspira à verdadeira Sabedoria —, quem aparece como iniciada nos mistérios do Rei Soma, o distribuidor da mesma Sabedoria. Por isso, a alegoria dá o rei Soma como tendo-a *raptado*. O resultado é o nascimento de Buddha, a *Sabedoria Esotérica* — Mercúrio ou Hermes, na Grécia e no Egito. Ele é representado como sendo "de tal modo belo" que o próprio esposo, ainda sabendo que Buddha não é o fruto do seu culto da *letra morta*, reclama o "recém-nascido" como seu Filho, fruto dos seus ritos e fórmulas sem sentido [69]. Tal é, em poucas palavras, *um* dos significados da alegoria.

A *Guerra no Céu* se refere a vários acontecimentos como esse, em diferentes planos do ser. O primeiro é um fato puramente astronômico e cósmico, que pertence à Cosmogonia. John Bentley pensava que a Guerra no Céu, para os hindus, não passava de uma figura que dizia respeito aos seus cálculos sobre períodos de tempo [70]. Segundo ele, foi esse o protótipo de que se serviram as nações ocidentais para construir a sua Guerra dos Titãs. O autor não está de todo equivocado, mas também não está com a verdade completa. Se o protótipo sideral se refere efetivamente a um

(67) Veja-se em *Five Years of Theosophy* o artigo "The Elixir of Life".

(68) Aquele que participa do *Soma* se encontra ao mesmo tempo ligado ao seu corpo físico e, não obstante, dele separado em sua Forma Espiritual. Livre do primeiro, evola-se então para as regiões etéreas superiores, tornando-se virtualmente "um dos Deuses", mas conservando em seu cérebro físico a lembrança do que vê e aprende. Falando claramente, *Soma* é o fruto da Árvore do Conhecimento, proíbido a Adão e Eva (ou *Yah-ve*) pelo ciumento Elohim, "para que o homem não seja como um de nós".

(69) Vemos a mesma coisa nas religiões exotéricas modernas.

(70) *Historical View of the Hindu Astronomy.* Citando esta obra no que se refere a "Argabhatta" (Aryabhatta?), que daria com grande aproximação a verdadeira relação entre os diversos valores para o cômputo de π, o autor de *The Source of Measures* reproduz uma declaração curiosa. Diz ele que "Mr. Bentley estava muito familiarizado com os conhecimentos astronômicos e matemáticos dos hindus... Esta afirmação sua pode, portanto, ser havida como autêntica. O mesmo traço notável de caráter, que se vê em tantas nações orientais e antigas, *de ocultarem zelosamente os arcanos desta classe de conhecimentos, é sobremodo acentuado entre os Hindus.* O que se dava ao ensino e à investigação pública *era só uma aproximação* de conhecimentos mais exatos, porém ocultos. E esta mesma hipótese de Bentley apresenta um surpreendente exemplo do asserto; e, uma vez explicada, mostrará que elas (a astronomia e as ciências *exotéricas* dos hindus) eram resultantes *de um sistema bem mais exato que o europeu*, o qual o próprio Mr. Bentley considerava, naturalmente, muito mais avançado que os conhecimentos hindus de todos os tempos e gerações." (Pp. 86 e 87).

É um contratempo para Mr. Bentley, mas tal coisa em nada diminui a glória dos antigos astrônomos hindus, que eram todos Iniciados.

período pré-manvantárico e repousa por inteiro sobre o conhecimento que os Iniciados arianos pretendem ter de todo o programa e progresso da Cosmogonia [71], a Guerra dos Titãs não é senão uma cópia, em forma de lenda deificada, da verdadeira guerra de que foi teatro o Kailâsa Himalaico (o Céu), em vez dos abismos do Espaço cósmico interplanetário. É o relato da terrível luta entre os "Filhos de Deus" e os "Filhos das Trevas" da Quarta e da Quinta Raça. Foram esses dois acontecimentos, entremeados com as lendas provenientes das narrativas exotéricas da Guerra entre os Asuras e os Deuses, que deram lugar a todas as tradições nacionais subseqüentes no tocante ao assunto.

Os Asuras, que foram posteriormente transformados em maus Espíritos e Deuses inferiores, em luta eterna contra as *Grandes* Divindades, são, esotericamente, os Deuses da Sabedoria Secreta. Nas partes mais antigas do *Rig Veda*, são eles os Seres Espirituais e Divinos, aplicando-se o termo para designar o Espírito supremo e tendo significação idêntica à de Grande Ahura, dos Masdeístas [72]. Houve um tempo em que os mesmos Deuses Indra, Agni e Varuna faziam parte dos Asuras.

No *Taittiriya Brâhmana*, o Alento (Asu) de Brahmâ-Prajâpati se vivificou; e deste Alento criou ele os Asuras. Mais tarde, após a Guerra, os Asuras foram chamados inimigos dos Deuses, isto é, "A-suras", sendo o *a* inicial um prefixo negativo, ou "*Não*-Deuses", pois os Deuses são designados pela palavra Suras. Vê-se aqui a relação existente entre os Asuras e suas legiões, enumeradas mais adiante, com os "Anjos Caídos" das Igrejas Cristãs, uma Hierarquia de Seres Espirituais que se encontra em todos os Panteões das nações antigas e até das modernas, desde o de Zoroastro até o dos Chineses. São eles os Filhos do Alento Criador Primordial no início de cada novo Mahâ-Kalpa ou Manvantara, na mesma categoria dos Anjos que permaneceram *fiéis*. Eram os *aliados* de Soma (o pai da Sabedoria Esotérica) contra Brihaspati (representante do culto ritualista ou cerimonial). Evidentemente hão sido degradados, no espaço e no tempo, à categoria de Poderes adversários ou Demônios pelos fanáticos do cerimonial, em virtude de sua rebelião contra a hipocrisia, o culto simulado e o formalismo que se atém à letra morta.

Isso posto, qual é o verdadeiro caráter de todos os que lutaram em união com eles? Estes são:

1.º Ushanas, ou a "Legião" do Planeta Vênus, hoje convertida, pelo Catolicismo Romano, em *Lúcifer*, o Gênio da "estrela do dia" [73], *Tsaba* ou o Exército de "Satã".

(71) A Doutrina Secreta ensina que todos os acontecimentos de importância universal, como os cataclismos geológicos no fim de uma Raça e no princípio de outra, envolvendo uma grande transformação espiritual, moral e física na humanidade, estão pré-concebidos e, por assim dizer, preparados de antemão nas regiões siderais do nosso sistema planetário. A Astrologia é toda baseada nas relações místicas e íntimas que existem entre os corpos celestes e a humanidade, sendo este um dos grandes segredos da Iniciação e dos Mistérios Ocultos.

(72) Veja-se o *Vendidad*, de Darmesteter, Introd., p. LVIII. *Sacred Books of the East*, vol. II.

(73) Veja-se *Isaías*, XIV, 12 (Versão revista).

2.º Daityas e Dânavas. São os Titãs, os Demônios e Gigantes que vemos na *Bíblia* [74] — a progênie dos "Filhos de Deus" e das "Filhas dos Homens". Seu nome genérico mostra o caráter que lhes atribuem, e ao mesmo tempo deixa claro o *animus* secreto dos Brâmanes; pois eles são os Kratu-dvishas, "os inimigos dos sacrifícios" ou *simulacros* exotéricos. São as "Legiões" que combateram contra Brihaspati, o representante das religiões *exotéricas* populares e nacionais, e contra Indra, o Deus do Céu *visível*, o Firmamento que, no *Veda* primitivo, é o Deus *supremo* do Céu *cósmico*, a morada *própria* de um Deus *extra*-cósmico e pessoal, acima do qual nenhum culto exotérico jamais pode remontar-se.

3.º Finalmente, os Nagas [75], Sarpas, Serpentes ou Serafins. Também estes revelam o seu caráter pelo sentido oculto do seu signo. Na mitologia, são seres *semidivinos* com cara humana e cauda de dragão. É inegável, pois, que são os Seraphim judeus (comparem-se Serapis, Sarpa, Serpente); o singular de Seraphim é Saraph, "ardente, ígneo" [76]. A angelologia cristã e judaica faz uma distinção entre os Seraphim e Cherubim ou Querubins, que vêm em segundo lugar. Esotérica e cabalisticamente são idênticos: Querubim é simplesmente o nome dado às imagens ou representações de qualquer das divisões das Legiões celestes. Ora, como já dissemos, Dragões e Nagas eram os nomes que recebiam os Eremitas-Iniciados em razão de sua grande Sabedoria e Espiritualidade e por viverem em subterrâneos. Assim, quando Ezequiel [77] aplica o adjetivo Cherub ao rei de Tiro, dizendo-lhe *não haver segredos* que se possam ocultar à sua *sabedoria* e *inteligência*, compreende o Ocultista que aquele é um "Profeta", talvez mesmo um partidário do culto *exotérico*, que invectiva contra um Iniciado de outra escola, e não contra um Lúcifer imaginário, um Querubim caído das estrelas e depois expulso do Jardim do Éden. De sorte que a chamada "Guerra" é também, em um de seus muitos sentidos, uma reminiscência alegórica da luta entre as duas classes de Adeptos: os da Senda da Direita e os da Senda da Esquerda. Na Índia havia três classes de Rishis, que foram os primeiros Adeptos conhecidos: os de estirpe real ou Râjarshis, reis e príncipes que adotaram a vida ascética; os Divinos ou Devarshis, ou filhos do Dharma ou da Yoga; e os Brahmarshis, descendentes daqueles Rishis que foram os fundadores dos Gotras de Brâhmanes, ou raças divididas em castas. Deixando de lado por um momento as chaves mítica e astronômica, vemos que os ensinamentos secretos mostram que muitos atlantes pertenciam a essas divisões; e que entre eles houve conflitos e guerras, *de facto* e *de jure*. Nârada, um dos maiores Rishis, era um Devarshi, aparecendo em constante e eterna contenda com Brahmâ, Daksha e outros Deuses e Sábios. Podemos, assim, afirmar sem temor que, seja qual seja o sentido *astronômico*

(74) *Gênesis*, VI.

(75) Os orientalistas descrevem os Nagas como um povo misterioso, cujos vestígios ainda hoje se encontram em abundância na Índia, e que vivia em Nâga-advipa, um dos *sete* continentes ou divisões de Bhâratavarsha (a Índia antiga); sendo a cidade de Nagpur uma das mais antigas do país.

(76) *Isaías*, VI, 2, 3.

(77) XXVIII, 3, 4.

desta lenda universalmente admitida, o seu aspecto humano tem por base acontecimentos históricos reais, desfigurados e transformados em dogmas teológicos unicamente para servir a objetivos eclesiásticos. O que está em cima é como o que está embaixo. Os fenômenos siderais e o comportamento dos corpos celestes nos Céus foram tomados como modelos, e o plano teve execução embaixo, na Terra. Por isso o Espaço, em seu sentido abstrato, era chamado o "reino do conhecimento Divino"; e, pelos caldeus ou Iniciados, *Ab Soo*, a morada (ou o pai, isto é, a fonte) do conhecimento, porque é no Espaço que moram os Poderes inteligentes que governam *invisivelmente* o Universo [78].

Do mesmo modo, e sobre o plano do Zodíaco no Oceano *superior*, ou nos Céus, certo reino da Terra, um mar interior, foi consagrado e denominado o "Abismo do Conhecimento"; aí havia doze centros, em forma de doze ilhas pequenas, representando os Signos do Zodíaco (dos quais dois permaneceram durante séculos como os "Signos Misteriosos") [79], que serviam de moradas para doze Hierofantes e Mestres de Sabedoria. Este "Mar de Sabedoria" ou de Conhecimento [80] esteve durante milênios no lugar em que hoje se estende o Deserto de Shamo ou Gobi. Existiu até o último grande período glaciário, quando um cataclismo local deslocou as águas para o Sul e o Oeste, formando assim o grande deserto, hoje desolado, e deixando apenas um certo oásis, com um lago e uma ilha no seu centro, como relíquia do *Anel Zodiacal* na Terra. Por muito e muito tempo o Abismo Líquido — que para as nações anteriores aos babilônios era a mansão da "Grande Mãe", pós-tipo terrestre da "Grande Mãe Caos" no Céu, mãe de Ea (a Sabedoria), o qual foi, por sua vez, o protótipo original de Oannes, o Homem-Peixe dos babilônios — por muito e muito tempo, dizíamos, o "Abismo" ou Caos foi a mansão da Sabedoria, e não do Mal. A luta de Bel, e a seguir de Merodach, o Deus-Sol, contra Tiamat, o Mar, e seus Dragões — guerra que terminou pela derrota deste último — tem um sentido puramente cósmico e geológico, como também histórico. É uma página

(78) Não menos sugestivas são as qualidades atribuídas a Rudra Shiva, o grande Yogi, o antepassado de todos os Adeptos e, no Esoterismo, um dos maiores Reis das Dinastias Divinas. Chamado "o primeiro" e "o último", é ele o patrono da Terceira, Quarta e Quinta Raças-Raízes. Pois, em seu caráter mais primitivo, é o asceta Dig-ambara, "revestido dos elementos"; Tri-lochana, "o de três olhos"; Pancha-ânana, "o de cinco faces", alusão às Quatro Raças passadas e à Quinta Raça atual — mas que, embora com cinco faces, tem só "quatro braços", por estar ainda em curso a Quinta Raça. É o "Deus do Tempo", Saturno-Cronos, como o indica o seu "tambor" Damaru em forma de ampulheta; e a acusação de haver cortado a quinta cabeça de Brahmâ, deixando apenas quatro, é ainda uma alusão a certo grau de Iniciação e também às Raças.

(79) A idéias de Gustavo Seiffarth, de que os signos do Zodíaco, na antiguidade, eram somente em número de dez, é errônea. Apenas dez signos eram conhecidos do profano; mas os Iniciados os conheciam todos, *desde a época da separação da humanidade em dois sexos*, o que determinou a divisão em dois do signo Virgem-Escorpião. Tal separação, que se deveu à adição de um signo secreto e ao da Balança ou Libra, inventado pelos gregos, em lugar do nome secreto, não-divulgado, elevou o número a doze. (Ver *Ísis sem Véu*, II, 456.)

(80) O que precede talvez seja a chave do nome simbólico do Dalai-Lama, o Lama "Oceano", significando o Oceano de Sabedoria. Disto se ocupa o Abade Huc.

arrancada à história das Ciências Secretas e Sagradas, de sua evolução, desenvolvimento e MORTE — *para as multidões profanas*. Relaciona-se (*a*) ao dessecamento sistemático e gradual de imensos territórios por um sol ardente, em certo período pré-histórico, um dos terríveis períodos de seca que acabaram por transformar gradualmente terras outrora férteis e *com abundância de água nos desertos arenosos que hoje se vêem; e* (*b*) à perseguição não menos sistemáticas aos Profetas da Senda da Direita pelos da Senda da Esquerda. Estes últimos, tendo presidido ao nascimento e evolução das castas sacerdotais, conduziram finalmente o mundo às religiões exotéricas, inventadas para satisfazer o gosto dos *hoi-polloi* (οι πολλοὶ) e dos ignorantes pela pompa dos rituais e a materialização do Princípio Incognoscível sempre imaterial.

Foi como que um progresso sobre a feitiçaria atlante, cuja lembrança permanece na memória de todos os hindus letrados e conhecedores do sânscrito, assim como nas lendas populares. Não deixou, porém, de ser uma paródia e uma profanação dos Mistérios Sagrados e de sua Ciência. O rápido progresso do antropomorfismo e da idolatria conduziu ainda a Quinta Raça primitiva, como havia conduzido antes a Quarta, à feitiçaria, ainda que em menor escala. Finalmente, até mesmo os quatro "Adãos" (que simbolizavam, sob outros nomes, as quatro Raças precedentes), foram esquecidos e, passando de uma geração a outra, sobrecarregados com alguns mitos adicionais, acabaram por submergir-se nesse oceano de simbolismo popular chamado Panteões. Não obstante, existem ainda hoje nas tradições mais antigas dos judeus: o primeiro como o Tzelem, o "Adão-Sombra", os Chhâyas da nossa doutrina; o segundo, o "Adão-Modelo", cópia do primeiro e o "macho e fêmea" do *Gênesis* exotérico; o terceiro, o "Adão Terrestre", antes da Queda, andrógino; e o quarto, o Adão depois de sua "queda", isto é, separado em sexos, ou o atlante puro. O Adão do Jardim do Éden, ou o antepassado de nossa Raça (a Quinta) é um complexo engenhoso dos quatro anteriores. Conforme diz o *Zohar*, Adão, o primeiro Homem, não se encontra agora na Terra, "não se encontra em parte alguma do Abaixo". Pois, de onde vem a Terra inferior? "Da *Cadeia da Terra* e do *Céu em Cima*", ou seja, dos Globos superiores, os que precedem a nossa Terra e estão sobre ela.

"E dela [a Cadeia] saíram criaturas diferentes umas das outras. Uma providas de vestimentas (peles) [sólidas], outras de cascões (*Q'lippoth*)... alguns de cascões vermelhos; outros, negros; outros, brancos; e outros, de todas as cores." [81]

Tal como na Cosmogonia caldéia de Berose e nas Estâncias que apresentamos, certos tratados da *Cabala* mencionam criaturas de duas faces, outras de quatro e ainda outras com uma só face, porque "o Adão mais elevado não desceu em todos os países, ou não teve progênie nem muitas esposas"; isso, porém, é um mistério.

(81) *Zohar*, III, 9-*b*, 10-*a*, Ed. Brody. Ed. Cremona, III, fol. 4-*a*, col. 14. *Qabbalah*, de Meyer, 416-7.

O Dragão também é um mistério. Razão tem o Rabino Simeão Ben Iochai ao dizer que a compreensão do significado do Dragão não é para os "companheiros" (estudantes ou chelas), mas somente para os "pequenos", ou seja, os perfeitos Iniciados [82].

"Os companheiros compreendem a obra do princípio; mas só os pequenos entendem a parábola da obra do Principium pelo *Mistério da Serpente do Grande Mar*." [83]

E os Cristãos que cheguem a ler estas páginas compreenderão, à luz do tópico acima, quem era o seu "Cristo". Pois Jesus declara repetidamente que "aquele que não receber o reino de Deus como um *pequenino* não entrará nele"; e, se é certo que algumas de suas palavras se aplicam às crianças, sem metáfora, a maior parte das referências aos *"pequenos"*, nos Evangelhos, entendem com os Iniciados, *dos quais Jesus era um*. Paulo (Saul) é citado no *Talmud* com o qualificativo de "pequeno".

Era este o "Mistério da Serpente": Nossa Terra, ou melhor, nossa *vida terrestre*, é muitas vezes chamada "o Grande Mar", nos Ensinamentos Secretos; e o "Mar da Vida" perdura até hoje como uma metáfora favorita. O *Siphra Dtezenioutha* fala do Caos Primordial e da Evolução do Universo após uma Destruição (*Pralaya*) comparando-o com uma serpente enroscada:

"Estendendo-se aqui e ali, com a cauda na boca, a cabeça retorcendo-se sobre o pescoço, está raivosa e colérica... Vigia e oculta-se. A cada milésimo *Dia* se manifesta." [84]

Diz um comentário dos *Purânas*:

"Ananta-Shesha é uma forma de Vishnu, o Espírito Santo de Preservação e símbolo do Universo, sobre o qual se supõe que ele dorme durante os intervalos dos *Dias* de Brahmâ. As sete cabeças de Shesha sustentam o Universo."

Assim o Espírito de Deus "dorme" sobre o Caos, ou "choca" o Caos da Matéria não-diferenciada, antes de cada "Criação" nova, reza o *Siphra Dtzenioutha*. Ora, compõe-se um Dia de Brahmâ, conforme já ficou explicado, de *mil* Mahâ Yugas; e como cada Noite, ou período de repouso, é igual em duração a esse Dia, facilmente se percebe a que se refere aquela frase do *Siphra Dtzenioutha* — de que a Serpente se manifesta "uma vez a cada mil dias". E é também fácil compreender aonde nos leva o iniciado autor do Siphra quando diz:

(82) Tal era o nome que se dava na antiga Judéia aos Iniciados, também chamados os "Inocentes" e os "Infantes", isto é, os "nascidos de novo". Esta chave descerra um horizonte sobre um dos mistérios do *Novo Testamento*: o "morticínio" de 40 000 "Inocentes" por Herodes. Existe uma lenda sobre isto, e o acontecimento, que ocorreu cerca de um século antes de Cristo, mostra a origem da tradição, que se relaciona também com a de Krishna e seu tío Kansa. No caso do *Novo Testamento*, Herodes representa Alexandre Jannæus (de Lida), cuja perseguição e assassínio de centenas ou milhares de Iniciados determinaram a adoção da história da *Bíblia*.

(83) *Zohar*, II, 34.

(84) I, § 16.

"Sua cabeça se parte nas águas do Grande Mar, pois está escrito: Tu divides o mar com a tua força, tu partes as *cabeças* dos Dragões nas águas." [85]

Refere-se isto às provas dos Iniciados nesta vida física, o "Mar das Aflições", se lermos com a ajuda de uma chave; à sucessiva destruição das sete Esferas de uma Cadeia de Mundos, no Grande Mar do Espaço, se usarmos outra chave; pois cada Esfera ou globo sideral, cada mundo, cada estrela ou grupo de estrelas, tem no simbolismo o nome de "Cabeça de Dragão". Mas, de qualquer modo que se leia, jamais o Dragão foi considerado como o Mal, como tampouco o foi a Serpente, na antiguidade. Nas metáforas, quer astronômicas, cósmicas, teogônicas ou simplesmente fisiológicas (ou fálicas), a Serpente foi sempre tida como um símbolo *divino*. Quando se menciona a "Serpente (Cósmica) que corre com 370 saltos" [86], significa isto os períodos cíclicos do grande Ano Tropical de 25.868 anos, dividido nos cálculos esotéricos em 370 períodos ou ciclos, assim como o ano solar se divide em 365 dias. E se Miguel foi considerado pelos Cristãos como o Vencedor de Satã, o Dragão, é porque no *Talmud* aquele personagem guerreiro se acha representado como o Príncipe das Águas, que tinha sob o seu comando sete Espíritos subordinados, uma boa razão para que a Igreja Latina dele fizesse o santo patrono de todos os promontórios da Europa. No *Siphra Dtzenioutha*, a Força Criadora "traça bosquejos de sua criação por meio de linhas em espiral, *com a forma de uma Serpente*". "Tem a cauda na boca" porque é o símbolo da eternidade sem fim e dos períodos cíclicos. Suas diferentes significações exigiriam todo um volume, e devemos terminar.

Assim, pode o leitor ver agora por si mesmo quais são os diversos sentidos da "Guerra no Céu" e do "Grande Dragão". Desse modo, o mais solene e temido dogma da Igreja, o alfa e o ômega da fé cristã, e a coluna em que assentam a Queda e a Redenção, fica reduzido a um símbolo pagão, em meio das numerosas alegorias dessas lutas pré-históricas.

(85) *Op. cit.*, LXXIV, 13.
(86) *Ibid.*, pág. 33.

SEÇÃO V

É O PLEROMA O COVIL DE SATÃ?

Este assunto não está ainda esgotado, e cumpre ser examinado sob outros aspectos.

Impossível assegurar se a descrição grandiosa de Milton sobre a batalha de três *dias* entre os Anjos da Luz e os das Trevas justifica a suposição de que ele tivesse conhecimento da tradição oriental correspondente.

No entanto, se Milton não esteve em comunicação pessoal com algum Místico, deve tê-lo estado com alguém que podia ter acesso às obras secretas do Vaticano. Entre estas há uma tradição referente ao "Beni Shamash" — os "Filhos do Sol" —, que se relaciona com a alegoria oriental e a descreve com muito mais minúcias, *em sua tríplice versão,* do que as que se podem obter no *Livro de Enoch* ou no escrito bem mais recente de São João, o *Apocalipse,* a respeito do "Antigo Dragão" e de seus diversos Matadores, como anteriormente exposto.

É inexplicável que ainda haja em nossos dias escritores, filiados a sociedades místicas, que persistam em suas dúvidas preconcebidas acerca da "suposta" antiguidade do *Livro de Enoch.* Assim, o autor de *Sacred Mysteries among the Mayas and Quiches* propende a ver em Enoch um Iniciado convertido ao Cristianismo (!!) [1], e o compilador inglês das obras de Eliphas Lévi, *The Mysteries of Magic,* partilha essa mesma opinião. Observa ele que:

"Excetuado o Dr. Kenealy, nenhum erudito moderno atribui a esta obra [o *Livro de Enoch*] uma antiguidade que remonte além do século IV antes de Cristo." [2]

A erudição moderna responde por erros ainda mais graves do que esse. Até muito recentemente os *maiores* críticos literários da Europa negavam a própria autenticidade daquela obra, assim como a dos Hinos Órficos e a do Livro de Hermes ou Thoth; foi preciso que se descobrissem versículos inteiros deste último em monumentos e túmulos egípcios das primeiras dinastias. Em outra parte citamos a opinião do Arcebispo Laurence.

---

(1) Pág. 16.

(2) *Biographical and Critical Essay,* pág. 38.

O "Antigo Dragão" e Satã, que se tornaram agora, separada ou conjuntamente, os símbolos dos "Anjos Caídos" e os termos teológicos com que são estes designados, não se acham assim descritos nem na Cabala *original* (o *Livro dos Números* caldeu), nem na Cabala moderna. Pois o mais erudito, senão o maior, dos Cabalistas de hoje, Eliphas Lévi, define Satã com estes termos eloqüentes:

"Este é o Anjo que foi bastante orgulhoso para crer-se um Deus; bastante valente para comprar sua independência ao preço do sofrimento e das torturas eternas; bastante formoso para adorar a si mesmo em plena luz divina; bastante forte para reinar ainda nas trevas, em meio de agonias, e construir para si um trono de sua inextinguível fogueira. É o Satã do Milton republicano e herético... o príncipe da anarquia, servido por uma hierarquia de puros espíritos." (!!)[3]

Esta descrição (que tão engenhosamente reconcilia o dogma teológico com a alegoria cabalística, e chega até a introduzir um cumprimento político em seu contexto) mostra-se de todo exata quando lida em seu verdadeiro espírito.

Decerto que sim; é este o maior de todos os ideais; este símbolo sempre vivo (poder-se-ia dizer esta apoteose) do próprio sacrifício pela independência intelectual da humanidade; esta Energia sempre ativa protestando contra a Inércia Estática: o princípio em virtude do qual a afirmação de Si-mesmo é considerado um crime odioso ao Pensamento e à *Luz do Conhecimento*. Assim o conceitua Eliphas Lévy, com justeza e ironia sem igual:

"E este suposto herói das eternidades tenebrosas, a quem caluniosamente se increpa de fealdade, é adornado de chifres e garras, que assentariam muito mais em seu implacável verdugo." [4]

Transformaram-no, finalmente, em uma Serpente, no Dragão Rubro. Mas Eliphas Lévi era ainda demasiado obediente às autoridades católicas romanas (pode-se acrescentar, demasiado jesuíta) para confessar que tal Demônio outro não era senão a humanidade, e que jamais existira na Terra fora desta humanidade [5].

Neste ponto, a Teologia Cristã, se bem que acompanhando servilmente os passos do Paganismo, não fez senão guardar coerência com a sua política tradicional. Tinha que isolar-se e dar uma afirmação de sua autoridade. A melhor coisa que podia fazer era, portanto, transformar em demônios todas as divindades pagãs. Cada um dos refulgentes Deuses-Solares da antiguidade — que durante o dia era uma gloriosa Divindade, mas à noite o seu próprio adversário e antagonista, e recebia o nome de Dragão da Sabedoria, por supor-se que encerrava os germes da noite e

(3) *Histoire de la Magie*, págs. 16-17.
(4) *Ibid., loc. cit.*
(5) Que *demônio* seria capaz de mais astúcia, força e crueldade do que aquele assassino de Whitechapel, "Jack o Estripador" de 1888, cuja fria perversidade e sede de sangue o induziram a exterminar e mutilar a sangue frio sete infelizes mulheres, todas inocentes? Basta ler os jornais para ver nesses ébrios embrutecidos (maridos e pais) que batem nas esposas e nos filhos, e dos quais só um reduzido número é levado aos tribunais, a personificação completa dos demônios da Igreja Cristã!

do dia — passou a ser agora a Sombra antitética de Deus, convertendo-se em Satã por força da autoridade única e inapelável do despótico dogma humano. E em seguida todos estes produtores de luz e sombra, todos estes Deuses Solares e Lunares foram considerados malditos; e o Deus uno, escolhido entre os muitos, e Satã foram ambos antropomorfizados. Mas a Teologia parece haver esquecido que o homem possui a faculdade de discernir e por fim analisar tudo o que artificialmente querem obrigá-lo a reverenciar. Mostra a História que em todas as raças e tribos, e especialmente nos povos semíticos, existe a tendência natural de exaltar a divindade da própria tribo sobre todas as demais, de conferir-lhe a hegemonia sobre os Deuses; e ela prova que o Deus dos israelitas não passava de um desses Deuses *tribais*, embora a Igreja Cristã, seguindo o exemplo do povo "eleito", haja por bem impor o culto dessa divindade particular e lançar o anátema sobre todas as outras. Quer fosse, na origem, um erro consciente ou inconsciente, não deixa de ser sempre *um erro*. Jehovah, na antiguidade, nunca foi senão um Deus "entre" outros "Deuses" [6]. O Senhor apareceu a Abrahão, e dizendo-lhe: "Eu sou o *Deus todo-poderoso*" logo acrescentou: "Eu estabelecerei a minha aliança... para ser *um* Deus para ti" (Abrahão), "e para a *tua semente* depois de ti" [7], e não para os Europeus arianos.

Mas surgiu depois a figura ideal e grandiosa de Jesus de Nazaré, que era preciso colocar contra um fundo obscuro a fim de ficar mais radiosa pelo contraste; *e a Igreja não podia inventar um fundo mais obscuro.* Faltando-lhe a simbologia do *Antigo Testamento*, ignorando a verdadeira conotação do nome de Jehovah — o substituto rabínico e secreto do nome Inefável e Impronunciável —, a Igreja tomou como realidade a sombra engenhosamente fabricada, confundiu o símbolo *gerador* antropomorfizado com a Realidade Una Sem Segundo, a Causa Incognoscível de Tudo. Como conseqüência lógica, a Igreja teve que inventar, para fins de dualismo, um Demônio antropomórfico — criado, segundo ela ensina, pelo próprio Deus. Satã é hoje o monstro fabricado pelo Jehovah-Frankenstein — maldição de seu pai e espinho cravado no flanco divino, monstro como outro mais grotesco nenhum Frankestein terrestre poderia ter maquinado.

O autor de *New Aspects of Life* descreve o Deus dos israelítas com muita exatidão, do ponto de vista cabalístico, como sendo

> "o Espírito da Terra, que se revelou aos judeus como Jehovah [8]... [Foi também esse Espírito que, após a morte de Jesus], tomou a sua forma e o personificou como Cristo ressuscitado."

É a doutrina de Corinto e de vários Gnósticos, com pequenas variações, como se pode ver. São, porém, notáveis as explicações e deduções do autor:

---

(6) *Salmos*, LXXXII, 1.
(7) *Gênesis*, XVIII, 7.
(8) *Op. cit.*, p. 109.

"Ninguém sabia... melhor que Moisés... nem tão bem quanto ele, como era grande o poder daqueles (Deuses do Egito), pois havia discutido com os seus sacerdotes... aqueles Deuses dos quais se pretende que Jehovah é o Deus (apenas para os judeus)."

O autor formula a seguinte pergunta:

"Que eram, pois, esses Deuses, esses Achars de quem Jehovah, o Achad, seria o Deus... por dominá-los?"

O Ocultismo responde: Eram aqueles a quem hoje a Igreja chama *Anjos Caídos* e, coletivamente, Satã, o Dragão — vencidos, a aceitarmos o que *ela* diz, por Miguel e sua Legião, Miguel, que outro não era senão o mesmo Jehovah ou, no máximo, um dos Espíritos subordinados. Por isso, assiste ainda razão ao autor quando diz:

"Os gregos acreditavam na existência de... *daimons*, mas... nisto os hebreus os anteciparam, pois sustentavam *que havia uma classe de espíritos representativos*, designados pelo nome de *demônios* "personificadores"... Admitindo, com Jehovah, que o afirmava expressamente, a existência de outros deuses que... eram personificações do Deus Uno, constituíam esses deuses uma classe mais elevada de espíritos personificadores... que houvessem adquirido e exerciam grandes poderes? E não é a personificação *a chave do mistério do estado de espírito?* Mas, uma vez aceito este ponto de vista, como podemos saber se Jehovah não era um espírito personificador, um espírito que se chamava a si mesmo Deus, e que deste modo se converteu na personificação do Deus Uno, Desconhecido e Incognoscível? Como sabermos se o espírito que se dava o nome de Jehovah, ao arrogar-se os seus atributos, não foi a causa de que a sua própria designação fosse atribuída ao Uno, este na realidade tão inominável quanto incognoscível?" [9]

Passa então o autor a mostrar que "o espírito Jehovah *é* um personificador", segundo confissão própria. Assim, declarou ele a Moisés "que havia aparecido aos patriarcas como o Deus Shaddai e o "Deus Helion".

"Ao mesmo tempo assumia o nome de Jehovah; e foi com fundamento na afirmativa desta personificação que os nomes de El, Eloah, Elohim e Shaddai passaram a ser lidos e interpretados em justaposição com Jehovah como significando o "Senhor Deus Todo-Poderoso". [Depois, quando] o nome de Jehovah se tornou inefável, foi substituído pela designação de Adonai, "Senhor", e... em virtude de tal substituição o "Senhor" passou do Judaísmo ao "Verbo" e ao Mundo Cristão como uma designação de Deus." [10]

E como saber, poderia acrescentar o autor, se Jehovah não representava muitos espíritos que personificavam aquele aparentemente uno — Jod ou Jod-He?

Mas se a Igreja Cristã foi a primeira a fazer da existência de Satã um dogma, tal aconteceu porque, conforme demonstrado em *Ísis sem Véu*, o Diabo, o poderoso inimigo de Deus (!!), devia ser a pedra angular e a

(9) *Ibid.*, pp. 142-145.

(10) *Ibid.*, p. 146.

coluna da Igreja. Pois, segundo observa com propriedade um teósofo, M. Jules Baissac, em sua obra *Satã ou o Diabo*:

"Era preciso evitar que parecesse autorizar o dogma do princípio dual, fazendo deste Satã criador um poder real; e, para explicar o mal original, preferiu-se, contra Mani a hipótese de uma permissão do único Todo-Poderoso." [11]

Seja como for, tal opção e tal *norma de conduta foram infelizes*. Ou a personificação do Deus inferior de Abrahão e Jacob devia ser considerada inteiramente distinta do "Pai" místico de Jesus, ou os Anjos *Caídos* não deviam ter sido caluniados com ficções novas.

Todos os Deuses dos Gentios estão estreitamente relacionados com Jehovah, os Elohim; pois que todos eles formam Uma Legião, cujas unidades não diferem, nos Ensinamentos Esotéricos, a não ser pelo nome. Entre os Anjos "Obedientes" e os Anjos "Caídos" não há diferença alguma, salvo no que se refere às suas respectivas funções, ou melhor, quanto á inércia de uns e à atividade de outros, em relação aos Dhyân Chohans, ou Elohim, que receberam a missão de "criar", isto é, de construir o mundo exterior com o material eterno.

Dizem os Cabalistas que o verdadeiro nome de Satã é o de Jehovah invertido, porquanto "Satã não é um Deus negro, mas a negação da Divindade branca", ou da Luz da Verdade. Deus é a Luz, e Satã as Trevas ou a *Sombra* necessária para ressaltar aquela, e sem a qual a Luz pura seria invisível e incompreensível [12]. "Para os Iniciados", diz Eliphas Lévi, "o *Demônio não é uma pessoa, mas uma Força criadora do Bem e do Mal*". Os Iniciados representavam esta Força, que preside à geração física, sob a misteriosa forma do Deus Pan, ou Natureza; e daí os chifres e os cascos daquela figura mítica e simbólica, assim como o "bode" do "Sabá das Feiticeiras". A este respeito, também esqueceu aos Cristãos, imprudentemente, que o "bode" foi igualmente a vítima escolhida para a expiação de todos os pecados de Israel; que o bode expiatório era, em verdade, o *mártir do sacrifício, o símbolo do maior mistério da Terra, a "queda na geração"*. Só que os judeus esqueceram, desde há muito tempo, o verdadeiro signi-

(11) *Op. cit.*, p. 9. Em seguida ao Politeísmo polimórfico de alguns Gnósticos, veio o Dualismo exotérico de Mani, a quem se acusou de personificar o mal e fazer do diabo um Deus, o rival mesmo de Deus. Não vemos que a Igreja Cristã tenha feito maior progresso sobre essa idéia exotérica dos Maniqueus, uma vez que ainda hoje chama a Deus o seu Rei da Luz, e a Satã o Rei das Trevas.

(12) Citemos, a propósito, a obra admirável de M. S. Laing, *Modern Science and Modern Thought* (p. 222): "Não há como fugir a este dilema (a existência do mal no mundo), a menos que abandonemos completamente a idéia de uma divindade antropomórfica e adotemos francamente o conceito científico de uma Causa Primeira, inescrutável e inacessível, e o de um universo cujas leis podemos encontrar, mas cuja essência real nos é de todo desconhecida, só podemos suspeitar ou discernir vagamente a existência de uma lei fundamental que faz da polaridade do bem e do mal uma condição necessária da existência." Se a Ciência conhecesse "a verdadeira essência", ao invés de ignorá-la completamente, aquela vaga suspeita se converteria na certeza da existência de semelhante lei, e no conhecimento de que esta lei se acha relacionada com o Karma.

ficado do seu herói ridículo (para os não-iniciados), que foram buscar no drama da vida dos Grandes Mistérios por eles representados no deserto; e os Cristãos jamais o souberam.

Eliphas Lévi tenta explicar o dogma de sua Igreja por meio de paradoxos e metáforas; mas não consegue muita coisa, diante dos numerosos volumes escritos pelos piedosos demonólogos católicos romanos, com a aprovação e sob os auspícios de Roma, no curso deste nosso século XIX. Para o verdadeiro católico romano, o Demônio ou Satã é uma *realidade;* o drama que se desenrolou na Luz Sideral, segundo o vidente de Patmos — o qual desejava talvez levar a palma ao relato do *Livro de Enoch* —, é um fato tão real e histórico como qualquer outro das alegorias e sucessos simbólicos da *Bíblia.* Os Iniciados, contudo, oferecem uma explicação que difere da de Eliphas Lévi, cujo gênio e habilidade intelectual tinham que se curvar a certos compromissos ditados por Roma.

Deste modo, os cabalistas genuínos e "livres de compromissos" admitem que, para todos os fins da Ciência e da Filosofia, é suficiente que o profano saiba que o Grande Agente Mágico — chamado Luz Astral pelos discípulos do Marquês de Saint-Martin ou Martinistas, Virgem Sideral e *Mysterium Magnum* pelos cabalistas e alquimistas da Idade Média, e Æther ou reflexo do Akâsha pelos Ocultistas orientais — é o que a Igreja chama Lúcifer. Não é novidade para ninguém que os escolásticos latinos conseguiram transformar a Alma Universal e o Pleroma — *Veículo de Luz* e receptáculo de todas as formas, Força esparsa por todo o Universo, com seus efeitos diretos e indiretos — em Satã e sua obra. Mas agora aqueles escolásticos se preparam para comunicar aos profanos antes mencionados até mesmo os segredos a que alude Eliphas Lévi, *sem a necessária e suficiente explicação,* apesar de que o sistema de revelações veladas deste último só pode conduzir a novas superstições e mal-entendidos. Que pode, realmente, o estudante de Ocultismo, que seja principiante, extrair de inteligível em frases altamente poéticas como as de Eliphas Lévi que adiante transcrevemos, mas tão apocalípticas como as de qualquer alquimista?

"Lúcifer [a Luz Astral]... é uma força intermédia difundida por toda a criação; serve para criar e destruir, e a queda de Adão foi uma embriaguez erótica que fez de sua geração a escrava desta Luz fatal... toda paixão amorosa que domina os sentidos é um torvelinho desta Luz que procura arrastar-nos para os abismos da morte. A loucura, as alucinações, as visões, os êxtases, são todos formas de uma excitação muito perigosa, devida a este *fósforo interior* [?]. Finalmente, esta luz tem a natureza do fogo, cujo uso inteligente aquece e vivifica, e cujo excesso, pelo contrário, queima, dissolve e aniquila.

"O homem será chamado a assumir um império soberano sobre esta Luz [Astral], conquistando assim a sua imortalidade; e, ao mesmo tempo, ver-se-á ameaçado de embriagar-se e de ser absorvido e eternamente destruído por ela.

"Esta luz, enquanto devoradora, vingativa e fatal, será o fogo do inferno, a serpente da fábula; os erros e tribulações de que está cheia, as lágrimas e o ranger de dentes dos seres frustrados que ela devora, o fantasma da vida que lhes escapa, tudo isto será o Demônio ou Satã." [13]

(13) *Histoire de la Magie*, pp. 196, 197.

Não há nada *falso* em tudo isso; nada, exceto uma superabundância de metáforas mal aplicadas, como, por exemplo, o recurso ao mito de Adão para ilustrar os efeitos astrais. Akâsha [14], a Luz Astral, pode ser definida em poucas palavras; é a Alma Universal, a Matriz do Universo, o Mysterium Magnum do qual nasce tudo o que existe, por separação ou *diferenciação*. É a causa da existência; ocupa todo o Espaço infinito, *é* o próprio Espaço, em certo sentido, ou os seus princípios *sexto* e sétimo ao mesmo tempo [15]. Mas, como finita no Infinito, no que se refere à manifestação, esta Luz deve ter o seu aspecto sombrio, conforme já observamos. E como o Infinito jamais pode ser manifestado, segue-se que o mundo finito tem que se contentar somente com a *sombra*, que suas ações atraem sobre a humanidade e que os homens atraem e *põem em atividade*. Assim, conquanto seja a Luz Astral a Causa Universal em sua unidade não manifestada e infinita, no que respeita à humanidade ela não passa de efeitos das causas produzidas pelos homens em suas vidas pecadoras. Não são os brilhantes seres que ali habitam — quer se chamem Espíritos de Luz ou de Trevas — que produzem o Bem e o Mal, mas a própria humanidade é quem determina as ações e reações inevitáveis do Grande Agente Mágico. Foi a humanidade que se converteu na "Serpente do *Gênesis*", ocasionando assim, a cada dia e a cada hora, a Queda e o Pecado da "Virgem Celeste" — que então passou a ser, ao mesmo tempo, a Mãe dos Deuses e dos Demônios; pois ela é a Divindade sempre amante e benéfica, para todos os que comovem sua *Alma* e seu *Coração*, em vez de atraírem sobre si a sombra manifestada de sua essência, a que Eliphas Lévi deu o nome de "luz fatal", que mata e destrói. A Humanidade, em suas unidades, pode superar e dominar seus efeitos, mas somente pela santidade de vida e a prática de boas ações. Tem ela poder unicamente sobre os princípios *inferiores* manifestados, sombra da Divindade Desconhecida e Incognoscível no Espaço. Mas, na antiguidade, e *realmente*, Lúcifer ou Luciferus era o nome da Entidade Angélica que presidia à Luz da Verdade, como à luz do dia. No grande Evangelho Valentiano *Pistis Sophia* se ensina que, dos três Poderes que emanam dos Nomes Sagrados dos três Poderes Tríplices (Τριδυνάμεις), o de Sophia (o Espírito Santo, segundo estes gnósticos, os mais instruídos de todos) reside no planeta Vênus ou Lúcifer.

Deste modo, para o profano, a Luz Astral pode ser Deus e Demônio ao mesmo tempo — *Demon est Deus inversus* —, vale dizer que em

---

(14) Akâsha *não* é o éter da Ciência, como pretendem alguns orientalistas.

(15) Johannes Tritheim, Abade de Spanheim, o maior astrólogo e cabalista do seu tempo, disse: "A arte da magia divina consiste na faculdade de perceber a essência das coisas na Luz na Natureza (a Luz Astral) e em usar os poderes da alma para produzir coisas materiais, procedentes do universo invisível, e em tais operações o Em-cima e o Em-baixo têm que ser reunidos, de modo tal que possam atuar harmoniosamente. O Espírito da Natureza (a Luz Astral) é uma unidade que cria e forma todas as coisas, e que, obrando por intermédio do homem, é capaz de produzir coisas maravilhosas. Tais processos se efetuam de acordo com a lei. Aprendereis a conhecer a lei pela qual se realizam essas coisas, se aprenderdes a vos conhecer a vós próprios.

todos os pontos do Espaço Infinito vibram as correntes magnéticas e elétricas da Natureza *animada*, as ondas produtoras da vida e da morte, porque a morte na terra se converte em vida em outro plano. Lúcifer é a luz divina e terrestre, o "Espírito Santo" e "Satã" a um só tempo, estando o Espaço *visível* impregnado, de modo invisível, pelo Sopro diferenciado; e a Luz Astral — os efeitos manifestados dos dois, que perfazem um —, guiada e atraída por nós mesmos, é o *Karma* da Humanidade, entidade ao mesmo tempo pessoal e impessoal: pessoal, porque é o nome místico dado por Saint-Martin à Legião dos Criadores Divinos, Guias e Regentes deste planeta; *impessoais*, como Causa e Efeito da Vida e da Morte Universais.

A Queda foi o *resultado do conhecimento do homem*, pois os seus "olhos foram abertos". Foi-lhe, em verdade, ensinada a Sabedoria e o Conhecimento Oculto pelo "Anjo Caído"; tornando-se este último, a partir de então, o seu Manas, a sua Mente, a sua Consciência Própria. Em cada um de nós *existe*, desde o momento em que aparecemos nesta Terra, o áureo fio da Vida ininterrupta, dividida periodicamente em ciclos ativos e passivos de existência sensível sobre a Terra, e supra-sensível no Devachan. É o Sûtrâtmâ, o fio luminoso da Mônada *impessoal* e imortal, através do qual passaram as nossas "vidas" terrestres ou Egos transitórios, como pérolas enfiadas, na bela e sugestiva expressão da Filosofia Vedantina.

E agora está provado que Satã, ou o Dragão Rubro de Fogo, o "Senhor do Fósforo" — o enxofre foi um progresso teológico — e Lúcifer, ou o "Portador de Luz", estão em nós mesmos: é a nossa Mente, o nosso Tentador e o nosso Redentor, o nosso Libertador inteligente e o nosso Salvador contra a animalidade pura. Sem esse princípio — emanação e essência mesma do princípio puro e divino, Mahat (a Inteligência), irradiação direta da Mente Divina — não passaríamos, certamente, de animais. O primeiro *homem*, Adão, foi criado só como *alma vivente* (Nephesh); o último Adão o foi como *alma vivificante* [16], assim diz São Paulo ao falar da construção ou criação do homem. Sem este espírito *vivificante, mente humana* ou alma, não haveria diferença entre o homem e a besta; como não a existe, efetivamente, entre os animais, no que toca às suas ações. O tigre e o asno, o falcão e pombo são tão inocentes e puros uns quanto os outros, porque *irresponsáveis*. Cada um obedece ao seu instinto: o tigre e o falcão matam com a mesma indiferença com que o asno come

---

(continuação da nota anterior)
Conhecê-la-eis pelo poder do espírito que está em vós, e lhe dareis cumprimento unindo o vosso espírito com a essência que se desprende de vós mesmos. Se quereis levar a bom êxito essa tarefa, tendes que aprender a separar o espírito e a vida na Natureza, e, ainda, a separar a alma astral que está em vós, e a fazê-la tangível; e então a substância da alma aparecerá, visível e tangível, e tornada objetiva pelo poder do espírito." (Citado em *Paracelsus* do Dr. Franz Hartmann, pp. 164-5).

(16) I *Corintios*, XV, 45. O verdadeiro texto original de I *Coríntios*, XV, 44, traduzido cabalística e esotericamente, diria: "Semeia-se corpo *animado*" (não corpo *natural*) "e ressuscitará corpo *espiritual*". São Paulo era um Iniciado, e suas palavras têm um sentido completamente diferentes quando lidas esotericamente. O corpo "semeia-se em *fraqueza* (passividade); ressuscitará em poder" (v. 43) ou em espiritualidade e inteligência.

um cardo e o pombo engole um grão de trigo. Se a Queda tivesse a significação que lhe empresta a Telogia; se a Queda fosse o resultado de um ato contrário aos propósitos da Natureza, um *pecado*, que dizer então dos animais? Se nos disserem que eles procriam suas espécies em conseqüência daquele mesmo "pecado original", pelo qual Deus amaldiçoou a Terra, e portanto tudo o que nela vive, responderemos com outra pergunta. A Teologia nos diz, e também a Ciência, que o animal apareceu na Terra muito antes do homem. Perguntamos à Teologia: Como foi que os animais *procriaram suas espécies*, antes de ser colhido o Fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal? Consoante já foi assinalado,

"Os cristãos, infinitamente menos inteligentes que o grande Místico e Libertador de quem tomaram o nome, e cujas doutrinas interpretaram erroneamente, desfigurando-as, e cuja memória os seus atos obscureceram, adotaram o Jehovah judeu tal qual era, e, naturalmente, em vão se esforçaram por conciliar o *Evangelho de Luz e de Liberdade* com a Divindade das Trevas e da Submissão." [17]

Mas agora já está suficientemente provado que todos os *soi-disant* maus Espíritos, a quem se acusa de terem guerrado os Deuses, são idênticos como personalidades; e que, ademais, todas as religiões antigas ensinavam a mesma doutrina, exceto a conclusão final, que difere da cristã. Os sete Deuses primordiais tinham todos um duplo estado, um essencial e o outro acidental. Em seu estado essencial todos eram os Construtores ou *Modeladores*, os Conservadores e Regentes deste Mundo; e no estado acidental, revestindo-se de corporeidade visível, desciam à Terra e a governavam como Reis e Instrutores das Legiões inferiores, que se haviam encarnado novamente como homens.

Assim, a Filosofia Esotérica ensina que o homem é a verdadeira divindade manifestada em seus dois aspectos: bom e mau, o bem e o mal; a

(17) "The War in Heaven" (*The Theosophist*, 1881, pp. 24, 36, 67, 69), por Godolphin Mitford, mais tarde Mirza Murad Ali Bey. Nascido na Índia, filho de um missionário, G. Mitford converteu-se ao Islamismo e morreu maometano em 1884. Era um místico bem extraordinário, de grandes conhecimentos e notável inteligência. Mas abandonou a Senda da Direita e, em conseqüência, teve que sofrer a retribuição kármica. Como bem expôs o autor do artigo citado: "Os partidários dos 'Elohim' vencidos — e que no princípio foram assassinados pelos judeus vitoriosos (os Jehovitas), e depois perseguidos pelos cristãos e maometanos também vitoriosos — prosseguiram (todavia)... Algumas (destas seitas esparsas) .. perderam até mesmo a tradição do verdadeiro fundamento de suas crenças, para render um culto secreto e misterioso ao Príncipe do Fogo, da Luz e da Liberdade. Por que os beduínos sabeus (abertamente monoteístas quando habitantes das cidades maometanas) invocam ainda, na solidão das noites do deserto, a "Legião Sideral do Céu"? Por que os yesidis, os "Adoradores do Demônio", votam culto a "Muluk-Taoos" — o "Senhor Pavão Real" —, *emblema do orgulho e da Inteligência de Cem Olhos (e também da Iniciação)*, que foi expulso do Céu com Satã, segundo antiga tradição oriental? Por que os gholaitas e as seitas maometanas afins da Mesopotâmia iraniana acreditavam no "Noor Illahee", a "Luz de Elohim", transmitida em *anastasis* por intermédio dos cem Chefes Profetas? É porque continuaram, com ignorante superstição, a religião tradicional das "Divindades de Luz", que Jahveh derrubara" (p. 69) — ou melhor, que *se pretende* que derrubou, pois, *derrubando-os*, ele teria derrubado a si mesmo. O Muluk-Taoos é Maluk, "Regente", conforme indicado em nota. É somente uma nova forma de Moloch, Melek, Malayak e Malachim — os Mensageiros, Anjos, etc.

Teologia, porém, não pode admitir esta verdade filosófica. Ensinando, como ensina, o dogma dos Anjos Caídos no sentido da letra morta, e, tendo feito de Satã a pedra angular e a coluna em que assenta o dogma da redenção, admitir outra coisa seria um suicídio. Sustentando, como sustentou, que os Anjos Rebeldes eram *distintos* de Deus e do Logos em suas personalidades, concordar em que a queda dos Espíritos *desobedientes* significava simplesmente a sua queda na geração e na matéria equivaleria a dizer que Deus e Satã são idênticos. Porque, se o Logos ou Deus é o agregado daquela Legião, dantes divina, que é acusado de haver caído, a conseqüência natural é que o Logos e Satã não passam de um só.

Tal era, no entanto, a verdadeira idéia filosófica da antiguidade sobre essa doutrina agora desfigurada. O Verbo, ou "Filho", era representado sob um duplo aspecto pelos gnósticos pagãos; na verdade, era um *dualismo* em completa *unidade*. Daí as versões nacionais inumeráveis. Os gregos tinham Júpiter, filho de Cronos, o Pai, que o precipita nas profundezas do Cosmos. Os arianos tinham Brahmâ (na teologia mais recente), projetado por Shiva no Abismo das Trevas, etc. Mas a Queda de todos estes Logos e Demiurgos do alto de sua posição primitiva tinha, em todos os casos, um mesmo sentido esotérico: a Maldição, do ponto de vista filosófico, consistia no encarnar-se nesta Terra; degrau inevitável na Escala da Evolução Cósmica, Lei Kármica altamente filosófica e adequada, sem a qual a presença do Mal na Terra permaneceria para sempre um mistério impenetrável à compreensão da verdadeira filosofia. Dizer, como o faz o autor de *Esprits Tombés des Païens,* que, uma vez que

> "Está o Cristianismo apoiado em duas colunas, a do mal (πονηροῦ) e a do bem (ἀγαθοῦ); numa palavra, em duas forças (ἀγαθαὶκαὶκακαὶδυναμεῖ); se suprimirmos o castigo das *forças más*, a missão protetora das potências do bem não teria nem valor nem sentido",

é enunciar o mais antifilosófico dos absurdos. Se ele está de acordo com o dogma cristão, e o explica, em compensação obscurece os fatos e a Sabedoria primitiva das idades. As prudentes alusões de Paulo encerram todas o sentido esotérico verdadeiro, e foram necessários séculos de casuística escolástica para lhes dar o falso colorido das interpretações atuais. O Verbo e Lúcifer são um só em seu aspecto dual; e o "Príncipe do Ar" (*princeps aëris hujus*) não é o "Deus *daquele* período", mas um princípio eterno. Quando se disse que este último estava sempre *dando voltas* ao redor do mundo (*qui circumambulat terram*), o grande Apóstolo simplesmente tinha em vista os ciclos incessantes das Encarnações humanas, nas quais predominará o mal até o dia em que a Humanidade seja redimida pela verdadeira Iluminação divina que dá a exata percepção das coisas.

É fácil deturpar o sentido de expressões vagas, escritas em línguas mortas e há tanto tempo esquecidas, e depois apresentá-la astutamente às massas ignorantes como verdades e fatos *revelados*. A identidade de pensamento e de significação é o que primeiro impressiona o estudante em todas as religiões que mencionam a tradição dos Espíritos Caídos; e nessas grandes religiões não há uma só que deixe de fazer-lhe referência ou não a

descreva de uma ou de outra forma. Assim, Hoang-Ty, o Grande Espírito, vê caírem os seus Filhos, que haviam adquirido a *sabedoria ativa*, no Vale das Misérias. Seu chefe, o DRAGÃO VOADOR, tendo bebido da Ambrosia proibida, *caiu na Terra* juntamente com a sua Legião (os Reis). No *Zend Avesta*, Angra Mainyu (Ahriman), rodeando-se de Fogo, (as "Chamas" das Estâncias), tenta conquistar os Céus [18], quando Ahura Mazda, descendo do Céu sólido em que habita, para vir em socorro dos Céus *que giram* (no tempo e no espaço, os mundos manifestados dos ciclos, inclusive os de encarnação) e dos Amshaspends, os "sete brilhantes Sravah", acompanhados de suas estrelas, luta contra Ahriman, e os Devas vencidos caem na Terra com ele [19]. No *Vendidad*, os Daêvas são chamados "malfeitores", contando-se como se precipitaram "nas profundezas do mundo do inferno", ou da Matéria [20]. É uma alegoria, que mostra os Devas *obrigados a encarnar-se*, desde o momento em que se separaram de sua Essência-Máter, ou, em outras palavras, desde que a Unidade se tornou múltipla, após a diferenciação e a manifestação.

Tífon, o Píton egípcio, os Titãs, os Suras e os Asuras pertencem todos à mesma lenda de Espíritos que povoam a Terra. Não são "*Demônios* incumbidos de criar e organizar este universo visível", mas os Modeladores ou *Arquitetos* dos Mundos, e os Progenitores do Homem. São, metaforicamente, os Anjos *Caídos* — os "espelhos verdadeiros" da "Sabedoria Eterna".

Qual é a verdade completa acerca desse mito universal, e a sua significação esotérica? Toda a essência da verdade *não pode ser transmitida da boca ao ouvido*. Nem tão pouco pode a pena descrevê-la, nem mesmo a do Anjo Registrador; o homem tem que descobrir a resposta no santuário do próprio coração, nos recônditos de sua intuição divina. É o SÉTIMO grande MISTÉRIO da Criação, primeiro e último; e os que leiam o *Apocalipse* de São João podem encontrar a sua sombra oculta sob o *sétimo selo*. Não se pode representá-lo senão em sua forma objetiva aparente, como o eterno enigma da Esfinge. Se a Esfinge se jogou no mar e pereceu, não foi porque Œdipo *houvesse* descoberto o segredo das idades, e sim porque, antropomorfizando o eternamente espiritual e o subjetivo, havia desonrado para sempre a grande verdade. E por isso não podemos dá-la senão nos planos filosófico e intelectual, abertos respectivamente com três chaves — pois as quatro últimas das sete chaves que abrem de par em par os portais dos Mistérios da Natureza estão em mãos dos mais altos Iniciados, e não podem ser divulgadas às massas, pelo menos neste século.

A letra morta é a mesma em toda parte. O dualismo da religião masdeísta nasceu da interpretação exotérica. O santo Airyaman, "o dispen-

(18) Assim fazem todos os yogis, e até mesmo os cristãos, pois cumpre conquistar o Reino dos Céus *pela violência* — é o que nos ensinam. Por que então semelhante desejo há de fazer de alguém um Demônio?

(19) *Acad. des Inscrip.*, XXXIX, 690.

(20) Fargard, XIX, V, 47, trad. de Darmesteter; *Sacred Books of the East*, p. 218 (vol. IV).

sador da felicidade" [21], invocado na oração do Airyama-ishyô, é o aspecto divino de Ahriman, "o implacável, o Daêva dos Daêvas" [22], e Angra Mainyu é o aspecto material e sombrio do primeiro. "Protege-nos contra aquele que nos odeia, ó Mazda e Armaita Spenta" [23] é uma oração e invocação cujo significado é o mesmo de: "Não nos deixes cair em tentação", e o homem a dirige àquele terrível *espírito de dualidade* que se encontra nele próprio. Porque Ahura Mazda é o Homem Espiritual, Divino e Purificado; e Armaita Spenta, o Espírito da Terra ou materialidade, é, num dos seus sentidos, o mesmo que Ahriman ou Angra Mainyu.

Toda a literatura magiana ou mazdeísta (ou o que dela resta) é mágica, oculta; e, portanto, alegórica e simbólica, até mesmo em seu "mistério da lei". [24] Ora, o Mobed e o Parse, durante o sacrifício, têm os olhos fitos no Baresma — o divino ramo da "Árvore" de Ormuzd, que foi transformado em um feixe de varas metálicas — e se admiram de que nem os Amesha Spentas, nem "o grande e soberbo Haomas de ouro, nem sequer o seu Vohu-Manô (os bons pensamentos), nem o seu Râta (a oferenda do sacrifício)" os ajudem muito. Que meditem sobre a "Árvore da Sabedoria" e, pelo estudo, lhe assimilem os frutos, um por um. O caminho que conduz à Árvore da Vida Eterna, o branco Haôma, o Gaokerena, vai de um ao outro extremo da Terra; e Haôma está no Céu assim como na Terra. Mas, para ser outra vez um sacerdote e um "curador", é preciso que o homem se cure a si mesmo, pois cumpre assim fazer antes que ele possa curar a outrem.

Evidencia-se deste modo, uma vez mais, que não é possível considerar os chamados "mitos" com, pelo menos, alguma dose de justiça, sem que tenham sido examinados de perto e atentamente em todos os seus aspectos. Em verdade, cada uma das sete chaves deve ser usada corretamente, nunca se confundindo com as outras — se se deseja descerrar o véu de todo o ciclo dos mistérios. Em nossos dias de lúgubre Materialismo, destruidor de almas, os antigos Sacerdotes Iniciados se converteram, na opinião das nossas sábias gerações, em sinônimos de hábeis impostores, que atiçavam o fogo da superstição para obter um domínio mais fácil sobre as mentes humanas. Eis uma calúnia sem o menor fundamento, obra do ceticismo e de pensamentos pouco generosos. Ninguém acreditava nos Deuses mais do que eles — ou, podemos dizer nos Poderes espirituais agora invisíveis, ou Espíritos, os *Númenos* dos fenômenos; e acreditavam simplesmente porque *sabiam*. E, ainda quando, depois de iniciados nos mistérios da Natureza, fossem obrigados a ocultar os seus conhecimentos aos profanos, que por certo teriam abusado deles, tal segredo era indubitavelmente menos perigoso que o procedimento seguido por seus usurpadores e sucessores. Os primeiros ensinavam somente o que realmente sabiam. Os últimos, ensinando *o que não sabiam*, inventaram, como seguro refúgio de sua igno-

(21) *Vendidad*, Far. XX, v. 12; *op. cit.*, p. 222.
(22) *Ibid.*, Far. XIX, V. 43; *op. cit.*, p. 218.
(23) Do *Vendidâd Sâdah*, citado por Darmesteter; *op. cit.*, p. 223.
(24) Veja-se o Gâtha em Yasna XLIV.

rância, uma Divindade ciumenta e cruel, que proíbe o homem de perscrutar os seus mistérios, sob pena de condenação; e fizeram bem, porque os *seus* mistérios, quando muito, podem ser insinuados a ouvintes condescendentes, mas nunca ser descritos. Leia-se *Gnostics and their Remains*, de King, e veja-se o que era a primitiva Arca de Aliança, segundo o autor, que diz:

"Há uma tradição rabínica... de que os Querubins colocados em cima eram representados como macho e fêmea, no ato da cópula, a fim de exprimir a grande doutrina da Essência da *Forma* e da *Matéria*, os dois princípios de todas as coisas. Quando os caldeus invadiram o Santuário e contemplaram este surpreendente emblema, exclamaram mui naturalmente: "Então é este o vosso Deus, de que tanto vos orgulhais, por ser assim tão afeiçoado à pureza!" [25]

King pensa que essa tradição "tem um sabor que lembra demasiadamente a filosofia Alexandrina, para que se lhe possa dar crédito" —o que duvidamos. A forma das asas dos dois Querubins que se acham à direita e à esquerda da Arca, asas que se juntam sobre o "Santo dos Santos", são um *emblema* bastante eloqüente por si mesmo, sem falar do "santo" Jod dentro da Arca! O Mistério de Agathodaemon, cuja legenda reza: "Eu sou Chnumis, Sol do Universo, 700", somente pode resolver o Mistério de Jesus, nome que tem por número "888". Não é a chave de São Pedro, ou o dogma da Igreja, mas o Narthex (a Vara do Candidato à Iniciação), que se faz mister arrancar à Esfinge silenciosa das eras passadas. Enquanto isso:

"Os áugures que, ao se encontrarem, têm que morder os próprios lábios a fim de reprimir a gargalhada" talvez que sejam mais numerosos em nossa época do que o foram nos dias de Sila.

(25) *Op. cit.*, p. 441.

SEÇÃO VI

PROMETEU, O TITÃ. SUA ORIGEM NA ÍNDIA ANTIGA

Em nossa época já não paira a menor dúvida no espírito dos nossos mais esclarecidos simbologistas europeus de que o homem de Prometeu tinha a maior e a mais misteriosa significação na antiguidade. Ao traçar a história de Deucalião, que os beócios consideravam como o antecessor das raças humanas, e que era filho de Prometeu, segundo uma significativa lenda, acrescenta o autor da *Mythologie de la Grèce Antique*:

"Prometeu é, assim, algo mais que o arquétipo do homem: é o seu *gerador*. Do mesmo modo que vimos Hefesto modelando a primeira mulher e insuflando-lhe a vida, assim Prometeu amassa o barro úmido, com o qual modela o corpo do primeiro homem que ele vai dotar com a centelha da alma [1]. Após o Dilúvio de Deucalião, Zeus, dizia-se, ordenara a Prometeu e a Athena que produzissem uma nova raça de homens do lodo deixado pelas águas [2], e nos tempos de Pausânias ainda se mostrava, na Fócida, o limo que o herói havia utilizado [3]. Em vários monumentos antigos ainda vemos Prometeu modelando o corpo do homem, ora sozinho, ora com a ajuda de Athena." [4]

O mesmo autor nos recorda outro personagem igualmente misterioso, ainda que geralmente menos conhecido que Prometeu, e cuja lenda apresenta notáveis analogias com a do Titã. O nome deste segundo antecessor e gerador é Phoroneu, herói de um poema antigo que infelizmente desapareceu, *Phonoreidae*. A lenda passava-se na Argólida, onde uma chama perpétua era conservada no altar do herói, a fim de recordar que ele trouxera o fogo à Terra [5]. Benfeitor dos homens, como Prometeu, havia-os feito participar de todas as alegrias da Terra. Platão [6] e Clemente de Alexandria [7] dizem que Phoroneu foi o primeiro homem, ou o "pai dos mortais". Sua

(1) *Apollodorus*, I, 7, 1.
(2) Ovid., *Metam.*, I, 81. *Elym.*, M., V, Προμηθεύς.
(3) Pausânias, X, 4, 4.
(4) *Op. cit.*, p. 264.
(5) Pausânias, II, 19, 5; cf. 20, 3.
(6) *Timaeus*, p. 22.
(7) *Stromata*, I, p. 380.

genealogia, que dá o rio Ínaco como seu pai, lembra a de Prometeu, segundo a qual era este Titã filho da Oceânida Climene. Mas a mãe de Phoroneu era a ninfa Melia; descendência significativa que o distingue de Prometeu [8].

Crê Decharme que Melia é a personificação do "Freixo", do qual, segundo Hesíodo, saiu a raça da Idade de Bronze [9] e que, para os gregos, é a *árvore celestial* comum a todas as mitologias. O freixo é o Yggdrasil da antiguidade escandinava, que as Norns regavam diariamente com as águas da fonte de Urd, para que nunca secasse. Permaneceu verdejante até os últimos dias da Idade de Ouro. Então as Norns (as três irmãs que contemplam respectivamente o Passado, o Presente e o Futuro) fizeram conhecer o decreto de Orlog, ou o Destino (Karma), mas os homens só tinham consciência do Presente.

"|Mas quando| Gultweig (o mineral de ouro) vem, a sedutora feiticeira... que, três vezes arrojada ao fogo, dele surge cada vez mais bela que antes para encher as almas dos deuses e dos homens de desejos devoradores, então as Norns... entram na existência, e a paz bendita dos sonhos da infância se desvanece, e o pecado nasce com todas as suas más conseqüências [e o Karma]." [10]

O Ouro três vezes purificado é: Manas, a Alma Consciente.

Para os gregos, o Freixo representava a mesma idéia. Seus ramos frondosos são os Céus siderais, dourados durante o dia e recamados de estrelas à noite: os frutos de Melia e Yggdrasil, à cuja sombra protetora viveu a humanidade durante a Idade de Ouro, sem desejos e sem temores. "Aquela árvore teve um fruto, ou um rebento inflamado, *que era o relâmpago*" — segundo supõe Decharme.

E aqui entra em cena o materialismo iconoclasta da época, essa torção especial da mente moderna, que, como vendaval do Norte, faz dobrar tudo à sua passagem, gelando toda intuição, e não lhe permitindo participar das especulações físicas do dia. Depois de não ver em Prometeu mais que o "fogo por fricção", o erudito autor da *Mythologie de la Grèce Antique* percebe nesse "fruto" *algo mais que uma simples alusão ao fogo terrestre e ao seu descobrimento*. Já não é um fogo ocasionado pela queda do raio, inflamando algum material combustível e assim revelando os seus apreciáveis benefícios aos homens da era paleolítica — mas, esta vez, algo ainda mais misterioso, embora de caráter igualmente terrestre!

"Um pássaro divino, que se aninhava em seus ramos |do Freixo celeste|, colheu aquele |rebento ou o fruto| e levou-o no bico para a Terra. Ora, a palavra grega φορωνευϛ corresponde precisamente à palavra sânscrita *Bhuranyu*, "o rápido", epíteto de Agni, considerado o portador da centelha divina. Phoroneu, filho de Melia, ou

(8) Decharme, *ibid.*, p. 265.

(9) *Opera et Dies*, 142-145. Segundo o Ensinamento Oculto, passaram-se três Yugas durante o tempo da Terceira Raça-Raiz, a saber: o Satya, o Tretâ e o Dvâpara Yuga, que correspondem à Idade de Ouro, em sua inocência primitiva, à Idade de Prata, quando alcançou a maturidade, e à Idade de Bronze quando, ao separar-se em sexos, se converteram os homens nos poderosos semideuses da antiguidade.

(10) *Asgard and the Gods*, pp. 11-13.

do Freixo celeste, corresponde assim a um conceito muito mais antigo, provavelmente, que o do *pramântha* [dos antigos indo-arianos] transformado no Prometeu dos gregos. Phoroneu é a ave [personificada] que traz à terra o raio celeste. As tradições referentes ao nascimento da geração e as que fazem de Phoroneu o pai dos Argivos são para nós a prova de que esse trovão [ou raio], como na lenda de Hefesto ou Prometeu, foi a origem da espécie humana." [11]

Vê-se em tudo isso ainda mais que o sentido externo dos símbolos e da alegoria. Supõe-se hoje que o nome de Prometeu já foi decifrado. Mas os mitólogos e orientalistas modernos não mais vislumbram nele o que viam os seus pais, segundo a autoridade de todo o mundo clássico antigo. Nele só encontram algo que é bem mais apropriado ao espírito da época, a saber: um elemento fálico. No entanto, o nome de Foroneu, assim como o de Prometeu, comporta *não um, nem mesmo dois, mas toda uma série* de significados esotéricos. Ambos se relacionam com os *sete Fogos celestes*; com Agni Abhimânin, seus três filhos e os quarenta e cinco filhos destes, representando todos eles os quarenta e nove Fogos. Será que estes números somente se referem ao fogo terrestre e à chama da paixão sexual? Será que o espírito indo-ariano não se elevou jamais acima de tais concepções puramente sensuais; esse espírito que o Professor Max Muller proclama o mais espiritual e de mais acentuadas tendências místicas de todo o globo? Mas bastaria o número destes fogos para fazer suspeitar uma parte da verdade.

Dizem-nos que já não é lícito, a esta altura do pensamento racional, explicar o nome de Prometeu da forma como o faziam os antigos gregos. Estes últimos, ao que parece,

"Baseando-se na aparente analogia de προμηθεύς com o verbo προμανθάνω, viam nele o tipo do homem "previdente" (que prevê), ao qual, por amor à simetria, acrescentaram um irmão — Epimeteu, ou "aquele que toma conselho *depois* do acontecimento" [12].

Agora, porém, os orientalistas decidiram de outro modo. Conhecem o verdadeiro significado dos dois nomes, melhor do que os que os inventaram.

A lenda está baseada em um acontecimento de importância universal. Foi criada para comemorar

"Um grande acontecimento que devia ter impressionado fortemente a imaginação dos que lhe foram as primeiras testemunhas, e cuja lembrança era preciso que jamais se apagasse da memória popular." [13]

Qual foi este acontecimento? Deixando de lado toda *ficção* poética, todos os sonhos da Idade de Ouro, imaginemos — argumentam os modernos eruditos — em todo o seu realismo grosseiro o primitivo estado mise-

(11) *Op. cit.*, p. 266.
(12) *Ibid.*, p. 258.
(13) *Ibid.*, p. 257.

rável da humanidade, de que Lucrécio, secundando Ésquilo, nos traçou um quadro surpreendente, cuja exatidão a ciência hoje confirma; e então poderemos compreender melhor que uma nova vida principiou realmente para o homem no dia em que ele viu a primeira chispa produzida pelo atrito de dois pedaços de madeira, ou surgida dos veios de uma pederneira. Como podiam os homens deixar de sentir gratidão por aquela coisa misteriosa e maravilhosa que eles se haviam tornado capazes de criar à vontade, daí por diante, e que, tão logo nasceu, foi crescendo, ampliando-se e desenvolvendo-se com um estranho poder?

"Não era esta chama terrestre de natureza análoga àquela que, do alto, lhes enviava luz e calor, ou que lhes metia medo com o trovão? Não provinha da mesma fonte? E se estava no Céu a sua origem, não devia ter sido trazida para a Terra algum dia? Sendo assim, quem era o ser poderoso, o ser benéfico, Deus ou homem, que a tinha conquistado? Tais as perguntas que se deviam ter apresentado à curiosidade dos arianos nos primeiros tempos de sua existência, e que encontraram resposta no mito grego de Prometeu." [14]

Para a Filosofia da Ciência Oculta há dois pontos fracos nas reflexões que precedem. O estado miserável da humanidade, descrito por Ésquilo e Lucrécio, não era, nos primeiros dias dos arianos, pior que o de hoje, Aquele "estado" limitava-se às tribos selvagens; e os selvagens que hoje existem não são em nada mais felizes ou infelizes do que o foram seus antepassados há um milhão de anos.

É um fato reconhecido pela Ciência que "utensílios grosseiros, exatamente semelhantes aos que são usados *pelos selvagens atuais*", se encontram entre os cascalhos dos rios e nas cavernas que geologicamente "acusam grande antiguidade". A semelhança é de tal ordem, declara o autor de *The Modern Zoroastrian*, que,

"Se a coleção de machados de pedra e pontas de flechas usadas pelos bosquímanos da África do Sul, e constantes da Exposição Colonial, fosse confrontada com a dos objetos similares do Museu Britânico, procedentes das Cavernas de Kent ou de Dordonha, só um perito poderia distinguir uns dos outros." [15]

E se existem hoje, em nossa época de alta civilização, bosquímanos que não são intelectualmente superiores à raça de homens que habitou o Devonshire e o Sul da França durante a era paleolítica, por que não poderiam estes últimos ter sido os contemporâneos de outras raças tão civilizadas em relação à sua época quanto o somos na nossa, e viver simultaneamente com elas? Que a soma de conhecimentos aumenta diariamente na humanidade, "sem que a capacidade intelectual cresça paralelamente", demonstra-se quando se compara a inteligência, já não os conhecimentos físicos, de homens como Euclides, Pitágoras, Panini, Kapila, Platão e Sócrates com a de Newton, Kant e os modernos Haeckel e Huxley. Comparando os resultados obtidos pelo craniologista Doutor J. Barnard Davis [16], acerca da

(14) *Ibid.*, p. 258.
(15) *Op. cit.*, p. 145.
(16) *Transaction of the Royal Society*, Londres, 1868.

capacidade interna do crânio — tomando o seu volume como base para o julgamento da capacidade intelectual —, o Dr. Pfaff conclui que esta capacidade, nos franceses (que ocupam certamente uma das primeiras filas na humanidade), é de 88,4 polegadas cúbicas, ou seja, "inferior sensivelmente à dos polinésios em geral, a qual, até mesmo em muitos papuas e alfures, alcança 89 a 89,7 polegadas cúbicas"; ficando assim evidenciado que a *qualidade* do cérebro, e não a *quantidade*, é a causa da capacidade intelectual. Havendo-se agora reconhecido que o termo médio dos crânios de diversas raças é "um dos índices mais característicos da diferença entre as raças", a seguinte comparação é bastante significativa:

"Entre os escandinavos, a largura média (é) de 75; entre os ingleses, de 76; entre os habitantes do Holstein, de 77; em Brisgau, de 80. O crânio de Schiller tem uma largura de 82... o dos madurenses, também de 82!"

Finalmente, a mesma comparação entre os crânios mais antigos que se conhecem e os dos europeus revela o fato surpreendente de que:

A maior parte daqueles crânios, pertencentes à Idade de Pedra, têm um volume mais acima que abaixo do volume médio do cérebro dos homens de hoje.

Calculando em polegadas as medidas de altura, largura e comprimento da média de vários crânios, obtemos os seguintes resultados:

1.	Crânios antigos do Norte, da Idade de Pedra	18.877 pol.
2.	Média de 48 crânios da mesma época, na Inglaterra	18,858 "
3.	Média de 7 crânios da mesma época, em Gales	18,649 "
4.	Média de 36 crânios do mesmo período, na França	18,220 "

A média dos *europeus atuais* é de 18,579 polegadas; a dos *hotentotes*, de 17,795 polegadas!

Estes algarismos mostram claramente que:

"O tamanho do cérebro dos povos mais antigos que conhecemos não é de ordem a situá-los em nível inferior ao dos habitantes atuais da Terra." [17]

Além disso, fazem com que se desvaneça nos ares o "elo perdido". Sobre este ponto, aliás, trataremos mais adiante, pois temos que voltar ao nosso assunto.

Segundo nos diz o *Prometheus Vinctus* de Ésquilo, a raça que Júpiter desejava ardentemente "destruir, para implantar uma nova em seu lugar" (v. 241), sofria de angústia *mental*, não física. O primeiro dom que Prometeu outorgou aos mortais, conforme ele disse ao Coro, foi "impedi-lo de *prever* a morte" (v. 256); ele "preservou a raça mortal de ser consumida pelas trevas do Hades" (v. 244); e "só então, depois disso, lhe deu o fogo" (v. 260). Deste modo, é manifesto o caráter dual, pelo menos,

(17) *The Age and Origin of Man.*

do mito de Prometeu, se os orientalistas não querem admitir a existência das *sete chaves* conforme ensina o Ocultismo. Refere-se isto ao primeiro despertar das percepções espirituais do homem, e não à primeira vez em que ele viu ou "descobriu" o fogo. Porque o fogo nunca foi *descoberto*, mas existiu na Terra desde os seus primórdios. Existia na atividade sísmica das primeiras idades; pois as erupções vulcânicas eram tão freqüentes e constantes naqueles tempos como o é o nevoeiro na Inglaterra de hoje. E se vierem dizer-nos que, ao aparecer o homem na Terra, quase todos os vulcões já se achavam extintos e aos distúrbios geológicos havia sucedido um estado de coisas mais normal, responderemos: Se uma nova raça de homens, descendentes de Anjos ou de gorilas, surgisse hoje em qualquer ponto desabitado da Terra, com exceção talvez do Saara, haveria mil probabilidades contra uma de que não passariam dois anos sem que "eles descobrissem o fogo", vendo que o raio queimava a erva, ou outra coisa. A suposição de que o homem primitivo teria vivido por muito tempo na Terra antes de conhecer o fogo é, entre todas, uma das mais ilógicas e lamentáveis. Mas o velho Ésquilo era um Iniciado, e sabia perfeitamente o que dizia [18].

Nenhum Ocultista que conheça a simbologia e o fato de que a Sabedoria nos veio do Oriente negará, um instante sequer, que o mito de Prometeu chegou à Europa procedente de Aryâvarta. Tampouco negará provavelmente, que Prometeu, em certo sentido, representa o *fogo pelo atrito*. Por isso, é de admirar a sagacidade de F. Baudry quando em *Les Mythes du Feu et du Breuvage Céleste* [19] mostra um dos aspectos de Prometeu e sua origem indiana. Expõe ele ao leitor o *suposto* processo primitivo para a obtenção do fogo, hoje ainda em uso na Índia para acender o facho do sacrifício. Eis as suas palavras:

"Este processo, tal como se acha minuciosamente descrito nos Sutras Védicos, consiste em fazer girar rapidamente um pau dentro de um orifício cavado no centro de um pedaço de madeira. O atrito desenvolve um calor intenso, e termina produzindo fogo nas partículas de madeira que estão em contato. O movimento do pau não é uma rotação contínua, mas uma série de rotações em sentido contrário, por meio de uma corda presa no centro do pau; o operador segura em cada mão uma das pontas da corda, soltando uma e outra, alternadamente. Todo o processo se designa em sânscrito com o verbo *manthâmi, mathnâmi*, que significa "atritar, agitar, sacudir e obter pelo atrito", e se aplica especialmente à fricção rotatória, como o prova seu derivado *mandala*, que quer dizer um círculo... Os pedaços de madeira que servem para produzir o fogo têm cada qual um nome em sânscrito. O pau que gira é o *pramantha*; o disco que o recebe chama-se *arani* e *aranî*; "os dois aranis" formam o conjunto do instrumento." [20]

(18) A tentativa moderna de alguns sábios helenistas (como eles haviam de parecer pobres e pseudo-sábios no tempo dos antigos escritores gregos!) para explicar o verdadeiro significado das idéias de Ésquilo — as quais, sendo um antigo grego ignorante, não podia ele mesmo expressar tão bem — é ridícula e por demais absurda.

(19) *Revue germanique*, 1861, pp. 356 e segs. Ver também *Mémoires de la Societé de Linguistique*, I, pp. 377 e segs.

(20) Citado por Decharme, op. cit., pp. 258-259. Há o pedaço *superior* e o *inferior* de madeira, usados para produzir este fogo sagrado, pelo atrito, nos sacrifícios,

Resta saber o que os Brâmanes dirão a isso. Mas, admitindo mesmo que Prometeu, sob um dos aspectos do mito, fosse considerado o produtor do fogo por meio do *Pramantha*, ou um *Pramantha* animado e divino, implicaria isto que o simbolismo só tinha o significado fálico que lhe atribuem os simbologistas modernos? Decharme, pelo menos, parece ter um vislumbre correto da verdade, quando, embora inconscientemente, corrobora tudo o que as Ciências Ocultas ensinam a respeito dos Mânasa Devas, que dotaram o homem com a consciência de sua alma imortal — esta consciência que impede o homem de "prever a morte" e lhe faz *saber* que é imortal [21]. "E como Prometeu entrou na posse da Centelha (divina)?" — pergunta.

"Tendo o fogo seu domicílio no céu, foi lá que ele teve de ir buscá-lo para o trazer aos homens; e, para acercar-se dos deuses, era preciso que ele também pertencesse à raça divina." [22]

Os gregos o consideravam membro da família *Divina*, "filho do Titã Jápeto" [23], e os hindus acreditavam que era um Deva.

"*Mas o fogo celeste, no começo, pertencia exclusivamente aos* Deuses; *era um* tesouro que reservavam para si... e que vigiavam ciosamente... "O prudente filho de Jápeto", diz Hesíodo, "enganou Júpiter, roubando e ocultando o fogo imarcessível e de fulgor resplandecente na cavidade de um *narthex*" [24]... Assim o dom concedido por Prometeu aos homens foi uma conquista obtida no céu. Ora, segundo as idéias gregas" |neste ponto idênticas às dos Ocultistas|, "esta posse arrebatada a Júpiter, esta violação humana da propriedade dos Deuses, devia necessariamente acarretar uma expiação... Prometeu, ademais, pertencia à raça dos Titãs rebelados [25] contra os Deuses, e a quem o senhor do Olimpo havia precipitado no Tártaro; e, como aqueles, é um gênio do mal, condenado a sofrer penas cruéis." [26]

O que há de mais revoltante nas explicações que se seguem é a parcialidade do ponto de vista abraçado pelo autor ao estudar esse mito, dentre

---

e é no Aranî que está o orifício. Assim o prova uma alegoria do *Vayu Purâna*, e de outros *Purânas*, em que se diz que Nemi, o filho de Ikshvâku, não havia deixado sucessor e que os Rishis, temendo que a Terra ficasse sem Regente, introduziram o corpo do Rei no alvéolo de um Aranî — como Aranî superior — e produziram deste modo um príncipe chamado Janaka. "Foi chamado Janaka por causa do modo especial como foi engendrado." Veja-se também essa palavra no *Sanscrit Dictionary* de Goldstucker. (*Vishnu Purâna*, tradução de Wilson, III, 330). Devaki, a mãe de Krisna, em uma oração que lhe é dedicada, recebe o nome de "o Aranî cujo atrito engendra o fogo".

(21) A Mônada animal é tão imortal como a do homem; mas o bruto não o sabe: vive uma vida animal de sensações, exatamente como sucederia ao homem primitivo ao alcançar o desenvolvimento físico na Terceira Raça, se não tivesse havido a intervenção dos Agnishvâttas e Mânasa Pitris.

(22) *Op. cit.*, p. 259.

(23) Ιαπετιονίδηϛ. *Theogony*, p. 528.

(24) Ibid., p. 565.

(25) Os Anjos Caídos, por conseguinte; os Asuras do Panteão hindu.

(26) Decharme, *op. cit.*, pp. 259, 260.

todos o mais grandioso. Os escritores modernos dotados de maior intuição não podem ou não querem elevar seus conceitos acima do nível da Terra e dos fenômenos cósmicos. Não se nega que a idéia moral do mito, tal como exposta na *Teogonia* de Hesíodo, representa certo papel nas primitivas concepções gregas. O Titã é mais que um ladrão do fogo celeste. É a representação da humanidade — ativa, industriosa, inteligente, mas ao mesmo tempo ambiciosa, que deseja igualar-se com os poderes divinos. Daí o ser punida a humanidade na pessoa de Prometeu; mas só para os gregos é que é assim. Para eles, Prometeu não é um criminoso, salvo aos olhos dos Deuses. Em suas relações com a Terra, ele é, pelo contrário, um Deus mesmo, um amigo da humanidade (φιλάνθρωπος), havendo-a conduzido à civilização e iniciado no conhecimento de todas as artes; conceito que encontrou em Ésquilo o seu intérprete mais poético. Mas, para todas as demais nações, que é Prometeu? É o Anjo Caído, Satã, como pretende a Igreja? De nenhum modo. *É simplesmente a imagem dos efeitos perniciosos e temíveis do raio.* É o "fogo mau" (*mal feu*) [27] *e o símbolo do divino órgão masculino de reprodução.*

"Reduzido a sua mais simples expressão, o mito que tratamos de explicar não é, portanto, senão um gênio |cósmico| do fogo." [27]

A primeira idéia (a fálica) é a que era *preeminentemente* ariana, a acreditarmos em Adalbert Kuhn [29] e F. Baudry. Porque:

"Sendo o fogo de que o homem se servia o resultado da ação do *pramantha* no *arani*, os arianos *devem ter suposto* [?] que essa também fosse a origem do fogo celeste, e *imaginado* [?] [30] que um deus armado com o pramantha ou um pramantha divino produzia uma violenta fricção no seio das nuvens, gerando assim os relâmpagos e os trovões [31].

A idéia assenta em que, segundo o testemunho de Plutarco [32], os estóicos pensavam que o trovão era o resultado de um combate entre as nuvens, e o relâmpago um incêndio causado pela fricção; enquanto Aristóteles via no raio o efeito do choque de nuvens umas contra as outras. Que era esta teoria senão a interpretação científica da produção do fogo pelo atrito?... Tudo nos leva a crer que, desde a mais remota antiguidade e antes da dispersão dos árias, havia a crença de que o pramantha acendia o fogo tanto nas nuvens tempestuosas como nos aranis." [33]

Pretende-se, assim, dar foros de verdades descobertas a não mais que suposições, simples hipóteses. Os defensores da letra morta da *Bíblia* não podiam ajudar de modo mais eficaz os escritores de tratados *ad usum* dos

(27) *Ibid.*, p. 263.
(28) *Ibid.*, p. 261.
(29) *Die Herabkunft des Feuers und des Gottertranks* (Berlim, 1859).
(30) Os grifos são nossos, e mostram como as suposições hoje são elevadas à categoria de leis.
(31) Decharme, *op. cit.*, p. 262.
(32) *Philosoph. Placit.*, III, 3.
(33) Baudry, *Revue Germanique*, 14 de abril, 1861, p. 368.

missionários do que o fazem esses simbologistas, quando certificam que os antigos árias baseavam seus conceitos religiosos em idéias que não iam além do nível fisiológico.

Não há, porém, fundamento em tal assertiva, e é o espírito mesmo da Filosofia Védica que se opõe a semelhante interpretação. Pois se, como o próprio Decharme confessa,

"Esta idéia do poder criador do fogo fica explicada... pela antiga assimilação da alma a uma chispa divina"[34],

como se vê das imagens tantas vezes empregadas pelos *Vedas* quando se referem ao Arani, significaria isso algo muito mais elevado que as grosseiras concepções sexuais. Invoca-se como exemplo um Hino a Agni que se encontra no *Veda*:

"Eis aqui o pramantha: o gerador está pronto. Trazei a senhora da raça (o arani feminino). Produzamos Agni pelo atrito, segundo o velho costume."

Não há aí nada de pior que uma idéia abstrata expressa na linguagem dos mortais. O Arani feminino, a "senhora da raça", é Aditi, a Mãe dos Deuses, ou Shekinah, a Luz Eterna; no Mundo do Espírito, o "Grande Oceano" e o CAOS; ou ainda a Substância Primordial em sua primeira passagem do IGNOTO para o Cosmos manifestado. Se, muitas idades depois, foi o mesmo qualificativo aplicado a Devaki, a mãe de Krishna ou do Logos encarnado; e se o símbolo, devido à difusão gradual e irresistível das religiões exotéricas, pode agora ser interpretado com uma significação sexual, isto de modo algum descaracteriza a pureza original da imagem. O subjetivo foi transformado em objetivo; o Espírito descambou na Matéria. A polaridade cósmica universal do Espírito-Substância se converteu no pensamento humano, na união mística, e no entanto sexual, do Espírito e da Matéria, e adquiriu assim um colorido antropomórfico que nunca tivera em seu início. Entre os *Vedas* e os *Puranas* há um abismo, do qual são os pólos, assim como, na constituição setenária do homem, o são o sétimo princípio, Atmâ, e o primeiro ou princípio inferior, o Corpo Físico. A linguagem primitiva e puramente espiritual dos *Vedas*, elaborada muitas dezenas de milênios antes que os relatos Purânicos, foi revestida de uma expressão meramente humana para descrever as coisas que se passaram há 5 000 anos, quando da morte de Krishna, época em que principiou para a humandiade o Kali Yuga, ou Idade Negra.

Assim como Aditi é chamado Surârani, a Matriz ou "Mãe" dos Suras ou Deuses, assim Kunti, a mãe dos Pandavas, tem o nome de Pândavârani, no *Mahâbhârata*[35] — sendo hoje o termo entendido *fisiologicamente*. Mas Devaki, o antítipo da Madona Católica Romana, é uma forma posterior antropomorfizada de Aditi. Esta última é a Deusa-Mãe, ou Deva-mâtri, de

(34) *Op. cit.*, pp. 264, 265.

(35) Veja-se o *Vishnu Purana*, trad. de Wilson, V, 96, nota.

sete filhos (os reis e os sete Adityas dos tempos védicos primitivos); a mãe de Krishna, Devaki, tem seis embriões depositados em sua matriz por Jagad-dhâtri, a "Nutriz do Mundo", sendo o sétimo Krishna, o Logos, transferido à de Rohinî. Maria, a Mãe de Jesus, é mãe de sete filhos — cinco filhos e duas filhas (uma transformação posterior de sexos), no Evangelho de São Mateus [36]. Nenhum adorador da Virgem Católica Romana teria inconveniente em recitar em sua honra a oração dirigida pelos Deuses a Devaki. Julgue o leitor.

"Tu... és aquela Prakriti |essência|, infinita e sutil, que em tempos guardou Brahmâ em seu seio... Tu, ser eterno, que encerras em tua substância a essência de todas as coisas criadas, és idêntica à criação; tu és a mãe do sacrifício tríplice, que se torna o germe de todas as coisas. Tu és ó sacrifício de onde procedem todos os frutos; és o Arani, cujo atrito gera o fogo [37]. Como Aditi, tu és a mãe dos deuses... Tu és a luz |Jyotsna, o crepúsculo matutino| [38], que dá nascimento ao dia. Tu és a humildade |Sannati, uma filha de Daksha|, a mãe da sabedoria; tu és Niti, a mãe da harmonia |Naya| [39]; tu és a modéstia, a progenitora do afeto |Prashraya, explicada por Vinaya|; tu és o desejo, do qual nasce o amor... Tu és... a mãe do conhecimento |Avabodha|; tu és a paciência |Dhriti|, a mãe da fortaleza de alma |Dhairya|." [40]

Deste modo, fica evidenciado que Arani não é outra coisa senão o "Vaso de Eleição" católico romano. Quanto ao seu significado primitivo, era puramente metafísico. Nenhum pensamento impuro interferia nestes conceitos da mente antiga. Até mesmo no *Zohar* — muito menos metafísico em sua simbologia que outro qualquer simbolismo — a idéia é uma abstração e nada mais. Assim, quando o *Zohar* diz:

"Tudo o que existe, tudo o que foi formado pelo ancião, cujo nome é sagrado, não podia ter vida senão em virtude de um princípio masculino e de um princípio feminino" [41]

— quer isto dizer tão somente que o Espírito de Vida se está constantemente unindo à Matéria. A VONTADE da Divindade é o que atua; e a idéia é puramente de Schopenhauer.

"Quando Attikah Kaddosha, o ancião e o oculto dos ocultos, desejou formar todas as coisas, ele as fez como macho e fêmea. Esta sabedoria abrange *tudo*, quando se manifesta."

Daí o dizer-se que Chokmah (a Sabedoria masculina) e Binah (a Consciência ou Inteligência feminina) criam tudo entre os dois — o princípio ativo e o princípio passivo. Assim como o olho perito do joalheiro

(36) XIII, 55-56.
(37) "Matriz de Luz", "Vaso Sagrado", são os qualificativos da Virgem.
(38) A Virgem é chamada muitas vezes "Estrela da Manhã" e "Estrela de Salvação".
(39) Wilson traduz: "Tu és a política real, a mãe da ordem".
(40) *Vishnu Purâna*, trad. Wilson, IV, pp. 264, 265.
(41) III, 290.

distingue sob a áspera e grosseira concha da ostra a pérola pura e sem jaça, que ali jaz escondida, a mão não tocando a concha senão para extrair-lhe o conteúdo, assim também o olho do verdadeiro filósofo lê por entre as linhas dos *Purânas* as sublimes verdades védicas, corrigindo a forma com a ajuda da Sabedoria Vedantina. No entanto, os nossos orientalistas nunca percebem a pérola sob o espesso revestimento da concha; e procedem em conseqüência.

De tudo o que ficou exposto nesta Seção, depreende-se claramente que há um abismo entre a Serpente do Éden e o Demônio do Cristianismo. Só o martelo de forja da Filosofia Antiga é capaz de destruir este dogma.

SEÇÃO VII

ENOICHION-HENOCH

A história da evolução do Mito Satânico não estaria completa se deixássemos de mencionar o misterioso e cosmopolita Enoch, diversamente chamado Enos, Hanoch, e finalmente, pelos gregos, Enoichion. Foi em seu livro que os mais antigos escritores cristãos colheram as primeiras noções sobre os Anjos Caídos.

Tem-se declarado apócrifo o *Livro de Enoch*. Mas, que é um *apócrifo*? A própria etimologia da palavra indica que é simplesmente um livro *secreto*, isto é, que pertencia ao catálogo das bibliotecas dos templos, sob a guarda dos Hierofantes e dos Sacerdotes Iniciados, e a que não tinham acesso os profanos. *Apocryphon* vem do verbo *crypto* (κρύπτω), "ocultar". Durante séculos, o *Enoichion*, o Livro dos Videntes, foi conservado na "cidade das letras" e obras secretas, a antiga Kirjath-Sepher, mais tarde Debir [1].

Alguns escritores interessados neste assunto, sobretudo os maçons, quiseram identificar Enoch com o Thoth de Mênfis e até com o Mercúrio latino. Como indivíduos, todos estes são distintos uns dos outros; profissionalmente (se podemos usar esta palavra, de sentido hoje tão limitado), pertencem todos à mesma categoria de escritores sagrados, de Iniciadores e de Recompiladores da Antiga Sabedoria Oculta. Os que no *Corão* [2] recebem genericamente o nome de Edris, ou "Sábios", os Iniciados, no Egito eram chamados Thoth, o inventor das Artes e das Ciências, da *escritura* ou das letras, da Música e da Astronomia. Entre os judeus Edris converteu-se em "Enoch", que, segundo Bar-Hebraeus, "foi o primeiro inventor da escritura", dos livros, das Artes e das Ciências, e o primeiro que coordenou em um sistema os movimentos dos planetas [3]. Na Grécia foi chamado Orfeu, mudando assim de nome em cada país. Estando o número sete relacionado com cada um desses Iniciadores [4] primitivos, assim como o número 365 dos dias do ano astrônomico, identificava ele a missão, o

(1) Veja-se *Josué*, XV, 15.

(2) Surât, XIX.

(3) Veja-se Mackenzie, *Royal Masonic Cyclopædia, sub voce* "Enoche".

(4) Khanoch ou Hanoch, ou Enoch esotericamente, significa "Iniciador" e "Instrutor", assim como Enos, o "Filho do Homem" (veja-se o *Gênesis*, IV, 26).

caráter e a função sagrada de todos estes homens, mas não, certamente, as suas personalidades. Enoch é o *sétimo* Patriarca; Orfeu é o possuidor do Phorminx, a lira de sete cordas, que não é senão o sétuplo mistério da Iniciação. Thoth, com o Disco Solar de sete raios sobre a cabeça, viaja no Barco Solar (os 365 graus), desembarcando por um dia (ano bissexto) em cada quatro anos. Finalmente, Thoth-Lunus é o Deus setenário dos sete dias da semana. Esotérica e espiritualmente, Enoichion quer dizer o "Vidente de Olho Aberto".

A história contada por Josefo acerca de Enoch, segundo a qual este teria ocultado os seus preciosos Rolos ou Livros sob os pilares de Mercúrio ou Seth, é a mesma que se conta de Hermes, o "Pai da Sabedoria", que escondeu os seus Livros de Sabedoria debaixo de um pilar, e depois, descobrindo as duas colunas de pedra, encontrou a Ciência escrita nelas. No entanto, Josefo, apesar de seus esforços constantes para assegurar a Israel uma glorificação imerecida, e de atribuir aquela Ciência (ou Sabedoria) ao Enoch *judeu*, escreve, assim mesmo, *história*. Ele fala dos pilares como existentes ainda no seu tempo[5]. Diz que foram construídos por Seth; e é possível que o fossem, não se tratando, porém, do Patriarca daquele nome (o filho de Adão segundo a fábula), nem do Deus Egípcio da Sabedoria — Teth, Set, Thoth, Tat, Sat (o Satã posterior) ou Hermes, os quais não passam todos de um só — e sim dos "Filhos do Deus-Serpente", ou "Filhos do Dragão", nomes pelos quais eram conhecidos os Hierofantes do Egito e da Babilônia, antes do Dilúvio, como o foram seus ancestrais, os atlantes.

Assim, o que Josefo nos relata, se deixarmos de lado o sentido que ele empresta ao caso, deve ser *alegoricamente* verdadeiro. Segundo a sua versão, as duas famosas colunas estavam inteiramente cheias de hieróglifos, os quais, depois de descobertos, foram copiados e reproduzidos nos lugares mais secretos dos Templos interiores do Egito, tornando-se portanto a fonte de sua Sabedoria e de seus conhecimentos excepcionais. Essas duas "colunas" são, em todo caso, os protótipos das duas "tábuas de pedra" que Moisés talhou no deserto por ordem do "Senhor". Por isso, quando Josefo menciona que todos os grandes Adeptos e Místicos da Antiguidade — tais como Orfeu, Hesíodo, Pitágoras e Platão — obtiveram os elementos de sua Teologia daqueles hieróglifos, tem ele razão em certo sentido, e está errado em outro. A Doutrina Secreta nos ensina que as Artes, as Ciências, a Teologia e mui especialmente a Filosofia de todas as nações que precederam o último Dilúvio *universalmente conhecido*, mas não universal, haviam sido registrados ideograficamente à vista das tradições orais primitivas da Quarta Raça, que as recebera como herança da Terceira Raça-Raiz, antes da Queda alegórica. Segue-se, daí, que as colunas egípcias, as tábuas e até mesmo a "pedra branca de pórfiro oriental" da lenda maçônica — que Enoch ocultou, antes do Dilúvio, nas entranhas da Terra, receando que os verdadeiros e preciosos segredos se perdessem — eram simplesmente cópias, mais ou menos simbólicas e alegóricas, das Tradições primitivas.

(5) De Mirville, *Des Esprits*, III, 70.

O *Livro de Enoch* é uma destas cópias e, além disso, um compêndio caldeu hoje muito incompleto. Como já dissemos, Enoichion quer dizer, em grego, o "Olho interno" ou o Vidente; em hebreu, *com a ajuda dos pontos massoréticos*, significa "Iniciador" e "Instrutor" (חנרך). Enoch é um título genérico; e, ademais, sua lenda é a de vários outros profetas, judeus e pagãos, com algumas diferenças de pormenores, sendo no fundo sempre a mesma. Elias é também levado "vivo" para o Céu; e o Astrólogo da corte de Isdubar, o Hea-bani caldeu, é igualmente arrebatado até o Céu pelo Deus Hea, que era o *seu* patrono, como Jehovah o era de Elias, cujo nome significa em hebreu "Deus-Jah", Jehovah (אליה)[6], e também de *Elihu*, que tem igual significado. Esse gênero de morte, fácil, ou *eutanásia*, tem um sentido esotérico. Simboliza a "morte" de todo Adepto que alcançou o poder e o grau, assim como a purificação, que lhe permitem "morrer" no corpo físico e *continuar vivendo uma vida consciente* em seu corpo astral. As variações sobre este tema são inumeráveis, mas o sentido oculto é sempre o mesmo. A expressão de Paulo[7], de que "ele não veria a morte" (*ut non videret mortem*), encerra portanto um sentido esotérico, mas nada de *sobrenatural*. A interpretação truncada que se dá a algumas alusões bíblicas, no sentido de que Enoch, "cuja idade igualará à do mundo" (do ano solar de 365 dias), deverá partilhar com Cristo e o profeta Elias as honras e a bem-aventurança do último Advento e da destruição do Anticristo[8], significa, *esotericamente*, que alguns dos Grandes Adeptos retornarão na Sétima Raça, quando todos os erros serão dissipados e o advento da Verdade será proclamado por aqueles Shishta, os santos "Filhos da Luz".

A Igreja latina não se mostra sempre lógica, nem prudente. Declara *apócrifo* o *Livro de Enoch*, e vai ao ponto de pretender, pela palavra do Cardeal Cajetan e de outros luminares da Igreja, que se deve expurgar do Cânon até mesmo o Livro de Judas, o qual, como apóstolo *inspirado*, cita e portanto sanciona o *Livro de Enoch*, que se considera como obra apócrifa. Por sorte, alguns dogmatistas perceberam o perigo em tempo. Se houvessem aceito a proposição de Cajetan, ter-se-iam visto na contingência de repudiar também o Quarto Evangelho, pois São João toma literalmente de Enoch *uma frase inteira*, pondo-a na boca de Jesus[9].

Ludolf, o "pai da literatura etíope", incumbido de estudar os diversos manuscritos Enochianos presenteados à Biblioteca Mazarine pelo viajante Pereisc, declarou que "entre os abissínios não podia haver nenhum *Livro de Enoch*"! Investigações e descobrimentos posteriores reduziram a zero essa afirmativa demasiado dogmática. Bruce e Ruppel encontram o *Livro de Enoch* na Abissínia e, o que é mais, trouxeram-no para a Europa alguns anos depois, sendo traduzido pelo Bispo Laurence. Bruce, porém, menosprezava e ridicularizava o seu conteúdo, como o fizeram todos os demais homens de ciência. Declarou que era uma obra *gnóstica*, referente à Época

(6) Mackenzie, *op. cit., sub voce.*
(7) *Hebreus*, XI, 5.
(8) De Mirville, *Des Esprits*, tomo III, p. 71.
(9) Veja-se o incidente dos "Ladrões e Malfeitores" (Seção IV), p. 55.

dos Gigantes que devoravam homens, e que tinha uma grande semelhança com o *Apocalipse* [10]. Os Gigantes! Outro *conto de fadas!*

Tal não foi, contudo, a opinião de todos os críticos de valor. O Doutor Hanneberg classifica o *Livro de Enoch*, juntamente com o *Terceiro Livro dos Macabeus, entre os primeiros da lista daquelas obras cuja autoridade mais se aproxima à das obras canônicas* [11].

Realmente, "os doutores estão em desacordo..."!

Como de costume, porém, todos têm razão e todos se equivocam. Admitir Enoch como um personagem bíblico, como uma pessoa viva, equivaleria a admitir Adão como o primeiro homem. Enoch era um nome genérico que se dava a dezenas de indivíduos, em todas as épocas e em todas as raças e nações. É o que se pode facilmente concluir da circunstância de que os antigos Talmudistas e os professores de Midrashim se acham geralmente em desacordo nas suas opiniões sobre Hanokh, o filho de Yered. Dizem uns que Enoch era um grande Santo, amigo de Deus e "levado em vida para o céu", isto é, um ser que alcançou Mukti ou o Nirvana nesta Terra, como o fez Buddha e o fazem ainda outros. Afirmam outros que era um feiticeiro, um mago perverso. Prova isso que "Enoch", ou seu equivalente, era, mesmo no tempo dos últimos Talmudistas, um termo que significava "Vidente", "Adepto da Sabedoria Secreta", etc., sem especificação alguma do caráter do portador do título. Josefo, referindo-se a Elias e a Enoch [12], observa que:

> "Está escrito nos livros sagrados que eles |Elias e Enoch| desapareceram, mas sem que ninguém tivesse conhecimento de haverem morrido."

Quer dizer simplesmente que *haviam morrido em suas personalidades*, como morrem os Yogis ainda hoje, na Índia, e ainda alguns monges cristãos — para o mundo. Desaparecem eles da vista dos homens e morrem — no plano terrestre — até para si próprios. Parece um modo figurado de falar, mas é *literalmente verdade*.

"Hanoch transmitiu a Noé a ciência dos cálculos (astronômicos) e do cômputo das estações", diz o *Pirkah* de Midrash [13]; R. Eleazar atribui a Enoch o que outros atribuem a Hermes Trismegisto, pois são ambos idênticos em seu sentido esotérico. Neste caso, "Hanokh" e sua "Sabedoria" pertencem ao ciclo da Quarta Raça Atlante [14], e Noé ao da Quinta [15]. Assim, os dois representam Raças-Raízes, a atual e a precedente. Em outro sentido, Enoch desapareceu, "foi-se com Deus e não mais existiu,

(10) De Mirville, *ibid.*, p. 73.

(11) *Ibid.*, p. 76.

(12) Antiquities, IX, 2.

(13) Cap. VIII.

(14) Diz o *Zohar*: "Hanoch tinha um livro que se identificava com o Livro das Gerações de Adão; este é o Mistério da Sabedoria".

(15) Noé é herdeiro da Sabedoria de Enoch; por outras palavras, a Quinta Raça é herdeira da Quarta.

porque Deus o levou"; alegoria que se refere ao desaparecimento, entre os homens, do Conhecimento Sagrado e Secreto; pois Deus (ou Java-Aleim, os Grandes Hierofantes, os Chefes dos Colégios de Sacerdotes Iniciados) [16] o levou consigo; em outras palavras, os Enochs, ou os Enoichions, os Videntes com o seu Conhecimento e a sua Sabedoria, confinaram-se estritamente nos Colégios Secretos dos Profetas, para os judeus, e nos Templos, para os gentios.

Interpretado com a ajuda da simples chave simbólica, Enoch é o tipo da natureza dual do homem, espiritual e física. Ocupa, por isso, o centro da Cruz Astronômica, conforme é apresentada por Eliphas Lévi, que a tomou de uma obra oculta; Cruz que é uma Estrela de Seis pontas, o ""Adonai"". No ângulo de cima do Triângulo superior está a Águia; no ângulo inferior esquerdo está o Leão; no da direita, o Touro; enquanto que entre o Touro e o Leão, acima deles e por baixo da Águia, está a face de Enoch ou do Homem [17]. Ora, as figuras do Triângulo superior representam as Quatro Raças, omitida a Primeira, os Chhâyâs ou Sombras; e o "Filho do Homem", Enos, ou Enoch, está no centro, colocado entre a Quarta e a Quinta Raça, pois representa a Sabedoria Secreta de ambas. São os quatro Animais de *Ezequiel* e do *Apocalipse*. Esse duplo Triângulo, à frente do qual se encontra, em *Ísis sem Véu*, o Ardhanâri hindu, é certamente o melhor. Porque neste último estão simbolizadas somente as três Raças históricas (para nós); a Terceira, a Raça Andrógina, por Ardha-nâri; a Quarta, pelo forte e poderoso Leão; e a Quinta, a Raça Ariana, pelo que hoje ainda é o seu símbolo mais sagrado, o Touro (e a Vaca).

Um homem de vasta erudição, um sábio francês, M. de Sacy, destaca no *Livro de Enoch* várias declarações bem singulares, "dignas do mais sério exame", conforme diz. Por exemplo:

> "O autor |Enoch| faz constar o ano solar de 364 dias, e parece ter conhecimento de períodos de três, cinco e oito anos, seguidos por *quatro* dias suplementares, que, no seu sistema, parecem ser os dois equinócios e solstícios." [18]

Mais adiante, acrescenta:

> "Só vejo um meio de excusá-los |estes "absurdos"|: é o de supor que o autor explique algum sistema fantástico que possa ter existido *antes que a ordem da Natureza houvesse sido alterada na época do Dilúvio Universal.*" [19]

Exatamente; e a Doutrina Secreta ensina que essa "ordem da natureza" foi assim alterada, como também a série das humanidades da Terra. Pois, como disse o anjo Uriel a Enoch:

> "Vê, eu te mostrei todas as coisas, ó Enoch, e todas as coisas te revelei. Tu vês o sol, a lua e *os que conduzem as estrelas do céu*, e que promovem todas as suas

(16) Veja-se *Ísis sem Véu*, I, 575 e segs. (edição inglesa).
(17) Veja-se a ilustração de *Ísis sem Véu*, II, 452, edição inglesa.
(18) Vejam-se a críticas de Danielo sobre Sacy, em *Annales de Philosophie*, p. 393, art. 2.°
(19) *Des Esprits*, tomo III, pp. 77-78.

operações e as suas estações e fazem com que elas sempre se repitam. Nas épocas dos pecadores, *os anos se tornarão mais curtos*... a lua mudará suas leis..." [20]

Naqueles tempos também, muitos anos antes do Grande Dilúvio que destruiu a Atlântida e mudou a face de toda a Terra (porque "a *Terra* |ou o seu eixo| *se inclinou*"), a natureza, do ponto de vista geológico, astronômico e cósmico em geral, não podia ser a mesma, precisamente porque a Terra *se havia inclinado*. Citando Enoch:

"E Noé gritou com amargura: Ouve-me, ouve-me, ouve-me; três vezes. E disse... A Terra trabalha e estremece violentamente. Com certeza perecerei com ela." [21]

O que, seja dito de passagem, se parece com uma das muitas "contradições" que se vêem na *Bíblia*, se interpretada ao pé da letra. Porque significa, pelo menos, um temor deveras estranho em quem havia "encontrado graça aos olhos do Senhor" e recebera a recomendação de construir uma Arca! Aqui, porém, vemos o venerável Patriarca manifestar tamanho terror como se, em vez de um "amigo" de Deus, fosse um dos Gigantes condenados pela Divindade no auge da cólera. A Terra já se havia *inclinado*, e o dilúvio era somente uma questão de tempo; no entanto, Noé parece ignorar que a sua salvação estava prevista.

Em verdade, um decreto fora promulgado; o decreto da Natureza e da Lei de Evolução, ordenando que a Terra mudasse a sua Raça, e que a Quarta Raça fosse destruída para dar lugar a uma raça melhor. O Manvantara estava na curva de *três Rondas e meia*, e a gigantesca Humanidade física atingira o ponto culminante da materialidade grosseira. Daí o versículo apocalíptico que se refere ao mandamento no sentido de sua destruição, "para que *se cumprisse o seu fim*" — o fim da Raça:

"Pois eles conheciam |verdadeiramente| todos os segredos dos anjos, todos os poderes secretos e opressores dos *Satãs*, e todos os poderes dos que exercem a feitiçaria e também dos que fabricam imagens fundidas em toda a Terra." [22]

E agora uma pergunta natural acode. Quem pôde informar o autor apócrifo desta poderosa visão — e aqui não importa a época que se lhe atribua antes da de Galileu — de que o eixo da Terra estava ocasionalmente sujeito a inclinar-se? Onde teria ele obtido tais conhecimentos astronômicos e geológicos, se a Sabedoria Secreta, em cujas fontes se haviam abeberado os antigos Rishis e Pitágoras, não passava de uma fantasia, uma invenção de tempos posteriores? Teria Enoch, por acaso, lido proféticamente, na obra de Frederico Klée sobre o Dilúvio, as linhas que se seguem?

"A posição do globo terrestre em relação ao sol foi, evidentemente, nos tempos primitivos, diferente da que hoje é; e esta diferença deve ter sido causada por um deslocamento do eixo de rotação da Terra."

(20) Cap. LXXIX. Trad. de Laurence.
(21) *Ibid.*, cap. LXIV.
(22) *Ibid., loc. cit.*, V, 6.

Isto nos faz recordar a declaração *anticientífica* que os sacerdotes egípcios fizeram a Heródoto, a saber: que o Sol não se havia levantado sempre onde *agora* se levanta, e que em tempos passados a eclítica havia cortado o equador em ângulos retos [23].

Há um bom número desses "ditos obscuros" espalhados pelos *Purânas*, a *Bíblia* e outras Mitologias; e para os ocultistas eles põem de manifesto dois fatos: (*a*) que os Antigos conheciam tão bem, e talvez melhor que os modernos, a Astronomia, a Geodésia e a Cosmografia; e (*b*) que o comportamento do Globo tem variado mais de uma vez desde o primitivo estado de coisas. Assim, Xenofanes, com base na fé *cega* de *sua* "ignorante" religião (a qual ensinava que Faetonte, em seu desejo de aprender a verdade *oculta*, fizera desviar o Sol de seu curso habitual), assegura alhures que "o Sol se retirou para outro país", o que constitui um paralelo — algo mais científico, se bem que menos temerário — com o caso de Josué, que fez parar por completo a marcha do Sol. Tal declaração pode, contudo, explicar o ensinamento da Mitologia Setentrional de que, antes da atual *ordem de coisas*, o Sol, se levantava ao Sul, e a Zona Glacial (Jeruskoven) se encontrava no Este, em vez de ficar no Norte, como agora [24].

Numa palavra, o *Livro de Enoch* é um *resumo*, um compêndio dos fatos principais da história das Raças Terceira, Quarta e Quinta; contendo pouquíssimas profecias relacionadas com a presente época do mundo; um largo sumário profético, retrospectivo e introspectivo, de acontecimentos universais e inteiramente *históricos* — geológicos, etnológicos, astronômicos e psíquicos — com um toque de Teogonia recolhido dos anais antediluvianos. O Livro desse misterioso personagem é freqüentemente citado em *Pistis Sophia*, assim como no *Zohar* e em seus mais antigos Midrashim. Orígenes e Clemente de Alexandria o tinham na mais alta conta. Pretender que é uma obra forjada na era pós-cristã equivale, portanto, a sustentar um absurdo; é confessar um anacronismo, pois Orígenes (entre outros), que viveu no segundo século da era cristã, a menciona como obra das mais antigas e veneráveis. O Nome secreto e sagrado e o seu poder estão bem e claramente descritos no antigo volume, embora de maneira alegórica. Do capítulo dezoito ao capítulo cinqüenta, as Visões de Enoch são todas descritivas dos Mistérios da Iniciação, um dos quais é o Vale Ardente dos "Anjos Caídos".

Talvez Santo Agostinho tivesse toda a razão ao dizer que a Igreja refugava do cânon o *Livro de Enoch* em virtude de sua grande antiguidade (*ob nimian antiquitatem*)[25]. Não havia lugar, dentro dos limites de 4 004 anos antes de Cristo, atribuídos ao mundo desde a sua "criação", para os acontecimentos que ali se descrevem!

(23) Bailly, *Astronomie Ancienne*, I, 203, e II, 216; *Des Esprits*, tomo III, p. 79.
(24) *Des Esprits*, tomo III, p. 80.
(25) *The City of the God*, XV, XXIII.

SEÇÃO VIII

O SIMBOLISMO DOS NOMES MISTERIOSOS DE IAO E JEHOVAH, EM SUAS RELAÇÕES COM A CRUZ E O CÍRCULO

Quando o Abade Luís Constant, mais conhecido pelo nome de Eliphas Lévi, declarou em sua *Histoire de la Magie* que o *Sepher Yetzirah*, o *Zohar* e o *Apocalipse* de São João eram as obras mestras das Ciências Ocultas, devia ter acrescentado, para ser mais claro e exato: na Europa. É bem verdade que essas obras encerram "mais *significação* que palavras", e que "são poéticas as suas expressões", sendo, contudo, "exatas" no que se refere aos "números". Infelizmente, porém, antes que se possa apreciar a *poesia* das expressões, ou a *exatidão* dos números, cumpre aprender a significação e o sentido real dos termos e dos símbolos empregados. Mas nunca o homem poderá aprendê-lo enquanto ignorar o princípio fundamental da Doutrina Secreta, seja no Esoterismo Oriental ou na Simbologia Cabalística; *a chave ou o valor, em todos os seus aspectos*, dos nomes dos Deuses, dos Anjos e dos Patriarcas, constantes da *Bíblia*; seu valor matemático ou geométrico e suas relações com a Natureza manifestada.

Em conseqüência, se por um lado o *Zohar* "surpreende (o místico) pela profundeza de seus conceitos e a simplicidade de suas imagens", por outro lado esta obra extravia o estudante com expressões tais como as usadas a respeito de Ain Soph e Jehovah, em que pese à afirmativa de que:

> "O livro tem o cuidado de explicar que a figura humana com a qual reveste a Deus é tão somente *uma imagem do Verbo*, e que Deus não pode ser expresso por nenhum pensamento, nem por nenhuma forma."

É sabido que Orígenes, Clemente e os Rabinos confessaram que a *Cabala* e a *Bíblia* eram obras *secretas e veladas*; mas poucos sabem que o Esoterismo dos livros cabalísticos, em sua forma presentemente *reeditada*, não passa de um novo véu que, de maneira ainda mais hábil, encobre o simbolismo primitivo destas obras secretas.

A idéia de representar a Divindade *oculta* pela circunferência de um círculo, e o Poder criador (macho e fêmea, ou o Verbo andrógino) pelo diâmetro que o cruza, é um dos símbolos mais antigos. Sobre esse con-

ceito foram construídas todas as grandes Cosmogonias. Para os antigos arianos e para os egípcios e caldeus, o símbolo era completo, porque encerrava a idéia do Pensamento Divino, eterno e imutável em seu sentido absoluto, totalmente separado da fase incipiente da chamada "criação", e compreendia a evolução psicológica e até espiritual, assim como sua obra mecânica ou construção cosmogônica. Para os hebreus, contudo, (ainda que se possa claramente descobrir o primeiro conceito no *Zohar* e no *Sepher Yetzirah*, ou no que resta deste último), o que mais tarde se incorporou no *Pentateuco* propriamente dito, e especialmente no *Gênesis*, consiste só nesta fase secundária, a saber: a lei mecânica da criação, ou melhor, da construção; enquanto que a Teogonia se acha apenas delineada, se é que o está.

Somente nos seis primeiros capítulos do *Gênesis*, no repudiado *Livro de Enoch* e no poema de *Job*, erroneamente traduzido e mal interpretado, é que se podem agora vislumbrar ecos verídicos da Doutrina Arcaica. A chave para a compreensão desta se encontra hoje perdida, até mesmo entre os Rabinos mais instruídos, cujos predecessores, nos primeiros tempos da Idade Média, movidos por seu orgulho e exclusivismo nacional, e sobretudo por seu ódio profundo ao Cristianismo, preferiram relegá-la ao mais completo esquecimento a compartir o seu conhecimento com os seus implacáveis e feros perseguidores. Jehovah era propriedade de sua tribo, inseparável da Lei Mosaica, e não podia figurar em nenhuma outra lei. Arrancado violentamente de seu marco original, a que se ajustava e que era ajustado a ele, o "Senhor Deus de Abraão e de Jacob" não podia participar do novo Cânon cristão, sem o risco de dano ou rompimento. Sendo mais fracos, não puderam os judeus impedir a profanação. Guardaram, porém, o segredo da origem do seu Adão-Kadmon, ou Jehovah macho e fêmea; ocorrendo que o novo tabernáculo se mostrou completamente inadequado para o antigo Deus. Foram, em verdade, vingados!

A afirmação de que Jehovah era o Deus de tribo dos judeus, e nada mais, será contraditada, assim como tantas outras coisas. Não obstante, os Teólogos não se acham, neste caso, em condições de nos dizer o significado dos versículos do *Deuteronômio*, que rezam com muita clareza:

"Quando o Altíssimo |não o "Senhor" nem tão pouco "Jehovah"| repartiu a herança entre as nações, quando separou os filhos de Adão, estabeleceu os limites... segundo o número dos filhos de Israel... *A parte do Senhor* |Jehovah| *é o seu povo; Jacob é o lote de sua herança.*" [1]

Isso dirime a questão. Tão imprudentes têm sido os tradutores modernos das Bíblias e Escrituras, e tal o dano que causam estes versículos, que cada tradutor, seguindo a linha traçada pelos dignos Padres da Igreja, tem interpretado o texto a seu modo. Enquanto a Versão inglesa autorizada oferece a tradução que acima transcrevemos *literalmente*, vemos que na Bíblia francesa [2] a palavra "Altíssimo" foi substituída por "Soberano" (!), as

(1) *Deuter.*, XXXII, 8, 9.

(2) Da Sociedade Bíblica Protestante de Paris, segundo a versão revista em 1824 por J. E Ostervald.

palavras "filhos de Adão" convertidas em "filhos dos homens" e o "Senhor" transformado em "Eterno". Em matéria de prestidigitação e sem-cerimônia, parece assim que a Igreja Protestante francesa levou a palma aos próprios Eclesiásticos ingleses.

Mas uma coisa é evidente: a "parte do Senhor" (de Jehovah) é o seu "povo eleito", e nenhum outro, pois *somente Jacob é o lote de sua herança.* Que têm a ver, portanto, outras nações, que se dizem arianas, com essa Divindade semítica, esse Deus da tribo de Israel? Astronômicamente, o "Altíssimo" é o Sol, e o "Senhor" é um de seus sete planetas, quer seja Iao, o Gênio da Lua, ou Ildabaoth-Jehovah, o Gênio de Saturno, segundo Orígenes e os Gnósticos egípcios [3]. Que o "Anjo Gabriel", o "Senhor" do Iran, vele por seu povo, e Miguel-Jehovah por seus hebreus. Estes não são os Deuses das outras nações, nem jamais foram os de Jesus. Assim como cada *Dev* persa está encadeado ao seu planeta [4], assim também cada Deva hindu (um "Senhor") tem uma parte que lhe é reservada; um mundo, um planeta, uma nação ou uma raça. A pluralidade dos mundos implica a pluralidade de Deuses. Cremos na primeira, e podemos admitir a segunda, sem contudo jamais render-lhe culto [5].

Temos repetidamente declarado nesta obra que todos os símbolos religiosos e filosóficos têm sete significados próprios, pertencendo cada qual ao seu legítimo plano de pensamento, ou seja, puramente metafísico ou astronômico, psíquico ou fisiológico, etc. Estes sete significados e suas aplicações são bastante difíceis de aprender quando se consideram por si mesmos; mas a sua correta interpretação e compreensão se tornam dez vezes mais embaraçosas quando, em lugar de correlacioná-los, de fazê-los surgir um do outro e seguirem-se, se aceita cada um ou qualquer deles como a única e exclusiva explicação de toda a idéia simbólica em seu conjunto. Podemos dar um exemplo que ilustra admiravelmente este asserto. Eis aqui duas interpretações, apresentadas por dois cabalistas eruditos, de um só e mesmo versículo do *Êxodo*. Moisés roga ao Senhor que lhe mostre a sua "glória". É evidente que não é o sentido literal da frase, tal como se encontra na Bíblia, o que devemos aceitar. Na *Cabala* há sete significados, dos quais podemos expor dois interpretados pelos referidos eruditos. Um deles traduz e explica assim:

"Tu não podes ver minha Face... Eu te porei numa fenda da rocha e te cobrirei com a Minha mão ao passar ao teu lado. E depois retirarei a Minha mão e tu verás o Meu *a'hoor*", isto é, o Meu dorso." [6]

---

(3) Para os Gnósticos egípcios, Thoth (Hermes) era o chefe dos Sete (veja-se o *Livro dos Mortos*). Orígenes lhes dá os seguintes nomes: Adonai (do Sol), Iao (da Lua), Eloi (Júpiter), Sabao (Marte), Orai (Vênus), Astaphoi (Mercúrio), e finalmente Ildabaoth (Saturno). Veja-se King, *Gnostics and their Remains*, p. 344.

(4) Veja-se a Cópia da Carta ou Diagrama dos Ofitas, de Orígenes, em seu *Contra Celsum*.

(5) Veja-se a Parte III do presente Volume, Seção IV, B, "Sobre as Cadeias de Planetas e sua Pluralidade".

(6) Exodo, XXXIII, 20-23. Veja-se *Qabbalah*, de Meyer, p. 226.

E o tradutor acrescenta à guisa de comentário:

"Isto é: Eu te mostrarei "Meu dorso", ou seja, Meu universo visível, Minhas manifestações inferiores; mas, como homem ainda revestido de carne, não podes ver Minha natureza invisível. Assim procede a Qabbalah." [7]

Está correto, e é a explicação cosmo-metafísica. E agora fala o outro cabalista, dando o significado numérico. Como ele envolve um bom número de idéias sugestivas e vem exposto de maneira muito mais completa, podemos consagrar-lhe um espaço maior. Esta sinopse foi extraída de um manuscrito inédito e esclarece mais desenvolvidamente o que dissemos na Seção III sobre o "Santo dos Santos" [8].

Os números do nome de "Moisés" são os de "Eu SOU O QUE SOU"; de modo que os nomes de Moisés e Jehovah estão em harmonia numérica. A palavra Moisés é משה (5 + 300 + 40), e a soma dos valores de suas letras é 345; Jehovah (o Gênio *por excelência* do Ano Lunar) tem o valor de 543 — ou o inverso de 345.

No terceiro capítulo do *Êxodo*, nos versículos 13 e 14, lê-se: "E Moisés disse... Eis que eu virei aos filhos de Israel e lhes direi: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me dirão: Qual é o seu nome? E que lhes devo responder? E Deus disse a Moisés:

Eu sou o que sou.

As palavras em hebreu correspondentes a esta frase são *âhiyé asher âhiyé;* e a soma do valor numérico de suas letras está assim representada:

אהיה	אשר	אהיה
21	501	21

...Sendo o número |de seu Deus| o total dos valores que o compõem (21, 501, 21), é 543, ou simplesmente uma aplicação dos números dígitos simples do nome de Moisés... dispostos, porém, de tal modo que o número 345 aparece invertido e se lê 543.

Assim, quando Moisés implora: "Deixa-me ver Tua face ou Tua glória", o outro responde acertadamente: "Tu não podes ver minha face... mas *tu me verás por detrás*"; sendo este o verdadeiro sentido, ainda que não as palavras precisas; pois o *reverso* de 543 é a *face* de 345. Isto é

Para reter e conservar o *uso estrito* de uma série de números, a fim de desenvolver certos resultados *importantes*, em cujo objetivo são especificamente empregados.

Conforme diz o sábio cabalista:

Em outras aplicações dos números, eles se viram face a face. É curioso observar que, se somarmos 345 a 543, teremos 888, que era o valor cabalístico gnóstico do nome de Cristo, nome que era Jehoshua ou Joshua. Também a divisão das 24 horas do dia dá três oitos como quociente... O fim principal de todo este sistema de Controles Numéricos era conservar perpetuamente o valor exato do Ano Lunar, na medida natural dos dias.

(7) *Ibid., loc. cit.*
(8) V. *supra*, p. 20.

Estes são os significados astronômico e numérico na Teogonia Secreta dos Deuses cósmico-siderais, inventada pelos caldeu-hebreus — dois significados entre os sete. Os outros cinco surpreenderiam ainda mais os cristãos.

É verdadeiramente considerável a lista dos Édipos que têm procurado decifrar o enigma da Esfinge. Durante muitos séculos ela vem devorando as inteligências mais nobres e lúcidas da Cristandade; agora, porém, a Esfinge foi vencida. Na grande luta intelectual que terminou com a vitória completa dos Édipos do Simbolismo, não foi, porém, a Esfinge quem, consumida pela vergonha da derrota, teve que sepultar-se no mar, mas, em verdade, o símbolo multiforme chamado Jehovah, que os cristãos — as nações *civilizadas* — aceitaram como seu Deus. O símbolo Jehovah caiu por terra ante uma análise demasiado escrutadora — e foi sepultado. Os simbologistas descobriram com espanto que a divindade por eles aceita não passava de uma máscara que servia para muitos outros Deuses, de um planeta extinto e *evemerizado*, e, quando muito, do Gênio da Lua e de Saturno para os judeus, do Sol e de Júpiter para os primeiros cristãos; que a Trindade — a menos que se aceite o significado mais abstrato e metafísico que lhe dão os gentios — não era, em verdade, senão uma tríade astronômica, composta do Sol (o Pai) e de dois planetas, Mercúrio (o Filho) e Vênus (o Espírito Santo); Sofia, o Espírito de Sabedoria, Amor e Verdade, e Lúcifer, como Cristo, a "estrela resplandecente da manhã"[9]. Porque, se o Pai é o Sol (o "Irmão Maior" na Filosofia Oriental Oculta), o planeta mais próximo dele é Mercúrio (Hermes, Buddha, Thoth), cuja Mãe tinha o nome de Maia na Terra. Ora, este planeta recebe sete vezes mais luz que qualquer outro, fato que levou os Gnósticos a dar ao seu Cristo e os Cabalistas ao seu Hermes (no sentido astronômico) o nome de "Luz Sétupla". Finalmente, *este* Deus outro não era senão Bel — pois o Sol era chamado Bel pelos gauleses; Hélios entre os gregos; Baal entre os fenícios; e El entre os caldeus, e daí El-ohim, Emmanu-el e El, "Deus", em hebreu. Mas o próprio Deus cabalístico se desvaneceu nas obras de arte rabínicas, e hoje é preciso penetrar no sentido mais profundo do *Zohar* para ver nele algo que se pareça ao Ain-Soph, a Divindade Sem-Nome e o Absoluto, que os cristãos reivindicam tão imperiosamente e em alta voz. Mas que certamente não se encontra nos livros mosaicos, pelo menos para quem os vai ler sem a devida chave. Desde que esta chave se perdeu, têm-se esmerado judeus e cristãos em misturar os dois conceitos, mas em vão. Como resultado conseguiram tão somente despojar a Divindade Universal do seu caráter majestoso e do seu primitivo significado.

Conforme já dissemos em *Ísis sem véu*:

"Parece, portanto, de todo natural fazer uma distinção entre Ιαω, o deus dos Mistérios venerado desde a mais remota antiguidade por todos os que participavam

(9) Veja-se o *Apocalipse*, XXII, 16.

dos conhecimentos esotéricos dos Sacerdotes, e os sucedâneos fonéticos do mesmo nome, que vemos tratados com tão pouca reverência pelos Ofitas e outros Gnósticos [10]

Nas jóias ofitas de King [11] aparece freqüentemente repetido o nome de Iao, que se confunde com o de Ievo, quando este corresponde apenas a um dos Gênios antagônicos de Abraxas... Mas o nome Iao não teve origem entre os judeus, nem era propriedade exclusiva deles. Ainda quando Moisés houvesse querido designar por esse nome o "Espírito" tutelar, a pretendida divindade nacional protetora do "povo eleito de Israel", não era isto razão suficiente para que os demais povos o reconhecessem como o Supremo e Único Deus vivo. Mas negamos em absoluto o asserto. Ademais, está demonstrado que Iaho ou Iao foi um "nome de mistério" desde o princípio, porquanto יהוה e יה nunca foram empregados antes da época do rei David. Eram, anteriormente, raríssimos os nomes próprios, ou não havia mesmo nenhum, em cuja composição entrassem Iah ou Jah. Parece até que David, tendo vivido entre os tírios e os filisteus, houvesse aprendido com eles o nome de Jehovah [12]. Por outra parte, David conferiu a dignidade de grande sacerdote a Zadok, de quem derivou a escola dos Zadoquitas ou Saduceus. Ele viveu e foi proclamado rei em Hebron (הבדיר), Habir-on ou cidade de Kabeir, onde se celebravam os ritos dos quatro (deuses misteriosos). Nem David nem Salomão seguiram estritamente a lei de Moisés. Desejavam eles erigir um templo a יהוה, no estilo dos construídos por Hiram em honra de Hércules e Vênus, Adon e Astartéia.

Disse Furst: "O antiquíssimo nome de Deus, Yaho, que os gregos escrevem Ιαω, parece que foi (sem ter conta a *sua derivação*) um antigo nome místico da Divindade Suprema dos semitas, que Moisés aprendeu, sem dúvida, ao ser iniciado em Hor-eb — a *Caverna* — sob a direção de Jethro, o sacerdote Kenita (ou Caínita) de Midian. Em uma antiga religião dos caldeus, cujos traços se encontram entre os neo-platônicos, a Divindade Suprema, entronizada sobre os sete Céus, representando o Princípio Espiritual de Luz... e também considerada como Demiurgo [13], era chamada Ιαω (יהוה), e equivalia em conceito ao misterioso e inefável Yaho dos Hebreus, cujo nome só era comunicado aos Iniciados. Os fenícios tinham um Deus *Supremo, cujo nome era triliteral e secreto, e este era Ιαω.*" [14]

A cruz, dizem os Cabalistas, repetindo a lição dos Ocultistas, é um dos símbolos mais antigos, talvez até *o mais* antigo de todos. Já isso ficou esclarecido no início do prefácio ao Volume I. Os Iniciados Orientais a representam como coeva do Círculo do Infinito Deífico, e da primeira diferenciação da Essência, a união de Espírito e Matéria. Tal interpretação tem sido refugada, só se aceitando a alegoria astronômica habilmente adaptada a imaginários acontecimentos terrestres.

Demonstremos esta proposição. Em Astronomia, como já dissemos, Mercúrio é o filho de Cœlus e Lux: do Firmamento e da Luz ou do Sol; em Mitologia, é a progênie de Júpiter e Maía. É o "Mensageiro" de seu pai Júpiter, o Messias do Sol; seu nome grego Hermes significa, entre outras coisas, o "Intérprete": a Palavra, o LOGOS ou VERBO. Ora, Mercúrio nasceu no Monte Cyllene, entre pastores, e é o padroeiro destes últimos. Como Gênio psicopompo, conduzia ao Hades as Almas dos Mortos e as

(10) *Op. cit.*, II, 301.
(11) *Gnostics and their Remains.*
(12) II *Samuel*, II, 11.
(13) Por muito poucos, aliás, visto que os criadores do universo material foram sempre havidos como Deuses subordinados à Divindade Suprema.
(14) *Op. cit.*, II, 296-297. Furst faz citações de Lydus e de Cedrenus em apoio de suas afirmativas.

trazia de volta, função que se atribuiu a Jesus depois de sua morte e ressurreição. Os símbolos de Hermes-Mercúrio (Dii Termini) eram colocados ao longo das grandes estradas e em seus cruzamentos, como se faz hoje com as cruzes na Itália, e eram *cruciformes* [15]. De sete em sete dias os sacerdotes ungiam com óleo esses Termini, e uma vez por ano os enfeitavam com guirlandas; eram, portanto, os *ungidos*. Mercúrio, ao falar por intermédio de seus oráculos, dizia:

"Eu sou aquele a quem chamais o Filho do Pai |Júpiter| e de Maía. Deixando o rei do Céu |o Sol|, eu venho para ajudar-vos, ó mortais."

Mercúrio cura os cegos e restitui a vista mental e física [16]. Muitas vezes era representado com três cabeças e chamado Tricéfalo ou Tríplex, como uno com o Sol e Vênus. Finalmente, Mercúrio, como nos mostra Cornutus [17], era por vezes figurado sob uma forma cúbica e sem braços, porque "o poder de falar e a eloqüência podem prevalecer sem o auxílio de mãos ou de pés". É esta forma cúbica que relaciona diretamente os Termini com a Cruz, e foi a eloqüência e o dom de falar o que levou Eusébio a dizer: "Hermes é o emblema do Verbo que a tudo cria e interpreta" — pois é o Verbo criador; e ele nos mostra Porfírio ensinando que a Palavra de Hermes — interpretada agora como a "Palavra de Deus" (!) no *Pimandro* —, uma Palavra (*Verbo*) Criadora, é o Princípio Seminal esparzido por todo o Universo [18]. Em Alquimia, Mercúrio é o Princípio Radical "Úmido", a Água Primitiva ou Elementar, que contém a semente do Universo, fecundada pelos Fogos Solares. Para exprimir este princípio fecundante, os Egípcios muitas vezes acrescentavam um falo à cruz (a união do macho com a fêmea, ou do vertical com o horizontal). Os Termini cruciformes representavam também esta idéia dual, que se encontrava no Hermes *cúbico* do Egito. O autor de *The Source of Measures* nos diz o porquê [19].

Segundo ele explica, o cubo desenvolvido se converte em uma cruz em forma de Tau, ou cruz egípcia; ou ainda: "o círculo unido ao Tao dá a cruz em ansa" dos antigos Faraós. Haviam-na conhecido desde séculos por via de seus sacerdotes e de seus "Reis Iniciados", e sabiam também o que significava "um homem unido à cruz", idéia "que se fez relacionar à da origem da vida humana, e daí a *forma fálica*." Só que esta última entrou em ação evos e séculos após a idéia do Carpinteiro e Artífice dos Deuses, Vishvakarman, crucificando o "Sol-Iniciado" no torno cruciforme. Conforme escreve o mesmo autor:

---

(15) Veja-se a estampa 77 do Volume I de *Antiquités*, de Montfauçon. Os discípulos de Hermes vão, depois da morte, para este planeta Mercúrio — seu Reino dos Céus.

(16) Cornutus.

(17) Lydus, *De Mensibus*, IV.

(18) *Preparat. Evavng.* I, III, 2.

(19) Veja-se a Seção II, *in fine*, sobre o Priapo Gnóstico.

"*A colocação de um homem sobre a cruz*... era de uso entre os hindus nesta forma de desenvolvimento." [20]

Mas era para "relacionar" à idéia de um novo nascimento do homem por meio da regeneração *espiritual*, e não pela física. O Candidato à Iniciação era atado ao Tau, ou cruz astronômica, com uma idéia muito mais elevada e nobre que a da origem da simples vida *terrestre*.

Por outro lado, os semitas parece que não tiveram na vida outro objetivo mais elevado que o de procriar sua espécie. E por isso, dentro do conceito geométrico e segundo o que se lê na *Bíblia* por meio do método numérico, a razão está inteiramente com o autor de *The Source of Measures*.

"...todo o sistema [judeu] parece haver sido considerado antigamente como fundado na natureza, e adotado pela natureza, ou Deus, como a *base* ou *lei* do exercício prático do poder criador — isto é, era o *designio criador*, cuja aplicação prática consistia na criação. E isto parece demonstrado pelo fato de que, no sistema exposto, as medidas do *tempo planetário* serviam na mesma escala como medidas da *dimensão* dos planetas e das particularidades de sua estrutura — ou seja, da extensão de seus diâmetros polar e equatorial... Este sistema (o do desígnio criador) parece ser o fundamento de toda a estrutura bíblica, como base de seu *ritualismo* e para manifestação das obras da Divindade no que se refere à *arquitetura*, pelo uso da unidade sagrada da medida no Jardim do Éden, na Arca de Noé, no Tabernáculo e no Templo de Salomão." [21]

Assim, pela própria exposição dos defensores do sistema se prova que a Divindade dos judeus é, quando muito, só uma Díade manifestada, e nunca o TODO Absoluto Único. Explicada geometricamente, é um *número;* simbolicamente, um Priapo *evemerizado*; e isto não pode satisfazer uma humanidade que tem sede de verdades espirituais demonstradas e quer um Deus com natureza divina, e não antropomórfico. É estranho que os mais sábios dos Cabalistas modernos não vejam na cruz e no círculo nada mais que um símbolo da Divindade *criadora* e *andrógina* manifestada, em suas relações com este mundo fenomenal [22]. Acredita um autor que:

"Se bem que o homem [leia-se o Judeu e o Rabino] tenha obtido o conhecimento da medida prática... por meio da qual se supunha que a natureza ajustava a dimensão dos planetas em harmonia com o sentido de seus movimentos, parece que o obteve efetivamente e que considerou a sua posse como um meio de compreender a Divindade; isto é, que se aproximou tanto do conceito de um Ser com uma mente semelhante à sua, embora infinitamente mais poderosa, que chegou a dar-se conta da existência de uma *lei de criação* estabelecida por aquele Ser, o qual deve ter existido anteriormente a toda criação (chamado cabalisticamente o *Verbo*)." [23]

Tal idéia podia satisfazer o espírito prático dos *Semitas*; mas o Ocultista Oriental não pode aceitar o oferecimento de semelhante Deus; pois,

(20) *Op. cit.*, p. 52.
(21) *Ibid.*, pp. 3 e 4.
(22) Que o leitor se reporte ao *Zohar* e ás duas *Qabbalahs* de Isaac Meyer e S. L. Mac-Gregor e respectivas interpretações, se deseja convencer-se disto.
(23) *Ibid.*, p. 5.

verdadeiramente, uma Divindade, um Ser, "com uma mente parecida à do homem, embora infinitamente mais poderosa", *não é* um Deus que *transcenda* o ciclo da criação. Nada tem a ver com o conceito *ideal* do Universo Eterno. Quando muito, é um dos poderes *criadores subordinados*, cuja totalidade se chama Sephiroth, o Homem Celeste e Adão Kadmon, o Segundo Logos dos Platônicos.

Esta mesma idéia se vê claramente no fundo das mais hábeis definições da *Cabala* e de seus mistérios; *verbi gratia*, por John A. Parker, conforme vem citado na mesma obra:

"Acredita-se que a chave da Cabala *é a relação geométrica da área do círculo inscrito no quadrado*, ou a do cubo na esfera, dando lugar à relação do diâmetro com a circunferência, sendo o valor numérico desta relação expresso em integrais. A relação entre o diâmetro e a circunferência é uma razão suprema a que se ligam os nomes divinos de Elohim e Jehovah (termos que são, respectivamente, expressões numéricas dessa relação — o primeiro exprimindo a circunferência, e o último o diâmetro), e que encerra em si todas as demais relações inferiores. A *Bíblia* emprega dois modos de expressar a relação entre a circunferência e o diâmetro, em integrais: (1) o perfeito e (2) o imperfeito. Uma das relações entre estes é tal que o (2), subtraindo-se o (1), deixa uma *unidade* do valor de um diâmetro em termos ou na denominação do valor da circunferência de um círculo perfeito, ou uma unidade em linha reta com valor circular perfeito, ou um fator de valor circular." [24]

Semelhantes cálculos não podem conduzir senão até a decifração do mistério da *terceira* etapa da Evolução, ou "Terceira Criação de Brahmâ". Os iniciados hindus sabem operar a "quadratura do círculo" bem melhor que qualquer europeu; sobre isto, porém, falaremos mais adiante. O fato é que os Místicos Ocidentais dão início às suas especulações só na fase em que o Universo "cai na matéria", como dizem os ocultistas. Em toda a série de livros cabalísticos não encontramos uma só frase que aludisse, ainda que remotamente, aos segredos psicológicos e espirituais da "criação", como o fazem quanto aos mecânicos e *fisiológicos*. Devemos, pois, considerar a evolução do Universo simplesmente como um protótipo, em escala gigantesca, do ato da procriação, como um *falicismo* "divino", e compor rapsódias sobre eles, à semelhança do mal inspirado autor de uma obra recente com este nome? Não o cremos; e julgamos ter o direito de assim falar, ao ver que um estudo mais atento do *Antigo Testamento* (tanto sob o aspecto esotérico como sob o exotérico) parece que não levou os pesquisadores mais entusiastas nem um passo à frente da certeza, baseada em fundamentos matemáticos, de que, desde o primeiro ao último capítulo do *Pentateuco*, todas as cenas, todos os personagens e todos os acontecimentos se acham relacionados, direta ou indiretamente, com a *origem do nascimento*, em sua forma mais crua e brutal. Conseqüentemente, por mais engenhosos e interessantes que sejam os métodos rabínicos, a autora, estando acorde com outros Ocultistas Orientais, não pode deixar de preferir os dos pagãos.

Não é, pois, na *Bíblia* que devemos ir buscar a origem da cruz e do círculo, e sim no período que precedeu ao Dilúvio. E por isso, voltando

(24) *Ibid.*, p. 12.

a Eliphas Lévi e ao *Zohar*, e respondendo em nome dos Ocultistas Orientais, diremos, unindo a prática ao princípio, que eles estão inteiramente de acordo com Pascal, quando este diz que:

"Deus é um círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma."

Ao passo que os Cabalistas afirmam e sustentam o contrário, visando unicamente a velar sua doutrina. A definição da Divindade por um círculo, diga-se de passagem, não pertence a Pascal, como supôs Eliphas Lévi. O filósofo francês *recolheu-a* ou de Mercúrio Trismegisto ou da obra latina do Cardeal Cusa, *De Docta Ignorantia*, onde foi empregada. Demais, Pascal desfigurou-a, substituindo as palavras "Círculo Cósmico", que aparecem simbolicamente na inscrição original, por *Theos*. Para os antigos, eram sinônimos os dois termos.

A

A CRUZ E O CÍRCULO

Os antigos filósofos sempre atribuíram algo de misterioso e divino à forma do círculo. O mundo antigo, coerente com o seu simbolismo e suas intuições panteístas, que unificam os dois Infinitos, o visível e o invisível, representava a Divindade e também o seu Véu exterior por um círculo. Esta fusão dos dois em uma unidade e a aplicação do nome Theos indistintamente a ambos estão explicadas, mostrando-se ainda mais *científicas* e filosóficas. A definição etimológica dada por Platão á palavra Theos (θεοʃ) foi exposta em outra parte. Em seu *Cratylus* menciona-a como derivada do verbo *the-ein* (θέειν), "mover-se", conforme sugerido pelo movimento dos corpos celestes, que ele relaciona com a Divindade. Segundo a Filosofia Esotérica, a Divindade, durante as suas "Noites" e os seus "Dias", ou Ciclos de Repouso e Atividade, é o *Eterno Movimento Perpétuo*, o "ETERNO VIR A SER, assim como o Eterno Presente Universal e o Sempre Existente". O último é a raiz abstrata; o primeiro é o único conceito possível para a mente humana, quando não relaciona esta Divindade com alguma figura ou forma. É uma evolução perpétua, que, volteando em círculo no seu constante progresso, retorna, evos depois, ao seu estado de origem — a UNIDADE ABSOLUTA.

Só aos Deuses menores é que se davam os atributos dos Deuses superiores. Assim, o Deus Shoo, personificação de Ra, que aparece como o "Grande Gato da Bacia de Perséia em An" [25], era muitas vezes representado nos monumentos egípcios em posição sentada e tendo uma cruz, símbolo dos quatro Quadrantes, ou dos Elementos, unida a um círculo.

Na erudita obra de Gerald Massey, *The Natural Genesis*, sob o título "Typology of the Cross", há mais informações a respeito da cruz e do

(25) Veja-se o *Livro dos Mortos*, XVII, 45-47.

círculo que em qualquer outra obra conhecida. Quem desejar provas da antiguidade da cruz poderá recorrer a esse livro. Diz o autor:

"O círculo e a cruz são inseparáveis... A Cruz em Asa une o círculo e a cruz de quatro pontas. Em razão disto, o círculo e a cruz foram às vezes intercambiáveis. Por exemplo, o Chakra, ou disco de Vishnu, é um círculo. O nome denota a ação de girar, de dar voltas em círculo, a periodicidade, a roda do tempo. O deus usa-o como uma arma, que lança contra o inimigo. De modo semelhante, Thor arremessa sua arma, o Fylfot, uma forma da cruz de quatro pés [Svástika] e tipo dos quatro quadrantes. Assim, a cruz equivale ao círculo do ano. O emblema da roda une a cruz ao círculo, como sucede com o pão hieroglífico e o laço de Ankh. ☥ [26].

E o duplo signo não era sagrado para os profanos, mas tão somente para os Iniciados. Raul Rochette mostra que:

"O signo ♀ aparece como o *reverso* de uma moeda fenícia, havendo no anverso um carneiro... O mesmo signo, chamado por vezes Espelho de Vênus, porque simbolizava a reprodução, era empregado para marcar as ancas das valiosas éguas de raça de Corinto e de outras bonitas raças de cavalos." [27]

Prova de que naqueles tempos tão remotos a cruz já se convertera no símbolo da procriação, e entrara em esquecimento a origem *divina* da cruz e do círculo.

Outra forma da cruz é apresentada pelo *Journal of the Royal Asiatic Society* [28]:

"Em cada uma das quatro pontas está colocado um quarto de arco de uma curva oviforme, e quando se unem os quatro formam um oval; a figura combina, deste modo, a cruz com o círculo ao seu redor, em quatro partes que correspondem às quatro pontas da cruz. Os quatro segmentos correspondem aos quatro pés da cruz Svastika e ao Fylfot de Thor. A flor de lótus de quatro pétalas de Buddha também está figurada no centro desta cruz, sendo o lótus uma representação egípcia e hindu dos quatro quadrantes. Se se unem os quatro quartos de arco, formam uma elipse, e a elipse está igualmente figurada em cada braço da cruz. Esta elipse indica, portanto, a órbita da terra... Sir J. Y. Simpson copiou o seguinte espécime  que ora reproduzimos, como a cruz dos dois equinócios e dos dois solstícios colocada dentro da figura da órbita da terra. A mesma figura ovóide, ou em forma de bote, se vê algumas vezes nos traçados hindus com sete degraus em cada extremidade, como forma ou modalidade de Meru."

Tal é o aspecto astronômico do duplo signo. Há, porém, seis outros aspectos, e podemos tentar a interpretação de alguns. O assunto é de tanta magnitude que, por si só, demandaria vários volumes.

O mais curioso destes símbolos egípcios da cruz e do círculo, que a obra citada menciona, é um que obtém toda a sua explicação e colorido final dos símbolos arianos da mesma natureza. Diz o autor:

---

(26) *Op. cit.*, I, 421-422.

(27) *De la Croix Ansée, Mém. de l'Académie des Sciences*, pl. 2, números 8, 9 e também 16, 2, página 320; citado em *Natural Genesis*, p. 423.

(28) Vol. XVIII, p. 393, pl. 4; Inman, fig. 38; Gerald Massey, *op. cit., ibid.*, pp. 421-422.

"A Cruz de quatro braços outra não é que a cruz dos quatro quadrantes, mas o signo da cruz nem sempre é simples[29]. Este foi um tipo que se desenvolveu tendo como ponto de partida um princípio que se pode identificar, e que mais tarde foi adaptado para exprimir diferentes idéias. A cruz mais sagrada do Egito, que os Deuses conduziam nas mãos, assim como os Faraós e os mortos mumificados, era o Ankh ☥, o signo da vida, o vivo, um juramento, a aliança... A parte superior é o hieroglífico Ru ⊂, posto sobre a cruz Tau. O Ru é a porta, a entrada, a boca, a saída. Isto denota o *lugar de nascimento* no quadrante norte dos céus, onde renasce o Sol. Portanto, *o Ru do signo de Ankh é o tipo feminino do lugar de nascimento, representando o Norte.* Foi no *quadrante norte* que a Deusa das Sete Estrelas, chamada a "Mãe das Revoluções", deu à luz o Tempo, no primeiro ciclo do ano. O primeiro signo deste círculo e signo primordial, feito no céu, é a forma primitiva da cruz de Ankh ☥, um simples laço, que encerra o círculo e a cruz em uma só imagem. Este laço ou nó está posto em frente do mais antigo gerador, o *Tifon da Ursa Maior,* como seu *Arco,* a ideografia *de um período, de uma terminação, de um tempo,* destinada a exprimir uma revolução. Representa, portanto, o círculo descrito no Céu do Norte pela Ursa Maior, e que constituía o primeiro ano do tempo; donde concluímos que o laço ou Ru do Norte representa esse quadrante, o lugar de nascimento do tempo, quando é figurado pelo símbolo de Ru ou do Ankh. Certamente que isso pode provar-se. O mundo é um *Arco* ou *Rek,* que serve de tipo para calcular. O Ru da cruz de Ankh foi continuado no R cipriota, Ⲣ, e no Ro copto, ⲣ[30]. O Ro foi transportado à cruz grega ☧, que é formada do Ro e do Chi, ou *R-k*... O Rek ou Ark era o signo de todo princípio (*Arco*), por conseguinte, e o nó do Arco é a cruz do Norte, a parte de detrás do céu."[31]

Ora, tudo isso é também de caráter totalmente astronômico e fálico. A versão dos *Purânas* da Índia expõe o mesmo assunto sob uma luz diferente. Sem infirmar aquela interpretação, revela uma parte de seus mistérios com a ajuda da chave astronômica, apresentando assim uma concepção mais metafísica. O laço de Ankh ☥ não é exclusividade do Egito. Existe com o nome de Pâsha uma corda que o Shiva de quatro braços tem na mão do braço direito posterior[32]. O Mahadeva é representado na atitude de um asceta, como Mahâyogi, com o seu terceiro olho ⊙, "que outra coisa não é senão o Ru ⊙ disposto em sentido vertical sobre a cruz de Tau". O Pâsha está segurado de tal modo que o primeiro dedo e a mão, junto ao polegar, formam a cruz, ou o laço e o cruzamento. Os nossos



(29) Certamente que não; porque muitas vezes há símbolos *empregados para simbolizarem outros símbolos*, e estes, por seu turno, são usados como ideogramas.

(30) O R dos alfabetos eslavo e russo (o alfabeto Kyriletza) é também a letra *P* latina.

(31) *Ibid.*, p. 423.

(32) Ver o *Hindu Pantheon*, de Moor, lâmina XIII.

orientalistas pretendem que ele represente uma corda para amarrar criminosos recalcitrantes, talvez porque Kâli, esposa de Shiva, o tenha como atributo!

O Pâsha tem aqui um duplo significado, como o tem o *trishûla* de Shiva e todos os demais atributos divinos. Esse duplo significado diz respeito a Shiva, pois Rudra tem seguramente a mesma significação da Cruz em Asa egípcia, em seu conceito cósmico e místico. Nas mãos de Shiva, o Pâsha se converte em *linga-e-yoni*. Shiva, conforme dissemos, é um nome desconhecido nos *Vedas*. É no *Yajur Veda Branco* que Rudra aparece pela primeira vez como o Grande Deus, Mahâdeva, cujo símbolo é o Lingam. No *Rig Veda* é chamado Rudra o "uivador", a Divindade benéfica e maléfica ao mesmo tempo, O Que Destrói. No *Vishnu Purâna* é o Deus que surge da fronte de Brahmâ, que se divide em macho e fêmea, e é o pai dos Rudras ou Maruts, a metade dos quais são brilhantes e a outra metade negros e ferozes. Nos *Vedas* é o Ego Divino que aspira a voltar ao seu puro estado deífico; e é, ao mesmo tempo, este Ego divino aprisionado em uma forma terrestre, cujas feras paixões fazem dele o "rugidor" e o "terrível". Vê-se bem isso no *Brihadâranyaka Upanishad*, em que os Rudras, descendentes de Rudra, Deus do Fogo, são chamados os "dez sopros vitais (*prana*, vida), com o coração (*manas*) como undécimo" [33]; ao passo que, como Shiva, é o destruidor desta vida. Brahmâ o chama Rudra e lhe dá, além desse, sete outros nomes, que significam outras sete formas de manifestação e também os sete poderes da natureza, que não destroem senão para novamente criar ou regenerar.

De modo que o laço cruciforme, ou Pashâ, na mão de Shiva, quando este é representado como um asceta, o Mahâyogin, não tem absolutamente sentido fálico; e, em verdade, só uma imaginação dominada por essa tendência pode vislumbrar tal significação, até mesmo em um símbolo astronômico. Como emblema de "porta, entrada, boca, lugar de saída", quer dizer a "porta estreita" que conduz ao Reino dos Céus, muito mais que o "lugar de nascimento" no sentido fisiológico.

É verdadeiramente uma cruz e um círculo, e uma Cruz de Ansa; mas uma cruz sobre a qual devem ser sacrificadas todas as paixões humanas, antes que ao Yogi seja dado franquear a "porta estreita", o círculo estreito, que se alarga em um círculo infinito, tão logo o Homem Interno haja transposto o umbral.

Quanto aos sete misteriosos Rishis da constelação da Ursa Maior, se o Egito os consagrou a "Tífon, o mais antigo gerador", a Índia tem relacionado esses símbolos, desde há séculos, com as revoluções do Tempo ou revoluções *Yuga*; e os Saptarishis têm íntima relação com a nossa idade presente — o sombrio Kali Yuga [34]. O grande Círculo do Tempo, em cuja face a fantasia indiana representou o Porco Marinho, ou Sishumâra,

(33) Veja-se o *Hindu Classical Dictionary* de Dowson, *sub voce* "Rudra".

(34) Descrito como a Idade de Ouro (!), na *Mission des Juifs*, pelo Marquês Saint-Yves d' Alveydre, o hierofante e chefe de um considerável grupo de cabalistas franceses.

tem a cruz disposta sobre ele, em razão da natureza de suas divisões e da localização das estrelas, planetas e constelações. Diz o *Bhâgavata Purâna* [35]:

"Na *extremidade da cauda daquele animal, cuja cabeça se dirige para o sul*, e cujo corpo tem *a forma de um anel* [círculo], se encontra Dhruva [a ex-estrela polar]; *ao longo de sua cauda* estão Prajâpati, Agni, Indra, Dharma, etc.; e *sobre a região lombar* os sete Rishis." [36]

É, portanto, o mais antigo símbolo da cruz e do círculo, formado pela Divindade, esta representada por Vishnu; o Círculo Eterno do Tempo sem-limites, Kâla, em cujo plano cruzam todos os Deuses, criaturas e criações nascidas no Espaço e no Tempo — todos os quais, segundo a Filosofia, morrem no Mahâpralaya.

Enquanto isso, são os sete Rishis que marcam o tempo e a duração dos acontecimentos em nosso Ciclo de Vida setenário. São eles tão misteriosos quanto suas supostas esposas, as Plêiades, das quais só uma — a que se ocultou — se demonstrou virtuosa. As Plêiades, ou Krittikâs, são as nutrizes de Kârttikeya, o Deus da Guerra (o Marte dos pagãos ocidentais), chamado o Comandante dos Exércitos Celestes, ou melhor, dos Siddhas — Siddha-Sena (traduzido por Yogis no Céu e por Santos Sábios na Terra) — o que faria de Kârttikeya idêntico a Miguel, o "Chefe das Legiões Celestes" e, como ele, um Kumâra virgem [37]. Em verdade, ele é Guha, o "Ser misterioso", tanto como o são os Saptarshis e os Krittikâs, os sete Rishis e as Plêiades, pois a interpretação de todos estes, combinados, revela ao Adepto os mais grandiosos mistérios da Natureza Oculta. Um ponto é digno de especial atenção neste caso da cruz e do círculo, por dizer bem de perto com os elementos do Fogo e da Água, que representam um papel tão importante no simbolismo da cruz e do círculo. Tal como Marte, que Ovídio supõe haver nascido só de sua mãe Juno, sem intervenção de pai, ou como os Avatares (Krishna, por exemplo) — no Ocidente como no Oriente —, Kârttikeya veio ao mundo de modo ainda mais miraculoso, sem que o concebesse pai ou mãe, tendo nascido da semente de Rudra-Shiva, que foi atirada ao Fogo (Agni) e recebida depois pela Água (o Ganges). Assim, ele é um produto do *Fogo* e da *Água*: um "menino resplandecente como o Sol e belo como a Lua". E por isso é chamado Agnibhu (filho de Agni) e Gangâputra (filho do Ganges). Acrescente-se a circunstância de que suas nutrizes, as Krittikâ, como consta do *Matsya Purâna*, são presididas por Agni, ou, para usar os termos autênticos, os "sete Rishis estão na mesma linha que o brilhante Agni"; razão por que "Krittikâ tem por sinônimo Agneya" [38] — sendo a conotação fácil de deduzir.

---

(35) V, XXIII.

(36) Excerto da tradução francesa de Burnouf, citado por Fitzedward Hall, no *Vishnu Purana de Wilson*, II, 307.

(37) *Tanto mais que é reputado o matador de Tripurâsura e do Titã Târaka.* Miguel é o vencedor do Dragão, e Indra e Kârttikeya são muitas vezes representados como idênticos.

(38) *Ibid.*, IV, 235.

Os Rishis são, pois, os que marcam o tempo e os períodos do Kali Yuga, a idade do pecado e das tribulações. Conforme diz o *Bhâgavata Purâna*:

"Quando o esplendor de Vishnu, chamado Krishna, se foi para o Céu, então o Kali Yuga, a idade em que os homens se deleitam no pecado, invadiu o mundo...

Quando os sete Rishis estavam em Maghâ, a idade Kali (que abrange 1 200 anos [divinos, ou 432 000 anos comuns]) principiou; e quando, deixando Maghâ, alcançarem Purvâshâdhâ, a mesma idade Kali estará em seu pleno desenvolvimento, sob Nanda e seus sucessores." [39]

É a revolução dos Rishis.

"Quando as duas primeiras estrelas dos sete Rishis (a Utsa Maior) se levantam nos céus, e um asterismo lunar é visível à noite, a igual distância entre elas, então os sete Rishis permanecem estacionários nessa conjunção durante cem anos"

— conforme alguém que odiava Nanda leva Parâshara a dizer. Segundo Bentley, foi para demonstrar a importância da precessão dos equinócios que essa noção surgiu entre os astrônomos.

"Baseava-se na concepção de uma linha imaginária, ou grande círculo, passando pelos pólos da eclítica, e pelo início da Maghâ fixo, círculo esse que se supunha cortar algumas das estrelas da Ursa Maior... As sete estrelas da Ursa Maior eram chamadas Rishis, e o círculo assim imaginado teve o nome de linha dos Rishis; e, estando invariavelmente fixo ao princípio do asterismo lunar Maghâ, podia-se calcular a precessão anotando-se, como índice, o grau, etc., de toda casa lunar móvel cortada por aquela linha ou círculo." [40]

Tem havido, e ainda há, relativamente à cronologia dos hindus, controvérsias que se afiguram intermináveis. Aqui está, no entanto, um ponto que pode contribuir para determinar, aproximadamente pelo menos, a época em que teve início o simbolismo dos Rishis e sua relação com as Plêiades. Quando Kârttikeya foi enviado pelos Deuses às Krittikâs, para que o nutrissem, elas eram apenas seis, e por este motivo Kârttikeya é representado com seis cabeças; mas, quando a fantasia poética dos primeiros simbologistas arianos fez delas as esposas dos sete Rishis, o seu número era *sete*. Conhecem-lhes os nomes, que são Ahma, Dulâ, Nitatuí, Abrayanti, Maghâyanti, Varshayanti e Chupunikâ. Há, porém, outras séries de nomes que diferem. Seja como for, imaginou-se que os sete Rishis foram casados com as sete Krittikâs, antes do desaparecimento da sétima Plêiade. De outro modo, como podiam os astrônomos hindus falar de uma estrela que ninguém pode ver sem a ajuda dos telescópios de maior alcance? Essa,

(39) *Op. cit.*, XII, II, 26-32; citado no *Vishnu Purana*, trad. de Wilson, IV, 230. Nanda é o primeiro soberano budista, Chandragupta, contra quem todos os Brâmanes se revoltaram; era ele da Dinastia Morya e avô de Asoka. Esta é uma das passagens que não constam dos manuscritos primitivos dos Purânas. Foram acrescentados pelos Vaishnavas, os quais, por ódio sectário, se fizeram tão grandes interpoladores quanto os Padres Cristãos.

(40) *Historical View of the Hindu Astronomy*, p. 65, segundo a citação de Wilson no *Vishnu Purana*, p. 233.

talvez, a razão por que em todos estes casos a maior parte dos acontecimentos descritos nas alegorias indianas são classificados como "invenções bem recentes, que não remontam *certamente* além da era cristã".

Os mais velhos manuscritos sânscritos sobre astronomia principiam suas séries de Nakshatras, os vinte e sete asterismos lunares, pelo signo de Krittikâ, donde se segue não ser possível atribuir-lhes data mais recente que a de 2 780 anos antes de Cristo. Esta conclusão está de acordo com o "Calendário Védico", que é aceito até mesmo pelos Orientalistas, embora estes procurem resolver a dificuldade dizendo que tal Calendário não *prova* que os hindus conhecessem Astronomia naquela época; e afirmando aos seus leitores que, apesar dos Calendários, os Pandits indianos podem ter adquirido dos Fenícios o seu conhecimento sobre as casas lunares, à frente das quais se acha Krittikâ. Como quer que seja, as Plêiades constituem o grupo central do sistema da simbologia sideral. Estão situadas no colo da constelação do Touro, considerada por Madler e outros astrônomos como o *grupo central* do sistema da Via Látea, e pela *Cabala* e o Esoterismo Oriental como o *setenário sideral* nascido do primeiro lado manifestado do triângulo superior, o △ oculto. Este lado manifestado é o Touro, símbolo do UM (o algarismo 1) ou da primeira letra do alfabeto hebreu, Aleph (א), "touro" ou "boi", cuja síntese é Dez (10) ou Yod (י), a letra perfeita e o número perfeito. - As Plêiades (especialmente Alcíone) são, pois, consideradas, mesmo em Astronomia, como o ponto central *em torno do qual gira o nosso universo de estrelas fixas*, o foco de onde sai e para onde retorna o Sopro Divino, o Movimento, em seu incessante trabalho durante o Manvantara. Por isso, entre os símbolos siderais da Filosofia Oculta, é este círculo, com a cruz de estrelas sobre a sua face, que desempenha o papel principal.

A Doutrina Secreta nos ensina que tudo no Universo, assim como o próprio Universo, é formado ("criado"), durante suas manifestações periódicas no mundo fenomenal, pelo MOVIMENTO acelerado posto em atividade pelo SOPRO do Poder sempre desconhecido — desconhecido para a humanidade atual, pelo menos. O Espírito da Vida e da Imortalidade era em toda a parte simbolizado por um círculo; e por isso a serpente que morde a própria cauda representa o Círculo da Sabedoria do Infinito, tal como a cruz astronômica, a cruz inscrita no círculo, e o globo de duas-asas, que se converteu depois no Escaravelho sagrado dos Egípcios e cujo nome sugere mesmo a idéia secreta que simbolizava. Porque, nos papiros egípcios, o Escaravelho é chamado Khopirron e Khopri, do verbo *khopron*, "vir a ser", e por isso foi escolhido como símbolo e emblema da vida humana e do sucessivo "vir a ser" do homem através das diversas peregrinações e metempsicoses ou reencarnações da alma libertada. O símbolo místico mostra claramente que os egípcios acreditavam na reencarnação e nas vidas e existências sucessivas da Entidade Imortal. Como fosse, porém, uma doutrina esotérica, somente revelada aos Candidatos durante os Mistérios, pelos Sacerdotes Hierofantes e os Reis Iniciados, era conservada secreta. As Inteligências Incorpóreas (os Espíritos Planetários ou Poderes Criadores) eram sempre representados sob a forma de círculos. Na primitiva

Filosofia dos Hierofantes, estes círculos *invisíveis* eram as causas protótípicas e os construtores de todos os orbes celestes, os corpos e invólucros *visíveis* de que eles eram as almas. Este era, certamente, um ensinamento universal na antiguidade [41]. Conforme diz Proclus:

"Antes dos números matemáticos, há os números *animados*; antes das cifras aparentes, as cifras vitais; e antes de produzir os mundos materiais, *que se movem em círculo*, o Poder Criador produziu os círculos *invisíveis*." [42]

"*Deus enim et circulus est*", diz Ferécides em seu Hino a Júpiter. Era um axioma hermético, e Pitágoras prescrevia esta prosternação e postura circular durante as horas de contemplação. "O devoto deve aproximar-se o mais possível da forma de um círculo perfeito", diz o Livro Secreto. Numa tentou vulgarizar o mesmo costume entre as massas, declara Pierius a seus leitores; e Plínio diz:

"Durante o nosso culto, enrolamos o nosso corpo, por assim dizer, formando um anel—*totum corpus circumagimus*." [43]

A visão do profeta Ezequiel faz lembrar fortemente este misticismo do círculo, quando ele vê um "torvelinho" de onde sai "uma *roda* sobre a terra", cujo trabalho "*era* como que o de uma roda no meio de uma roda" — "pois o espírito da criatura viva *estava* nas rodas". [44]

"(O *Espírito*) dá voltas continuamente, e... retorna de novo, prosseguindo o seu circuito", diz Salomão [45]; na *tradução* inglesa fez-se constar que ele falava no "vento", quando, pelo texto original, se referiu ao *espírito* e ao *Sol* ao mesmo tempo. Mas o *Zohar*, que contém a única tradução literal verdadeira do Pregador cabalista, diz, para explicar esse versículo, talvez algo obscuro e difícil de compreender:

"Parece dizer que o Sol se move em circuitos, quando a referência é ao Espírito *sob o Sol*, chamado o Espírito Santo, que se move em sentido circular, para ambos os lados, a fim de *se unirem* (Ele e o Sol) *na mesma essência*." [46]

---

(41) Veja-se *Ezequiel*, I.

(42) *In Quint. Lib. Euclid.*

(43) A Deusa Basht, ou Pasht, era representada com cabeça de gato. Este animal era tido como sagrado no Egito, por várias razões. Era um símbolo da Lua, o "Olho de Osíris", ou o "Sol" durante a noite. Por isso era consagrado a Sokhit. Uma das razões místicas consistia em que, ao dormir, o seu corpo fica enrolado em círculo. Tal posição é prescrita com objetivos ocultos e magnéticos, a fim de, por certo modo, regular a circulação do fluido vital, de que o gato é dotado em proporção apreciável. "As nove vidas do gato" é um dito popular, baseado em boas razões fisiológicas e ocultas. Mr. Gerald Massey dá também uma razão astronômica, que se pode ver no Volume II desta obra. "O gato via o Sol, tinha-o em seus olhos à noite (era o olho da noite), ao passo que era invisível para os homens (assim como a Lua reflete a luz do Sol, assim também se supunha que o gato a refletia, por causa da fosforescência de seus olhos). *Nós* podemos dizer que a Lua *reflete como um espelho* a luz solar porque temos *espelhos*. Para eles, o olho do gato era o espelho." (*Luniolatry Ancient and Modern*, p. 2.)

(44) *Ezequiel*, I, 4, 15, 16, 20.

(45) *Eclesiastes*, I, 6.

(46) Fol. 87, col. 346.

O "Ovo de Ouro" bramânico, do qual surge Brahmâ, a Divindade Criadora, é o "Círculo com o Ponto Central" de Pitágoras, e o seu símbolo apropriado. Na Doutrina Secreta, a Unidade oculta (quer ela represente Parabrahman ou o "Grande Extremo" de Confúcio, ou a Divindade oculta por Phtah, a Luz Eterna, ou ainda o Ain Soph judeu) é sempre simbolizada por um círculo ou pelo "zero" (o Nada absoluto, porque é o Infinito e o TODO), enquanto se designa o Deus manifestado (por suas obras) como o *Diâmetro deste Círculo*. O simbolismo da idéia subjacente torna-se assim evidente: a linha reta que passa pelo centro de um círculo tem comprimento no sentido geométrico, mas não possui largura nem espessura; é um símbolo feminino imaginário, que cruza a eternidade, e feito para descansar sobre o plano de existência *do mundo fenomenal. Possui uma dimensão,* ao passo que o círculo não tem nenhuma ou, para usar um termo algébrico, é a dimensão de uma equação. Outro modo de simbolizar a idéia se vê na *Década* sagrada de Pitágoras, a qual sintetiza, no número dual *Dez* (o um e o círculo ou zero), o TODO Absoluto, manifestando-se pelo Verbo, ou o Poder Gerador da Criação.

B

A QUEDA DA CRUZ NA MATÉRIA

Aos que se sintam inclinados a discutir este símbolo pitagórico, objetando que até agora não se positivou em que época da antiguidade o zero apareceu pela primeira vez, principalmente na Índia, recomendamos que se dirija a *Ísis sem Véu* [47].

Admitindo, para argumentar, que o mundo antigo ignorasse os nossos métodos de calcular, bem como os algarismos arábicos — embora estejamos certos de que na realidade assim não foi —, a idéia do círculo e do diâmetro aí está para mostrar que ela foi o primeiro símbolo da Cosmogonia. Antes dos Trigramas de Fo-Hi, *Yang*, a unidade, e *Yin*, o binário, tão habilmente explicados por Eliphas Lévi [48], a China teve o seu Confúcio



e os seus Taoístas. O primeiro inscreve o "Grande Extremo" em um círculo atravessado por uma linha horizontal; os segundos colocam três círculos concêntricos abaixo do grande círculo, ao passo que os Sábios Sung representavam o "Grande Extremo" em um círculo superior, e o Céu e a Terra em dois círculos inferiores e menores. Os Yangs e os Yins são invenções

(47) Vol. II, pp. 299, 300 (ed. inglesa).
(48) *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, I — 124. Também no *T'sang-t-ung-ky*, de Wei-Pa-Yang.

muito posteriores. Platão e sua escola jamais compreenderam a Divindade de outro modo, apesar dos muitos epítetos que ele aplicou ao "Deus acima de tudo" (ὁ ἐπὶ πάσι θεός). Como Iniciado, Platão não podia admitir um Deus pessoal, sombra gigantesca do homem. Os seus epítetos de "Monarca" e "Legislador do Universo" têm um sentido abstrato, perfeitamente compreendido por todos os Ocultistas, os quais, não menos que todo cristão, crêem em uma Lei Única que governa o Universo e reconhecem ao mesmo tempo sua imutabilidade. Conforme disse Platão:

"Além de todas as existências *finitas* e de todas as causas *secundárias*, de todas as leis, idéias e princípios, há uma Inteligência ou Mente (νοῦς), primeiro princípio de todos os princípios, Idéia Suprema sobre a qual se fundam todas as demais idéias... substância *última, da qual todas as coisas derivam o seu ser e a sua essência*, Causa Primeira e eficiente de toda a harmonia, beleza, excelência e bondade que impregnam o Universo."

Essa Mente é denominada, por sua excelência e preeminência, o Bem Supremo [49], "o Deus" (ὁ θεός) e o "Deus acima de tudo". Tais palavras não se aplicam, conforme demonstra o mesmo Platão, nem ao "Criador" nem ao "Pai" de nossos monoteístas modernos, mas à Causa *Ideal* e abstrata. Porque, segundo ele diz "Este θεός, este Deus acima de tudo *não é a verdade ou a inteligência*, mas o Pai dela" e a sua Causa Primeira. Platão, o mais ilustre discípulo dos Sábios arcaicos, Sábio ele próprio, para quem só existia um objetivo na vida: alcançar o VERDADEIRO CONHECIMENTO, poderia Platão crer em uma Divindade que maldiz e condena o homem por toda a eternidade, à mais simples ofensa? [50] Certamente que não, ele que só considerava como genuínos filósofos e pesquisadores da verdade aqueles que possuíssem o conhecimento do *realmente existente*, em oposição à mera aparência; do *sempre existente*, em oposição ao transitório; e do que *existe permanentemente*, em oposição ao que cresce, míngua e passa por estados alternativos de desenvolvimento e destruição [51]. Espeusipo e Xenócrates seguiram-lhe os passos. O ÚNICO, o original, não tinha existência, no sentido que os mortais dão a esta palavra. O τιμιον (o honrado) mora tanto no centro como na circunferência, mas não é senão o *reflexo da Divindade* — a Alma do Mundo [52] — o plano da superfície

(49) *Christianity and Greek Philosophy*, de Cocker, XI, p. 377 (veja-se *Ísis sem Véu*, Vol. I, XII, edição inglesa).

(50) O grito de desespero do Conde de Montlosier, em seu *Mystères de la Vie Humaine* (p. 117), é uma garantia de que a Causa de "excelência e bondade", que Platão supunha impregnar o Universo, não é nem a *sua* Divindade nem o *nosso* Mundo. "Ante o espetáculo de tanta grandeza constrastando com o de tanta miséria, o espírito que se põe a observar esse vasto cenário fica imaginando qual seria a divindade *que outra divindade maior e mais poderosa* terá assim destruído e reduzido a pedaços, *dispersando os fragmentos por todo o Universo*". A "*divindade maior* e mais poderosa" que o Deus deste mundo — que se supõe ser tão "bom" — é o Karma. E esta verdadeira Divindade mostra claramente que a divindade menor, o nosso Deus *interior* (pessoal por enquanto) não tem força para deter a mão poderosa da Divindade maior — a Causa que desperta as nossas ações e que gera causas menores — chamada Lei de Retribuição.

(51) Veja-se *Ísis sem Véu*, I, pp. 12 e 18 (edição inglesa).

(52) Estobeu, *Ecl.*, I, 862. (Veja-se *Ísis sem Véu*, I, p. 18, ed. inglesa.)

do círculo. A cruz e o círculo são um conceito universal — tão antigo como a própria mente humana. Ocupam a primeira linha na lista da longa série dos símbolos, por assim dizer internacionais, que muitas vezes expressavam grandes verdades científicas, sem falar de sua relação direta com os mistérios psicológicos e até fisiológicos.

Dizer, como Eliphas Lévi, que Deus, o Amor Universal, tendo feito com que a *Unidade* masculina cavasse um abismo no Binário feminino, ou Caos, assim produziu o mundo — nada explica. O conceito, sobre ser grosseiro, não elide a dificuldade para a sua formulação sem prejuízo do sentimento de veneração, ante o comportamento assim demasiado humano da Divindade. Para evitar idéias antropomórficas semelhantes, os Iniciados nunca usavam a palavra "Deus" para designar o Princípio Único e Sem-Segundo do Universo; e:, deste modo fiéis às tradições mais antigas da Doutrina Secreta em todo o mundo, negavam que obra tão imperfeita, e não raro bastante impura, pudesse jamais ser produzida pela Perfeição Absoluta. É escusado mencionar aqui outras dificuldades metafísicas ainda maiores. Entre o Ateísmo especulativo e o Antropomorfismo idiota deve haver um termo médio e uma conciliação filosófica. A Presença do Princípio Invisível em toda a Natureza e sua mais alta manifestação sobre a Terra, o Homem, podem somente ajudar-nos a resolver o problema; problema que é o de um matemático cujo *x* deve sempre subtrair-se às regras da álgebra terrestre. Os hindus tentaram resolvê-lo por meio de seus Avatares; os cristãos *acreditavam* que o conseguiram — com a sua Encarnação divina e única. Exotericamente, uns e outros se equivocam; esotericamente, estão bem perto da verdade. Somente Paulo, entre os Apóstolos da religião ocidental, parece haver compreendido — se não revelado — o mistério arcaico da cruz. Quanto aos demais, que, crucificando e individualizando a Presença Universal, a sintetizaram num único símbolo — o Ponto central do Crucifixo —, demonstram com isso que jamais compreenderam o verdadeiro espírito do ensinamento de Cristo, antes o degradaram por mais de uma maneira, com suas interpretações errôneas. Esqueceu-lhes o espírito deste símbolo universal, que monopolizaram egoisticamente — como se o Ilimitado e o Infinito pudesse jamais limitar-se e condicionar-se a uma só manifestação individualizada em um só homem, ou até mesmo em uma só nação!

Os quatro braços da ✕, ou cruz decussada, e os da cruz hermética, indicando os quatro pontos cardiais, eram bem compreendidos pelas inteligências místicas dos Hindus, Brâmanes e Budistas, séculos antes de que na Europa se ouvisse falar nesse símbolo, que era e ainda é encontrado em todo o mundo. Dobrando as extremidades da cruz, fizeram dela a sua Svástika, 卐 , que é hoje o Wan dos Budistas mongóis [53]. A sua significação é que o "ponto central" não está limitado a um só indivíduo, por mais per-

(53) A Svástika é certamente um dos mais antigos símbolos das Antigas Raças. Em nosso século, diz Kenneth R. H. Mackenzie (*Royal Masonic Cyclopoedia*), a Svastika sobreviveu na forma do malhete, na Fraternidade Maçônica. Entre os muitos "significados" expostos pelo autor, não encontramos o mais importante; sem dúvida não o conhecem os Maçons.

feito que seja; que o Princípio (Deus) está na Humanidade, e que a Humanidade, como tudo o mais, está NELE, à semelhança das gotas de água no oceano; sendo que as quatro pontas se dirigem para os quatro pontos cardeais, e se perdem, portanto, no infinito.

Isarim, um Iniciado, diz-se que encontrou em Hebron, sobre o *corpo morto* de Hermes, a tão conhecida Tábua de Esmeralda, que encerraria a essência da Sabedoria Hermética. Entre outras sentenças, liam-se, gravadas sobre ela, as seguintes:

Separa a terra do fogo, o sutil do grosseiro...
Ascende... da terra ao céu, e depois torna a descer à terra.

O *enigma* da cruz está contido nestas palavras, e o seu duplo mistério esclarecido — para os Ocultistas.

"A cruz filosófica, as duas linhas traçadas em direções opostas, a horizontal e a perpendicular, a altura e a largura, que a Divindade, que faz geometria, divide no ponto de intersecção, e que forma o quaternário, tanto o mágico como o científico, — quando inscrita no quadrado perfeito é a base do Ocultista. Dentro de seu recinto místico está a chave mestra que abre a porta de todas as ciências, as físicas como as espirituais. Ela simboliza nossa existência humana, pois o círculo da vida circunscreve as quatro pontas da cruz, que representam, sucessivamente, o nascimento, a vida, a morte e a imortalidade." [54]

"Une-te, diz o alquimista, às quatro letras do tetragrama, dispostas da seguinte maneira. As letras do nome inefável estão ali, ainda que não as possa distinguir a princípio. O axioma incomunicável está ali cabalisticamente contido, e é o que os mestres chamam o arcano mágico." [55]

E mais:

"O Tau, ┬, e a cruz astronômica do Egito, ⊕, aparecem visivelmente nas escavações das ruínas de Palenque. Em um dos baixos-relevos do Palácio de Palenque, no lado oeste, se vê um Tau esculpido como um hieróglifo, diretamente abaixo da figura sentada. A figura em pé, que se inclina sobre a primeira, está no ato de cobrir a cabeça desta com o véu da iniciação que tem na mão esquerda, ao mesmo tempo que estende a direita com o dedo indicador e o do meio apontando para o céu. A atitude é exatamente a de um bispo cristão que dá a sua bênção, ou aquela em que Jesus é muitas vezes representado na Ultima Ceia." [56]

O Hierofante egípcio tinha um barrete quadrado, que devia sempre usar durante a celebração. Esses barretes são ainda hoje usados pelos sacerdotes armênios. O Tau perfeito — formado pela linha perpendicular (raio masculino descendente) e a linha horizontal (a Matéria, princípio feminino) e o círculo do mundo eram atributos de Ísis, e só depois da morte era a cruz egípcia colocada sobre o peito da múmia. Pretender que a cruz seja um símbolo puramente cristão, adotado já em nossa era, é realmente de causar estranheza, quando vemos que Ezequiel marcava com o *signum Thau*

(54) *Isis sem Véu*, I, pág. 508 (ed. inglesa).
(55) *Ibid.*, pág. 506, ed. inglesa.
(56) *Ibid.*, pág. 572, ed. inglesa.

a testa dos homens de Judá que eram tementes ao Senhor [57], conforme a tradução da Vulgata. No antigo hebreu este sinal era assim traçado: ☩ ; mas nos hieróglifos egípcios originais correspondia a uma perfeita cruz ☥ (Tat, o emblema da estabilidade). Também no *Apocalipse,* o "Alfa e o Ômega" — o Espírito e a Matéria, o primeiro e o último — estampa o nome do seu Pai na fronte dos *eleitos.* Moisés [58] ordena ao seu povo que marque as *ombreiras e lumeeiras de suas portas* com sangue, afim de que o "Senhor Deus" não se engane, afligindo alguém do seu povo eleito, em lugar dos egípcios condenados. E essa marca é um Tau! — a mesma cruz egípcia com asa, o talismã cuja metade Hermes usava para ressuscitar os mortos, como se vê em esculturas das ruínas de Philæ.

Já dissemos o bastante no texto a respeito da Svastika e do Tau. A verdade é que se podem encontrar os traços da cruz até mesmo nas profundidades insondáveis das idades arcaicas! O mistério que a cerca ainda mais se adensa, em vez de aclarar-se, quando a vemos nas estátuas da Ilha da Páscoa, no antigo Egito, na Ásia Central, gravada sobre rochas, em forma de Tau e Svastika, na Escandinávia pré-cristã, por toda parte enfim! O autor de *The Source of Measures* mostra-se perplexo diante da sombra interminável que ela projeta sobre a antiguidade, e incapaz de rastrear-lhe a origem até uma nação em particular ou um determinado homem. Diz que os Targuns conservados pelos hebreus foram desfigurados na tradução. Em *Josué* [59], lido em árabe, e no *Targum de Jonathan,* está escrito: "Ele *crucificou* em uma árvore o rei de Ai."

"A versão dos Setenta refere-se à suspensão de uma *palavra dupla* ou *cruz* (Wordsworth sobre Josué)... A mais estranha destas expressões está em *Números* (XXV, 4), onde se lê, segundo Onkelos (?): *"Crucifica-os diante do Senhor (Jehovah) contra o sol."* A palavra aqui é ✠ , *cravar,* traduzida corretamente (Fuerst) pela Vulgata como *crucificar.* A verdadeira construção desta frase é mística." [60]

Assim é; mas o espírito da frase foi sempre mal compreendido. "Crucificar ante (e não contra) o Sol" é uma expressão usada na Iniciação. Provém do Egito e, originariamente, da Índia. Não se pode decifrar o enigma senão obtendo sua chave nos Mistérios da Iniciação. O Adepto Iniciado, que se saísse bem em todas as provas, era *atado,* não *cravado,* simplesmente atado a um leito em forma de Tau, ⊤, no Egito; em forma de Svastika, sem os quatro prolongamentos adicionais (✢ e não 卐), na Índia; e depois mergulhado em profundo sono — o "Sono de Siloam", como ainda hoje o chamam os Iniciados da Ásia Menor, da Síria e até mesmo do Alto Egito. Era mantido nesse estado durante três dias e três noites, período em que o seu Ego Espiritual, dizia-se, "confabulava" com os Deuses; descia ao Hades, Amenti ou Pâtâla, conforme o país; e fazia obras de caridade em prol dos

(57) *Ezequiel,* IX, 4.
(58) *Exodo,* XII, 22.
(59) VIII, 29.
(60) *Op. cit.,* pág. 204.

Seres invisíveis, Almas de Homens ou Espíritos Elementais; permanecendo seu corpo todo o tempo em uma cripta ou cova subterrânea do templo. No Egito o corpo era colocado no Sarcófago da Câmara do Rei da Pirâmide de Cheops, e levado durante a noite que precedia o terceiro dia para a entrada de uma galeria, onde, em certa hora, os raios do Sol nascente davam em cheio sobre a face do Candidato em estado de transe, e então ele despertava para ser iniciado por Osíris e Thoth, o Deus da Sabedoria.

Ao leitor que duvide das nossas afirmações pedimos que, antes de negá-las, consulte os originais hebreus. Que examine alguns dos *baixos-relevos* egípcios mais sugestivos; especialmente, um dos que se encontram no templo de Philæ, e que representa uma *cena da Iniciação.* Dois Deuses-Hierofantes, um com cabeça de falcão (o Sol) e o outro com cabeça de Íbis (Mercúrio, Thoth, o Deus da Sabedoria e do Conhecimento Oculto, assessor de Osíris-Sol), estão inclinados sobre o corpo de um Candidato que acaba de ser iniciado, e derramam sobre a sua cabeça dois jatos de "água" (a Água da Vida e do Renascimento), que se acham entrelaçados em forma de cruz e cheios de pequenas cruzes de asa. É uma alegoria ao despertar do Candidato, que é então um Iniciado, quando os raios do Sol da manhã, Osíris, infletem no alto de sua cabeça; *sendo o corpo em transe colocado em seu Tau de madeira, de modo que possa receber os raios.* Depois aparecem os Hierofantes-Iniciadores, e as palavras sacramentais são pronunciadas e dirigidas ostensivamente ao Sol-Osíris, na realidade o Espírito-Sol interno, que ilumina o homem renascido.

Que o leitor medite sobre a relação entre o Sol e a cruz, desde a mais remota antiguidade, em sua dupla capacidade, geradora e espiritualmente regeneradora. Que examine o túmulo de Baite-Oxly, no reinado de Ramsés II, onde encontrará cruzes de todas as formas e em todas as posições, como as verá também no trono daquele soberano e ainda em um fragmento, conservado na Biblioteca Nacional de Paris, proveniente da Sala dos Antepassados de Tuthmés III, e que representa a adoração de Bagkan-Alearé. Nesta extraordinária escultura e pintura se vê o disco do Sol espargindo os seus raios sobre uma cruz de asa, colocada sobre outra cruz, da qual as do Calvário são cópias perfeitas. Os antigos manuscritos se referem a estas cruzes como os "duros leitos dos que passavam pelo parto (espiritual), *o ato de darem nascimento a si mesmos*". Em salas subterrâneas dos templos egípcios foram encontradas, quando demolidos, certo número destes "leitos" cruciformes, sobre os quais eram estendidos e atados os Candidatos em estado de profundo transe, no final da suprema Iniciação. Os dignos e santos Padres do tipo de Cirilo e Teófilo os usaram livremente, crendo que haviam sido levados ali e ocultos pelos novos conversos. Somente Orígenes e depois Clemente de Alexandria e outros ex-iniciados sabiam algo mais a esse respeito; mas preferiram guardar silêncio.

Que o leitor leia também as "fábulas" hindus, como as chamam os orientalistas, e tenha presente a alegoria de Vishvakarman, o Poder Criador, o Grande Arquiteto do Mundo, chamado no *Rig Veda* o "Deus que tudo vê", que "se sacrifica a si mesmo". Os Egos Espirituais dos mortais são a sua própria essência; e *com ele se identificam, portanto.* Recorde-se que ele é cha-

mado Deva-vardhika, "o construtor dos Deuses" e que é ele quem prende o Sol, Surya, seu neto, ao seu torno — (na alegoria exotérica; sobre a Svástika, na tradição esotérica, pois é, na Terra, o Hierofante-Iniciador) — e subtrai uma parte do seu esplendor. Vishvakarman, recorde-se também, é o filho de Yoga-siddhâ, ou seja, do santo poder do Yoga, e o fabricante da "arma ígnea", o Agneyâstra mágico [61]. Em outra parte contamos a história de maneira mais completa.

O autor da tão citada obra cabalística assim se expressa:

"O uso teórico da crucifixão deve ter alguma relação, portanto, com a personificação deste símbolo [a estrutura do Jardim do Paraíso simbolizada por um homem crucificado]. *Mas como? E para representar o quê?* O símbolo era o da origem das medidas, deixando entrever a *lei criadora* e o *desígnio*. Qual o significado prático da real crucifixão no que respeita à humanidade? Que era, porém, considerada como a representação de alguma obra misteriosa do mesmo sistema, indica-o o fato mesmo do seu uso. A ação misteriosa desses valores numéricos parece que se esconde em abismos cada vez mais profundos [o símbolo da relação entre 113:355 e 6561:20612 representado por *um homem crucificado*]. Não só está patente que a sua ação se exerce no Cosmos, mas... parece que, por simpatia, dão nascimento a estados relacionados com um mundo espiritual invisível, e parece que os profetas têm conhecimento dos laços que os unem. A reflexão afigura-se mais penetrante quando se considera que o poder de expressar a lei, *de um modo exato*, por meio de números que definam claramente um sistema, não foi o resultado de um *acidente* de linguagem, mas era a sua *essência* mesma, e a de sua *construção orgânica primordial;* portanto, nem a linguagem nem o sistema matemático com ela relacionado podiam ser invenção do homem, a menos que ambos *se baseassem em uma linguagem anterior, que houvesse depois caído em desuso.*" [62]

O autor o demonstra com explicações complementares, e revela o sentido secreto da letra morta de mais de um relato, indicando que provavelmente אִישׁ, *homem*, foi a palavra *primordial:*

"...a primeira palavra mesmo que os hebreus, quem quer que fossem, tiveram para exprimir a idéia de *um homem* por meio do som. O *essencial* dessa palavra era 113 [o valor numérico da palavra] desde o princípio, e encerrava em si os elementos do sistema cósmico manifestado" [63].

O Vithoba hindu, uma forma de Vishnu, indica a mesma coisa, conforme já tivemos ocasião de dizer. A figura de Vithoba, inclusive até os sinais dos cravos em seus pés [64], é a de *Jesus crucificado* em todos os seus pormenores, menos a cruz. O que mostra, mais uma vez, que tal figura representava o *homem*, é a circunstância de que o Iniciado *renascia* depois de sua *crucifixão* na ÁRVORE DA VIDA. Esta "árvore" foi convertida, exotericamente, em *árvore da morte*, em conseqüência de seu uso pelos romanos como instrumento de tortura, e da ignorância dos primeiros organizadores cristãos.

---

(61) Veja-se o *Hindu Classical Dictionary*, de Dowson.

(62) *The Source of Measures*, págs. 204-5.

(63) *Ibid.*, pág. 205.

(64) Veja-se o *Hindu Pantheon*, de Moor, onde o pé esquerdo de Vithoba (Wittoba), na figura do seu ídolo, traz a marca dos cravos (pág. 418 e gravura II).

Descobre-se, deste modo, nos símbolos geométricos que contêm a história da evolução do homem, um dos *sete significados esotéricos* subentendidos no mistério da crucifixão pelos inventores místicos do sistema — cuja elaboração e adoção datam da mesma época em que foram instituídos os Mistérios. Os hebreus — cujo profeta Moisés estava tão versado na Sabedoria Esotérica do Egito, e que adotaram o sistema numérico dos Fenícios e depois o dos gentios, destes recolhendo também a maior parte do seu misticismo cabalístico — promoveram com muito engenho a adaptação dos símbolos cósmicos e antropológicos das nações "pagãs" a suas próprias tradições *secretas*. Se a classe sacerdotal cristã perdeu hoje a chave de tudo isso, os primeiros compiladores dos Mistérios Cristãos conheciam muito bem a Filosofia Esotérica e a Metrologia oculta dos hebreus, que usavam com habilidade. Assim, eles tomaram a palavra Aish, uma das formas hebraicas da palavra *homem*, e a empregaram em conjunção com o termo Shânâh, ou *ano lunar*, tão misticamente relacionado com o nome de Jehovah, o suposto "Pai" de Jesus, e incorporaram a idéia mística em um valor ou fórmula astronômica.

A idéia original do "homem crucificado" no espaço certamente que pertence aos antigos hindus. Moor demonstra-o em seu *Hindu Pantheon*, com as gravuras que representam Vithoba. Platão adotou-a em sua cruz decussada no espaço, ×, o "segundo Deus que se imprimiu sobre o universo em forma de cruz"; e também a Krishna se faz representar como crucificado" [65]. A mesma idéia aparece ainda no *Antigo Testamento*, na estranha recomendação de crucificar homens ante o Senhor, o Sol — o que não é nenhuma profecia, mas tem um direto significado fálico. Na citada obra, que é das mais sugestivas quanto aos significados cabalísticos, lemos mais o seguinte:

"No símbolo, os cravos da cruz têm a cabeça em forma de uma pirâmide sólida, e a haste é quadrada, terminando em ponta, em forma de obelisco ou emblema fálico. Observando-se a posição dos três cravos que fixam as extremidades do homem sobre a cruz, vê-se que formam ou indicam um *triângulo*, com um cravo em cada um dos ângulos. As feridas ou *stigmata* das extremidades são precisamente *quatro*, significativas do *quadrado*... Os três cravos e as três feridas dão o número 6, que denota as seis faces do cubo *desenvolvido* [que constitui a cruz ou a forma do homem, ou 7, contando três quadrados horizontais e quatro verticais], sobre o qual está colocado o homem; e este, por sua vez, sugere a idéia da medida circular transferida às arestas do cubo. A ferida *única* dos pés divide-se em *duas* quando os pés se separam; havendo *três* quando estão juntos e *quatro* quando separados, o que perfaz o total de *sete* — outro número básico feminino *dos mais sagrados [entre os judeus]*." [66]

Assim, enquanto a significação fálica ou sexual dos "cravos da crucifixão" se prova com a interpretação geométrica e numérica, o seu sentido místico é indicado pelas breves observações feitas anteriormente, em que se patenteia a relação existente com Prometeu. Este é outra vítima, pois é crucificado sobre a Cruz do Amor, no rochedo das paixões humanas; um sacrifício, por sua devoção à causa do elemento espiritual da Humanidade.

(65) Veja-se *Monumental Christianity*, do Dr. Lundy, fig. 72.

(66) *The Source of Measures*, pág. 52.

Ora, o sistema primordial, o duplo signo que se acha por trás da idéia da cruz, não é uma "invenção humana", pois que na sua base estão a Ideação Cósmica e a representação espiritual do Homem-Ego Divino. Mais tarde ampliou-se na belíssima idéia adotada e representada nos Mistérios, a do homem regenerado, o mortal que, crucificando o homem de carne e suas paixões no leito procústeo de tortura, renasce como Imortal. Deixando atrás de si o corpo, o homem animal, atado à Cruz da Iniciação, qual uma crisálida vazia, a Alma-Ego passa a ser tão livre como uma mariposa. Com o andar do tempo, contudo, e em conseqüência da perda gradual da espiritualidade, a cruz acabou por converter-se, na Cosmogonia e na Antropologia, simplesmente em um *símbolo fálico*.

Para os esoteristas, desde os tempos mais remotos, a Alma Universal ou *Anima Mundi*, o reflexo material do Ideal Imaterial, era a Fonte da Vida de todos os seres, e do Princípio Vital dos três reinos. Este era considerado *setenário* pelos filósofos herméticos, assim como por todos os antigos; sendo, efetivamente, representado sob a forma de uma cruz sétupla, cujos braços são, respectivamente, a *luz*, o *calor*, a *eletricidade*, o *magnetismo terrestre*, a *radiação astral*, o *movimento* e a *inteligência*, ou o que alguns chamam consciência.

Como alhures já dissemos, muito antes de ser a cruz ou o seu signo adotado como símbolo do Cristianismo, o sinal da cruz era usado como meio de reconhecimento entre os Adeptos e os Neófitos, sendo que estes últimos recebiam o nome de *Chrests* — de Chrestos, o homem das dôres e tribulações. Diz Eliphas Lévi:

"O sinal da cruz adotado pelos cristãos não lhes pertence exclusivamente. É também cabalístico, e representa a oposição e o equilíbrio quaternário dos elementos. Vemos no versículo oculto do *Paternoster*... que havia originariamente duas maneiras de fazê-lo, ou, pelo menos, *duas* fórmulas bem diferentes para caracterizá-lo: uma reservada aos sacerdotes e iniciados; a outra para os neófitos e profanos. Assim, por exemplo, o iniciado, levando a mão à testa, dizia: *a ti;* e em seguida acrescentava: *pertencem;* e continuava, levando a mão ao peito: *o reino;* depois, ao ombro esquerdo: *a justiça;* e ao ombro direito: *e a misericórdia.* Então, juntando as mãos, dizia mais: *por todos os ciclos geradores.* — *Tibi sunt Malchut et Geburah et Chesed per Æonas,* sinal da cruz magnífico e absolutamente cabalístico, que as profanações do Gnosticismo fizeram com que a Igreja militante e oficial perdesse completamente." [67]

A "Igreja militante e oficial" fez mais: ao apropriar-se do que lhe não pertencia, tomou somente a parte do "Profano": o significado cabalístico dos Sephiroth *macho* e *fêmea*. Nunca perdeu o significado *íntimo* e superior, pela simples razão de que jamais o conheceu — em que pese à condescendência de Eliphas Lévi em relação a Roma. O sinal da cruz adotado pela Igreja Latina era *fálico* desde o princípio, ao passo que o dos gregos era a cruz dos neófitos, os *Chrestoi*.

(67) *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, vol. II, pág. 88.

SEÇÃO IX

OS UPANISHADS NA LITERATURA GNÓSTICA

Lembra-nos King, em seu *Gnostics and their Remains,* que a língua grega só tinha uma palavra para dizer *vogal* e *voz.* Isto deu causa a muitas interpretações errôneas por parte dos não-iniciados. Não obstante, partindo simplesmente desse fato tão conhecido podemos tentar uma comparação que virá esparzir muita luz sobre vários significados místicos. Assim, as palavras "Som" e "Linguagem", usadas com tanta freqüência nos *Upanishads* e nos *Purânas,* podem ser confrontadas com as "Vogais" gnósticas e as "Vozes" dos Raios e dos Anjos no *Apocalipse.* O mesmo se verá em *Pistis Sophia* e em outros fragmentos e manuscritos antigos. Tal coisa foi notada até pelo próprio autor da obra acima mencionada.

Por Hipólito, um dos primeiros Padres da Igreja, sabemos que Marcos — que foi um pitagórico mais do que um gnóstico cristão; e com toda a certeza um cabalista — havia recebido revelação mística. Teria sido revelado a Marcos que:

"Os *sete céus*[1]... emitiram cada qual uma vogal, e todas elas, combinadas em conjunto, formaram uma só doxologia, '*cujo som,* ao descer [destes sete céus] sobre a Terra, se converteu no criador e pai de todas as coisas que existem nela."[2]

Substituindo a fraseologia oculta pela linguagem vulgar, quer isso dizer: O Logos Sétuplo, tendo-se diferenciado em sete Logos ou Potências Criadoras (Vogais), estas (o Segundo Logos ou "Som") criaram tudo sobre a Terra.

Quem se familiarizou com a literatura gnóstica não pode deixar de ver no *Apocalipse* de S. João uma obra da mesma escola de pensamento. Eis o que diz S. João:

"Sete trovões fizeram ouvir suas vozes... [e] eu ia escrevê-las... [mas] ouvi uma voz do céu que me dizia: Sela as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas."[3]

---

(1) Os "Céus" são idênticos aos "Anjos", conforme já dissemos.

(2) *Philosophumena,* VI, 48; citado por King, *op. cit.,* pág. 200.

(3) *Op. cit.,* X, 3, 4.

A mesma ordem recebeu Marcos; e também a receberam todos os outros Iniciados *completos* e *semi*-Iniciados. A identidade mesma das expressões usadas e das idéias latentes revela sempre uma parte dos Mistérios. Devemos sempre buscar mais de um sentido em todo mistério revelado alegoricamente, sobretudo naqueles em que aparecem o número sete e o seu múltiplo sete vezes sete, ou quarenta e nove. Ora, quando, em *Pistis Sophia,* os discípulos do Rabino Jesus lhe suplicaram que revelasse os "Mistérios da Luz de seu Pai" — ou seja, do Eu Superior iluminado pela Iniciação e o Conhecimento Divino —, Jesus responde:

"Buscais penetrar nestes Mistérios? Não há mistério mais excelente do que estes, que conduzirão vossas almas à Luz das Luzes, ao reino da Verdade e do Bem, ao lugar onde não existe varão nem fêmea, nem forma, mas somente a Luz eterna e inefável. Nada há, portanto, mais excelente que estes mistérios que desejais penetrar, *exceto* apenas o mistério das sete Vogais *e suas quarenta e nove Potências,* assim como o de seus números. E nenhum nome é mais excelente que todas estas (Vogais)." [4]

Diz também o Comentário, referindo-se aos "Fogos":

Os Sete Pais e os Quarenta e nove Filhos resplandecem nas Trevas, pois eles são a Vida e a Luz e a continuação destas durante a Grande Idade.

É evidente, pois, que toda interpretação esotérica de crenças exotéricas expressas em formas alegóricas encerra a mesma idéia latente — o número básico *sete,* o composto de *três* e *quatro,* precedido pelo TRÊS divino (△) e constituindo o número perfeito *dez.*

Estes números se aplicam igualmente a divisões do tempo, à cosmografia, à metafísica e à física, assim como ao homem e a todas as coisas da Natureza visível. Deste modo, as sete Vogais com suas quarenta e nove Potências são idênticas aos *Três* e *Sete* Fogos dos hindus com seus quarenta e nove Fogos; idênticas aos mistérios numéricos do Simorgh persa; idênticas às dos cabalistas judeus. Estes últimos, diminuindo os números (um processo de "velar"), reduziram o tempo de cada Renovação sucessiva (ou o que chamamos Rondas em linguagem esotérica) a 1.000 anos somente, ou sejam 7.000 para as sete Renovações do Globo, em vez de, como é mais provável, 7.000.000.000; e calcularam para o Universo a duração total de 49.000 anos apenas [5].

Ora, a Doutrina Secreta proporciona uma chave que nos revela, sobre o fundamento indiscutível da analogia comparativa, que Garuda, o monstro alegórico metade homem e metade ave — o Vâhana, ou veículo, no qual se diz que Vishnu, como Kâla, ou o "Tempo", montava — é a origem de todas estas alegorias. É a Fênix indiana, emblema do tempo cíclico e periódico, o "Homem-leão" (Singha), cuja figura aparece tão freqüentemente nas chamadas jóias gnósticas [6].

(4) *Pistis Sophia,* pág. 378; King, *ibid., loc. cit.*

(5) Veja-se a Seção sobre a "Cronologia dos Brâmanes", no volume III da presente obra.

(6) Segundo reconhece C. W. King, grande autoridade em antiguidades gnósticas, estas jóias "gnósticas" não são obra dos Gnósticos, mas pertencem a períodos pré-cristãos e são obra de "magos" (*op. cit.,* pág. 241).

"Sobre os sete raios da coroa do leão, e correspondendo a suas pontas, estão as sete vogais do alfabeto grego AEHIOγΩ, para darem testemunho dos Sete Céus." [7]

É o Leão Solar e o emblema do Ciclo Solar, como Garuda [8] é o do Grande Ciclo, o Mahâ Kalpa, coeterno com Vishnu, e também, naturalmente, o emblema do Sol e do Ciclo Solar. Provam-no as particularidades da alegoria. Garuda, ao nascer, por causa do seu *"deslumbrante esplendor"*, é tomado por Agni, o Deus do Fogo, sendo por isso chamado Gaganeshvara, "Senhor do Céu". Sua representação como Osíris, nas jóias Abraxas (gnósticas), e pelas numerosas cabeças de monstros alegóricos — cabeça e bico de águia ou falcão —, denota o caráter solar e cíclico de Garuda. Segundo observa com razão C. W. King,

"Qualquer que fosse o seu significado primitivo [o da jóia com o leão solar e as vogais], foi provavelmente importado, em sua forma atual, da Índia (esta verdadeira fonte da iconografia gnóstica)." [9]

Os mistérios das sete Vogais gnósticas, pronunciadas pelos Trovões de São João, só podem ser decifrados pelo Ocultismo primitivo e original de Aryâvarta, levado à Índia pelos primeiros brâmanes, que haviam sido *iniciados na Ásia Central*. E esse é o Ocultismo que estudamos e procuramos explicar, quanto possível, nestas páginas. Nossa doutrina de sete Raças e sete Rondas de vida e evolução ao redor de nossa Cadeia Terrestre de Esferas pode ver-se até mesmo no *Apocalipse* [10]. Quando os sete "Trovões", ou "Sons", ou "Vogais" — um dentre os sete significados de cada uma destas vogais se refere diretamente à nossa própria Terra e suas sete Raças-Raízes em cada Ronda — "fizeram ouvir suas vozes", com a proibição ao Vidente de escrevê-las e a ordem de "selar estas coisas", que fez o Anjo "que se achava no mar e na terra"?

"Ele ergueu sua mão para o céu, e jurou por Aquele que vive para todo o sempre... que *não haveria mais tempo;* mas que no dia da voz do *sétimo* anjo, quando este começar a soar, o mistério de Deus [do Ciclo] se cumprirá." [11]

Isto quer dizer, em termos teosóficos, que, ao terminar a Sétima Ronda, então o tempo cessará. "Não haverá mais tempo" — mui naturalmente, porque virá o Pralaya, e já não haverá ninguém na Terra para manter a

(7) King, *ibid.*, pág. 218.

(8) A falta de intuição dos orientalistas e dos antiquários, passados e presentes, é notável. Assim, Wilson, o tradutor do *Vishnu Purâna*, declara em seu Prefácio que no *Garuda Purâna* não encontrou "nenhum relato do nascimento de Garuda". Considerando que ali se dá um relato da "Criação" em geral, e que Garuda é coeterno com Vishnu, o Manâ Kalpa, ou Grande Ciclo de Vida, que principia e termina com Vishnu *em manifestação*, que outro relato do nascimento de Garuda podia ele esperar!

(9) *Ibid., loc. cit.*

(10) Veja-se o *Apocalipse*, XVII, 2 e 10, e o *Levítico*, XXIII, 5 a 18; a primeira passagem fala dos "sete Reis", dos quais *cinco* já haviam passado, e a segunda se refere aos "sete sábados", etc.

(11) *Op. cit.*, X, 5-7.

divisão do Tempo durante essa dissolução periódica e suspensão da vida consciente.

O Dr. Kenealy e outros acreditavam que os cálculos dos números cíclicos sete e quarenta e nove foram trazidos da Caldéia pelos Rabinos. É mais do que provável. Contudo, os babilônios, que tinham todos esses ciclos e os ensinavam somente durante os seus grandes mistérios de iniciação na Magia astrológica, receberam da Índia a sua Sabedoria e os seus conhecimentos. Não é difícil, portanto, reconhecer aí a nossa própria Doutrina Esotérica. Os japoneses, em seus cômputos secretos, têm os mesmos algarismos para os seus ciclos. Quanto aos Brâmanes, os seus *Purânas* e *Upanishads* são uma boa prova disso. Os últimos passaram inteiramente para a literatura gnóstica; e um Brâmane não precisa mais do que ler *Pistis Sophia* [12] para reconhecer a propriedade de seus ancestrais, até no estilo e nos símiles empregados. Comparemos. Em *Pistis Sophia* os discípulos dizem a Jesus:

"Rabi, revela-nos os mistérios da Luz [isto é, o 'Fogo do Conhecimento e da Iluminação'] ...porquanto te ouvimos dizer que há outro batismo de *fumo* e outro batismo do Espírito da Luz Santa [isto é, do Espírito do Fogo]." [13]

Também João diz, referindo-se a Jesus:

"Em verdade, eu te batizo com água... mas ele te batizará com o Espírito Santo e com fogo." (*Mateus*, III, 11.)

O verdadeiro sentido desta frase é muito profundo. Significa que João, asceta não-iniciado, não podia transmitir aos seus discípulos uma sabedoria maior que a dos Mistérios relacionados com o plano da Matéria, cujo símbolo é a Água. Sua gnose era a do dogma exotérico e ritual, a da ortodoxia da letra morta [14]; ao passo que a sabedoria, que Jesus, Iniciado nos Mistérios Superiores, lhes havia de revelar, era de um caráter mais elevado, pois era a sabedoria do "Fogo" da verdadeira Gnose ou *real* Iluminação Espiritual. Uma era o Fogo, a outra o Fumo. Para Moisés, o *Fogo* no Monte Sinai e a Sabedoria Espiritual; para as multidões do "povo", em baixo, para o profano,

(12) *Pistis Sophia* é um documento de extrema importância, um autêntico Evangelho dos Gnósticos, atribuído por acaso a Valentim, sendo, porém, muito mais provável que seja uma obra pré-cristã quanto ao seu original. Um manuscrito copto desta obra foi trazido da Abissínia por Bruce, e descoberto no Museu Britânico por Schwartze de modo todo casual, sendo por ele traduzido para o latim. O texto e a versão de Schwartze foram publicados por Petermann no ano de 1853. No mesmo texto se atribui a paternidade do livro ao apóstolo Felipe, a quem Jesus mandou sentar e escrever a revelação. A obra é autêntica, e devia ser tão canônica como qualquer outro Evangelho. Infelizmente, até hoje permaneceu sem tradução para o inglês. (Depois de escrita a "Doutrina Secreta", foi publicada uma tradução inglesa por G. R. S. Mead, segundo a versão francesa de Amélineau, Paris, 1895.) (Ver também Notas Adicionais.)

(13) King, *op. cit.*, pág. 200.

(14) No Ciclo da Iniciação, que era muito longo, a Água representava os primeiros degraus, os degraus inferiores que levam à purificação, enquanto que as provas relacionadas com o Fogo eram os últimos. A Água podia regenerar o Corpo de Matéria; só o Fogo podia regenerar o do Homem Espiritual Interno.

o Monte Sinai visto através do Fumo, ou seja, a crosta exotérica do ritualismo ortodoxo ou sectário.

Isso posto, leia-se o diálogo entre os sábios Narada e Devamata, no *Anugitâ* [15], episódio do *Mahâbhârata*, cuja antiguidade e importância se podem ver nos *Sacred Books of the East*, editados pelo Professor Max Muller [16]. Narada discorre sobre os "sopros" ou "sopros-vitais", nomes dados nas toscas traduções a palavras tais como Prâna, Apâna, etc., e cujo total significado esotérico e aplicação às funções individuais não podem ser exatamente traduzidos para o inglês. Diz ele sobre esta ciência que:

"O *Veda* nos ensina que o *fogo* é, verdadeiramente, o conjunto das divindades, e que o conhecimento (do fogo) surge entre os brâmanes acompanhado da inteligência." [17]

Por "fogo" — diz o comentador — ele quer dizer o Eu. Por "inteligência" — diz o Ocultista — Narada não queria significar nem "discussão" nem "argumentação", conforme pensa Ardjuna Mishra, senão a "inteligência", verdadeiramente, ou a adaptação do *Fogo da Sabedoria* ao *ritualismo exotérico*, para o profano. Esta é a preocupação dominante dos brâmanes, que foram os primeiros a dar o exemplo às outras nações, as que antropomorfizaram e materializaram as mais belas verdades metafísicas. Narada o mostra claramente, dizendo:

"O *fumo* deste (fogo), que é de glória excelente (aparece) em forma dessas trevas [efetivamente]; (suas) cinzas... [são] as paixões; e... a bondade é, em relação a ele, aquilo em que se deposita a oferenda." [18]

Ou seja: aquela faculdade do discípulo que apreende a verdade sutil (a chama) que se escapa para o céu, ao passo que o sacrifício objetivo fica como prova e *testemunho de piedade*, só para o profano. Pois, que outra coisa haveria de significar Narada com o que se segue?

"Os que compreendem o sacrifício, compreendem o Samâna e o Vyâna como a *principal* (oferenda). O Prâna e o Apâna são partes da oferenda... e entre eles está o *fogo*. E o excelente assento do Udâna, tal como o entendem os brâmanes. *Quanto ao que é distinto destes pares, eis o que eu digo. O dia e a noite* são um par; entre os dois está o fogo... *O que existe e o que não existe* são um par, entre eles está o fogo..." [19]

E a cada um destes contrastes acrescenta Narada:

"Este é o excelente assento de Udâna, tal como o entendem os brâmanes."

Ora, muita gente não conhece o significado completo da declaração de que Samâna e Vyâna, Prâna e Apâna — que se diz serem "sopros-vitais",

(15) Cap. IX.

(16) Veja-se a Introdução, por Kâshinâth Trimbak Telang, M. A.

(17) *Sacred Books of the East, Bhagavad Gita e Anu Gitâ;* vol. VIII, pág. 276.

(18) *Ibid.*

(19) *Ibid.*

mas que, dizemos nós, são princípios com suas respectivas faculdades e sentidos — são ofertados a Udâna, o *soi-disant* "sopro-vital" principal (?), que aparece como atuante em todas as conjunturas. E o leitor, ignorando que a palavra "Fogo", nestas alegorias, significa a um tempo o "Eu" e o Conhecimento Divino, não entenderá nada disso e deixará escapar o ponto principal de nossa argumentação, assim como o tradutor e também o editor Max Müller, o grande sanscritista de Oxford, não perceberam o verdadeiro sentido das palavras de Narada. Exotericamente, esta enumeração dos "sopros-vitais" corresponde, naturalmente, *de modo aproximado,* ao sentido que lhe atribuem as notas marginais — a saber:

"O sentido *parece* ser o seguinte: O curso da vida neste mundo é devido à ação dos sopros-vitais unidos ao Eu e que produzem suas manifestações como almas individuais [?]. Entre eles, o Samâna e o Vyâna... Os dois últimos são dirigidos e controlados por Udâna, que deste modo exerce domínio sobre todos. E o domínio deste, que é o domínio de todos os cinco... conduz ao Eu Supremo." [20]

O que ficou exposto serve para explicar o texto, que registra as palavras do brâmane ao contar como alcançou a Sabedoria final da Yoga, e por conseguinte a Onisciência. Dizendo que "havia percebido por meio do Eu a sede que se acha no Eu" [21], onde mora o Brâhman livre de tudo, e esclarecendo que esse princípio indestrutível estava completamente *fora da percepção dos sentidos* — isto é, dos cinco "sopros-vitais" —, acrescentava ele que:

"No meio de todos estes (os sopros-vitais), que se movem no corpo e se absorvem uns aos outros, arde o *sétuplo fogo Vaishvânara.*" [22]

Este "Fogo", segundo o comentário de Nilakhanta, é idêntico ao "Eu", o EU supremo, que é a aspiração do asceta; sendo Vaishvânara uma palavra que se usa muitas vezes em lugar do Eu. Em seguida, o Brâmane explica a significação da palavra "sétuplo" e diz:

"O nariz [ou olfato], a língua [ou gosto], o olho, a pele e o ouvido, quinta qualidade, a mente e o entendimento, tais são as sete línguas da chama de Vaishvânara [23]... Tais são as sete [classes de] combustível para mim [24]... Tais são os *sete grandes sacerdotes oficiantes.*" [25]

Ardjuna-Mishra dá aos sete sacerdotes a significação de "alma diferenciada como outras tantas (almas ou princípios) em relação a estes diversos poderes"; e, finalmente, o tradutor parece aceitar a explicação e admite, a seu pesar, que "eles podem significar" isso, se bem que ele próprio interprete o sentido como sendo:

(20) *Ibid.*, págs. 258 e 259.
(21) *Ibid.*, pág. 257.
(22) *Ibid.*, pág. 259.
(23) Pela chave astronômica e cósmica, Vaishvânara é Agni, filho do Sol, ou Vishvânara; mas, no simbolismo psicometafísico, é o Eu, no sentido da não-separatividade, isto é, divino e humano ao mesmo tempo.
(24) Aqui, o que fala personifica o referido Eu divino.
(25) *Ibid.*, pág. 259.

"As *faculdades de ouvir, etc. [os sentidos físicos, numa palavra]*, *presididas pelas* diversas divindades." [26]

Seja qual for o sentido, assim na interpretação científica como na ortodoxa, essa passagem da página 259 explica as afirmações de Narada da página 276, e mostra que se referem a métodos exotéricos e esotéricos, postos em confronto. Assim, o Samâna e o Vyâna, embora sujeitos ao Prâna e ao Apâna, e dependentes todos os quatro de Udâna quanto à aquisição do Prânâyâma (do Hatha Yogi principalmente, ou forma inferior de Yoga), são mencionados como a oferenda mais importante; pois, conforme argumenta com razão K. Trimbak Telang, suas "operações são praticamente mais importantes para a vitalidade"; isto é, são as mais grosseiras, e se oferecem no sacrifício a fim de desaparecerem, por assim dizer, no atributo de obscuridade daquele fogo, ou seja, em seu FUMO — forma de ritual meramente exotérica. Mas Prâna e Apâna, ainda que havidos como subordinados (por serem menos grosseiros ou menos purificados), têm o FOGO entre os dois; o Eu e o Conhecimento Secreto possuído pelo Eu. Sucede o mesmo quanto ao bem e ao mal, e quanto "ao que existe e o que não existe"; todos estes "pares" [27] têm o Fogo entre eles, isto é, o Conhecimento Esotérico, a Sabedoria do Eu Divino. Que os que se satisfazem com o *Fumo* do *Fogo* permaneçam onde estão, isto é, dentro das trevas egípcias das ficções teológicas e das interpretações ao pé da letra.

O que acabamos de expor foi escrito somente para os estudantes ocidentais de Ocultismo e Teosofia. A autora não tem a pretensão de explicar tais coisas nem aos hindus, que dispõem de seus próprios Gurus, nem aos orientalistas, que julgam saber mais do que todos os Gurus e Rishis juntos, passados e presentes. Estas citações e exemplos, um tanto extensos, são necessários, quando mais não seja, para indicar ao estudante as obras que deve consultar, a fim de instruir-se e tirar proveito da comparação. Que leia *Pistis Sophia* à luz do *Bhagavad Gîtâ*, do *Anugitâ* e de outras escrituras;

---

(26) *Ibid.*, nota.

(27) Comparem-se com estes "pares de opostos" do *Anugitâ* os "pares" de Æons do complexo sistema de Valentim, o mais sábio e profundo Mestre da Gnose. Assim como os "pares de opostos", machos e fêmeas, derivam todos do Akâsha (não desenvolvido e desenvolvido, diferenciado e não diferenciado; o Eu ou Prajâpati), assim também os "pares" (de Valentim) derivam de Æons machos e fêmeas que, segundo a versão, emanam de Bythos, o Oceano preexistente e eterno, e, secundariamente, de Ampsiu-Uraan, o Abismo e o Silêncio eternos, o segundo Logos. Na emanação esotérica há sete "pares de opostos" principais; e do mesmo modo, no sistema valentiniano, eram também em número de quatorze, ou duas vezes sete. Epifânio, na opinião de Mr. C. W. King, "copiou duas vezes o mesmo par, acrescentando assim um par aos quinze reais" (*The Gnostics and their Remains*, págs. 263-264). Neste ponto King incide no erro contrário; os pares de Æons não são quinze (trata-se de um "véu"), mas quatorze; pois o *primeiro* Æon é Aquele do qual emanam os outros, sendo o Abismo e o Silêncio a primeira e única emanação de Bythos. Conforme mostra Hipólito: "Os Æons de Valentim são, reconhecidamente, os *seis* Radicais de Simão (o Mago)", com o *sétimo*, o Fogo, à frente deles. E estes são: a Mente, o Entendimento, a Voz, o Nome, a Razão e o Pensamento, subordinados ao Fogo, o Eu Superior; ou, precisamente, os "Sete Sopros" ou os "Sete Sacerdotes" do *Anugitâ*.

e então os ensinamentos de Jesus no Evangelho gnóstico se tornarão claros para ele, desaparecendo incontinenti os "véus" do texto literal. Leia-se o que se segue, e compare-se com a explicação que acima demos, haurida nas escrituras indianas:

"E nenhum Nome é mais excelente que todos estes; um Nome no qual estão contidos todos os nomes, e todas as luzes, e todos os [quarenta e nove] Poderes. Conhecendo este Nome se um homem deixa este corpo de matéria [28], não há *fumo* [ou ilusão teológica] [29], não há trevas, não há Poder, nem Governador da Esfera [ou Gênio *Pessoal*, ou Espírito Planetário, chamado Deus] do Destino [Karma]... que seja capaz de reter a Alma que conhece este Nome... Se ele pronuncia este Nome diante do fogo, as trevas desaparecerão... E se ele pronuncia este Nome diante de... todos os seus Poderes, sim, até mesmo diante de Barbelo [30], e diante do Deus invisível, e diante dos Deuses três vezes poderosos, assim que ele tenha pronunciado este Nome naquelas situações, serão todos lançados uns contra os outros, de maneira que ficarão na iminência de fundir-se e perecer, e gritarão: Ó Luz de todas as luzes que residem nas luzes infinitas, lembra-te também de nós e purifica-nos!" [31]

Percebe-se facilmente o que são esta Luz e este Nome; a Luz da Iniciação e o nome do "Eu-Fogo", que não é nome, nem ação, mas um Poder Espiritual, eternamente vivo, ainda mais elevado que o verdadeiro "Deus invisível", porque este Poder é ELE MESMO.

Mas, se o hábil e erudito autor de *Gnostics and their Remains* não teve na devida conta o espírito de alegoria e misticismo dos fragmentos de *Pistis Sophia*, que ele traduziu e citou na mencionada obra, outros orientalistas fizeram muito pior. Não tendo sua percepção intuitiva da origem indiana da Sabedoria Gnóstica, e ignorando o significado das "jóias", a maior parte deles, a começar por Wilson e terminar pelo dogmático Weber, cometeram os mais disparatados erros em relação a quase todos os símbolos. Sir M. Monier Williams e outros manifestaram total desprezo para com os "Budistas Esotéricos", como são hoje chamados os Teósofos; e no entanto, nenhum estudante de Filosofia Oculta jamais confundiu um ciclo com um personagem vivo, e *vice-versa*, como tantas vezes sucede com os nossos modernos orientalistas. Um ou dois exemplos podem ilustrar o que afirmamos. Vejamos um dos mais conhecidos.

No *Ramayana*, Garuda é chamado "o tio materno dos 60.000 filhos de Sagara"; e Anshumat, neto de Sagara, "o sobrinho dos 60.000 tios", que foram reduzidos a cinzas pelo olhar de Kapila — o Purushottama, ou Espírito Infinito, que fez desaparecer o cavalo que Sagara reservava para o sacri-

(28) Não exclusiva e necessariamente em virtude da morte, mas também durante o Samadhi ou êxtase místico.

(29) Todas as palavras e frases entre parênteses são acrescentadas pela autora. A tradução foi feita diretamente da versão latina. A tradução de King está afeiçoada em demasia ao Gnosticismo, segundo explicam os Padres da Igreja.

(30) Barbelo é um dos três "Deuses Invisíveis" e, segundo a opinião de C. W. King, compreende "a Divina Mãe do Salvador", ou melhor, Sophia Achamoth (veja-se *Pitis Sophia*, pág. 136.

(31) Págs. 378-379.

fício do Ashvamedha. Além disso, o filho de Garuda [32] — sendo o próprio Garuda o Mahâ-Kalpa ou Grande Ciclo —, Jâtayu, rei da tribo de plumas (quando estava a ponto de ser morto por Râvana, que raptara Sitâ), diz, falando de si mesmo: "Há 60.000 anos que eu nasci, ó Rei!"; e em seguida, *voltando as costas* para o Sol, morre.

Sem dúvida, Jatâyu não é senão o ciclo de 60.000 anos, compreendido no Grande Ciclo de Garuda; e daí o ser representado, *ad libitum*, como filho ou sobrinho deste, pois todo o sentido se baseia na sua inclusão entre os descendentes de Garuda. Há ainda Diti, mãe dos Maruts, cuja progênie e descendência pertenciam à posteridade de Hiranyâksha, e "que eram em número de 77 crores (ou 770 milhões) de homens", segundo o *Padma Purâna*. Argúi-se que todos estes relatos não passam de "ficções sem nenhum sentido" e de absurdos. Mas — a verdade é filha do tempo, e o tempo *dirá*.

Entretanto, nada mais fácil que tentar, pelo menos, verificar a cronologia dos *Purânas!* Houve muitos Kapilas, mas o Kapila que exterminou a progênie do rei Sagara — 60.000 homens robustos — foi incontestavelmente o Kapila fundador da filosofia Sankhya, pois que assim o declaram os *Purânas;* se bem que um deles negue cabalmente a imputação, sem lhe explicar o sentido esotérico. Trata-se do *Bhâgavata Purâna* [33], onde se lê o seguinte:

"Não é exata a assertiva de que os filhos do rei foram reduzidos a cinzas pela ira do sábio. Pois, como admitir que a qualidade das trevas, produto da cólera, pudesse existir em um Sábio cujo corpo era a bondade e que purificou o mundo? Seria como atribuir aos céus o pó da terra! Como podia a perturbação mental dominar este sábio, identificado com o Espírito Supremo, e que dirigiu aqui (na terra) o sólido barco da (filosofia) Sankhya, graças ao qual o que deseja obter a liberação cruza o temível oceano da existência, esse caminho que conduz à morte?" [34]

O *Purâna* se expressa assim por uma questão de dever. Ele tem que promulgar um dogma, e cabe fazê-lo com prudência, guardando todo o sigilo em relação às verdades místicas *divinas*, que, desde evos sem conta, não eram divulgados senão no momento da Iniciação. Assim, não é nos *Purânas* que devemos buscar a explicação do mistério relacionado com os diversos estados transcendentes do ser. Vê-se, ao primeiro relance, que a narração é uma alegoria. Os 60.000 "filhos" brutais, viciosos e ímpios são a personificação das *paixões humanas*, que "um simples olhar do Sábio" — o Eu, que representa o mais alto estado de pureza que se pode alcançar na Terra — reduz a cinzas. Mas a alegoria possui ainda outros significados, de caráter cíclico e cronológico, como o de um método para designar as épocas em que floresceram certos Sábios, conforme se vê também em outros *Purânas*.

Pois bem: está comprovado, tanto quanto possível em uma tradição, que foi em Hardwar, ou Gangâdvâra, a "porta do Ganges", no sopé dos

(32) Em outros *Purânas*, Jatâyu é o filho de Aruna, irmão de Garuda, ambos filhos de Kashyapa. Tudo isso, porém, não passa de alegoria externa.

(33) IX, VIII, 12-13. — Veja-se também a tradução francesa de Burnouf, Paris, Leroux, 4 vol. in-4.

(34) Da tradução de Burnouf; veja-se o *Vishnu Purâna*, de Wilson, III, 300-1.

Himalaias, que o Kapila permaneceu em meditação durante anos. Não longe da cordilheira de Sewalik, o passo de Hardwar ainda hoje é chamado "o Passo de Kapila", e ao lugar dão os ascetas o nome de "Kapilasthen". É ali que o Ganges, Gangâ, surgindo da garganta montanhosa, inicia o seu curso através das ardentes planícies da Índia; e os exames geológicos confirmam não ser de todo desprovida de fundamento a tradição segundo a qual o oceano, em eras remotas, banhava as faldas dos Himalaias, conforme vestígios reconhecíveis ainda existentes.

A Filosofia Sankhya pode ter sido *introduzida* e ensinada pelo primeiro Kapila, e somente escrita pelo último.

Ora, Sagara é o nome que se dá na Índia [35], até hoje, ao Oceano, e especialmente ao Golfo de Bengala, na foz do Ganges. Alguma vez calcularam os geólogos quantos milhões de anos foram necessários para que o mar recuasse até a distância em que agora se encontra de Hardwar, situado atualmente a 1.024 pés acima do seu nível? Se o tivessem feito, esses orientalistas, que dão Kapila, como havendo florescido entre o primeiro e o nono século de nossa era, talvez mudassem de opinião, quando mais não fosse por uma das duas boas razões seguintes: Em primeiro lugar, o verdadeiro número de anos transcorridos desde os dias de Kapila consta, sem sombra de dúvida, dos *Purânas,* embora os tradutores não o soubessem ver; e, em segundo lugar, o Kapila do Satya Yuga e o Kapila do Kali Yuga *podem ser uma só e mesma* INDIVIDUALIDADE, *sem ser a mesma* PERSONALIDADE.

Por outra parte, Kapila, sendo ao mesmo tempo o nome de um personagem, de um Sábio que viveu antigamente e foi o autor da Filosofia Sankhya, é também o nome genérico dos Kumâras, os Ascetas e Virgens celestes; por isso, só o fato de mencionar o *Bhâgavata Purâna este* Kapila — quando precisamente acabava de considerá-lo uma parte de Vishnu — como autor da Filosofia Sankya deve levar o leitor a suspeitar da existência de um "véu" ocultando um sentido esotérico. Quer fosse filho de Vitatha, como diz o *Harivamsha,* ou de outro qualquer, o autor da Sankya não pode ser o mesmo Sábio do Satya Yuga, no começo do Manvantara, quando Vishnu é mostrado *sob a forma de Kapila,* "comunicando a verdadeira Sabedoria a todas as criaturas"; pois isto se refere ao período primordial, quando os "Filhos de Deus" ensinaram aos homens recém-criados as artes e as ciências, que desde então foram cultivadas e preservadas nos santuários pelos Iniciados. Há nos *Purânas* vários Kapilas bem conhecidos: o Sábio primordial, depois Kapila, um dos três Kumâras "secretos", e Kapila, filho de Kashyapa e de Kadrû — a "serpente de muitas cabeças" [36] —, além de Kapila, o grande Sábio e Filósofo do Kali Yuga. Sendo este último um Iniciado, uma "Serpente de Sabedoria", um Nâga, foi intencionalmente confundido com os Kapilas das idades precedentes.

---

(35) Wilson, *ibid.*, pág. 302, nota.

(36) Veja-se o *Vâyu Purâna,* que o inclui na lista dos famosos quarenta filhos de Kashyapa.

SEÇÃO X

A CRUZ E A DÉCADA PITAGÓRICA

Os primeiros Gnósticos pretendiam que sua ciência, a Gnose, se baseava em um quadrado, cujos ângulos representavam, respectivamente, *Sigê* (o Silêncio), *Bythos* (o Abismo), *Nous* (a Alma Espiritual ou Mente) e *Aletheia* (a Verdade).

Foram eles os primeiros a revelar ao mundo o que havia permanecido oculto durante séculos, a saber: o *Tau*, sob a forma de leito de Procusto; e Christos encarnando em *Chrestos*, aquele que, para certos fins, se oferecia voluntariamente a uma série de torturas mentais e físicas.

Para eles, todo o Universo, metafísico e material, estava contido nos algarismos do número 10 da Década Pitagórica, e podia ser expresso e descrito por estes algarismos.

A Década, que representava o Universo e sua evolução do Silêncio e dos Abismos desconhecidos da Alma Espiritual, ou *Anima Mundi*, apresenta ao estudante dois lados ou aspectos. Em princípio, podia ser aplicada, e aplicava-se, ao Macrocosmo; e depois descia até o Microcosmo, ou homem. Havia, ademais, a "Ciência Íntima", puramente intelectual e metafísica, e a "Ciência da Superfície", puramente material, podendo explicar-se as duas pela Década, que continha ambas. Numa palavra, podiam estudar-se tanto pelo método dedutivo de Platão como pelo indutivo de Aristóteles. A primeira partia de uma compreensão divina, em que a pluralidade procedia da unidade, ou em que os algarismos da Década não apareciam senão para ser finalmente reabsorvidos, perdidos no Círculo infinito. A segunda dependia tão só da percepção dos sentidos, em que a Década podia ser considerada ou como a unidade que se multiplica, ou como a matéria que se diferencia; estando o estudo limitado à superfície plana, à cruz, ou aos *sete* que procedem do *dez*, número perfeito assim na Terra como no Céu.

Este sistema dual foi trazido da Índia por Pitágoras, juntamente com a Década. Que era um sistema dos Brâmanes e dos Iranianos, como os chamavam os antigos filósofos gregos, está documentado por toda a literatura sânscrita, inclusive os *Purânas* e as *Leis de Manu*. Nestas Leis, ou Mandamentos de Manu, diz-se que Brahmâ criou primeiramente os "*dez* Senhores do Ser", os dez Prajâpatis ou Forças Criadoras; estes dez produziram *sete*

outros Manus, ou melhor, segundo consta de alguns manuscritos, "devo:os" Munin (em vez de Manûn), ou seres santos, que correspondem aos Sete Anjos da Presença, da religião do Ocidente. O misterioso número sete, nascido do Triângulo superior △, este último nascido de seu próprio vértice, ou dos Abismos Silenciosos da Alma Universal Desconhecida (Sigê e Bythos), é a planta sétupla *Saptaparna,* nascida e manifestada na superfície do solo e procedente do mistério da tríplice raiz profundamente enterrada neste solo impenetrável. Esta idéia foi examinada e exposta numa das Seções do Volume II, 2.ª Parte, Seção III, "Substância Primordial e Pensamento Divino", que o leitor deve ter bem presente, se quer compreender a idéia metafísica que o citado símbolo encerra. Assim, no homem como na natureza, segundo a Filosofia Esotérica cis-himalaica, que é a da Cosmogonia do Manu *original,* a divisão setenária é a que a própria Natureza determina. Só o sétimo princípio (Purusha) é o EU divino, estritamente falando; pois, como se diz em *Manu,* "havendo ele (Brahmâ) compenetrado de incomensurável esplendor as partes sutis daqueles seis" [1], criou-os e os chamou ao "Eu-consciência", isto é, ao conhecimento daquele Eu Único. Destes seis, cinco elementos (ou princípios, ou Tattvas, segundo julga o Comendador Medhâtithi), "são chamados os elementos atômicos destrutíveis" [2], e se acham descritos na Seção antes mencionada [3].

Cabe-nos agora falar da misteriosa língua das raças pré-históricas. Não era uma língua fonética, mas puramente pictórica e simbólica. Atualmente só é bem conhecida por mui poucas pessoas, visto que há mais de 5 000 anos se tornou uma língua absolutamente morta para as massas. No entanto, a maioria dos sábios gnósticos, gregos e judeus, a conheciam e usavam, embora de maneira bem diversa. Daremos alguns exemplos.

No plano superior, o número não é propriamente um número, mas um *zero* — um CÍRCULO. No plano inferior, converte-se em um — que é um número ímpar. Cada letra dos alfabetos antigos tinha o seu significado filosófico e sua razão de ser. O número *um* (I) significava, para os Iniciados de Alexandria, um *corpo direito,* um homem vivo de pé, por ser o único animal que tem este privilégio. Acrescentando ao I uma cabeça, ele se transformou em "P", símbolo da *paternidade,* do poder criador; ao passo que o "R" significava um "homem em movimento", que caminha. Vê-se deste modo que ZEUS PATER não tinha nada de sexual nem de fálico, tanto pelo som como pela forma de suas letras; e o mesmo sucedia com Πατηρ Δευς (segundo Ragon) [4]. Se considerarmos agora o alfabeto hebreu, veremos que, enquanto o *um* ou Aleph (ℵ) tem por símbolo um touro ou um boi, o *dez,* o número perfeito ou o *"um"* da *Cabala,* é um Yod (', *y, i* ou *j*), e significa, como primeira letra de Jehovah, o órgão procriador, e tudo o mais.

(1) *The Ordinances of Manu,* I, 16; tradução de Burnell, pág. 3, nota.
(2) *Ibid.*
(3) *Ibid.*
(4) *Orthodoxie Maçonnique Suivie de la Maçonnerie Occulte et de l'Initiation Hermétique,* J. M. Ragon, pág. 430; para o que se segue, veja-se também todo o capítulo XXVII, "Puissance des Nombres, d'après Pythagore".

Os números *ímpares* são divinos; os números *pares* são terrestres, diabólicos e desventurados. Os Pitagóricos detestavam o Binário. Para eles, era a origem da diferenciação, e, portanto, dos contrastes, da discórdia ou da matéria, o princípio do mal. Na Teogonia de Valentim, Bythos e Sigê (o Abismo, o Caos, a Matéria nascida no Silêncio) representam o Binário primordial. Entretanto, para os primeiros Pitagóricos a Díade era aquele estado imperfeito em que caiu o primeiro ser manifestado, quando se destacou da Mônada. Era o ponto a partir do qual se bifurcavam os dois caminhos — o do bem e o do mal. Tudo o que possuía duas faces, ou que era falso, era por eles chamado "binário". Só o UM era o bem e a harmonia, porque nenhuma desarmonia pode proceder do Um isolado. Daí a palavra latina *Solus* com relação ao Só e Único Deus, o Ignoto de Paulo. Contudo, *Solus* não tardou em converter-se em Sol, o Sol.

O Ternário é o primeiro dos números ímpares, como o triângulo é a primeira das figuras geométricas [5]. Este número é realmente o número de mistério *por excelência*. Para estudá-lo em seu aspecto exotérico, deve-se ler o *Cours Philosophique et Interprétatif des Initiations*, de Ragon; e no aspecto esotérico, o simbolismo dos números indianos; sendo inumeráveis as combinações de que participava. Ragon baseou os seus estudos e a fundação da famosa Sociedade Maçônica dos Trinosofistas (os que estudam três ciências) sobre as propriedades ocultas dos três lados iguais do triângulo. É um aprimoramento em relação aos três graus maçônicos ordinários, conferidos aos que nada estudam e se limitam a comer e beber nas reuniões de suas Lojas. Escreve o fundador:

"A primeira linha do Triângulo, que se oferece ao estudo do aprendiz, é o *reino mineral*, simbolizado por Tubalc .˙. [Tubal-Caim].

O segundo lado, sobre o qual tem que meditar o companheiro, é o *reino vegetal*, simbolizado por Schibb .˙. [Schibboleth]. Neste reino principia a *geração dos corpos*. É por esta razão que a letra G se apresenta radiante aos olhos do adepto [?!].

O terceiro lado é reservado ao mestre maçon, que deve completar sua educação com o estudo do *reino animal*. É simbolizado por Macbenah .˙. [filho da putrefação]." [6]

O primeiro sólido é o Quaternário, símbolo da imortalidade. É a Pirâmide, pois o Tetraedro tem uma base triangular e termina no seu vértice por um ponto, apresentando, assim, a Tríade e o Quaternário, ou o 3 e o 4.

Ensinavam os Pitagóricos o vínculo e a relação entre os Deuses e os números em uma ciência chamada Aritmomancia. A Alma, diziam, é um número que se move por si mesmo e que contém o número 4; e o homem espiritual e físico é o número 3, porque o Ternário representava para eles não só a superfície mas também o princípio da formação do corpo físico. De modo que os animais eram simplesmente Ternários, sendo o homem um Setenário unicamente *quando é virtuoso*, e um Quinário quando é mau, porque:

---

(5) A razão é simples, e foi exposta em *Ísis sem Véu*. Em geometria, uma linha reta não pode representar uma figura perfeita, como também não o podem duas linhas retas. O triângulo é a primeira figura perfeita.

(6) Ragon, *ibid.*, pág. 428, nota.

O Número Cinco era composto de um Binário e de um Ternário; e o Binário lançava a desordem e a confusão em tudo o que tivesse forma perfeita. O *Homem Perfeito*, diziam, era um Quaternário e um Ternário, isto é, *quatro* elementos materiais e *três* imateriais; e estes três Espíritos ou Elementos também os encontramos no Cinco, quando representa o *microcosmo*. Este último é um composto de três Espíritos diretamente relacionados com a Matéria grosseira, pois, conforme escreve Ragon,

"esta engenhosa figura é a união de dois acentos gregos (',) colocados sobre as vogais, que devam ou não ser aspiradas. O primeiro sinal (') é chamado o "spiritus" forte ou superior, o Espírito de Deus aspirado *(spiritus)* e respirado pelo homem. O segundo sinal (,), o inferior, é o "spiritus" suave, representando o espírito secundário... o todo encerra o homem completo. É a *quintessência universal*, o fluido vital ou a vida" [7].

O sentido eminentemente místico do número Cinco foi exposto num excelente artigo de Mr. T. Subba Row em *Five Years of Theosophy*, sob o título "Os Doze Signos do Zodíaco", artigo do qual constam algumas regras que podem ajudar o investigador a encontrar "o profundo significado da antiga nomenclatura sânscrita, nos velhos mitos e alegorias dos Arianos". Vejamos, no entanto, o que até agora se tem dito nas publicações teosóficas a respeito da constelação de Capricórnio, e o que dela geralmente se conhece. Todos sabem que ♑ é o décimo signo do Zodíaco, em que o Sol entra no solstício de inverno, a 21 de dezembro; mas poucos são os que conhecem — inclusive na Índia, a menos que sejam Iniciados — a verdadeira relação mística que parece haver entre os nomes de Makara e Kumâra. O primeiro designa uma espécie de animal anfíbio, chamado vagamente "crocodilo", como pensam alguns orientalistas; e o segundo é o título dos grandes patronos dos Yogis, segundo os *Purânas* Shaíva; dos filhos de Rudra (Shiva), que é também um Kumâra, idênticos a ele mesmo. Em virtude de sua conexão com o Homem, estão os Kumâras igualmente relacionados com o Zodíaco. Tratemos de ver o que significa a palavra Makara.

Diz o autor de "Os Doze Signos do Zodíaco":

"Makara... contém em si mesmo a chave de sua correta interpretação. A letra *ma* equivale ao número 5, e *kara* quer dizer mão. Ora, em sânscrito Tribhujam significa um triângulo, entendendo-se que *bhujam* ou *karam* (que são sinônimos) quer dizer um lado. De modo que Makaram ou Panchakaram significa Pentágono." [8]

Pois bem: a estrela de cinco pontas, ou pentágono, representa os cinco membros do homem [9]. No antigo sistema, Makara, segundo nos dizem, era o *oitavo* signo, em vez de ser o décimo [10]

(7) *Ibid.*, pág. 431.

(8) *Op. cit.*, pág. 113.

(9) Qual é o significado e a razão desta figura? A razão é que Manas e o *quinto* princípio, e o Pentágono é o símbolo do Homem — não apenas do Homem de cinco membros, senão, mais precisamente, do Homem *pensante* e *consciente*.

(10) A razão torna-se evidente quando se estuda o Simbolismo egípcio. Veja-se mais adiante.

"O signo de que se trata tem por objetivo representar as faces do universo, e indica que a figura do Universo está limitada por Pentágonos." [11]

Os escritores sânscritos "falam também de Ashtadisha ou o Espaço de oito faces", aludindo deste modo aos Loka-pâlas, as oito pontas da bússola, os quatro pontos cardeais e os quatro intermediários.

"De um ponto de vista objetivo, o "microcosmo está representado pelo corpo humano. Pode-se considerar Makaram como a representação simultânea do microcosmo e do macrocosmo, objetos externos de percepção." [12]

Mas o verdadeiro sentido esotérico da palavra Makara não é "crocodilo", ainda mesmo quando comparado ao animal representado no Zodíaco hindu. Porque a sua cabeça e as patas dianteiras são as de um antílope, e tem o corpo e a cauda de um peixe. Daí a razão de se haver considerado o Décimo signo do Zodíaco como significando ora um tubarão, ora um delfim, etc.; pois o Vahâna de Varuna é o Deus do Oceano, e por isso lhe dão, muitas vezes, o nome de Jalarupa, ou "forma aquática". O delfim era o veículo de Posseidon-Netuno, entre os gregos, e identificava-se a ele, esotericamente; e este "delfim" é o "dragão marinho", assim como o crocodilo do Nilo Sagrado é o veículo de Hórus, e o próprio Hórus. O Deus em forma de múmia, com cabeça de crocodilo, diz:

"Eu sou o peixe [e a sede] do grande Hórus de Kem-ur." [13]

Para os Gnósticos Pereanos, é Chozzar (Netuno) quem converte a pirâmide dodecagonal em uma esfera, e "pinta a sua porta com muitas cores" [14]. Tem *cinco* ministros *andróginos* — é Makara, o Leviathan.

Como o Sol nascente era considerado a Alma dos Deuses, enviada para manifestar-se aos homens todos os dias, e como aos seus primeiros raios o crocodilo saía da água, este animal acabou personificando, na Índia, um devoto do fogo solar, assim como personificava esse mesmo Fogo, ou a Alma Suprema, entre os egípcios.

Nos *Purânas*, o número dos *Kumâras* varia conforme as exigências da alegoria. Para fins Ocultos, o seu número é fixado ora em sete, ora em quatro e ainda em cinco. A eles se refere o *Kûrma Purâna* deste modo:

"Estes cinco [Kumâras], ó Brahman! foram Yogis que chegaram a ficar completamente imunes às paixões."

Seus próprios nomes denotam a relação com a constelação de Makara e com outros caracteres purânicos, associados aos signos zodiacais. Assim se fez para velar o que era um dos signos mais sugestivos dos Templos primitivos. Em geral os Kumâras se confundem, astronômica, fisiológica e

(11) *Ibid.*, pág. 114.
(12) *Ibid.*, págs. 114, 115.
(13) *Livro dos Mortos*, LXXXVIII, 2.
(14) *Philosophumena*, V, 14.

misticamente, com muitos personagens e acontecimentos purânicos. Apenas mencionados no *Vishnu Purâna,* figuram em diversos dramas e sucessos em todos os demais *Purânas* e na literatura sagrada. Daí por que, empenhados em catar, aqui e ali, os pontos de semelhança, acabaram os orientalistas por proclamar que os Kumâras eram, "principalmente, fruto da imaginação dos escritores Purânicos". Contudo:

Ma — revela o autor de "Os Doze Signos do Zodíaco", é "cinco"; *Kara,* "mão", com os cinco dedos, assim como um signo de cinco lados, ou Pentágono. Os Kumâras (neste caso um anagrama com objetivos Ocultos), como Yogis, são *cinco* no Esoterismo, já que os dois últimos nomes foram sempre mantidos em segredo; constituem a quinta ordem de Brahma-devas e os Chohans quíntuplos que possuem a Alma dos cinco Elementos, predominando a Água e o Éter, e portanto os seus símbolos eram *aquáticos* e *ígneos* ao mesmo tempo.

"A Sabedoria está oculta sob o leito daquele que repousa no Lótus de Ouro (Padma) que flutua sobre a água."

Na Índia, é Vishnu, um de cujos Avatares foi Buddha, conforme se afirmava nos tempos antigos. Os Prachetâsas, adoradores de Nârâyana — que, à semelhança de Posseidon, se moviam ou moravam *sobre* as águas, e não debaixo delas — mergulharam nas profundezas do Oceano para fazer suas devoções, e ali permaneceram 10 000 anos; e os *Prachetâsas* são *dez* exotericamente, mas *cinco* esotericamente. Prachetâs, em sânscrito, é o nome de Varuna, o Deus da Água. Nereu, um aspecto de Netuno, e os Prachetâsas são, por conseguinte, idênticos aos "cinco ministros" do Chozzar macho-fêmea (Χωζζάρ ou Χορζάρ), ou Posseidon, dos Gnósticos Pereanos. Estes são chamados, respectivamente, Ou, Ooai, Ouô, Ouôab e... (Οὖ, Αοαί, Οὐώ, Οὐωάβ...) [15], sendo o *quinto,* hoje perdido [16], isto é, mantido em segredo, um nome *tríplice* (perfazendo *sete* ao todo). Isso no que se refere ao símbolo "aquático"; o "ígneo" os relaciona com o símbolo ígneo — espiritualmente. Para efeito de identificação, tenha-se presente que, assim como a mãe dos Prachetâsas era Savarnâ, filha do Oceano, assim também Anfitrite era a mãe dos "ministros" místicos de Netuno.

Devemos lembrar ao leitor que estes "cinco ministros" estão simbolizados tanto pelo Delfim, que havia vencido a resistência de Anfitrite em desposar Posseidon, como por Tritão, filho destes. O último, que tinha, da cintura para cima, o corpo de homem e, para baixo, o de um delfim, de um peixe, está ainda relacionado de maneira assaz misteriosa com Oannes, o Dag babilônico, e também com o Avatar Matsya (Peixe) de Vishnu, pois ambos ensinavam a Sabedoria aos mortais. O Delfim, como todos os mitólogos sabem, foi, pelos seus serviços, posto entre as constelações por Pos-

(15) Veja-se *Philosophumena,* V, 14.

(16) Ocorre o mesmo com a *quinta* cabeça de Brahmâ, que se diz perdida, reduzida a cinzas pelo "olho central" de Shiva; sendo Shiva também Panchânana, o de "cinco olhos". Deste modo, preserva-se o número e mantém-se em sigilo o verdadeiro significado esotérico.

seidon, e passou a ser o Capricórnio dos gregos, a Cabra, com a parte posterior do delfim; e deste modo se identifica com Makara, que tem igualmente a cabeça de um antílope e o corpo e a cauda de peixe. Essa a razão por que o signo de Makara figurava sobre a bandeira de Kâmadeva, o Deus indiano do Amor, que é o mesmo *Agni do Atharva Veda,* Deus do Fogo, filho de Lakshmi, conforme mencionado corretamente no *Harivamsha.* Porque Lakshmi e Vênus são uma só, a Anfritrite é a forma primitiva de Vênus. Ora, Kâma, o Makara-ketu, é Aja, o "não-nascido", e Atmâbhû, o "existente por si mesmo"; e Aja é o LOGOS no *Rig Veda,* sendo representado como a primeira manifestação do ÚNICO; porque "o Desejo despertou primeiro n'ELE, e foi o germe primordial da Mente", o que "relaciona a entidade *com a não-entidade", ou Manas, o quinto, como Atmâ, o sétimo. Esotericamente,* esclarecem os Sábios. Esta é a *primeira* fase. A segunda, no plano imediato de manifestação, mostra Brahmâ — que elegemos como o representante de todos os outros Primeiros Deuses das nações — fazendo surgir do próprio corpo os seus Filhos-Nascidos-da-Mente, "Sanandana e outros", os quais, na *quinta* "criação", e depois na nona (com o objetivo de deixar um "véu"), se convertem nos Kumâras. Terminaremos recordando ao leitor que eram sacrificadas cabras a Anfritrite e às Nereidas, nas praias do mar — como são ainda hoje sacrificadas a Durgâ Kâli, que não é senão o lado *negro* de Lakshmi (Vênus), o lado *branco* de Shakti — indicando a relação que estes animais podem ter com o Capricórnio, no qual aparecem vinte e oito estrelas dispostas em forma de uma cabra, cabra que os gregos transformaram em Amaltéia, a ama de leite de Júpiter. Pan, o Deus da Natureza, tinha pés de cabra e transformou-se em bode ao aproximar-se de Tífon. Mas isto é um mistério que a autora não ousa aprofundar, por não estar segura de ser compreendida. O aspecto místico da interpretação deixa-se, portanto, à intuição do estudante. Anotemos mais um dado com relação ao misterioso número Cinco. Simboliza ele, ao mesmo tempo, o Espírito da Vida Eterna e o espírito da vida e do amor terrestre — no composto humano; e inclui a magia divina e a infernal, bem como a quintessência universal e individual do ser. Assim, as cinco palavras ou vogais místicas pronunciadas por Brahmâ na "criação", que depois se converteram nos Panchadasha (certos hinos védicos atribuídos a este Deus), constituem, na sua potencialidade criadora e mágica, o aspecto *branco* dos *cinco* Makâras Tântricos *negros,* ou os cinco *m.* Makara, a constelação, é aparentemente um nome sem sentido e absurdo; não obstante, mesmo sem levar em conta o seu sentido anagramático em conjunção com o termo Kumâra, o valor numérico de sua primeira sílaba e sua resolução esotérica em *cinco* têm um significado mui importante e Oculto nos mistérios da Natureza.

Basta dizer que, assim como o signo de Makara está associado ao nascimento do Microcosmo espiritual e à morte ou dissolução do Universo físico, ao passar para o reino do Espiritual [17], assim também os Dhyân-Chohans, chamados Kumâras na Índia, estão relacionados com ambos. Por outra parte,

(17) "Quando o Sol desaparecer atrás do 30° grau de Makara e não voltar a alcançar o signo de Minam (os Peixes), então a Noite de Brahmâ terá chegado."

nas religiões exotéricas o nome deles passou a ser sinônimo de Anjos das Trevas. Mâra é o Deus das Trevas, o Caído e a Morte [18]; e no entanto é um dos nomes de Kâma, o Primeiro Deus dos *Vedas*, o Logos, do qual surgiram os Kumâras, o que os associa ainda mais ao nosso "fabuloso" Makara indiano e ao Deus com cabeça de crocodilo do Egito [19]. Os Crocodilos do Nilo celeste são *cinco*, e o Deus Tum, a Divindade Primordial que cria os corpos celestes e os seres vivos, produz estes Crocodilos em sua *quinta* "criação". Quando Osíris, o "Sol Defunto", é enterrado e entra no Amenti, os Crocodilos sagrados mergulham no abismo das águas primordiais — o "Grande Verde". Quando o Sol da Vida se levanta, eles novamente emergem do rio sagrado. Tudo isto é altamente simbólico, e mostra como as Verdades esotéricas primitivas encontraram sua expressão em símbolos idênticos. Mas, como judiciosamente diz Mr. T. Subba Row,

> "O véu habilidosamente lançado sobre certas partes do mistério relacionado com estes signos [zodiacais], pelos filósofos antigos, *jamais será levantado para diversão ou edificação do público não-iniciado.*" [20]

Não era o número Cinco menos sagrado para os gregos. As "Cinco Palavras" de Brahmâ tornaram-se, entre os Gnósticos, as "Cinco Palavras" escritas sobre as Vestes Akáshicas (Resplandecentes) de Jesus em sua glorificação — as palavras "Zama Zama Ozza Rachama Ozai" (ZAMA ZAMA ΩZZA PAXAMA ΩZZAI), que os orientalistas traduzem como "as vestes, as gloriosas vestes de minha força". Tais palavras eram, por sua vez, um "véu" anagramático dos cinco Poderes místicos representados sobre as vestes do Iniciado "ressuscitado", após sua última prova de três dias de sono cataléptico; porque o cinco só passa a sete depois de sua "morte", quando o Adepto se converte no Christos pleno, o completo Krishna-Vishnu, ou seja, quando ele entra no Nirvâna. O *E* inscrito sobre o Templo de Delfos, um símbolo sagrado, era também o número *cinco;* e quanto era sagrado mostra-o o fato de que os coríntios, segundo Plutarco, substituíram o numeral de madeira do mesmo Templo por outro de bronze, o qual, por sua vez, Lívia Augusto trocou por um fac-símile de ouro [21].

É fácil reconhecer nos dois "Spiritus" (os signos gregos [',]) — o "espírito" rude e o "espírito" suave de que fala Ragon — Átmâ e Buddhi, ou o Espírito Divino e seu Veículo, a Alma Universal.

O *Seis* (ou o Senário) é estudado mais adiante nesta Seção, enquanto que o Setenário o será por completo no curso deste volume, na Seção sobre os "Mistérios da Hebdômada".

---

(18) A morte de todas as coisas físicas, verdadeiramente; Mâra, porém, é o ativador inconsciente do nascimento do Espiritual.

(19) Osíris é chamado no *Livro dos Mortos* (CXLII, 8, 17): "Osíris, o duplo crocodilo." "Ele é o bom e o mau Princípio; o Sol do dia e da noite, o Deus e o homem mortal." Conseqüentemente, o Macrocosmo e o Microcosmo.

(20) *Op. cit.*, pág. 117.

(21) *Gnostics and their Remains*, King, pág. 297.

A *Ogdóada,* ou Oito, simboliza o eterno movimento em espiral dos ciclos, o 8 ∞, e é por sua vez simbolizada pelo Caduceu. Indica a respiração regular do Cosmos, presidida pelos Oito Grandes Deuses — os Sete da Mãe primordial, o Único e a Tríade.

Em seguida vem o número Nove, ou o tríplice Ternário. É o número que se reproduz sem cessar, sob todas as formas e aspectos, em toda multiplicação. É o signo de toda circunferência, cujo valor em graus é igual a 9, isto é, 3 + 6 + 0. Sob certas condições é um *mau* número, um número de muita desgraça. Se o número 6 era o símbolo do nosso Globo em via de ser animado por um Espírito *divino,* o 9 simbolizava nossa Terra animada por um Espírito *mau.*

Dez, ou a Década, reconduz todos esses dígitos à unidade e termina a tábua pitagórica. E é por isso que esta figura ⊙ — a unidade dentro do *Zero* — era o símbolo da Divindade, do Universo e do Homem. Tal o símbolo da Divindade, do Universo e do Homem. Tal é o significado secreto do "vigoroso aperto da pata de leão da tribo de Judá" (o "aperto do mestre mação") entre duas mãos, cujos dedos perfazem o número *dez.*

Se fixarmos agora a nossa atenção na cruz egípcia, ou Tau, poderemos ver que esta letra, tão exaltada pelos egípcios, gregos e judeus, está misteriosamente relacionada com a Década. O Tau é o Alfa e Ômega da Sabedoria Divina Secreta, que é simbolizada pela letra inicial e a final de Thot (Hermes). Thot foi o inventor do alfabeto egípcio, e a letra Tau era a última dos alfabetos dos judeus e dos samaritanos, que lhe davam o qualificativo de "termo" ou "perfeição", "culminação" e "segurança". Daí, segundo Ragon, as palavras Terminus (termo) e Tectum (teto) serem símbolos de proteção e segurança, o que é antes uma definição prosaica. Tal é, porém, o destino habitual das idéias e das coisas, neste mundo de decadência espiritual, ainda que, ao mesmo tempo, de progresso físico. Pan foi a Natureza Absoluta, o Único e o Grande Todo; mas, quando a história o entreviu pela primeira vez, Pan já havia decaído para a categoria de um *deus inferior* do campo, um Deus rural. A história se recusa a reconhecê-lo, ao passo que a Teologia o transforma em Demônio! Entretanto, a sua flauta de sete tubos, emblema das sete forças da Natureza, dos sete planetas, das sete notas musicais, em uma palavra, de toda harmonia setenária, evidencia bem o seu caráter primordial. Assim sucede com a cruz. Muito antes que houvessem os judeus imaginado o seu candelabro de ouro do Templo, com *três* braços de um lado e *quatro* do outro, e fizessem do *sete* um número feminino da geração [22] — introduzindo assim o elemento fálico na religião —, as nações

(22) O autor de *The Source of Measures,* reflexionando sobre a cruz, mostra que o candelabro do Templo "era de feitio tal que, contando de cada lado, havia nele *quatro* braços; mas, no ápice, por haver *um braço comum a ambos os lados,* contavam-se realmente três braços em um lado e quatro no outro, perfazendo ao todo o número 7, identicamente à idéia de uma parte comum na cruz desenvolvida. Tome-se uma tira de uma unidade de largura por três de comprimento, e deixe-se em posição inclinada. Tome-se outra de quatro unidades de comprimento e ponha-se sobre a primeira, com inclinação oposta, de modo que a extremidade superior da de quatro unidades forme a

mais espiritualizadas já haviam feito da cruz (como 3 + 4 = 7) o seu símbolo divino mais sagrado. Efetivamente, o círculo, a cruz e o sete — sendo este último escolhido como base das medidas *circulares* — foram os primeiros símbolos primordiais. E Pitágoras, que trouxe da Índia a sua sabedoria, deixou à posteridade um vislumbre desta verdade. Sua Escola considerava o número 7 como um composto dos números 3 e 4, dando para isto uma explicação dual. No plano do mundo numênico, o Triângulo, como primeiro conceito da Divindade manifestada, era sua imagem, "Pai-Mãe-Filho"; e o Quaternário, o número perfeito, era a raiz numênica ideal de todos os números e coisas no plano físico. Alguns estudantes, dado o caráter sagrado do Tetraktys e do Tetragrammaton, confundem a significação mística do Quaternário. Este último era para os Antigos só uma "perfeição" *secundária*, por assim dizer, visto que se relacionava unicamente com os planos manifestados; ao passo que o Triângulo, o Delta grego (△) era "o veículo da Divindade desconhecida". Uma boa prova disto é que o nome da Divindade começava por um Delta. A palavra Zeus escrevia-se Δεος (Deos) pelos naturais da Beócia, e é a origem do Deus dos latinos. Isto em relação ao conceito metafísico quanto ao significado do setenário *no mundo fenomenal;* mas, para efeito da interpretação profana ou exotérica, o simbolismo modificava-se. O *três* passava a ser o ideograma dos três Elementos *materiais:* Ar, Água, Terra; e o *quatro,* o princípio de tudo o que não é corpóreo nem perceptível. Tal coisa, porém, nunca foi aceita pelos verdadeiros Pitagóricos. Considerado um composto de 6 e 1 — o Senário e a Unidade —, o número 7 era o centro invisível, o Espírito de tudo, pois não existe nenhum corpo hexagonal sem que nele se encontre uma *sétima* propriedade, como ponto central. Por exemplo, os cristais e os flocos de neve, na chamada natureza "inanimada". Dizia-se, aliás, que o número sete possui toda a perfeição da UNIDADE — o número dos números. Porque, assim como a *unidade* absoluta é incriada e indivisível, e portanto sem número, e nenhum número pode produzi-la, o mesmo sucede com o *sete:* nenhum dos dígitos da Década pode gerá-lo ou produzi-lo. E é o *quatro* que proporciona uma divisão aritmética entre a *unidade* e o *sete,* uma vez que excede o primeiro em número igual *(três),* em que, por sua vez, também o excede o *sete,* pois existe entre *quatro* e *um* a mesma diferença que há entre *sete* e *quatro* [23].

"Para os egípcios", diz Ragon, "o número 7 era o símbolo da vida eterna"; e acrescenta ser esta a razão de a letra grega Z, que não é senão um duplo 7, ser a inicial de Zaô, "Eu vivo", e de Zeus, o "pai de tudo o que vive".

---

esquina ou vértice de um triângulo. Tal é o desenvolvimento do candelabro. Agora, retire-se a tira de 3 unidades de comprimento e ponha-se *atravessada* sobre a de 4 unidades; obter-se-á deste modo a cruz. A mesma idéia se encontra nos seis dias da semana do *Gênesis,* coroados pelo sétimo, que era usado como base da medida circular" (pág. 51).

(23) De um manuscrito atribuído a Saint-Germain e incorporado por Ragon, *op. cit.,* pág. 434.

Por outra parte, o número 6 era o símbolo da Terra durante o outono e o inverno, os meses de "sono"; e o número 7 o era durante a primavera e o verão, já que nesta época o Espírito de Vida a animava — a sétima Força ou Força central informadora. Vemos a mesma coisa nos mitos e símbolos egípcios de Osíris e Ísis, que personificavam metafisicamente o Fogo e a Água, e fisicamente o Sol e o Nilo. O número do ano solar, 365 dias, corresponde ao valor numérico da palavra Neilos (Nilo). Tal número, juntamente com o Touro, com o crescente e a cruz de asa entre os seus cornos, e a Terra sob o seu símbolo astronômico (♁), representam os símbolos mais fálicos da antiguidade menos remota.

"O Nilo era o rio do tempo com o número de um ano, ou de um ano e um dia (364 + 1 = 365). Representava as águas parturientes de Ísis, ou de nossa Mãe-Terra, da Lua, da mulher e da vaca; também a *oficina* de Osíris, representando o T'sod Olaum dos hebreus. O nome antigo do rio era Eridanus, ou o Iardan hebreu com o sufixo copto ou grego antigo. Esta foi a porta da palavra hebraica Jared, ou *fonte*, ou *origem*... do Jordão, que tinha entre os hebreus o mesmo uso místico que o Nilo entre os egípcios [24]: era a fonte da descendência e continha as águas da vida." [25]

Era, para dizer mais claramente, o símbolo da Terra personificada, ou de Ísis considerada como a matriz da Terra. A esse respeito não pode haver dúvida; e o Jordão — o rio que é hoje tão sagrado para os Cristãos — não encerrava sentido mais sublime nem mais poético que o das águas parturientes da Lua — Ísis, ou Jehovah em seu aspecto feminino. Ora, conforme o demonstra o mesmo sábio, Osíris era o Sol, o rio Nilo e o ano de 365 dias; enquanto que Ísis era a Lua, o leito do Nilo ou a Mãe-Terra, "para cujas energias no parto a água era uma necessidade", como também o ano lunar de 354 dias, "o regulador dos períodos de gestação". Tudo isto é, portanto, sexual e fálico; e os nossos modernos eruditos parece que não encontram nestes símbolos nada mais que um significado fisiológico ou fálico. No entanto, não é preciso mais do que ler os três algarismos de 365, ou o número de dias de um ano solar, com a chave pitagórica, para descobrir-se neles um significado altamente filosófico e moral. Pode ler-se:

A Terra (3) — animada por (6) — o Espírito de Vida (5)

Simplesmente porque 3 equivale ao Gama grego (Γ), que é o símbolo de Gaia, a Terra, enquanto o algarismo 6 é o símbolo do princípio animador ou informante, e 5 é a quintessência universal que se expande em todas as direções e forma toda a matéria [26].

Os poucos exemplos que citamos revelam apenas uma diminuta parcela dos métodos usados para decifrar os ideogramas simbólicos e os valores numéricos da antiguidade. Como o sistema apresenta extremas e complexas dificuldades, são em número reduzido, mesmo entre os Iniciados, aqueles que

(24) Não tinha este significado no princípio, nem durante as primeiras dinastias.
(25) De um manuscrito inédito.
(26) De um manuscrito de Saint-Germain.

podem dominar *todas* as sete chaves. Será, pois, de admirar que a Natureza metafísica viesse a degenerar, pouco a pouco, até o nível da Natureza física? De que o Sol, outrora símbolo da Divindade, se convertesse, com o transcurso dos tempos, exclusivamente em símbolo do seu fogo criador, descendo em seguida à categoria de signo com sentido fálico? Mas, seguramente, aqueles cujo método, como o de Platão, era proceder do universal ao particular, não foram os que passaram a simbolizar suas religiões com emblemas fálicos! É bem verdade — embora a frase seja de Eliphas Lévi, o paradoxo encarnado — que "o homem é Deus na Terra, e Deus é o homem no Céu". Tal, porém, não podia aplicar-se, nem jamais se aplicou, à Divindade Única, mas tão somente às Legiões de SEUS raios encarnados, que chamamos Dhyân-Chohans, os Antigos chamaram Deuses, e a Igreja hoje transformou em Demônios, *à esquerda*, e em Salvador, *à direita!*

Todos esses dogmas, no entanto, saíram de uma raiz única, a raiz da Sabedoria, que cresce e medra no solo indiano. Não há um só Arcanjo cujo protótipo se não possa encontrar na terra sagrada de Aryavarta. Esses protótipos estão todos relacionados com os Kumâras, que aparecem em cena "recusando-se" — como Sanatkumâra e Sananda — "a criar progênie". São, todavia, chamados "criadores" do homem (pensante). Tem-se, por mais de uma vez, estabelecido relação entre eles e Nârada — outro acervo de *aparentes* incongruências, que, não obstante, representa um tesouro de doutrinas filosóficas. Nârada é o chefe dos Gandharvas, os cantores e músicos celestes; esotericamente, a razão explica-se por serem os Gandharvas "os instrutores dos homens nas Ciências Secretas". Foram eles que, "amando as mulheres da Terra", lhes revelaram os mistérios da criação; ou, como no *Veda*, o Gandharva "celeste" é uma divindade que conhecia os *segredos do céu e as verdades divinas* em geral. Se tivermos presente o que se diz em *Enoch* e na *Bíblia* sobre esta classe de Anjos, então a alegoria se tornará bastante clara; o chefe deles, Nârada, ao mesmo tempo que se recusa a procriar, concita os homens e se converterem em Deuses. Ademais, todos estes Anjos, como se declara nos *Vedas*, são Chhandajas, "nascidos da vontade", ou encarnados, em diversos Manvantaras, *por sua própria vontade*. Na literatura exotérica, figuram como existindo de idade em idade; alguns "condenados a renascer", outros encarnando-se por um dever. Finalmente, como Sanakâdikas — os sete Kumâras que foram visitar Vishnu na "Ilha Branca" (Shveta-dvipa), a Ilha habitada pelos Mahâ Yogis —, estão eles relacionados com Shâka-dvipa e os lemurianos e atlantes da Terceira e da Quarta Raça.

Na Filosofia Esotérica, os Rudras (Kumâras, Adityas, Gandharvas, Asuras, etc.) são os Dhyan-Chohans ou Devas mais elevados, no que se refere à inteligência. São aqueles que, havendo adquirido a *quíntupla* natureza por autodesenvolvimento — e daí o caráter sagrado do número *cinco* —, se tornaram independentes dos puros Devas Arupa. É um mistério sobremaneira difícil de penetrar e compreender perfeitamente. Pois vemos que os que "obedeceram à lei" foram, tal como os "rebeldes", *condenados a renascer durante todas as idades*. Nârada, o Rishi, é condenado por Brahmâ a incessantes peregrinações na Terra, isto é, a renascer constantemente. É um rebelde contra Brahmâ, e no entanto o seu destino não é pior que o dos

Jayas, os doze grandes Deuses Criadores que Brahmâ fez surgir *para auxiliá-lo em sua obra de criação*. Estes últimos, absortos na meditação, *esqueceram-se de criar;* esqueceram-se apenas, e só por isto foram igualmente condenados por Brahmâ a renascer em cada Manvantara. E, da mesma forma que os rebeldes, são chamados Chhandajas, ou os nascidos por sua própria vontade em forma humana.

Tudo isso é bastante enigmático para quem não seja capaz de ler e compreender o texto dos *Purânas* senão em seu sentido literal [27]. É por isso que vemos os orientalistas, fugindo ao embaraço, cortarem o nó górdio da perplexidade com a declaração de que tudo não passa de "uma ficção... devida à fantasia e ao amor do exagero por parte dos brâmanes". Mas para o estudante de Ocultismo tudo isso possui profunda significação filosófica. De boa vontade deixamos a casca para os sanscritistas ocidentais, mas reservamo-nos a essência do fruto. Mais ainda: concedemos que, em certo sentido, muito do que há nestas supostas "fábulas" se refere a alegorias astronômicas sobre constelações, asterismos, estrelas e planetas. Contudo, se o Gandharva do *Rig Veda* pode estar aí personificando o fogo do Sol, os Devas Gandharvas são entidades de um caráter tanto físico como psíquico, e os Apsarasas (com outros Rudras) são ao mesmo tempo *qualidades* e *quantidades*. Em uma palavra: se alguma vez decifrada, a Teogonia dos Deuses Védicos revelará insondáveis mistérios da Criação e do Ser. Com razão disse Parâshara:

"Estas classes de trinta e três divindades... existem de idade em idade... e o seu aparecimento, assim como o desaparecimento, é análogo ao do Sol, que se põe para de novo nascer." [28]

Houve tempo em que o símbolo oriental da Cruz e do Círculo, a Svástika, era universalmente adotada. Para os budistas esotéricos chineses e mongóis, e até para os exotéricos, ele significa as "dez mil verdades". Estas verdades, dizem, pertencem aos mistérios do Universo Invisível, da Cosmogonia Primordial e da Teogonia.

Desde que Fohat cruzou o Círculo como duas linhas de chamas [horizontal e verticalmente], as Legiões de Seres Abençoados jamais deixaram de enviar seus representantes aos Planetas sobre os quais tiveram a missão de velar desde o começo.

Eis a razão por que a Svástika é colocada sempre — como o era a cruz de asa no Egito — sobre o peito dos Místicos falecidos. No Tibete e na Mongólia vemo-la sobre o coração das estátuas e imagens de Buddha. É também o *selo* posto sobre o coração dos Iniciados vivos, e que alguns têm gravado para sempre a fogo na carne. Isto porque devem guardar

(27) Sem embargo, este sentido, se for bem compreendido, ver-se-á que é a caixinha de segurança que contém as chaves da Sabedoria Secreta. Em verdade, uma caixinha tão profusamente adornada que os seus enfeites e fantasias ocultam por completo a mola que lhe permite a abertura, fazendo crer aos que carecem de intuição na ausência e impossibilidade de tal abertura. As chaves, porém, ali estão, muito bem escondidas, mas sempre presentes para aqueles que sabem procurá-las.

(28) *Vishnu Purâna*, I, XV; tradução de Wilson, II, 29.

estas verdades, invioláveis e intactas, em silêncio e segredo eternos, até o dia em que sejam percebidas e lidas por seus sucessores escolhidos — novos Iniciados — "dignos de que se lhes confiem as dez mil perfeições". Mas o símbolo hoje foi aviltado de tal modo que o põem muitas vezes sobre a cabeça dos horríveis ídolos ou "Deuses" dos sacrílegos Bhons — os Dougpas ou Feiticeiros das fronteiras do Tibete —, até que um Gelugpa os vê e os arranca juntamente com a cabeça do "Deus", quando melhor seria que fosse a cabeça do devoto separada do seu corpo eivado de pecados. Nada obstante, o símbolo não pode jamais perder suas misteriosas propriedades. Lancemos um olhar retrospectivo, e o veremos usado igualmente pelos Iniciados e Videntes, como pelos Sacerdotes de Tróia; pois muitos exemplares dele foram encontrados por Schliemann no sítio dessa antiga cidade. Havia-os também entre os antigos peruanos, os assírios e os caldeus, assim como nas paredes dos monumentos ciclópicos, tão velhos quanto o mundo; nas catacumbas do Novo Mundo e nas do *Antigo* (?), em Roma, onde — "porque se supõe que os primeiros cristãos se ocultavam com sua religião" — era chamada *Crux Dissimulata*.

"Segundo De Rossi, a Svástika foi, desde remotas épocas, uma forma favorita da cruz, empregada *com um significado oculto*, mostrando assim que o segredo não era o da cruz cristã. Uma cruz Svástika das catacumbas é o signo da inscrição seguinte: "ΖΩΤΙΚΩ ZOTIKH [? ΖΩΤΙΚΗ], *Vitalis Vitalia*", ou vida da vida." [29]

Mas a melhor prova da antiguidade da cruz é a que apresenta o próprio autor de *The Natural Genesis*:

"O valor da cruz como símbolo cristão, supõe-se datar da época em que Jesus Cristo foi crucificado. E no entanto, na iconografia "cristã" das Catacumbas *não aparece figura alguma de homem sobre a cruz, durante os seis ou sete primeiros séculos*. Existem todas as formas da cruz, exceto essa — que se pretende ser o ponto de partida da nova religião. Não foi ela a forma inicial do Crucifixo, mas antes a final [30]. Nos seis primeiros séculos da era cristã, não há na arte cristã o menor indício de que esta religião tivesse por fundamento um Redentor crucificado! A mais antiga forma conhecida de uma cruz com uma figura humana é o crucifixo oferecido pelo Papa Gregório o Grande à Rainha Teodolinda de Lombardia, e que se acha agora na igreja de São João, em Monza; enquanto que nas catacumbas de Roma não se vê nenhuma representação do Crucificado anterior à de San Giulio, que data do sétimo ou oitavo século... Não há Cristo nem Crucificado; a Cruz é o Cristo, assim como o Stauros (a Cruz) era um tipo e um nome de Hórus, o Cristo gnóstico. A Cruz, e não o Crucificado, é o símbolo primordial da Igreja Cristã. A Cruz, e não o Crucificado, é o objeto essencial de suas representações artísticas e do culto em sua religião. O germe de todo o seu crescimento e desenvolvimento pode ser encontrado na cruz. E esta cruz é pré-cristã e é pagã e gentia, sob uma meia dúzia de formas diferentes. O Culto principiou com a cruz, e Juliano tinha razão ao dizer que havia sustentado uma "Guerra contra a ×"; a cruz que, segundo ele entendia, fora adotada pelos agnósticos e mitólatras com uma significação

(29) Citado em *The Natural Genesis*, de Gerald Massey, I, 427.

(30) Para os cristãos, é inegável. Para os simbologistas pré-cristãos era, como já dissemos, a Cama ou Leito de Tortura durante os Mistérios da Iniciação, quando o "Crucificado" era colocado horizontalmente no solo (e não levantado, como no tempo em que se converteu no patíbulo romano).

impossível [31]. Durante séculos ocupou o lugar do Cristo, e foi invocada como um ser vivo. Foi, a princípio, divinizada, e por último humanizada." [32]

Em verdade, poucos símbolos no mundo encerram tanto significado oculto quanto a Svástika. Ela se acha resumida no algarismo 6. Aponta, em sua representação concreta, como sucede com o ideograma deste número, o Zênite e o Nadir, o Norte, o Sul, o Este e o Oeste; em toda parte se vê a unidade, e esta unidade refletida em todas as unidades. É o emblema da atividade de Fohat, da contínua revolução das "Rodas", e o dos Quatro Elementos, o "Quatro Sagrado", em seu sentido místico, e não apenas no sentido cósmico; por outra parte, seus quatro braços, dobrados em ângulos retos, guardam íntima relação, conforme mostramos alhures, com as escalas Pitagórica e Hermética. Aquele que está iniciado nos mistérios do significado da Svástika, dizem os Comentários, "pode retraçar nela, com precisão matemática, a evolução do Cosmos e todo o período de Sandhyâ". Também "a relação do Visível com o Invisível" e "a primeira procriação do homem e das espécies".

Para o Ocultista oriental, a Árvore do Conhecimento, no Paraíso do próprio coração do homem, converte-se na Árvore da Vida Eterna, e nada tem a ver com os sentidos animais do homem. É um mistério absoluto que só se revela com os esforços do aprisionado Manas, o Ego, para libertar-se dos grilhões da percepção sensorial e ver à luz da Realidade Única e eternamente presente. Para o Cabalista ocidental, e agora muito mais para o simbólogo superficial, criado na atmosfera mortal da ciência materialista, a explicação principal dos mistérios da cruz está no seu elemento sexual. Até o comentador moderno, de tendência espiritual sob outro ângulo, vislumbra essa característica na cruz e na Svástika, antes que outro qualquer.

"No Egito usava-se a cruz como um talismã protetor e um símbolo de poder salvador. Tífon, ou Satã, aparece efetivamente preso e encadeado à cruz. No *Ritual*, o adorador de Osíris exclama: *'O Apophis foi derribado, suas cordas prendem o Sul, o Norte, o Este e o Oeste; suas cordas estão sobre ele. Har-tubah o amarrou.'* [33] Eram as cordas dos quatro quadrantes, ou a cruz. De Thor se diz que esmagou a cabeça da serpente com o seu martelo... uma forma da Svástika ou cruz de quatro pés... Nos primitivos sepulcros do Egito, o modelo da Câmara tinha a forma de uma cruz [34]. O pagode de Mathura... lugar de nascimento de Krishna, foi construído em forma de cruz." [35]

(31) Assim era, e não podia ser de outro modo. O Imperador Juliano era um Iniciado e, como tal, conhecia bem o "significado misterioso", a um tempo metafísico e físico.

(32) *Op. cit., ibid.*, pág. 433.

(33) *Livro dos Mortos*, XXXIX. Apophis, ou Apap, é a Serpente do Mal, o símbolo das paixões humanas. O Sol (Osíris-Hórus) o destrói, e Apap é derrubado, atado e encadeado. O Deus Aker, o "Chefe da Entrada do Abismo" de Aker, o Reino do Sol (XV, 39), o aprisiona. Apophis é o inimigo de Ra (a Luz), mas, exclama o Defunto, "o grande Apap tombou!" "O Escorpião feriu-te na boca", diz ele ao inimigo vencido (XXXIX, 7). O Escorpião é o "verme que nunca morre" dos Cristãos. Apophis está atado sobre o Tau ou Tat, "emblema da estabilidade". (Veja-se a erecção de Tat em Tatoo, XVIII.)

(34) Assim também nas criptas cis-himalaicas, onde viviam os Iniciados e onde se depositavam as suas cinzas durante sete anos lunares.

(35) *The Natural Genesis*, I, 432.

Tudo isso está muito certo, e ninguém aí pode lobrigar aquele "culto sexual" que os orientalistas se comprazem em lançar à cabeça do Paganismo. Que dizer, porém, dos judeus e das religiões exotéricas de algumas seitas hindus, especialmente quanto aos ritos dos Vallabâchâryas? Já mostramos que o culto de Shiva, com os seus Lingam e Yoni, tem um sentido filosófico sobremodo elevado, apesar de sua moderna degeneração, para que possa considerar-se um simples culto fálico. Mas o culto da *Árvore* ou da Cruz [36] dos judeus não pode escapar a essa acusação. Os "filhos dos feiticeiros, a semente do adúltero" [37], como os chama Isaías, nunca deixaram passar a ocasião de "se esquentarem com os ídolos debaixo de todas as árvores verdes" [38] — o que não denota nenhuma recreação metafísica. Entre estes judeus *monoteístas* é que as nações cristãs foram buscar a sua religião, o seu "Deus dos Deuses, o único Deus vivo"; ao mesmo tempo que votavam desprezo ao culto da Divindade dos antigos Filósofos e o escarneciam. Deixemos, porém, que creiam na forma física da cruz e lhe rendam culto, como bem lhes aprouver.

Contudo, para o amante da verdadeira Sabedoria Oriental Arcaica; para aquele que não adora, em espírito, nada que não seja a Unidade Absoluta, este grande *Coração* que pulsa por todo o sempre, que palpita em todas coisas, em cada átomo da Natureza; para ele, cada um destes átomos encerra a semente capaz de fazer nascer e vicejar a Árvore do Conhecimento, cujos frutos dão a Vida Eterna, e não somente a vida física. Para ele, a cruz e o círculo, a Árvore ou o Tau — mesmo depois que todos os seus símbolos tenham sido assinalados e compreendidos, um após outro — permanecem ainda um profundo mistério em seu Passado, e é só para este Passado que ele dirige as suas vistas ansiosas. Pouco lhe importa que seja a Semente de que procede a Árvore genealógica do Ser, chamada Universo. Não lhe interessa tampouco o Três em Um, o tríplice aspecto da Semente — forma, cor e substância —, e sim a Força que dirige o seu crescimento, Força sempre misteriosa, sempre desconhecida. Porque esta Força vital — que faz germinar a semente, abrir-se e deitar rebentos, formar o tronco e a ramagem, que depois se curva como os ramos de *Ashvattha*, a Árvore sagrada de Bodhi, lança as suas sementes, e estas, enraizando-se, produz novas árvores — esta Força vital, dizíamos, é a ÚNICA que tem realidade para ele, por ser o Sopro de Vida que não morre jamais. O Filósofo pagão buscava a causa, o de hoje contenta-se tão somente com os efeitos, buscando aquela nestes últimos. O que há além, ignora-o; e não interessa ao agnóstico moderno, que refuga assim o único conhecimento sobre o qual poderia basear a sua ciência com toda a segurança. E no entanto, esta Força manifestada oferece uma resposta àquele que se detém em profundá-la. O que vê na cruz o círculo decussado de Platão, o *pagão*, e não o antítipo da circuncisão, como o via Santo Agostinho, o *cristão* [39], é logo considerado pela Igreja como um gentio, e pela

(36) A Cruz e a Árvore são idênticas e sinônimas em simbolismo.
(37) LVII, 3.
(38) *Isaías*, LVII, 5.
(39) Sermão CLX.

Ciência como um louco. E assim ocorre porque, além de se negar a render culto ao Deus da geração física, confessa que nada pode saber em relação à Causa que se acha além da *Primeira* Causa; à Causa sem Causa desta Causa Vital. Ao passo que admite tacitamente a Onipresença do Círculo sem Limites, e dela faz o Postulado universal sobre que se alicerça todo o Universo manifestado, o Sábio guarda um silêncio reverencioso a respeito daquilo que não deve ser objeto das especulações do homem mortal. "O Logos de Deus é o revelador do homem, e o Logos (o Verbo) do homem é o revelador de Deus", diz Eliphas Lévi em um de seus paradoxos. Ao que responde o ocultista oriental: Com a condição, porém, de que o homem seja mudo quanto à Causa que produziu Deus e o seu Logos. De outro modo, ele se converte invariavelmente no *ultrajador*, e não no *revelador*, da Divindade Incognoscível.

Vamos agora tratar de um mistério: o da Hebdômada na Natureza. Tudo o que dissermos será possivelmente atribuído a coincidências. Argüirão que este número é de todo *natural*, na Natureza, o que, aliás, é o que sustentamos; e que não tem maior significação que a ilusão de movimento que forma os chamados "círculos estróbicos". Não se deu grande importância a estas "singulares ilusões", quando o Professor Sylvanus Thompson as apresentou em reunião da Associação Britânica, em 1877. Todavia, não ficaríamos agastados se nos dessem a conhecer a razão por que o número sete se há de constituir sempre em um número preeminente — seis círculos concêntricos ao redor de um sétimo, e sete anéis, um dentro de outro, ao redor de um ponto central, etc. — nessa *ilusão* produzida pela vibração de um pires ou de qualquer outro recipiente. Na Seção seguinte daremos a solução que a Ciência recusa.

SEÇÃO XI

OS MISTÉRIOS DA HEBDÔMADA

Não devemos encerrar esta parte sobre o Simbolismo da História Arcaica sem tentar explicar o perpétuo retorno deste número verdadeiramente místico, a Hebdômada, em todas as escrituras conhecidas dos orientalistas. Como todas as religiões, desde a mais antiga à mais recente, revelam a sua presença, cada qual explicando-a a seu modo e em concordância com seus próprios dogmas especiais, não é uma fácil tarefa. Mais vale, portanto, discorrer a matéria numa visão de conjunto. 3, 4 e 7 são os números sagrados da Luz, da Vida e da União — particularmente no atual Manvantara, o nosso Ciclo de Vida, do qual o número *sete* é o representante especial, ou o *fator*. É o que nos cabe demonstrar.

Se se perguntasse a um brâmane versado nos *Upanishads*, que tão cheios estão da antiga Sabedoria Secreta, por que "aquele, de quem sete ancestrais beberam o suco da planta da Lua", é um Trisuparna, afirmação que se atribui a Bopaveda [1], e por que o brâmane Trisuparna deve render culto aos Pitris Somapa — mui poucos seriam capazes de responder, ou, se o fossem, ainda menos estariam dispostos a satisfazer a curiosidade do perguntador. Atenhamo-nos, pois, ao que ensina a antiga Doutrina Esotérica. Segundo diz o Comentário:

Quando os primeiros Sete apareceram sobre a Terra, lançaram no solo a semente de todas as coisas que crescem em sua superfície. Primeiramente havia Três, depois a estes foram acrescentados Quatro logo que a pedra se transformou em planta. Então vieram os segundos Sete, os quais, guiando os Jivas das plantas, produziram as naturezas intermédias entre a planta e o animal vivo que se move. Os três Sete desenvolveram seus Chhâyâs... Os quintos Sete aprisionaram sua ESSÊNCIA... Assim o homem se tornou um Saptaparna.

A

SAPTAPARNA

Tal é o nome que se dá ao homem na linguagem Oculta. Significa, conforme já tivemos oportunidade de explicar em outra parte, uma planta de

(1) *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, III, 174, nota de Fitzedward Hall.

sete folhas; e o nome tem uma grande significação nas lendas budistas. O sentido era o mesmo, conquanto dissimulado, nos mitos gregos. O T, ou T (Tau), cuja forma foi derivada do algarismo 7 e da letra grega (Gama), era, como assinalado na Seção anterior, o símbolo da vida terrestre e da Vida Eterna: da vida terrestre, porque (Gama) é o símbolo da Terra (Gaia) [2]; e da Vida Eterna, porque o algarismo 7 é o símbolo da mesma vida *enlaçada com a Vida Divina,* sendo o duplo signo expresso em figuras geométricas:



—um Triângulo e um Quaternário, símbolo do HOMEM Setenário.

Ora, o número *seis* foi considerado nos Antigos Mistérios como um emblema da Natureza *física.* Porque o seis é a representação das seis dimensões de todos os corpos — as *seis* direções que compõem a sua forma, a saber: as quatro direções que se estendem no sentido dos quatro pontos cardeais, norte, sul, este e oeste, e as duas direções de altura e profundidade que correspondem ao Zênite e ao Nadir. Assim, enquanto o Senário era aplicado pelos Sábios ao homem *físico,* o Setenário era para eles o símbolo do mesmo homem *mais* sua Alma imortal [3].

J. M. Ragon apresenta uma excelente ilustração do "Senário hieroglífico", como ele denomina o nosso duplo triângulo equilátero.

"O senário hieroglífico é o símbolo da fusão dos *três* fogos filosóficos com as *três* águas, fusão de que resulta a procriação dos elementos de todas as coisas." [4]

A mesma idéia se encontra no duplo triângulo equilátero dos hindus. Embora no seu país seja chamado o signo de Vishnu, é, em verdade, o símbolo da Tríade, ou Tri-murti. Porque, ainda na interpretação exotérica, o triângulo inferior, ▽, com o seu vértice para baixo, é o símbolo de Vishnu, o Deus do Princípio Úmido e da Água, sendo Nârâyana o Princípio Móvel no Nârâ, ou nas Águas [5]; ao passo que o triângulo com o vértice para cima, △, é Shiva, o Princípio do Fogo, simbolizado pela tríplice chama em sua mão [6]. Estes dois triângulos entrelaçados, chamados erroneamente "Selo de Salomão", — e que formam também o emblema de nossa Sociedade Teo-

(2) É por isso que, na Grécia, os Iniciados chamaram ao Tau Γωνήοξ, "filho de Gaia", "saído da Terra", como Tytios na *Odisséia* (VII, 324).

(3) *Ragon, Orthodoxie Maçonnique,* etc., págs. 423-33.

(4) *Ibid.,* pág. 433, nota.

(5) Veja-se o *Mahâbhârata,* e.g., III, 189, 3, onde Vishnu diz: "À água dei o nome de Nârâ nos tempos antigos, e portanto me chamo Nârayâna, pois este foi sempre o meio em que me movi (Ayana)." Foi na Água, ou Caos, o "Princípio Úmido" dos gregos e de Hermes, que a primeira semente do Universo foi lançada. "O Espírito de Deus se move sobre as águas escuras do Espaço"; daí por que Thales fez delas o elemento primordial, anterior ao Fogo, que, no entanto, estava latente nesse Espírito.

(6) Veja-se a estátua de bronze de Shiva Tripurântaka, "Mahâdeva destruindo Tripurâsura", no Museu da Casa Indiana, Londres.

sófica — são os que produzem ao mesmo tempo o Setenário e a Tríade, constituindo a Década. De qualquer modo que se examine este signo, ✡, todos os dez números se acham nele contidos. Porque, com um ponto no meio ou no centro, ✡, é um signo *sétuplo* ou um Setenário; seus triângulos indicam o número três, ou a Tríade; os *dois* triângulos denotam a presença do Binário; os triângulos com o ponto central comum a ambos dão o Quaternário; as seis pontas fazem o Senário, e o ponto central a Unidade; o Quinário é obtido por combinação, como um composto de *dois* triângulos, o número par, e de *três* lados em cada triângulo, o primeiro número ímpar. Esse o motivo por que Pitágoras e os Antigos consagraram o número *seis* a Vênus, porquanto:

"A união dos dois sexos e a espagirização da matéria por tríades são necessárias para desenvolver a força geradora, esta virtude prolífica e esta tendência à reprodução, que é inerente a todos os corpos." [7]

A crença em "Criadores", ou em Poderes personificados da Natureza, longe de significar politeísmo, corresponde a uma necessidade filosófica. Como todos os outros Planetas do nosso sistema, a Terra tem sete Logos — os Raios emanados do "Raio-Pai" — o PROTÓGONOS ou Logos Manifestado, o que sacrifica o seu "Esse" (ou a sua "Carne", o Universo), a fim de que o Mundo possa viver e todas as criaturas nele existentes se tornem seres conscientes.

Os números 3 e 4 são, respectivamente, macho e fêmea, Espírito e Matéria, e sua união é o emblema da Vida Eterna no Espírito, em seu arco ascendente, e na Matéria como o Elemento que sempre ressuscita, mediante procriação e reprodução. A linha masculina espiritual é vertical; a linha da matéria diferenciada é horizontal; as duas formam a cruz +. O 3 é invisível; o 4 está no plano da percepção objetiva. Esta é a razão por que toda a Matéria do Universo, se analisada a fundo pela Ciência, pode reduzir-se a quatro Elementos apenas — Carbono, Oxigênio, Nitrogênio e Hidrogênio; e também por que os três primários, os números dos quatro, ou o Espírito ou Força graduada, têm permanecido *terra incognita* e meras especulações, simples nomes, para a Ciência exata. Não devem os homens de ciência esperar que lhes seja dado penetrar a natureza dos efeitos e sondar as suas potencialidades, sem que antes levem em conta as causas primárias e as estudem. Assim, enquanto os sábios do Ocidente tinham, e ainda têm, o 4, ou a Matéria, para se entreterem, os Ocultistas orientais e seus discípulos, os grandes Alquimistas do mundo inteiro, têm o setenário todo como objeto de seus estudos [8]. Dizem estes Alquimistas:

---

(7) Ragon, *ibid.*, pág. 433, nota.

(8) Alguns sábios brâmanes protestaram contra a nossa divisão setenária. Encarado o assunto do seu ponto de vista, *eles têm razão; assim como nós a temos quanto* ao nosso. Deixando de lado os três *aspectos*, ou *princípios adjuntos*, só aceitam quatro Upâdhis, ou Bases, incluindo o Ego — a imagem do Logos refletida no Kârana Sharira — e ainda, "estritamente falando... três Upâdhis apenas". Para a filosofia puramente

Quando o Três e o Quatro se abraçam, o Quaternário une sua natureza média à do Triângulo [ou Tríade, isto é, a face de uma de suas superfícies planas se torna a face média de outra] e se transforma em um Cubo; só então este [o Cubo desenvolvido] vem a ser o veículo e o número da Vida, o Pai-Mãe SETE.

O diagrama seguinte talvez possa ajudar o estudante a compreender estes paralelismos.

Princípios humanos		*Princípios da natureza física*
7. Atmâ		
6. Buddhi		
5. Manas		
4. Kâma Rupa; o princípio do desejo animal, que arde violentamente durante a vida na Matéria, produzindo a saciedade; é inseparável da existência animal.	Hidrogênio	O mais leve de todos os gases; arde no Oxigênio, emitindo um calor mais intenso do que qualquer substância em combustão, e formando a água, o mais estável dos compostos; o Hidrogênio entra largamente em todos os compostos orgânicos.
3. Linga Sharira; o veículo ou forma inerte sobre a qual é modelado o corpo; o veículo da Vida. Dissipa-se mui pouco tempo depois da desintegração do corpo.	Nitrogênio	Gás inerte; o veículo com o qual o Oxigênio se mistura a fim de adaptar-se à respiração animal. Entra também em grande proporção em todas as substâncias orgânicas.
2. Prâna; a Vida, o poder ativo que produz todos os fenômenos vitais.	Oxigênio	O que mantém a combustão o gás que dá a vida, o agente químico ativo em toda vida organizada.
1. A matéria grosseira do corpo; a substância que é formada e modelada sobre o Linga Sharira (Chhâyâ), pela ação de Prâna.	Carbono	O combustível por excelência; a base de todas as substâncias orgânicas; o elemento (químico) que forma a maior variedade de compostos.

Ensina-se que todas as formas primitivas de vida orgânica aparecem também em grupos de números setenários. Desde os minerais, ou as "pedras moles que endureceram", para usar a fraseologia das Estâncias, seguindo-se as "plantas duras que amoleceram", produto do mineral (pois "o vegetal

---

teórica e metafísica, ou para efeito de meditação, podem bastar estes três, como o mostra o sistema de Târaka Yoga; mas para o *ensinamento prático Oculto* a nossa divisão é a melhor e a mais fácil. Trata-se, porém, de uma questão de escola e preferência.

nasce do seio da pedra") [9], até o homem, todos os modelos primitivos, em todos os reinos da natureza, são, no princípio, películas etéreas e transparentes. Tal só ocorre, naturalmente, durante os primeiros albores da vida. Consolidam-se no período seguinte, e no *sétimo* começam a dividir-se por espécies, *todos, exceto os homens,* primeiros animais mamíferos [10] na Quarta Ronda.

Vergílio, versado na Filosofia Esotérica, como o eram mais ou menos todos os poetas antigos, canta a evolução nos seguintes versos:

> *Principio cœlum ac terras camposque liquentes*
> Lucentemque globum Lunæ, Titaniaque astra
> *Spiritus* intus alit, totamque infusa per artus
> *Mens* agitat molem, et magno se corpore miscet.
> Inde Hominum pecudumque genus vitæque volantum
> Et quæ marmoreo fert monstra sub æquore pontus [11].

"Primeiro veio o três, ou o Triângulo." Essa expressão tem um profundo significado em Ocultismo, e o fato é corroborado em Mineralogia, em Botânica, e até mesmo em Geologia — como já mostramos na Seção sobre "A Cronologia dos Brâmanes" — pelo número composto sete, que contém em si o três e o quatro. O sal em dissolução o comprova. Quando suas moléculas, agrupando-se, começam a depositar-se como sólidos, as primeiras formas que assumem são as triangulares de pequenas pirâmides e de cones. É a forma do *Fogo*, donde vem a palavra "Pyramis"; ao passo que a segunda figura geométrica na Natureza *manifestada* é um Quadrado ou um Cubo, 4 e 6; pois, "sendo cúbicas as partículas da terra, as do fogo são piramidais", como diz Enfield — e é verdade. A forma piramidal é a que tomam os pinheiros, que são as árvores mais primitivas depois do período dos fetos. Deste modo, os dois opostos da Natureza cósmica — o fogo e a água, o calor e o frio — principiam suas manifestações metrográficas, um por um sistema trimétrico, e o outro por um sistema hexagonal. Porque os cristais estrelados da neve, vistos ao microscópio, são todos, e cada um deles, uma dupla ou tríplice estrela de seis pontas, com um núcleo central, à semelhança de uma estrela em miniatura dentro de outra maior. Mr. Darwin, ao mostrar

---

(9) *Commentary*, livro IX, f. 19.

(10) Os protistas não são animais. Tenha presente o leitor que, quando falamos de "animais", queremos referir-nos só aos mamíferos. Os crustáceos, os peixes e os reptis são, nesta Ronda, contemporâneos do homem físico, e a maior parte deles até o precederam. Todos foram, porém, bissexuais antes do período dos mamíferos, nos fins da era Secundária ou Mesozóica, *mais perto ainda da era Paleozóica que da era Cenozóica*. Os pequenos mamíferos marsupiais são contemporâneos dos enormes e monstruosos reptis da era Secundária.

(11) *Eneida*, VI, 725-729. "No princípio, o Espírito [Divino] interno sustenta o céu, a terra e as planícies de água, o orbe da lua e as brilhantes estrelas, e a Mente [Eterna] difusa por todas as partes [da Natureza] põe em ação toda a prodigiosa estrutura e compenetra o vasto corpo [do Universo]. Daí procedem *a raça dos homens e a dos animais, os princípios vitais* da espécie voadora e os monstros que o Oceano cria debaixo de sua superfície lisa de cristal." "Tudo procede do Éter e de suas sete naturezas" — diziam os Alquimistas. A ciência não as conhece senão em seus efeitos superficiais.

que os habitantes da costa são grandemente influenciados pelas marés, diz o seguinte:

"Os progenitores mais antigos no reino dos vertebrados... consistiam, aparentemente, em um grupo de animais marinhos... Os animais que vivem seja na preamar *média*, seja na baixa-mar *média*, passam por um ciclo completo de mudanças de maré no espaço de quinze dias... Ora, um fato misterioso é que nos vertebrados terrestres superiores de hoje... muitos processos normais e anormais têm uma ou mais semanas [setenários] de períodos... como a gestação dos mamíferos, a duração das febres [12].

. Os ovos das pombas são chocados em duas semanas [ou 14 dias]; os das galinhas em três; os de pata em quatro; os de ganso em cinco; e os de avestruz em sete." [13]

Este número tem estreita relação com a Lua, cuja influência Oculta se manifesta sempre por períodos setenários. A Lua é o guia do lado Oculto da Natureza terrestre, enquanto o Sol é o regulador e fator da vida manifestada. Esta foi sempre uma verdade clara para os Videntes e Adeptos. Jacob Boheme, ao insistir na doutrina fundamental das sete propriedades da eterna Mãe Natureza, provou com isso que era um grande Ocultista.

Retomemos, porém, o estudo do setenário no antigo simbolismo religioso. À chave metrológica do simbolismo dos hebreus, que revela numericamente as relações geométricas entre o Círculo (a Divindade Universal) e o Quadrado, o Cubo, o Triângulo e todas as emanações integrais da superfície divina, pode-se acrescentar a chave teogônica. Esta chave esclarece que Noé, o Patriarca do Dilúvio, é, sob um dos seus aspectos, a permutação da Divindade (a Lei Criadora Universal) para os fins da formação de nossa Terra, de seu povoamento e da propagação da vida por sua superfície, em geral.

O estudante, tendo presente a divisão setenária em Hierarquias divinas, assim como na constituição cósmica e na humana, compreenderá facilmente que Jah-Noé se ache no topo do Quaternário cósmico inferior, de que é a síntese. Da Tríade Sephirotal superior, $\triangle$, — da qual Jehovah-Binah (a Inteligência) é o ângulo esquerdo feminino — emana o Quaternário, $\square$. Este último, que é o próprio símbolo do Homem Celeste, o Adão-Kadmon sem sexo, considerado como a Natureza do ponto de vista abstrato, converte-se também em um setenário, dele emanando os três princípios adicionais, a Natureza inferior terrestre, ou Natureza física manifestada, a Matéria e nossa Terra — sendo o sétimo Malkuth, a "Esposa do Homem Celeste" —, e formando, assim, com a Tríade superior, ou Kether, a Coroa, o número completo da Árvore Sephirothal — o 10, o Total na Unidade, ou o Universo. Separados da Tríade superior, o Sephiroth criadores inferiores são em número de sete.

O que precede não se relaciona diretamente com o nosso tema, mas é preciso tê-lo em mente para facilitar a compreensão do que se segue. O de que se trata é demonstrar que Jah-Noé, ou o Jehovah da *Bíblia* hebraica.

---

(12) Compare-se com *Descent of Man*, pág. 164, edição inglesa.

(13) *Land and Water*, de Bartlett.

o suposto Criador de nossa Terra, do homem e de tudo o que existe sobre ela, é:

(a) O Setenário inferior, os Elohim Criadores — em seu aspecto cósmico;

(b) O Tetragrammaton ou o Adão-Kadmon, o "Homem Celeste" das quatro letras — em seus aspectos teogônico e cabalístico;

(c) Noé — idêntico ao Shishta hindu, a Semente humana, deixada de uma criação ou Manvantara anterior, para povoar a Terra, como está dito nos *Purânas;* ou o período pré-diluviano, tal como o expressa alegoricamente a *Bíblia* — em seu caráter cósmico.

Mas, quer seja um Quaternário (Tetragrammaton), quer seja uma Tríade, o Deus Criador Bíblico não é o 10 Universal, a menos de confundir-se com Ain Soph (como Brahmâ com Parabrahman), e sim um setenário, um dos numerosos setenários do Setenato Universal. Na explicação da matéria de que nos ocupamos, a sua posição e o seu estado como Noé podem ser ilustrados com maior clareza dispondo-se o 3, △, e o 4, □, em linhas paralelas com os princípios cósmicos e humanos. Para estes últimos, empregaremos a antiga classificação familiar. Assim:

Aspectos ou princípios humanos		*Aspectos ou princípios cósmicos*
	△	
1. Espírito Universal (Atmâ) 2. Alma Universal (Buddhi) 3. Alma Humana, Mente (Manas)	Tríplice Aspecto da Divindade	1. O Logos Não-Manifestado 2. Ideação Universal Latente [14] 3. Inteligência Universal Ativa (ou Cósmica) [15]
	□	
4. Alma Animal (Kâma Rupa)	Espírito da Terra Jehovah [16] Noé	4. Energia Cósmica (Caótica)
5. Corpo Astral (Linga Sharira)	O Espaço contendo O Monte Ararat [17] a Vida	5. Ideação Astral refletindo as coisas terrestres
6. Essência Vital (Prâna)		6. Essência Vital ou Energia
7. Corpo (Sthula Sharira)	As Águas do Dilúvio	7. A Terra

(14) A Filosofia Vedanta Advaitina classifica este aspecto como a Trindade mais elevada, ou melhor, como o aspecto Trinitário de Chinmâtra (Parabrahman), que se explica como a "Mera Potencialidade de Prajnâ", o poder ou a capacidade que produz a percepção; Chidakâsham, o campo ou plano infinito da Consciência Universal; e Asat (Mûlaprakriti), ou a Matéria Não-Diferenciada. (Veja-se "Personal and Impersonal God" em *Five Years of Theosophy*, pág. 203.)

(15) A Matéria Diferenciada, existente no Sistema Solar — abstenhamo-nos de tocar em todo o Cosmos — em sete estados diferentes; e Prajnâ, ou a capacidade de percepção, existindo igualmente em sete aspectos diferentes, que correspondem aos sete estados de Matéria. Deve haver necessariamente sete estados de consciência no homem; e os sistemas religiosos e filosóficos refletem o maior ou menor grau de desenvolvimento desses estados.

(16) Representado como o Deus exclusivista, iracundo, turbulento e sempre em ação, vingativo; e bom só para o seu "povo eleito", quando em suas graças.

(17) Noé e seus três filhos são o símbolo coletivo deste Quaternário, em muitas e diversas aplicações, sendo Cham o princípio Caótico.

Para uma demonstração complementar, deve o leitor recorrer às obras cabalísticas.

"*Ararat* = *o monte da descida* = יָרַד, Hor, *Jared*. Hatho menciona que a palavra é derivada de *Arath* = אֲרַת. O editor de Moisés Cherenensis declara: "Com isto, segundo eles dizem, quer-se significar *o primeiro sítio da descida* (da Arca)." (Anal. de Bryant, vol. IV, págs. 5, 6, 15.) Sob o verbete "Berge", *montanha*, eis o terra, reduplicação aramaica." Aqui se vê qque Nork e Hatho empregam o mesmo que Nork diz a respeito de *Ararat*: "אֲרָרַט, por אֲרַת (isto é, *Ararat* por *Arath*), equivalente, em Arath, אַדְמָה, com o significado de *terra*." [18]

Simbolizando Noé, deste modo, ao mesmo tempo, o Manu-Raiz e o Manu-Semente, ou o Poder que desenvolveu a Cadeia Planetária e a nossa Terra, assim como a Raça-Semente, a Quinta, que se salvou (ao passo que as últimas sub-raças da Quarta, Manu Vaivasvata, pereceram) —, ver-se-á que o número *sete* se apresenta a cada passo.

É Noé quem, como permutação de Jehovah, representa a Legião setenária dos Elohim, e por isso é o Pai ou Criador (o Preservador) de toda vida animal. Daí os versículos dos *Gênesis:* "De todos os animais puros tomarás sete por sete, macho [3] e fêmea [4], e também das aves do ar sete e sete", etc.; seguindo-se todos os períodos de *sete* dias e o mais.

B

O TETRAKTYS EM RELAÇÃO COM O HEPTÁGONO

O número *sete*, como um composto de 3 e 4, é o elemento predominante em todas as religiões antigas, porque é *o fator predominante na Natureza*. Impende justificar sua adoção, e mostrar que é o número *por excelência*, já

---

(18) *Source of Measures*, pág. 65. O autor explica: "Note-se que, em hebreu, *Jared*, o pai de Enoch, foi construído para ser *"o monte da descida"*, dizendo-se que é o mesmo que *Ararat*, sobre o qual assenta a estrutura cúbica de *Noé*, ou *a medida fundamental*. *Jared* em hebreu é יֶרֶד. As raízes são as mesmas de *Ararat*, de *acre*, de *terra*. A palavra hebraica יֶרֶד *é em inglês, literalmente*, Y R D, por onde se vê que em *Jared* se encontra *literalmente* o nosso vocábulo inglês *yard* (e também יֶרֶד, por *Jah* ou *Jehovah*, significa *vara*). É de notar que o filho de *Jared, Enoch*, viveu 365 anos; e os comentadores rabínicos dizem que ele descobriu o período anual de 365 dias, unindo assim, outra vez, os valores do *tempo* e da *distância;* quer dizer: a duração do ano, *year* em inglês, é derivada, por coordenação, de *yard* ou *Jared*, que assim *foi o seu pai*, em ou por meio de *Enoch*. E, em verdade, 1296 (= *yard*, ou *Jared*) × 4 = = 5184, valor característico do dia solar, em *terças partes*, o qual, como dissemos, pode denominar-se, *numericamente, o pai* do ano solar." (Ibid.) Assim é; mas de acordo com os métodos cabalísticos, astronômicos e numéricos. Esotericamente, *Jared* é a Terceira Raça, e Enoch a Quarta — mas, como foi arrebatado vivo, este último simboliza também os Eleitos salvos na Quarta, ao passo que Noé é a Quinta desde o princípio — a família salva das águas, eternamente e *fisicamente*.

que, após a publicação do *Buddhismo Esotérico,* surgiram muitas e freqüentes objeções, e se manifestaram dúvidas quanto ao fundamento de tais afirmativas.

E, neste ponto, convém esclarecer ao estudante, desde já, que em todas estas divisões numéricas nunca entra nos cálculos o Princípio Universal ÚNICO, ainda que seja mencionado como (o) um, por ser o *Único Um.* Em seu caráter de Absoluto, Infinito e Abstração Universal, é ÚNICO e independente de qualquer outro Poder, seja este numênico ou fenomenal. Eis o que diz a este respeito o autor do artigo "Deus Pessoal e Impessoal":

"Tal entidade não é nem matéria nem espírito; não é o Ego nem o não-Ego; não é sujeito nem objeto.

Na linguagem dos filósofos hindus, é a combinação original e eterna de Purusha (o Espírito) e Prakriti [a Matéria]. Como os Advaitis sustentam que um objeto exterior é simplesmente o produto de nossos estados mentais, Prakriti não passa de uma ilusão, e Purusha é a única realidade, é a existência *única* que permanece no Universo das Idéias. ... E, portanto, o Parabrahman dos Advaitis. Ainda que existisse um Deus pessoal, com algo semelhante a um Upâdhi material (base física de uma forma qualquer), haveria, do ponto de vista de um Advaiti, tantas razões para duvidar de sua existência numenal quantas no caso de outro objeto qualquer. Em sua opinião, um Deus consciente não pode ser a origem do universo, porque o seu Ego seria o efeito de uma causa anterior, dando-se à palavra *consciente* o seu sentido ordinário. Não podem eles admitir que o grande total de todos os estados de consciência do universo seja a sua divindade, pois que estes estados se acham em constante mutação, e o idealismo cósmico cessa durante o Pralaya. Só há um estado permanente no Universo: é o estado de perfeita inconsciência, mero Chidâkâsham (o campo da consciência) de fato.

Quando os meus leitores se capacitarem de que este grande universo não passa, na realidade, de uma enorme aglomeração de estados de consciência, não estranharão que o último estado de inconsciência seja considerado como Parabrahman pelos Advaitis." [19]

Se bem que inteiramente fora do alcance dos cálculos humanos, este "enorme aglomerado de vários estados de consciência" é um setenário, composto em *sua* totalidade de grupos setenários; simplesmente porque "a capacidade de percepção *existe em sete aspectos diferentes, que correspondem às sete condições da matéria*" [20], ou às sete propriedades ou estados da matéria. Em conseqüência, a série de um a sete principia, nos cálculos esotéricos, com o primeiro princípio manifestado, que é o número um se contarmos de cima, e o número sete se contarmos de baixo, ou seja, do princípio inferior.

A Tétrade era considerada na *Kabalah,* como o era por Pitágoras, o número mais perfeito, ou melhor, o número *sagrado,* porque emanava do Um, da primeira Unidade manifestada, ou melhor, dos *Três em Um.* E este último foi sempre impessoal, sem sexo, incompreensível, ainda quando dentro do alcance das percepções mentais superiores.

Nunca se cuidou que a primeira manifestação da Mônada eterna representasse o símbolo de outro símbolo, o Não-Nato pelo Elemento-nascido, ou o LOGOS único pelo Homem Celeste. O Tetragrammaton, ou Tetraktys dos gregos, é o Segundo Logos, o Demiurgo.

(19) *Five Years of Theosophy,* págs. 202-203.
(20) *Ibid.,* pág. 200.

"A Tétrade, segundo pensa Thomas Taylor, é, contudo, o *mesmo animal* de Platão, que, de acordo com a judiciosa observação de Syrianus, foi o melhor dos Pitagóricos; subsiste ela no extremo da tríade inteligível, como Proclus demonstrou mui satisfatoriamente no terceiro livro de seu tratado sobre a teologia de Platão. Entre estas duas tríades [o duplo triângulo], uma inteligível e a outra intelectual, existe outra ordem de Deuses, que participa dos dois extremos." [21]

O mundo pitagórico, segundo Plutarco, *consistia em um quaternário duplo* [22].

Essa declaração corrobora o que se diz acerca da preferência, por parte das teologias exotéricas, ao Tetraktis *inferior*.

"O quaternário do mundo intelectual [o mundo de Mahat] é o Agathon, Nous, Psyché, Hylé; enquanto que o do mundo sensível [da matéria], o que propriamente Pitágoras queria significar com a palavra Cosmos, é o Fogo, o Ar, a Água e a Terra. Os quatro elementos são denominados *rhizómata*, as raízes ou princípios de todos os corpos compostos." [23]

Vale dizer: o Tetraktys inferior é a raiz da *ilusão* do Mundo da Matéria; e é o Tetragrammaton dos judeus e a "divindade misteriosa" sobre a qual tanto ruído fazem os cabalistas!

"Este número *[o quatro]* forma a média aritmética entre a Mônada e a Héptada; e compreende todos os poderes, tanto dos números produtores como dos números produzidos: porque, entre todos os inferiores a dez, é constituído de um número certo; a díade duplicada forma a tétrade, e a tétrade duplicada [ou desenvolvida] forma a hebdômada [o setenário]. Dois multiplicado por si mesmo produz quatro; e de novo multiplicado por si mesmo produz o primeiro cubo. Este primeiro cubo é um *número fértil*, o campo da multidão e da variedade, formado por dois e quatro [dependendo da Mônada, o *sétimo*]. Assim, os dois princípios das coisas temporais, a pirâmide e o cubo, a forma e a matéria, fluem de uma só fonte, o tetrágono [na terra; a mônada, no céu]." [24]

Aqui, Reuchlin, a grande autoridade da *Cabala*, mostra que o cubo é a "matéria", ao passo que a pirâmide ou a tríade é a "forma". Para os Hermetistas, o número quatro só se converte no símbolo da verdade quando é *amplificado em um cubo*, que, uma vez desenvolvido, produz sete, como simbolizando os elementos macho e fêmea e o elemento da Vida [25].

Alguns estudantes sentiram-se embaraçados com o fato de que a linha vertical [26], que é masculina, passa a ser, na cruz, uma linha dividida em

---

(21) *Pythagorean Triangle*, de Oliver, pág. 104.

(22) *De Anim. Procr.*, 1027.

(23) Oliver, *ibid.*, pág. 112.

(24) Reuchlin, *De Arte cabalistica*, I, II; Oliver, *ibid.*, pág. 104.

(25) Em The *Source of Measures*, o autor demonstra (págs. 50-51) que a figura do cubo desenvolvido em relação ao círculo "se converte... em uma *verdadeira cruz*, ou toma a forma do *tau;* e a junção do círculo a este último dá a *cruz de asa* dos egípcios... Embora o cubo tenha apenas 6 faces, a representação da cruz (cruz cuja árvore é formada pelo desdobramento de quatro lados do cubo, e os braços pelos dois outros lados apoiados sobre um da árvore, completando assim três na parte horizontal) como um cubo desenvolvido, em barras cruzadas, mostra uma face do cubo *comum às duas barras*, contando-se como pertencente a ambas (ou seja, uma vez horizontal-

quatro (sendo *quatro* um número feminino), ao passo que a horizontal (a linha da matéria) se divide em três. A explicação é fácil. Dado que a face média do "cubo desenvolvido" é *comum,* tanto à barra vertical como à horizontal, ou às duas linhas, ela se converte, por assim dizer, em um terreno *neutro,* não pertencendo a nenhuma das duas barras. A linha do espírito permanece triádica; e a linha da matéria, dupla — sendo o dois um número par e, portanto, igualmente feminino. Por outra parte, segundo Theon em sua *Mathematica* [27], os Pitagóricos, que deram o nome de Harmonia ao Tetraktys, "porque é um diatessarão na sesquitércia", eram de opinião que:

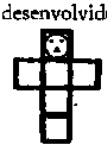
"A divisão do cânon do monocórdio era feita pelo tetraktys na díade, na tríade e na tétrade, pois compreendia uma sesquitércia, uma sesquiáltera, uma dupla, uma tripla e uma quádrupla proporção, e cuja seção é 27. Na antiga notação musical, o tetracórdio compunha-se de *três* graus ou intervalos e quatro termos de sons, que os gregos chamavam diatessarão, e nós chamamos quarta." [28]

Além disso, o quaternário, apesar de ser número par e, portanto, feminino ("infernal"), variava segundo a sua forma. Assim o mostra Stanley [29]. O número quatro era chamado pelos Pitagóricos o Guardião das Chaves da Natureza mas, unido ao três para formar o sete, passava a ser o mais perfeito e harmonioso dos números — *a própria Natureza.* O quatro era "o masculino da forma feminina" quando formava a cruz; e o sete é o "Senhor da Lua", pois este planeta tem que modificar sua aparência cada sete dias. Foi com base no sete que Pitágoras compôs a sua doutrina da Harmonia e da Música das Esferas, chamando "um tom" à distância da Lua à Terra, meio tom, da Lua a Mercúrio e deste a Vênus; um tom e meio, de Vênus ao Sol; um tom, do Sol a Marte; meio tom, deste a Júpiter; meio tom, de Júpiter a Saturno; e um tom, deste ao Zodíaco; constituindo assim sete tons — o diapasão da harmonia [30]. Toda a melodia da Natureza se acha nestes sete tons, e por isto se chama a "Voz da Natureza".

---

mente e outra no sentido vertical)...; 4 para a barra vertical e 3 para a horizontal, o que perfaz o total de *sete.* Temos aqui os famosos 3, 4 e 7." A Filosofia Esotérica explica que o *quatro* é o símbolo do Universo em seu estado potencial, ou de Matéria Caótica, e que necessita do Espírito para penetrá-la ativamente; isto é, o Triângulo primordial *abstrato* tem que deixar sua qualidade unidimensional e expandir-se através desta Matéria, formando assim uma base *manifestada* no espaço de três dimensões, a fim de que o Universo se manifeste de modo inteligível. Isto se verifica por meio do cubo desenvolvido. Daí a *cruz de asa* ♀ como símbolo do homem, da geração e da vida. No Egito, o Ankh significava a "alma", a "vida" e o "sangue". É o homem *vivente, com alma,* o Setenário.

O cubo desenvolvido



(26) *Supra,* pág. 230.

(27) Theon de Smirna, *Exposition des connaissances mathématiques pour la lecture de Platon,* tradução francesa de J. Dupuis, Paris, Hachette, 1902, p. 153.

(28) Oliver, *ibid.,* pág. 114.

(29) *Pythag.,* pág. 61.

(30) Oliver, *ibid.,* pág. 172.

(31) *De Plac. Phil.,* pág. 878.

Plutarco explica [31] que os gregos mais antigos consideravam a Tétrade como a raiz e princípio de todas as coisas, por ser o número dos elementos que deram origem a todas as coisas *criadas,* visíveis e invisíveis [32].

Para os irmãos da Rosa-Cruz, a figura da cruz, ou *cubo desenvolvido,* constituía o tema de discussão em um dos graus teosóficos de Peuvret, examinando-se de acordo com os princípios fundamentais da luz e das trevas, *ou do bem e do mal* [33].

"O mundo inteligível surge da mente divina [ou unidade] deste modo. O Tetraktys, refletindo-se em sua própria essência, *a primeira unidade, produtora de todas as coisas,* e em seu próprio princípio, se mostra assim: Uma vez um, duas vezes dois, imediatamente surge uma tétrade, tendo em seu ápice a unidade mais elevada, e *se converte em uma Pirâmide,* cuja base é uma tétrade plana, correspondendo a uma superfície sobre a qual a luz radiante da unidade divina produz a forma do fogo incorpóreo, em razão da descida de Juno (a matéria) às coisas inferiores. Em conseqüência, nasce a luz essencial, que não queima, mas ilumina. É isto *a criação do mundo médio,* que os hebreus chamavam o *Supremo,* o mundo da divindade [deles]. Denomina-se o Olimpo, a luz completa, e está cheio de formas separadas, onde se encontra a sede dos deuses imortais, *deûm domus alta,* cujo cimo é a *unidade,* os muros a *trindade* e a superfície o *quaternário.*" [34]

A "superfície" teria, assim, que permanecer uma *área sem significação,* se abandonada a si mesma. Só a Unidade "iluminando" o *quaternário,* o famoso quatro inferior deve construir para si mesmo um muro procedente da *trindade,* para poder manifestar-se. De mais, o Tetragrammaton, ou Microposopus, é "Jehovah" arrogando-se com muita impropriedade o "Era, É e Será", que hoje se traduz por "Eu sou o que sou" e se interpreta como referindo-se à Divindade abstrata mais elevada; ao passo que, esotericamente, e em verdade, só significa a MATÉRIA eterna, periodicamente caótica e turbulenta, com todas as suas potencialidades. Pois o Tetragrammaton é a *própria Natureza, ou Ísis;* e representa a *série exotérica dos Deuses andróginos,* tais como Osíris-Ísis, Júpiter-Juno, Brahmâ-Vâch, ou o Jah-Hovah cabalístico; todos macho-fêmeas. Todos os deuses *antropomórficos* das nações antigas têm seu nome escrito com quatro letras, como muito bem observou Marcílio Ficino. Assim, para os Egípcios, era *Teut;* para os Gregos, *Teos;* entre os Árabes, *Alah;* entre os Persas, *Sire;* para os Magos, *Orsi;* para os antigos Turcos, *Esar;* para os Latinos, *Deus;* e a esta lista John Lorenzo Anania acrescenta o *Gott* dos Alemães, o *Bouh* dos Sármatas, etc. [35].

Sendo a Mônada una, e um número *ímpar,* diziam os Antigos, por isso mesmo, que os números ímpares eram os únicos perfeitos; e os consideravam a todos — um tanto egoistamente, talvez, sendo, porém, um fato — como masculinos e perfeitos, aplicáveis aos Deuses *celestes;* enquanto que os números pares, como dois, quatro, seis, e sobretudo oito, sendo femininos, eram tidos como imperfeitos, aplicando-se tão somente às Divindades *ter-*

(32) Veja-se Oliver, *ibid.,* pág. 106.

(33) *Ibid.,* pág. 108.

(34) Reuchlin, *ut supra,* pág. 689; Oliver, *ibid.,* págs. 112, 113.

(35) Oliver, *ibid.,* pág. 118.

restres e infernais. O fato é mencionado por Vergílio, que diz: *"Numero Deus impare gaudet."* "O número ímpar agrada a Deus." [36]

Quanto ao número *sete,* ou Heptágono, os Pitagóricos o tinham em conta de número *religioso* e *perfeito.* Era chamado Telesphoros, visto que, por seu intermédio, tudo no Universo e na Humanidade *é conduzido aos seus fins,* isto é, ao seu ponto culminante [37]. A doutrina das Esferas governadas pelos sete Planetas Sagrados [38] mostra, desde a Lemúria até Pitágoras, os sete Poderes da Natureza terrestre e sublunar, assim como as sete grandes Forças do Universo, atuando e desenvolvendo-se em sete tons, que são as sete notas da escala musical.

A Hebdômada (nosso Setenário) era considerada como *o número de uma virgem, por ser não-nascida* (da mesma forma que o Logos ou o Aja dos Vedantinos):

> "Sem pai... nem mãe... *mas procedente diretamente da Mônada,* que é a origem e o coroamento de todas as coisas." [39]

E, se procede diretamente da Mônada, explica-se que seja a Hebdômada, tal como nos ensina a Doutrina Secreta das escolas mais antigas, o número perfeito e sagrado do nosso Manvantara atual.

O Setenário, ou Hebdômada, estava verdadeiramente consagrado a vários Deuses e Deusas: a Marte, com os seus sete servidores; a Osíris, cujo corpo foi dividido em sete e duas vezes sete partes; a Apolo, o Sol, entre os seus sete planetas, entoando um hino ao de sete raios em sua harpa de sete cordas; a Minerva, a que não tinha pai nem mãe; e a outros [40].

O Ocultismo cis-himalaico, com sua divisão *setenária,* e por causa disso, deve ser considerado como o mais antigo, origem de todos. Está em antagonismo com *alguns* fragmentos deixados pelos Neoplatônicos, e os admiradores destes, que mal sabem daquilo que defendem, nos dizem: Vede, os vossos precursores acreditavam só em um homem *tríplice,* composto de Espírito, Alma e Corpo. Vede, o Târaka Râja Yoga da Índia limita esta divisão a 3, nós a 4 e os Vedantinos a 5 (Koshas). — A isso, nós, que somos da escola Arcaica, perguntamos:

Por que, então, diz o poeta grego que não são quatro, mas *sete,* os que cantam louvores ao Sol Espiritual?

> Ἑπτά με κ. τ. λ.
> Sete letras sonoras a mim cantam louvores,
> A mim, o Deus imortal e todo-poderoso.

---

(36) *Bucolicas,* Ecl. VIII, 75.

(37) Philon, *De Mundi Opificio;* Oliver, *ibid.,* p. 172.

(38) A limitação a Sete Planetas não é porque os Antigos não conhecessem a existência de outros, mas simplesmente porque eram aqueles as "Casas" primitivas ou primordiais dos Sete Logos. Pode haver nove ou noventa e nove planetas descobertos — sem que isto em nada altere o fato de só aqueles sete serem os sagrados.

(39) Oliver, *ibid.,* págs. 173-174.

(40) *Ibid., loc. cit.*

Por que, ainda, o *trino* Iao, o Deus Misterioso, é chamado "o quádruplo", e os símbolos triádicos e tetrádicos se acham, entre os cristãos, unificados sob um nome — o Jehovah de sete letras? Por que, também, no Shebá hebreu é o Juramento (o Tetraktys pitagórico) idêntico ao número 7? Ou por que, conforme diz o Sr. Gerald Massey,

"Prestar juramento era sinônimo de "contar por sete', e o 10 expresso pela letra Yod era o número completo de Iao-Sabaoth [o Deus de dez letras]"? [41]

Em *Auction* de Luciano:

"Pitágoras pergunta: Como é que vós contais? A resposta é: Um, Dois, Três, Quatro. Então Pitágoras diz: Vede, *naquilo que vós concebeis* como Quatro, há dez: um *Triângulo perfeito e o nosso Juramento* [o Tetraktys, o Quatro — ou Sete ao todo]." [42]

Por que diz também Proclus:

"O pai dos Versos Áureos celebra a Tetraktys como a fonte da Natureza perene"? [43]

Simplesmente porque os Cabalistas ocidentais, que nos opõem as provas *esotéricas,* não fazem a menor idéia do verdadeiro significado *esotérico.* Todas as antigas Cosmologias — as Cosmografias mais antigas dos dois povos mais remotos da Quinta Raça-Raiz, os indo-arianos e os egípcios, assim como as primeiras raças chinesas, restos da Quarta Raça ou Raça Atlante — baseavam o conjunto dos seus Mistérios no número 10; representando o Triângulo superior o Mundo invisível e metafísico, e o três e o quatro inferiores (ou o Setenário) o mundo físico. Não foi a *Bíblia* dos judeus que deu evidência ao número 7. Hesíodo já dizia: "o sétimo é o dia sagrado", antes que se tivesse ouvido falar no Sábado de "Moisés". O uso do número 7 nunca esteve reservado a uma só nação. Provam-no claramente: os sete vasos do templo do Sol, perto das ruinas de Babian, no Alto Egito; os sete fogos que ardiam constantemente, durante séculos, ante os altares de Mitra; os sete templos sagrados dos árabes; as sete penínsulas, as sete ilhas, os sete mares, as sete montanhas e os sete rios da Índia e do *Zohar;* os Sephiroth judeus dos sete esplendores; as sete divindades góticas; os sete mundos dos caldeus e os seus sete Espíritos; as sete constelações mencionadas por Hesíodo e Homero; e todos os inumeráveis sete que os Orientalistas encontram nos manuscritos por eles descobertos [44].

Cabe-nos, por último, analisar o seguinte:

Dissemos já o suficiente para mostrar por que os princípios humanos foram e são divididos em sete nas Escolas Esotéricas.

Se os reduzirdes a *quatro,* ou ficará o homem *sem* os seus elementos terrestres inferiores, ou, considerado do ponto de vista físico, passará a ser

(41) *The Natural Genesis,* I, 545.
(42) *Ibid.*
(43) *Timæus,* III, *ibid.*
(44) Oliver, *ibid.,* pág. 175.

um animal *sem* alma. O Quaternário tem que ser o Tetraktys superior ou o inferior — o celeste ou o terrestre. Para que se faça compreensível, conforme os ensinamentos da *antiga* Escola Esotérica, deve o homem ser considerado como um Setenário. Foi isso tão bem compreendido que até os chamados Gnósticos cristãos adotaram este sistema, já consagrado pelo tempo [45]. Tal sistema permaneceu secreto durante séculos, porquanto, embora se suspeitasse, nenhum manuscrito da época o menciona de modo bastante claro para satisfazer os céptico. Mas em nosso auxílio vem a curiosidade literária de nossos dias: o Evangelho mais antigo e mais bem conservado dos Gnósticos, *Pistis Sophia*. A fim de que a prova seja absolutamente completa, vamos citar uma autoridade, C. W. King, o único arqueólogo que teve um ligeiro vislumbre desta doutrina complicada, e o melhor escritor do nosso tempo com relação aos Gnósticos e suas jóias.

Segundo aquele extraordinário compêndio de literatura religiosa — verdadeiro fóssil gnóstico —, a Entidade humana é o Raio Setenário do Único [46], exatamente como ensina a nossa Escola. Compõe-se ela de sete elementos, quatro dos quais são tomados aos quatro mundos manifestados cabalísticos. Vejamos:

"De Asiah ela recebe o Nephesh, ou sede dos apetites físicos [do sopro vital também]; de Jezirah, o Ruach, ou sede das paixões [?]; de Briah, o Neshamah, ou razão; e de Aziluth obtém o Chaiah, ou princípio de vida espiritual. Isto parece uma adaptação da teoria de Platão, segundo a qual a Alma recebe dos Planetas suas respectivas qualidades, em seu progresso descendente através das Esferas. Mas o *Pistis Sophia*, com sua audácia habitual, dá a esta teoria uma forma muito mais poética (§ 282). O *Homem Interno* é, de um modo semelhante, formado por *quatro* componentes, *mas estes são supridos pelos Æons rebeldes das Esferas*, subsistindo neles ainda o *Poder* — uma partícula da luz divina ("Divinæ particula auræ"); a *Alma* [o quinto] "formada com as lágrimas de seus olhos e o suor de suas tormentas"; o Ἀντιμῖμον Πνεύματος, *Falsificação do Espírito* (correspondendo aparentemente à nossa consciência) [o sexto]; e, por último, o Μοῖρα, o Destino [47] [o Ego Kármico], cuja função é conduzir o

(45) Veja-se a parte F, *infra*, "As Sete Almas dos Egiptólogos", nesta mesma Seção.

(46) Os Sete Centros de Energia, desenvolvidos ou tornados objetivos pela ação de Fohat sobre o Elemento Uno; ou, efetivamente, o "Sétimo Princípio" dos Sete Elementos que existem em todo o Cosmos manifestado. Podemos, neste ponto, dizer que são, em verdade, os Sephiroths dos Cabalistas; os "Sete dons do Espírito Santo" do sistema cristão; e, em um sentido místico, os sete filhos de Devaki mortos por Kamsa antes do nascimento de Krishna. Nossos sete princípios simbolizam tudo isso. Temos que deixá-los ou separar-nos deles antes de alcançarmos o estado de Krishna ou de Cristo, o estado de Jivanmukta, e de nos concentrarmos inteiramente no mais elevado, o Sétimo ou Uno.

(47) Μοῖρα é o destino, e não o "Destino", neste caso, pois é um apelativo e não um nome próprio. (Veja-se a tradução de Wolf, Odyssey, XXII, 413.) Moira, a Deusa do Destino, é, porém, uma divindade que, como Αἶσα *dá a cada um a sua parte de bem e de mal* (Dicionário de Lyddell e Scott), sendo, portanto, o Karma. Por esta abreviação, contudo, deve entender-se o *sujeito* sob a ação do Karma ou Destino, do Eu ou Ego, aqueles que tem de renascer. Ἀντιμῖμον Πνεύματος não é tão pouco a nossa consciência, mas o nosso Buddhi; nem a "falsificaçao" do Espírito, e sim "modelado segundo o Espírito", do qual é um "duplo" (Aristof., *Thesmophor.*, 27), Buddhi, como veículo de Atmâ.

homem ao fim que lhe está reservado: se tem que morrer pelo fogo, conduzi-lo ao fogo; se deve ser morto por uma fera, conduzi-lo à fera — [o *sétimo*]." [48]

C

O ELEMENTO SETENÁRIO NOS VEDAS CORROBORA O ENSINAMENTO OCULTO REFERENTE AOS SETE GLOBOS E ÀS SETE RAÇAS

Temos que remontar até à fonte dos dados históricos, se desejamos apresentar as nossas melhores provas dos fatos que vimos de enunciar.

Os hinos do *Rig Veda,* apesar de inteiramente alegóricos, não deixam por isso de ser bastante sugestivos. Os sete Raios de Surya, o Sol, são ali comparados aos sete Mundos de cada Cadeia Planetária, aos sete rios do Céu e aos sete da Terra, sendo os primeiros as sete Legiões criadoras e os últimos os sete Homens ou grupos humanos primitivos. Os sete antigos Rishis — os progenitores de tudo o que vive e respira sobre a Terra — são os sete Amigos de Agni, os seus sete "Cavalos" ou sete "Cabeças". A raça humana, diz a alegoria, surgiu do Fogo e da Água; e foi modelada pelos PAIS ou Ancestrais-Sacrificadores, por meio de Agni; pois Agni, Ashvins, Adityas [49] são todos sinônimos de "Sacrificadores" ou Pais, chamados indiferentemente Piataras (ou Pitris), Angirasas [50] e Sâdhyas, os mais ocultos "Sacrificadores Divinos" entre todos. São eles denominados Deva-putra Rishayah ou "Filhos de Deus" [51]. Aliás, os "Sacrificadores", coletivamente, formam o Sacrificador Único, Pai dos Deuses, Vishvakarman, que celebrou a grande cerimônia Sarva-medha e acabou por se sacrificar ele próprio.

Neses hinos, o Homem Celeste tem o nome de Purusha, o "Homem" [52], de quem nasceu Virâj [53]; e de Virâj nasceu o homem (mortal). É Varjuna quem — rebaixado de sua sublime posição para ser o chefe dos Senhores-Dhyânis ou Devas — regula todos os fenômenos naturais, quem "traça o caminho que o Sol deve seguir". Os sete Rios do Firmamento (os Deuses Criadores que descem) e os sete Rios da Terra (as sete Humanidades primitivas) estão sob o seu domínio, como se verá. O que viola as leis de Varuna (Vratani, ou o "curso natural das ações", as leis ativas) é punido por Indra [54], o poderoso Deus Védico, cujo Vrata, lei ou poder, é maior que o Vratâni de qualquer outro Deus.

Assim, o *Rig Veda,* o mais antigo entre *todos* os antigos anais *conhecidos,* pode ver-se que confirma os Ensinamentos Ocultos quase em todos

(48) *The Gnostics and their Remains,* págs. 37-38.
(49) Rig Veda, III, 54, 16; II, 29, 3, 4.
(50) O professor Roth (no *Peter's Lexicon*) define os Angirasas como uma raça de Seres superiores, intermediária entre os Deuses e os Homens; enquanto o Professor Weber, seguindo o seu invariável costume de modernizar e antropomorfizar o divino, vê neles os sacerdotes originais da religião que era comum aos indo-arianos e aos persas. Roth tem razão. "Angirasas" era um dos nomes dos Dhyânis ou Devas-Instrutores (Guru-Devas), Iniciados do fim da Terceira Raça, da Quarta e mesmo da Quinta.
(51) *Rig Veda,* X, 62, I, 4.
(52) *Ibid.,* X, 90, I.
(53) *Ibid.,* X, 90, 5.
(54) *Ibid.,* X, 113, 5.

os sentidos. Os seus Hinos, que são os relatos escritos pelos primeiros Iniciados da Quinta Raça (a nossa) sobre os Ensinamentos Primordiais, referem-se às Sete Raças (das quais duas futuras), chamadas alegoricamente as sete "Correntes" [55], e às Cinco Raças (Panchakrishtayah) que já habitaram este mundo [56] nas Cinco Regiões (Panchapradíshah) [57], assim como aos três Continentes que existiram [58].

Somente os eruditos que perceberem o sentido secreto do Purusha Sukta — no qual a intuição dos orientalistas modernos quis ver "um dos mais recentes hinos do *Rig Veda*" — estarão em condições de compreender quanto são harmoniosos os seus ensinamentos e como se ajustam às Doutrinas Esotéricas. Caber-lhes-á estudar, em todo o abstrato de seu significado metafísico, as relações que ali se estabelecem entre o Homem (Celeste) (Purusha), *sacrificado* para que o Universo fosse produzido, com tudo o que nele existe [59], e o homem mortal terrestre [60], antes de compreenderem a filosofia oculta neste versículo:

"15. Ele [o Homem, Purusha ou Vishvakarman] tinha sete achas de lenha que o rodeavam, e *três vezes sete* camadas de combustível; quando os Deuses executaram o sacrifício, fizeram atar o Homem como vítima."

Refere-se o versículo às três Raças setenárias primordiais, o que mostra a antiguidade dos *Vedas*, que não conheciam, provavelmente, nenhum outro sacrifício, nestes primeiros ensinamentos *orais;* e também aos sete grupos primários da Humanidade, pois Vishvakarman representa, colettivamente, a Humanidade divina [61].

---

(55) *Ibid.*, I, 35-38.

(56) *Ibid., loc. cit.*

(57) *Ibid.*, IX, 86, 29.

(58) São apenas três os Continentes submersos ou por outra forma desaparecidos (pois o primeiro Continente da Primeira Raça ainda hoje existe e há de durar até o fim) que a Doutrina Secreta menciona: o Hiperbóreo, o Lemuriano (para dar o nome pelo qual é conhecido hoje da Ciência) e o Atlante. A maior parte da Ásia surgiu do seio das águas após a destruição da Atlântida; a África veio ainda mais tarde; e a Europa é o quinto e último continente, sendo bem mais antigas algumas partes das duas Américas. Disto, porém, voltaremos a tratar mais adiante. Os Iniciados que escreveram os *Vedas* — ou seja, os Rishis de nossa Quinta Raça — o fizeram numa época em que a Atlântida já tinha submergido. A Atlântida foi o *quarto* Continente que *apareceu*, sendo, porém, o *terceiro* que *desapareceu*.

(59) Compare-se com Vishvakarman.

(60) *Ibid.*, X, 20, 1, 16.

(61) Este ensinamento arcaico não é tão *anticientífico*, pois que um dos maiores naturalistas do nosso tempo, o Professor Agassiz, admitia a multiplicidade das origens geográficas do homem, e sustentou a tese até o fim de sua vida. A unidade da espécie humana era aceita pelo ilustre professor de Cambridge (E.U.A.) tal como a aceitam os Ocultistas, isto é: no sentido da homogeneidade essencial e original, e tendo como ponto de partida uma só e mesma fonte; por exemplo, Negros, Arianos, Mongóis, etc., procedem todos da mesma origem e dos mesmos antepassados. Estes últimos eram todos da mesma essência, mas diferenciada, porque pertenciam a sete planos que diferem em grau, ainda que não em espécie. Esta diferença física original foi um pouco acentuada mais tarde, devido às diversidades de condições geográficas e climatéricas. Não é esta, naturalmente, a teoria de Agassiz, mas sim a versão Esotérica. O assunto é extensamente examinado no Apêndice, Parte III.

A mesma doutrina se encontra refletida nas outras religiões antigas. Deve ter chegado até nós desfigurada e mal interpretada, como no caso dos Parses, que a lêem no seu *Vendidad* e em outras obras, sem no entanto compreender melhor que os orientalistas as alusões que ali se contêm; a doutrina, contudo, está claramente mencionada em suas obras antigas [62].

Comparando o Ensinamento Esotérico com as interpretações do Professor James Darmesteter, pode-se ver, ao primeiro relance, onde está o erro e qual a sua causa. Eis o trecho:

"O Asura [Ahura] indo-iraniano era concebido muitas vezes como *sétuplo;* devido ao jogo de certas fórmulas míticas [?], e por força de certos números míticos [?], os ancestrais dos indo-iranianos foram induzidos a falar de sete mundos [63], e o Deus supremo era não raro representado como sétuplo, assim como os mundos que governava... Os sete mundos converteram-se, na Pérsia, nos sete Karshvare da Terra; a Terra está dividida em sete Karshvare, *dos quais só um é conhecido e acessível ao homem,* aquele em que vivemos, a saber: Hvaniratha. Equivale a dizer que há *sete terras* [64]. A mitologia parse conhece também sete céus. Hvaniratha mesmo está dividido em sete climas (Orm. Abr., § 72)." [65]

A mesma divisão e a mesma doutrina na mais antiga e reverenciada das Escrituras hindus, o *Rig Veda.* Aí se mencionam seis mundos, *além de* nossa Terra; os seis Rajamsi acima de Prithivi, a Terra, ou "este" (Idam) em oposição "àquele que está *ao longe*", isto é, os seis Globos nos outros *três* planos ou Mundos [66].

Os grifos são nossos, para assinalar a identidade das doutrinas com os Ensinamentos Esotéricos e acentuar o erro cometido. Os Magos ou Masdeístas limitavam-se a crer no que os outros criam, isto é, em sete "Mundos" ou Globos de nossa Cadeia Planetária, dos quais *só um* é acessível ao homem atualmente, a nossa Terra; e no sucessivo aparecimento e destruição de sete Continentes ou Terras sobre este nosso Globo, achando-se cada Continente dividido, como rememoração dos sete Globos (um visível e seis invisíveis), em sete ilhas ou continentes, sete "climas", etc. Esta era uma crença comum naqueles tempos, em que a Doutrina Secreta estava ao alcance de todos. A multiplicidade destas localidades em divisões setenárias determinou que os orientalistas — desnorteados mais ainda pelo esquecimento das doutrinas primitivas, tanto dos hindus como dos parses não-iniciados — ficassem sobremodo confusos em face desse número sétuplo, sempre repetido, e a tal

(62) Veja-se a enumeração das sete Esferas — não os "Karshvare da terra", como geralmente se supõe — no *Fargard* XIX, 30 e seguintes.

(63) Os sete Mundos são, como já dissemos, as sete Esferas da Cadeia, cada uma presidida por um dos sete "Grandes Deuses" de todas as religiões. Quando as religiões foram desvirtuadas e antropomorfizadas, e as idéias metafísicas quase esquecidas, a síntese ou o mais elevado, o sétimo foi separado do resto, e esta personificação se converteu no *oitavo* Deus, que o Monoteísmo tentou, em vão, unificar. Em nenhuma religião exotérica Deus é realmente uno, se analisada metafisicamente.

(64) Os seis globos invisíveis de nossa Cadeia são "Mundos" e "Terras" ao mesmo tempo, como o é o nosso, ainda que invisíveis. Mas, onde poderiam estar as *seis* Terras invisíveis sobre *este* Globo?

(65) *Vendidad, Sacred Books of the East,* vol. IV, págs. LIX, LX e nota.

(66) Veja-se o *Rig Veda,* I, 34; III, 56; VII, 21, 16; e V, 60, 6.

ponto que acabaram por considerá-lo "mítico". Foi o esquecimento dos primeiros princípios que fez os orientalistas perderem a verdadeira pista, incorrendo nos maiores erros. Observa-se o mesmo equívoco quanto à definição dos Deuses. Os que ignoram a Doutrina Esotérica dos primeiros arianos não podem assimilar nunca, nem compreender corretamente, o significado metafísico destes Seres.

Ahura Mazda (Ormuzd) era chefe e síntese dos Sete Amesha Spentas, ou Amshaspends, sendo, portanto, ele próprio, um Amesha Spenta. É exatamente como Jehovah-Binah-Elohim era chefe e síntese dos Elohims, e nada mais, assim Agni-Vishnu-Sûrya era a síntese e o chefe, ou o foco de onde emanavam, no físico como no metafísico, do Sol espiritual como do Sol físico, os sete Raios, as sete Línguas de Fogo, os sete Planetas ou Deuses. Todos estes foram convertidos em Deuses supremos e no DEUS ÚNICO, mas somente depois que se perderam os segredos primitivos; isto é, após a submersão da Atlântida, ou após o "Dilúvio" e a ocupação da Índia pelos Brâmanes, que buscaram a salvação nos topos do Himalaia, pois até as altas planuras do que é hoje o Tibete ficaram submersas durante algum tempo. No *Vendidad*, Ahura Mazda só é invocado como o "Espírito Muito Bem-aventurado, Criador do Mundo *corpóreo*". Ahura Mazda, em tradução literal, quer dizer o "Senhor Sábio" (Ahura, "Senhor", e Mazda, "Sábio"). Por outra parte, este nome Ahura, em sânscrito Asura, o associa aos Manasaputras, os Filhos da Sabedoria, que animaram o homem sem mente e lhe deram o seu Manas. Ahura (Asura) pode derivar-se da raiz *ah*, "ser"; mas o seu significado primitivo é o que indica a Doutrina Secreta.

Quando a Geologia houver descoberto quantos milhares de anos se passaram desde que as águas conturbadas do Oceano Índico chegaram a atingir as mais altas mesetas da Ásia Central, formando um só oceano com o Mar Cáspio e o Golfo Pérsico, então, e somente então, se conhecerá a idade da nação ariana e bramânica existente em nossos dias, assim como a época em que o seu povo desceu às planícies do Indostão, o que se deu somente alguns milênios depois.

Yima, que é chamado "o primeiro homem" no *Vendidad*, e seu irmão gêmeo Yama, o filho do Manu Vaivasvata, pertencem a duas épocas da História Universal. Aquele é o Progenitor da Segunda Raça Humana, isto é, a personificação das Sombras dos Pitris e o Pai da Humanidade pós-diluviana. Os Magos diziam "Yima" como nós dizemos "o homem", ao falar da humanidade. O "belo Yima", o primeiro mortal que conversa com Ahura Mazda, *é o primeiro "homem" que morre* ou desaparece, e não o primeiro que nasce. O "filho de Vivanghat" [67] era, como o filho de Vaivasvata, o homem simbólico, considerado no Esoterismo como representante das *três primeiras* Raças e Progenitor coletivo delas. Dessas Raças, as duas primeiras nunca morreram [68], mas apenas desapareceram, absorvidas em sua progênie, e a Terceira Raça só conheceu a morte em sua fase final, após a separação dos sexos e a "Queda" na geração. A esse respeito há uma clara alusão no Far-

(67) *Vendidad, op. cit.*, pág. 13.

gard II do *Vendidad*. Yima recusa ser o veículo da Lei de Ahura Mazda, dizendo:

"Eu não vim ao mundo, nem fui ensinado para ser pregoeiro e veículo de tua lei." [69]

E então Ahura Mazda lhe pede que faça aumentar os seus homens e que "vele" sobre o seu mundo.

Yima recusa ser sacerdote de Ahura Mazda, porque é ele *o seu próprio sacerdote e sacrificador;* aceita, porém, a segunda proposição. E lhe responde:

"Sim... Sim, eu criarei o teu mundo, eu o governarei e velarei por ele. Enquanto eu for rei, não haverá vento frio, nem vento quente, *nem enfermidades, nem morte.*"

Ahura Mazda então lhe entrega um anel de ouro e um punhal, emblemas da soberania.

"Assim, sob o governo de Yima, trezentos invernos se passaram, e a terra voltou a encher-se de rebanhos e de gado, de homens, cães e pássaros, e de fogos vermelhos flamejantes."

Trezentos invernos; o que significa trezentos períodos ou ciclos.

"Voltou a encher-se", atente-se bem; quer dizer, tudo isso existira antes sobre a terra. E assim fica provado o conhecimento da doutrina referente às sucessivas destruições do Mundo e aos seus Ciclos de Vida. Passados os "trezentos invernos", Ahura Mazda adverte a Yima que a Terra se está enchendo demasiadamente e que os homens não têm onde viver. Então Yima se adianta e, com ajuda de Spenta Armaita, o Gênio feminino ou Espírito da Terra, faz com que a Terra se estenda e fique um terço maior, após o que "novos rebanhos e homens" aparecem sobre ela. Ahura Mazda torna a adverti-lo, e Yima, usando o mesmo poder mágico, faz a Terra aumentar de mais dois terços o seu tamanho. "Novecentos invernos" *são passados,* e Yima tem que executar a cerimônia pela *terceira* vez. Tudo isso é alegórico. Os três processos de aumento da Terra referem-se aos três Continentes sucessivos e às três respectivas Raças, surgindo umas das outras, conforme explicamos mais extensamente em outra parte. Depois da *terceira* vez, Ahura Mazda previne Yima, em uma asesmbléia de "deuses celestes" e de "mortais excelentes", de que sobre o mundo material vão cair os invernos fatais e perecer tudo o que é *vida.* É o antigo símbolo masdeísta do "Dilúvio" e do iminente cataclismo da Atlântida, que ia exterminar todas as raças. Tal como o Manu Vaivasvata e Noé, Yima constrói um Vara — um Recinto, uma Arca — sob a direção de Deus e põe dentro as sementes de todos os seres vivos, animais e "Fogos".

Dessa "Terra" ou novo Continente foi Zaratustra o legislador e governante. Era o início da Quarta Raça, depois que os homens da Terceira

(68) A morte só veio depois que o homem se converteu em ser *físico.* Os homens da Primeira Raça, e também os da Segunda, se dissolviam e desapareciam em sua progênie.

(69) *Op. cit.*, pág. 12.

começaram a desaparecer. Até então, como ficou dito acima, não havia morte real, mas apenas uma transformação, porque *os homens ainda não tinham personalidade*. Tinham Mônadas — "Sopros" do Alento Único, tão impessoais como a fonte de onde procediam. Tinham corpos, ou antes, sombras de corpos, que, não conhecendo o pecado, eram sem Karma. Assim, como não havia Kâma-Loka — e muito menos Nirvâna, nem Devachan —, pois as "Almas" dos homens não possuíam Egos pessoais, não podia haver períodos intermediários entre as encarnações. Semelhante à Fênix, o homem primordial ressuscitava passando do seu corpo velho para um novo. De geração em geração tornava-se cada vez mais sólido, mais perfeito fisicamente, em harmonia com a lei da evolução, que é a Lei da Natureza. A morte surgiu com o organismo físico já completo, e com ela a decadência moral.

Esta explicação mostra, uma vez mais, como a religião antiga, em seu simbolismo, está de acordo com a Doutrina Universal.

Daremos em outra parte as tradições persas mais antigas, as relíquias do masdeísmo dos Magos mais antigos ainda, explicando algumas delas. A humanidade não descende de um só casal solitário. E nunca houve tão pouco um primeiro homem — fosse Adão ou Yima — e sim uma primeira humanidade.

Pode isto ser ou não "poligenismo atenuado". Uma vez que a Criação *ex nihilo* (um absurdo) como um Criador ou Criadores super-humanos (um fato) são refugados pela Ciência, o poligenismo não apresenta dificuldades ou inconvenientes maiores que o monogenismo (senão até menores, do ponto de vista científico).

Com efeito: ele é tão científico quanto outro postulado qualquer. Agassiz, em sua introdução ao livro *Types of Mankind*, de Nott e Gliddon, expressa a sua crença em um número indefinido de "raças primordiais de homens, criadas *separadamente*", e observa que, "enquanto em cada uma das divisões da zoologia os animais são de *espécies diferentes*, o *homem*, a despeito da diversidade de raças, é sempre *um só e o mesmo* ser humano".

Em sua definição o Ocultismo limita a sete o número das raças primordiais, em razão dos sete "Progenitores" ou Prajâpatis que fizeram desenvolver os seres. Aqueles não são Deuses nem Entes sobrenaturais, mas Espíritos adiantados, procedentes de outro Planeta inferior, que reencarnaram neste Planeta e deram nascimento, na presente Ronda, à humanidade atual. Tal doutrina encontra ainda confirmação entre os gnósticos — um de seus ecos. Em sua antropologia e gênese do homem, ensinavam eles que "certo grupo de *sete* Anjos" formou os primeiros homens, que não passavam de formas gigantescas e nebulosas, desprovidas de sentidos — "simples vermes que se retorciam" (!), escreve Irineu [70], que, como de costume, toma a metáfora pela realidade.

(70) I, XXIV, 1.

D

O SETENÁRIO NAS OBRAS EXOTÉRICAS

Podemos examinar agora outras Escrituras antigas, e ver se contêm a classificação setenária; e, em caso afirmativo, até que ponto.

Disseminados em milhares de outros textos sânscritos, alguns ainda por abrir, outros até agora desconhecidos, assim como em todos os *Purânas*, tanto quanto na *Bíblia* dos judeus, senão mais, os números sete e quarenta e nove (7 × 7) representam um papel dos mais importantes. Vemo-los nos *Purânas*, desde as sete criações, nos primeiros capítulos, até os sete raios do Sol que, no Pralaya final, se dilatam para converter-se em sete Sóis e absorvem a matéria de todo o Universo. Eis o que diz o *Matsya Purâna*:

"Com o objetivo de promulgar os Vedas, Vishnu, no início de um Kalpa, referiu a Manu a história de Narasimha e os sucessos dos *sete Kalpas*." [71]

Em seguida o mesmo *Purâna* expõe ainda que:

"Em todos os Manvantaras, as classes de Rishis aparecem por sete e *sete* [72] e, depois de estabelecerem um código de leis morais, retornam à bem-aventurança." [73]

"1. O Tempo nos leva para diante; é um corcel e mil olhos, infatigável, cheio de fecundidade. Sobre ele montam os sábios inteligentes; suas rodas são todos os mundos.

2. O Tempo marcha sobre *sete* rodas; tem *sete* cubos; a imortalidade é o seu eixo. Ele é agora *todos estes mundos*. O Tempo acelera para a frente o primeiro Deus.

3. Uma vibração completa está contida no Tempo. Vemo-lo existindo sob muitas formas. Ele é todos estes mundos no futuro. Chamam-no 'o Tempo no mais elevado Céu'." [74]

Acrescente-se agora o seguinte versículo dos Livros Esotéricos:

O Espaço e o Tempo são um. O Espaço e o Tempo não têm nome, porque são o AQUILO incognoscível, que só pode ser percebido por meio dos seus SETE Raios — os quais são as SETE Criações, os SETE Mundos, as SETE Leis, etc.

Tendo-se presente que os *Purânas* insistem sobre a identidade de Vishnu com o Tempo e o Espaço [75], e que o símbolo rabínico do próprio Deus é

---

(71) *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, I, LXXX.

(72) Como diz Parashara: "São as sete pessoas por quem foram protegidos, nos diversos Manvantaras, os seres criados. Porque o mundo todo foi impregnado da energia da Divindade, dá-se-lhe o nome de Vishnu, da raiz Vish, "entrar" ou "impregnar"; pois todos os deuses, os Manus, os sete Rishis, os filhos dos Manus, os Indras, os soberanos dos deuses, não são mais que a personificação do poder (Vibhûtayah, poderes) de Vishnu." (*Ibid.*, III, 18, 19.) Vishnu é o Universo; e o próprio Universo está dividido, segundo o *Rig Veda*, em *sete regiões* — o que deve ser autoridade suficiente, para os brâmanes pelo menos.

(73) *Ibid.*, III, 15.

(74) Hino XIX, 53.

(75) Vishnu é *tudo*: mundos, estrelas, mares, etc. Vishnu "é tudo o que existe, tudo o que não existe... (Mas) não é uma substância (Vastubhûta)". (*Vishnu Purâna*, livro II, cap. XII, trad. de Wilson, II, 309). "O que a gente chama o Deus mais elevado não é uma substância, mas a *causa* dela; não está aqui, ali ou em outra parte; *não é o que vemos*, mas aquilo que contém tudo: o Espaço."

MAQOM, o "Espaço", vê-se claramente por que, para os fins da manifestação de uma Divindade — o Espaço, a Matéria e o Espírito — o Ponto Central Uno se converteu no Triângulo e no Quaternário — o Cubo perfeito — e portanto em *sete*. Até mesmo o Vento Prahava — a força mística e oculta que impulsiona as estrelas e os planetas e lhes regula o curso — é setenário. O *Kûrma Purâna* e o *Linga Purâna* enumeram sete ventos principais com aquele nome, ventos que são os princípios do Espaço Cósmico [76]. Estão eles intimamente relacionados com Dhruva [77] (hoje Alfa), a Estrela Polar, que por sua vez está relacionada com a produção de vários fenômenos, por meio das forças cósmicas.

Assim, desde as sete Criações, os sete Rishis, as sete Zonas, os sete Continentes, os sete Princípios, etc., das Escrituras arianas, o número passou através do pensamento místico dos indianos, dos egípcios, dos caldeus, dos gregos, dos judeus, dos romanos e finalmente dos cristãos, até que se fixou e permaneceu indelevelmente impresso em todas as teologias exotéricas. Os sete livros antigos, roubados da Arca de Noé por Cham e dados ao seu filho Cush, e as sete Colunas de Bronze de Cham e de Cheiron são reflexo e reminiscência dos sete Mistérios primordiais, instituídos segundo as "sete Emanações secretas", os sete Sons e os sete Raios — modelos espirituais e siderais das sete mil vezes sete cópias que se fizeram no curso dos evos posteriores.

O número misterioso igualmente ressai nos não menos misteriosos Maruts. O *Vâyu Purâna*, corroborado pelo *Harivamsha*, diz o seguinte a respeito dos Maruts — os mais antigos e os mais incompreensíveis de todos os Deuses secundários ou inferiores do *Rig Veda*:

"Eles *nascem em cada* Manvantara [Ronda], *sete vezes sete* (ou quarenta e nove); em cada Manvantara, *quatro vezes sete* (ou vinte e oito) obtêm a emancipação, mas o seu lugar é *ocupado por pessoas que renascem com esse caráter*." [78]

Que são os Maruts em seu significado esotérico? E quem são *as pessoas* "que renascem com esse caráter"? No *Rig* e em outros *Vedas*, são os Maruts representados como Deuses da Tempestade e como *amigos e aliados* de Indra; são os "Filhos do Céu e da Terra". Isso conduz a uma alegoria que faz deles os filhos de Shiva, o grande patrono dos Yogis:

"O Mahâ Yogi, o grande asceta, em que se concentra a suprema perfeição em termos de penitência austera e de meditação abstrata, *meio pelo qual se alcançam os mais ilimitados poderes e se realizam maravilhas e milagres, se adquire o mais alto conhecimento espiritual e se conquista eventualmente a união com o grande espírito do Universo*." [79]

---

(76) *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, II, 306.

(77) Eis por que nos *Purânas* se diz que a vista, durante a noite, de Dhruva, a estrela polar, e do Marsuíno celeste (Shishumâra, uma constelação), "faz espiar qualquer pecado cometido durante o dia" (*ibid.*, II, pág. 306). O fato é que os raios das quatro estrelas pertencentes ao "círculo da aparição perpétua" — Agni, Mahendra, Kashyapa e Dhruva —, colocadas na cauda da Ursa Menor (Shishumâra) — quando enfocados de certa maneira e sobre certo objeto, produzem resultados extraordinários. Os Magos Astrólogos da Índia compreenderão o que queremos dizer.

(78) *Ibid.*, III, 15.

(79) Dowson, *Hindu Classical Dictionary*, *sub voce* "Shiva", pág. 298.

O nome de Shiva é desconhecido no *Rig Veda;* mas o Deus que lhe corresponde chama-se *Rudra,* nome empregado por Agni, o Deus do Fogo, dizendo-se que os Maruts são os seus filhos. No *Ramâyana* e nos *Purânas,* sua mãe Diti — irmã ou complemento de Aditi, da qual é uma forma —, desejando ter um filho que destruísse Indra, é informada pelo sábio Kashyapa de que tal desejo se realizaria se, "com pensamentos absolutamente piedosos, e conservando-se de todo pura", ela carregasse o filho nas entranhas "durante cem anos" [80]. Mas Indra frustrou tais desígnios. Com o seu tonante raio *dividiu em sete partes o embrião,* e, depois, cada uma destas partes em *sete outros pedaços,* os quais se convertem em divindades velozes, os Maruts [81]. Estas divindades são apenas outro *aspecto,* ou desenvolvimento, dos Kumâras, que são, patronimicamente, Rudras, como outros muitos [82].

Sendo Diti a mesma Aditi — a menos que nos provem o contrário —, Aditi, dizemos, ou o Akasha em sua forma mais elevada, é o *sétuplo* Céu Egípcio. Todo verdadeiro Ocultista compreenderá o que isto significa. Diti, repetimos, é o sexto princípio da Natureza *metafísica,* o Buddhi do Akasha. Diti, a Mãe dos Maruts, é uma de suas formas terrestres, destinada a representar, ao mesmo tempo, a Alma divina no asceta e as aspirações divinas da Humanidade mística para a libertação das redes de Mâyâ e a conseqüente bem-aventurança final. Agora, Indra é malsinado, por estarmos na era do Kali Yuga, quando aquelas aspirações deixaram de ser gerais, passando a ter um caráter anormal em conseqüência da difusão de Ahamkara, o sentimento do Egoísmo ou do "Eu sou", e da ignorância; no começo, porém, Indra era um dos maiores Deuses do Panteão hindu, como se vê no *Rig Veda.* Surâdhippa, o "chefe dos Deuses", caiu da categoria de Jishnu, o "Chefe das Legiões Celestes" — o São Miguel hindu — para a de adversário do ascetismo, inimigo de toda aspiração santa. Representam-no como esposo de Aindri (Indrâni), personificação de Aindriyaka, a evolução do elemento dos sentidos, com quem ele se casou "por causa de seus *atrativos voluptuosos";* passando depois a enviar demônios femininos celestes para excitarem as paixões dos homens santos, os Yogis, e "os desviarem das grandes penitências, que ele temia". É por isso que Indra, caracterizado agora como o "Deus do firmamento, a atmosfera personificada" — é, na realidade, o princípio cósmico Mahat, e o quinto princípio humano, Manas, em seu aspecto dual — associado com Buddhi e arrastado pelo princípio inferior Kâma, o corpo de paixões e desejos. Assim o mostra Brahmâ, quando diz ao Deus vencido que as suas freqüentes derrotas eram devidas ao Karma, como castigo

(80) *Vishnu Purâna, op. cit.,* II, 78.

(81) No *Ramâyana,* quem faz isto é Bâlâ-Râma, o irmão mais velho de Krishna.

(82) Quanto à origem de Rudra, consta de vários *Purânas* que sua progênie (espiritual), *nele criada por Brahma,* não se limita aos *sete* Kumâras, nem aos *onze* Rudras, etc., mas "compreende um número infinito de seres *iguais em pessoas e meios ao seu pai* (virgem). Alarmado pela ferocidade deles, por seu número e sua *imortalidade,* Brahmâ pede que o filho Rudra forme criaturas de natureza diferente e mortais." Rudra, *não querendo criar,* recusa-se, etc.; e, portanto, Rudra é o primeiro *rebelde.* (*Linga, Vayu, Matsya,* e outros *Purânas.*)

merecido por sua licenciosidade e por haver seduzido várias ninfas. É neste último caráter que ele, para escapar à própria destruição, trata de exterminar a "criatura" anunciada, que viria para vencê-lo: criatura que é, naturalmente, uma alegoria da vontade divina e firme do Yogi, determinado a resistir a todas as tentações e a sufocar assim as paixões de sua personalidade terrestre. Indra triunfa novamente, porque a carne vence o espírito [83]. Divide ele o "embrião" (do novel Adeptado *divino*, engendrado pelos Ascetas da Quinta Raça Ariana) em *sete* partes (alusão não só às sete sub-raças da nova Raça-Raiz, em cada uma das quais haverá um Manu [84], mas também os sete graus do Adeptado), e depois cada parte em sete pedaços (alusão aos Manus-Rishis de cada Raça-Raiz e também de cada sub-raça).

Não parece difícil perceber o que significam os Maruts, que obtêm "quatro vezes sete" emancipações em cada Manvantara, e aquelas pessoas que *renascem* com esse caráter, isto é, com o dos Maruts, em seu sentido esotérico, e "ocupam o lugar deles". Os Maruts representam: (*a*) as paixões tempestuosas desencadeadas no peito de cada Candidato, ao preparar-se para a vida ascética — isto do ponto de vista místico; (*b*) os poderes ocultos que jazem sob os múltiplos aspectos dos princípios inferiores do Akasha — representando o seu corpo, ou Sthûla Sharira, a atmosfera inferior terrestre de cada globo habitado — isto do ponto de vista místico e sideral; (*c*) existências reais e conscientes, seres de natureza cósmica e psíquica.

Ao mesmo tempo, Marut, em linguagem oculta, é um dos nomes que se dão aos Egos dos grandes Adeptos que desapareceram, também conhecidos como Nirmânakâyas; aqueles Egos para os quais — *uma vez que já transpuseram as fronteiras da ilusão* — não existe Devachan, Egos que, havendo renunciado voluntariamente ao Nirvana pelo bem da Humanidade, ou não o tendo ainda alcançado, permanecem invisíveis na Terra. É por isso que os Maruts [85] são representados, primeiro, como filhos de Shiva Rudra, o

(83) Diz-se que Diti foi frustrada no Dvâpara Yuga, durante o período em que florescia a Quarta Raça.

(84) Apesar da terrível confusão, evidentemente *intencional*, entre Manus, Rishis e sua progênie, nos *Purânas*, uma coisa é clara: houve e haverá sete Rishis em cada Raça-Raiz, chamada também Manvantara nos livros sagrados, assim como há quatorze Manus em cada Ronda; sendo idênticos os Deuses que presidem, os Rishis e os filhos dos Manus (veja-se o *Vishnu Purâna*, tradução de Wilson, III, 19). No *Vishnu Purâna* se mencionam seis Manvantaras, sendo o nosso o sétimo. O *Vayu Purâna* dá a nomenclatura dos filhos dos quatorze Manus de cada Manvantara e dos filhos dos sete Sábios ou Rishis. Estes últimos são a progênie dos Progenitores da espécie humana. Todos os *Puranas* se referem aos sete Prajâpatis deste período ou Ronda.

(85) "Châksusha foi o Manu do sexto período (Terceira Ronda e Terceira Raça), no qual Indra era Manojava" (Mantradruma, no *Bhagavata Purâna*, cf. *Vishnu Purâna*, trad. de Wilson, III, 11-12). Existindo perfeita analogia entre a Grande Ronda (Mahakalpa), cada uma das sete Rondas e cada uma das sete grandes Raças de cada Ronda, segue-se que o Indra do sexto período, ou Terceira Ronda, corresponde ao final da Terceira Raça, quando se deu a Queda ou separação de sexos. Rudra, como pai dos Maruts, tem muitos pontos de contato com Indra, o Marutvân ou "Senhor dos Maruts". Diz-se que Rudra recebeu este nome por causa de suas lágrimas. Brahmâ o chamou, por isso, Rudra; mas *ele ainda chorou sete vezes mais, e obteve assim sete outros nomes*, dos quais usa um em cada período.

Patrono dos Yogis, cujo terceiro Olho (misticamente) deve ser adquirido pelo Asceta antes de se tornar um Adepto; depois, em seu caráter cósmico, como subordinados de Indra e seus adversários sob vários aspectos. As "quatro vezes sete" emancipações se referem às quatro Rondas e às quatro Raças que antecederam a nossa, e em cada uma das quais reencarnaram Maruts-Jivas (Mônadas) que teriam obtido, se o quisessem, a liberação final. Em lugar disso, porém, e por amor ao bem da humanidade, que ainda teria de lutar com menos esperança, presa nas malhas da ignorância e do sofrimento, *se não fosse essa ajuda extraordinária,* eles renascem sem cessar "naquele caráter", ocupando assim "os seus próprios lugares". *Quem são eles na* Terra? Sabem-no todos os estudantes da Ciência Oculta. Sabem também que os Maruts são Rudras, entre os quais se inclui a família de Tvashtri, um sinônimo de Vishvakarman, o grande patrono dos Iniciados. Isto nos propicia um amplo conhecimento de sua verdadeira natureza.

Ocorre o mesmo na divisão setenária do Cosmos e com os princípios humanos. Os *Purânas,* assim como outros textos sagrados, estão cheios de alusões a esse respeito. Primeiro — o Ovo do Mundo, que continha Brahmâ, ou o Universo, estava revestido externamente de *sete* elementos naturais, vagamente enumerados, a princípio, como Água, Ar, Fogo, Éter e *três* elementos *secretos;* segundo — o "Mundo" figura como estando "cercado de todos os lados" por sete elementos, também *dentro* do Ovo, ao que se explica:

> "O mundo está cercado de todos os lados, e em cima e em baixo, pela casca do ovo (de Brahmâ) [Andakatahâ]." [86]

Ao redor da casca flui a Água, que está rodeada pelo Fogo; o Fogo pelo Ar; o Ar pelo Éter; o Éter pela Origem dos Elementos (Ahamkâra); este último pela Mente Universal, ou "Intelecto" segundo a tradução de Wilson. Isto se refere tanto às Esferas do Ser como aos Princípios. Prithivi não é a nossa Terra, mas o Mundo, o Sistema Solar, e significa "o vasto" o "largo". Nos *Vedas* — que são a autoridade máxima, embora seja mister uma chave para sua correta interpretação — mencionam-se três Globos terrestres e três celestes, que teriam sido chamados à existência simultaneamente com Bhûmi, a nossa Terra. Têm-se dito muitas vezes que seis, e não *sete,* parece ser o número das esferas, dos princípios, etc. Respondemos que, efetivamente, só há seis princípios no homem, pois o seu corpo *não é* propriamente um princípio, mas o invólucro, a casca de um princípio. O mesmo sucede com a Cadeia Planetária; nela, a Terra, esotericamente falando — como também o sétimo plano, ou melhor, o quarto, que corresponde ao sétimo se contarmos a partir do primeiro reino tríplice dos Elementais que iniciam sua formação — a Terra não pode ser levada em conta, se bem que (para nós) seja o único corpo visível dos sete. A lingüagem do Ocultismo é variada; mas, supondo que sejam somente *três,* em vez de sete, as Terras a que aludem os *Vedas,* quais são estas três, se não conhecemos mais do que uma? É evidente que *deve haver* um significado oculto neste ponto. Vejamos.

(86) *Ibid.*, II, 231.

A "Terra que flutua" no Oceano Universal do Espaço e que, nos *Purânas*, Brahmâ divide em sete Zonas, é Prithivi, o Mundo dividido em sete *princípios* — divisão cósmica que parece bastante metafísica em seus efeitos ocultos, mas que é, na realidade, *física*. Mais tarde, transcorridos numerosos Kalpas, menciona-se a nossa Terra, que é, por sua vez, dividida em sete Zonas, de acordo com a lei de analogia, que guiava os antigos filósofos. Depois, vemos ali sete Continentes, sete Ilhas, sete Oceanos, sete Mares e Rios, sete Montanhas, sete Climas, etc. [87].

Por outra parte, não é só nas Escrituras e filosofias indianas que se encontram referências às sete Terras, mas também nas cosmogonias persa, fenícia, caldéia e egípcia, e até mesmo na literatura rabínica. A Fênix [88] — chamada pelos Hebreus Onech חנוך (de Phenoch, Enoch [89], símbolo de um ciclo secreto e de uma iniciação), e pelos Turcos, Kerkes — vive mil anos, findos os quais, acendendo uma chama, deixa-se consumir pelo fogo; e depois renasce das próprias cinzas, para viver outros mil anos, até *sete vezes sete* [90], quando chega o Dia do Juízo. Os "sete vezes sete", ou quarenta e nove, são uma alegoria transparente e uma alusão aos quarenta e nove Manus, às sete Rondas e aos sete vezes sete Ciclos humanos em cada Ronda e em cada Globo. O Kerkes e o Onech representam um Ciclo de Raça, e a Árvore mística Ababel, a "Árvore-Pai" do Corão, produz novos ramos e uma vegetação nova em cada ressurreição de Kerkes ou Fênix; as palavras "Dia do Juízo" significam um Pralaya menor. O autor do *Book of God* e do *Apocalypsis* acredita que:

"A Fênix é... mui claramente o mesmo que a Simorgh dos romances persas; e a descrição que nos fazem desta última ave confirma de modo ainda mais decisivo a opinião de que a morte e o renascimento da Fênix representam a destruição e a reprodução sucessivas do mundo, que muitos atribuíam à ação de um dilúvio de fogo [e também de água, alternadamente]. Quando perguntaram a Simorgh qual a sua idade, ela fez saber a Caherman que este mundo é muito antigo, pois já fora *sete vezes repovoado* por seres diferentes dos homens, e *sete vezes despovoado* [91]; que a

(87) No *Vishnu Purâna*, livro II, cap. IV (Wilson, II, 205-207), diz-se que a "Terra", "com seus continentes, montanhas, oceanos e crosta exterior, tem uma extensão de *cinquenta crores* (quinhentos milhões) de Yojanas'; ao que observa o tradutor: "*Isto compreende as esferas planetárias*, pois o diâmetro das sete zonas e dos sete oceanos não vai além de dois crores ou cinquenta e quatro lakhs — tendo cada oceano o mesmo diâmetro que o continente que ele banha, e cada continente duas vezes o diâmetro do que o precede... Sempre que se observam contradições nos diferentes *Purânas*, devem atribuir-se... a diferenças de Kalpas e *outras causas similares*." As palavras "outras causas similares" devem ser entendidas como "causas ocultas", explicação omitida pelo comentador, que escreveu com fins exotéricos *sectários*, e foi mal compreendido pelo tradutor por várias outras razões, a menor das quais é — a ignorância da Filosofia Esotérica.

(88) A Fênix, embora geralmente relacionada com o Ciclo Solar de 600 anos — o ciclo ocidental dos gregos e de outros povos — é um símbolo genérico de diferentes espécies de ciclos, deduzindo-se ou acrescentando-se zeros conforme o ciclo de que se trate.

(89) A ortografia correta da palavra Henoch é חנוך (nota do tradutor francês).

(90) Veja-se *Book of Ali*, tradução russa.

(91) O verbo está no tempo passado, porque o livro é alegórico e tem que velar as verdades que encerra.

idade da raça humana em que agora nos encontramos deve ter a duração de *sete mil anos*; e que ele mesmo já havia presenciado *doze* dessas revoluções, ignorando quantas teria ainda que presenciar." [92]

O que, aliás, não constitui novidade. Desde Bailly, no século passado, até o Dr. Kenealy, neste século, tais fatos têm sido assinalados por um certo número de escritores; pode-se agora, porém, estabelecer uma relação entre o oráculo persa e o profeta Nazareno. Diz o autor do *Book of God:*

"Simorgh é, na realidade, a mesma Singh alada dos hindus e a Esfinge dos egípcios. A primeira, diz-se, aparecerá no fim do mundo... [sob a forma de] um pássaro-leão monstruoso... Dessa lenda tiraram os Rabinos o seu mito de uma enorme Ave que está ora sobre a terra, ora sobre o oceano... e cuja cabeça sustém o firmamento; com o símbolo, também adotaram eles a doutrina a que se refere. Ensinam que haverá *sete renovações sucessivas* do globo; que cada sistema reproduzido durará *sete* mil anos [?] e que a *duração total do Universo* será de 49.000 anos. Esta opinião, que implica a doutrina da preexistência de cada criatura renovada, pode ter-lhes sido incutida durante o cativeiro na Babilônia, ou *fazer parte da religião primordial* que os seus sacerdotes haviam conservado desde tempos remotos." [93]

É antes um indício ou prova de que os Judeus iniciados *tomaram de outros* aquele significado, que depois os Talmudistas, seus sucessores não-iniciados, *perderam, aplicando erroneamente a doutrina das sete Rondas*, das quarenta e nove Raças, etc.

Não só os *seus* sacerdotes, mas também os de todos os demais países. Os Gnósticos, cujos diversos ensinamentos são os múltiplos ecos da doutrina universal e primitiva, puseram os mesmos números, sob outra forma, na boca de Jesus, como se vê em *Pistis Sophia*, obra de acentuado caráter oculto. Ainda vamos mais longe: até mesmo o editor ou autor cristão do *Apocalipse* conservou essa tradição e fala das *sete Raças*, quatro das quais, com parte da quinta, já se passaram, e duas estão por vir. Estas coisas foram ditas de modo tão claro quanto possível. Eis como se expressa o Anjo:

"Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. E há *sete* reis; *cinco* são caídos, um existe, e o outro ainda não é vindo." [94]

Quem hesitará, por menos que esteja afeito à lingüagem simbólica daqueles tempos, em reconhecer, nos *cinco* Reis que caíram, as quatro Raças-Raízes que existiram, e parte da Quinta no que *existe;* e no outro, que "ainda não é vindo", a Sexta e a Sétima Raças-Raízes do futuro, assim como as sub-raças da nossa Raça atual? Em outro lugar da Parte III [95] encontrará o leitor uma alusão ainda mais evidente, extraída do *Levítico*, às sete Rondas e às quarenta e nove Raças-Raízes.

---

(92) *Oriental Collections*, II, 119; citação de Kenealy, *op. cit.*, págs. 175, 176.

(93) *Ibid., loc. cit.*

(94) *Op. cit.*, XVII, 9, 10.

(95) Seção VI; *Levítico*, XXIII, 15 e seguintes.

E

O SETE NA ASTRONOMIA, NA CIÊNCIA E NA MAGIA

O número *sete* também está intimamente relacionado com o significado Oculto das Plêiades, estas sete filhas de Atlas, das quais "seis presentes e a sétima *oculta*". Na Índia, acham-se elas relacionadas com Kârttikeya, seu filho de criação, o Deus da Guerra. Foram as Plêiades (em sânscrito, Krittikâs) que deram aquele nome ao Deus, sendo Kârttikeya, astronomicamente, o planeta Marte. Como Deus, é filho de Rudra, nascido sem intervenção de mulher. É também Kumâra, um "jovem virgem", gerado no fogo, da semente de Shiva — o Espírito Santo — e por isso chamado Agni-bhû. O falecido Dr. Kenealy julgava que Kârttikeya era, na Índia, o símbolo secreto do Ciclo de Naros (que se não deve confundir com o *Saros*, período de 223 lunações ou 6.585 dias, que servia para predizer os eclipses), composto de 600, de 666 e de 777 anos, conforme se contassem como anos solares ou lunares, divinos ou mortais; e que as seis irmãs visíveis, ou as sete efetivas, as Plêiades, eram necessárias para o complemento deste símbolo, o mais secreto e misterioso de todos os símbolos astronômicos e religiosos. Em conseqüência, quando se tinha em vista a comemoração de um acontecimento particular, era Kârttikeya, antigamente, representado como um Kumâra, um Asceta, com *seis* cabeças — uma para cada um dos séculos do Naros. Quando se aplicava o simbolismo a outro sucesso, via-se então Kârttikeya, juntamente com as sete irmãs siderais, acompanhado de Kaumâra, ou Senâ, seu aspecto feminino. E aparecia montado em um pavão real, a ave da Sabedoria e do Conhecimento Oculto, e a Fênix hindu, cuja relação grega com os 600 anos do Naros é bem conhecida. Sobre a sua fronte havia uma estrela de seis pontas (o duplo triângulo), uma Svástika, uma coroa de seis pontas e às vezes de sete; a cauda do pavão representava os ciclos siderais; e os doze signos do Zodíaco estavam *ocultos em seu corpo;* razão por que era também chamado Dvâdasha-Kara, "o de doze mãos", e Dvâdashaksha, "o de doze olhos". Contudo, alcançava maior fama sob o aspecto de Shakti-dhara, o "lanceiro" e vencedor de Târaka, Târaka-jit.

Como os anos do Naros são contados, na Índia, de duas maneiras: à razão de cem "anos dos deuses" (anos divinos) e à de cem "anos mortais", pode-se avaliar a imensa dificuldade que têm os não-iniciados para chegar à compreensão exata deste ciclo, que desempenha um papel tão importante no *Apocalipse* de São João. É o verdadeiro ciclo apocalíptico, porque tem durações diferentes e se relaciona com diversos sucessos pré-históricos; e em nenhuma das especulações a que deu lugar temos visto outra coisa além de simples verdades *aproximadas*.

Para contestar a duração que os Babilônios atribuíam às suas idades divinas, argumentou-se com a opinião de Suidas, segundo a qual os dias valiam anos nas computações cronológicas dos Antigos. O doutor Sepp invocou a autoridade de Suidas em seu engenhoso plágio — de que já tivemos oportunidade de falar — a respeito do número 432 dos hindus. Para estes, o número se refere a milhares e milhões de anos, duração de seus Yugas;

Sepp os reduz, porém, a *anos lunares* [96], "antes do nascimento de Cristo", como estava "preordenado" nos céus siderais, além de nos céus invisíveis, e provado "pelo aparecimento da estrela de Belém". Mas Suidas não apoiava tal afirmativa senão em suas próprias especulações, e não era um Iniciado. Como prova, ele cita Vulcano, que apresenta como tendo reinado durante 4.477 anos, ou 4.477 dias, segundo acredita, ou ainda, fazendo-se a conversão em anos, 12 anos, 3 meses e 7 dias; em seu original, no entanto, menciona 5 dias, cometendo mais um erro neste cálculo tão fácil [97]. É verdade que há outros escritores antigos que incorreram em especulações enganosas do mesmo gênero; Calístenes, por exemplo, que dá para as observações astronômicas dos Caldeus somente 1.903 anos, ao passo que Epígenes admite 720.000 anos [98]. Todas estas hipóteses de autores profanos são devidas a um mal-entendido. A cronologia dos povos ocidentais, os antigos Gregos e Romanos, foi importada da Índia. Ora, na edição tamil do *Bagavadam* se diz que 15 dias solares fazem um Paccham; dois Pacchams, ou 30 dias, fazem um mês dos mortais, que corresponde só a um *dia* dos Pitara Devatâ ou Pitris. E que dois destes meses constituem um Rûdû, 3 Rûdûs um Ayanam, e 2 Ayanams um ano dos mortais, que é só um *dia* dos Deuses. Da errônea interpretação destes ensinamentos, imaginaram alguns gregos que todos os sacerdotes iniciados haviam transformado os dias em anos!

Esse erro dos antigos autores gregos e latinos teve as suas conseqüências na Europa. No fim do século passado e no começo do atual, Bailly, Dupuis e outros, confiando nos relatos, intencionalmente mutilados, da cronologia dos Hindus, que haviam trazido da Índia alguns missionários de excessivo zelo e pouco escrúpulo, construíram toda uma teoria fantástica sobre este assunto. Porque os Hindus transformaram em uma medida de tempo a semi-revolução lunar, e porque na literatura indiana se menciona um mês composto só de quinze dias, e ao qual se refere Quinto Cúrcio [99], conclui-se como fato comprovado que o *ano* deles correspondia apenas a meio ano, quando não era *um dia!* Os Chineses também dividiam o seu Zodíaco em vinte e quatro partes, e o ano, portanto, em vinte e quatro quinzenas; mas tal modo de computar não os impedia, como não os impede, de terem um ano astronômico exatamente igual ao nosso. Ainda hoje eles têm também um período de 60 dias, em certas províncias — o Rûdû da Índia Meridional. Por outra parte, Deodoro de Sicília [100] cita os "*trinta dias* do ano egípcio", ou o período em que a Lua executa uma revolução completa. Plínio e Plutarco [101] falam ambos da mesma coisa. Será, porém, razoável supor que os egípcios, tão conhecedores de Astronomia como outro qualquer povo, houvessem dado 30 dias ao mês *lunar*, quando a duração é apenas de 28 dias e fração? Tinha aquele período lunar, com toda a certeza, *um sentido Oculto*.

(96) *Vie de Notre-Signeur Jésus-Christ*, Introdução; citado por De Mirville, *Des Esprits*, IV, 50.

(97) Veja-se Suidas, *sub voc.* Ηλιος.

(98) Plínio, *Hist. Nat.*, VII, 56.

(99) "Menses in quinos dies descripserunt dies" (LVIII, 9).

(100) Liv. I, cap. 26.

(101) *Hist. Nat.*, VII, 48, e *Life of Numa*, § 16.

assim como o tinham o Rûdû e o Ayanam dos hindus. O ano de 2 meses de duração e também o período de 60 dias eram, na antiguidade, medidas de tempo universais, conforme o mostra o próprio Bailly em seu *Traité de l'Astronomie Indienne et Orientale*. Os Chineses, consta de seus próprios livros, dividiam o ano em duas partes, de um equinócio ao outro [102]; os Árabes o dividiam outrora em seis estações, cada uma com a duração de 2 meses; no tratado chinês de astronomia *Kioo-tché* se diz que duas luas constituem uma medida de tempo, e seis medidas um ano; e ainda hoje os aborígenes do Kamschatka têm os seus anos de seis meses, como no tempo em que os visitou o Abade Chappe [103]. Mas, será tudo isso uma razão para se pretender que, quando os *Purânas* hindus se referem a um *ano* solar, deva entender-se um *dia* solar?

O conhecimento das leis naturais que fazem do sete o número fundamental da Natureza, por assim dizer, no mundo manifestado, ou, pelo menos, em nosso ciclo de vida terrestre, e a maravilhosa compreensão do seu funcionamento eram os fatores do descobrimento de tantos mistérios da Natureza por parte dos Antigos. Eram também essas leis e seus processos nos planos sideral, terrestre e moral que permitiam aos antigos astrônomos calcular corretamente a duração dos ciclos e os respectivos efeitos na marcha dos acontecimentos; registrando com antecipação — ou profetizando, segundo a expressão consagrada — a influência que exerciam no curso e desenvolvimento das raças humanas. O Sol, a Lua e os Planetas, sendo os medidores infalíveis do tempo, e cujo poder e periodicidade eram bem conhecidos, tornaram-se assim, respectivamente, o grande regente e os governantes do nosso pequeno sistema, em todos os seus sete domínios ou "esferas de ação".[104]

O fato é de tal evidência e importância que até muitos homens de ciência modernos, materialistas e místicos inclusive, tiveram a atenção despertada para esta lei. Físicos e teólogos, matemáticos e psicólogos, têm repetidamente chamado a atenção do mundo para esta periodicidade no comportamento da "Natureza". Os Comentários explicam tais números nos seguintes termos:

O Círculo não é o "Uno", mas o "Todo".

No [Céu] superior, o Rajah [105] impenetrável, ele [o Círculo] se converte no Uno, porque [é] o indivisível e não pode encerrar nenhum Tau.

No segundo [dos três Râjamsi ou dos três "Mundos"], o Uno se converte em Dois [macho e fêmea], depois em Três [com o Filho ou Logos], e finalmente no Quatro Sagrado [o Tetraktys ou Tetragrammaton].

No terceiro [o Mundo inferior ou nossa Terra], o número se converte em Quatro, depois em Três e em Dois. Toma os dois primeiros e obterás

(102) *Mém. Acad. Inst.*, XVI, cap. 48; III, 183.

(103) *Voyage en Sibère*, III, 19.

(104) As esferas de ação das Forças combinadas da Evolução e do Karma são: 1.º a Superespiritual ou Numenal; 2.º a Espiritual; 3.º a Psíquica; 4.º a Astro-etérea; 5.º a Subastral; 6.º a Vital; e 7.º a Esfera puramente *física*.

(105) Adibûtam; veja-se o *Rig Veda*, X, 105.

Sete, o número sagrado da vida; mistura [este último] com o Rajah médio e terás Nove, o número sagrado do Ser e do Vir-a-Ser [106].

Quando os orientalistas ocidentais tiverem compreendido perfeitamente o verdadeiro significado das divisões do Mundo do *Rig Veda* — a divisão dupla, a tripla, a sêxtupla, a sétupla e especialmente a nônupla —, o mistério das divisões cíclicas aplicadas ao Céu e à Terra, aos Deuses e aos Homens, será para eles mais claro do que o é agora. Porque:

"Há uma harmonia dos números em toda a natureza; na força da gravidade, nos movimentos planetários, nas leis do calor, da luz, da eletricidade e da afinidade química, nas formas dos animais e das plantas, nas percepções da mente. A moderna ciência natural e física tende, efetivamente, a descobrir uma fórmula geral que expresse todas as leis fundamentais por meio de uma só relação numérica simples. Recomendaríamos a *Philosophy of the Induction Sciences*, do Professor Whewell, e as investigações de Mr. Hay acerca das leis que regem a coloração harmoniosa e a forma. *Ver-se-á que o número sete se destaca nas leis que regulam as percepções harmoniosas das formas, das cores e dos sons,* e também, provavelmente, as do gosto, se pudéssemos analisar nossas sensações desta ordem com precisão matemática." [107]

E tanto é assim que muitos médicos têm manifestado o seu pasmo ante a repetição periódica e *setenária* dos ciclos de incidência e declínio de várias doenças, e os próprios naturalistas se mostram incapazes de explicar essa lei.

"O nascimento, o crescimento, a maturidade, as funções vitais, as mudanças cíclicas de saúde, as enfermidades, a decadência e a morte dos insetos, dos répteis, dos peixes, das aves, dos mamíferos e até do homem estão mais ou menos governados por uma lei de *processamento em certo número de semanas* [ou 7 dias]." [108]

O doutor Laycock, escrevendo sobre a "Periodicidade dos Fenômenos Vitais" [109], assinala "um exemplo sobremodo interessante e a confirmação da lei, entre os insetos". [110]

---

(106) No Hinduísmo, tal como o entendem os orientalistas, segundo o *Rig Veda,* os três Rajamsi se referem às três "passadas" de Vishnu, pertencendo seu primeiro passo ao mundo mais elevado (R. V., VII, 99, I; cf. I, 155, 5). E o Divo Rajah, ou "o firmamento", conforme eles acreditam. Mas, em Ocultismo, há algo mais do que isso. A frase *pâreshu guhyeshu vrateshu* (cf. I, 155, 3, e IX, 75, 2, ou ainda X, 114) do *Rig Veda* ainda resta por explicar.

(107) *Medical Review,* julho de 1844.

(108) H. Grattan Guinness, F.R.G.S., em seu *Approaching End of the Age,* pág. 258.

(109) *Lancet,* 1842, 1843.

(110) Depois de apresentar um bom número de exemplplos tirados da história natural, o doutor acrescenta: "Os fatos que em breves traços acabei de examinar são fatos gerais *que se não podem verificar diariamente em tantos animais de toda espécie,* desde a larva ou o ovo de um minúsculo inseto até o homem, *em períodos definidos, só por mera casualidade ou coincidência*... Em resuma, creio que é impossível deixar de chegar à conclusão geral de que *nos animais ocorrem mudanças cada três dias e meio, cada sete, quatorze, vinte e um e vinte e oito dias, ou em cada número determinado de semanas"* — ou de ciclos setenários. Diz mais o doutor Laycock: "Seja qual for o tipo da febre, *haverá um paroxismo no sétimo dia... o décimo quarto assinalar-se-á como dia de modificação...* [dar-se-á a cura ou a morte]. Se o quarto [paroxismo] é grave, e o quinto o é menos, a enfermidade terminará com o *sétimo* paroxismo, e... a melhora... se manifestará no *décimo quarto dia*... cerca de três ou

A tudo isso Mr. Grattan Guinness faz, muito oportunamente, a seguinte observação:

"E a vida do homem... é uma *semana*, uma *semana de décadas*. 'O número de nossos anos são três vintenas mais dez.' Combinando o testemunho de todos estes fatos, temos que admitir *que na natureza orgânica prevalece uma lei de periodicidade septiforme, uma lei de processamento em certo número de semanas.*" [111]

Sem aceitar as conclusões, e menos ainda as premissas do sábio fundador de "The East London Institute for Home and Foreign Mansions", a autora aceita e dá as boas-vindas a suas investigações sobre a cronologia oculta da *Bíblia;* da mesma forma que, impugnando teorias, hipóteses e generalizações da Ciência moderna, nos inclinamos ante as suas grandes conquistas no domínio da física ou em todas as minúcias inferiores da Natureza material.

Existe sem dúvida um "sistema cronológico Oculto nas Escrituras dos Hebreus", do que é prova a *Cabala;* há nelas, ademais, um "sistema de

---

quatro horas da manhã, quando o sistema se encontra mais débil." (*Approaching End of the Age*, de Grattan Guinness, págs. 258 a 269, onde consta a citação.)

Isto é "predição" pura mediante cálculos cíclicos, e tem relação com a Astrolatria e a Astrologia dos caldeus. Deste modo, a Ciência Materialista — em sua medicina, *a mais materialista de todas* — aplica nossas Leis Ocultas às enfermidades, delas se utiliza no estudo das leis naturais, reconhece-lhes a presença como um fato da Natureza, e no entanto entende que esse mesmo conhecimento arcaico deve ser objeto de desprezo quando invocado pelos Ocultistas. Porque, se o misterioso Ciclo Setenário é uma lei da Natureza (*e o é*, como ficou demonstrado); se se observa que inclui tanto na evolução como na *involução* (ou morte) nos domínios da entomologia, da ictíologia, e da ornitologia, assim como no dos mamíferos e do homem — que razão há para não estar presente e ativa no Cosmos em geral, e em suas divisões naturais (ainda que ocultas) de tempo, raças e desenvolvimento *mental*? E por que, de outra parte, não podiam os mais antigos Adeptos ter estudado e apreendido completamente essas leis cíclicas, em todos os seus aspectos? Efetivamente, o doutor Stratton expõe, como um fato fisiológico e patológico, que "no estado de saúde o pulso humano é mais freqüente pela manhã que pela tarde, em seis de cada sete dias, e que é mais lento no *sétimo* dia" (*Edimburg Medical Surgical Journal*, janeiro de 1843; *ibid., loc. cit.*). Por que, então, não há de poder o Ocultista mostrar que a mesma coisa ocorre na vida cósmica e terrestre, no pulso dos Planetas e das Raças? O Doutor Laycock divide a vida em *três* grandes períodos *setenários*: durando o primeiro e o último 21 anos, e o período intermédio, ou primavera da vida, 28 anos, isto é, quatro vezes sete. Subdivide o primeiro em *sete* fases distintas, e os outros dois em *três* períodos menores, acrescentando que: "A unidade fundamental dos grandes períodos é *uma semana de sete dias, tendo cada dia doze horas*, e os *múltiplos*, simples e compostos, dessa unidade determinam a extensão dos períodos, da mesma forma que os múltiplos da unidade de doze horas determinam os períodos menores. *Esta lei une todos os fenômenos vitais periódicos entre si, e associa os períodos observados nos animais anelados mais inferiores aos do próprio homem, que é o mais elevado dos vertebrados.*" (*Ibid.*, p. 267.) Se a Ciência concluí assim, por que há de desprezar a informação Oculta de que — usando a linguagem do Doutor Laycock — *uma* semana da Quinzena Manvantárica (Lunar(de quatorze dias (ou sete Manus), esta Quinzena de doze horas em um Dia representando sete Períodos ou sete Raças — já se passou? Essa linguagem da Ciência adapta-se admiravelmente à nossa Doutrina. A humanidade *já* viveu *uma semana de sete dias*, cada dia tendo *doze horas*, porquanto desapareceram para sempre três Raças e meia, a Quarta submergiu e estamos agora na Quinta Raça.

(111) *Op. cit.*, pág. 269.

(112) Sobre a duração destes ciclos ou Yugas, veja-se o *Vriddha Garga* e outras

semanas", inspirado no sistema arcaico indiano, que ainda se pode encontrar no antigo Jyotisha [112]. E nelas constam ciclos de "*semana* de dias", de "*semanas* de meses, de anos, de séculos e até de milênios" e, mais ainda, de "semanas de anos de anos" [113]; mas tudo isto se encontra na Doutrina Arcaica. E se a origem comum das cronologias de todas as Escrituras, por mais *velada* que esteja, for negada no tocante à *Bíblia*, caberá então indicar de que modo, ante a particularidade dos seis dias e do sétimo (Sábado), se pode contestar a relação entre a cosmogonia do *Gênesis* e a dos *Purânas*. Porque a primeira semana da criação mostra o caráter septiforme de sua cronologia, e a relaciona, assim, com as "sete criações" de Brahmâ. O interessante livro devido à pena de Mr. Grattan Guinness, que reuniu em cerca de 760 páginas todas as indicações deste cálculo septiforme, constitui uma boa prova disso: pois, se a cronologia bíblica é, como ele afirma, "regulada por uma lei de semanas"; se é setenária, não importa quais sejam as medidas da semana da criação e a duração de seus dias; e se, finalmente, "o sistema bíblico inclui semanas em uma grande variedade de escalas", — há de concluir-se que tal sistema é idêntico a todos os sistemas pagãos. Por outro lado, ao querer provar que transcorreram 4.320 anos em meses lunares entre a "Criação" e a "Natividade", mostrou uma relação clara e inequívoca com os 4.320.000 de anos dos Yugas hindus. De outro modo, por que esforçar-se tanto para provar que estas cifras, que são eminentemente caldéias e indo-arianas, representam idêntico papel no *Novo Testamento?* Vamos apresentar a prova de maneira ainda mais concludente.

Que o crítico imparcial compare os dois relatos — o do *Vishnu Purâna* e o da *Bíblia;* verá que as "Sete Criações" de Brahmâ servem de base à "Semana da criação" do *Gênesis*. As duas alegorias são diferentes, mas ambos os sistemas assentam sobre a mesma pedra fundamental. A *Bíblia* só *à luz da Cabala* pode ser compreendida. Veja-se o *Zohar*, o "Livro do Mistério Oculto", por mais desfigurado que hoje se encontre, e compare-se. Os sete Rishis e os quatorze Manus dos sete Manvantaras saem da cabeça de Brahmâ; são os seus "Filhos nascidos da Mente", e com eles principia a divisão da humanidade em Raças, desde o Homem Celeste, o Logos manifestado, que é Brahmâ Prajâpati. Falando do "Crânio" (Cabeça) do Macroposopo, o Ancião [114] (em sânscrito, Sanat é um dos nomes de Brahmâ), o *Ha Idra Rabba*

---

seções astronômicas antigas (Jyotisha). Essa duração varia desde o ciclo de cinco anos — que Colebrook chama "o ciclo dos Vedas", especificado nos preceitos de Parâshara e "base para o cálculo de ciclos maiores" (*Miscell. Essays*, I, 106 e 108) — até o Mahâ Yuga, ou o famoso ciclo de 4.320.000 anos.

(113) Entre os hebreus a palavra "semana" é *sete*; qualquer período de tempo dividido por *sete* seria para eles uma "semana" — até mesmo 49.000.000 de anos, porque correspondem a sete vezes sete milhões. Mas os seus cálculos são de todo em todo septiformes.

(114) Brahmâ criou no primeiro Kalpa, ou no primeiro dia, vários "animais destinados aos sacrifícios" (Pashavah), ou os corpos celestes e os signos do Zodíaco, e "plantas", que ele emprega em sacrifícios ao iniciar-se o Tretâ Yuga. O significado esotérico mostra-o procedendo por ciclos e criando protótipos astrais no arco espiritual *descendente*, e depois no arco físico *ascendente*. Este último é a subdivisão de uma criação *dupla*, subdividida também em sete graus descendentes e sete graus ascendentes

Qadisha, ou "Santa Assembléia Maior", diz que em cada um de seus cabelos "está escondida uma fonte que brota do cérebro oculto".

"E ela brilha e passa desse cabelo para o cabelo do Microposopo, e deste [que é o Quaternário manifestado, o Tetragrammaton] forma o seu cérebro; e deste cérebro parte em *trinta* e em *dois* caminhos ,ou a Tríade e a Díada, ou ainda 432).

E depois:

"Há treze anéis de cabelos de um e outro lado da cabeça [isto é, seis de um lado e seis do outro, sendo que o décimo terceiro é também o décimo quarto, por ser macho-fêmea]; ... e entre eles principia a divisão dos cabelos [a divisão das coisas, da humanidade e das raças]." [115]

"Nós *seis* somos as luzes que emanam de uma *sétima* (luz)", dizia o Rabino Abba; *"tu és a sétima luz"* — a síntese de todos nós — acrescentou ele, falando do Tetragrammaton e de seus sete "companheiros", a quem chamou "os olhos do Tetragrammaton" [116].

O TETRAGRAMMATON é Brahmâ Prajâpati, que assumiu *quatro* formas a fim de criar quatro classes de seres *superiores,* isto é, que se fez *quádruplo,* ou o Quaternário manifestado [117]; depois do que renasceu nos *sete* Rishis, seus Mânasaputras, "Filhos nascidos da Mente", que mais tarde passaram a ser nove, vinte e um, e assim por diante, dizendo-se que todos surgiram de diferentes partes do corpo de Brahmâ [118].

---

do Espírito que desce e na Matéria que sobe; é o inverso do que sucede — à semelhança de um espelho que reflete do lado esquerdo o lado direito — em nosso Manvantara atual. Ocorre o mesmo, esotericamente, no *Gênesis eloísta* (Cap. I) e na versão jeovista, assim como na cosmogonia hindu.

(115) *Op. cit.,* vers. 70, 71, 80; *The Kabbalah Unveiled,* S. L. MacGregor Mathers, págs. 120 e 121.

(116) "A Santa Assembléia Maior", v. 1.160 (*Ibid.,* pág. 255).

(117) Veja-se o *Vishnu Purâna,* I, V.

(118) É deveras surpreendente ver teólogos e eruditos orientais manifestarem indignação pelo "gosto depravado" dos místicos hindus, que, não se contentando com haver "inventado" os Filhos nascidos da Mente de Brahmâ, fazem surgir Rishis, Manus e Prajâpatis, os mais variados, *de diferentes partes do corpo* de seu Progenitor primordial, Brahmâ (veja-se a nota de Wilson em seu *Vishnu Purâna,* I, 102). Porque o público em geral não conhece a *Cabala,* chave e glossário dos obscuros e "velados" Livros Mosaicos, imaginou o clero que a verdade jamais viria à luz do dia. Quem quer que consulte os textos ingleses, hebreus ou latinos da *Cabala,* hoje tão bem traduzida por vários eruditos, verá que o Tetragrammaton, que é o IHVH hebreu, também é a "Árvore Sephirothal" — isto é, contém todos os Sephirots, exceto Kether, a coroa — e o corpo unido do Homem Celeste (Adão Kadmon), de cujos membros emana o Universo e tudo o que nele existe. Verá ainda que a idéia dominante nos Livros Cabalísticos, dos quais os mais importantes, no *Zohar,* são o "Livro do Mistério Oculto" e os da "Santa Assembléia Maior" e da "Santa Assembléia Menor", é inteiramente fálica, estando expressa com muito mais crueza do que o quádruplo Brahmâ em qualquer dos *Purânas* (veja-se *The Kabbalah Unveleid,* de S. L. MacGregor Mathers, cap. XII, "The Lesser Holy Assembly", em relação aos membros restantes do Microposopo). Porque esta "Árvore da Vida" é também a "Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal", cujo mistério principal é o da procriação humana. É um erro julgar que a *Cabala* explica os mistérios do Cosmos ou da Natureza; só explica e desvela algumas alegorias da *Bíblia,* e *é mais esotérica* que esta última.

Há dois Tetragrammatons: o Macroposopo e o Microposopo. O primeiro é o Quadrado perfeito absoluto, ou o Tetraktys dentro do Círculo, dois conceitos abstratos, e é por isso chamado Ain-Não-ser, isto é, a "Asseidade" ilimitada e absoluta. Mas em seu aspecto de Microposopo, ou de Homem Celeste, de Logos Manifestado, é o Triângulo no Quadrado — o Cubo *sétuplo,* não o quádruplo ou o simples Quadrado. Com efeito, está escrito no livro "A Santa Assembléia Maio":

"E a este respeito os filhos de Israel desejavam perscrutar os seus corações [sondar as suas mentes], a ver se encontrava resposta para a seguinte pergunta do *Exodo,* XVIII, 7: 'Está o Tetragrammaton no meio de nós, ou é o Uno Existente Negativamente?' ",[119]

Onde é que eles faziam distinção entre o Microposopo, chamado Tetragrammaton, e o Macroposopo, chamado Ain, o Existente Negativamente? [120]

O Tetragrammaton é, portanto, os TRÊS feito quatro, e o QUATRO feito três, e se acha representado nesta Terra por seus sete "Companheiros" ou "Olhos" — os "sete olhos do Senhor". O Microposopo, além do mais, não é senão uma Divindade *secundária* manifestada. Lê-se em outro trecho de "A Santa Assembléia Maior":

"Ficamos sabendo que *havia dez Rabinos* [Companheiros] que entraram na (Assembléia) [o Sod, 'assembléia misteriosa ou mistério], e que *sete* saíram [121] [isto é, *dez* para o Universo não manifestado e *sete* para o manifestado].

1158. E quando o Rabi Simeão revelou os Arcanos não estavam presentes senão aqueles [sete] (*companheiros*). E o Rabi Simeão os chamou os sete olhos do Tetragrammaton, como está escrito em *Zacarias,* III, 9: 'São os sete olhos [ou princípios] do Tetragrammaton' [isto é: o quádruplo Homem Celeste, ou Espírito puro, se resolve em homem setenário, Matéria e Espírito puros]." [122]

De modo que a Tétrade é o Microposopo, e este é o Chokmah-Binah macho-fêmea, o segundo e o terceiro Sephiroth. O Tetragrammaton é a essência mesma do número *sete,* em seu significado terrestre. O sete está entre o quatro e o nove — a base e fundamento, do ponto de vista astral, do nosso mundo físico e do homem físico, no reino de Malkuth.

Para os Cristãos e crentes, aquela referência a *Zacarias* e especialmente à *Epístola de Pedro* [123] devia ser concludente. No simbolismo antigo, o "homem", principalmente o Homem Espiritual Interno, é chamado "pedra". Cristo é a pedra fundamental, e Pedro menciona todos os homens como pedras "animadas" (vivas). Uma "pedra com sete olhos" só pode significar, portanto, um homem cuja constituição (isto é, os "princípios") é setenária.

(119) Simplificado na *Biblia* inglesa como "O Senhor (!!) está entre nós ou não está?"

(120) Versículo 83; *op. cit.,* pág. 121.

121 Freqüentemente os tradutores substituem a palavra "Companheiro" (Anjo, e também Adepto) por "Rabino", o mesmo acontecendo com os Rishis, que são chamados Gurus. O *Zohar* é, se possível, mais oculto que o *Livro de Moisés;* para ler o "Livro do Mistério Oculto" é preciso conhecer as chaves, que se encontram no verdadeiro *Livro dos Números* caldeu, o qual não é dado ao público.

(122) Versículos 1152, 1158-9; *op. cit.,* pág. 254.

(123) I *Pedro,* II, 4-5.

Para realçar com mais clareza a ocorrência do número sete na Natureza, podemos acrescentar que, não só o sete governa a periodicidade dos fenômenos da vida, mas o vemos ainda dominando as séries dos elementos químicos, e reinando igualmente no mundo dos sons e das cores, como nô-lo revela o espectroscópio. Esse número é o fator, *sine qua non*, na produção de fenômenos astrais e ocultos.

Por exemplo, se ordenarmos os elementos químicos em grupos segundo o peso atômico, veremos que formam uma série de sete filas, e que o primeiro, o segundo, etc., de cada fila, guardam uma estreita analogia, em *todas* as suas propriedades, com os elementos correspondentes da fila seguinte.

A seguinte tábua [124], copiada de *Magie der Zahlen*, de Hellenbach, e corrigida, é uma exposição dessa lei, e confirma plenamente as conclusões expressas pelo autor nas seguintes palavras:

"Vemos que a variedade química, quanto nos é dado penetrar em sua natureza íntima, depende de relações numéricas, e, por outra parte, encontramos nessa variedade uma lei diretora, cuja causa não sabemos qual seja; e observamos uma lei de periodicidade regida pelo número *sete*."

Linhas	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Grupo V	Grupo VI	Grupo VII	
	H 1							
1	Li 7	Be 9'3	B 11	C 12	N 14	O 16	F 19	—
2	Na 23	Mg 24	Al 27'3	Si 28	P 31	S 32	Cl 35,4	—
3	K 39	Ca 40	Sc 44	Ti 48	V 51	Cr 52,4	Mn 54,8	Fe 56 Co 58,6 Ni 58 Cu 63,3
4	Cu 63'3	Zu 65	Ga 68'2	Ge 72	As 75	Se 78	Br 79,5	—
5	Rb 85'2	Sr 87'2	Y 89'5	Zr 90	Nb 94	Mo 96	— 100	Ru 103 Rh 104 Pd 106 Ag 107,6
6	Ag 107'6	Cd 111'6	In 113'4	Sn 118	Sb 122	Te 125	I 126,5	—
7	Cs 132'5	Ba 136'8	La 139	Ce 140	Di 144	—	—	—
8	—	—	—	—	—	—	—	—
9	—	—	Er 170	—	Ta 182	W 184	—	Os 196 Ir 196,7 Pt 196,7 Au 197
10	Au 197	Hg 200	Tl 204	Ph 206	Bi 206	—	—	

O oitavo elemento desta lista é, por assim dizer, a *oitava* do primeiro, a nona do segundo, e assim por diante. Cada elemento tem propriedades quase idênticas às do elemento correspondente em cada uma das sete filas, fenômeno que acentua a lei setenária de periodicidade. Para maiores esclare-

(124) Tábua da classificação periódica dos Elementos, de Mendeleef. (Veja-se uma tábua mais completa nas Notas Adicionais.)

cimentos, enviamos o leitor à obra de Hellenbach, ou a outro tratado de química mineral, em que se mostra também que esta classificação é confirmada pelas propriedades espectroscópicas peculiares aos elementos.

É inútil citar em pormenor o número de vibrações que constituem as notas da escala musical; ela é estritamente análoga à escala dos elementos químicos, assim como à escala das cores, conforme as desenvolve o espectroscópio, se bem que neste último caso só tenhamos *uma* oitava a considerar, ao passo que tanto na música como na química vemos uma série de *sete* oitavas representadas teoricamente, das quais *seis* estão bem completas e são de uso ordinário nas duas ciências. Assim é que, para citar Hellenbach:

"Ficou estabelecido, do ponto de vista da lei fenomenal, sobre que se baseia todo o nosso conhecimento, que as vibrações do som e da luz aumentam de modo regular; que se dividem em *sete colunas*, estando os números sucessivos de cada coluna estreitamente relacionados entre si; isto é, que mostram uma íntima relação, a qual não só os algarismos exprimem, mas a confirma a prática, assim na química como na música, sendo que nesta última o ouvido sanciona o veredicto dos números... A circunstância de que semelhante periodicidade e variedade são governadas pelo número *sete* não pode ser negada, e vai muito além dos limites de uma simples coincidência ou casualidade, devendo admitir-se que tem uma causa adequada, que cumpre descobrir."

É que, em verdade, como diz o Rabi Abbas:

"Nós somos seis luzes que promanam de uma sétima (luz): tu [o Tetragrammaton] és a sétima luz (a origem de) todos nós.

Porque certamente não há estabilidade nestas seis, exceto (*o que lhes vem*) da sétima. Porque todas as coisas dependem da sétima." [125]

Os Zuñis, índios da América ocidental, antigos e modernos, parece que tinham opiniões semelhantes. Seus atuais costumes, tradições e reminiscências indicam que, em tempos imemoriais, suas instituições políticas, sociais e religiosas foram baseadas no princípio setenário, e ainda o são. Todas as suas antigas cidades e aldeias eram construídas em grupos de seis ao redor de uma sétima. Havia sempre um grupo de sete ou de treze, e sempre os seis rodeando o sétimo. Sua hierarquia sacerdotal também se compunha de seis "Sacerdotes da Casa", aparentemente sintetizados no sétimo, que era uma mulher, a "Sacerdotisa-Mãe". Compare-se isto com os "sete grandes sacerdotes oficiantes" de que fala o *Anugita*, nome dado aos "sete sentidos", exotericamente. De onde vem essa identidade de simbolismo? Duvidaremos ainda de que Arjuna tivesse ido a Pâtâla, os Antípodas, a América, e ali se casasse com Ulûpi, filha do rei Nâga, ou melhor, Nargal? Mas voltemos aos sacerdotes dos Zuñis.

Estes recebem até hoje um tributo anual em trigo de sete cores. Não se distinguem dos demais índios durante o resto do ano; mas certo dia saem — seis sacerdotes e uma sacerdotisa — revestidos de suas roupas sacerdotais, cada qual da cor consagrada ao Deus particular, a quem o sacerdote serve e que personifica; cada um deles representa uma das sete regiões, e recebe o

(125) "A Santa Assembléia Maior", vers. 1160, 1161; *op. cit.*, pág. 255 (*The Kabbalah Unveiled*).

grão que corresponde a essa região. Assim, o branco representa o Este, porque é do Oriente que vem a primeira luz do Sol; o amarelo corresponde ao Norte, devido à cor das chamas produzidas pela Aurora Boreal; o vermelho ao Sul, porque é o lado de onde vem o calor; o azul representa o Oeste, por ser a cor do Oceano Pacífico, que se encontra no Oeste; o negro é a cor das regiões inferiores subterrâneas — a escuridão; o trigo com grãos de todas as cores na espiga representa as cores das regiões superiores — do firmamento com suas nuvens róseas e amarelas, suas estrelas resplandecentes, etc. O trigo "mosqueado", contendo cada grão todas as cores, é o da "Sacerdotisa-Mãe" — porque a mulher encerra em si as sementes de todas as raças passadas, presentes e futuras, sendo Eva a mãe de todas as criaturas que vivem.

Por sobre tudo isso estava o Sol, a Grande Divindade, cujo sacerdote era o chefe espiritual da nação.

Tais fatos foram verificados por Mr. F. Hamilton Cushing, que, como se sabe, viveu no meio dos Zuñis e se tornou um deles, tendo-se iniciado nos mistérios da sua religião e aprendido sobre eles mais do que qualquer outra pessoa viva na época atual.

O sete é também o grande número mágico. Nas Tradições Ocultas, diz-se que o Agneyastra, ou "arma de fogo" dado por Aurva ao seu chela Sagara — e a que se referem os *Purânas* e o *Mahâbharata* — foi construído com sete elementos. Essa arma, que alguns orientalistas engenhosos supõem ter sido um "foguete" (!), é um dos muitos espinhos encravados nas costas dos nossos modernos sanscritistas. Wilson exercita sua perspicácia neste ponto, em várias páginas de seu livro *Specimens of the Hindu Theatre*, e afinal não consegue dar uma explicação. Não pôde ele chegar a nenhuma conclusão positiva a respeito do Agneyastra, limitando-se a dizer:

"Estas armas são de um caráter completamente ininteligível. Algumas delas são às vezes armas de arremesso; mas, em geral, parecem ser poderes místicos exercidos pelo indivíduo — tais como os de paralisar um inimigo ou mergulhar os seus sentidos em profundo sono, ou provocar uma tempestade, fazer cair chuva e fogo do céu...[126]. Supõe-se que tomam formas celestes, dotadas de faculdades humanas... O *Râmâyana* os chama os filhos de Krishâshva." [127]

Os Shastra-devatâs, "Deuses das armas divinas", não são Agneyâstras, como os artilheiros modernos não são os canhões que manejam. Mas esta solução tão simples parece que não ocorreu ao eminente sanscritista. Contudo, segundo ele próprio diz ao falar da progênie, com forma de arma, de Krishâshva, "a origem alegórica das armas (Agneyâstra) é, indubitavelmente, a mais antiga" [128]. É a azagaia de fogo de Brahmâ.

O Agneyâstra sétuplo, assim como os sete sentidos e os sete princípios, simbolizados pelos sete sacerdotes, são de incalculável antiguidade.

Na Seção seguinte trataremos da antiguidade da doutrina aceita pelos Teósofos.

---

(126) Veja-se o Vol. III.

(127) *Op. cit.*, I, 297, segunda edição.

(128) Assim é. Mas os Agneyâstras são "armas de arremesso" de fogo, e não armas "de gume", pois há uma certa diferença, em sânscrito, entre Shastra e Astra.

F

AS SETE ALMAS DOS EGIPTÓLOGOS

Quem examinar esses dois grandes repositórios de informações que são *The Natural Genesis* e *Lectures*, de Gerald Massey, verá que superabundam as provas da antiguidade da doutrina que analisamos. Com ser divergente da nossa a crença do autor, não ficam alterados os fatos em sua validade. Ele estudou os símbolos de um ponto de vista puramente natural, talvez demasiado materialista, por ser um ardoroso Evolucionista e partidário dos modernos dogmas darwinistas. Declara assim que:

"O estudante dos livros de Boehme encontra neles muitas referências a estes Sete "Espíritos-Fontes", os poderes primordiais, considerados como sete propriedades da Natureza na fase alquímica e astrológica dos mistérios da Idade Média...

Os discípulos de Boehme encaram essas questões como o resultado de uma revelação divina do Vidente inspirado. Nada sabem da gênese natural, da história e persistência da "Sabedoria" [129] do passado (ou dos elos perdidos), e não podem reconhecer os traços físicos dos "Sete Espíritos" antigos sob a sua máscara moderna, metafísica ou alquímica. Um segundo ponto de contato entre a teosofia de Boehme e as origens físicas do pensamento egípcio se encontra nos fragmentos de *Hermes Trismegisto* [130]. Não importa que tais ensinamentos sejam classificados como iluministas, budistas, cabalistas, gnósticos, maçônicos ou cristãos; os tipos elementares só podem ser verdadeiramente conhecidos em seus primórdios [131] Quando os profetas ou visionários do mundo das nuvens pretendem dizer-nos algo de novo, inculcando-se uma inspiração original, nós julgamos o seu valor pelo que é em si mesmo. Mas, se verificamos que apenas reeditam coisas antigas que não podem explicar, e nós podemos, é natural que as julguemos por sua primitiva significação, e não segundo o que se pretende por último [132]. É inútil interpretar o nosso pensamento recente de acordo com a maneira antiga de o expressar, e depois pretender que os antigos queriam dizer isto[133]! As interpretações sutis, que se converteram em doutrinas e dogmas da Teosofia, têm que ser postas à

---

(129) No entanto, há quem possa conhecer algo destas coisas, fora das linhas do autor, por mais amplas que sejam, como é incontestável.

(130) Este ponto de contato, como também outros, foi assinalado pela autora nove anos antes da publicação da obra citada no texto — isto é, em *Isis sem Véu*, livro que apresenta inúmeros pontos de contato semelhantes, entre o pensamento antigo, o de Idade Média e o moderno, mas que, infelizmente, foi editado com muito pouco cuidado.

(131) Sim, mas como pode o erudito autor provar que tais "primórdios" ocorreram precisamente no Egito, e não em outra parte, e há 50.000 anos somente?

(132) Exatamente; e é isto o que fazem os Teósofos. Nunca pretenderam ter recebido uma "inspiração original", nem mesmo a que os médiuns se atribuem; mas sempre assinalaram, e o fazem ainda, a "significação primordial" dos símbolos encontrados em outros países ainda mais antigos que o Egito; significações que promanam, aliás, de uma Hierarquia (ou Hierarquias, se o preferirem) de Homens Sábios *vivos* — mortais a despeito desta Sabedoria — que refugam tudo o que tende ao *sobrenatural*.

(133) Mas, onde a prova de que os antigos não quiseram significar precisamente o que dizem os teósofos? Existem registros do que declaravam aqueles assim como há registros das afirmações de Mr. Gerald Massey. Suas interpretações, sendo corretas, não deixam, contudo, de ser parciais. Seguramente, a Natureza possui mais de um *aspecto* físico, pois a Astronomia, a Astrologia, etc., pertencem todas ao plano físico, e não ao plano espiritual.

prova por sua gênese nos fenômenos físicos, a fim de que possamos demonstrar a falsidade de suas pretensões a uma origem e conhecimentos sobrenaturais." [134]

Mas, com grande satisfação para nós, o sábio autor de *The Book of the Beginnings* e de *The Natural Genesis* faz precisamente o contrário. Ele demonstra de modo decisivo os nossos ensinamentos esotéricos (budistas), provando que são idênticos aos do Egito. Que o leitor julgue por sua conferência sobre "As Sete Almas do Homem" [135]. Diz o autor:

"A primeira forma do Sete místico considera-se figurada no céu pelas sete grandes estrelas da *Ursa Maior*, a constelação consagrada pelos egípcios à Mãe do Tempo e dos Sete Poderes Elementais." [136]

Está certo; pois os hindus colocam seus sete Rishis primitivos na Ursa Maior, e dizem que esta constelação é a mansão dos Saptarishi, Riksha e Chitrashikhandinas. E os seus Adeptos pretendem saber se se trata de um simples mito astronômico ou de um mistério primordial, com um significado mais profundo do que se imagina.

Acrescenta o autor que:

"Os egípcios dividiam a face do céu, durante a noite, em sete partes. O céu primitivo era sétuplo." [137]

Sucedia o mesmo entre os Arianos. Basta ver, a esse respeito, o que dizem os Purânas sobre as origens de Brahmâ e seu Ovo. Teriam, pois, os Arianos recebido essa idéia dos egípcios? Mas, continua dizendo o conferencista:

"As primeiras forças reconhecidas da Natureza eram calculadas em número de sete. Converteram-se em sete Elementais, demônios [?], ou, mais tarde, divindades. Sete propriedades foram atribuídas à Natureza — matéria- coesão, fluência, coagulação, acumulação, posição e divisão — e *sete elementos ou almas ao homem*." [138]

Ensinava-se tudo isso na Doutrina Esotérica. Mas a sua interpretação e a revelação dos Mistérios faziam-se com a ajuda de *sete* chaves, conforme dissemos, e não de duas ou três, no máximo; e por isso as causas e seus efeitos atuavam na Natureza invisível ou mística tanto quanto na Natureza psíquica, e aplicavam-se à Metafísica e à Psicologia, assim como à Fisiologia. Segundo diz o autor:

(134) *The Natural Genesis*, I, 318. É de crer que Mr. Massey não tenha logrado êxito. Nós temos os nossos partidários, como ele tem os seus; e a Ciência Materialista se interpõe, fazendo pouco caso tanto de suas especulações como das nossas.

(135) A circunstância de que este sábio egiptólogo não reconheça na doutrina das "Sete Almas", como ele chama os nossos "Princípios", ou "*conceitos* metafísicos", nada mais que "a biologia ou fisiologia primitiva da alma, não invalida o nosso argumento. O conferencista toca apenas em duas chaves, as que descerram os mistérios astronômicos e fisiológicos do esoterismo, e deixa fora as outras cinco. De outro modo houvera compreendido em seguida que o que ele chama de divisões fisiológicas da Alma vivente do homem são consideradas pelos Teósofos como sendo também psicológicas e espirituais.

(136) *Op. cit.*, pág. 2.

(137) *Ibid., loc. cit.*

(138) *Ibid., loc. cit.*

"Introduziu-se o princípio de *setuplicar*, por assim dizer, e o número sete deu um módulo sagrado *que podia empregar-se para objetivos múltiplos.*" [139]

E assim era empregado; pois:

"As sete almas dos Faraós são freqüentemente mencionadas nos textos egípcios... *Sete almas ou princípios foram identificados no homem pelos nossos Drúidas da Grã Bretanha*... Os Rabinos também elevavam a sete o número das almas; e outro tanto fazem os karens da Índia." [140]

Em seguida, formula o autor, com alguns erros de ortografia, um quadro dos dois ensinamentos, o Esotérico e o Egípcio, mostrando que este último obedecia à mesma série e à mesma ordem.

[Esotérico] Indiano	Egípcio
1. Rûpa, corpo ou elemento da forma	1. Kha, corpo
2. Prâna, o alento da vida	2. Ba, a alma do sopro
3. Corpo Astral	3. Khaba, a sombra
4. Manas, ou a inteligência [141]	4. Akhu, a inteligência ou percepção
5. Kâma Rupa, ou a alma animal	5. Seb, a alma ancestral
6. Buddhi, ou a Alma espiritual	6. Putah, o primeiro pai intelectual
7. Atmâ, o Espírito puro	7. Atmu, a Alma divina ou eterna [142]

Mais adiante o conferencista assim enumera estas sete Almas (egípcias):

1. A Alma do Sangue — a *formativa;*
2. A Alma do Alento — a que *respira*;
3. A Sombra ou Cobertura da Alma — a que *envolve;*
4. A Alma da Percepção — a que *percebe;*
5. A Alma da Pubescência — a que *procria;*
6. A Alma Intelectual — a que *reproduz intelectualmente;*
7. A Alma Espiritual — a que *se perpetua em caráter permanente.*

Do ponto de vista exotérico e fisiológico, pode isso estar muito certo; não assim do ponto de vista esotérico. Afirmá-lo não significa de modo algum que os "Budistas Esotéricos" *reduzam o homem a um certo número de Espíritos elementares,* conforme a increpação de Mr. Gerald Massey na citada conferência. Nenhum "Budista Esotérico" incorreu jamais em semelhante

(139) *Ibid., loc. cit.*

(140) *Ibid.*, pág. 4.

(141) Há um grande erro nesta enumeração esotérica. Manas é o quinto, não o quarto; e Manas corresponde precisamente a Seb, o quinto princípio egípcio, pois aquela parte de Manas que segue os dois princípios superiores é a alma hereditária, ou, verdadeiramente, o fio brilhante, imortal, do Ego superior, ao qual adere o aroma espiritual de todas as vidas ou nascimentos.

(142) *Ibid.*, pág. 2.

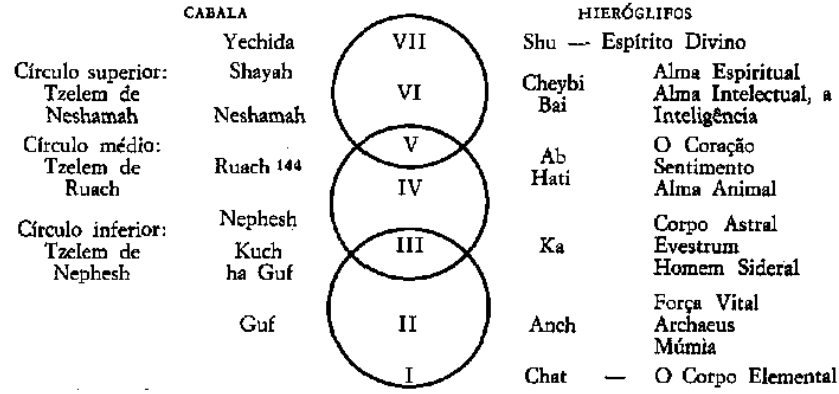
absurdo. Nunca se imaginou tão pouco que estas sombras "se convertessem em seres espirituais em outro mundo" ou em "sete espíritos ou elementares potenciais em outra vida". O que se sustenta é simplesmente que, cada vez que o Ego imortal se encarne, passa ele, como um todo, a ser uma unidade composta de Matéria e Espírito, os quais atuam juntos nos sete diferentes planos do ser e da consciência.

Em outra parte diz ainda Mr. G. Massey:

"As sete almas [os nossos "princípios"] são freqüentes vezes mencionadas nos textos egípcios. O deus lunar, Tath-Esmun, ou o deus solar ulterior, exprimia os sete poderes da natureza que lhe eram anteriores e que nele estavam resumidos em suas sete almas [nós dizemos "princípios"]... As sete estrelas na mão de Cristo, do *Apocalipse*, têm a mesma significação." [143]

E uma significação ainda maior, porque estas estrelas também representam as *sete chaves* das Sete Igrejas, ou os MISTÉRIOS SODALIANOS — cabalisticamente. Contudo, não nos deteremos em discutir; mas devemos acrescentar que outros egiptólogos descobriram igualmente que a constituição setenária do homem era uma doutrina cardeal entre os antigos egípcios. Em uma série de artigos notáveis publicados no *Sphinx*, de Munich, Herr Franz Lambert apresenta provas irrefutáveis de suas conclusões acerca do *Livro dos Mortos* e de outros documentos egípcios. O leitor verá os pormenores nos próprios artigos; mas o seguinte diagrama, que resume aquelas conclusões, demonstra à evidência a identidade da Psicologia egípcia com a divisão setenária do *Budismo Esotérico*.

À esquerda estão dispostos os nomes cabalísticos dos correspondentes princípios humanos, e à direita os nomes hieroglíficos com a sua tradução, tal como se vê no diagrama de Franz Lambert.



(143) - *Ibid.*, págs. 2, 3.

(144) Parece existir uma confusão, que vem durando há muitos séculos, no espírito dos cabalistas ocidentais. Chamam *Ruach* (Espírito) ao que nós chamamos *Kâma Rûpa*, quando para nós Ruach seria a Alma Espiritual, Buddhi, e Nephesh o quarto princípio, a Alma-Vital, animal. Eliphas Lévi incide no mesmo erro.

Temos aí uma boa representação do número dos "princípios" do Ocultismo, ainda que sobremodo confusa; é o que nós chamamos os sete "princípios" do homem, e o que Mr. Massey chama "almas", dando ao Ego ou à Mônada que reencarna e "ressuscita", por assim dizer, em cada nascimento, o mesmo nome que lhe davam os antigos egípcios, a saber: o "Renovado". Mas, como pode Ruach (o Espírito) alojar-se no Kâma-Rûpa? Que diz Boehme, o príncipe de todos os videntes da Idade Média?

"Encontramos sete propriedades especiais na Natureza, por meio das quais esta Mãe única executa todas as coisas" — [as quais ele chama fogo, luz, som (as três superiores) e *desejo, amargura, angústia e substancialidade* (analisando assim as inferiores segundo o seu próprio método místico)] o é essencialmente. Estas são as sete formas da Mãe de todos os Seres, de onde se gera tudo o que existe neste mundo." [145]

E mais:

"O Criador gerou-se a si mesmo, por assim dizer, *sob a forma de criatura,* no corpo deste mundo, em seus Espíritos qualificadores ou Fundamentais; e todas as estrelas são... os poderes de Deus, e todo o corpo do mundo se compõe dos sete espíritos qualificadores ou fundamentais." [146]

É a versão em linguagem mística de nossa doutrina teosófica. Mas não podemos estar de acordo com Mr. Gerald Massey quando diz que:

"As sete Raças de Homens que foram sublimadas e feitas Planetárias [?] pelo Budismo Esotérico [147] podem ser encontradas no Bundaísmo como: 1) os homens da terra; 2) os homens da água; 3) os homens com ouvidos no peito; 4) os homens com olhos no peito; 5) os homens de uma perna; 6) os homens com asas de morcego; 7) os homens com cauda." [148]

Cada uma destas descrições alegóricas, e até corrompidas em sua última *forma, é um eco do ensinamento da Doutrina Secreta. Todas se referem* à evolução pré-humana dos "Homens aquáticos, terríveis e maus", pela Natureza *sem ajuda,* durante milhões de anos, conforme mostramos anteriormente. Contestamos, porém, de maneira categórica, a afirmação de que "estas nunca foram raças reais", e, como resposta, invocamos as Estâncias Arcaicas. É fácil dizer e pretender que os nossos "instrutores confundiram estas sombras do Passado com coisas humanas e espirituais"; mas "que não sejam nem isto nem aquilo, e que nunca o foram" é menos fácil de provar. Tal assertiva deve emparelhar-se com a pretensão darwinista de que o homem e o símio tiveram como ancestral comum um pitecóide. O que o conferencista toma por "um modo de expressão" e nada mais, no *Ritual* egípcio, nós consideramos que encerra um sentido inteiramente diverso e sobremodo importante. Eis aqui um exemplo. Lê-se no *Ritual,* ou *Livro dos Mortos*:

---

(145) *Signatura Rerum,* XIV, págs. 10, 14, 15; *The Natural Genesis,* I, 317.

(146) *Aurora,* XXIV, 27

(147) Eis realmente uma novidade! Receamos que o conferencista jamais se tenha dado ao trabalho de ler o *Budismo Esotérico,* antes de fazer-lhe a crítica. Há muitos erros como este nas observações de Mr. G. Massey sobre a citada obra.

(148) "The Seven Souls of Men", págs. 26, 27.

"Eu sou o rato". "Eu sou o falcão". "Eu sou o macaco"... *"Sou o crocodilo cuja alma vem dos HOMENS"... Sou a alma dos Deuses"*. [149]

A penúltima frase é explicada pelo conferencista, que diz entre parênteses: *"Isto é, como tipo da inteligência"*; e a última como significado: "o Hórus, ou Cristo, como o resultante de tudo".

O ensinamento Oculto responde: significa muito mais.

Em primeiro lugar, é uma corroboração do ensinamento de que, enquanto na Primeira Ronda a Mônada humana passou, no Globo A e nos demais, através de todos os três reinos — mineral, vegetal e animal —, na presente Quarta Ronda todos os mamíferos surgiram do Homem, se é que a criatura semi-etérea e multiforme, que encerrava a Mônada *humana,* das duas primeiras Raças, pode ser considerada como Homem. Convém, todavia, dar-lhe este nome, visto que na linguagem esotérica não é a forma de carne, sangue e ossos, agora chamada homem, o verdadeiro HOMEM, e sim a MÔNADA divina interna, com seus múltiplos princípios ou aspectos.

Apesar de tudo, o conferencista a que aludimos, ainda que contrarie o *Budismo Esotérico* e seus ensinamentos, não deixa de ser uma resposta eloqüente àqueles que tentaram apresentar tudo isso como uma doutrina recentemente inventada. E eles são numerosos, na América, na Europa e até na Índia. Sem embargo, entre o Esoterismo dos antigos Arhats e o que sobreviveu até os nossos dias, na Índia, entre os raros brâmanes que se dedicaram seriamente ao estudo de sua Filosofia Secreta, a diferença não parece ser tão grande. Ela parece concentrar-se e limitar-se na questão da ordem da evolução dos princípios cósmicos e outros, mais do que em qualquer outra coisa. Em todo caso, não é uma divergência maior que a suscitada pela eterna questão *filioque,* que desde o século VIII tem separado a Igreja Católica Romana da Igreja Grega do Oriente, mais antiga. Sejam quais forem as diferenças de forma na apresentação da doutrina setenária, a substância está ali; e sua presença e importância no sistema bramânico podem ser aferidas pelo que diz um dos sábios metafísicos e eruditos vedantinos da Índia:

"A Classificação sétupla verdadeiramente esotérica é uma das mais importantes, senão a mais importante, que deve o seu ordenamento à misteriosa constituição deste tipo eterno. A esse respeito posso também dizer que a classificação quádrupla pretende a mesma origem. A luz da vida parece, por assim dizer, refratada pelo prisma de três faces de Prakriti, sendo estas faces os três Gunas, e dividida em sete raios, que no curso do tempo desenvolvem os sete princípios da classificação. O progresso do desenvolvimento apresenta alguns pontos de semelhança com a propagação gradual dos raios do espectro. Ao passo que a classificação quádrupla é mais do que suficiente para os fins práticos, esta verdadeira classificação sétupla tem uma grande importância teórica e científica. É necessário adotá-la para explicar certa classe de fenômenos observados pelos Ocultistas, e talvez seja mais adequada para servir de base a um sistema perfeito de psicologia. Ela não é propriedade exclusiva da "Doutrina Esotérica trans-himalaica". Tem, com efeito, maior relação com o Logos bramânico que com o Logos budista. Para explicar mais claramente, direi que o Logos tem sete formas. Em outras palavras, há sete classes de Logos no Cosmos. Cada um deles tornou-se a figura central de um dos sete ramos principais da antiga Religião de Sabedoria. Esta classificação não é a classificação sétupla que adotamos. Afirmo isto sem o menor receio de contradição. A classificação genuína possui todos os requisitos de uma classificação científica. Compreende sete princípios

(149) *Ibid.*, pág. 26.

distintos, que correspondem aos sete estados diferentes de Prajnâ ou da consciência. Lança uma ponte sobre o abismo que separa o objetivo do subjetivo, e indica o circuito misterioso por que passa a ideação. Os sete princípios estão aliados a sete estados de matéria e a sete modos de força. Estes princípios acham-se harmoniosamente ordenados entre dois pólos, que definem os limites da consciência *humana*." [150]

Tudo isso está perfeitamente certo, salvo talvez num ponto. A "classificação setenária" do Sistema Esotérico nunca foi apresentada (que a autora saiba) por nenhum de seus seguidores como sendo "propriedade exclusiva da Doutrina Esotérica Trans-himalaica", mas simplesmente como tendo sobrevivido a essa antiga Escola. Não é propriedade da Doutrina Esotérica Trans-himalaica, como não o é da Doutrina Esotérica Cis-himalaica; e sim a herança comum de todas as Escolas semelhantes, deixada aos Sábios da Quinta Raça-Raiz pelos grandes Siddhas [151] da Quarta. Recordemos que os Atlantes se converteram nos terríveis feiticeiros, a que deram fama tantos manuscritos antigos da Índia, só quando se aproximaram da época de sua "Queda", que foi a causa da submersão de seu Continente. Apenas se diz que a Sabedoria transmitida pelos "Seres Divinos" — nascidos por obra dos poderes de *Kriyâshakti* da Terceira Raça, antes da sua Queda e da separação de sexos — aos Adeptos dos primeiros tempos da Quarta Raça foi preservada em toda a sua prístina pureza em uma certa Fraternidade. Achando-se esta Escola ou Fraternidade estreitamente relacionada com certa ilha de um mar interior — em cuja existência crêem tanto os hinduístas como os budistas, sendo, porém, considerada "mítica" pelos geógrafos e orientalistas —, quanto menos se falar dela mais prudente será. Tão pouco se pode admitir que a mencionada "classificação sétupla" tenha "uma relação mais estreita com o Logos bramânico do que com o Logos budista", pois que são ambos idênticos, quer o Logos se chame Ishvara ou Avalokiteshvara, Brahmâ ou Padmapâni. Não se trata senão de diferenças insignificantes, mais imaginárias que reais. O Brahmanismo e o Budismo, considerados ambos em seus aspectos ortodoxos, são tão opostos e irreconciliáveis quanto a água e o azeite. Entretanto, cada uma dessas duas grandes corporações tem um ponto vulnerável em sua constituição. Ao passo que, mesmo em sua interpretação esotérica, ambas se põem de acordo só para discordarem entre si, vê-se que, ao serem comparados os seus pontos vulneráveis, toda discordância desaparecerá, pois uma e outra se encontrarão em terreno comum. O "calcanhar de Aquiles" do Brahmanismo ortodoxo é a filosofia Advaíta, cujos partidários os devotos classificam de "Budistas disfarçados"; e o do Budismo ortodoxo é o Misticismo do Norte representado pelos discípulos das filosofias da Escola Yogâchârya de Aryâsangha e da Mahâyâna, aos quais os seus correligionários irrogam a eiva de

(150) The Theosophist, 1887 (Madras), pág. 705, 706; e *Esoteric Writings of Subba Row*, pag. 296, Bombaim, 1895.

(151) Segundo o *Shvetâshavara-Upanishad* (Cap. I, versículos 3, 5, 7) Siddhas são os que possuem, desde o nascimento, poderes "sobre-humanos", e também "conhecimento e indiferença para com o mundo". No entanto, conforme os ensinamentos Ocultos, os Seiddhas são Nirmânakayas ou "espíritos" (no sentido de espírito individual ou *consciente*) de grandes Sábios procedentes de esferas de um plano superior ao nosso, os quais se encarnam voluntariamente em corpos mortais para ajudar a raça humana em seu progresso ascendente. Daí a razão de seus conhecimentos, sabedoria e poderes inatos.

"Vedantinos disfarçados". A filosofia esotérica de ambos não podem ser senão uma só, quando comparadas e analisadas atentamente, porque Gautama Buddha está intimamente relacionado com Shankarâchârya, a dar-se crédito à tradição e a certos ensinamentos esotéricos. Verifica-se deste modo que as diferenças entre os dois são mais de forma que de substância.

No *Anugîta* pode-se ver um discurso repassado de misticismo e de simbologia setenária [152]. Ali o brâmane descreve a bem-aventurança do que transpôs a fronteira do país da ilusão:

"Em que as fantasias são os moscões e os mosquitos, em que o pesar e a alegria são o frio e o calor, em que o engano é a escuridão que cega, em que a avareza são as feras e os répteis, em que o desejo e a cólera são os obstáculos."

O Sábio descreve a entrada no bosque e a saída do mesmo — um símbolo da duração da vida do homem — e também o próprio bosque: [153]

"Nesse bosque há sete grandes árvores (incluindo os sentidos, a mente e o entendimento, ou Manas e Buddhi), sete frutos e sete hóspedes; sete ermidas, sete (formas de) concentração e sete (formas de) iniciação. Esta é a descrição do bosque. Esse bosque está cheio de árvores que produzem esplêndidas flores e frutos de cinco cores."

Os sentidos, diz o comentador,

"...são chamados árvores, como produtores dos frutos... prazeres e dores...; os hóspedes são os poderes de cada sentido personificado — eles recebem os frutos referidos; as ermidas são as árvores... sob as quais se abrigam os hóspedes; as sete formas de concentração são o alheamento do eu das sete funções, dos sete sentidos, etc., já mencionados. As sete formas de iniciação referem-se à iniciação na vida superior, com o repúdio, por impróprias do homem, às ações de cada membro do grupo de sete." [154]

A explicação, se não é satisfatória, é inocente. Continuando a descrição, diz o brâmane:

"Esse bosque está cheio de árvores que dão flores e frutos de quatro cores. Esse bosque está cheio de árvores que dão flores e frutos de três cores, e mescladas. Esse bosque está cheio de árvores que dão flores e frutos de duas cores, e dos mais belos matizes. Esse bosque está cheio de árvores que dão flores e frutos de uma cor, e perfumados. Esse bosque contém duas grandes árvores [em lugar de sete] que dão numerosas flores e frutos de cores indistintas [a mente e o entendimento — os dois sentidos superiores, ou, teosoficamente, Manas e Buddhi]. Há aqui um fogo [o Eu], que está relacionado com Brahman [155] e que possui uma boa mente [ou *verdadeiro conhecimento*, segundo Arjuna Mishra]. E ali há combustível (isto é), os cinco sentidos [ou paixões humanas]. As sete (formas de) emancipação deles são as sete (formas de) iniciação.

(152) *The Sacred Books of the East*, VIII, 284 e seguintes.

(153) Proponho-me seguir aqui o texto e não os comentários do editor, que aceita as explicações *literais* de Arjuna Mishra e de Nilakantha. Os nossos orientalistas nunca se dão ao incômodo de raciocinar que o comentador indígena, não sendo um iniciado, não pode explicar corretamente, e que, se é um *Iniciado*, não o fará.

(154) Veja-se *Chhândogya*, pág. 219, e o comentário de Shanyara (em *Sacred Books of the East, Anugitâ*).

(155) Aqui o editor explica dizendo: "Devotado ao Brahman, presumo". Quanto a nós, não temos receio de afirmar que o "Fogo" ou Eu é o verdadeiro EU SUPERIOR "relacionado com Brahman", isto é, *uno* com ele, a Divindade Única. O "Eu" já não se separa mais do Espírito Universal.

As qualidades são os frutos... Ali... os grandes sábios recebem hospitalidade. E quando são adorados e desaparecem, brilha outro bosque, no qual a *inteligência* é a árvore, e a emancipação o fruto, e que possui sombra (sob a forma de) tranqüilidade, a qual depende do conhecimento, que tem a satisfação como a sua água, e que tem o Kshtrajna [156] dentro como sol." [157]

Tudo o que precede é muito claro, e nenhum Teósofo, ainda entre os menos instruídos, pode deixar de compreender a alegoria. Não obstante, vemos que orientalistas eminentes fazem do texto um emaranhado com suas explicações. Os "grandes sábios" que "recebem a hospitalidade" são interpretados como significando os sentidos, "os quais, tendo funcionado *sem estar em relação com o eu,* são finalmente absorvidos nele". Mas o que não se chega a entender é como os sentidos, "sem estar em relação" com o "Eu Superior", podem ser "absorvidos nele". Seria de crer, pelo contrário, que precisamente porque os sentidos *pessoais* gravitam e se esforçam para entrar em relação com o Eu *impessoal,* este último, que é FOGO, queimasse os cinco inferiores e assim purificasse os dois superiores, "mente e entendimento", ou Manas, em seu aspecto mais elevado [158], e Buddhi. É o que ressalta claramente do texto. Os "grandes sábios" *desaparecem* depois de serem "adorados". Adorados por quem, se os supostos sentidos "não estão relacionados com o eu"? Pela MENTE, sem dúvida; por Manas (que neste caso está imerso no *sexto sentido*), Manas que não é nem pode ser Brahman, o Eu ou Kshetrajna, o Sol Espiritual da Alma. O próprio Manas, com o tempo, deve ser absorvido neste último. "Grandes sábios" foram adorados, dando-se hospitalidade à sua sabedoria terrestre; mas, uma vez que "brilha outro bosque" sobre ele, então é a Inteligência (Buddhi, o sétimo sentido, porém o sexto princípio) que se transforma *na* Árvore — a Árvore cujo fruto é a emancipação — que destrói finalmente as raízes mesmas da árvore Ashvattha, símbolo da *vida* e de seus gozos e prazeres ilusórios. E por isso aqueles que alcançam esse estado de emancipação não sentem, de acordo com as palavras do Sábio antes citado, "medo algum depois". Nesse estado, "o fim não pode ser visto, porque se estende por todos os lados".

"Ali habitam sempre sete fêmeas", continua ele dizendo em sua linguagem figurada. Estas fêmeas — que, segundo Arjuna Mishra, são Mahat, Ahamkâra e cinco Tanmâtras — têm suas caras voltadas sempre para baixo, porque são obstáculos no caminho da ascensão espiritual.

---

(156) O "Eu Superior", diz Krishna, no *Bhagavad Gitâ (Sacred Books of the East),* págs. 105 e segs.

(157) *Ibid.,* págs. 285 e segs.

(158) Assim como Mahat, ou a Inteligência Universal, é o que nasce primeiro ou se manifesta como Vishnu, e depois, quando cai na Matéria e desenvolve consciência própria, se converte em egoísmo, assim também Manas tem uma natureza dual. Acha-se respectivamente sujeito ao Sol e à Lua, porque, como diz Shankarâchârya, "a Lua é a Mente, e o Sol o entendimento". O Sol e a Lua são as divindades de nosso Macrocosmo planetário, e por isso, acrescenta Shankara, "a mente e o entendimento são as respectivas divindades dos órgãos [humanos]". (Veja-se *Brihadâranyaka,* pág. 521 e segs.). Essa talvez a razão por que Arjuna Mishra diz que a Lua e o Fogo (o Eu, o Sol) constituem o universo.

"Nesse mesmo [Brahman, o Eu] moram os sete sábios perfeitos, com seus chefes... e dele também surgem. Glória, esplendor e grandeza, iluminação, vitória, perfeição e poder — estes sete raios seguem este mesmo sol [Kshetrajna, o Eu Superior]... Aqueles cujos desejos estão reduzidos [os altruístas]..., cujos pecados [paixões] são consumidos pela penitência, fundindo o eu no Eu [159], devotam-se a Brahman. Aqueles que compreendem o bosque do conhecimento [Brahman ou o Eu] louvam a tranqüilidade. E, aspirando a este bosque, voltam a [re]nascer, para não perderem o ânimo. Tal é, verdadeiramente, este santo bosque... E, compreendendo-o eles [os sábios] procedem (em conseqüência), sendo guiados pelo Kshetrajna." [160]

Nenhum tradutor, entre os orientalistas ocidentais, percebeu ainda, na alegoria mencionada, alguma coisa de sentido mais elevado que mistérios relacionados com o ritual dos sacrifícios, penitências ou cerimônias ascéticas, e Hatha Yoga. Mas quem compreender as imagens simbólicas e ouvir a voz do EU DENTRO DO EU, verá ali algo muito superior ao mero ritualismo, por muito que possa errar nos pormenores menos importantes da Filosofia.

Seja-nos permitida agora uma última observação. Nenhum Teósofo, do menos instruído ao mais culto, deve pretender a infalibilidade no que possa dizer ou escrever sobre questões ocultas. Importa admitir que, em muitos aspectos, na classificação dos princípios cósmicos ou humanos, por não falar de erros na ordem da evolução, e principalmente em questões metafísicas, os que nos propomos ensinar os menos instruídos que nós podemos todos equivocar-nos. Assim, erros foram cometidos em *Ísis sem Véu, Budismo Esotérico, O Homem, Magia Branca e Negra,* etc.; e mais de um erro se encontrará, provavelmente, nesta obra. Não se pode evitar. Para que uma obra, seja grande ou pequena, tratando destes assuntos abstratos, ficasse inteiramente a salvo de erros, haveria míster que a escrevesse um Adepto, senão um Avatar, da primeira à última linha. Só então poderíamos dizer: "Esta é, verdadeiramente, uma obra sem falha nem erro algum!" Mas, se o artista é imperfeito, como pode a sua obra ser perfeita? "A investigação da verdade nunca chega ao fim!" Devemos amá-la, aspirar a ela por si mesma, e não pela glória ou proveito que a revelação de uma partícula insignificante dessa verdade nos possa proporcionar. E quem de nós pode pretender que possui *toda* a verdade na ponta dos dedos, nem sequer no que se relacione com algum dos menores ensinamentos do Ocultismo?

O nosso principal objetivo nesta questão é, portanto, provar que a doutrina setenária, ou divisão da constituição do homem, é bastante antiga, não foi inventada por nós. Parece que o fizemos com êxito, porque neste ponto contamos com o apoio, consciente ou inconsciente, de muitos autores antigos, medievais e modernos. O que os primeiros diziam estava dito corretamente; o que os outros repetiram tem sido geralmente deturpado. Um exemplo: leiam-se os Fragmentos de Pitágoras, e estude-se o homem setenário, tal como exposto em *Pythagorean Triangle,* do sábio maçom Rev. G. Oliver, que diz o seguinte:

---

(159) "O corpo na alma", segundo expressão atribuída a Arjuna Misbra, ou melhor, "a alma no espírito"; e, em um plano de desenvolvimento ainda mais elevado, o Eu ou Atman no Eu Universal.

(160) *Ibid.,* pág. 288.

"A Filosofia Teosófica... contava sete propriedades [ou princípios] no homem, a saber:

1. O homem divino áureo.
2. O corpo sagrado interno de fogo e luz, como prata pura.
3. O homem elemental.
4. O homem mercurial... paradisíaco.
5. O homem como alma marcial.
6. O venerário, que tende para o desejo externo.
7. O homem solar [testemunha e] e inspetor das maravilhas de Deus [o Universo].

Eles tinham também sete espíritos ou poderes fundamentais da natureza" [161].

Compare-se essa confusa exposição e distribuição da Filosofia Teosófica Ocidental com as últimas explicações da Escola Oriental de Teosofia, e decida-se qual é a mais correta. Verdadeiramente:

A Sabedoria já construiu a sua casa, já lavrou as suas *sete colunas* [162].

Quanto à acusação de que a nossa Escola não adotou a classificação setenária dos brâmanes, mas que a confundiu, é totalmente injusta. Em primeiro lugar, é preciso distinguir a Escola de seus intérpretes (para os Europeus). Devem estes começar por aprender o ABC do Ocultismo oriental prático, antes de que estejam em condições de entender a classificação eminentemente abstrata baseada nos sete estados distintos de Prajnâ, na metafísica oriental. Dar a um estudante ocidental essa classificação é tentar fazê-lo acreditar que pode assimilar a origem da consciência assimilando o processo pelo qual chegou a ele determinado conhecimento, embora este só tivesse por objeto *um dos* estados daquela consciência; por outras palavras, é induzi-lo a explicar *algo* que ele conhece neste plano por algo que desconhece completamente em outros planos; isto é, levá-lo do espiritual e psicológico diretamente ao ontológico. Esta é a razão por que foi adotada pelos Teósofos a antiga, primitiva classificação, da qual existem, certamente, numerosas variantes.

Depois de termos apresentado ao público uma quantidade tão considerável de testemunhos e de provas independentes, seria de todo inútil ocuparnos das fontes teológicas. Os sete pecados capitais e as sete virtudes do tema cristão são muito menos filosóficos do que as sete ciências liberais e as sete ciências malditas — ou que as sete artes de encantamento dos Gnósticos, porque uma destas últimas se acha atualmente à disposição do público, referta de perigos tanto no presente como para o futuro. Seu nome moderno é *Hipnotismo;* usado, como o estão usando materialistas científicos e ignorantes, com o desconhecimento geral dos sete princípios, não tardará a converter-se em *Satanismo,* em toda a acepção da palavra.

(161) *Op. cit.*, pág. 179.

(162) *Provérbios*, IX, 1.

PARTE III

APÊNDICE

CIÊNCIA E DOUTRINA SECRETA COMPARADAS

O conhecimento deste mundo inferior,
Dize tu, amigo: que é? falso ou verdadeiro?
Falso: que mortal o deseja conhecer?
Verdadeiro: que mortal já o conheceu?

APÊNDICE

CIÊNCIA E DOUTRINA SECRETA COMPARADAS

SEÇÃO I

ANTROPOLOGIA ARCAICA OU MODERNA?

Sempre que a questão da Origem do Homem é seriamente proposta a um cientista honesto, imparcial e sem preconceitos, a resposta invariavelmente é: *"Não sabemos"*. De Quatrefages, com sua atitude agnóstica, é um desses antropólogos.

Não quer isso dizer que os demais homens de ciência não sejam de boa fé e honrados; pois observação que tal seria arriscada e pouco prudente. Estima-se, porém, que uns 75 por cento dos homens de ciência europeus são Evolucionistas. Devem ser acusados todos esses representantes do pensamento moderno de flagrante deturpação dos fatos? Ninguém pretende que o sejam, ressalvados alguns casos deveras excepcionais. Em todo caso, os cientistas, levados por seu entusiasmo anticlerical, e desesperando de encontrar outra teoria que o darwinismo, a não ser a da "criação especial", faltam inconscientemente à sinceridade quando "impõem" uma hipótese que carece de suficiente elasticidade e que se ressente da forte tensão a que está sendo submetida. A ausência de sinceridade em relação ao mesmo assunto é, contudo, evidente por parte dos círculos eclesiásticos. O Bispo Temple apresenta-se como ardente defensor do darwinismo em seu livro *Religion and Science*. Esse escritor clerical vai ao ponto de considerar a Matéria — depois que recebeu a "impressão primordial" — como o fator evolutivo, sem qualquer ajuda, de todos os fenômenos cósmicos. Esta opinião só difere da de Hæckel ao admitir uma Divindade hipotética "atrás do além", divindade que fica inteiramente de parte no funcionamento das forças. Esse ente metafísico já não é o Deus Teológico, e com ele não se parece mais que o de Kant. A trégua do Bispo Temple com a ciência materialista afigura-se-nos imprudente, sem falar em que implica o abandono total da cosmogonia bíblica. Semelhante ostentação de servilismo para com o materialismo de nossa "sábia" época não pode provocar senão a reação de um sorriso por parte dos

Ocultistas. Mas, onde está a lealdade ao Mestre, que esses teólogos insinceros prometem ao Cristo e à Cristandade em geral?

Entretanto, não temos a intenção, no momento, de atirar a luva ao clero; pois o nosso objetivo agora é ocupar-nos somente da ciência materialista. Esta última, pelos seus mais qualificados representantes, responde à nossa pergunta: "Não sabemos"; e, sem embargo, a maior parte deles procedem como se a Onisciência fosse a sua herança, e tudo soubessem.

Porque, em verdade, a resposta negativa não obstou a que a maioria dos homens de ciência entrassem de especular sobre a questão, tratando cada qual de que fosse aceita a sua teoria especial, com exclusão de todas as demais. Assim, desde Maillet, em 1748, até Hæckel, em 1870, as teorias sobre a origem da espécie humana têm diferido tanto entre si como as personalidades de seus respectivos autores. Buffon, Bory de Saint-Vincent, Lamarck, E. Geoffroy Saint-Hilaire, Gaudry, Naudin, Wallace, Darwin, Owen, Hæckel, Filippi, Vogt, Huxley, Agassiz, etc., cada um desenvolveu uma hipótese mais ou menos científica da gênese. De Quatrefages classifica essas teorias em dois grupos principais: um baseado numa *transmutação rápida,* e o outro numa *transmutação gradual;* admitindo o primeiro um tipo novo (o homem) produzido por um ser completamente diferente, e o último ensinando a evolução do homem por diferenciações progressivas.

Verdadeiramente estranho é que a mais anticientífica de todas as teorias concernentes à origem do homem partiu justamente dos cientistas mais eminentes de entre aquelas autoridades. O fato é hoje tão evidente que vemos aproximar-se com rapidez a hora em que a teoria corrente, que ensina descender o homem de um mamífero semelhante ao macaco, será considerada com menos respeito que a da formação de Adão do barro e de Eva da costela de Adão. Porque:

"É evidente, sobretudo em face dos princípios mais fundamentais da doutrina darwinista, que um ser organizado não pode descender de outro cujo desenvolvimento segue uma ordem inversa à daquele. Conseqüentemente, não pode o homem, de acordo com esses mesmos princípios, ter entre os seus antepassados nenhum tipo simiesco." [1]

O argumento de Lucae contra a teoria simiesca, baseado na flexura diferente dos ossos que constituem o eixo do crânio no homem e nos antropóides, é analisado lealmente por Schmidt. Admite ele que:

"O símio, à medida que cresce, se torna mais bestial; e o homem... mais humano"; e parece realmente hesitar por um momento, antes de acrescentar:

"Esta inflexão do eixo craniano pode ainda ser ressaltada como um traço distintivo do homem em relação ao macaco; dificilmente pode ser interpretada como a característica peculiar de uma ordem; e, sobretudo no que respeita à doutrina da descendência, tal circunstância não parece de modo algum decisiva." [2]

(1) De Quatrefages, *The Human Species,* pág. 111. São mencionados os desenvolvimentos respectivos do cérebro humano e do cérebro do macaco. "No símio, as circunvoluções temporo-esfenoidais, que formam o lóbulo médio, aparecem e se completam antes das circunvoluções que formam o lóbulo frontal. No homem, ao contrário, as circunvoluções frontais são as primeiras a aparecer, e as do lóbulo médio se formam em último lugar." *(Ibid.)*

(2) *Doctrine of Descent and Darwinism,* pág. 290.

Vê-se que o autor está um pouco desconcertado com o seu próprio argumento. Este — afirma ele — prova ser impossível que os símios atuais tenham sido os progenitores da humanidade; mas, não implica também o mesmo argumento a negação da simples possibilidade de que o homem e o antropóide tenham tido um antepassado comum, se bem que, até agora, absolutamente teórico?

Até mesmo a "Seleção Natural" se acha, cada dia que passa, mais ameaçada. Os que desertam o campo de Darwin são numerosos, e os que foram há tempo seus mais ardorosos discípulos estão-se preparando, lenta mas seguramente, para virar a página, em presença de novos descobrimentos. No *Journal of the Royal Microscopical Society* de outubro de 1886 podemos ler o seguinte:

"SELEÇÃO FISIOLÓGICA — Mr. G. J. Romanes encontra certa dificuldade em considerar a seleção natural como uma teoria da origem das espécies, por ser antes uma teoria da adaptação das estruturas. Propõe substituí-la pelo que ele chama seleção fisiológica ou segregação dos mais aptos. Sua teoria baseia-se na extrema sensibilidade do sistema reprodutivo às pequenas mudanças nas condições da vida, e pensa que as variações no sentido de uma esterilidade maior ou menor devem ocorrer freqüentemente nas espécies selvagens. Se a variação é tal que o sistema reprodutivo, apesar de manifestar certo grau de esterilidade em relação à forma original, continua sendo fértil dentro dos limites da forma modificada, a variação não pode deter-se pelo cruzamento, nem desaparecer por causa de esterilidade. Quando ocorre semelhante variação, a barreira fisiológica tem que dividir a espécie em duas partes. Finalmente, o autor considera a esterilidade mútua, não como um dos efeitos da diferenciação específica, mas como a causa dela." [3]

Tem-se dado ao que precede o sentido de complemento ou continuação da teoria de Darwin; mas isso não passa de uma tentativa, quando mais não seja, *inábil*. Não tardarão em fazer crer que a *Evolution without Natural Selection*, de Mr. C. Dixon, também é Darwinismo — ampliado, segundo pretende o autor, por certo!

É o mesmo que dividir o corpo de um homem em três pedaços e sustentar depois que cada pedaço é exatamente o homem de antes — ampliado. Não obstante, declara o autor:

"Fique bem entendido que nem uma só sílaba das páginas anteriores foi escrita com espírito antagônico à teoria da Seleção Natural de Darwin. Limitei-me a estudar certos fenômenos...; quanto mais se estudam as obras de Darwin, mais se fica convencido da verdade de suas hipóteses (!!)." [4]

Antes, aludira ele à:

"Esmagadora massa de fatos coligidos por Darwin em apoio de suas hipóteses e que fez a teoria da Seleção Natural triunfar sobre todos os obstáculos e objeções." [5]

(3) Série II, vol. VI, pág. 769 (Ed. 1886). Em uma nota acrescenta o editor que um "F. J. B." observou, no *Athenaeum* (n.º 3069, de 21 de agosto de 1886, págs. 242-243), que desde muito tempo os naturalistas reconheceram que há espécies "morfológicas" e "fisiológicas". As primeiras têm origem na mente dos homens, e as últimas em uma série de alterações suficientes para influir nos órgãos internos, assim como nos externos, de um grupo de indivíduos afins. A "seleção fisiológica" das espécies morfológicas é uma confusão de idéias; a das espécies fisiológicas uma redundância de termos.

(4) *Op. cit.*, pág. 79.

(5) *Ibid.*, pág. 48.

Isso, porém, não impediu que o sábio autor fizesse desmoronar, com igual "triunfo", essa mesma teoria, e até desse à sua obra o título de *Evolução SEM Seleção Natural;* ou, em outras palavras, que pulverizasse ali a idéia fundamental de Darwin.

No que tange à Seleção Natural em si, noções as mais errôneas têm curso entre os pensadores atuais, que aceitam tacitamente as conclusões do darwinismo. Por exemplo, é um mero artifício de retórica atribuir à Seleção Natural o poder de *originar* espécies. A Seleção Natural não é uma entidade; é só uma expressão cômoda para indicar como se dá a sobrevivência do mais apto e a eliminação dos inaptos na luta pela existência. Todo grupo de organismos tende a multiplicar-se além dos meios de subsistência; a luta constante pela vida — a "luta para obter o bastante que comer, e para escapar de ser comido", adicionada às condições ambientes — necessita de uma perpétua eliminação dos inaptos. Os selecionados de cada grupo, que assim permanecem, propagam a espécie e transmitem suas características orgânicas aos descendentes. Todas as variações úteis se perpetuam desse modo, e uma progressiva melhora se realiza. Mas a Seleção Natural — a "Seleção *como poder*", na humilde opinião da autora — realmente não passa de puro mito; especialmente quando a ela se recorre para explicar a Origem das Espécies. É tão somente um termo representativo, que exprime a maneira pela qual as "variações úteis" se estereotipam quando produzidas. Por si só, não pode "ela" *produzir nada,* operando unicamente sobre o material grosseiro que se "lhe" apresenta. A verdadeira questão de que se trata é a seguinte: Que CAUSA, combinada com outras causas secundárias, produz as "variações" nos organismos? Muitas destas causas secundárias são puramente físicas, dependem do clima, do regime de alimentação, etc. Muito bem. Mas, além dos aspectos secundários da evolução orgânica, há que buscar um princípio mais profundo. As "variações espontâneas" e as "divergências *acidentais*" dos materialistas são termos que se contradizem em um universo de "Matéria, Força e NECESSIDADE". A mera variabilidade do tipo, sem a presença supervisora de um impulso quase inteligente, é incapaz de explicar, por exemplo, as espantosas complexidades e as maravilhas do corpo humano. A insuficiência da teoria mecânica de Darwin foi exaustivamente exposta pelo Dr. Von Hartmann, entre outros pensadores puramente negativistas. Dizer, como Hæckel, que são células indiferentes e *cegas* "que se ordenam a si mesmas em órgãos", é zombar da inteligência do leitor. Damos em outra parte a solução esotérica da origem das espécies animais.

As causas puramente *secundárias* de diferenciação, agrupadas sob o título de seleção sexual, seleção natural, clima, isolamento, etc., extraviam o evolucionista ocidental e não oferecem, na realidade, nenhuma explicação sobre o "donde vêm" os "tipos ancestrais" que serviram como *ponto de partida* do desenvolvimento físico. A verdade é que as "causas" diferenciadoras conhecidas pela Ciência Moderna só entram em ação depois *que se convertem em físicos os tipos-raízes primordiais procedentes do astral.* O Darwinismo só descobre a evolução em seu ponto médio, isto é, quando a evolução astral cede o campo ao funcionamento das forças físicas ordinárias conhecidas pelos nossos sentidos atuais. Mas, ainda neste ponto, a teoria

darwinista, mesmo com as "ampliações" ultimamente propostas, se mostra insuficiente para a explicação dos fatos. A causa que determina as variações fisiológicas das espécies — causa a que estão subordinadas todas as outras leis, que são de caráter secundário — é uma inteligência subconsciente que penetra a matéria e que, em último termo, é um REFLEXO da Sabedoria Divina e Dhyân-Chohânica [6]. Um pensador bastante conhecido, Ed. Von Hartmann, chegou a uma conclusão parecida, pois que, desesperançado da eficácia da Seleção Natural *sem ajuda,* considera a Evolução dirigida inteligentemente pelo INCONSCIENTE — o Logos Cósmico do Ocultismo. Este último, porém, só atua por intermédio da FOHAT, ou seja, a energia Dhyân-Chohânica, e não da maneira direta descrita pelo grande pessimista.

Essa divergência entre os homens, as suas contradições, de uns com os outros e até consigo próprios, encorajaram a autora a dar a público outros e mais antigos ensinamentos — quando mais não seja, à guisa de hipóteses para uma apreciação científica *futura.* São de tal modo evidentes (inclusive para a humilde expositora deste ensinamento arcaico, não muito versada em Ciência Moderna) os erros e vazios científicos, que ela se decidiu a escrever sobre o assunto, e fazer um paralelo entre os dois ensinamentos. Para o Ocultismo, é uma questão de defesa própria, e nada mais.

Até então a *Doutrina Secreta* não se tem ocupado senão de metafísica pura e simples. Mas agora ela tomou pé em terra e encontra-se dentro dos domínios da Ciência física e da Antropologia prática, esses ramos do conhecimento que os naturalistas materialistas pretendem de sua exclusiva e legal propriedade, afirmando friamente que, quanto mais elevada e perfeita seja a obra da alma, tanto mais se presta à análise e às explicações *do zóologo e do fisiólogo tão somente* [7]. Esta espantosa pretensão partiu de um homem que, para provar sua descendência do pitecóide, não vacilou em incluir os lêmures entre os ancestrais da humanidade; estes foram por ele promovidos à categoria de *prossímios,* mamíferos *não-deciduados,* aos quais atribui erradamente uma placenta decídua e discóide [8]. Hæckel foi, por causa disto, severamente censurado por De Quatrefages, e criticado por seus confrades materialistas e agnósticos Virchow e Du Bois-Reymond, tão grandes autoridades quanto ele próprio, senão maiores [9].

---

(6) O "princípio de perfectibilidade" de Nageli; "o esforço para o objetivo" de Von Baer; o "sopro divino como impulso interno na história da evolução da Natureza", de Braun; "a tendência à perfectibilidade" do Professor Owen, etc.; tudo isso exprime as veladas manifestações do guia universal Fohat, enriquecido com o pensamento Divino e Dhyân-Chohânico.

(7) Haeckel, sobre "As Células-Almas" e as "Almas-Células"; *Pedigree of Man,* trad. de Aveling, vejam-se págs. 136-150; em francês: *Anthropogénie,* ou *Histoire de lkEvolution Humaine,* trad. de Letourneau, Paris, Reinwald.

(8) Veja-se *infra* a epxosição de Mr. De Quatrefages sobre Haeckel, na Seção II: "Os Antepassados que a Ciência oferece à Humanidade".

(9) Estritamente falando, Du Bois-Reymond é um agnóstico, e não um materialista. Ele protestou com a maior veemência contra a doutrina materialista que afirma serem os fenômenos mentais o produto simplesmente do movimento molecular. O conhecimento *fisiológico* da estrutura cerebral não nos mostra mais que "matéria em movimento",

Apesar de semelhante oposição, ainda há hoje quem considere científicas e lógicas as extravagantes teorias de Hæckel. A misteriosa natureza da Consciência, da Alma e do Espírito do Homem passou a ser explicada como não mais que um simples progresso sobre as funções das moléculas protoplásmicas do protista vivo. E entendeu-se que é na civilização das formigas, das abelhas e de outros seres que devemos ir buscar a origem da evolução e do desenvolvimento gradual da mente e dos "instintos sociais" humanos. São, por isso, realmente muito poucas as probabilidades de que se preste uma atenção imparcial às doutrinas da Sabedoria Arcaica. Aos profanos mais instruídos se diz que:

"Os instintos sociais dos animais inferiores têm sido considerados, nos últimos tempos, *como sendo claramente a origem da moral,* inclusive a do homem(?) . . ."

— e que a nossa consciência divina, a nossa alma, o nosso intelecto e as nossas aspirações "abriram o seu caminho a partir dos estados inferiores da simples célula-alma" do Batíbio gelatinoso [10] — e parece que eles acreditam nisso. Em tais pessoas, a Metafísica do Ocultismo deve produzir efeito igual ao de nossos mais belos oratórios sobre um chinês: são ruídos que lhe atacam os nervos.

E então, situam-se os nossos ensinamentos esotéricos sobre os "Anjos", as três primeiras Raças humanas pré-animais e a queda da Quarta, *no campo da ficção e da ilusão, um nível inferior* ao dos "Plastídios" de Hæckel ou ao das "almas moleculares inorgânicas dos Protistas"? Entre a evolução da natureza espiritual do homem, partindo das almas amebóides já citadas, e o suposto desenvolvimento de sua forma física, desde o habitante protoplásmico do limo do oceano, há um abismo que nenhum homem com *plena* posse de suas faculdades intelectuais seria capaz de transpor. A Evolução Física, tal como a ensina a Ciência moderna, é um assunto aberto à controvérsia; o desenvolvimento espiritual e moral, assente sobre as mesmas bases, é o sonho insensato de um materialismo crasso.

Por outro lado, a experiência do passado, assim como a experiência diária dos tempos atuais, nos ensina que nenhuma verdade foi jamais aceita pelas corporações dos homens de ciência senão quando se enquadrava nas idéias e preconceitos habituais de seus professores. "A coroa do inovador é uma coroa de espinhos", disse Geoffroy Saint-Hilaire. Só consegue, em geral, ganhar terreno o que se ajusta às rotinas preferidas e às noções já aceitas. É como se explica o triunfo das idéias de Hæckel, apesar de terem sido proclamadas por Virchow, Du Bois-Reymond e outros o *"testimonium paupertatis* da Ciência Natural".

Por diametralmente oposto que seja o materialismo dos evolucionistas alemães aos conceitos espirituais da Filosofia Esotérica; por mais radical que seja a incompatibilidade entre o sistema antropológico aceito por eles e os

---

afirma, *"temos que ir mais longe,* e admitir a natureza absolutamente incompreensível do princípio psíquico, que *é impossível considerar como mero resultado de causas materiais".*

(10) Veja-se: "Present Position of Evolution", de Haeckel, *op. cit.,* págs. 23, 24, 296, 297, notas.

fatos reais da Natureza, — a tendência pseudo-idealista, que matiza atualmente o pensamento inglês, é quase mais perniciosa ainda. A doutrina puramente materialista admite uma refutação direta e um apelo à lógica dos fatos. O idealismo de hoje não só cuida de absorver as negações básicas do ateísmo, mas ainda envolve os seus partidários em um labirinto de *irrealidades*, que culminam em um niilismo prático. Com tais escritores, pouco valem os argumentos. Os idealistas serão, portanto, ainda mais hostis que os materialistas para com os ensinamentos Ocultos que ora vimos expondo. Mas, uma vez que os expositores da Antropogênese Esotérica não podem sofrer, de seus adversários, sorte pior que a de serem alvo dos habituais apodos de "loucos" e "ignorantes", não há mal em que às muitas especulações modernas se acrescentem as presentes teorias arcaicas, aguardando o dia em que serão parcial ou totalmente reconhecidas. Mas, porque a existência mesma destas teorias arcaicas será provavelmente negada, incumbe-nos trazer à luz as nossas melhores provas, e defendê-las até o fim.

Em nossa raça e geração, o "templo do universo" está, em raros casos, *dentro* de nós; o nosso corpo e a nossa mente se acham, porém, por demais eivados de "pecado" e de "ciência" para que, *agora*, possam ser exteriormente coisa melhor que um templo de iniqüidades e de erros; e aqui se faz necessário definir, de uma vez por todas, nossa mútua posição — a do Ocultismo e a da Ciência moderna.

Os Teósofos estamos sempre dispostos a nos inclinar diante de sábios como o falecido Professor Balfour Stewart, os senhores Crookes, De Quatrefages, Wallace, Agassiz, Butlerof e outros, embora não possamos, do ponto de vista da Filosofia Esotérica, aprovar tudo o que eles dizem. Mas nada nos fará consentir em demonstrar, nem por sombra, o mesmo respeito para com a opinião de outros homens de ciência como Hæckel, Carl Vogt ou Ludwig Buchner, na Alemanha, ou ainda Mr. Huxley e os materialistas que pensam como ele, na Inglaterra — em que pese à colossal erudição do primeiro citado. Homens que tais são os assassinos intelectuais e morais das gerações futuras, especialmente Hæckel, cujo materialismo grosseiro resvala muitas vezes ao nível de uma *ingenuidade* idiota. Basta ler o seu *Pedigree of Man and other Essays* (tradução de Aveling) para sentir o desejo, repetindo as palavras de Job, de que a sua memória desapareça da Terra e "o seu nome não figure nas ruas". Ouça-se o criador do mítico Sozura ridicularizando, "como fenômeno sobrenatural" (?), a idéia da origem da raça humana, fenômeno:

"Que não podia resultar de causas simplesmente mecânicas, das forças físicas e químicas, mas que requer a intervenção direta de uma personalidade criadora... Ora, o ponto central do ensinamento de Darwin... consiste na demonstração de que as causas mecânicas mais simples, os fenômenos puramente físico-químicos da natureza, são de todo suficientes para explicar os mais elevados e difíceis problemas. Darwin substituí a força criadora consciente, que constrói e ordena os corpos orgânicos dos animais e das plantas segundo um plano estabelecido, por uma série de forças naturais que atuam cegamente (como dizemos nós), sem objetivo e sem plano. Em lugar de um ato arbitrário, nós temos uma lei de Evolução necessária..." [Também a tinham Manu e Kapila, e, ao mesmo tempo, Poderes diretores conscientes e inteligentes.] "Darwin, mui sabiamente..., havia posto de lado a questão do primeiro aparecimento da vida; mas esta

conseqüência, tão cheia de significação e importância, foi logo discutida abertamente por homens de ciência capazes e corajosos, tais como Huxley, Carlos Vogt, Ludwig Buchner. Sustentou-se a origem mecânica das primeiras formas vivas como o corolário necessário dos ensinamentos de Darwin...; cabe-nos agora estudar só uma conseqüência da teoria, a origem natural da espécie humana por meio da Evolução todo-poderosa." [11]

A isto, e sem se perturbar com semelhante mixórdia científica, responde o Ocultismo: No curso da Evolução, quando a evolução física triunfou sobre a espiritual e a mental, e quase a esmagou sob o seu peso, o grande dom de *Kriyâshakti* ficou como patrimônio de só uns poucos homens escolhidos em cada idade. O Espírito procurou em vão *manifestar-se em sua plenitude nas formas puramente orgânicas* (como se explicou no volume anterior); e a faculdade que havia sido um dos atributos naturais da humanidade primitiva, na Terceira Raça, converteu-se em uma das que os espiritistas e os ocultistas consideram como simplesmente fenomenais, e os materialistas como *cientificamente impossíveis.*

Em nossos dias, o mero asserto de que exista um poder capaz de criar formas humanas — invólucros já prontos, nos quais se possam encarnar as Mônadas *conscientes,* ou Nirmânakâyas de Manvantaras passados — é, naturalmente, absurda, ridícula! O que, por outro lado, se considera perfeitamente natural é a produção de um monstro como Frankenstein, *mais* — dentro dele — a consciência moral, aspirações religiosas, gênio e o sentimento de sua própria natureza imortal, tudo isso por meio de "forças físico-químicas" conduzidas pela cega "Evolução Todo-Poderosa". Quanto à origem do homem, não *ex nihilo,* cimentado com um pouco de barro vermelho, mas por meio de uma Entidade divina, viva, que consolida o corpo astral com os materiais circunjacentes — semelhante concepção é demasiado absurda até ao mencionar-se, segundo a opinião dos materialistas.

Os Ocultistas e os Teósofos dispõem-se igualmente a fazer comparar as suas afirmações e teorias com as dos evolucionistas modernos, no que tange ao respectivo valor intrínseco e probabilidade, por mais anticientíficas e supersticiosas que essas teorias possam à primeira vista parecer.

O ensinamento esotérico é, portanto, *absolutamente* oposto à evolução darwiniana, aplicada ao homem, e *parcialmente* oposto quanto às outras espécies.

Seria interessante obter um vislumbre da representação mental da Evolução no cérebro científico de um materialista. Que *é* a EVOLUÇÃO? Se lhes pedíssemos uma definição exata e completa do termo, nem Huxley nem Hæckel seriam capazes de dá-la melhor do que Webster:

"O ato do desenvolvimento; o processo do crescimento e do desenvolvimento; como a evolução do botão em uma flor, ou do ovo em um animal."

Cumpre, no entanto, remontar do botão à planta que lhe deu nascimento e depois à semente; e do ovo ao animal ou ave que o pôs; ou, em todo caso, até o fragmento protoplásmico de onde surgiu e se desenvolveu.

(11) *Op. cit.*, págs. 34, 35 e 36.

o fez o Doutor Richardson, na Inglaterra, com a sua Força Nervosa. A mesma idéia foi ultimamente desenvolvida na Alemanha pelo Barão Hellenbach, em sua admirável obra *Individuality in the light of Biology and Modern Philosophy*.

Encontramos também idênticas conclusões em outra excelente obra de um profundo pensador russo, N. N. Strachof, que diz em suas *Fundamental Conceptions of Psychology and Physiology:*

"O tipo mais claro e familiar de desenvolvimento pode ver-se em nossa própria evolução mental ou física, que tem servido de modelo às outras... Se os organismos são entidades... então justo é concluir e afirmar que a vida orgânica se esforça por dar nascimento à vida psíquica; seria, contudo, mais correto dizer que *a verdadeira causa da vida orgânica é a tendência do espírito a manifestar-se em formas substanciais, a revestir-se de realidade substancial* — o que estaria mais de acordo com o espírito daquelas duas categorias de evolução. *A forma mais elevada é a que contém a explicação completa da forma ínfima, e nunca o inverso.*"

O exposto vale por admitir, como o faz Bourges na Memória antes mencionada, a identidade deste Princípio misterioso — que atua e organiza integralmente — com o Eu-Consciente e Sujeito Interno, que nós chamamos EGO, e o mundo em geral ALMA. Assim, todos os pensadores e homens de ciência mais esclarecidos se estão aproximando gradualmente dos Ocultistas em suas conclusões gerais.

Todavia, os homens de ciência inclinados à metafísica estão fora de moda, e dificilmente são escutados. Schiller, em seu magnífico poema sobre o Véu de Ísis, faz cair morto o jovem mortal que ousou levantar o véu impenetrável, ao contemplar a Verdade desnuda na face da austera Deusa. Alguns de nossos darwinistas, tão ternamente unidos pela seleção natural e afinidade, já teriam contemplado a Mãe Saíta desvestida de seus véus? Poder-se-ia supor que sim, após o conhecimento de suas teorias. E as suas brilhantes inteligências devem ter perdido um pouco de lucidez ao sondarem de tão perto a face descoberta da Natureza, não ficando em seus cérebros senão a matéria cinzenta e os gânglios, para responder às forças físico-químicas "cegas". Seja como for, as linhas seguintes de Shakespeare se aplicam admiravelmente aos nossos modernos evolucionistas, simbolizados por aquele "homem vaidoso" que,

"...revestido de breve e insignificante autoridade; conhecendo tão pouco aquilo de que mais está seguro, sua frágil essência; como um símio enraivecido, põe-se a fazer trejeitos fantásticos, à plena face do céu, que até fazem chorar os anjos..." [12]

Estes sábios nada querem com os "Anjos". Seu único interesse está no ancestral humano, o Noé pitecóide, que teve três filhos: o cinocéfalo de cauda, o macaco sem cauda e o homem "arbóreo" paleolítico. Quanto a isso, ninguém pode contradizê-los. A menor dúvida que se expresse é considerada como tentativa para deturpar a investigação científica. A dificuldade insuperável com que se defronta o próprio fundamento da teoria da Evolução, a saber, que nenhum darwinista pode dar uma indicação, ainda

(12) *Measure for Measure*, Ato II, Cena 2.

que aproximada, do período e da forma *em que* apareceu o primeiro homem, é havida como um obstáculo sem importância, que "não se deve realmente levar em conta". Todos os ramos do conhecimento estão no mesmo caso, é o que se diz. O químico baseia os seus cálculos mais abstratos simplesmente

"sobre uma hipótese de átomos e de moléculas, dos quais nenhum espécime jamais foi visto, isolado, pesado ou descrito. O eletricista fala de fluidos magnéticos que nunca foram revelados de maneira tangível. Não se pode atribuir nenhuma origem definida às moléculas nem ao magnetismo. A ciência não pode pretender, nem pretende, conhecimento algum das origens das leis, da matéria ou da vida." [13]

E eis que, apesar disso, o impugnar uma *hipótese científica*, por mais absurda que seja, constitui um crime irremissível! Mas nós corremos o risco.

(13) *Knowledge*, janeiro de 1882.

Seção II

OS ANTEPASSADOS QUE A CIÊNCIA OFERECE À HUMANIDADE

"A questão das questões para a humanidade — o problema que jaz no fundo de todos os demais, e que supera em interesse e profundidade qualquer outro — é a definição do lugar que o homem ocupa na Natureza, e de suas relações com o universo das coisas." [1]

O mundo está hoje dividido e vacila entre os *Ancestrais Divinos* — sejam Adão e Eva ou os Pitris Lunares — e o *Bathybius Hæckelii*, o solitário gelatinoso dos abismos salgados. Tendo explicado a teoria Oculta, podemos agora compará-la com a do Materialismo moderno. Convidamos o leitor a optar entre as duas, depois de julgá-las por seus respectivos méritos.

Pode servir-nos de alguma consolação por não serem admitidos os nossos ancestrais Divinos a circunstância de vermos que as especulações de Hæckel não gozam de melhor acolhida que as nossas, por parte da Ciência estritamente *exata*. A Filogênese de Hæckel não causa menos riso aos adversários de sua fantástica evolução, outros homens de ciência ainda mais eminentes, do que o farão as nossas Raças primordiais. Não sentimos dificuldade em aceitar o que diz Du Bois-Reymond, a saber:

"As árvores genealógicas de nossa raça, descritas no *Schöpfungsgeschichte*, têm pouco mais ou menos o valor que a linhagem dos heróis de Homero, aos olhos de um crítico historiador.

Assim posta a questão, todo o mundo verá que uma hipótese vale tanto quanto a outra. E como Hæckel é o primeiro a confessar, ele próprio, que nem a Geologia, com sua história do passado, nem a história genealógica dos organismos "se elevarão jamais à categoria de ciências *exatas*" [2], temos que à Ciência Oculta resta uma larga margem para fazer suas anotações e interpor os seus protestos. Cabe ao mundo escolher entre os ensinamentos de Paracelso, o "pai da química moderna", e os de Hæckel, o "pai do Sozura mítico". Não pedimos mais.

Sem pretendermos intervir na disputa entre naturalistas tão sábios como Du Bois-Reymond e Hæckel, no tocante ao nosso parentesco consangüíneo com

(1) T. Huxley, *Man's Place in Nature*, pág. 77.
(2) *Op. cit.*, "The Proofs of Evolution", p. 273.

"Aqueles antepassados [os nossos] que ascenderam das classes unicelulares: vermes, acrânios, peixes, anfíbios, répteis, até às aves",

podemos formular uma ou duas breves perguntas, para orientação de nossos leitores. Aproveitando a oportunidade, e tendo presentes as teorias da Seleção Natural, etc., de Darwin, queremos indagar da Ciência — relativamente à origem das espécies humanas e animais — qual das duas teorias da Evolução, que a seguir indicamos, é a mais científica ou, se o preferem, a menos anticientífica:

1.º É a de uma Evolução que tem por ponto de partida a propagação sexual?

2.º Ou é aquela que ensina o desenvolvimento gradual dos órgãos, a sua consolidação e a procriação de cada espécie: inicialmente, pela simples e fácil secessão em dois ou mesmo em vários indivíduos; depois, mediante um novo desenvolvimento — primeiro passo para uma espécie de sexos distintos e separados, o estado hermafrodita; mais tarde, por uma como que partenogênese, "reprodução virginal", quando as células-óvulos se formam dentro do corpo e saem dele em forma de emanações atômicas, atingindo a maturidade externamente, até que, finalmente, depois de uma completa separação dos sexos, começam os seres humanos a procriar por meio de relações sexuais?

Dessas duas, a primeira "teoria" — ou melhor, "revelação" — é enunciada em todas as Bíblias *exotéricas*, com exceção dos *Purânas*, e particularmente na Cosmogonia judaica. A segunda é a ensinada pela Filosofia Oculta, como já explicamos.

Há uma resposta à nossa pergunta em um livro que acaba de ser publicado por Mr. Samuel Laing, o melhor expositor leigo da Ciência Moderna [3]. No capítulo VIII de sua mais recente obra, *A Modern Zoroastrian*, o autor começa por censurar a "todas as religiões e filosofias antigas o atribuírem a seus deuses um princípio masculino e feminino". Assim, diz ele:

"Esta diferenciação de sexos parece tão fundamental como a de animal e planta ... O Espírito de Deus pairando sobre o Caos e produzindo o mundo não é senão uma edição ulterior, revista de acordo com as idéias monoteístas, da lenda dos Caldeus, muito mais antiga, que descreve a Criação do Cosmos como saindo do Caos pela cooperação de Deuses poderosos, masculinos e femininos... Assim, a religião cristã ortodoxa nos ensina a repetir "engendrado, não feito", frase que é um solene absurdo, verdadeiro contra-senso; um exemplo de como as palavras podem ser usadas como notas falsas, sem o lastro efetivo de nenhuma idéia sólida. Pois "engendrado" é um termo bem definido, que implica a conjunção de dois sexos opostos para produzir um novo indivíduo." [4]

Apesar de estarmos de acordo com o esclarecido autor, quanto à inconveniência do uso de palavras impróprias, e quanto ao terrível elemento antropomórfico e fálico das antigas Escrituras — especialmente da *Bíblia* ortodoxa cristã —, entendemos que pode haver duas circunstâncias atenuan-

(3) Autor de *Modern Science and Modern Thought*.

(4) *Op. cit.*, págs. 102, 103.

tes neste caso. Em primeiro lugar, todas essas "antigas filosofias" e "religiões modernas" são, conforme já ficou suficientemente demonstrado nestes volumes, um véu exotérico que cobre a face da Verdade Esotérica; e, conseqüência direta, são alegóricas, vale dizer, mitológicas na forma; mas, não obstante, são imensamente mais filosóficas em sua essência que todas as novas teorias pretensamente científicas. E em segundo lugar, desde a Teogonia Órfica até a última revisão do *Pentateuco* por Ezra, todas as escrituras antigas, cujos relatos foram inicialmente recolhidos de fontes orientais, têm estado sujeitas a constantes alterações por parte de amigos e inimigos, até que da versão original não resta senão o nome, uma casca sem vida, da qual foi gradualmente eliminado o espírito.

Isto, por si só, seria suficiente para mostrar que nenhuma das obras religiosas hoje publicadas pode ser compreendida sem a ajuda da Sabedoria Arcaica, o alicerce primitivo sobre o qual foram todas elas construídas.

Mas voltemos à resposta direta que esperamos da Ciência à nossa pergunta direta.

Essa resposta é dada pelo mesmo autor quando, seguindo o curso de seus pensamentos acerca da evemerização anticientífica dos poderes da Natureza nas religiões antigas, pronuncia contra elas um veredito condenatório nos seguintes termos:

"A Ciência, no entanto, incorre em erro grosseiro ao sugerir que a geração sexual é o modo original e único de reprodução; pois o microscópio e o bisturi do naturalista nos revelam mundos de vida novos e absolutamente insuspeitados (?)."

Tão "insuspeitados", realmente, que os originais "modos de reprodução" sem sexo devem ter sido conhecidos dos antigos hindus, pelo menos; a despeito do asserto em contrário de Mr. Laing. Em face do que diz o *Vishnu Purâna,* conforme já mencionamos alhures, de que Daksha só "estabeleceu as relações sexuais como meio de multiplicação" depois de uma série de outros "modos", que se enumeram todos ali [5], é difícil negar o fato. Atente-se, ademais, que este asserto se encontra em uma obra *exotérica.*

Continua dizendo Mr. Laing:

"Há formas vivas em muito grande proporção, pelo menos em número, se não em tamanho, que têm vindo à existência sem a ajuda da propagação sexual."

Cita como exemplo a Monera de Hæckel, "multiplicando-se por autodivisão". E como estádio seguinte a célula nuclear, "que faz exatamente a mesma coisa". Vem depois a fase em que:

"...o organismo não se divide em duas partes iguais, mas entumece uma pequena fração dele... e finalmente se separa, principia uma vida à parte e se desenvolve até alcançar o tamanho do organismo de onde se destacou, dada a faculdade, que lhe é inerente, de fabricar novo protoplasma com materiais inorgânicos absorvidos do ambiente." [6]

---

(5) *Op. cit.,* II, 12.

(6) *Op. cit.,* pág. 104. Nisto, conforme mostramos no Vol. III, Parte I, Estância VIII, foi a Ciência Moderna antecipada, e muito além de suas próprias especulações, pela Ciência Arcaica.

Segue-se um organismo de células múltiplas, que é formado por

"Germes-rebentos reduzidos a esporos, ou células simples, emitidas pelo ascendente... Agora estamos no limiar desse sistema de propagação sexual que passou a ser [hoje] a regra em todas as famílias de animais superiores... Este organismo, possuindo vantagens na luta pela vida, instituiu-se em caráter permanente... e órgãos especiais se desenvolveram para adaptar-se às condições modificadas. Com o tempo estabeleceu-se completa distinção entre o órgão feminino ou ovário, contendo o ovo ou a célula primitiva da qual devia desenvolver-se o novo ser, e o órgão masculino portador do esporo ou célula fertilizadora... Isto se acha confirmado pelo estudo da embriologia, em que se demonstra que na espécie *humana* e nas dos animais superiores a diferença de sexo só se define depois que o crescimento do embrião alcançou um progresso considerável... Na grande maioria das plantas e em algumas famílias de animais inferiores... os órgãos masculino e feminino se desenvolvem no mesmo indivíduo; são os chamados hermafroditas. Outra forma é a Partenogênese, ou reprodução virginal, em que as células-germes, em tudo semelhantes, aparentemente, às células-ovos, se desenvolvem em novos indivíduos sem a participação de nenhum elemento frutificador." [7]

Conhecemos perfeitamente tudo isso, e também sabemos que o sábio vulgarizador inglês das teorias de Huxley e Hæckel nunca aplicou quanto precede ao *genus homo*. Ele o circunscreve aos fragmentos de protoplasma, às plantas, às abelhas, aos caracóis, etc. Se quisesse, porém, mostrar-se fiel à teoria da descendência, teria que fazê-lo também quanto à ontogênese, na qual a lei biogenética fundamental, como se diz, é a seguinte:

"O desenvolvimento do embrião (ontogênese) é uma recapitulação condensada e abreviada da evolução da espécie (filogenia). Esta recapitulação é tanto mais completa quanto mais conservada a verdadeira ordem original da evolução (palingênese) por uma hereditariedade contínua. Por outra parte, a repetição é tanto menos completa quanto mais desenvolvimento anormal (cenogênese) tenha sido alcançado por meio de adaptações variadas." [8]

Prova de que todas as criaturas e todas as coisas vivas da Terra, inclusive o homem, evolveram de *uma forma primordial comum*. O homem físico deve ter passado pelos mesmos estágios do processo evolutivo que os outros animais, em seus diversos modos de procriação: deve ter-se *dividido*; depois, o hermafrodita deve ter feito nascer *partenogenicamente* (segundo o princípio imaculado) os seus filhos; a fase subseqüente seria a *ovípara* — de início "sem nenhum elemento frutificador", mais tarde "com a ajuda do esporo fertilizador"; e só depois da evolução final e definida dos dois sexos é que se converteria em "macho e fêmea" separados, quando a reprodução por meio da união sexual se tornou a lei universal. Até este ponto tudo se acha cientificamente demonstrado. Só uma coisa resta por comprovar: a descrição clara e compreensível dos processos da reprodução pré-sexual. É o que fazem os Livros Ocultos e o de que procurou a autora dar um ligeiro resumo na Parte I do Volume III desta obra.

Ou assim deve ser, ou o homem é um ser à parte. A Filosofia Oculta pode considerá-lo como tal, por causa de sua natureza claramente *dual*.

---

(7) *Ibid.*, págs. 104-106.
(8) *Anthrop.*, 3.ª edição, pág. 11.

Outro tanto não pode fazer a Ciência, já que repulsa toda intervenção, a não ser a das leis mecânicas, e não admite princípio algum fora da Matéria. A primeira, a Ciência arcaica, admite que a constituição física humana passou por todas as formas, desde a mais ínfima à mais elevada, que é a sua forma atual, ou do simples ao complexo, para usar os termos consagrados. Sustenta, porém, que neste ciclo, o quarto, já tendo passado pelos tipos e modelos da Natureza das Rondas precedentes, a forma se achava pronta para o homem desde o começo da presente Ronda [9]. A Mônada só teve que penetrar no Corpo Astral dos Progenitores para que a obra de consolidação física principiasse em torno da sombra-protótipo [10].

Que diria a isto a Ciência? Sua resposta seria, naturalmente, que, tendo sido o homem o último dos mamíferos a aparecer na Terra, não necessitou, como não necessitaram os mamíferos, de passar por todas as fases primitivas de procriação anteriormente descritas. O seu processo de reprodução já se encontrava estabelecido na Terra quando ele apareceu. Neste caso, poderíamos replicar: Até agora não se descobriu o mais mínimo sinal de um elo entre o homem e o animal; portanto (se temos que repudiar a Doutrina Oculta) deve ele ter surgido *miraculosamente* na Natureza, qual Minerva saindo do cérebro de Júpiter, armada dos pés à cabeça; e em tal hipótese tem razão a *Bíblia,* como também outras "revelações" nacionais. Donde se concluirá que o desdém científico, tão extravasado pelo autor de *A Modern Zoroastrian* para com as filosofias e as crenças exotéricas da antiguidade, é de todo improcedente e injustificado. E o achado repentino de algum fóssil parecido com o "elo perdido" não resolveria a questão: nem tal espécime isolado nem as deduções científicas a que desse lugar poderiam incutir-nos a certeza de se tratar da relíquia há tanto tempo procurada, isto é, a de um HOMEM não desenvolvido mas já dotado do uso da palavra. Haveria mister de algo mais para converter-se numa prova definitiva. Por outra parte, o próprio homem do *Gênesis,* o Adão de Barro, somente surge a partir do ponto em que a Doutrina Secreta deixa os seus "Filhos de Deus e da Sabedoria" e faz aparecer o homem físico da *Terceira* Raça. Eva não é

(9) Os Teósofos recordar-se-ão de que, segundo o ensinamento Oculto, os chamados Pralayas cíclicos não passam de "obscurecimentos", períodos durante os quais a Natureza, isto é, a universalidade das coisas visíveis e invisíveis de um Planeta em repouso, permanece *in statu quo.* A Natureza repousa e dorme; suspende-se no Globo toda obra de destruição, assim como todo trabalho ativo. As formas, como os seus tipos astrais, permanecem todas como eram no último momento de sua atividade. A "Noite" de um Planeta quase não é precedida de crepúsculo. Ele é colhido como um enorme mamute por um alude, e permanece dormindo e congelado até a aurora de seu novo Dia — dia muito curto, é verdade, se comparado com o Dia de Brahmâ.

(10) Isto será motivo de irrisão, porque foge à compreensão dos nossos modernos homens de ciência; mas todos os Ocultistas e Teósofos compreenderão facilmente o processo. Não pode haver *nenhuma forma objetiva* na Terra, nem tão pouco no Universo, sem que o seu protótipo astral tenha sido previamente formado no Espaço. Desde Fídias até o mais humilde artífice de cerâmica, tem o escultor que primeiramente criar um modelo na mente, depois esboçá-lo em linhas dimensionais, e só então, finalmente, pode reproduzí-lo como uma figura objetiva de três dimensões. E se a mente humana é uma demonstração viva das sucessivas fases do processo da Evolução, como pode ser de outro modo quando se trata da Mente da Natureza e de seus poderes criadores?

"engendrada", mas extraída do corpo de Adão à maneira da "Ameba A", que, contraindo-se e partindo-se no meio, forma a Ameba B — por divisão [11].

A linguagem humana também não se desenvolveu a partir dos vários sons animais. A teoria de Hæckel de que "a linguagem teve como ponto de partida alguns sons simples e rudes dos animais", por isso que "tal linguagem ainda subsiste em algumas raças de nível ínfima" [12], é absolutamente errônea, segundo afirma, entre outros, o Professor Max Müller. Sustenta ele que até agora não se produziu nenhuma explicação plausível sobre o modo como se originaram as "raízes" da linguagem. Para a linguagem *humana* é necessário um cérebro *humano,* e os números que expressam as dimensões respectivas dos cérebros do homem e do macaco evidenciam quão profundo é o abismo que separa os dois. Vogt diz que o cérebro do maior dos símios, o gorila, não mede mais de 30,51 polegadas cúbicas, ao passo que o tamanho médio do cérebro dos aborígenes australianos de cabeça achadada — a mais inferior das raças humanas atuais — chega a 99,35 polegadas cúbicas! As cifras são testemunhas embaraçosas: não podem mentir. Tem razão, portanto, o Doutor F. Pfaff (cujas premissas são tão justas e corretas quanto néscias as suas conclusões bíblicas), quando observa que:

"O cérebro dos símios mais parecidos com o homem não chega à terça parte do cérebro do homem das raças mais inferiores; não é a metade do cérebro de um recém-nascido." [13]

Pelo que precede é fácil ver que, para provar as teorias de Huxley e de Hæckel sobre a ascendência do homem, não é um, mas vários "elos perdidos" — uma verdadeira escala progressiva de graus evolutivos — que a Ciência precisa descobrir e apresentar à humanidade que pensa e raciocina, antes que esta possa abandonar sua crença em Deuses e na Alma imortal, e adotar o culto dos antecessores quadrúmanos. Simples mitos são hoje saudados como "verdades demonsttadas". Até mesmo Alfredo Russel Wallace afirma com Hæckel que o homem primitivo era uma criatura simiesca que não tinha o dom da palavra. A isto responde o Professor Joly:

"Em minha opinião, o homem nunca foi esse *pithecanthropus alalus* cujo retrato Hæckel traçou como se o tivesse visto e conhecido, e cuja singular genealogia, absolutamente hipotética, ele chegou a apresentar-nos, desde a simples massa de protoplasma vivo até o homem dotado de linguagem e de uma civilização análoga à dos australianos e papuas." [14]

Hæckel, entre outras coisas, mostra-se muitas vezes em conflito direto com a "ciência das línguas". No curso de seu ataque ao Evolucionismo [15], o Professor Max Müller estigmatizou a doutrina de Darwin, como "vulnerável do princípio ao fim". O fato é que só a verdade parcial de muitas das "leis" secundárias de Darwin está fora de dúvida — pois M. De Quatrefages aceita, evidentemente, a seleção natural, a luta pela vida e a trans-

(11) Veja-se *A Modern Zoroastrian,* pág. 103.
(12) "Darwinian Theory" em *Pedigree of Man,* pág. 22.
(13) *The Age and Origin of Man.*
(14) *Man before Metals,* pág. 320, "International Scientific Series".
(15) *Mr. Darwin's Philosophy of Language,* 1873.

formação das espécies, não como definitivamente provadas, mas apenas *pro tempore*. Talvez não seja demais condensar aqui o argumento lingüístico contra a teoria do "antepassado simiesco".

As línguas têm suas fases de desenvolvimento, etc., como tudo o mais na Natureza. É quase certo que as grandes famílias lingüísticas passam por três estágios:

1.º Todas as palavras são raízes, que simplesmente se justapõem (Línguas radicais).

2.º Uma raiz determina a outra, convertendo-se em mero elemento determinante (Línguas aglutinantes).

3.o O elemento determinante (em que o significado determinante se obliterou há muito tempo) se une ao elemento constitutivo para formar um todo (Línguas de inflexão).

A questão é, portanto, a seguinte: De onde vêm as RAÍZES? Pretende o Professor Max Müller que a existência destes *materiais já feitos da linguagem* é uma prova de que o homem não pode ser o coroamento de uma longa série orgânica. Esta *potencialidade das raízes formativas* é a grande dificuldade que os materialistas quase invariavelmente evitam.

Von Hartmann explica-o como uma manifestação do "Inconsciente", e admite sua força contra o ateísmo mecânico. Hartmann é um bom representante dos metafísicos e idealistas dos tempos atuais.

O argumento nunca foi enfrentado pelos evolucionistas não-panteístas. Dizer, como Schmidt, "Em verdade temos que nos deter ante a origem da linguagem!" vale por uma confissão de dogmatismo e de franca derrota [16].

Sentimos todo o respeito por aqueles homens de ciência que dizem, com a prudência de sua geração: Estando o passado pré-histórico absolutamente fora do alcance de nossos poderes de observação direta, somos demasiado honrados, demasiado amantes da verdade (ou do que consideramos como verdade) para especular sobre o desconhecido, apresentando teorias nossas, não-provadas, juntamente com fatos já positivados de modo absoluto pela Ciência moderna.

"E preferível deixar a fronteira dos conhecimentos [metafísicos] ao tempo, que é a melhor pedra de toque da verdade." [17]

Eis aí uma declaração prudente e honesta, na boca de um materialista. Mas quando um Hæckel, logo depois de dizer que "os acontecimentos históricos do passado", por terem "ocorrido há muitos milhões de anos [18]...", estão para sempre fora da observação direta", e que nem a Geologia nem a

(16) Schmidt, *Doctrine of Descent and Darwinism*, pág. 304.

(17) *A Modern Zoroastrian*, pág. 136.

(18) Vê-se, pois, que, no seu afã de provar nossa nobre descendência do "cinocéfalo" catarrino, a escola de Hæckel fez recuar de milhões de anos a época do homem pré-histórico (veja-se *Pedigree of Man*, pág. 273). Os Ocultistas dão graças à Ciência pela corroboração dos nossos assertos!

Filogenia [19] podem ou poderão "ser alcançadas à categoria de ciências verdadeiramente exatas", insiste sobre o desenvolvimento de todos os organismos — "desde os vertebrados mais inferiores aos mais elevados, desde o anfioxo ao homem" —, temos o direito de exigir uma prova de mais peso que a que ele pode oferecer. As meras "fontes empíricas do conhecimento", tão exaltadas pelo autor de *Anthropogeny* — quando tal qualificação lhe basta para suas próprias opiniões — não são hábeis para solucionar problemas que se acham muito além das lindes de seu domínio; nem pode a ciência exata ter a menor confiança nelas [20]. Se são "empíricas" — e o próprio Hæckel assim o declara repetidas vezes — não se mostram nem melhores, nem mais dignas de fé, do ponto de vista da investigação *exata,* quando esta se estende ao remoto passado, do que os nossos ensinamentos Ocultos do Oriente, devendo ambas ser situadas no mesmo nível. Suas especulações filogenéticas e palingenéticas não são tratadas mais favoravelmente pelos verdadeiros homens de ciência do que as nossas repetições cíclicas da evolução das grandes raças nas menores, e a ordem original da Evolução. Porque o dever da Ciência exata, genuína, por mais materialista que seja, é evitar cuidadosamente tudo o que semelhe conjeturas e especulações que *não possam* ser comprovadas; em uma palavra, toda *suppressio veri* e toda *suggestio falsi.* A tarefa do homem devotado à ciência exata é observar, cada qual no ramo que houver escolhido, os fenômenos da Natureza; registrar, catalogar, comparar e classificar os fatos, inclusive as mais insignificantes minúcias que se apresentem à observação dos sentidos, *com a ajuda de todos os delicados mecanismos proporcionados pelas invenções modernas, e não com a ajuda dos vôos metafísicos nem da fantasia.* Tudo o que eles têm o legítimo direito de fazer é corrigir, por meio dos instrumentos físicos, os defeitos ou ilusões de sua própria visão mais grosseira, de suas faculdades auditivas e dos outros sentidos. Não têm o direito de entrar no terreno da Metafísica e da Psicologia. Seu dever é verificar e retificar todos os fatos *que se apresentam à sua observação direta*; aproveitar a lição das experiências e erros do passado, ao procurar retraçar a ação de um encadeamento de

(19) É um pobre e humilde cumprimento que se faz à Geologia, que não é uma ciência especulativa, mas tão exata quanto a Astronomia — salvo, talvez, suas especulações cronológicas por demais arriscadas. É, sobretudo, uma ciência "descritiva", por oposição à ciência "abstrata".

(20) Palavras de novo cunho, como "perigênese dos plastídios", "almas-plastídulas" (!) e outras menos elegantes, inventadas por Hæckel, podem ser muito eruditas e corretas enquanto expressem graficamente as idéias de sua própria e fértil imaginação. Como *fatos,* porém, não deixarão de ser, aos olhos de seus colegas menos imaginativos, puramente cenogenéticas — para usar sua própria terminologia. Vale dizer que, para a verdadeira Ciência, não passam de especulações espúrias, por isso que derivadas de "fontes empíricas". Conseqüentemente, quando ele tenta provar que "a origem do homem de outros mamíferos, e mais diretamente dos símios catarrinos, é uma lei dedutiva, que necessariamente decorre da lei indutiva da teoria da descendência" (*Anthropogeny,* pág. 292, citado em *Pedigree of Man,* pág. 295), os seus adversários não menos sábios (Du Bois-Reymond entre outros) têm o direito de não ver nessa frase mais que um simples jogo de palavras, um "*testimonium paupertatis* da Ciência Natural" — como ele próprio se queixa, ao falar, por sua vez, da "surpreendente ignorância" de Du Bois-Reymond. (Veja-se *Pedigree of Man,* notas de págs. 295, 296.)

causas e efeitos, que só por sua constante e invariável repetição pode ser chamado LEI. Eis o que se espera dos homens de ciência que se propõem ser instrutores da humanidade, continuando fiéis ao seu programa original de Ciências naturais ou físicas. Todo desvio deste caminho real se converte em especulação.

Em vez de assim procederem, que é que fazem muitos dos chamados homens de ciência de hoje? Invadem o domínio da Metafísica pura, ao mesmo tempo em que afetam por ela o mais soberano desdém. Comprazem-se em conclusões temerárias, chamando-as "uma lei dedutiva derivada de uma lei indutiva" — teoria inspirada em sua própria consciência, de cujas profundezas emergiu — consciência pervertida e impregnada de um materialismo exclusivista. Tentam explicar a "origem" das coisas que em suas próprias concepções ainda se acham ocultas. Acometem crenças espirituais e tradições religiosas de milênios, e denunciam tudo como superstição, exceto suas idéias favoritas. Sugerem teorias do Universo; uma cosmogonia acionada tão somente por forças mecânicas cegas da Natureza, e que é muitíssimo mais *milagrosa e impossível* que uma cosmogonia baseada na suposição do *fiat lux ex nihilo*; e tratam de assombrar o mundo com suas extravagantes teorias; e estas, por se saber que emanam de cérebros científicos, são acolhidas com *fé cega*, como rigorosamente científicas e como exposição da CIÊNCIA.

São estes os adversários que o Ocultismo deve temer? Certamente que não. Porque tais teorias não são tratadas de modo mais favorável pela *verdadeira* Ciência do que o são as nossas pela ciência empírica. Hæckel, ferido em sua vaidade por Du Bois-Reymond, nunca se cansa de queixar-se publicamente dos danos ocasionados por este último em sua fantástica teoria da descendência. Fazendo cabedal de "tão opulenta coleção de provas empíricas", qualifica de ignorantes aqueles "reconhecidos fisiólogos" que se opõem a cada uma de suas especulações extraídas dessa "coleção", e declara que:

"Se muitos homens, e entre eles alguns de reputação científica, pretendem que a filogenia não passa de um castelo no ar, e que as árvores genealógicas [dos macacos?] são fantasias vãs, com isso demonstram sua ignorância daquele tesouro de *fontes empíricas do conhecimento* a que já fiz referência." [21]

Abramos o dicionário de Webster e leiamos a definição da palavra "empírico":

"O que só depende da experiência e da observação, *sem levar na devida conta a ciência e as teorias modernas.*"

Isto se aplica aos ocultistas, espiritistas, místicos, etc. E mais:

"Empírico: o que se limita a aplicar o resultado de suas próprias observações" [caso de Hæckel]; "o que *não possui ciência*... um ignorante, o que pratica sem diploma, um impostor, um charlatão."

---

(21) *Pedigree of Man*, pág. 273.

Nenhum Ocultista ou "Mago" foi jamais alvo de piores epítetos. Não obstante, o Ocultista permanece em seu próprio terreno metafísico, e não tem a pretensão de classificar os seus *conhecimentos*, fruto de suas observações e de sua experiência pessoal, entre as ciências *exatas* da sabedoria moderna. Mantém-se nos limites de sua legítima esfera, na qual é o senhor Mas, que pensar de um rematado materialista, cujo dever se acha claramente traçado e que se exprime em termos tais como os seguintes?

"A origem do homem de outros mamíferos, e mais diretamente do símio catarrino, é uma lei dedutiva, que decorre necessariamente da lei indutiva da Teoria da Descendência." [22]

Uma "teoria" não é mais que uma simples hipótese, uma especulação, e não uma lei. Dizer o contrário é uma das muitas liberdades que soem tomar, hoje em dia, os nossos homens de ciência. Enuncia-se um absurdo, e cuida-se de o pôs imediatamente sob o escuda da Ciência. Uma dedução tirada de uma especulação teórica não passa de *uma especulação fundada em outra especulação.* Sir William Hamilton já assinalou que a palavra teoria está sendo empregada

"em um sentido muito vago e impróprio... que se deve entender como *hipótese;* e o termo *hipótese* é comumente usado como sinônimo de *conjetura,* enquanto que as palavras "teoria" e "teórico" passam a ser empregadas propriamente em oposição a "prática" e "prático".

Mas a Ciência moderna quer obliterar esta declaração, não fazendo caso da idéia. Os filósofos materialistas e os idealistas da Europa e da América podem estar de acordo com os evolucionistas quanto à origem física do homem; tal coisa, porém, nunca será uma verdade geral para o metafísico propriamente dito, que desafia os materialistas a provarem suas proposições *arbitrárias. É muito fácil demonstrar que a tese da teoria simiesca* [23] de Vogt e Darwin — sobre a qual os partidários de Huxley e Hæeél compuseram ultimamente tão extraordinárias variações — é infinitamente menos científica que a nossa, por estar em contradição com suas próprias leis fundamentais. Basta que o leitor consulte a excelente obra *L'Espèce Humaine*

(22) *Anthropogeny*, pág. 392, citado em *Pedigree of Man*, pág. 295.

(23) A barreira *mental* entre o homem e o macaco, e que Huxley caracterizava como "um enorme abismo, uma distância praticamente incomensurável" (!) é, em verdade, concludente por si só. Ela constitui, certamente, um enigma permanente para o materialista, que se apóia no frágil caniço da "seleção natural". As diferenças fisiológicas entre o homem e o macaco são, também, realmente flagrantes — a despeito de uma curiosa similitude de certos traços. O doutor Schweinfurth, um dos mais prudente e experimentados naturalistas, assim se manifesta:

"Nos tempos modernos não há, na criação, animais que tenham atraído mais a atenção dos cientistas estudiosos da Natureza que estes grandes quadrúmanos [os antropóides], que se parecem tão singularmente com a forma humana, a ponto de justificarem o qualificativo de antropomórficos... Mas, até agora, todas as investigações só conduzem o engenho humano a confessar sua própria deficiência; e em nenhuma parte é mais recomendável a prudência, nem será mais de lamentar um juizo prematuro, como ao tratar-se de lançar uma ponte sobre o abismo que separa o homem da besta." (*Heart of Africa*, I, 520, ed. 1873.)

(Paris, Germer-Baillière, 1879), do grande naturalista francês De Quatrefages, e verá logo a confirmação do que dissemos.

Demais, entre o ensinamento esotérico sobre a origem do homem e as especulações darwinistas não há quem possa hesitar, a menos que se trate de um materialista consumado. Eis como Mr. Darwin descreve os "primeiros progenitores" do homem:

"Deviam eles ser cobertos de pêlos, e possuir barba tanto os de um como os do outro sexo; suas orelhas eram naturalmente ponteagudas e suscetíveis de mover-se, estando o corpo provido de cauda, com músculos apropriados. O corpo e os membros estavam submetidos à ação de muitos músculos, que hoje só ocasionalmente reaparecem, mas que são normais entre os quadrúmanos... Os pés eram preensíveis, a julgar pelo estado do dedo grande no feto; e sem dúvida os nossos progenitores viviam habitualmente no meio das árvores, e freqüentavam as regiões quentes cobertas de bosques. Os machos possuíam grandes caninos, que lhes serviam como arma de enorme poder." [24]

Darwin associa o homem ao tipo dos catarrinos dotados de cauda:

"E, assim, o faz retroceder um grau na escala da evolução. O naturalista inglês não se contenta com tomar posição no terreno de suas próprias doutrinas, e, do mesmo modo que Hæckel, entra neste ponto em contradição direta com uma das leis fundamentais que constituem o principal encanto do darwinismo." [25]

Em seguida, o sábio naturalista francês passa a demonstrar como foi quebrantada essa lei fundamental:

"Efetivamente, pela teoria de Darwin as transmutações não ocorrem nem pelo acaso nem em todas as direções. São regidas por certas leis inerentes à própria organização. Se o organismo uma vez se modifica em determinado sentido, pode sofrer transformações secundárias ou terciárias, mas sempre conservará a impressão do tipo original. A lei de *caracterização permanente é a única* que permite a Darwin explicar a filiação dos grupos, suas características e suas múltiplas relações. Em virtude desta lei, *todos* os descendentes do primeiro molusco têm sido moluscos; *todos* os descendentes do primeiro vertebrado têm sido vertebrados. Vê-se que ela constitui um dos fundamentos da doutrina. Segue-se que dois seres pertencentes a dois tipos distintos podem ter um *ancestral comum,* mas não pode um deles descender do outro.

Pois bem: existe um contraste muito pronunciado entre o homem e o macaco, *no que se refere ao tipo.* Os órgãos de ambos... correspondem quase exatamente uns aos outros; entretanto, acham-se dispostos segundo um plano bem diferente. No homem estão ordenados para fazê-lo essencialmente um *caminhante,* ao passo que no símio exigem que este seja um *trepador*... Temos aqui uma diferença anatômica e mecânica... Um simples relance de olhos na página em que Huxley apresentou, lado a lado, o esqueleto humano e os dos símios mais elevados basta como prova convincente.

A conseqüência destes fatos, do ponto de vista da aplicação lógica da lei de *caracterização permanente,* é que o homem não pode descender de um ancestral já caracterizado como símio, como não pode descender um símio catarrino sem cauda de um catarrino

---

(24) *The Descent of Man,* pág. 160, ed. 1888. Um exemplo ridículo das contradições evolucionistas nos é proporcionado por Schmidt (*Doctrine of Descent and Darwinism,* pág. 292). Diz ele: "O parentesco do homem com o macaco não é de pôr-se em dúvida por motivo da forma bestial dos dentes do orangotango ou do gorila adulto..." Mr. Darwin, pelo contrário, dota a sua fabulosa criatura com dentes que lhe servem de arma.

(25) De Quatrefages, *The Human Species,* pág. 106.

com cauda. Um animal *caminhante* não pode descender de um *trepador*. Foi isto perfeitamente compreendido por Vogt.

Ao classificar o homem entre os primatas, não hesita ele em declarar que os símios mais inferiores ultrapassaram a linha demarcatória (o ancestral comum) de onde partiram e se diferenciaram os vários tipos desta família. [A Ciência Oculta vê esse ancestral dos símios no grupo humano mais inferior do período atlante, como atrás esclarecemos.] Deve-se, portanto, fazer remontar a origem do homem além do último símio [o que é uma confirmação da nossa doutrina], se se quer preservar uma das leis mais essencialmente necessárias à teoria darwinista. Chegamos então aos *prossímios* de Hæckel, o loris, o indris, etc. Mas estes animais são também trepadores; devemos, por isso, retroceder ainda mais, em busca do nosso primeiro antecessor direto. A genealogia de Hæckel, porém, nos leva destes últimos aos *marsupiais*. Do homem ao canguru a distância é, certamente, grande. Ora, nem a fauna viva nem a extinta mostram os tipos intermediários que deviam servir como pontos de referência. Esta dificuldade embaraça muito pouco a Darwin [26]. Sabemos que ele considera a ausência de dados em tais questões como uma prova em seu favor. É o embaraço de Hæckel, fora de qualquer dúvida, não é maior que o dele. Admite Hæckel a existência de um *homem pitecóide*, absolutamente teórico...

Isso posto, provado como está, de acordo com o próprio darwinismo, que é preciso *fazer recuar a origem do homem além do décimo oitavo estádio, e sendo, conseqüentemente, imperioso* preencher o vazio entre os marsupiais e o homem, consentirá Hæckel em admitir a existência de *quatro grupos intermediários desconhecidos*, em lugar de um? Consentirá em completar deste modo a sua genealogia? Não me cabe responder." [27]

Veja-se a famosa genealogia de Hæckel em *The Pedigree of Man*, chamada por ele a "Série Ancestral do Homem". Na "Segunda Divisão" (décimo oitavo estádio), descreve:

"Os prossímios, aliados aos loris (estenopos) e aos maques (lemurianos), sem ossos marsupiais nem cloaca, *com placenta*." [28]

E agora consulte-se *L'Espèce Humaine*, de De Quatrefages [29], e examinem-se as provas, baseadas nas últimas descobertas, que o autor aduz para mostrar que os prossímios de Hæckel não têm decídua nem placenta difusa. Não podem ser os ancestrais dos símios, e muito menos os do homem, tendo em vista lei fundamental enunciada pelo próprio Darwin, conforme o demonstra o grande naturalista francês. Mas isto não causa a mínima impressão nos "teóricos do animal", pois as contradições e os paradoxos são a própria alma do darwinismo moderno. Exemplo: Mr. Huxley, que se externou a respeito do homem fóssil e do "elo perdido" dizendo que:

"nem na idade quaternária, nem na época presente, nenhum intermediário preenche o vazio que separa o homem do troglodita",

e que

"negar a existência de semelhante vazio *seria tão censurável quanto absurdo*";

(26) De acordo com o Professor Schmidt, que aliás se integra na mesma corrente de pensamento, Darwin traçou "um retrato certamente nada lisonjeiro, e talvez inexato em muitos pontos, de nossos presumidos ancestrais, na fase da aurora da humanidade" (*Doctrine of Descent and Darwinism*, pág. 284.)

(27) *The Human Species*, págs. 106-108.

(28) *Op. cit.*, pág. 77.

(29) Págs. 109-110.

e, no entanto, desmente, esse ilustre homem de ciência, suas próprias palavras *in actu*, sustentando com todo o peso de sua autoridade científica *a mais* "absurda" de todas as teorias: a de que *o homem descende do macaco!*

De Quatrefages diz:

"Essa genealogia está errada do começo ao fim, e tem por base um erro material."

Efetivamente, Hæckel baseia a sua descendência do homem no décimo sétimo e no décimo oitavo estádios, os marsupiais e os prossímios — (*genus Hæckelii?*). Ao aplicar este último termo aos lêmures, fazendo-os animais com placenta, comete ele um erro zoológico. Porque, depois de ele mesmo separar os mamíferos em dois grupos, segundo suas diferenças anatômicas: os *não-deciduados*, que carecem de decídua (ou membrana especial que une as placentas), e os *deciduados*, que a possuem, inclui os prossímios neste último grupo. Ora, já dissemos em outra parte o que outros homens de ciência pensam a esse respeito. Eis o que declara De Quatrefages:

"As investigações anatômicas de... Milne Edwards e de Grandier sobre os animais... não permitem duvidar-se que os prossímios de Hæckel sejam desprovidos de decídua e de placenta difusa. São *não-deciduados*. Longe de haver possibilidade de que sejam os antecessores dos símios, segundo os princípios estabelecidos pelo próprio Hæckel, *não podem ser considerados nem sequer como ancestrais dos mamíferos zonoplacentários*..., e devem ser associados aos Paquidermes, Edentados e Cetáceos." [30]

E, não obstante, ainda há gente para quem as invenções de Hæckel passam por *Ciência exata*!

O erro acima, se é que se trata mesmo de um erro, não se acha nem sequer mencionado no *Pedigree of Man*, de Hæckel, traduzido por Aveling. Se vale a desculpa de que, ao serem elaboradas as famosas "genealogias", "não se conhecia a embriogenia dos prossímios, hoje ela é familiar. Veremos se na próxima edição da tradução de Aveling aparece retificado esse importante erro, ou se os estádios dezessete e dezoito permanecem como estão, para fazer o leigo acreditar que são *verdadeiros* elos intermediários. Mas, como observa o naturalista francês:

"Sua atitude (a de Darwin e Hæckel) é sempre a mesma: considerar o desconhecido como uma *prova* em favor de sua teoria."

O que conduz ao seguinte: Conceda-se ao homem um Espírito imortal e uma Alma; dê-se a toda a criação, animada e inanimada, o princípio monádico, que evolucione gradualmente da polaridade latente e passiva à polaridade ativa e positiva — e Hæckel ficará sem ter em que se apoiar, digam o que disserem os seus admiradores.

Existem, contudo, divergências de monta, até mesmo entre Darwin e Hæckel. Enquanto o primeiro nos faz descender de catarrinos *com cauda*, Hæckel depara o nosso hipotético ancestral entre os símios *sem cauda*, embora o situe, ao mesmo tempo, em uma "fase" hipotética imediatamente anterior à dos Menocercas de cauda (estádio dezenove).

(30) *Op. cit.*, pág. 110.

Apesar de tudo, há uma coisa que temos em comum com a escola darwinista: é a lei da evolução gradual e extremamente lenta, abarcando muitos milhões de anos. O ponto principal de discordância parece consistir na natureza do "ancestral" primitivo. Dir-se-á que o Dhyân Chohan, ou "progenitor" de Manu, é um ser hipotético desconhecido no plano físico. Responderemos que toda a Antiguidade nele acreditava, e que nove décimos da humanidade atual ainda acreditam, ao passo que o homem pitecóide, ou homem-macaco, não só é uma criatura puramente hipotética da criação de Hæckel, desconhecido e inencontrável sobre Terra, mas ainda tem a sua genealogia, tal como ele a imaginou, em oposição com os fatos científicos e com todas as descobertas modernas da zoologia. É simplesmente um absurdo, até mesmo como ficção. Segundo De Quatrefages ,demonstra em poucas palavras, Hæckel "admite a existência de um homem pitecóide absolutamente teórico" — cem vezes mais difícil de aceitar que um ancestral Deva. E não é somente este o caso em que ele procede assim, para completar seu quadro genealógico. Com efeito: ele mesmo admite com certa ingenuidade as suas invenções, pois confessa a não-existência do seu Sozura (estádio quatorze) — um ser completamente desconhecido da Ciência — ao reconhecer, sob sua própria assinatura, que

"A prova de sua existência resulta da necessidade de um tipo intermediário entre os estádios treze e quatorze." (!)

Sendo assim, podemos nós sustentar, com a mesma razão científica, que a prova da existência de nossas três Raças etéreas, assim como de nossos homens com três olhos da Terceira e da Quarta Raças-Raízes, "resulta também da necessidade de um tipo intermediário" entre os animais e os Deuses. Que direito assiste aos partidários de Hæckel de protestar neste caso especial?

Haverá, naturalmente, uma resposta à mão: Porque não admitimos a presença da Essência Monádica. A manifestação do Logos como consciência individual, na criação animal e humana, não é aceita pela Ciência exata, nem tão pouco responde a todas as objeções. Mas os fracassos da Ciência e suas deduções arbitrárias representam, em seu conjunto, aspectos muito mais graves que os porventura oferecidos por qualquer doutrina Esotérica "extravagante" [31]. Até alguns pensadores da escola de Von Hartman têm sido atacados pela epidemia geral. Aceitam eles (pouco mais ou menos) a antropologia de Darwin, ainda que também pressuponham o Ego individual como uma manifestação do Inconsciente (a representação ocidental do Logos ou do Pensamento Divino Primordial). Dizem que a evolução do homem físico teve por ponto de partida o animal, mas que a mente, em suas diversas fases, é uma cópia de todo em todo independente dos fatos materiais, embora o organismo, como Upâdhi, seja necessário para sua manifestação.

---

(31) O sistema Esotérico da Evolução da Quarta Ronda é, naturalmente, muito mais complexo do que se diz categoricamente no parágrafo e nas citações a que se fez referência. É praticamente o *contrário* — assim na dedução embriológica como na sucessão das espécies no tempo — do conceito ocidental corrente.

ALMAS PLASTIDULARES E CÉLULAS NERVOSAS CONSCIENTES

Mas nunca se avista o fim das maravilhas de Hæckel e de sua escola, que os Ocultistas e os Teósofos têm o direito de considerar como viajores materialistas que penetram indevidamente em domínios metafísicos privados. Não satisfeitos com a paternidade do batíbio (Hæckel), inventam agora "almas plastidulares" e "almas-átomos" [32], sobre a base de forças puramente cegas e mecânicas da matéria. Anunciam que:

"O estudo da evolução da alma-vida mostra que esta abriu caminho ascendente partindo dos estados mais inferiores de simples alma-célula, através de uma série surpreendente de estados graduais evolutivos, até a alma do homem." [33]

"Surpreendente", em verdade — porque baseada semelhante especulação fantástica na *consciência* das "células nervosas". Conforme ele nos diz,

"Ainda que, na época atual, não estejamos em condições de poder explicar completamente a natureza da consciência [34], a observação comparada e genética desta última mostra claramente que ela é só uma função mais elevada e complexa das células nervosas." [35]

A canção de Mr. Herbert Spencer sobre a consciência — foi entoada, é o que parece, e de agora em diante pode ser recolhida, sem novidade, ao quarto de despejo das especulações obsoletas. Onde é, porém, que Hæckel vai chegar com as "funções complexas" de *suas* científicas "células nervosas"? Diretamente, e uma vez mais, aos ensinamentos místicos e Ocultos da *Cabala* sobre a descida das Almas como Átomos conscientes e inconscientes; à MÔNADA pitagórica e às *mônadas* de Leibnitz; e aos "Deuses, Mônadas e Átomos" do nosso ensinamento Esotérico [36]; à *letra morta* dos ensinamentos Ocultos, deixados aos Cabalistas *amadores* e aos professores de Magia cerimonial. Veja-se, com efeito, de que modo ele explica a terminologia que inventou:

---

(32) Segundo Hæckel, há também "almas-células" e "células-átomos"; uma "alma molecular inorgânica" sem memória e uma "alma plastidular" com memória. Que são, comparados a isto, os nossos ensinamentos esotéricos? A alma *divina e humana* dos sete princípios do homem tem, certamente, que empalidecer e ceder o campo em face de tão surpreendente revelação!

(33) *The Pedigree of Man*, pág. 296.

(34) Eis uma confissão valiosa. Mas não faz senão tornar ainda mais grotesca e *empírica*, no sentido da segunda definição de Webster, a tentativa de retraçar a origem da consciência do homem, bem como a do seu corpo físico, a partir do batíbio haeckeliano.

(35) *Ibid.*

(36) Os que têm opinião contrária, e consideram a existência da Alma humana como "um fenômeno sobrenatural, espiritual, devido a forças inteiramente diferentes das forças físicas ordinárias", desprezam, segundo ele, "toda explicação que seja simplesmente científica". Parece-lhe que esses não têm o direito de afirmar que "a psicologia é, em parte ou no todo, uma ciência espiritual e não uma ciência física". A nova descoberta de Hæckel — que, seja dito de passagem, vem ensinada desde há milhares de anos em todas as religiões orientais — de que os animais têm alma, vontade e sensações, e, por conseguinte, funções da alma, leva-o a fazer da psicologia a ciência dos zoólogos. O ensinamento arcaico — de que a alma (a alma animal e as almas humanas, ou Kâma e

"Almas-Plastidulares. Os plastídios, ou moléculas protoplásmicas, as partes menores e mais homogêneas do protoplasma, devem ser considerados, em nossa teoria plastidular, como os fatores ativos de todas as funções vitais. A alma plastidular difere da alma molecular inorgânica por ser dotada de memória." [37]

Esta idéia é desenvolvida em sua mirífica conferência sobre a "Perigênese dos Plastídios, ou os Movimentos Oscilatórios das Partículas Vivas". É um aperfeiçoamento da teoria de Darwin sobre a "Pangênese", e um passo a mais, um movimento cauteloso, para a "Magia". Semelhante teoria, explica o autor de *A Modern Zoroastrian* [38], supõe que:

"Alguns dos mesmos átomos que faziam parte dos corpos de nossos ancestrais foram assim transmitidos de geração em geração, de tal modo que nós somos literalmente "carne da carne" da criatura primordial que se desenvolveu em homem."

Por sua vez o Ocultismo ensina: (*a*) Que os átomos vitais de nosso Princípio Vital (Prana) nunca se perdem inteiramente quando o homem morre. Que os átomos mais impregnados do Princípio Vital, fator independente, eterno e consciente, são em parte transmitidos de pai a filho por meio da hereditariedade, e em parte reunidos outra vez para se tornarem o princípio animador do novo corpo m cada nova encarnação da Mônada. Porque (*b*), assim como a Alma Individual é sempre a mesma, assim também os átomos dos princípios inferiores (o corpo, seu duplo astral ou vital, etc.) são atraídos por afinidade e pela Lei Kármica à mesma individualidade, em uma série de corpos diferentes [39].

Para serem justos, ou pelo menos lógicos, deviam os discípulos modernos de Hæckel estabelecer que, daqui em diante, a "Perigênese dos Plastídios" e outras conferências similares fossem reunidas em um mesmo volume juntamente com os temas do "Budismo Esotérico" e dos "Sete Princípios do Homem". Desse modo, teria o público oportunidade, quando mais não fosse, para comparar os dois ensinamentos e ajuizar de que lado está o maior ou o menor absurdo, até mesmo do ponto de vista da ciência exata e materialista.

Ora, os Ocultistas, para quem cada átomo do Universo, quer seja simples ou complexo, promana de uma só Unidade, a *Vida* Universal; que não admitem possa existir algo *inorgânico* na Natureza, seja o que for; que des-

---

Manas) "tem a história de seu desenvolvimento" — reclama-o Hæckel como descoberta e inovação suas em uma "senda não palmilhada" (?). Ele, Hæckel, descreverá a evolução comparativa da alma no homem e nos outros animais. A morfologia comparativa dos órgãos da alma e a fisiologia comparativa das funções da alma, ambas fundadas na evolução, convertem-se deste modo no problema psicológico (realmente materialista) do homem de ciência. ("Almas-células e Células-almas", páginas 135, 136, 137, *Pedigree of Man.*)

(37) *The Pedigree of Man*, nota 20, pág. 296.

(38) Pág. 119.

(39) Veja-se "Transmigration of Life-Atoms" em *Five Years of Theosophy*, págs. 533-539. A agregação coletiva destes átomos forma assim o *Anima Mundi* do nosso Sistema Solar, a Alma do nosso pequeno Universo, cada átomo do qual é, naturalmente, uma alma, uma Mônada, um minúsculo universo dotado de consciência e, portanto, de memória (Vol. II, Seção XIV: "Deuses, Mônadas e Átomos").

conhecem o que se chama Matéria *inerte* — os Ocultistas são coerentes com a sua doutrina do Espírito e da Alma, quando falam da *memória* que há em cada átomo da vontade e da sensação. Mas que pode dizer aquele que se qualifica de Materialista? A lei da biogênese, no sentido que lhe emprestam os discípulos de Hæckel, é fruto da ignorância do homem de ciência no que concerne à Física *Oculta*. Nós conhecemos os "átomos-vida" e os "átomos adormecidos", e a eles nos referimos porque consideramos essas duas formas de energia — a cinética e a potencial — como produzidas por uma só e mesma força, Vida Una, sendo esta última a fonte propulsora de todo movimento: mas que é que proporciona a energia e especialmente a memória às "almas plastidulares" de Hæckel? O "movimento ondulatório das partículas vivas" torna-se compreensível com a teoria de uma Vida Una Espiritual, de um Princípio Vital Universal, independente de *nossa* Matéria e manifestando-se em *nosso* plano de consciência, tão somente, sob a forma de *energia atômica*. É o que, individualizado no ciclo humano, se transmite de pai a filho.

Pois bem: Hæckel, modificando a teoria de Darwin, sugere, "mais plausivelmente" do que supõe o autor de *A Modern Zoroastrian*:

"Que não são propriamente os átomos, mas os seus movimentos e o seu modo peculiar de agregação que assim se transmitem (por hereditariedade)." [40]

Se Hæckel, ou outro qualquer homem de ciência, conhecesse melhor a natureza do átomo, não é assim que ele teria retificado esse ponto. Pois, em verdade, o que faz é repetir a mesma coisa em uma linguagem mais metafísica que a de Darwin. O Princípio Vital, ou *Energia Vital*, que é onipresente, eterno e indestrutível, é uma força e um princípio, como *númeno*, ao passo que, como *fenômeno*, é representado pelos Átomos. Tudo é uma só e mesma coisa, e só no conceito materialista é que pode haver separação [41].

Mais adiante, Hæckel enuncia, em relação às Almas-Átomos das coisas, uma idéia que, à primeira vista, parece tão oculta quanto a Mônada de Leibniz:

(40) *Op. cit.*, pág. 119.

(41) Em "The Transmigration of Life Atoms" (*Five Years of Theosophy*, págs. 535-6), ocupando-nos de Jiva, ou Princípio Vital, dissemos o seguinte, para explicar melhor uma questão freqüentemente mal compreendida: "É onipresente... ainda que [muitas vezes em nosso plano de manifestação]... se encontre em estado letárgico [como na pedra]... A definição segundo a qual esta força indestrutível, 'quando separada de um grupo de átomos [devia dizer-se *moléculas*], é imediatamente atraída por outros', não implica que ela abandone por completo o primeiro grupo [porque então os próprios átomos desapareceriam], mas apenas que transfere sua *vis viva*, ou poder vivente (a energia do movimento), a outro grupo. Manifestando-se, porém, no grupo seguinte sob a forma denominada energia cinética, não se segue daí que o primeiro grupo fique dela privado inteiramente; pois a força continua nele sob a forma de energia potencial ou vida latente." Ora, que pretente Hæckel significar com a sua expressão "não os átomos propriamente ditos, mas os seus movimentos e o seu modo peculiar de agregação", se não é a mesma energia cinética que acabamos de explicar? Antes de excogitar teorias que tais, deve ele ter lido Paracelso e estudado *Five Years of Theosophy*, sem que lhes assimilasse devidamente os ensinamentos.

"A recente controvérsia acerca da natureza dos átomos, que devemos considerar, sob uma forma ou outra, como os fatores últimos de todo processo físico e químico, parece ter sido calcada com muita facilidade no conceito de que estas massas infinitamente pequenas possuem, como centros de forças, uma alma persistente, e que cada alma é dotada de sensação e da faculdade de mover-se." [42]

Ele não diz uma palavra quanto à circunstância de ser essa a teoria de Leibniz, e também uma teoria eminentemente Oculta. Tão pouco dá à palavra "alma" o mesmo sentido que lhe damos nós; para Hæckel, ela (assim como a consciência) não é mais que o produto da matéria cinzenta do cérebro, e uma coisa que, como a alma-célula,

"está tão indissoluvelmente ligada ao corpo protoplásmico como a alma humana ao cérebro e à espinha dorsal." [43]

Rejeita as conclusões de Kant, de Herbert Spencer, de Du Bois-Reymond e de Tyndall. Este último expressa a opinião de todos os grandes homens de ciência, bem como dos mais eminentes pensadores do passado e do presente, quando diz que:

"A passagem da física do cérebro aos fatos correspondentes da consciência é incompreensível. Se a nossa mente e os nossos sentidos fossem... iluminados de modo que nos permitissem ver e sentir as moléculas mesmas do cérebro; se fossem capazes de seguir todos os seus movimentos, todas as suas combinações... suas descargas elétricas... estaríamos tão longe como sempre da solução do problema... O abismo que separa as duas classes de fenômenos ainda continuaria intransponível." [44]

Mas a função complexa das células nervosas do grande empírico alemão, ou, em outras palavras, a sua consciência, não lhe permitem acompanhar as conclusões dos mais eminentes pensadores do nosso globo. *Ele é maior do que os outros.* Assim o afirma, *protestando* contra todos:

"Ninguém tem o direito de sustentar que não possamos, no futuro, passar além dos limites dos nossos atuais conhecimentos, que hoje nos parecem intransponíveis."

E da introdução de Darwin a *The Descent of Man* cita ele as palavras seguintes, aplicando-as modestamente aos seus adversários científicos e a si mesmo:

"Os que sabem pouco, e não os que sabem muito, são os que afirmam categoricamente que este ou aquele problema não será nunca resolvido pela Ciência." [45]

O mundo pode ficar tranqüilo. Não está longe o dia em que o "ttês vezes grande" Hæckel há de demonstrar, a sua plena satisfação, que a consciência de Sir Isaac Newton não era, do ponto de vista fisiológico, senão a ação reflexa (ou consciência *minus*) causada pela perigênese dos plastídios de nosso ancestral comum e velho amigo, o *Moneron Hæckelii*. Ainda quando

(42) *Op. cit.*, nota 21, pág. 296.

(43) *Ibid.*, nota 19.

(44) *Ibid.*, nota 23.

(45) *Op. cit.*, pág. 2.

o mencionado Batíbio haja sido denunciado e reconhecido como um impostor que simula a substância orgânica, *que não é,* e ainda que, entre os filhos dos homens, só a mulher de Lot — e esta mesma só depois de sua desagradável metamorfose — possa reivindicar como antepassado o punhado de sal, *que é,* tudo isso não produz o mais mínimo embaraço ou desânimo ao nosso sábio. Continuará afirmando, com o mesmo sangue frio de sempre, que foram os modos e movimentos peculiares, e somente eles, do espectro daqueles há tanto tempo desaparecidos átomos de nosso Pai Batíbio — transmitidos através de evos sem conta no tecido celular da matéria cinzenta cerebral de todos os grandes homens — que fizeram Sófocles, Ésquilo e Shakespeare escrever suas tragédias, Newton os seus *Principia,* Humboldt o seu *Cosmos,* etc. Também levaram Hæckel a inventar nomes greco-latinos com a extensão de três polegadas, pretendendo com eles dizer muita coisa, e não dizendo nada.

Sabemos que todos os verdadeiros e honestos evolucionistas estão, naturalmente, de acordo conosco; e que são os primeiros a declarar que, não só os conhecimentos geológicos são imperfeitos, mas existem enormes hiatos, que jamais poderão ser preenchidos, na série dos fósseis até agora descobertos. Dirão, além disso, que "nenhum evolucionista pretende que o homem descende de alguma espécie de símios existente, nem tampouco extinta", mas que o homem e o macaco se originaram, *provavelmente,* há muitos e muitos evos, de algum tronco fundamental comum. No entanto, como observa De Quatrefages, não deixarão de invocar, como prova em apoio de suas palavras, aquela abundância de falta de provas, dizendo que:

"Todas as séries vivas não foram conservadas nas séries fósseis, por serem as probabilidades de conservação raras e espaçadas entre si... [até mesmo os homens primitivos] tinham o costume de enterrar ou queimar os seus mortos."

É justamente o que nós dizemos. Tão *possível* é que o futuro nos reserve o descobrimento do gigantesco esqueleto de um atlante de trinta pés de altura, quanto o do fóssil de um "elo perdido" pitecóide; só que o primeiro caso é mais *provável.*

SEÇÃO III

AS RELÍQUIAS FÓSSEIS DO HOMEM E O SÍMIO ANTROPÓIDE

A

FATOS GEOLÓGICOS QUE SE REFEREM À RELAÇÃO ENTRE OS DOIS

Os dados que resultam das investigações científicas do "homem primitivo" e do símio em nada confirmam as teorias que dão o primeiro como descendente do segundo. "Onde, pois, devemos ir buscar o homem primitivo?" — indaga novamente Mr. Huxley, depois de o haver procurado em vão nas profundezas dos estratos quaternários.

"O primitivo *Homo Sapiens* terá sido plioceno ou mioceno? Ou ainda mais antigo? Aguardam os ossos fósseis de um símio mais antropóide ou de um homem mais pitecóide que os até agora conhecidos as investigações, em estratos ainda mais antigos, de algum paleontólogo por nascer? O futuro nos dirá." [1]

Di-lo-á, sem dúvida, justificando e confirmando a Antropologia dos Ocultistas. Enquanto isso, em seu afã de defender *The Descent of Man* de Darwin, Mr. Boyd Dawkins crê que falta somente encontrar o "elo perdido" — em teoria. Deveu-se aos teólogos, mais que aos geólogos, que o homem fosse considerado, até cerca do ano de 1860, como uma relíquia cuja antiguidade não ia além dos 6.000 anos ortodoxos do período adâmico. Quis, porém, o Karma que a um abade francês, Bourgeois, coubesse dar nessa teoria então corrente um golpe ainda maior que o das descobertas feitas por Boucher de Perthes. Todo o mundo sabe que o abade descobriu e trouxe à luz provas suficientes de que o homem que existia no período Mioceno; porquanto em camadas da era Miocena foram escavados exemplares de sílex trabalhados inegavelmente pela mão humana. Segundo diz o autor de *Modern Science and Modern Thought*:

"Devem ter sido cortados pelo homem ou, como supõe Mr. Boyd Dawkins, pelo driopteco ou algum outro símio antropóide que tivesse uma dose de inteligência tão superior à do gorila e à do chimpanzé que fosse capaz de fabricar instrumentos. Mas,

(1) *Man's Place in Nature*, pág. 208.

neste caso, estaria resolvido o problema e descoberto o elo perdido, pois semelhante símio poderia muito bem ser o ancestral do homem paleolítico." [2]

Ou então — *o descendente do homem Eoceno,* o que é uma variante oferecida à teoria. Entretanto, o driopteco, com tão superiores dotes mentais, ainda está por descobrir. Por outra parte, havendo certeza absoluta quanto à existência do homem Neolítico e mesmo do homem Paleolítico, e como justamente observa o citado autor:

"Se transcorreram 100.000.000 de anos desde que a Terra se tornou bastante sólida para comportar a vida vegetal e animal, o período Terciário pode ter durado 5.000.000 ou 10.000 000 de anos, se o princípio-animador das coisas vem durando, como supõe Lyell, desde há 200.000.000 de anos, pelo menos" [3],

por que não ensaiar outra teoria? Transportemos o homem, por hipótese, ao final dos tempos Mesozóicos — admitindo *argumenti causa* que os símios de tipo superior (bem mais recentes) então existissem! Isso daria tempo mais que suficiente para que o homem e os símios modernos se houvessem distanciado do mítico "símio mais antropóide", e ainda para que este último degenerasse nos que agora vemos *imitarem* o homem, "usando ramos de árvores como maças e quebrando nozes de coco com martelo e pedras" [4]. Na Índia, algumas tribos de montanheses selvagens constroem as suas casas nas árvores, da mesma forma que os gorilas constroem as suas guaridas. A questão de saber qual dos dois, o animal ou o homem, imitou o outro, não é de ser discutida, ainda que se admita a teoria de Mr. Boyd Dawkins. Todavia, o caráter fantasista dessa hipótese é, de modo geral, reconhecido. Argumenta-se que, embora existissem nas eras Pliocena e Miocena verdadeiros símios e cinocéfalos, sendo o homem inegavelmente contemporâneo dos primeiros nessas épocas — em que pese à Antropologia ortodoxa, que ainda vemos hesitar, diante dos mesmos fatos, em situá-lo na era do driopteco, que mais tarde

"foi considerado por alguns anatomistas como superior, em alguns aspectos, ao chimpanzé e ao gorila" [5],

argumenta-se, dizíamos, que nos estratos Eocenos não foram encontrados vestígios fósseis de *primatas* e de nenhum grupo pitecóide, salvo algumas poucas formas lemurianas extintas. Observa-se também que o driopteco *pode ter sido* o "elo perdido", não obstante o cérebro desse animal não afiançar semelhante teoria mais que o do gorila de nossos dias (vejam-se também as especulações de Gaudry).

(2) *Op. cit.,* pág. 157.
(3) *Ibid.,* pág. 161.
(4) É assim que devia prestar-se o *homem primitivo!* Não sabemos de homens, nem mesmo entre os selvagens, que vivam imitando os macacos, lado a lado com eles, nas matas da América e nas ilhas. Mas sabemos de grandes macacos que, domesticados e vivendo nas casas, se põem a imitar o homem, ao ponto de se cobrirem com chapéus e roupas. A autora uma vez teve um chimpanzé que, sem ninguém lhe ensinar, abria um jornal, fazendo parecer que o lia. São as gerações descendentes, são os filhos que imitam os pais, e não o inverso.
(5) *Ibid.,* pág. 151.

Agora, bem que desejaríamos saber qual o homem de ciência que se dispõe a provar *a não existência* do homem nos primeiros tempos da Era Terciária. Que é que impedia a sua presença? Não faz mais de trinta anos, negava-se com indignação que ele houvesse existido em época anterior a seis ou sete mil anos atrás. Hoje não querem admiti-lo no período Eoceno. No próximo século perguntar-se-á, quem sabe, se não terá sido contemporâneo do "dragão voador", do pterodátilo, do plesiossauro, do iguanodonte, etc. Entretanto, prestemos atenção ao eco da Ciência:

"Onde quer que vivessem os símios antropóides, está claro que também o homem, ou a criatura que lhe foi ancestral, pode ter vivido, já em razão de sua estrutura anatômica, já em razão do clima e das condições ambientes. Do ponto de vista anatômico, os símios são variações tão especiais do tipo mamífero, quanto o homem, ao qual se assemelham, osso por osso e músculo por músculo; e o homem, animal físico, é simplesmente um tipo quadrúmano especializado para andar em posição ereta e com um cérebro mais desenvolvido [6]... Se pôde sobreviver, como sabemos que sobreviveu, às condições adversas e às vicissitudes extremas do período Glaciário, não há razão para que não pudesse viver no clima semitropical do período Mioceno, quando um clima propício se estendia até à Groenlândia e o Spitzberg." [7]

Enquanto a maior parte dos homens de ciência, intransigentes em sua convicção de que o homem descende de "um mamífero antropóide desaparecido", não admitem nem mesmo a simples possibilidade de outra teoria que a do antecessor comum ao homem e ao driopteco, surpreende e conforta ver uma obra de real valor científico que abre uma margem nesse rumo. Tal margem é, em verdade, tão ampla quanto possível nas atuais circunstâncias, isto é, sem o perigo imediato de soçobro na maré montante da adulação científica. Acreditando que a dificuldade de explicar

"pela evolução o desenvolvimento do intelecto e da moralidade não é tão grande como a que apresentam as diferenças de estrutura física entre o homem e o animal mais elevado" [8],

— acrescenta o mesmo autor:

---

(6) Perguntamos se haveria alguma alteração, por mínima que fosse, da verdade científica constante do trecho acima, se se lesse: "O símio é simplesmente um tipo bípede especializado para marchar geralmente a quatro patas e com um cérebro menos desenvolvido". Esotericamente falando, esta é a verdade, e não o inverso.

(7) *Modern Science and Modern Thought*, pp. 151-2.

(8) Aqui não podemos acompanhar Mr. Laing. Quando um darwinista notório como Huxley sinala o "grande abismo que separa o símio mais desenvolvido do homem menos desenvolvido, quanto às faculdades de inteligência", o "enorme abismo... entre eles", a "distância incomensurável e realmente infinita entre a espécie humana e a dos símios" (*Man's Place in Nature*, págs. 142-143 e nota); quando até a base física da mente — o cérebro — excede tão *largamente* o tamanho do cérebro dos símios superiores; quando homens como Wallace se vêem obrigados a invocar a intervenção de inteligências extraterrestres, a fim de explicar a elevação de uma criatura qual o pitecantropus alalus, ou o selvagem mudo de Hæckel, até o nível do homem *moral* de grande cérebro dos nossos dias; — quando há tudo isso, é inútil relegar com tanta singeleza os enigmas da evolução. Se a prova *estrutural* é tão pouco convincente e, no seu conjunto, tão hostil ao darwinismo, as dificuldades para se descobrir o "como" da evolução da *mente* humana por seleção natural são dez vezes maiores.

"Mas não é tão fácil descobrir como surgiu esta diferença de estrutura física e como veio à existência um ser com cérebro e mãos semelhantes, e com tais faculdades latentes e capazes de um progresso quase ilimitado. A dificuldade é a seguinte: a diferença de estrutura entre o homem de raça a mais inferior que se conhece e o símio atual mais desenvolvido é demasiado grande para que se admita a possibilidade de um ser descendente direto do outro. O negro, em alguns aspectos, aproxima-se ligeiramente do tipo simiesco. Seu crânio é mais estreito, o cérebro de menor volume, as maxilas mais proeminentes, os braços mais compridos, do que no tipo médio dos europeus. Mas não deixa de ser essencialmente um homem, separado do chimpanzé e do gorila por um abismo de distância. Até mesmo o idiota ou o cretino, cujo cérebro e inteligência não são mais desenvolvidos que no chimpanzé, é um homem definido e não um símio.

Conseqüentemente, a prevalecer a teoria de Darwin no caso do homem e do macaco, há que retroceder a algum antecessor comum, do qual se tenham ambos originado... Mas, para que isto seja havido como um *fato*, e não como uma *teoria*, faz-se preciso encontrar essa forma ancestral, ou, pelo menos, algumas formas intermediárias que dela nos aproximem... em outras palavras... o "elo perdido". Ora, devemos convir que, até o presente, não só continuam faltando tais elos, como ainda os mais antigos crânios e esqueletos humanos conhecidos, que datam do período Glaciário e têm, provavelmente, cem mil anos no mínimo, não indicam aproximação muito acentuada àquele tipo pré-humano. Antes pelo contrário, um dos tipos mais antigos, o dos homens da caverna de Cro-Magnon [9], corresponde a uma raça de características formosas, elevada estatura, cérebro grande, e em seu conjunto superior a muitas das raças humanas de hoje. Alega-se, naturalmente, que o tempo não é suficiente e que, se o homem e o macaco tiveram um antecessor comum, e sendo certo que no período Mioceno já existia o símio altamente desenvolvido, como também provavelmente o homem, há que recuar ainda mais, no tempo, a procura daquele antecessor comum, e a uma distância tal que todo o período Quaternário, se comparado, aparece realmente insignificante... Tudo isso é verdade, e pode muito bem fazer com que hesitemos antes de admitir que o homem... constitui a única exceção à leí geral do Universo e foi obra de uma criação especial. Tal coisa é mais difícil de crer, porquanto a família do símio, com que tanto se parece o homem [?] no tocante à estrutura física, compreende numerosos ramos que se diferenciam gradualmente, mas cujos extremos divergem entre si mais que o homem da série mais elevada de símios. Se se requer uma criação especial para o homem, por que não também para o chimpanzé, o gorila, o orangotango, e pelo menos cem diferentes espécies de símios, cuja constituição segue as mesmas linhas?" [10]

Houve uma "criação especial" para o homem e uma "criação especial" para o símio, *sua* progênie; só que obedeceram a linhas diferentes das que a ciência tem imaginado. Alberto Gaudry e outros apresentam algumas razões de peso, em virtude das quais não pode o homem ser considerado o coroamento de um tronco simiesco" (?) era uma realidade na era Miocena, mas também, conforme demonstra De Mortillet, as relíquias de sílex deixadas por ele foram trabalhadas *por meio do fogo,* naquela remota época; quando nos dizem que o driopteco é *o único dos antropóides* que aparece naqueles estratos — qual é a conclusão natural? Que os darwinistas vagueiam na incerteza. Até o gibão, que tanto se parece com o homem, *ocupa ainda o mesmo grau inferior de desenvolvimento em que estava quando coexistia com o homem ao fim do período Glaciário.* Não apresenta diferenças apreciáveis desde os tempos Pliocenos. Ora, há pouco que escolher entre o driop-

(9) Raça que De Quatrefages e Hamy consideram ser um ramo derivado do mesmo tronco de que saíram os guanches das Ilhas Canárias — numa palavra, descendentes dos atlantes.

(10) *Ibid.*, págs. 180-182.

teco e os antropóides atuais — gibão, gorila, etc. Se a teoria de Darwin é suficiente em todos os sentidos, como se "explica" a evolução daquele símio em homem durante a primeira metade do período Mioceno? O tempo é excesivamente curto para semelhante transformação teórica. A extrema lentidão com que se produzem as variações das espécies torna inconcebível a coisa, sobretudo com base na hipótese da "seleção natural". O imenso abismo mental e estrutural entre um selvagem que conhece o fogo, inclusive o modo de o acender, e um bruto antropóide, é de proporções demasiado amplas para que se possa, ainda que em imaginação, lançar uma ponte em tão restrito período. Que os evolucionistas façam retroceder o processo até o período Eoceno, se o preferirem; que façam o homem e o driopteco descender de um antecessor comum; ainda assim, terão que enfrentar a desagradável consideração de que, nas camadas Eocenas, os fósseis antropóides são tão notáveis por sua ausência quanto o fabuloso pitecantropo de Hæckel. Haverá uma saída para este *cul-de-sac* no apelar-se para o "desconhecido" e para aquela referência darwiniana sobre a "imperfeição dos dados geológicos"? Seja; mas igual direito de apelação deve ser também reconhecido aos Ocultistas, em vez de permanecer como monopólio dos materialistas em sua perplexidade. O homem físico, dizemos nós, já existia antes que se depositasse o primeiro leito de rochas cretáceas. Nos primórdios da idade Terciária florescia a mais brilhante civilização que o mundo já conheceu; numa época em que se diz que o *homem-macaco* de Hæckel errava pelas florestas primitivas e em que o antepassado putativo de Mr. Grant Allen saltava de galho em galho com suas peludas companheiras, as Liliths degeneradas do Adão da Terceira Raça. Ainda não havia símios antropóides nos melhores dias da civilização da Quarta Raça; o Karma é, porém, uma lei misteriosa que não respeita pessoas. Os monstros concebidos no pecado e na vergonha pelos gigantes atlantes, "cópias adulteradas" de seus bestiais autores e, portanto, do homem moderno, segundo Huxley, ainda hoje extraviam e engolfam no erro os antropólogos especulativos da ciência européia.

Onde viveram os primeiros homens? Alguns darwinistas dizem que na África ocidental, outros que no sul da Ásia; e outros crêem ainda em uma origem independente de troncos humanos, na Ásia e na América, de antecessores simiescos (Vogt). Mas Hæckel entra galhardamente na liça. Partindo do seu prossímio, "o antecessor comum de todos os catarrinos" — "elo" que as recentes descobertas anatômicas puseram de lado — trata ele de encontrar uma localização para o *pithecanthropus alalus* primitivo:

"Segundo toda probabilidade, ela [a transformação do animal em homem] ocorreu na Ásia Meridional, em cuja região se apresentam muitas provas de ter sido a morada primitiva de diferentes espécies de homens. Mas pode ser que a Ásia Meridional não tenha sido o primeiro berço da espécie humana, e sim a Lemúria, um continente que ficava ao sul da Ásia e que mais tarde submergiu nas águas do Oceano Índico. O período em que se deu a evolução dos macacos antropóides em homens parecidos com símios foi provavelmente a última parte da época Terciária, o período Plioceno e, talvez o Mioceno que o precedeu." [11]

(11) *Pedigree of Man*, pág. 73.

De todas as especulações antes referidas, a única de algum valor é a que menciona a Lemúria, que *foi* o berço da humanidade — da criatura física de dois sexos, que se materializou através de largos evos, partindo da condição de hermafroditas etéreos. Acontece que, se provado que a Ilha da Páscoa é realmente um remanescente da Lemúria, não há como deixar de crer, de acordo com Hæckel, que os "homens mudos parecidos com símios", que acabavam de descender de um grosseiro e monstruoso mamífero, construíram as gigantescas estátuas-retratos, duas das quais estão agora no Museu Britânico. Os críticos se equivocam quando aplicam às doutrinas de Hæckel os qualificativos de "abomináveis, revolucionárias e imorais" — embora o materialismo seja o fruto legítimo do símio ancestral —: elas simplesmente são demasiado absurdas para que haja necessidade de refutá-las.

B

EVOLUCIONISMO OCIDENTAL: A ANATOMIA COMPARADA DO HOMEM E DO ANTROPÓIDE NÃO CONFIRMA DE MODO ALGUM O DARWINISMO

Ouvimos dizer que, enquanto todas as demais heresias contra a Ciência moderna podem ser vistas com indulgência, a nossa impugnação à teoria de Darwin, no que respeita ao homem, será considerada como um pecado de todo o ponto "imperdoável". Para os evolucionistas, a similaridade de estrutura entre o macaco e o homem constitui um alicerce tão firme quanto a rocha. As provas anatômicas, argumentam eles, são esmagadoras neste caso; um e outro se assemelham entre si, osso por osso, músculo por músculo, e até a conformação do cérebro é quase a mesma.

Pois bem; e daí? Tudo isso já era sabido antes do rei Herodes; e os autores do *Râmâyana,* os poetas que cantaram as proezas e o valor de Hanumân, o Deus-Macaco, "cujos feitos foram grandes e cuja sabedoria não foi jamais igualada", devem ter sabido tanto de sua anatomia e de seu cérebro como um Hæckel e um Huxley dos nossos dias. Volumes sobre volumes foram escritos na antiguidade a respeito daquela semelhança, como o têm sido nos tempos modernos. Portanto, não há nada de novo para o mundo nem para a filosofia em obras como *Man and Apes,* de Mivart, ou na defesa do darwinismo produzida pelos senhores Fiske e Huxley. Quais são, porém, essas provas decisivas de que o homem descende de um antecessor pitecóide? Alega-se que, se a teoria de Darwin não é exata, se o homem e o macaco não procedem de um antecessor comum, teremos então que explicar:

I. A semelhança de estrutura entre os dois; a razão por que o mundo animal superior — o homem e a besta — só comporta, fisicamente, um tipo ou modelo.

II. A presença de órgãos rudimentares no homem, isto é, vestígios de órgãos anteriores, agora atrofiados por falta de uso. Alguns destes órgãos, afirma-se, não teriam nenhuma finalidade, a não ser em um monstro semi-ani-

mal, semi-arbóreo. Por que então se encontram no homem órgãos "rudimentares" — tão inúteis para ele quanto a asa para o *apteryx* — tais como o apêndice vermiforme do ceco, os músculos das orelhas [12], a "cauda rudimentar" com que ainda nascem algumas crianças, etc.?

Tal é o grito de guerra; e o escarceu da arraia miúda dos darwinistas torna-se ainda mais estridente, se possível, que o dos evolucionistas científicos!

Por outra parte, estes últimos — com o seu grande chefe Mr. Huxley e zoólogos eminentes como Mr. Romanes e outros —, ao mesmo tempo que detendem a teoria de Darwin, são os primeiros a reconhecer as dificuldades quase insuperáveis para sua demonstração final. E há também homens de ciência, tão ilustres quanto os que vimos de mencionar, que negam categoricamente aquela malsinada suposição e denunciam bem alto os exageros injustificáveis nessa questão da similaridade de estrutura. Basta relancear a vista nas obras de Broca, Gratiolet, Owen, Pruner Bey, e finalmente no importante livro de De Quatrefages, *Introduction à l'Étude des Races Humaines, Questions Générales,* para descobrir a falácia das razões dos evolucionistas. Mais ainda: os exageros a respeito da semelhança de estrutura entre o homem e o símio antropomorfo têm sido de tal modo evidentes e absurdos nestes últimos tempos que até o próprio Mr. Huxley se viu obrigado a protestar contra as presunções excessivamente ousadas. Foi esse grande anatomista quem chamou pessoalmente à ordem a "arraia miúda", declarando em um de seus artigos que as diferenças entre a estrutura do corpo humano e a do pitecóide antropomorfo mais desenvolvido, *longe de serem insignificantes e sem importância,* eram, pelo contrário, muito grandes e sugestivas:

"Cada osso do gorila apresenta sinais característicos que permitem distingui-lo do osso humano correspondente." [13]

Entre as criaturas existentes não há uma só forma intermédia capaz de preencher o hiato que separa o homem do macaco. Ignorar esse hiato, acrescenta ele, "seria tão errôneo quanto absurdo".

Finalmente, o absurdo de semelhante descendência *antinatural* do homem é de tal sorte evidente, à vista de todas as provas que resultam da comparação entre o crânio do pitecóide e o do homem, que De Quatrefages

(12) O Professor Owen acredita que estes músculos — o *attolens,* o *retrahens* e o *atirahens aurem* — funcionavam ativamente no homem da idade de pedra. Pode ser ou não exato. O assunto cai no domínio das explicações "ocultas", e não envolve nenhum postulado de um "progenitor animal" para resolvê-lo.

(13) *Man's Place in Nature,* pág. 104. Temos outra grande autoridade: "Vemos no período Terciário um dos símios mais parecidos com o homem (o gibão), e essa espécie *continua no mesmo grau inferior e lado a lado com ele*; no final do período Glaciário vemos o homem ocupando o mesmo grau superior que hoje ocupa; o símio não se aproximou mais do homem, nem o homem moderno se distanciou do símio mais do que o primeiro homem (fóssil) . . . Estes fatos contradizem a teoria do desenvolvimento progressivo constante" (Pfaff). Quando se observa, segundo Vogt, que o cérebro médio de um australiano é de 99,35 polegadas cúbicas, o do gorila de 30,51 e o do chimpanzé apenas de 22,45, salta aos olhos o *incomensurável abismo* a ser transposto pelos defensores da "Seleção Natural".

recorre inconscientemente à nossa teoria Esotérica, ao dizer que são os símios que podem ter a pretensão de descender do homem, em vez de o contrário. Segundo demonstrou Gratiolet, com relação às cavidades do cérebro dos antropóides — em cujas espécies este órgão se desenvolve em razão inversa do que sucederia se os órgãos correspondentes no homem fossem realmente produto do desenvolvimento de tais órgãos no macaco — o tamanho do crânio e do cérebro humano, assim como o das cavidades, cresce paralelamente ao desenvolvimento individual do homem. Sua inteligência alarga-se e aumenta com a idade, ao mesmo passo que os ossos faciais e as maxilas diminuem e se fortalecem, dando-lhe um aspecto mais espiritual, quando no símio é o inverso que ocorre. Em seus primeiros anos, o antropóide é muito mais inteligente e bom; com a idade, porém, torna-se mais obtuso, e, à medida que o seu crânio retrocede e parece diminuir com o crescimento, a ossatura facial e as mandíbulas se desenvolvem, e por fim o cérebro se achata e é totalmente impelido para trás, acentuando assim, cada vez mais, o tipo animal. O órgão do pensamento, o cérebro, retrocede e diminui, completamente dominado e substituído pelo órgão da fera, o aparelho maxilar.

Diante disso, como observa com certo espírito o autor da obra francesa, *um gorila poderia com justiça dirigir-se a um evolucionista para reivindicar* a direito de ser descendente dele. Dir-lhe-ia: Nós, os símios antropóides, constituímos uma ramificação retrógrada do tipo humano, e, por conseguinte, o nosso desenvolvimento e evolução se manifestam por uma transição de nossa estrutura orgânica, semelhante à do homem no princípio, semelhante à do animal depois; mas *vós*, os homens, de que modo podeis descender de nós, como podeis ser a continuação do nosso gênero? Para que tal coisa fosse possível, seria preciso que a vossa organização diferisse ainda mais que a nossa da estrutura humana: teria que estar mais próxima à da besta que a nossa; e, nesse caso, manda a justiça que nos seja cedido o lugar que ocupais na Natureza. Sois inferiores a nós, desde o momento em que insistis em fazer retroagir vossa genealogia até a nossa espécie; pois a estrutura do nosso organismo e o seu desenvolvimento são tais que nos sentimos incapazes de gerar formas de uma organização superior à nossa.

Neste ponto as Ciências Ocultas estão de inteiro acordo com *De Quatrefages*. Em razão mesmo do seu modo de desenvolvimento, não pode o homem descender do símio nem de um antecessor comum aos dois; mas tudo indica que a sua origem vem de um tipo muito superior a ele próprio. Esse tipo é o "Homem Celeste": o Dhyân Chohan ou o chamado Pitri, a que já nos referimos na Parte I do Volume III. Por outro lado, o pitecóide, o orangotango, o gorila e o chimpanzé *podem* descender — e *descendem realmente*, conforme ensinam as Ciências Ocultas — da Quarta Raça-Raiz humana, que se animalizou, sendo o produto do cruzamento do homem com uma espécie de mamíferos já extinta — e cujos remotos antecessores foram, por sua vez, o produto da bestialidade lemuriana — mamíferos que viveram no período Mioceno. A raiz ancestral do monstro semi-humano, segundo explicam as Estâncias, remonta ao pecado das raças "sem mente" do período médio da Terceira Raça.

Quando se tem presente que todas as formas que hoje povoam a Terra são outras tantas variações de *tipos fundamentais* oriundos dos homens da Terceira e da Quarta Ronda, o argumento dos evolucionistas, que insistem na "unidade do plano estrutural" que caracteriza os vertebrados, perde toda a sua força. Os tipos fundamentais a que aludimos eram em número muito reduzido em comparação com a multidão de organismos que deles se originaram finalmente; isso não obstante, uma unidade geral de tipo foi conservada através das idades. A economia da Natureza não sanciona a coexistência de vários "planos fundamentais", completamente opostos, de evolução orgânica, no mesmo planeta. Contudo, uma vez formuladas as linhas gerais da explicação Oculta, pode-se muito bem deixar à intuição do leitor a dedução dos pormenores.

O mesmo sucede com a importante questão dos órgãos "rudimentares" descobertos pelos anatomistas na estrutura humana. É fora de dúvida que esta espécie de argumentação, manejada por Darwin e Hæckel contra seus adversários europeus, foi de grande peso. Os antropólogos, que haviam ousado contestar a derivação do homem de antecessores animais, viram-se sobremodo embaraçados para explicar a presença de "aberturas branquiais", o problema da "cauda", e outras coisas que tais. Mas também aqui vem o Ocultismo em nosso apoio, com os informes necessários.

O fato é que, conforme já dissemos, o tipo humano é como que um repositório de todas as formas orgânicas potenciais e o ponto central de onde se irradiam todas elas. Neste postulado encontramos uma verdadeira "evolução" ou "desenvolvimento", num sentido que se não pode argüir como decorrente da teoria mecânica da Seleção Natural. Eis como se manifesta um autor de mérito, criticando as ilações darwinistas dos "rudimentos":

"Por que não há de ser tão plausível supor que o homem fosse primeiramente criado com um organismos em que já havia estes sinais rudimentares, os quais se teriam convertido em apêndices úteis nos animais inferiores em que o homem degenerou — quanto supor que estas partes já existissem em pleno desenvolvimento, atividade e uso prático nos animais inferiores de que o homem foi gerado?" [14]

Se, em lugar de "em que o homem degenerou", lermos "os protótipos que o homem *semeou*, no curso de seu desenvolvimento astral", teremos ante os olhos um aspecto da verdadeira solução esotérica. Mas agora vamos formular uma generalização mais ampla.

No que concerne ao nosso atual período terrestre da *Quarta Ronda*, só a fauna mamífera pode ser considerada como descendente dos protótipos semeados pelo homem. Os anfíbios, as aves, os répteis, os peixes, etc., são produtos da Terceira Ronda, são formas astrais fósseis, armazenadas na envoltura áurica da Terra e projetadas na objetividade física depois que se depositaram as primeiras rochas laurencianas. A "Evolução" tem efeito nas modificações progressivas que a Paleontologia mostra haverem influído no reino animal inferior e no reino vegetal, no curso dos períodos geológicos. Não toca, nem pode tocar, pela própria natureza das coisas, na questão dos

(14) Geo. T. Curtis: *Creation or Evolution?*, p. 76.

tipos pré-físicos que serviram de base à futura diferenciação. Pode certamente determinar as leis gerais que comandam o desenvolvimento dos organismos físicos; e, até certo ponto, desempenhou com eficiência essa tarefa.

Voltemos ao assunto em discussão. Os mamíferos, cujos primeiros traços são os marsupiais descobertos nas rochas triásicas da época Secundária, foram evolucionados de ascendentes *puramente* astrais, contemporâneos da Segunda Raça. São, assim, pós-humanos, e, por conseguinte, é fácil explicar-se a semelhança geral entre os seus estados embrionários e os do homem, que necessariamente encerra em si e resume, em seu desenvolvimento, os sinais do grupo a que deu origem. Tal explicação resolve uma parte do epítone darwinista que se segue:

"Como explicar a presença, no feto humano, de abertura branquiais, que representam a fase por que passam as guelras do peixe em seu desenvolvimento [15]; a do recipiente palpitante que corresponde ao coração dos peixes inferiores e constitui o coração do feto? Como explicar a perfeita analogia que apresentam a segmentação do óvulo humano, a formação do blastoderma e o aparecimento da fase "gástrula", com estados correspondentes da vida dos vertebrados inferiores e até mesmo das esponjas; os diversos tipos de vida animal inferior que a forma da futura criança delineia no ciclo de seu crescimento?... Como é que sucede que certas fases da vida dos peixes, cujos antecessores nadaram [muitos evos antes da época da Primeira Raça-Raiz] nos mares do período Siluriano, como também certos estados da fauna anfíbia e réptil posterior, se achem representados na "história resumida" do desenvolvimento do feto humano?"

Esta objeção plausível encontra resposta na explicação de que as formas animais terrestres da *Terceira Ronda* se referiam tanto aos tipos plasmados pelo Homem da Terceira Ronda quanto essa nova importação na esfera do nosso planeta — o tronco mamífero — se refere à Humanidade da Segunda Raça-Raiz da Quarta Ronda. O processo de desenvolvimento do feto humano sintetiza não só as características da vida terrestre da Quarta Ronda, mas também as da Terceira Ronda. Toda a gama do tipo é percorrida de modo abreviado. Os Ocultistas não se vêem, portanto, em apuros para "explicar" o nascimento de crianças com um verdadeiro apêndice caudal, ou o fato de que a cauda, no feto humano, seja, em certo período, duas vezes maior que as pernas nascentes. A potencialidade de todos os órgãos úteis à vida animal está encerrada no Homem — o Microcosmo do Macrocosmo —, e com alguma freqüência condições anormais podem ocasionar os estranhos fenômenos que os darwinistas consideram como "regressão aos tipos ancestrais" [16]. Regressão, certamente; mas não no sentido que lhe emprestam os nossos empíricos de hoje!

(15) "Neste período", escreve Darwin, "as artérias se dividem em ramais com a forma de arco, como para levar o sangue às guelras, que não existem nos vertebrados superiores, embora as aberturas do lado do pescoço permaneçam sempre, marcando sua primeira posição (?)."

É de notar que, se as guelras não podem ter utilidade senão nos anfíbios e nos peixes, etc., o seu aparecimento se observa com regularidade durante o desenvolvimento do feto nos vertebrados. Há mesmo casos de crianças que nascem com uma fenda no pescoço, correspondente a uma das aberturas branquiais.

(16) Os que, como Hæckel, julgam que as aberturas branquiais e os fenômenos correlatos são exemplo de uma função ativa de nossos antecessores, anfíbios e peixes

C

O DARWINISMO E A ANTIGUIDADE DO HOMEM: OS ANTROPÓIDES E SEUS ANTECESSORES

Mais de um geólogo eminente e mais de um homem de ciência moderno têm declarado ao público que

"Todo cálculo de duração geológica não só é impossível mas necessariamente imperfeito, pois são ignoradas (embora tenham existido) as causas que apressaram ou retardaram o progresso dos depósitos sedimentares." [17]

E como outro homem de ciência igualmente conhecido (Croll) calcula que a idade Terciária principiou há quinze milhões de anos, ou há dois milhões e meio — sendo que a primeira cifra é mais correta, segundo a Doutrina Esotérica — parece que, neste caso pelo menos, não é tão grande a discordância. A Ciência exata, recusando-se a ver no homem uma "criação especial" (até certo ponto a Ciência Secreta faz o mesmo), fica à vontade para ignorar as três, ou melhor, as duas e meia primeiras Raças — a *espiritual*, a *semi-astral* e a *semi-humana* — de nossos ensinamentos. Mas já não poderá manter igual atitude em relação à Terceira Raça, em seu período final, à Quarta e à Quinta, uma vez que inclui na humanidade o homem Paleolítico e o Neolítico [18]. Os geólogos franceses situam o homem no período Mioceno médio (Gabriel de Mortillet), e alguns até mesmo no período Secundário, como sugere De Quatrefages; ao passo que os *sábios*

(vejam-se os seus estádios doze e treze), deviam explicar por que os "vegetais com folíolos" (prof. André Lefèbvre), representados no crescimento fetal, não aparecem nas vinte e duas fases por que passou a Monera em sua ascensão até o Homem. Hæckel *não* pressupõe um antecessor *vegetal*. O argumento embriológico é assim uma espada de dois gumes, e fere neste ponto o seu possuidor.

(17) Lefèbvre, *La Philosophie*, parte II, pág. 480, Biblioteca das Ciências Contemporâneas.

(18) Confessamos que não podemos ver razões suficientes que justifiquem a afirmação positiva de Mr. E. Clodd em *Knowledge*. Aludindo aos homens do período Neolítico, "sobre os quais Mr. Grant Allen... traçou um vívido e exato bosquejo" e que "são os antecessores diretos de povos de que existem remanescentes em alguns esquecidos rincões da Europa, onde se refugiaram ou, antes, ficaram encalhados", acrescenta ele: "Mas os homens da época Paleolítica não podem ser identificados com nenhuma raça existente; eram selvagens de um tipo mais degradado que todos os de hoje; altos, e, não obstante, mal se mantendo de pé, com pernas curtas e joelhos nodosos, prognatismo, isto é, mandíbulas salientes como as dos símios, e um cérebro pequeno. De onde vieram, não sabemos dizê-lo; e ninguém até hoje conhece suas tumbas."

À parte a possibilidade de haver quem *saiba* de onde eles vieram e como pereceram, não é exato que os homens paleolíticos, ou os seus restos fósseis já encontrados, tivessem todos "cérebros pequenos". De todos os crânios descobertos até agora, o mais antigo é o "crânio de Neanderthal", que é de capacidade média; e Mr. Huxley viu-se obrigado a confessar que estava muito longe de ser o crânio do "elo perdido". Na Índia existem tribos aborígines cujos cérebros são muito menores e mais próximos aos dos símios que outro qualquer dos encontrados até o presente entre os crânios dos homens paleolíticos.

ingleses não aceitam geralmente tal antiguidade para a sua espécie. Talvez que um dia estejam mais bem informados; pois, conforme diz Sir Charles Lyell:

"Se levarmos em conta a carência ou raridade extrema de ossos humanos e obras de arte em todos os estratos, sob a água do mar ou a água doce, como nos formados nas imediações da terra habitada por milhões de seres humanos, não devemos estranhar a escassez geral de reminiscências humanas, quer sejam recentes, pleistocenas ou ainda mais antigas, nas formações glaciares. Se existiram alguns seres errantes nas terras cobertas de gelo ou nos mares cheios de "icebergs", e se alguns deles deixaram os seus ossos ou as suas armas nas morenas ou sobre as massas flutuantes, as probabilidades de que um geólogo venha a descobrir alguma destas coisas, após o transcurso de milhares de anos, devem ser verdadeiramente infinitesimais." [19]

Os homens de ciência evitam comprometer-se em afirmações definitivas a respeito da idade do homem, já que, efetivamente, não se encontram em condições de o fazer; e assim deixam imensa margem às especulações mais ousadas. Apesar disso, enquanto a maioria dos antropólogos não fazem remontar a existência do homem *senão* até o período dos depósitos pós-glaciários, ou até o chamado período Quaternário, aqueles que, como os evolucionistas, atribuem ao homem e ao símio uma origem comum, não se mostram muito lógicos ou conseqüentes em suas especulações. A hipótese darwinista exige, realmente, uma antiguidade ainda muito maior para o homem do que a que porventura suspeitam os pensadores superficiais. Assim o provaram cientistas dos mais autorizados na matéria — entre eles Mr. Huxley, por exemplo. E portanto, os que aceitam a evolução de Darwin admitem *ipso facto* uma antiguidade do homem tão grande, em verdade, que se não distancia muito do cálculo ocultista [20]. Os modestos milhares de anos da Enciclopédia Britânica e os 100.000 anos a que a Arqueologia limita geralmente a idade da Humanidade parecem quase miscroscópicos quando comparados às cifras que resultam das audaciosas especulações de Mr. Huxley. É verdade que este transforma a primeira raça humana em criaturas simiescas que viviam nas cavernas. O grande biólogo inglês, no seu desejo de provar a origem pitecóide do homem, insiste em que a transformação do símio primordial em ser humano *deve ter ocorrido há milhões de anos.* Ao criticar a excelente capacidade do crânio de Neanderthal, a despeito de haver declarado que o mesmo apresenta "paredes ossudas pitecóides", afirmativa que corre parelhas com a de Mr. Grant Allen de que esse crânio

(19) *Antiquity of Man,* pág. 246.

(20) O tempo efetivo que se requer para tal transformação teórica é necessariamente enorme. "Se, diz o Professor Pfaff, no espaço de centenas de milhares de anos que vós [os evolucionistas] admitis entre o homem paleolítico e a nossa época presente, não se pode provar que houvesse uma distância maior entre o homem e o bruto [*o homem mais antigo estava tão longe do bruto quanto o homem de nossos dias*], em que fundamentos razoáveis podeis apoiar-vos para sustentar que o homem provém do bruto e dele se distanciou por gradações infinitamente pequenas?... *Quanto mais se faça dilatar o tempo que nos separa do homem paleolítico, tanto mais a conclusão a que chegamos invalida e destrói a teoria do desenvolvimento gradual do homem a partir do reino animal.*" Huxley escreve (*Man's Place in Nature,* pág. 208) que a estimativa *mais liberal* da antiguidade do homem *deve ser ampliada ainda mais.*

"tem grandes protuberâncias na frente, lembrando de maneira flagrante [?] as que dão ao nosso gorila o seu aspecto de peculiar ferocidade" [21],

Mr. Huxley se vê obrigado a reconhecer que, em face do aludido crânio, sua teoria mais uma vez é desmentida pelas

"proporções absolutamente humanas dos demais ossos, correspondentes aos membros, assim como pelo harmonioso desenvolvimento do crânio de Engis".

Por tudo isto, somos advertidos de que esses crânios

"denotam claramente que os primeiros indícios do tronco primordial, de que procede o homem, não mais devem ser procurados nos últimos anos do Terciário pelos que de algum modo crêem na doutrina do desenvolvimento progressivo; mas devem buscar-se em um período mais distante da era dos *elephas primigenius* do que esta o é da nossa era atual".[22]

Assim, uma antiguidade *desconhecida* para o homem constitui o *sine qua non* científico no que concerne à Evolução darwinista, pois que o homem paleolítico mais antigo não apresenta ainda diferença apreciável de seu descendente hodierno. Só ultimamente é que a Ciência Moderna, a cada ano que passa, vem alargando o abismo que a separa da Ciência antiga, como a de Plínio ou de Hipócrates; nenhum dos escritores antigos desprezava os Ensinamentos Arcaicos acerca da evolução das raças humanas e das espécies animais, como o fazem os cientistas de hoje — geólogos e antropólogos.

Para os que sustentam, como nós sustentamos, que o tipo mamífero foi um produto pós-humano da Quarta Ronda, o seguinte diagrama, segundo o nome que a autora compreende do ensinamento, serve para dar uma idéia clara do processo:

---

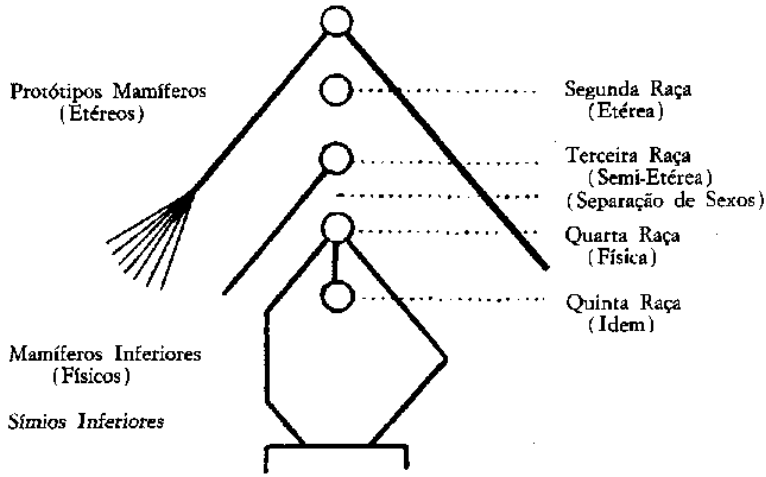
(21) *Fortnightly Review,* 1882. A falta de fundamento de tal asserto, como de muitos outros exageros devidos à imaginação de Mr. Grant Allen, foi habilmente exposta pelo eminente anatomista Professor R. Owen, no *Logman's Magazine,* n.º 1.

Será necessário repetir, contudo, que o tipo paleolítico de Cro-Magnon é superior ao de um considerável número de raças existentes?

(22) É evidente, pois, que a Ciência jamais sonharia com um homem pré-Terciário, e que o homem Secundário de De Quatrefages faz estremecer de horror todos os Acadêmicos e F. R. S., visto que, para salvar a teoria simiesca, tem necessidade a Ciência de considerar o homem como pós-Secundário. Esta é a crítica que De Quatrefages opõe aos darwinistas, acrescentando que, em suma, existem mais razões científicas para que se tenha o símio como procedente do homem do que para a tese inversa. Excetuando isto, a Ciência não tem um só argumento válido que objetar à antiguidade do homem; mas, neste caso, a Evolução moderna exige muito mais que os quinze milhões de anos de Croll para a era Terciária, por duas simples e boas razões: (*a*) nenhum símio antropóide foi descoberto antes do período Mioceno; (*b*) as relíquias de sílex que o homem deixou foram encontradas em estratos Pliocenos, *suspeitando-se* a sua presença, já que nem todos a aceitam, em camadas Miocenas. Sendo assim, onde se acha o "elo perdido"? E como seria mesmo possível a um selvagem paleolítico, a "um homem de Constadt", converter-se de animal driopiteco do período Mioceno no "homem *pensante*", *em tão pouco* tempo? Compreende-se agora a razão por que Darwin rejeitou a teoria de que haviam decorrido apenas 60.000.000 de anos desde o período Cambriano. "Para assim julgar, baseia-se ele no pequeno número de transformações orgânicas que ocorreram desde o início do período Glaciário, e acrescenta que os 140 milhões de anos anteriores não podem ser considerados suficientes para o desenvolvimento das diversas formas de vida que seguramente existiam até o final do período Cambriano." (Ch. Gould, *Mythical Monsters,* pág. 84.)

GENEALOGIA DOS SÍMIOS

Homem Etéreo Primordial



As uniões contra a natureza eram invariavelmente férteis, porque os tipos mamíferos de então não se achavam bastante distanciados de seu tipo-raiz [23] — o Homem Etéreo Primordial — para que se levantasse a barreira necessária. A ciência médica registra casos de monstros, nascidos de pais humanos e animais, ainda em nossa época. A possibilidade é, portanto, apenas uma questão de *grau*, e não de fato. Resolve o Ocultismo, deste modo, um dos mais estranhos problemas que se têm apresentado ao estudo dos Antropólogos.

O pêndulo do pensamento oscila entre dois extremos. Tendo-se finalmente emancipado dos grilhões da Teologia, a Ciência enveredou pelo erro oposto; e, em seu afã de interpretar a Natureza em um sentido puramente materialista, elaborou a mais extravagante de todas as teorias: a que faz o homem descender de um símio feroz e brutal. Essa doutrina se encontra hoje tão arraigada, sob uma ou outra forma, que serão necessários esforços verdadeiramente hercúleos para sua completa e definitiva extirpação. A antropologia de Darwin é o íncubo do etnólogo, filha robusta do materialismo moderno, que se desenvolveu e adquiriu cada vez mais vigor à medida que a inépcia da lenda teológica da "criação" se fazia mais e mais transparente. E medrou graças à estranha ilusão de que, como diz um reputado homem de ciência,

"Todas as hipóteses e teorias acerca da origem do homem podem reduzir-se a duas [a explicação evolucionista e a versão exotérica da Bíblia]... Nenhuma outra hipótese é admissível [!!]."

A antropologia dos Livros Ocultos é, no entanto, a melhor resposta que se pode dar a afirmativa tão pouco razoável.

A semelhança anatômica entre o homem e o símio superior, que os darwinistas invocam com tanta freqüência como indicativa de um antecessor comum a ambos, representa um interessante problema, cuja solução acertada deve buscar-se na explicação esotérica da gênese dos troncos pitecóides. A esse respeito já expusemos o que podia ser de utilidade, esclarecendo que a bestialidade das raças primitivas sem mente ocasionou o aparecimento de enormes monstros de aparência humana — frutos de pais humanos e animais. À medida que o tempo ia passando e que as formas semi-etéreas se consolidavam em físicas, os descendentes destas foram sendo modificados pelas condições externas, até que a espécie, diminuindo de tamanho, rematou nos símios inferiores do período Mioceno. Com tais criaturas, os últimos atlantes reincidiram no pecado cometido pelos "Sem Mente" — mas já agora com plena responsabilidade. Os resultados desse crime foram os símios hoje conhecidos por antropóides.

Pode ser útil comparar esta doutrina tão simples — que nos dispomos a apresentar como mera hipótese aos incrédulos — com a tese darwinista, de tal modo cheia de escolhos, que apenas superado um com outra hipótese mais ou menos engenhosa, logo se apresentam dez dificuldades ainda mais sérias, por trás daquela que se acabou de transpor.

---

(23) Recordemos a propósito o Ensinamento Esotérico de que o Homem da Terceira Ronda tinha, no plano etéreo, *um corpo gigantesco semelhante ao do símio*. Sucede coisa análoga no final da Terceira Raça da presente Ronda. Isso explica a aparência *humana* dos símios, especialmente dos últimos antropóides — sem falar que estes últimos conservam, por hereditariedade, uma semelhança com os seus antepassados atlante-lemurianos.

Seção IV

DURAÇÃO DOS PERÍODOS GEOLÓGICOS, OS CICLOS DE RAÇA E A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Milhões de anos foram tragados pelas águas do Letes sem deixar outros vestígios na memória do profano senão os poucos milênios da cronologia ortodora ocidental, relativamente à origem do Homem e à história das raças primitivas.

Tudo depende das provas que se descobrem acerca da antiguidade da Raça Humana. Se o ainda discutido homem do período Plioceno, ou mesmo do Mioceno, fosse o *Homo Primigenius*, então poderia a Ciência ter razão (*argumenti causa*) em basear a sua Antropologia atual — quanto à época e ao modo de origem do *Homo Sapiens* — na teoria darwinista [1]. Mas se algum dia se encontrassem esqueletos humanos nos estratos Eocenos, sem que fosse descoberto nenhum símio fóssil, provando-se deste modo que a existência do homem é anterior à do antropóide, então os prosélitos de Darwin fariam bem em exercitar o seu engenho em outra direção. Por outro lado, diz-se nos meios bem informados que nas primeiras décadas do século XX virão à luz provas irrecusáveis desta prioridade do homem.

Agora mesmo estão surgindo muitas provas que demonstram haver sido absurdamente encurtada a época atribuída à fundação de cidades, de civilizações e a vários outros acontecimentos históricos. Assim foi feito como um oferecimento de paz à cronologia bíblica. Ed. Lartet, o paleontólogo tão conhecido, escreve:

> "Não se encontra no *Gênesis* nenhuma data que assinale o nascimento da humanidade primitiva."

Mas há quinze séculos que os cronologistas vêm forcejando em pôr os fatos da Bíblia de acordo com os seus sistemas. Donde resultou que, só no

(1) Cabe aqui observar que os darwinistas que, como Mr. Grant Allen, fazem remontar nossos antecessores "peludos e arborícolas" a época tão remota como o período Eoceno, se vêem diante de um dilema sobremodo embaraçoso. Nenhum fóssil de símio antropóide, e muito menos o fabuloso antecessor comum atribuído ao homem e ao pitecóide, aparece nos estratos Eocenos. O primeiro símio antropóide que se encontrou é do período Mioceno.

tocante à data da "criação", foram formuladas nada menos que cento e quarenta opiniões diferentes.

"E entre as variações extremas há uma discrepância de 3.194 anos no cálculo do tempo decorrido do princípio do mundo ao nascimento de Cristo. Nestes últimos anos tiveram os arqueólogos que recuar em cerca de 3.000 anos o começo da civilização babilônica. No cilindro depositado nos alicerces de um templo por Nabonido, rei da Babilônia, vencido por Ciro, há uma declaração do primeiro, em que fala do seu descobrimento da pedra fundamental que pertenceu ao templo original, construído por Naram-Sin, filho de Sargão de Acad, o conquistador da Babilônia, que, diz Nabonido, viveu 3.200 anos antes deste." [2]

Conforme assinalamos em *Ísis sem Véu,* os que baseiam a história na cronologia dos judeus — raça que não tinha cronologia própria e que até o século XII não aceitava a do Ocidente — acabam por desorientar-se, visto que a versão judaica não pode ser entendida por meio de computações cabalísticas, e somente por quem possuir a respectiva chave. Classificamos como de todo em todo fantástica a cronologia do falecido Georges Smith sobre os assírios e caldeus, a qual ele procurou ajustar à de Moisés. E agora, pelo menos no que se refere a este ponto, outros assiriólogos posteriores confirmam nossa opinião. Pois, enquanto Georges Smith faz reinar Sargão I (o protótipo de Moisés) na cidade de Acad cerca de 1.600 anos antes de Cristo — devido provavelmente ao seu respeito latente por Moisés, que, segundo a *Bíblia,* floresceu 1.571 anos antes de Cristo —, ficamos agora sabendo, pela primeira das seis Conferências de Hibbert, pronunciadas pelo Professor A. H. Sayce, de Oxford, em 1887, que:

"As antigas idéias sobre os primitivos anais da Babilônia e sua religião foram consideravelmente modificadas por descobrimentos recentes. Admite-se hoje que o primeiro Império semítico foi o de Sargão de Acad, que fundou uma grande biblioteca, protegeu a literatura e ampliou suas conquistas pelo mar até Chipre. Sabe-se agora que a época do seu reinado remonta ao ano de 3.750 antes de Cristo... Os monumentos acádios encontrados pelos franceses em Tel-loh devem ser ainda mais antigos, chegando talvez a 4.000 anos antes de Cristo."

Em outras palavras: no quarto ano da criação do mundo, segundo a cronologia bíblica, e quando Adão estava ainda de cueiros. Não será de admirar que daqui a alguns anos aqueles 4.000 estejam mais aumentados. O conhecido conferencista de Oxford, em suas dissertações sobre a "Origem e desenvolvimento da Religião, segundo o indica a dos antigos babilônios", observa que:

"As dificuldades para retraçar sistematicamente a origem e a história da religião babilônica eram consideráveis. Os monumentos constituíam quase a única fonte em que podíamos conhecer alguma coisa a esse respeito, sendo muito pouca a contribuição dos autores clássicos ou orientais. É fato incontestável que os sacerdotes da Babilônia cercavam o estudo dos textos religiosos de dificuldades quase insuperáveis, e o faziam intencionalmente."

---

(2) Ed. Lartet: "Nouvelles Recherches sur la coexistence de l'Homme et des Grands Mamifères Fossiles de la dernière période Géologique". *Annales des Soc. Nat.,* 4.ª série, XV, 256, 1861.

Que eles confundissem as datas e sobretudo a ordem dos acontecimentos de modo "intencional", não há que discutir, e isso por uma excelente razão: seus escritos e anais eram todos esotéricos. Os sacerdotes da Babilônia fizeram o mesmo que os de outras nações da antiguidade. Seus anais eram só para os Iniciados e discípulos, e unicamente a estes se dava a chave do verdadeiro significado. Contudo, as observações do Professor Sayce não deixam de ser promissoras, pois ele explica as dificuldades dizendo que:

"A biblioteca de Nínive continha, sobretudo, cópias de textos babilônicos mais antigos, e os copistas escolheram só as tabuinhas que eram mais interessantes para os conquistadores assírios e que datavam de época relativamente recente — o que muito contribuiu para aumentar a maior de todas as nossas dificuldades: a resultante de estarmos freqüentemente às escuras quanto à idade das provas documentais que possuíamos e quanto ao valor exato dos materiais de que dispúnhamos para reconstituir a história."

Temos, pois, o direito de concluir que novos achados podem fazer recuar ainda mais os tempos babilônios, para além dos 4.000 anos antes de Cristo, de modo que venham a parecer *pré-cósmicos* aos olhos de todos os adoradores da *Bíblia*.

Quanta coisa mais estaria no conhecimento da Paleontologia, se não se houvessem destruído milhões de obras! Queremos referir-nos à Biblioteca de Alexandria, que foi três vezes destruída: a saber: por Júlio César, no ano 48 antes de Cristo; em 390 depois de Cristo, e por último no ano 640 depois de Cristo, pelo general do Califa Omar. E que é isso em comparação com as obras e os anais sacrificados nas primitivas bibliotecas atlantes, onde se diz que os anais estavam escritos sobre peles curtidas de gigantescos monstros antediluvianos? Ou ainda, se comparado à destruição de inumeráveis obras chinesas, por ordem do fundador da dinastia imperial dos Tsin, Tsin Shi Hwang-ti, no ano 233 a.C.? Certamente que as tabuinhas de barro da Biblioteca Imperial Babilônica e os inapreciáveis tesouros das coleções chinesas não podiam nunca ter comportado informações semelhantes as que proporcionaria ao mundo uma só das mencionadas peles "atlantes".

No entanto, a Ciência, mesmo com os escassos dados de que dispõe, pôde verificar que havia necessidade de recuar quase todas as épocas babilônicas, e o fez com bastante generosidade. Ensina o Professor Sayce que até às estátuas arcaicas de Tel-loh, na Babilônia inferior, se tem ultimamente atribuído uma data contemporânea da quarta dinastia do Egito [3]. Infelizmente, as dinastias e as pirâmides compartilham a sorte dos períodos geológicos; suas datas são arbitrárias e dependem do capricho dos diferentes homens de ciência. Os arqueólogos sabem agora, segundo é corrente, que as estátuas em apreço foram construídas com diorito verde, que só se pode encontrar na península do Sinai; e que

"Elas combinam, no estilo artístico e no sistema de medidas empregado, com as estátuas de diorito dos construtores de pirâmides da terceira e da quarta dinastia egípcia... Por outra parte, a única época em que podia ter havido uma ocupação babilônica das canteiras sinaítas deve situar-se pouco após o fim do tempo em que foram construídas as pirâmides; e só deste modo nos parece explicável como o nome de Sinai pôde derivar-se de Sin, nome do primitivo deus-lunar da Babilônia."

(3) Vejam-se as Conferências de Hibbert, de 1887, pág. 33.

Muito lógico; mas que data atribuir a essas dinastias? As tábuas sincrônicas de Sanchoniathon e de Manethon — ou o que delas resta, após terem passado pelas mãos de Santo Eusébio — têm sido refugadas; e devemos ainda dar-nos por satisfeitos com os quatro ou cinco mil anos antes de Cristo, tão liberalmente concedidos ao Egito. Em todo o caso, ganha-se um ponto. Há pelo menos uma cidade, sobre a face da Terra, a que se dá o mínimo de 6.000 anos, e é Eridu. Foi descoberta pela Geologia. Mais uma vez citemos o Professor Sayce:

"Pode-se agora calcular que o tempo necessário à obstrução do extremo do Golfo Pérsico exigiu o transcurso de 5.000 a 6.000 anos desde a época em que Eridu — hoje situada a vinte e cinco milhas no interior — era um porto marítimo na foz do Eufrates e o empório do comércio da Babilônia com a Arábia do Sul e a Índia. Mais que tudo, a nova cronologia dá tempo para a longa série de eclipses registrada na grande obra de astronomia intitulada "As Observações de Bel", e nos permite também compreender a mudança de posição do equinócio vernal, de outro modo inexplicável, ocorrida desde que os nossos atuais signos do zodíaco foram mencionados pelos primeiros astrônomos da Babilônia. Quando o calendário acadiano foi adotado e os meses acadianos receberam os seus nomes, o sol, no equinócio vernal, não estava, como agora, em Pisces, nem mesmo em Aries, e sim em Taurus. Conhecida, como é, a marcha da precessão dos equinócios, sabemos que no equinócio da primavera o sol estava em Taurus há uns 4.700 anos antes da era cristã, e deste modo chegamos a obter, para as datas, limites astronômicos que não podem ser contestados." [4]

Para melhor esclarecer a nossa posição, apressamo-nos em declarar que usamos a nomenclatura de Sir C. Lyell para as idades e os períodos, e que, ao falar das idades Secundária e Terciária e dos períodos Eoceno, Mioceno e Plioceno, o fizemos simplesmente para tornar mais compreensível o nosso pensamento. Uma vez que ainda não foi assinada, a esses períodos e idades, uma duração fixa e bem determinada, mencionando-se para uma só e mesma idade (a idade Terciária) ora dois milhões e meio, ora quinze milhões de anos; e uma vez que não há dois geólogos ou naturalistas que pareçam estar de acordo neste ponto, os Ensinamentos Esotéricos podem manter-se de todo em todo indiferentes quanto ao aparecimento do homem na idade Secundária ou na Terciária. Se a esta última é possível imputar-se uma duração até de quinze milhões de anos, tanto melhor; porque a Doutrina Oculta, ao mesmo tempo em que guarda sob cuidadosa reserva as cifras verdadeiras e exatas no que concerne à Primeira, à Segunda e a dois terços da Terceira Raça-Raiz, apresenta informações claras sobre um ponto somente: a idade da humanidade do Manu Vaivasvata [5].

Outra afirmação definida é que, durante o chamado período Eoceno, o Continente a que pertencia a Quarta Raça, e no qual esta viveu e pereceu, mostrou os primeiros sintomas de afundamento, sendo finalmente destruído no período Mioceno — com exceção da pequena ilha mencionada por Platão. Resta agora comprovar tais fatos por meio de dados científicos.

---

(4) De um extrato das Conferências de Hibbert em 1887. *Lectures on the Origin and Growth of Religion of the Ancient Babylonians*, por A. H. Sayce.

(5) Veja-se a Parte I do Volume III: "A Cronologia dos Brâmanes".

A

ESPECULAÇÕES CIENTÍFICAS MODERNAS ACERCA DA IDADE DO GLOBO, DA EVOLUÇÃO ANIMAL E DO HOMEM

Ser-nos-á permitido dar uma vista de olhos sobre os trabalhos dos especialistas? A obra *World-Life: Comparative Geology*, do Professor A. Winchell, nos proporciona informes curiosos. Aqui encontramos um adversário da teoria nebular, golpeando com toda a força do martelo de seu *odium theologicum* as hipóteses um tanto contraditórias dos grandes luminares da ciência, sobre os fenômenos siderais e cósmicos, baseadas em suas respectivas relações com as durações terrestres. Os "físicos e naturalistas demasiado imaginativos" não se sentem muito à vontade sob o salseiro de seus próprios cálculos especulativos, posto frente a frente, e desempenham antes uma triste figura. Eis o que ele escreve:

"Sir William Thompson, baseando-se nos princípios de resfriamento que observou, conclui que não podem haver decorrido mais de dez milhões de anos [em outra parte menciona 100.000.000] desde que a temperatura da Terra desceu o suficiente para permitir a vida vegetal [6]. Helmholtz calcula que bastariam 20 milhões de anos para a condensação da nebulosa primitiva até às dimensões atuais do sol. O Professor S. Newcomb exige apenas 10 milhões de anos para que seja alcançada uma temperatura de 212 graus Fahr. (100° C)[7]. Croll calcula 70 milhões de anos para a difusão do calor...[8] Bischof estima que a Terra necessitaria de 350 milhões de anos para que a sua temperatura caísse de 2.000 graus a 200 graus centígrados. Reade, baseando seus cálculos na marcha da denudação, exige 500 milhões de anos a contar do início da sedimentação na Europa [9]. Lyell presume uns 240 milhões de anos; Darwin acreditava que eram necessários 300 milhões de anos para as transformações orgânicas aventadas em sua teoria, e Huxley está disposto a reclamar 1.000 milhões [?]... Alguns biólogos parecem fechar hermeticamente os olhos, e dão um salto no abismo de milhões de anos, a respeito dos quais não terão uma idéia mais precisa que a que fazem do infinito." [10]

Passa em seguida a dar as cifras que, no seu entender, correspondem às estimativas geológicas mais exatas; algumas serão suficientes.

Segundo Sir William Thompson, "a idade total do mundo, a contar da formação da crosta terrestre, é de 80.000.000 de anos"; e os cálculos do Prof. Houghton quanto ao mínimo de tempo decorrido desde que surgiram a Europa e a Ásia, dão três durações hipotéticas para três modos *possíveis* e diferentes de levantamento: primeiro, a modesta cifra de 640.730 anos, depois a de 4.170.000 anos; e, por último, a espantosa cifra de 27.491.000 anos!!

Basta isso, como se pode ver, para justificar as nossas declarações a respeito dos quatro Continentes, e também as cifras dos brâmanes.

(6) *Nat. Philos.*, por Thomson e Tait., App. D, trad. Royal Soc., Edin., XXIII, parte I, 157 (1862).
(7) *Popular Astronomy*, pág. 509.
(8) *Climate and Time*, pág. 335.
(9) Discurso na Soc. Geológica de Liverpool, 1876.
(10) *World-Life*, págs. 179 e 180.

Outros cálculos, que o leitor encontrará por menor na obra do Professor Winchell [11], levam Houghton a uma aproximação da ordem de 11.700.000 de anos na idade sedimentar do globo. O autor considera estas cifras demasiado pequenas e as eleva para 37.000.000 de anos.

Ademais, segundo o Dr. Croll [12], 2.500.000 anos "representam o tempo desde o princípio da idade Terciária", em uma de suas obras; e, de acordo com uma opinião por ele manifestada, 15.000.000 de anos devem ter-se passado desde o começo do período Eoceno [13]. Ora, sendo o Eoceno o primeiro dos três períodos Terciários, isso deixa o leitor suspenso entre os dois e meio e os quinze milhões. Optando-se, no entanto, pelas primeiras cifras, mais moderadas, a idade total da Terra, a partir da formação da crosta, seria de 131.600.000 anos [14].

Como o último período Glaciário se estendeu desde 240.000 até 80.000 anos passados (opinião do Dr. Croll), segue-se que o homem deve ter surgido na Terra há 100.000 ou 120.000 anos. Mas, conforme observa o Professor Winchell, referindo-se à antiguidade da raça mediterrânea:

"Acredita-se geralmente que ela deve ter aparecido quando estava terminando o declínio das geleiras continentais. Isto não se refere, porém, às raças negras e bronzeadas, porquanto existem numerosas provas de que já viviam em regiões mais ao sul, em tempos remotos pré-glaciários." [15]

À guisa de *certeza* e *acordo* geológicos, podemos ainda acrescentar as seguintes cifras. Três autoridades, os Senhores T. Belt, F.G.S., Robert Hunt, F.R.S. e J. Croll, F.R.S., ao calcular o tempo decorrido desde a época Glaciária, dão cifras que variam em proporções quase incríveis:

Belt	20.000	anos
Hunt	80.000	"
Croll	240.000	" [16]

Não é de surpreender, portanto, a confissão de Mr. Pengelly de que

"Atualmente é *impossível*, e talvez sempre o seja, reduzir as durações geológicas, aproximadamente sequer, a anos ou mesmo a milhares de anos."

Eis um bom conselho que os Ocultistas dão aos senhores geólogos: deveriam imitar o exemplo precavido dos maçons. Como a cronologia, dizem eles, não pode medir a era da criação, o seu "Rito Antigo e Primitivo" adota 000.000.000 como cifra mais aproximada da realidade.

---

(11) *Ibid.*, págs. 367 e 368.
(12) *Climate and Time.*
(13) Citado em *Mythical Monsters*, de Mr. Ch. Gould, pág. 84.
(14) Segundo os cálculos de Bischof, foram necessários 1.004.177 anos para a chamada formação carbonífera; segundo os de Chevandier, 672.788 anos. "O tempo exigido para o desenvolvimento das camadas Terciárias, de espessura que varia entre 3.000 e 5.000 pés, deve ter sido de 350.000 anos no mínimo." (Veja-se *Force and Matter*, Buchner, pág. 159, ed. 1884.)
(15) *Op. cit.*, pág. 379.
(16) Veja-se "The Ice-Age Climate and Time", *Popular Science Revue*, XIV, 242.

A mesma incerteza, as mesmas contradições e desacordos reinam em todos os demais assuntos.

As opiniões das chamadas autoridades científicas sobre a origem do Homem não são, praticamente, mais que ilusões e falácias. Há muitos anti-darwinistas na Associação Britânica, e a Seleção Natural principia a perder terreno. Conquanto fosse, em dado momento, uma tábua de salvação que parecia livrar os sábios teóricos de um afogamento intelectual no abismo das hipóteses estéreis, passa agora a ser olhada com desconfiança. O próprio Mr. Huxley dá mostras de infidelidade, quando declara que "a seleção natural *não é o único* fator":

"Suspeita-se que ela (a Natureza) dá saltos consideráveis no sentido de variar de vez em quando; e que tais saltos dão lugar aos hiatos que parecem existir na série de formas conhecidas." [17]

Também C. R. Bree, M.D., oferece por sua vez os seguintes argumentos, considerando as lacunas fatais que há na teoria de Darwin:

"Cumpre ainda ter presente que as formas intermediárias devem ter sido muito numerosas... Mr. Saint-Georges Mivart é de opinião que as mudanças na evolução podem ocorrer com mais rapidez do que geralmente se crê; Mr. Darwin, porém, mantém-se firmemente em seu ponto de vista, e insiste em dizer que *natura non facit saltus*." [18]

Neste ponto os Ocultistas estão de inteiro acordo com Mr. Darwin.

O Ensinamento Esotérico confirma plenamente a idéia do progresso lento e majestoso da Natureza. "Os impulsos Planetários" são todos periódicos. Entretanto, embora exata em seus aspectos menores, não está de acordo com o Ocultismo, como não o está com Mr. Wallace, que, em seu livro *Contributions to the Theory of Natural Selection*, demonstra de modo concludente que há necessidade de algo *mais* que a Seleção Natural para produzir o homem físico.

Examinemos agora as objeções *científicas* a essa teoria científica e em que consistem.

Mr. Saint-George Mivart assim argumenta:

"É uma estimativa moderada a de 25.000.000 de anos para a sedimentação das camadas até a camada Siluriana superior, inclusive. Se o trabalho evolutivo realizado durante tais depósitos representa somente uma centésima parte do trabalho total, seriam necessários 2.500.000 de anos (dois bilhões e quinhentos milhões de anos) para o completo desenvolvimento do reino animal até o seu estado atual. No entanto, um quarto desta cifra já ultrapassaria consideravelmente o tempo que a física e a astronomia podem conceder para a ultimação do processo.

Finalmente, representa uma dificuldade a ausência de ricos depósitos fósseis nas camadas mais antigas — se então a vida era tão variada e abundante como indica a teoria darwinista. O próprio Mr. Darwin admite que "o caso permanece até hoje sem explicação, o que pode ser justamente invocado como um argumento válido contra as opiniões" sustentadas em seu livro.

(17) Revista das Críticas de Köllíker.

(18) *Fallacies of Darwinism*, pág. 160.

Vemos, assim, uma notável ausência (que se não explica dentro dos princípios darwinistas) de formas de transição graduadas minuciosamente. Os grupos que mais sobressaem — morcegos, pterodátilos, quelônios, ictiossauros, anuros, etc. — aparecem todos de uma vez no cenário. Até mesmo o cavalo, animal cuja genealogia foi provavelmente a que se conservou melhor, não proporciona provas concludentes de origem específica, por meio de variações fortuitas e significativas; ao passo que com outras formas, como os labirintodontes e os trilobites, que pareciam apresentar mudanças graduais, ficou demonstrado por investigações posteriores que assim não acontece... Todas essas dificuldades se elidirão se admitirmos que de tempo a tempo surgem, com relativa subitaneidade, novas formas de vida animal, em todos os graus de complexidade, as quais evolucionam segundo leis que dependem em parte das condições ambientes e em parte das condições internas — de modo semelhante ao que se passa com os cristais (e talvez, segundo as últimas investigações, com as formas inferiores da vida), que crescem de acordo com as leis internas de sua substância constitutiva e em harmonia e correspondência com todas as influências e condições do meio ambiente." [19]

"As leis internas de sua substância constitutiva." Estas são palavras sábias, e a admissão da possibilidade é uma atitude de prudência. Mas como poderão ser conhecidas essas leis internas, se se descartam os ensinamentos Ocultos? Eis o que escreve um amigo, ao chamar nossa atenção para tais especulações:

"Em outras palavras, a doutrina dos Impulsos de Vida Planetários é de admitir-se. Se não, por que se acham hoje *estereotipadas* as espécies, e por que as crias domésticas de pombos e de outros animais voltam aos seus tipos ancestrais quando abandonadas a si mesmas?"

É preciso, contudo, que o ensinamento acerca dos Impulsos de Vida Planetários seja definido claramente, para sua completa compreensão, se queremos evitar que aumente a confusão geral. Todas essas dificuldades se desvaneceriam, como as sombras da noite desaparecem ante a luz do sol nascente, se admitidos os seguintes Axiomas Esotéricos:

(*a*) A existência e a imensa antiguidade de nossa Cadeia Planetária;

(*b*) A realidade das Sete Rondas;

(*c*) A separação das Raças rumanas (à parte a divisão puramente antropológica) em sete Raças-Raízes distintas, das quais a nossa humanidade européia atual é a Quinta;

(*d*) A antiguidade do homem nesta Ronda (a Quarta); e finalmente

(*e*) Que, assim como essas Raças evolucionam do etéreo ao material, e deste último estado retornam a uma relativa tenuidade dos tecidos físicos, assim todas as espécies vivas (ditas) *orgânicas,* animais e vegetais, mudam a cada nova Raça-Raiz.

Se isto se admitir, a exemplo, quando mais não seja, de outras suposições que, bem consideradas, não serão menos absurdas — se é que por enquanto têm que ser consideradas absurdas as teorias Ocultas — então desaparecerão, repetimos, todas as dificuldades. Certamente que a Ciência devia mostrar-se mais lógica do que o é agora, uma vez que lhe não é pos-

(19) *The Genesis of Species,* cap. VI, págs. 160-162 (ed. de 1871).

sível sustentar a teoria da descedência do homem de um antecessor antropóide e, ao mesmo tempo, negar a este homem uma razoável antiguidade! E já que Mr. Huxley fala do "enorme abismo intelectual entre o homem e o símio" e do "imenso hiato que atualmente separa um do outro" [20]; e reconhece a necessidade de ampliar os limites científicos estabelecidos para a idade do homem na Terra, tendo em vista aquele desenvolvimento lento e progressivo; todos os homens de ciência que pensam do mesmo modo deviam, pelo menos, apresentar algumas cifras aproximadas e chegar a um acordo quanto à duração provável dos períodos Plioceno, Mioceno e Eoceno, dos quais tanto se fala e tão pouco se sabe; — se não se aventurassem a ir *mais além*. Não há, porém, dois homens de ciência que estejam de acordo entre si. Cada período parece ser um mistério no que respeita à sua duração, e um espinho cravado no flanco dos geólogos; e já mostramos que eles não são capazes de harmonizar suas conclusões até mesmo no tocante às formações geológicas mais recentes. Assim, não podem inspirar confiança os algarismos que apresentam; visto que ora são milhões ora simplesmente milhares de anos!

E suas próprias confissões vêm reforçar o que acabamos de dizer: um resumo delas se encontra neste "Repositório de Ciências" que é a *Enciclopédia Britânica*, onde se expõe a média das opiniões aceitas quanto aos problemas geológicos e antropológicos. São as opiniões mais autorizadas; vemos, no entanto, que se eximem todas de sinalizar uma data cronológica precisa e definida ainda que para épocas relativamente recentes, como a era Neolítica, embora surpreendentemente, se fixe uma idade para os começos de certos períodos geológicos; alguns deles, pelo menos, cuja duração não poderia reduzir-se mais sem um conflito imediato com os fatos.

Assim, na grande Enciclopédia se conjetura que:

"Cem milhões de anos se passaram... desde a solidificação de nossa tetra, quando nela apareceu a primeira forma de vida." [21]

Mas parece que há tão pouca esperança de converter os geólogos e os antropólogos como de convencer os naturalistas da escola darwinista de seus erros. Acerca da Raça-Raiz ariana e de suas raízes está a Ciência tão mal informada quanto sobre os homens de outros planetas. Exceto Flammarion e alguns poucos astrônomos místicos, a maior parte nega a habitabilidade dos outros planetas. Entretanto, os sábios das primeiras raças do tronco ariano eram tão grandes Astrônomos-Adeptos que pareciam saber muito mais das raças de Marte e de Vênus que os nossos modernos antropólogos sobre as raças dos primeiros estados da Terra.

---

(20) *Man's Place in Nature*, pág. 142, nota.

(21) Vol. X, art. "Geology", pág. 227. "É provável que 100.000.000 de anos sejam suficientes para todas as exigências da Geologia", diz o texto. Alguns *sábios*, na França, não os acham "suficientes". Le Couturier exige 350 milhões de anos; embora Buffon se contente com 34 milhões, há, entre os homens de ciência das escolas modernas, quem o não faça por menos de 500.000.000 de anos.

Deixemos por um momento a Ciência Moderna, e retornemos ao Conhecimento Antigo. Como os sábios arcaicos nos asseguram que todos os cataclismos geológicos — desde o levantamento dos oceanos, os dilúvios e as alterações dos continentes, até os atuais ciclones de todos os anos, furacões, terremotos, erupções vulcânicas, as marés, e até mesmo as intempéries e a aparente mudança de estações, que em nossos dias deixam perplexos todos os meteorologistas europeus e americanos — são devidos à Lua e aos planetas; mais ainda: que até constelações modestas e não levadas em conta exercem a maior influência nas alterações meteorológicas e cósmicas, sobre a nossa Terra e no seu interior, — consagremos um minuto de atenção aos nossos déspotas siderais, os regentes do nosso globo e de seus homens. A Ciência Moderna nega semelhante influência; a Ciência arcaica a afirma. Vejamos o que ambas dizem a respeito desta questão.

B

SOBRE AS CADEIAS DE PLANETAS E SUA PLURALIDADE

Conheciam os antigos outros mundos além do nosso? Quais são os dados em que se apóiam os Ocultistas para afirmar que cada Globo é uma Cadeia Setenária de Mundos — dos quais só um é visível — e que tais mundos foram, são e serão "habitados por homens", como também o são todas as estrelas e planetas visíveis? Que pretendem eles dizer quando se referem a uma "influência moral e física" exercida sobre o nosso Globo pelos Mundos Siderais?

Estas são as questões que freqüentemente nos são propostas e que devemos examinar em todos os seus aspectos.

À primeira das duas questões damos a seguinte resposta: Nós o cremos, porque a primeira lei da Natureza é a uniformidade na diversidade, e a segunda a analogia. "Em cima como em baixo." Já se foram, e para sempre, os tempos em que os nossos piedosos antepassados acreditavam que a Terra ocupava o centro do Universo, e em que a Igreja e seus arrogantes servidores podiam insistir em considerar blasfêmia a suposição de que outros planetas estivessem habitados. Adão e Eva, a Serpente e o Pecado Original, seguidos da Redenção pelo Sangue, se interpuseram por demasiado tempo na estrada do progresso; e a verdade universal tem sido sacrificada aos conceitos insensatos dos pequenos homens que nós somos.

Quais as provas? Além das obtidas por via da dedução e do raciocínio lógico, não há nenhuma para o profano. Para os Ocultistas, que crêem no saber adquirido por inumeráveis gerações de Videntes e Iniciados, são suficientes os dados expostos nos Livros Secretos. Ao público em geral, contudo, são necessárias outras provas. Há alguns cabalistas e até ocultistas orientais que, não conseguindo encontrar provas uniformes a esse respeito, em todas as obras místicas dos diversos povos, vacilam em aceitar o ensinamento. Mas estas "provas uniformes" vão ser apresentadas agora. Em todo caso, trata-

remos do assunto em seu aspecto geral e veremos se esta crença é tão sumamente absurda como dizem alguns homens de ciência, juntamente com outros Nicodemos. Quando pensamos na pluralidade de "Mundos" habitados, inconscientemente os imaginamos semelhantes ao Globo que habitamos e povoados de seres mais ou menos parecidos conosco. Assim fazendo, obedecemos a um instinto natural. A verdade é que, enquanto a investigação se limita à história da vida deste Globo, podemos especular sobre o assunto com algum proveito e perguntar-nos, esperando estar pelo menos formulando uma pergunta inteligível, quais eram os "Mundos" de que falam todas as antigas escrituras da Humanidade. Mas, que podemos saber: (*a*) da classe de seres que habitam os Globos em geral; e (*b*) se os que governam planetas superiores ao nosso não exercem *conscientemente* sobre a Terra a mesma influência que nós estamos, quem sabe, exercendo à distância, *inconscientemente,* por exemplo, sobre os pequenos planetas (planetóides ou asteróides), quando retalhamos a superfície da Terra abrindo canais e assim mudando completamente os nossos climas? Naturalmente, como a mulher de César, os planetóides não podem ser alcançados pelas nossas suspeitas. Estão demasiado longe, etc. No entanto, crendo na Astronomia Esotérica, não estamos seguros disso.

Mas quando, estendendo nossas especulações além de nossa Cadeia Planetária, procuramos transpor as fronteiras do Sistema Solar, estamos em verdade procedendo como néscios e presunçosos. Porque, — aceitando, como aceitamos, o antigo axioma hermético "em cima como em baixo" —, assim como podemos muito bem crer que a Natureza emprega, na Terra, a mais cuidadosa economia, utilizando todos os resíduos em suas maravilhosas transformações, e sem *jamais repetir-se,* assim nos é lícito deduzir que não há outro Globo, no infinito dos sistemas, que seja parecido com a Terra a tal ponto que a capacidade ordinária do pensamento humano possa, com a imaginação, reproduzir-lhe a semelhança e o conteúdo.[22].

E vemos, com efeito, nas novelas e em todas essas chamadas ficções científicas e "revelações" espiritualistas sobre a Lua, as Estrelas e os Planetas, tão somente novas combinações ou modificações dos homens e das coisas, das paixões e formas de vida que nos são familiares, embora ali a natureza e a vida sejam completamente diferentes das que prevalecem aqui, e até mesmo nos outros planetas do nosso próprio Sistema. Swedenborg foi um dos que mais se destacaram na difusão dessa crença errônea.

Há mais. O homem ordinário não tem nenhuma experiência de outro estado de consciência fora daquele a que o prendem os sentidos físicos. Os homens sonham; mas o seu sono é demasiado profundo para que os sonhos

---

(22) Dizem os ensinamentos que os mais elevados Dhyân Choans, ou Espíritos Planetários, ignoram (afora o que sabem por meio da lei analógica) o que há além dos Sistemas Planetários visíveis, porque a sua essência não pode assimilar-se à dos mundos situados além do nosso Sistema Solar. Quando eles atingirem uma fase superior de evolução, estes outros universos estarão abertos à sua percepção; enquanto isso, têm eles inteiro conhecimento de todos os mundos que se acham dentro dos limites do nosso Sistema Solar.

possam impressionar o cérebro físico; e no entanto deve haver ainda consciência nesses estados. Como, permanecendo tais mistérios por explorar, podemos *nós, assim, pretender especular com proveito sobre a natureza* de Globos que, na economia da Natureza, devem pertencer a outros estados de consciência absolutamente distintos de *todos* os que o homem experimenta aqui?

E isto é uma verdade ao pé da letra. Pois até os grandes Adeptos (os que são, naturalmente, iniciados), por bons videntes que sejam, só podem pretender o conhecimento completo da natureza e do aspecto dos planetas que pertencem ao nosso Sistema Solar, e seus habitantes. *Sabem* eles que os Mundos Planetários estão quase todos habitados, mas — ainda que em espírito — só podem ter acesso aos de nosso sistema; e sabem também quanto é difícil — inclusive para eles — entrar em relações completas até mesmo com os planos de consciência *dentro* do nosso Sistema, diferindo, como diferem, dos estados de consciência possíveis em nosso Globo; tais, por exemplo, como os que existem na Cadeia de Esferas dos três planos que transcendem os de nossa Terra. Essas relações e esse conhecimento lhes são possíveis porque aprenderam o modo de penetrar em planos de consciência fechados à percepção ordinária do homem; mas, se eles comunicassem o seu conhecimento, o mundo não ficaria mais sábio por isso, uma vez que ao homem falta a experiência de outras formas de percepção, que é o único meio capaz de permitir-lhe compreender o que lhe viessem a dizer.

Não deixa, contudo, de subsistir o fato de que a maior parte dos Planetas, assim como as Estrelas situadas além do nosso Sistema, são habitados, fato esse que os próprios homens de ciência admitem. Laplace e Herschell assim acreditavam, ainda que sabiamente se abstivessem de especulações imprudentes; e a mesma conclusão foi exposta, com apoio em uma infindade de considerações científicas, por C. Flammarion, o astrônomo francês sobejamente conhecido. Os argumentos que expende são de ordem estritamente científica, e de natureza tal que impressionam até mesmo a mente materialista, a qual ficaria impassível ante pensamentos como os de Sir David Brewster, o famoso físico, quando escreve:

"Esses 'espíritos estéreis' ou 'almas vis', como os chamam os poetas, assim como puderam crer que a Terra é o único mundo habitado do Universo, não sentiriam nenhuma dificuldade em conceber que a Terra já foi também privada de habitantes. Mais *ainda; se tais espíritos conhecessem as deduções da geologia, admitiriam que a Terra* esteve desabitada durante miríades de anos, e aqui chegaríamos à impossível conclusão de que em todas essas miríades de anos não existiu uma só criatura inteligente nos vastos domínios do Rei Universal, e de que antes das formações protozóides não havia *nem plantas nem animais, em todo o espaço infinito.*" [23]

(23) Visto que não há um só átomo em todo o Cosmos que seja desprovido de vida e de consciência, imagine-se quanto, de ambas, devem estar refertos os poderosos globos siderais — ainda que permaneçam como livros cerrados para nós, que nem podemos ao menos penetrar na consciência das formas de vida que nos estão mais próximas!

Se não nos conhecemos *a nós mesmos*, como podemos imaginar, sem nunca termos sido iniciados, nem estarmos devidamente preparados, que somos capazes de penetrar na consciência do mais ínfimo dos animais que nos rodeiam?

Flammarion mostra, ademais, que todas as condições de vida — a vida mesmo tal qual a *conhecemos* — estão presentes em alguns dos planetas pelo menos; e insiste em que essas condições devem ser muito mais favoráveis neles do que na Terra.

Deste modo, o raciocínio científico e, bem assim, os fatos observados concordam com as afirmações do Vidente e com a voz inata no próprio coração do homem, declarando que a vida — a vida inteligente e consciente — deve existir em outros mundos além do nosso.

Este é, porém, o limite máximo a que podem chegar as faculdades do homem ordinário. Muitos são os romances e os contos, alguns puramente fantasiosos, outros repassados de conhecimentos científicos, em que se procura imaginar e descrever a vida em outros Globos. Mas todos eles não fazem mais que retratar, com deformações, o drama da vida que se passa ao nosso redor. Ora é Voltaire com os homens de nossa própria raça vistos pelo microscópio; ora Cirano de Bergerac com um gracioso jogo de imaginação e sátira; mas vemos que, no fundo, o novo mundo é sempre o mesmo em que vivemos. Tão forte é a tendência nesse sentido que até mesmo os grandes videntes naturais, mas não iniciados, são vítimas dela quando não se acham preparados; como, por exemplo, Swedenborg, que vai ao ponto de vestir os habitantes de Mercúrio, que encontra no mundo dos espíritos, com trajes semelhantes aos que se usam na Europa!

Flammarion comenta essa tendência nos seguintes termos:

"A leitura dos livros que se têm escrito sobre este assunto deixa, em verdade, a impressão de que aos olhos de seus autores a Terra é o padrão do Universo, e o homem da Terra o modelo dos habitantes dos céus. Sendo, porém, essencialmente variada a natureza dos mundos, assim como essencialmente distintos os meios e as condições de existência, as forças que presidiram à criação dos seres, e as substâncias que entraram em ua constituição mútua, é muito mais provável que o nosso modo de existência não seja de modo algum aplicável aos outros Globos. Os que escreveram aqueles livros deixaram-se induzir pelas idéias terrestres, incorrendo deste modo em erro." [24]

No entanto, o próprio Flammarion incide no erro que condena: são as condições de vida sobre a Terra as que ele tacitamente admite como regra para determinar o grau de habitabilidade de outros planetas por "outras humanidades".

Deixemos, porém, estas especulações vazias e inúteis, que, parecendo encher os nossos corações com uma chama de entusiasmo, e ampliar a nossa compreensão mental e espiritual, na realidade não fazem outra coisa senão causar um estímulo fictício e cegar-nos cada vez mais em nossa ignorância, não só no mundo que habitamos mas também do infinito contido em nós mesmos.

Quando vemos, portanto, que as Bíblias da Humanidade mencionam "outros mundos", podemos sem receio deduzir que tal expressão não se refere apenas a outros estados de nossa Cadeia Planetária e da nossa Terra, mas ainda a outros Globos habitados — Estrelas e Planetas, ainda que sobre

(24) *Pluralité des Mondes*, pág. 439.

estes e estas nunca se tenha feito qualquer especulação. Toda a antiguidade acreditava na universalidade da vida; mas nenhum Vidente realmente iniciado, em nenhuma nação civilizada, ensinou alguma vez que a vida em outras Estrelas pudesse ser julgada segundo os padrões da vida terrestre. O que geralmente se entende por "Terras" e "Mundos" tem relação: (*a*) com os "renascimentos" do nosso Globo depois de cada Manvantara e de um longo período de obscurecimento; e (*b*) com as mudanças periódicas e completas da superfície da Terra, quando os continentes desaparecem para dar lugar aos mares, e os oceanos são violentamente deslocados e impelidos para os pólos, a fim de cederem o seu lugar a novos continentes.

Podemos começar pela *Bíblia* (a mais jovem das Escrituras do Mundo). No *Eclesiastes* lemos estas palavras do Rei-Iniciado:

"Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra sempre permanece... O que foi é o que há de ser, e o que se faz é o que se fará, e nada há de novo sob o sol."[25]

Não é fácil descobrir em tais palavras uma alusão aos sucessivos cataclismos que destroem as Raças da Humanidade, ou, indo mais longe, às várias transições por que passou o Globo durante o processo de sua formação. Mas se nos disserem que isto só se refere ao *nosso* mundo *tal como agora o vemos,* pediremos então ao leitor que se reporte ao *Novo Testamento,* onde São Paulo fala do Filho (o Poder manifestado) que Deus nomeou herdeiro de todas as coisas "por meio de quem fez também os mundos' (no plural)[26]. Este Poder é Chokmah, a Sabedoria e o Verbo. Dir-nos-ão provavelmente que o termo "mundos" designava as "estrelas", os corpos celestes, etc. Contudo, à parte a circunstância de que as "estrelas" não eram conhecidas como "mundos" pelos ignorantes que redigiram as Epístolas — ainda que Paulo o soubesse, como "Iniciado" e "Mestre-Maçon" que era; podemos citar neste assunto um teólogo eminente, o Cardeal Wiseman. Em seu livro (I, 309), ao tratar do período indeterminado de seis dias — ou diríamos: o período "muito bem determinado" de seis dias — da criação e dos 6.000 anos, confessa ele que nos achamos na mais completa obscuridade quanto ao significado daquela manifestação de São Paulo, a menos que nos seja permitido supor que era uma alusão ao período transcorrido entre o *primeiro* e o *segundo* versículo do capítulo I do *Gênesis,* e, portanto, àquelas primitivas revoluções, isto é, às destruições e reproduções do mundo indicadas no capítulo I do *Eclesiastes*; ou ainda, a menos que tenhamos de aceitar, como tantos outros, e em seu *sentido literal,* a passagem do capítulo I da *Epístola aos Hebreus,* que fala da criação de "mundos" — no plural. É singular, acrescenta, que todas as cosmogonias sejam unâni-

(25) *Op. cit.,* I, 4, 9.

(26) *Hebreus, I, 2. Isto se relaciona com o Logos de todas as cosmogonias. A* Luz *ignota* — com a qual se diz que ele é coeterno e coevo — reflete-se no Primogênito, o Protógono; e o Demiurgo, ou a Mente Universal, dirige seu Pensamento Divino dentro do Caos, que, por obra dos Deuses inferiores, será dividido em Sete Oceanos — *Sapta Samudras.* São Purusha, Ahura Mazda, Osíris, etc., e finalmente o Christos Gnóstico, que, na *Cabala,* corresponde a Chokmah, ou a Sabedoria, o "Verbo".

mes em sugerir a mesma idéia e em preservar a tradição de uma primeira série de revoluções, em virtude das quais foi o mundo destruído e depois renovado.

Se o Cardeal houvesse estudado o *Zohar,* as suas dúvidas ter-se-iam convertidas em certeza. Diz o "Idra Suta":

"Houve mundos antigos que pereceram logo depois de terem vindo à existência; mundos com e sem forma, chamados Centelhas — pois eram como as chispas que o martelo do ferreiro espalha em todas as direções. Alguns eram os mundos primordiais, que não podiam durar por largo tempo porque o "Ancião" (santificado seja o seu nome!) não havia ainda assumido sua forma [27] e o obreiro não era ainda o "Homem Celeste".[28]

Também no *Midrash,* escrito muito antes da *Cabala* de Simão Ben Yochai, o Rabino Ababu explica:

"O Santo Ser (bendito seja o seu nome!) formou e destruiu sucessivamente diversos mundos antes deste [29]... Ora, isto se refere tanto às primeiras raças [os "Reis de Edom"] como aos mundos destruídos." [30]

"Destruídos" — aqui, significa o que nós chamamos "obscurecimento", conforme se faz evidente pela explicação que se lê mais adiante:

"Entretanto, quando se diz que *pereceram* [os mundos] com isto se quer significar tão-somente que faltava [a suas humanidades] a verdadeira forma, até que a forma humana [a nossa] veio à existência, nela estando compreendidas todas as coisas e contidas todas as formas... [31] Não quer isso dizer a morte, mas apenas indica uma decadência de seu estado [o dos mundos em atividade]." [32]

Assim, quando lemos a respeito da "destruição" dos Mundos, tem a palavra vários sentidos, que são bem claros em muitos comentários do *Zohar* e nos tratados cabalísticos. Significa, como já dissemos anteriormente, não só a destruição de numerosos Mundos que terminaram o seu ciclo de vida, mas também a de muitos Continentes que desapareceram, assim como sua decadência e o deslocamento de sua posição geográfica.

Alude-se por vezes aos misteriosos "Reis de Edom" com o sentido de "Mundos" que foram destruídos; é um "véu", porém. Os Reis que governaram Edom antes que houvesse um Rei em Israel, ou os "Reis Edomitas", não podiam jamais simbolizar "mundos anteriores" e sim apenas as "tentativas de produzir homens" neste Globo — as Raças Pré-Adâmicas de que fala o *Zohar* e que nós designamos sob o nome de Primeira Raça-Raiz. Porque, assim como ao falar das seis Terras (os seis "Membros" do Micropo-

(27) A *forma* de Tikkun ou do Protógono, o "Primogênito", isto é, a Forma e a Forma e a Idéia Universais, não se havia ainda refletido no Caos.

(28) *Zohar,* III, 292 *c.* O "Homem Celeste" é Adão Kadmon — a síntese dos Sephiroths, como "Manu Svâyambuva" é a síntese dos Prajâpatis.

(29) *Bereshith Rabba,* Parsha IX.

(30) Refere-se isto às *três* Rondas que precederam a nossa Quarta Ronda.

(31) Esta frase encerra, em Ciências Ocultas, um duplo sentido e um profundo mistério, cujo segredo, uma vez *conhecido,* confere tremendos poderes ao Adepto para *modificar sua forma fisível.*

(32) "Idra Suta", *Zohar,* III, 136 *c.* "Uma decadência de seu estado" — está claro: do estado de Mundos em atividade caíram em um obscurecimento temporário — eles repousam — e daí o mudarem por completo.

sopo) se diz que a sétima (nossa Terra) não entrou na conta quando foram criadas as seis (as seis Esferas acima do nosso Globo na Cadeia Terrestre), assim também os primeiros sete Reis de Edom não se acham compreendidos no cômputo do *Gênesis*. Em virtude da lei de analogia e permutação, tanto no *Livro dos Números* caldeu como nos *Livros do Conhecimento e da Sabedoria*, os "sete mundos primordiais" significam também as "sete raças primordiais" (sub-raças da Primeira Raça-Raiz das Sombras); e os Reis de Edom são ainda os filhos de "Esaú, o pai dos Edomitas" [33]; isto é, representa Esaú, na *Bíblia*, a raça que se acha entre a Quarta e a Quinta (a Atlante e a Ariana). "Duas *nações* jazem no teu ventre", diz o Senhor a Rebeca; e Esaú era *vermelho* e *coberto de pêlos*.

Do versículo 24 ao 34, o capítulo XXV do *Gênesis* contém a história alegórica do nascimento da Quinta Raça.

Reza o *Siphra Dzeniutha*:

"E os Reis dos tempos antigos morreram, e os seus superiores [as coroas] não mais foram vistos."

E o *Zohar*:

"O Chefe de uma nação que não havia sido formada no princípio à imagem do Chefe Branco: o seu povo não é desta Forma... Antes que ele [o Chefe Branco da Quinta Raça, ou Ancião dos Anciãos] se compusesse em sua Forma [própria ou atual]... todos os Mundos haviam sido destruídos; por isso, está escrito: e Bela, o filho de Beor, reinou em Edom [*Gen.*, XXXVI. Aqui "Mundos" representam Raças]. E ele [este Rei ou outro de Edom] morreu, e outro reinou em seu lugar.'

Nenhum cabalista que até agora se tem ocupado do simbolismo e da alegoria que ocultam os "Reis de Edom" parece haver percebido mais que um de seus aspectos. Não são eles apenas os "*mundos* que foram destruídos" ou os "Reis que pereceram"; senão ambas as coisas, e muito mais ainda, de que não podemos falar agora por falta de espaço. Portanto, deixando as parábolas místicas do *Zohar*, volveremos aos fatos rígidos da Ciência materialista; citando, contudo, preliminarmente, alguns nomes da extensa lista de grandes pensadores que criam na pluralidade dos Mundos habitados, em geral, e na dos Mundos que precederam o nosso. Tais são os grandes matemáticos Leibnitz e Bernouilli; o próprio Sir Isaac Newton, conforme se pode ler em seu livro *Optics;* Buffon, o naturalista; Condillac, o céptico; Bailly, Lavater, Bernardin de Saint-Pierre; e, contrastando com os dois últimos (quando menos, suspeitos de misticismo), Diderot e a maioria dos autores da *Enciclopédia*. Em seguida vêm Kant, o fundador da Filosofia moderna; os poetas filósofos Goethe, Krause, Schelling; e um bom número de astrônomos, desde Bode, Fergusson e Herschell até Lalande e Laplace, com seus muitos discípulos em anos mais recentes.

Eis certamente uma lista de nomes que infundem o maior respeito; mas os fatos da astronomia física falam ainda com mais eloqüência do que eles em favor da presença da vida, e da vida organizada, em outros planetas.

(33) *Gênesis*, XXXVI, 43.

Assim, em quatro meteoritos que caíram, respectivamente, em Alais, na França, no Cabo da Boa Esperança, na Hungria e outra vez na França, a análise positivou a presença de grafite, forma do carbono que se sabe estar invariavelmente associada à vida orgânica em nossa Terra. E que a existência do mesmo carbono não se deve a qualquer ação dentro de nossa atmosfera, prova-o a circunstância de que foi ele encontrado no centro mesmo do meteorito; além disso, em outro que caiu em Argueil, no Sul da França, encontrou-se água e também turfa, esta formada sempre pela decomposição de substâncias vegetais.

Demais, o exame das condições astronômicas dos outros planetas mostra facilmente que vários deles são muito mais adequados que a nossa Terra ao desenvolvimento da vida e da inteligência — mesmo nas condições a que o homem está habituado. No planeta Júpiter, por exemplo, as estações, em vez de variar numa escala ampla, como sucede com as nossas, mudam por graus quase imperceptíveis e duram doze vezes mais que na Terra. Em razão da pequena inclinação do seu eixo, as estações em Júpiter são devidas quase inteiramente à excentricidade de sua órbita, e por isso mudam lenta e regularmente. Objetar-se-á que a vida é impossível em Júpiter, por se achar este planeta em estado incandescente. Mas nem todos os astrônomos estão de acordo com isso. E o que vimos de expor já o disse, por exemplo, Flammarion; e *ele* deve sabê-lo.

Por outra parte, Vênus seria menos propício à vida humana, tal como existe na Terra, porque suas estações são mais extremadas, e mais bruscas suas mudanças de temperatura; sendo, porém, curioso que a duração do dia seja quase a mesma nos quatro planetas interiores, Mercúrio, Vênus, Terra e Marte.

Em Mercúrio, o calor e a luz do Sol são sete vezes mais intensos que na Terra, e a Astronomia ensina que aquele planeta está envolto em uma atmosfera muito densa. E como vemos que a vida se apresenta mais ativa na Terra quanto maior é a proporção de luz e de calor recebida do Sol, há de parecer muito mais provável que a intensidade da vida seja maior, muito maior, em Mercúrio que aqui.

Vênus, como Mercúrio, tem uma atmosfera muito densa, o que também ocorre com Marte; e as neves que cobrem os seus pólos, as nuvens que lhe ocultam a superfície, a configuração geográfica de seus mares e continentes, as variações de estações e climas, são de todo análogas — pelo menos aos olhos do astrônomo físico. Tais fatos, porém, e as considerações a que dão lugar só se relacionam com a possibilidade da existência, nesses planetas, da vida humana tal qual é conhecida na Terra. Que algumas formas de vida, como as que conhecemos, são *possíveis* nos citados planetas, já foi desde há muito exaustivamente demonstrado, parecendo inteiramente inútil entrar em questões menores de fisiologia, etc., acerca destes hipotéticos habitantes; porque, afinal de contas, o leitor não poderia chegar senão a uma ampliação imaginária do meio ambiente que lhe é familiar. É preferível darmo-nos por satisfeitos com as três conclusões que Flammarion, já tão citado por nós, formula como deduções rigorosas e exatas dos *fatos* conhecidos e das leis da Ciência.

I. As diversas forças, que estavam em atividade no princípio da evolução, produziram uma grande variedade de seres nos vários mundos; tanto no reino orgânico como no reino inorgânico.

II. Os seres animados foram constituídos desde o princípio segundo formas e organismos em correlação com o estado fisiológico de cada globo habitado.

III. As humanidades de outros mundos diferem de nós tanto em sua organização interna como em seu tipo físico exterior.

Finalmente, o leitor que esteja disposto a pôr em dúvida a validade destas conclusões, por opostas à *Bíblia*, pode reportar-se a um Apêndice do livro de Flammarion, em que o assunto vem tratado por menor; visto que, em uma obra como a presente, parece inútil ressaltar o absurdo lógico dos homens da Igreja que negam a pluralidade dos mundos com base na autoridade da *Bíblia*

Não será demais recordar, por oportuno, aqueles dias em que o zelo ardente da Igreja Primitiva se opunha à doutrina da esfericidade da Terra, sob o fundamento de que os povos dos antípodas estariam fora do campo da Salvação; podemos ainda lembrar o tempo que foi preciso à Ciência incipiente para destruir a idéia de um firmamento sólido, em cujas estrias se moviam as estrelas para a especial edificação da humanidade terrena.

A teoria da rotação da Terra encontrou igual oposição — que culminou com o martírio dos seus descobridores — e isso porque, sobre despojar o nosso globo de sua majestosa posição central no espaço, semelhante teoria revolucionava por completo as idéias concernentes à Ascensão, evidenciando que as expressões "em cima" e "em baixo" eram simplesmente relativas, o que em muito complicava o caso da localização exata do Céu! [34]

Segundo os cálculos modernos mais exatos, não há menos de 500.000.000 de estrelas de várias grandezas dentro do raio de alcance dos nossos melhores telescópios. Quanto às distâncias entre elas, são incalculáveis. É a nossa microscópica Terra — "grão de areia nas praias de um mar infinito" — o único centro de vida inteligente? Nosso próprio Sol, maior 1.300.000 vezes que o nosso planeta, aparece insignificante ao lado de Sírio, o Sol gigantesco; e este último, por sua vez, apequena-se diante de outros luminares do Espaço infinito. A concepção egoísta que faz de Jeová o guardião especial de uma pequena tribo seminômade chega a ser tolerável quando comparada à que limita a existência senciente ao nosso microscópico Globo. As razões originárias eram sem dúvida: (*a*) a ignorância astronômica dos primeiros cristãos, unida a uma apreciação exagerada da importância do homem — uma forma

(34) A sábia e engenhosa obra de *God and his Book*, escrita pelo temível "Saladin", de reputação agnóstica, nos faz recordar vivamente o divertido cálculo de que, se Cristo houvesse ascendido com a rapidez de uma bala de canhão, ainda não teria chegado, sequer, a Sírio. Esse mesmo cálculo dá lugar também à suposição, não infundada, de que esta nossa época de ilustração científica pode ser tão grosseiramente absurda em suas negações materialistas quanto os homens da Idade Média foram absurdos e materialistas em suas afirmações religiosas.

grosseira de egoísmo; e (*b*) o temor, se aceita a hipótese de milhões de outros Globos habitados, de ver-se apresentar esta questão perturbadora: "Houve uma Revelação para cada Mundo?" — envolvendo a idéia de o Filho de Deus cumprir uma "ronda eterna", por assim dizer. Felizmente, já não é necessário malgastar tempo e energia para demonstrar a possibilidade da existência de tais Mundos. Todas as pessoas inteligentes os admitem. O que agora resta provar é que, uma vez admitido que há, além da Terra, Mundos habitados por humanidades tão diferentes umas das outras como da nossa — segundo afirmam as Ciências Ocultas —, então a evolução das Raças precedentes ficará provada. E com efeito: onde está o físico ou o geólogo disposto a sustentar que a Terra não mudou um sem número de vezes durante os milhões de anos que já se passaram no curso de sua existência; e que, com essa mudança de "pele", como se diz em Ocultismo, não teve a Terra suas humanidades especiais, adaptadas às condições atmosféricas e de clima que decorrem de tais alterações? E assim sendo, por que não teriam podido existir e florescer as quatro humanidades inteiramente distintas que precederam a nossa Quinta Raça-Raiz Adâmica?

Antes de encerrar o nosso debate, temos que examinar mais de perto a chamada evolução orgânica. Investiguemos bem, e vejamos se é de todo o ponto impossível fazer com que os nossos dados e a cronologia Oculta concordem — até certo ponto — com os da Ciência.

C

OBSERVAÇÕES SUPLEMENTARES SOBRE A CRONOLOGIA GEOLÓGICA ESOTÉRICA

Parece possível calcular a duração, ainda que aproximada, dos períodos geológicos, combinando os dados da Ciência e do Ocultismo, de que agora dispomos. Há uma coisa que a Geologia, naturalmente, pode determinar quase com exatidão: a espessura das diferentes camadas. Ora, é evidente que o tempo exigido pelo depósito de uma camada no fundo do mar deve ser estritamente proporcional à espessura da massa assim formada. Não há dúvida que a *velocidade* com que se produziam os fenômenos de erosão da terra e de aglomeração da matéria no leito oceânico variou de uma idade a outra, e que as transformações provocadas por cataclismos diversos romperam a "uniformidade" dos processos geológicos ordinários. Contanto que tenhamos algumas bases numéricas bem definidas, em que nos possamos apoiar, nossa tarefa será menos dificultosa do que à primeira vista parece. Levando na devida conta as variações de velocidade dos depósitos, o Professor Lefèbvre nos apresenta as cifras relativas que resumem o tempo geológico. Não tenta ele calcular o número de anos transcorridos desde o depósito do primeiro leito de rochas laurencianas, mas, representando esse tempo por *x*, nos dá as proporções relativas em que se acham os diversos períodos em relação a *x*. Fixemos as premissas do nosso cálculo dizendo que, *grosso modo*, as rochas Primordiais têm 70.000 pés de espessura; as Primárias, 42.000; as Secundárias, 15.000; as Terciárias, 5.000; e as Quaternárias, 500:

Dividindo o tempo em cem partes iguais, *seja qual for a sua duração verdadeira*, desde a aurora da vida nesta terra [capas inferiores laurencianas], teremos que atribuir à idade Primordial mais de metade da duração total, ou seja, 53,5; à idade Primária, 32,2; à Secundária, 11,5; à Terciária, 2,3; e à Quaternária, 0,5, ou meio por cento.[35]

Pois bem: como, segundo os dados Ocultos, é certo que o tempo transcorrido desde os primeiros depósitos sedimentares é de 320.000.000 de anos, podemos elaborar o seguinte quadro:

CÁLCULO APROXIMADO DA DURAÇÃO DOS PERÍODOS GEOLÓGICOS EM ANOS

Primordial	Laurenciano Cambriano Siluriano	171.200.000
Primário	Devoniano Carbonífero Permiano	103.040.000
Secundário	Triásico Jurássico Cretáceo	36.800.000
Terciário	Eoceno Mioceno Plioceno	7.360.000 [36]
Quaternário		1.600.000

Tais estimativas estão conformes, em quase todos os pontos, ao que afirma a Etnologia Esotérica. A parte do ciclo Terciário Atlante, desde o "apogeu glorioso" desta Raça, no começo do período Eoceno, até o grande cataclismo na metade do período Mioceno, teria durado de três e meio a quatro milhões de anos. Se a duração do período Quaternário não houvesse sido calculada com exagero, como parece, a submersão de Ruta e Daitya seria então pós-terciária. É provável que os resultados aqui expostos atribuam um período demasiado longo às idades Terciárias e Quaternária, pois que a Terceira Raça retrocede muito dentro da idade Secundária. Não obstante, as cifras são das mais significativas.

Mas, porque o argumento das provas geológicas milita em favor de somente 100.000.000 de anos, comparemos os nossos assertos e ensinamentos com os da Ciência exata.

Mr. Edward Clodd [37], referindo-se à obra de M. de Mortillet, *Matériaux pour l'Histoire de l'Homme*, que situa o homem na metade do período Mioceno [38], observa que:

(35) *La Philosophie*, Paris, Reinwald, 1879, pág. 481 (Biblioteca de Ciências Contemporâneas).

(36) Provavelmente exagerado.

(37) *Knowledge*, Art. "The Antiquity of Man in Western Europe", 31 de março de 1882.

(38) O mesmo que em outra obra, *La Préhistorique Antiquité de l'Homme*, vinte anos atrás, concedia à humanidade, generosamente, só 230.000 anos! Como agora fica-

"Seria contrário a tudo quanto ensina a doutrina da evolução — e aliás não teria o apoio dos partidários de uma criação especial e da invariabilidade das espécies — buscar-se um mamífero tão altamente especializado, como o homem, em um período primitivo da história da vida do globo."

A isto se poderia responder: (*a*) a doutrina da evolução, tal como foi inaugurada por Darwin e desenvolvida posteriormente por outros evolucionistas, não somente é o oposto do infalível como tem sido impugnada por vários e eminentes homens de ciência, como, por exemplo, De Quatrefages, na França, o doutor Weismann, um ex-evolucionista alemão, e muitos outros, que vão cada vez mais engrossando as fileiras dos antidarwinistas [39]; e (*b*) a verdade, para ser digna deste nome, guardando fidelidade aos fatos, não precisa mendigar o apoio de nenhuma classe ou seita. Porque, se viesse a ter o apoio dos que acreditam em uma criação especial, nunca obteria os favores dos evolucionistas, e *vice-versa*. A verdade deve contar unicamente com o apoio firme dos fatos, e esperar a oportunidade de ser reconhecida, erradicados que sejam todos os preconceitos que se lhe opõem.

Se bem que a questão já tenha sido examinada em seu aspecto principal, não será demais mostrar a sem-razão de todas as chamadas objeções "científicas", à medida que prosseguimos fazendo declarações consideradas heréticas e anticientíficas.

Lancemos uma rápida vista de olhos sobre as divergências entre a Ciência ortodoxa e a Ciência Esotérica, relativamente à idade do Globo e do homem. Tendo em frente as duas tábuas sincrônicas, poderá o leitor ver num relance a importância dessas divergências, e perceber ao mesmo tempo que não é impossível, senão até bem provável, que novos descobrimentos da Geologia e o achado de restos fósseis do homem obriguem a Ciência a confessar que, afinal de contas, é a Filosofia Esotérica que está com a razão, ou, pelo menos, que mais se aproxima da verdade.

PARALELISMO DA VIDA

Hipóteses Científicas	Teoria Esotérica
A Ciência divide a história do Globo, desde o começo da vida na Terra (ou idade Azóica) em cinco partes ou períodos principais, segundo Hæckel [40].	Deixando à Ciência ocidental a classificação dos períodos geológicos, a Filosofia Esotérica divide somente os períodos de vida no Globo. No atual Manvantara, o período real é dividido em sete Kalpas e em sete grandes Raças humanas. Seu primeiro Kalpa, que corresponde à Época Primordial, é a idade dos:

mos sabendo que ele situa o homem na metade do período Mioceno, somos forçados a declarar que o respeitável professor de Antropologia Pré-Histórica de Paris deu uma visível demonstração de inconseqüência, para não dizer de *inocência*, em suas opiniões.

(39) A idéia fundamental da origem e da transformação das espécies — a *hereditariedade* das faculdades adquiridas — parece haver encontrado ultimamente sérios adversários na Alemanha. Os fisiologistas Du Bois-Reymond e Dr. Pflüger, sem falar em outros homens de ciência tão eminentes quanto estes, chegaram à conclusão de que naquela doutrina existem dificuldades insuperáveis, e até mesmo impossibilidades.

(40) *History of Creation*, pág. 20.

ÉPOCA PRIMORDIAL	"PRIMITIVOS" [41]
Laurenciana, Cambriana, Siluriana. Na época Primordial não esteve, de modo algum, ausente a vida vegetal e animal — diz-nos a Ciência. Nos depósitos do período Laurenciano encontram-se espécimes do Eozoon canadense, concha dividida em celas. Nos do período Siluriano há plantas marinhas (algas), moluscos, crustáceos e organismos marinhos inferiores, assim como o primeiro vestígio de peixes. A época Primordial mostra algas, moluscos, crustáceos, pólipos, organismos marinhos, etc. A Ciência ensina, portanto, que a vida marinha se achava presente desde os primórdios dos tempos, deixando, porém, que especulemos por nós mesmos a respeito de *como* apareceu a vida na Terra. Se ela rejeita, como nós, a "criação" bíblica, por que não oferece outra hipótese mais ou menos plausível?	Devas ou Homens Divinos, os "Criadores" e "Progenitores" [42]. A Filosofia Esotérica está de acordo com a declaração da Ciência (veja-se a coluna ao lado), mas faz reservas quanto a um ponto. Os 300 milhões de anos de vida vegetal (veja-se "Cronologia dos Brâmanes") precederam os "Homens Divinos" ou Progenitores. E nenhum ensinamento nega que houvesse, *dentro* da Terra, vestígios de vida além do eozoon canadense na Época Primordial. Mas, ao passo que a mencionada vegetação pertencia à presente Ronda, as relíquias zoológicas encontradas agora nos chamados sistemas Laurenciano, Cambriano e Siluriano são *relíquias* da Terceira Ronda. Etéreas ao princípio, como as demais, elas se consolidaram e se materializaram *pari passu* com a nova vegetação.
PRIMÁRIA	"PRIMÁRIA"
Devoniana [43], Carbonífera, Permiana. "Bosques de fetos, sigilárias, coníferas; peixes, primeiros vestígios de répteis." É o que diz a Ciência moderna.	Os Progenitores Divinos (*Grupos Secundários*), e as duas Raças e meia. A Doutrina Esotérica repete o que já se disse acima. Tudo são relíquias da Ronda precedente [44]. Contudo, uma vez que os ptotótipos são projetados do envoltório Astral da Terra, segue-se que há um número indefinido de modificações.
SECUNDÁRIA	"SECUNDÁRIA"
Triásica, Jurássica, Cretácea. Esta é a idade dos *répteis*, dos gigantescos megalossauros, ictiossauros, plesiossau-	Segundo todos os cálculos, já havia aparecido a primeira Raça, visto que no período Triásico existiam já alguns mamíferos,

(41) Conservamos os nomes dados pela Ciência a fim de tornar mais claro o paralelo. Os nossos termos são inteiramente outros.

(42) Não deve o estudante esquecer que a Doutrina ensina que há sete graus de Devas ou "Progenitores", ou sete Classes, desde a mais perfeita à menos elevada.

(43) Poder-se-á dizer que não somos conseqüentes por não incluirmos nesta tábua um *Homem da Idade Primária*. O paralelismo das Raças e dos períodos geológicos que aqui apresentamos é, no que se refere à origem da Primeira e da Segunda Raça, simplesmente uma suposição, visto que não dispomos de informes diretos. Havendo discutido anteriormente a questão da possibilidade da existência de uma raça na *idade Carbonífera*, é escusado renovarmos o debate.

(44) Durante o *interim* de uma Ronda para outra, o Globo e tudo o que nela há permanecem *in statu quo*. Tenha-se presente que a vegetação começou em sua forma etérea antes da chamada idade Primordial, passou à Primária e nesta se condensou, indo alcançar a plena manifestação de sua vida física na idade Secundária.

ros, etc. A Ciência nega a presença do homem neste período; mas deixa por explicar como puderam os homens conhecer e descrever esses monstros *antes* da época de Cuvier! Os antigos anais da China, da Índia, do Egito e até da Judéia estão cheios de tais descrições, como assinalamos em outro lugar. É também neste período que surgem os primeiros mamíferos marsupiais [45], insectívoros, carnívoros e fitófagos; e, segundo a opinião do Professor Owen, um mamífero herbívoro e provido de cascos.

A Ciência não admite o aparecimento do homem antes *do fim* do período Terciário [46]. Por quê? Porque é preciso demonstrar que o homem é mais jovem que os mamíferos superiores. Mas a Filosofia Esoe ela deve ter-se separado antes do advento destes.

Esta é, pois, a idade da Terceira Raça, e em que talvez se possa descobrir a origem da Quarta. Todavia, só nos é dado fazer conjeturas a este respeito, por isso que nos faltam informações concretas dos Iniciados.

A analogia é pouco significativa; no entanto, admitido que os mamíferos passam, em sua evolução, de uma espécie a outra anatomicamente superior, o mesmo sucede com as raças humanas em seu processo procriativo. Pode-se, é certo, traçar um paralelo entre os mamíferos monotremos, os didelfos (ou marsupiais) e os placentários, divididos por sua vez em três ordens [47], e a Primeira, a Segunda e a Terceira Raça-Raiz dos homens [48]; mas o espaço que

(45) Os geólogos nos dizem que: "Na época Secundária, os únicos mamíferos descobertos na Europa [até agora] são os restos fósseis de um pequeno marsupial ou portador de bolsa" (*Knowledge*, de 31 de março de 1882, pág. 464). Certamente, o marsupial ou didelfo (o único animal sobrevivente da família daqueles que coexistiam na Terra com o homem andrógino) não pode ter sido o único animal que então houvesse sobre a Terra! Sua presença implica a de outros mamíferos (ainda que desconhecidos) além dos monotremos e dos marsupiais, e mostra que a denominação de "idade mamífera", dada exclusivamente ao período Terciário, é errônea e enganosa, pois faz supor que nos tempos Mesozóicos — idade Secundária — não havia mamíferos, mas somente répteis, aves, anfíbios e peixes.

(46) Os que se inclinem por não levar a sério a doutrina da Etnologia Esotérica, que pressupõe a existência do homem na idade Secundária, andariam bem se refletissem que um dos mais distintos antropólogos dos nossos dias, M. De Quatrefages, oferece argumentos muito ponderáveis no mesmo sentido. Eis o que ele escreve: "Não há nada de impossível na idéia de que ele (o homem)... tenha surgido no Globo juntamente com os primeiros representantes do tipo a que pertence por sua organização." (*The Human Species*, pág. 153.) Tal declaração se aproxima muitíssimo do nosso asserto fundamental de que o homem precedeu os outros mamíferos.

O Professor Lefèbvre admite "que os trabalhos de Boucher de Perthes, Lartet, Christy, Bourgeois, Desnoyers, Broca, De Mortillet, Hamy, Gaudry-Cappellini e cem outros dissiparam todas as dúvidas e estabeleceram o desenvolvimento progressivo da organização e das indústrias humanas desde o período Mioceno (em plena idade Terciária)" (*Philosophy, Historical and Critical*, parte II, pág. 499, cap. II, "Sobre a Evolução Orgânica", Biblioteca de Ciência Contemporânea). Por que rejeita a possibilidade de um homem da idade Secundária? Simplesmente porque se deixou envolver nas malhas da Antropologia darwinista. "A origem do homem está ligada à dos mamíferos superiores"; ele apareceu "somente quando apareceram os *últimos* tipos desta classe"! Não é argumento, mas dogmatismo. A teoria não pode nunca excomungar os fatos. Deve então tudo ceder ante as simples hipóteses dos evolucionistas ocidentais? Certamente que não!

(47) Estes placentários da terceira subclasse estão divididos, segundo parece, em viliplacentários (placenta composta de muitas rugosidades separadas), zonoplacentários (placenta em forma de cordão) e discoplacentários (ou discóides). Hæckel vê nos marsupiais didelfos um dos elos *genealógicos* entre o homem e a monera!

(48) A inclusão da Primeira Raça na idade Secundária é, necessariamente, uma hipótese provisória, pois a verdadeira cronologia da Primeira e da Segunda Raça, bem como da primeira parte da Terceira, se acha de todo em todo velada pelos Iniciados. Tudo o que se pode dizer sobre o assunto é que a Primeira Raça-Raiz terá sido pré-Secundária, como efetivamente se ensina.

térica nos ensina o contrário. E como a Ciência tem sido absolutamente incapaz de chegar a uma conclusão, sequer aproximada, sobre a idade do homem ou mesmo sobre os períodos geológicos, o ensinamento Oculto é, portanto, mais lógico e razoável, ainda quando encarado como hipótese.

TERCIÁRIA [49]

Eoceno, Mioceno, Plioceno.

Não se admite ainda que o homem tenha vivido neste período.

Mr. E. Clodd diz o seguinte em *Knowledge:*

"Conquanto os mamíferos placentários e a ordem dos primatas, com que se relaciona o homem, aparecessem na idade Terciária, tropical no período do Eoceno, quente no Mioceno e temperado no Plioceno, fosse propício à sua presença, as provas da existência do homem não remontam além do Plioceno".

Eis aí o que a Ciência ortodoxa pode dizer sobre o assunto. Mas, como já vimos, a Ciência Oculta tem muito mais a dizer sobre o mesmo assunto, e o espaço que podemos dedicar a este assunto não nos permitiria.

"TERCIÁRIA"

A Terceira Raça desapareceu quase por completo, varrida pelos espantosos cataclismos geológicos da idade Secundária, deixando apenas um pequeno número de raças híbridas.

A Quarta, nascida milhões de anos antes [50] de ocorrerem esses cataclismos, pereceu durante o período Mioceno [51], quando a Quinta (nossa Raça Ariana) já contava 1.000.000 de anos de existência independente [52]. A idade que terá desde a sua

(49) Estes paralelos são válidos somente se forem aceitos os primeiros cálculos do Professor Croll, a saber: 15.000.000 de anos desde o início do período Eoceno (veja-se *Mythical Monsters,* de Charles Gould, pág. 84), e não os constantes do seu livro *Climate and Time,* que só conferem à idade Terciária uma duração de dois e meio milhões de anos ou, no máximo, três milhões. Isso, porém, reduziria todo o período de incrustação da Terra a 131.600.000 anos, segundo o Professor Winchell; enquanto que, conforme a Doutrina Esotérica, a sedimentação principiou, *nesta* Ronda, há 320.000.000 de anos aproximadamente. Contudo, os seus cálculos não divergem muito dos nossos, no que diz respeito às épocas dos períodos glaciários da idade Terciária, chamada em nossos livros esotéricos a "Idade dos Pigmeus". No tocante aos 320 milhões de anos atribuídos à sedimentação, cabe observar que muito maior foi o tempo decorrido durante a *preparação* deste Globo para a Quarta Ronda, *anteriormente* à estratificação.

(50) Apesar de empregarmos a expressão *"verdadeiramente humana"* só em relação à Quarta Raça-Raiz atlante, a Terceira Raça já é quase humana em seus últimos tempos, pois foi em sua quinta sub-raça que se deu a separação dos sexos da humanidade e *nasceu o primeiro homem* pelo processo hoje normal. Este "primeiro homem" corresponde, na *Bíblia,* a Enos ou Enoch, filho de Seth (*Gênesis,* IV).

(51) A Geologia ensina que existiu há tempos um oceano universal, fato confirmado com a presença de camadas de sedimentos marinhos em toda a parte; mas não foi ainda na época a que se refere a alegoria do Manu Vaivasvata. Este é um Homem-Deva (ou Manu) que salvou em uma Arca (o princípio feminino) as sementes da humanidade; e também os sete Rishis — que são aqui os símbolos dos sete princípios humanos — de cuja alegoria já falamos em outra parte. O "Dilúvio Universal" é o Abismo Líquido do Princípio Primordial de Berose (vejam-se Estâncias II a VIII, no volume III). Não é possível compreender como Mr. Croll atribui 15.000.000 de anos ao tempo decorrido desde o período Eoceno (citação que fazemos com apoio na autoridade de um geólogo, Mr. Ch. Gould), e só calcula 60.000.000 "desde o começo do período Cambriano, na idade Primordial". As camadas Secundárias têm o dobro da espessura das Terciárias, provando deste modo a Geologia que a idade Secundária, só ela, durou duas vezes mais tempo que a idade Terciária. Devemos então aceitar apenas 15.000.000 de anos para as idades Primária e Primordial juntas? Não é de admirar, pois, que Darwin rejeitasse o cálculo.

(52) Veja-se *Esoteric Buddhism,* pág. 60, 8.ª edição inglesa.

tência do homem, *na Europa*, antes do fim da idade Terciária, ...não são geralmente aceitas aqui."

origem, quem o sabe? Como a era "histórica" começou, para os Hindus Arianos, com os *Vedas* destinados às suas multidões [53], e muito mais cedo segundo os Anais Esotéricos, é inútil estabelecer aqui um paralelo.

A Geologia dividiu agora os períodos e colocou o homem no

QUATERNÁRIO	"QUATERNÁRIO"
Homem Paleolítico, Homem Neolítico, Período Histórico.	Se se admite a dutação de 1.500.000 anos para o período Quaternário, então somente a nossa Quinta Raça pertence a ele.

No entanto — *mirabile dictu* —, ao passo que se representa o homem Paleolítico, não canibal, que deve certamente haver precedido o homem Neolítico canibal de várias centenas de mil anos [54], como um artista notável, o homem Neolítico é quase considerado como um selvagem abjeto, a despeito de suas habitações lacustres [55]. Leia-se, com efeito, o que um ilustre geólogo, Mr. Charles Gould, diz ao leitor em seu *Mythical Monsters:*

"Os homens paleolíticos não conheciam a cerâmica nem a arte de tecer, e aparentemente careciam de animais domésticos e de sistemas de cultura; mas os homens lacustres neolíticos da Suíça possuíam teares, objetos de cerâmica, cereais, carneiros, cavalos, etc. Utensílios de chifre, osso e madeira eram de uso corrente nas duas raças; os da mais antiga, porém, se distinguem freqüentemente por estarem esculpidos com grande habilidade ou ornados de gravuras cheias de vida, representando vários animais existentes nessa época; ao passo que no homem neolítico [56] se observa absoluta ausência dessa habilidade artística." [57]

---

(53) Esperamos haver proporcionado em outra parte todos os informes científicos a este respeito.

(54) A Geologia admite "ser fora de dúvida que deve haver transcorrido um período considerável entre o desaparecimento do homem paleolítico e a vinda do seu sucessor neolítico" (veja-se *Prehistoric Europe*, de James Geikie, e *Mythical Monsters*, de Gould, página 98).

(55) Parecidas de algum modo com as aldeias sobre estacas do Norte de Borneu.

(56) "O mais hábil escultor dos tempos modernos não conseguiria, provavelmente, fazer nada melhor se o seu buril fosse um pedaço de sílex, e o material para a gravação se constituísse de pedra e osso"! (Prof. Boyd Dawkins, *Cave-Hunting*, pág. 344). Depois de semelhante concessão, é inútil continuar insistindo nas declarações de Huxley, Schmidt, Laing e outros, de que não é possível considerar o homem paleolítico como uma indicação da nossa descendência de uma raça humana pitecóide: eles destróem assim as fantasias de muitos evolucionistas superficiais. As relíquias de mérito artístico que *voltam a aparecer* nos homens da idade da Pedra Talhada remontam aos seus antecessores *Atlantes*. O homem neolítico foi um precursor da grande invasão ariana, e era originário de outra região muito diferente: da Ásia, e até certo ponto, do Norte da África. As tríbos que povoavam o Noroeste desta última eram certamente de origem atlante — remontando a centenas de milhares de anos antes do período Neolítico na Europa —, mas haviam-se distanciado tanto do tipo ancestral que já não apresentavam nenhuma das características marcantes que lhe eram peculiares. No tocante ao contraste entre o homem neolítico e o paleolítico, é de notar, conforme o assinala Carl Vogt, que *o primeiro era um canibal, enquanto que o homem muito mais antigo da época do mamute não o era.* Não parece que os usos e costumes humanos venham a melhorar com o tempo! Pelo menos, não sucedeu assim neste exemplo.

(57) *Op. cit.*, pág. 97.

Expliquemos as razões disso.

1.º Os mais antigos fósseis humanos, os dos primitivos homens das cavernas do remoto período Paleolítico e do período Pré-Glaciário (seja qual for sua duração e antiguidade) indicam sempre a mesma classe de homens; e não há nenhum resto fóssil que prove, relativamente a eles,

"...o que o Hipparion e o Anchitherium provaram quanto ao cavalo, isto é, a progressiva e gradual especialização a partir de um tipo ancestral simples, para chegar às formas mais complexas de hoje." [58]

2.º No que concerne às chamadas achas paleolíticas:

"Se colocadas ao lado dos mais toscos exemplares das achas de pedra que atualmente usam os Australianos e outros selvagens, dificilmente se nota qualquer diferença." [59]

Com isto se prova que tem havido selvagens *em todos os tempos;* devendo-se inferir que também podia existir gente civilizada nas mesmas épocas, nações cultas contemporâneas daqueles selvagens grosseiros. Vemos que assim aconteceu no Egito há 7.000 anos.

3.º Há um obstáculo, como corolário direto dos dois antecedentes: se o homem não fosse mais antigo que o período Paleolítico, então não seria possível que houvesse o tempo necessário para sua transformação, desde o "elo perdido" até o ponto que sabemos ter alcançado naquela remota época geológica, ou seja, *um espécime humano superior a muitas das raças que hoje existem.*

O que ficou dito presta-se, naturalmente, ao seguinte silogismo: 1 — O homem *primitivo* (que a Ciência conhece) era, sob certos aspectos, superior em seu gênero ao que é agora. 2 — O mais antigo símio conhecido, o lemuriano, era *menos* antropóide que as espécies pitecóides modernas. 3 — Conclusão: ainda que se viesse a encontrar um "elo perdido", a balança das provas se inclinaria mais em favor da teoria de que o símio *é um homem degenerado,* emudecido por circunstâncias fortuitas [60], do que em favor da que faz descender o homem de um antecessor pitecóide. A teoria é uma arma de dois gumes.

Por outro lado, uma vez que aceitemos a existência da Atlântida e a afirmação de que no período Eoceno,

"mesmo em sua primeira parte, o grande ciclo dos homens da Quarta Raça, os Atlantes, já havia alcançado seu apogeu" [61],

---

(58) *Modern Science and Modern Thought,* pág. 181.

(59) *Ibid.,* pág. 112.

(60) De acordo com os dados proporcionados pela Ciência Moderna, a Fisiologia e a Seleção Natural, e sem necessidade de recorrer a uma criação miraculosa, dois espécimes de negros do mais ínfimo grau de inteligência — digamos, por exemplo, dois idiotas mudos de nascença — poderiam, acasalando-se, dar nascimento a uma espécie de Pastrano mudo, que seria a origem de uma nova raça modificada, vindo assim a produzir, no transcurso dos tempos geológicos, o verdadeiro símio-antropóide.

(61) *Esoteric Buddhism,* pág. 67 (8.ª ed. inglesa).

podemos então ver como desaparecem facilmente algumas das dificuldades atuais da Ciência. A manufatura tosca dos utensílios paleolíticos nada prova contra a idéia de que, ao lado dos que os fabricaram, existissem nações altamente civilizadas. Dizem-nos que:

"Só tem sido explorada uma parcela insignificante da superfície da Terra, e desta uma pequena fração consiste em áreas de terras antigas ou formações de águas doces, onde unicamente se pode esperar que apareçam traços das formas superiores da vida animal. E ainda estas têm sido exploradas tão imperfeitamente que, nos lugares em que agora encontramos milhares e dezenas de milhares de restos humanos quase sob os nossos pés, só nestes últimos trinta anos é que se começou a suspeitar de sua existência." [62]

Também é muito sugestivo que, ao lado das toscas achas dos selvagens inferiores, encontrem os exploradores, como encontraram, exemplares de objetos trabalhados com tanto mérito artístico que dificilmente podemos esperar ver coisa semelhante entre os camponeses hodiernos de algum país europeu, a não ser em casos excepcionais. O "retrato" do "Rangífer pastando" da gruta de Thayngin, na Suíça, e o de "um homem correndo", com duas cabeças de cavalo desenhadas ao lado, obra do período Rangífero, ou seja, de 50.000 anos atrás pelo menos, são considerados por Mr. Laing como muito bem feitos; e ele descreve o "Rangífer pastando" como um trabalho "que faria honra a qualquer pintor moderno de animais", elogio que não é de modo algum exagerado, como se pode ver pela cópia apresentada no livro de Mr. Gould e que mais adiante reproduzimos. Ora, se vemos hoje os maiores pintores da Europa coexistindo com os esquimós, que, tal como seus antepassados paleolíticos do período Rangífero, espécies humanas rudes e selvagens, possuem a tendência de fazer constantemente, com a ponta de suas facas, desenhos de animais, cenas de caça, etc., por que não poderia ter sucedido o mesmo naqueles tempos? Comparados com os exemplares de desenhos e esboços egípcios de há 7.000 anos, aqueles "retratos primitivos" de homens, cabeças de cavalos e rangíferes, feitos há 50.000 anos, *são certamente superiores*. Sabe-se, contudo, que os egípcios da época de que se trata constituíam uma nação altamente civilizada, ao passo que os homens paleolíticos são qualificados de *selvagens* de tipo inferior. O caso parece ter pouca importância; no entanto, é sumamente sugestivo, porque mostra até que ponto se procura amoldar todos os novos descobrimentos geológicos às teorias correntes, ao invés de fazer com que as teorias se adaptem aos descobrimentos.

Em todo caso, há materialistas de critério mais livre que se vêem na necessidade de admitir conceitos de caráter o mais *ocultista*. Por estranho que pareça, são os mais materialistas (os da escola alemã) que se aproximam mais dos ensinamentos Ocultos, no que se refere ao desenvolvimento físico. Assim, crê o Professor Baumgärtner que:

"Os germes dos animais superiores só podiam ser os ovos dos animais inferiores... Além do progresso no desenvolvimento do mundo vegetal e animal, ocorreu naquela época a formação de *novos germes originais* [que serviram de base a novas metamorfoses, etc.]... Os primeiros homens que nasceram dos germes de animais inferiores viveram a princípio em estado de larvas."

(62) *Modern Science and Modern* Thought, pág. 98.

Perfeitamente; em um estado de larvas, é o que também dizemos, com a diferença de que não provêm de germes "animais". A "larva" era a forma etérea, sem alma, das Raças pré-físicas. E cremos ainda, como crêem o professor alemão e outros cientistas europeus, que as raças humanas

"...não descenderam de um casal único, mas apareceram imediatamente já como raças numerosas." [63]

Por isso, quando lemos *Força e Matéria* e vemos Büchner, esse Imperador dos materialistas, repetindo com Manu e Hermes que:

"De modo imperceptível a planta se transforma em animal e o animal em homem" [64],

só nos cabe acrescentar "e o homem em espírito", para completar o axioma cabalístico. Tanto mais porque lemos a confissão seguinte:

"Evolucionado por geração espontânea... todo esse mundo orgânico, rico e multiforme..., desenvolveu-se progressivamente, no curso de um ilimitado período de tempo, com o auxílio dos fenômenos naturais." [65]

Toda a diferença consiste no seguinte: a Ciência moderna localiza sua teoria dos germes primordiais na Terra, e o *último germe* da vida neste Globo, o do homem e de tudo o mais, entre *dois vazios*. De onde veio o *primeiro* germe, se tanto a geração espontânea como a intervenção de forças externas são hoje rejeitadas? Sir William Thompson nos diz que os germes da vida orgânica foram trazidos à Terra por um meteorito. Isto nada resolve, mas apenas transfere a dificuldade da Terra para o suposto meteoro.

Tais são os nossos acordos e desacordos com a Ciência. Quanto ao "período ilimitado", naturalmente que damos nossa conformidade às especulações materialistas; porque acreditamos na Evolução, embora por linhas diferentes. Diz o Professor Huxley, mui judiciosamente:

"Se a doutrina do desenvolvimento progressivo é correta em alguma de suas formas, temos que estender por longos períodos as estimativas mais avançadas que se têm feito até hoje sobre a antigüidade do homem." [66]

Mas, quando nos vêm dizer que este homem é um produto das forças naturais inerentes *na* Matéria — não passando a Força, segundo a opinião moderna, de um atributo da Matéria, um "modo de movimento", etc. — e quando vemos Sir William Thompson repetir, em 1885, o que Büchner e sua escola afirmavam trinta anos atrás, receamos que se desvaneça no ar todo o respeito que sentimos pela Ciência real! Impossível deixar de pensar que, em alguns casos, o Materialismo é uma *enfermidade*. Pois, quando homens de ciência, em presença dos fenômenos magnéticos e da atração das partículas de ferro através de substâncias isolantes, como o cristal, sustentam

(63) *Anfänge zu einer Physiologischen Schöpfungs-geschichte des Pflanzen und Thierwelt*, 1885.
(64) *Op. cit.*, pág. 212, ed. inglesa.
(65) *Ibid.*, pág. 11.
(66) *Man's Place in Nature*, pág. 208.

que tal atração é devida ao "movimento molecular" ou à "rotação das moléculas do ímã", *então, quer a teoria proceda de um "crédulo" teósofo sem* nenhuma noção de Física, quer de algum cientista eminente, é ela igualmente ridícula. O indivduo que afirma semelhante doutrina, a despeito dos *fatos,* representa mais uma prova de que: "Quando os homens não têm um cantinho em suas mentes onde alojar os fatos, tanto pior para os fatos."

Atualmente, a disputa entre os partidários da geração espontânea e os seus adversários está em suspenso, havendo terminado com a vitória provisória destes últimos. Contudo, estes mesmos se vêm forçados a admitir, como o fez Büchner e ainda o fazem Huxley e Tyndall, que a geração espontânea *deve ter-se produzido uma vez,* sob certas "condições especiais de calor". Virchow esquiva-se até de discutir a questão: ela *deve* ter ocorrido alguma vez no curso da história do nosso planeta, e ponto final. Isso parece mais natural que a hipótese, já citada, de Sir William Thompson, segundo a qual os germes da vida orgânica caíram em nossa Terra com um meteorito; ou que a outra hipótese científica associada à crença, ultimamente adotada, de que não existe *nenhum* "princípio vital", mas apenas fenômenos vitais, que podem ser atribuídos às forças moleculares do protoplasma original. Tal coisa, porém, não ajuda a Ciência a solucionar problema ainda mais importante, qual seja o da origem e *descendência* do homem, visto que a este respeito são muito piores as queixas e lamentações:

"Ao passo que podemos seguir os traços dos esqueletos dos mamíferos eocenos em diferentes ramos de especialização, no curso de sucessivos períodos Terciários, o homem nos apresenta o fenômeno de um esqueleto *não especializado,* que não se pode razoavelmente relacionar com nenhum desses ramos." [67]

O segredo podia ser logo revelado, não só do ponto de vista esotérico, mas do de todas as religiões do mundo, sem mencionar os Ocultistas. É que *se está procurando o "esqueleto especializado" em local errado, onde* ele jamais pode ser encontrado. Os homens de ciência esperam descobri-lo nos restos físicos do homem, em algum "elo perdido" pitecóide, com um crânio maior que o do símio e uma capacidade craniana inferior à do homem, em vez de buscar essa especialização na *essência suprafísica de sua constituição etérea interna, que não pode ser exumada de nenhuma camada geológica!* Semelhante apego obstinado a uma teoria degradante do ser é a característica mais surpreendente dos nossos dias.



Rengífer gravado sobre um chifre pelo Homem Paleolítico (Segundo Geikie) [68]

(67) *Origin of The World,* pág. 39, de Sir William Dawson L. L. D., F. R. S.
(68) *Mythical Monsters,* pág. 97.

Em todo caso, damos acima a reprodução de uma gravura feita por um "selvagem" paleolítico: paleolítico significando o homem "dos primeiros tempos da idade da pedra", que se supõe ter sido tão selvagem e bestial quanto os brutos com os quais vivia.

Deixando de parte o ilhéu dos Mares do Sul e até mesmo todas as raças asiáticas, desafiamos qualquer colegial ou adolescente europeu, que não tenha estudado desenho, a fazer uma gravura semelhante ou um esboço a lápis com igual perfeição. Temos aqui a verdadeira expressão artística, luzes e sombras corretas, sem nenhum modelo *plano* sob os olhos do artista, que copiou diretamente da natureza, demonstrando assim conhecimentos de anatomia e de proporção. Pretendem fazer-nos acreditar que o artista que gravou o rangífer era um dos selvagens primitivos "semi-animais" (contemporâneos do mamute e do rinoceronte lanoso) que certos evolucionistas, com excesso de zelo, já quiseram descrever-nos como uma clara aproximação do seu hipotético "homem pitecóide"!

Este chifre gravado é uma prova, tão eloqüente quanto se possa desejar, de que a evolução das Raças tem procedido sempre por uma série de altos e baixos; que o homem é, provavelmente, tão antigo como a crosta terrestre; e que é mesmo — se podemos dar o nome de "homem" ao seu antecessor divino — ainda muito mais antigo.

O próprio De Mortillet parece sentir uma vaga desconfiança a respeito das conclusões dos arqueólogos modernos, quando escreve:

"O passado pré-histórico constitui uma ciência nova, que está longe, muito longe, de ter dito a última palavra." [69]

Segundo Lyell, que é uma das maiores autoridades nesta matéria e o "pai" da Geologia:

"A constante expectativa de que se chegará a descobrir um tipo de crânio humano tanto mais inferior quanto mais antiga seja a formação em que se encontre *baseia-se na teoria do desenvolvimento progressivo, e pode* ser que um dia receba a confirmação dos fatos; devemos, contudo, recordar que até hoje *não temos nenhuma prova geológica definida de que o aparecimento das chamadas raças inferiores da humanidade houvesse precedido sempre, na ordem cronológica,* a das raças superiores." [70]

E semelhante prova não foi encontrada até o presente. Assim, a Ciência põe à venda a pele de um urso que nenhum olho mortal jamais avistou!

A concessão de Lyell mostra-se ainda mais significativa se acrescida do que diz o Professor Max Muller, cujo ataque à antropologia darwinista, do ponto de vista da LINGUAGEM, nunca foi (seja dito de passagem) contestado de maneira satisfatória:

"Que sabemos nós das tribos selvagens, fora do último capítulo de sua história?" [Compare-se isto com a opinião esotérica que considera os australianos, os bosquímanos e o homem paleolítico europeu como remanescentes atlantes que conservaram as relíquias de uma civilização perdida, que florescera quando a Raça-Raiz estava em seu apogeu.]

(69) *Prehistoric Antiquity of Man*, 1883.
(70) *Antiquity of Man*, pág. 25.

"Conseguimos porventura penetrar em seus antecedentes? Poderemos algum dia saber o que, afinal de contas, é a lição mais importante e mais instrutiva por aprender: como chegaram eles a ser o que são?... Sua linguagem prova, em verdade, que esses chamados pagãos, com seus complicados sistemas de mitologia, costumes artificiais, fantasias ininteligíveis e selvagismos, não são criaturas de hoje nem de ontem. A menos que se admita uma criação especial para eles, tais selvagens devem ser tão antigos quanto os hindus, os gregos e os romanos [muito mais antigos]... Podem ter passado por tantas vicissitudes como aqueles, e o que consideramos como primitivo pode bem ser uma recaída no estado selvagem ou uma corrupção de algo que fosse mais racional e inteligível em estados anteriores." [71]

Observa o Professor George Rawlinson M. A. que:

"A expressão "selvagem primitivo" é comumente usada na literatura moderna, mas nada prova que o selvagem primitivo houvesse jamais existido. *Todas as provas tendem, pelo contrário, em sentido inverso.*"

E em seu livro *Origin of Nations* acrescenta mui judiciosamente:

"*As tradições míticas de quase todas as nações situam nos primórdios da história humana uma era de bem-aventurança e de perfeição,* uma "idade de ouro" que não tem nenhuma característica de selvagismo ou barbárie, mas, antes, muito de civilização e refinamento." [73]

Qual a atitude do evolucionista moderno diante desse conjunto de provas?

Repetimos aqui as perguntas que fizemos em *Ísis sem Véu:*

"Provam os restos encontrados na caverna de Devon que então não existissem raças contemporâneas altamente civilizadas? Quando a população atual da Terra houver desaparecido, e algum arqueólogo da "próxima raça" de um longínquo futuro descobrir em suas escavações os utensílios domésticos de uma de nossas tribos da Índia ou das Ilhas Adaman, terá ele razão em concluir que a humanidade do século XIX "estava saindo precisamente da idade da pedra"?" [74]

Outra inconseqüência estranha das teorias científicas está em representar o homem neolítico como um selvagem muito mais primitivo que o paleolítico. Um dos dois, ou Lubbock em seu *Prehistoric Man* ou Evan em seu *Ancient Stone,* deve estar incidindo em erro — a menos que ambos o estejam. Eis o que nos ensinam estas e outras obras:

1.° À medida que passamos do homem neolítico ao homem paleolítico, os utensílios de pedra se convertem em objetos toscos e pesados, em lugar de instrumentos bem trabalhados e de formas primorosas. A cerâmica e outras artes úteis desaparecem à maneira que descemos na escala. E no entanto o homem paleolítico foi capaz de gravar aquele rangífer!

---

(71) *India, What can it Teach Us?* Série de conferências proferidas na Universidade de Cambridge em 1882. Conferência III, pág. 110, edição de 1892.

(72) *Antiquity of Man Historically Considered;* "Present Day Tracts"; vol. II, ensaio IX, pág. 25.

(73) *Op. cit.,* págs. 10 e 11.

(74) *Op. cit.,* I, 4.

2.º O homem paleolítico vivia em cavernas, que compartia com hienas e leões [75], ao passo que o homem neolítico morava em aldeias e casas lacustres.

Quem quer que tenha acompanhado, ainda que superficialmente, os descobrimentos geológicos dos nossos dias sabe que se observa um progresso gradual na mão-de-obra, desde o talhe rude e grosseiro das primeiras achas paleolíticas aos machados de pedra relativamente graciosos daquela fase Neolítica que precedeu imediatamente ao uso dos metais. Mas isto ocorreu *na Europa,* da qual só algumas partes acabavam de levantar-se sobre as águas na época do apogeu da civilização atlante. Então, como agora, havia selvagens grosseiros e povos altamente civilizados. Se daqui a 50.000 anos forem desenterrados bosquímanos pigmeus, em alguma caverna da África, juntamente com elefantes pigmeus mais antigos, como os que Milne Edwards encontrou nas grutas da Ilha de Malta, seria essa uma razão para sustentar que na idade atual todos os homens e todos os elefantes eram pigmeus? Ou então, se forem descobertas as armas dos Veddhas de Ceilão, estarão os nossos descendentes com o direito de nos classificar a todos como selvagens paleolíticos? Todos os objetos que os geólogos agora desenterram na Europa não serão com certeza anteriores ao período Eoceno, pois que as terras da Europa não se achavam ainda por cima das águas antes dessa época. E a procedência do que vimos afirmando não ficará menos válida se vierem os teóricos dizer-nos que aqueles curiosos desenhos de animais e homens foram feitos pelo homem paleolítico no fim do período rangífero; tal explicação seria, realmente, muito deficiente, dada a ignorância dos geólogos quanto a duração, ainda que aproximada, dos períodos.

A Doutrina Esotérica ensina claramente a doutrina do desenvolvimento e queda das civilizações; e agora vemos dizer-se que:

"É um fato notável que o canibalismo parece ter sido mais freqüente à proporção que o homem se adiantava em civilização; e que, sendo os seus traços mais comuns nas épocas paleolíticas, se tornam muito raros ou desaparecem completamente na idade do mamute e do rangífer..." [76]

É outra prova da lei cíclica e da verdade de nossos ensinamentos.

A história esotérica mostra que os ídolos e o seu culto desapareceram com a Quarta Raça, até que os sobreviventes das raças híbridas desta última (chineses, negros africanos, etc.) foram gradualmente restabelecendo o culto. Os *Vedas* não apóiam ídolo nenhum; só as modernas obras hindus é que o fazem.

"Nos primeiros túmulos egípcios e nas ruínas das cidades pré-históricas que o doutor Schliemann desenterrou, foram encontradas inúmeras imagens de deusas com cabeça de coruja ou de boi, e outras figuras simbólicas ou ídolos. Mas, quando remontamos aos

(75) O homem paleolítico devia estar dotado, em seu tempo, de uma força três vezes hercúlea e de uma invulnerabilidade mágica, ou o leão era tão débil como um cordeiro, naquela época, para que ambos pudessem conviver na mesma morada. Dizer que foi um selvagem daquele tipo grosseiro quem gravou o rangífer sobre o chifre é o mesmo que tentar impingir-nos que foi o leão ou a hiena que executou essa obra-prima.

(76) *Modern Science and Modern Thought,* pág. 164.

tempos neolíticos, já não encontramos tais ídolos, ou, se isto ocorre, são eles tão raros que os arqueólogos discutem ainda a sua existência... Os únicos, dos quais se pode dizer, com alguma certeza, que fossem ídolos, são um ou dois que foram descobertos por M. de Braye em cavernas artificiais do período neolítico... e que pareciam representar figuras de mulher em tamanho natural." [77]

É possível que estas fossem simplesmente estátuas. Em todo caso, temos aí uma prova, entre outras muitas, dos períodos cíclicos de progresso e decadência da civilização e da religião. A circunstância de não se haver encontrado, até agora, vestígios de restos ou esqueletos humanos além dos tempos Pós-Terciários ou Quaternários — conquanto os sílex do Abade Bourgeois possam servir de advertência [78] — parece confirmar o seguinte enunciado esotérico:

Busca os restos de teus antepassados nas regiões elevadas. Os vales converteram-se em montanhas, e as montanhas foram arrastadas para o fundo dos mares.

A humanidade da Quarta Raça, reduzida a um terço de sua população após o último cataclismo, em vez de estabelecer-se nos novos continentes e ilhas que *reapareceram* (enquanto os anteriores formavam os leitos dos novos oceanos), abandonaram o que é hoje a Europa e uma parte da Ásia e da África, pelas eminências das montanhas gigantescas, havendo-se "retirado" os mares que rodeavam algumas destas últimas, dando lugar aos planaltos da Ásia Central.

O exemplo mais interessante dessa marcha progressiva é talvez a célebre caverna de Kent, em Torquay. Naquele estranho retiro, socavado pela água na pedra calcárea devoniana, vemos uma das mais curiosas reminiscências conservadas pelos anais geológicos da Terra. Sob os blocos calcáreos amontoados no solo da caverna, descobriram-se, encaixados em um depósito de terra negra, numerosos utensílios do período neolítico *de uma execução admirável,* juntamente com alguns fragmentos de cerâmica, que se poderiam atribuir à era da colonização romana. Não existe ali nenhum vestígio do homem paleolítico; nem sílex nem traços de animais de espécies extintas da idade Quaternária. No entanto, quando se penetra mais ao fundo, através da densa camada de estalagmites, na terra vermelha que fica por baixo da terra negra e que, naturalmente, formava há tempo o piso daquele retiro, as coisas tomam um aspecto muito diferente. *Não se vê um só utensílio capaz de ser comparado com as armas finamente talhadas descobertas nas camadas superiores;* só um amontoado de achas toscas e pequenas (com as quais os monstruosos gigantes do mundo animal eram vencidos e mortos pelo homem pigmeu, segundo querem fazer-nos acreditar?!) e de raspadores do período Paleolítico, misturados confusamente com ossos de espécies que ou se extinguiram ou emigraram, impelidas pelas mudanças de clima. E o autor destas

(77) *Ibid.*, pág. 199.

(78) Mais de vinte espécimes de símios fósseis foram encontrados num mesmo sítio (Pikermi, perto de Atenas), em estratos miocenos. Se o homem não existia então, demasiado curto é o período para sua *transformação,* por mais que se faça por ampliá-lo. E se existia, e não se pôde descobrir nenhum símio em época anterior, que se deduz então?

machadinhas feias e insignificantes, como vemos, seria o artista que esculpiu no chifre aquele rangífer sobre o arroio, conforme já mostramos! Em todos os casos deparamos com a prova do mesmo fato, a saber: que, desde o homem histórico ao neolítico e desde o homem neolítico ao paleolítico, o estado de coisas desliza num plano inclinado, a partir de um rudimento de civilização até a barbárie do mais ínfimo grau, *sempre na Europa*. Estamos assim em presença da "era do mamute", o extremo da primeira divisão do período Paleolítico, em que o aspecto grosseiro dos utensílios atinge o seu máximo, e em que a aparência *brutal* (?) dos crânios contemporâneos, como o de Neanderthal, denota um tipo humano muito inferior. Mas esses crânios podem também indicar outra coisa: uma raça de homens inteiramente diferente de nossa Humanidade (da Quinta Raça).

Conforme diz um antropólogo, em *Modern Thought*:

"A teoria de Peyrère, tenha ou não base científica, pode considerar-se equivalente à que dividia o homem em duas espécies. Broca, Virey e certo número de antropólogos franceses reconheceram que a raça inferior de homens, compreendendo os australianos, os tasmanianos e os negros, com exceção dos hotentotes e dos habitantes do Norte da África, deve ser *classificada à parte*. A circunstância de que nesta espécie, ou melhor, subespécie, os terceiros molares inferiores sejam, em regra, maiores que os segundos, e a parte escamosa do temporal e o osso frontal estejam unidos geralmente por uma sutura, situa o *Homo afer* no nível de uma espécie distinta, como acontece em muitas das classes de tentilhões. Abster-me-ei no momento de falar nos casos de hibridação, que já foram tão exaustivamente comentados pelo falecido Professor Broca. A história desta espécie, nas idades pretéritas do mundo, é singular. *Ela jamais inaugurou sistema algum de arquitetura, nem uma religião que lhe fosse própria.*" [79]

Singular, com efeito, conforme já mostramos no caso dos tasmanianos. Seja como for, o homem *fóssil* da Europa não pode servir de prova, nem a favor, nem contra a antiguidade do homem na Terra, ou da idade de suas primeiras civilizações.

Já é tempo de não se preocuparem os Ocultistas com as zombarias de que sejam alvo, de votarem ao desprezo o bombardeio da sátira dos homens de ciência, assim como os tiros insignificantes do profano, tendo em vista que é impossível, nas circunstâncias atuais, obter quaisquer provas, a favor ou contra, e que, em todo caso, as suas teorias resistem melhor à análise que as hipóteses ditas científicas. E quanto à prova da antiguidade que reclamam para o homem, contam eles com o apoio do próprio Darwin e de Lyell. Este último confessa que os naturalistas

"Obtiveram já a prova da existência do homem num período tão remoto que deu tempo a que fossem extintas muitas espécies de grandes mamíferos seus contemporâneos, *e isto ainda antes da era dos mais antigos documentos históricos.*" [80]

Esta é uma declaração feita por uma das maiores autoridades da Inglaterra no assunto. As duas frases que se seguem são igualmente sugestivas, e os estudantes de Ocultismo devem tê-las presentes. Entre outras coisas, diz o autor:

(79) Dr. C. Carter Blake, art. "The Genesis of Man".
(80) *Antiquity of Man*, pág. 530.

"A despeito do largo transcurso das idades pré-históricas, durante as quais deve [o homem] ter vivido sobre a Terra, *não há provas de qualquer mudança perceptível em sua estrutura corporal.* Por conseguinte, se porventura ele teve por antepassado um animal irracional, devemos supor que este existiu numa época muito mais distante, *talvez em continentes ou ilhas hoje submersas no fundo do Oceano.*"

Vemos, deste modo, que a ciência oficial suspeita a existência de continentes desaparecidos. A doutrina de que os mundos e as raças são periodicamente destruídos, ora pela água, ora pelo fogo (vulcões e terremotos), renovando-se depois, é tão velha quanto o homem. Manu, Hermes, os Caldeus, a antiguidade toda, assim acreditavam. A superfície do Globo já foi mudada duas vezes pelo fogo e duas vezes pela água, desde que o homem aqui apareceu. Assim como a terra necessita de repouso e de renovação, de forças novas e de mudança do solo, assim também sucede com os oceanos. Daí resulta uma redistribuição periódica da terra e da água, mudança de climas, etc., tudo provocado por revoluções geológicas, e seguido finalmente de um deslocamento do eixo da Terra. Podem os astrônomos encolher os ombros à idéia de uma mudança periódica na inclinação do eixo de Terra, e sorrir da conversa, que se lê no *Livro de Enoch,* entre Noé e o seu "avô" Enoch; a alegoria não deixa, por isso, de ser um fato geológico e astronômico. Ocorre uma mudança secular na inclinação do eixo da Terra, e a sua época fixa está registrada em um dos grandes Ciclos Secretos. Tal como se verifica em muitas outras questões, a Ciência aproxima-se gradualmente do nosso modo de pensar. O doutor Henry Woodward, F. R. S., F. G. S., escreve na *Popular Science Review:*

"Se fosse necessário recorrer a causas extraterrestres para explicar o grande aumento de gelo neste período glaciário, eu preferiria a teoria exposta pelo doutor Robert Hooke em 1688, mais tarde por Sir. Richard Philips e outros, e ultimamente por Mr. Thomas Belt, C. E., F. G. S., a saber: um ligeiro aumento na obliqüidade atual da eclíptica, proposição que está de perfeito acordo com outros fatos astronômicos conhecidos e cuja introdução não envolve perturbação alguma da harmonia essencial ao nosso estado cósmico, como unidade no grande sistema solar." [81]

O seguinte trecho, que transcrevemos de uma conferência pronunciada por W. Pengelly, F. R. S., F. G. S., em março de 1885, sobre o "Lago Extinto de Bove Tracey", mostra que ainda se hesita em aceitar a existência da Atlântida, apesar de todas as provas neste sentido:

"*Figueiras sempre verdes, loureiros, palmeiras e fetos com gigantescos rizomas têm* congêneres que existem *em um clima subtropical, semelhante indubitavelmente ao que reinava no Devonshire nos tempos Miocenos,* e por isso devem pôr-nos em guarda sempre que o *clima atual* de alguma região seja tido como normal.

Por outro lado, quando se vêm plantas Miocenas descobertas na Ilha Disco, costa ocidental da Groenlândia, entre 69°20' e 70°30' de lat. N.; quando sabemos que entre elas havia duas espécies que se encontram também em Bovey (Sequoia Couttsiæ, Quercus Lyelli); quando, citando o Professor Heer, vemos "que os frutos da esplêndida sempre-viva (Magnolia Inglefieldi) amadureciam até bem longe no Norte, como o paralelo 70" (*Phil. trans.*, CLIX, 457, 1869); quando vemos também que o número e a variedade das plantas Miocenas da Groenlândia eram tão exuberantes que, se a terra se

(81) Nova Série, I, 115, art. "Evidences of the Age of Ice".

estendesse até o Pólo, algumas delas, segundo todas as probabilidades, teriam florescido ali mesmo; — o problema das mudanças de clima se apresenta claramente à vista, embora para ser de imediato afastado sob a impressão aparente *de que ainda não soou a hora de sua solução.*

Parece que todo o mundo admite que as plantas Miocenas da Europa têm suas análogas, as mais parecidas e mais numerosas que existem, na América do Norte, o que suscita a seguinte questão: Como se processou a migração de um ponto ao outro? Terá existido, como crêem certas pessoas, uma Atlântida (um continente ou arquipélago de grandes ilhas, que ocupava a área do Atlântico-Norte)? Não há, sem dúvida, nada de antifilosófico nesta hipótese, pois, se, como dizem os geólogos, "os Alpes adquiriram 4.000 pés, e em alguns sítios mais de 10.000, de sua presente altitude a partir do começo do período Eoceno" (*Principles,* de Lyell, 11.ª edição, pág. 256, 1872), é possível que uma depressão Pós-Miocena [?] tenha arrastado a hipotética Atlântida para o fundo de insondável abismo. Mas uma Atlântida não parece necessária nem oportuna. Segundo o Professor Oliver: "Subsiste uma estreita e curiosa analogia entre a Flora Terciária da Europa Central e as Floras recentes dos Estados da América e da região japonesa; analogia muito mais estreita e íntima do que a observada entre a Flora Terciária e as Floras recentes da Europa. Vemos que o elemento Terciário do Antigo Mundo é mais preponderante dos lados de sua margem oriental extrema, se não quanto ao número de gêneros, pelo menos em relação às formas que dão um caráter especial à Flora fóssil... Essa entrada em cena do elemento Terciário é antes gradual, em vez de repentina, só nas ilhas do Japão. E, se bem que alcance ali o seu máximo, podem os seus traços ser acompanhados desde as regiões do Mediterrâneo, o Levante, o Cáucaso e a Pérsia...; depois ao longo do Himalaia e através da China... Sabemos ainda que durante a época Terciária cresciam certamente no Noroeste da América plantas idênticas às dos gêneros miocenos da Europa central... Observamos, ademais, que a Flora atual das ilhas do Atlântico não apresenta provas substanciais da existência passada de uma comunicação direta com o continente do Novo Mundo... A ponderação destes fatos nos faz supor que as provas botânicas não favorecem a hipótese da Atlântida. Por outra parte, elas depõem fortemente em pról da opinião de que em algum período da idade Terciária o Nordeste da Ásia estava unido ao Noroeste da América, talvez pela linha em que se estendem atualmente as ilhas Aleutas." [82]

A esse respeito veja-se, mais adiante, a Seção VII deste Apêndice, "Provas Científicas e Geológicas da Realidade de Vários Continentes Submersos".

Apesar de tudo, nada como um homem pitecóide para satisfazer os mal sucedidos pesquisadores do "elo perdido", três vezes hipotético. Mas se, desde o Pico de Tenerife a Gibraltar, onde se localizava a Atlântida desaparecida, fosse esquadrinhado o vasto leito do Atlântico até muitas milhas de profundidade, não se encontraria nas camadas submarinas nenhum crânio que pudesse satisfazer os darwinistas. Como observa o doutor C. R. Bree, embora não se tenha descoberto qualquer elo perdido entre o homem e o símio nos cascalhos e formações diversas sobre os estratos terciários, os seus restos, se houvessem sido tragados juntamente com os continentes hoje cobertos pelo mar, ainda poderiam ser encontrados

"...naqueles leitos de camadas geológicas contemporâneas que *não* foram levados para o fundo do mar." [83]

---

(82) *Nat. Hist. Rev.,* II, 164, 1862, art. "The Atlantic Hypothesis in its Botanical Aspect".

(83) *Fallacies of Darwinism.*

Esses restos, porém, primam inteiramente pela ausência, assim nestas últimas como nas primeiras formações. Se os preconceitos não se colassem, como vampiros, à mente humana, o autor de *The Antiquity of Man* teria descoberto a chave da dificuldade nessa sua própria obra, retrocedendo dez páginas (à pág. 530) e lendo a citação por ele feita de um livro do Professor G. Rolleston. Ali se diz que este fisiólogo sugere que, em razão da grande plasticidade da estrutura humana, não só durante a juventude e o crescimento, mas também na idade adulta, não devemos considerar sempre como fato demonstrado, como o fazem alguns defensores da teoria do desenvolvimento, que todo progresso da força física seja função do aperfeiçoamento da constituição corporal; e *por que não hão de representar a alma e as faculdades superiores intelectuais e morais o papel principal, em lugar do secundário, no esquema do progresso?*

Esta hipótese vem a propósito de que a evolução *não se deve inteiramente* à "seleção natural", mas igualmente se aplica ao caso de que se trata. Porque também nós pretendemos que é a "Alma", ou o Homem Interno, que primeiramente desce à Terra; o Astral psíquico, o molde sobre o qual se constrói gradualmente o homem físico. Seu Espírito desperta mais tarde, com as faculdades morais e intelectuais, à medida que a forma física cresce e se desenvolve.

"Assim os espíritos incorpóreos reduziram suas imensas formas a formas menores", e converteram-se nos homens da Terceira e da Quarta Raça. Mais tarde ainda, muitas idades decorridas, apareceram os homens da Quinta Raça, cuja estatura hoje se acha reduzida a cerca de metade daquela, que ainda chamaríamos gigantesca, de seus primeiros antepassados.

O homem *não* é, certamente, o produto de uma criação especial. É o fruto do trabalho de aprimoramento gradual da Natureza, como todas as outras unidades vivas desta Terra. Mas isto só se refere ao tabernáculo humano. O que vive e pensa no homem, o que sobrevive aquela estrutura, obra-prima da evolução, é o "Eterno Peregrino", a diferenciação Protéica, no Espaço e no Tempo, do Absoluto Único "Ignoto".

Em seu livro *Antiquity of Man* [84], cita Sir Charles Lyell — talvez com intenção algo irônica — o que Hallam disse em sua *Introduction to the Litterature of Europe:*

"Se o homem foi criado à imagem de Deus, também o foi à imagem de um símio. A estrutura do corpo daquele que pesou as estrelas, e fez do raio o seu escravo, aproxima-se à do bruto mudo que vagueia pelas florestas da Sumatra. Achando-se, pois, na fronteira entre a natureza animal e a natureza angélica, nada há de surpreendente que participe de ambas!" [85]

Um Ocultista tê-lo-ia expresso de outra maneira. Diria que o homem foi, realmente, criado à imagem do tipo planejado por seu progenitor, a Força-Angélica criadora, ou Dhyân Chohan; ao passo que o ser errático dos bos-

(84) *Op. cit.*, pág. 501, ed. 1863.
(85) *Op. cit.*, IV, 162.

ques da Sumatra foi criado *à imagem do homem,* pois a estrutura do símio, vamos repetir, é a reprodução, a ressurreição, por meios anormais, da forma real do homem da Terceira Ronda, e também, ulteriormente, do homem da Quarta Ronda. Na Natureza nada se perde, *nem um átomo;* esta é, pelo menos, uma verdade que a Ciência reconhece. A Analogia, parece, exigiria que também a *forma* fosse dotada de permanência.

E, no entanto, que é o que vemos? Sir William Dawson diz:

"Mais significativo ainda é que o Professor Huxley, em suas conferências de New York, ao mesmo tempo que baseava sua opinião a respeito dos animais inferiores sobretudo na suposta genealogia do cavalo, o que se demonstrou muitas vezes não ser uma prova certa, evitava por completo discutir a descendência simiesca do homem, questão hoje complicada por tantas dificuldades que deixa hesitantes Wallace e Mivart. O Professor Thomas, em suas recentes conferências (*Nature,* 1876), admite que não se conhece homem inferior ao Australiano, e que não há nenhum elo conhecido que o relacione com o símio; e Hæckel, por sua vez, é obrigado a admitir que o penúltimo elo de sua filogenia é absolutamente desconhecido *(History of Creation)*... Os chamados "entalhes" encontrados com ossos de homens paleocósmicos em cavernas da Europa, e tão admiravelmente descritos nas obras de Christy e Lartet, provam que as mais antigas raças humanas conhecidas da arqueologia e da geologia possuíam já rudimentos de escrita." [86]

Em *Fallacies of Darwinism,* do doutor C. R. Bree, lê-se também:

"Mr. Darwin declara, com razão, que a diferença física, e mais especialmente a diferença mental, entre a mais ínfima forma humana e o mais desenvolvido dos símios antropomorfos, são enormes. Portanto, o *tempo* — que na evolução darwinista deve ser quase inconcebivelmente lento — deve ter sido também *enorme* no desenvolvimento do homem a partir do símio [87]. Assim, as probabilidades de que se achem algumas destas variedades nos diversos cascalhos ou formações de águas doces sobre as camadas terciárias devem ser muitas. E, no entanto, nunca se viu uma só variedade, um só espécime de qualquer ser intermediário entre o símio e o homem! Nem nos cascalhos, nem nas terras de aluvião, nem nos leitos das águas doces, nem nos bancos de areia, nem nas camadas terciárias que ficam por baixo, jamais foram encontrados restos de indivíduos das famílias que faltam entre o homem e o símio, tal como Mr. Darwin *supõe* que tenham existido. Teriam sido tragados com a depressão da superfície terrestre, achando-se agora cobertos pelo mar? Se assim for, há toda probabilidade de que também se encontrem naqueles leitos de formações geológicas contemporâneas que *não foram* arrastados para o fundo do mar; sendo muito provável, ainda, que algumas partes venham a aparecer em dragagens do fundo do Oceano, como tem acontecido com restos de mamute e de rinoceronte, que igualmente se encontram nos cascalhos e na argila dos leitos de águas doces... O famoso crânio de Neanderthal, de que tanto se tem falado, admite-se pertencer a esse remoto período [idades do bronze e da pedra], e contudo apresenta — ainda que possa ter sido o crânio de um idiota — imensas diferenças em relação ao crânio do mais desenvolvido símio antropomorfo que se conhece." [88]

Passando o nosso Globo por convulsões toda vez que *volve a despertar* para um novo período de atividade, da mesma forma que um campo tem

(86) Veja-se neste particular: Wilson, *Prehistoric Man,* II, 54; *Origin of the World,* págs. 393-394.

(87) E ainda tanto mais "enorme" se invertêssemos os fatores, dizendo: durante o desenvolvimento do símio a partir do homem da Terceira Raça.

(88) *Op. cit.,* págs. 160-161.

que ser arado e sulcado antes do plantio de novas sementes para a colheita seguinte, parece de todo impossível que se encontrem fósseis de Rondas anteriores, em suas camadas geológicas, sejam antigas ou recentes. Cada novo Manvantara trás consigo a renovação das formas, dos tipos e das espécies; todos os tipos das formas orgânicas precedentes — vegetais, animais e humanas — transformam-se e aperfeiçoam-se em formas novas; o que também se dá no reino mineral, que recebeu nesta Ronda sua dureza e opacidade finais: as partes mais brandas formaram a vegetação atual; os restos astrais da vegetação e da fauna anteriores foram utilizados na formação dos animais inferiores e para determinar a estrutura dos Tipos-Raízes primitivos dos mamíferos mais elevados. E, finalmente, a forma do gigantesco homem-símio da Ronda precedente foi reproduzida nesta pela bestialidade humana, e transformada na forma *original* do antropóide moderno.

Esta doutrina, por imperfeita que seja a sua descrição com os traços de nossa deficiente pena, é certamente mais lógica, mais consentânea aos *fatos*, e *bem mais* provável que muitas teorias "científicas"; como, por exemplo, aquela do primeiro germe orgânico que teria descido à Terra em um meteoro — qual Ain Soph sobre o seu Veículo Adão Kadmon. Com a diferença de que esta última descida é alegórica, conforme todos sabem, pois nunca pretenderam os Cabalistas que tal figura de retórica fosse tomada ao pé da letra.

Mas a teoria do germe em um aerólito, por provir de esferas tão altamente científicas, é digna de ser elevada à categoria de verdade axiomática e de lei; uma teoria que todo o mundo se sentirá honrado em aceitar, para estar sempre em bons termos com a Ciência Moderna!

Qual será a próxima teoria requerida pelas premissas materialistas? Ninguém o sabe. Seja como for, as teorias *atuais*, como é fácil observar, colidem umas com as outras de modo muito mais discordante que com as teorias Ocultistas, situadas fora dos recintos sagrados do saber. Pois — que é o que resta, depois que a Ciência exata fez até mesmo do princípio vital uma expressão vazia e sem sentido, insistindo em que a vida é um efeito *produzido pela ação molecular do protoplasma primordial?*

A nova doutrina dos Darwinistas pode resumir-se e definir-se nestas poucas palavras de Mr. Herbert Spencer:

"A hipótese das criações especiais parece já não ter nenhum valor: sem valor, por motivo de sua derivação; sem valor, por sua incoerência intrínseca; sem valor, porque carece absolutamente de provas; sem valor, em vista de não corresponder a uma necessidade intelectual; sem valor, porque não preenche nenhum requisito de ordem moral. Devemos, portanto, considerá-la como destituída de toda importância, em confronto com outra qualquer hipótese concernente à origem dos seres orgânicos." [89]

(89) *Principles of Biology*, I, 345.

Seção V

EVOLUÇÃO ORGÂNICA E CENTROS CRIADORES

Afirma-se que a Evolução Universal, ou, por outra, o desenvolvimento gradual das espécies em todos os reinos da Natureza, se processa por meio de leis uniformes. A Ciência Esotérica o admite, dando à lei uma aplicação muito mais estrita do que o faz a Ciência Moderna. Mas também se diz que existe uma lei segundo a qual

> "O desenvolvimento se opera do menos perfeito ao mais perfeito, do mais simples ao mais complexo, por mutações incessantes, de pouca importância em si mesmas, mas que se acumulam sempre na direção visada." [1]

Das espécies infinitamente pequenas é que se formam as espécies comparativamente gigantescas.

A Ciência Esotérica está de acordo com isso; acrescenta, porém, que tal lei se aplica só ao que ela conhece sob o nome de *Criação Primária:* a evolução dos Mundos a partir dos Átomos Primordiais e do ÁTOMO Pré-Primordial, na primeira diferenciação daqueles; e que, durante o período da evolução cíclica no Espaço e no Tempo, a mesma lei se acha limitada, operando unicamente nos reinos inferiores. Atuou assim nos primeiros períodos geológicos, do simples ao complexo, sobre os toscos materiais que sobreviveram dos restos da Terceira Ronda. Estes restos são projetados na objetividade quando recomeça a atividade terrestre.

Tal como a Ciência, a Filosofia Esotérica não admite "desígnio" nem "criação especial". Repele toda pretensão ao "miraculoso", e não aceita coisa alguma fora das leis uniformes e imutáveis da Natureza. Ensina, porém, que há uma lei cíclica, uma dupla corrente de Força (ou Espírito) e de Matéria, que emana do *Centro Neutro* do Ser e se desenvolve por seu progresso cíclico e incessantes transformações. Sendo o germe primitivo do qual evolucionou toda a vida vertebrada através das idades, distingue-se do germe primordial que deu origem à vida vegetal e animal; e há leis secundárias cuja obra é determinada pelo estado em que encontram os materiais sobre que vão atuar, e dos quais a Ciência (especialmente a Fisiologia e a Antropologia) parece saber muito pouco. Os seus partidários falam desse "germe primitivo" e sustentam achar-se cabalmente demonstrado que:

(1) *Modern Science and Modern Thought*, pág. 94.

"O 'desígnio' [e o *designador*], se é que existe algum [no caso do homem, com a maravilhosa estrutura de seus membros, e particularmente de suas mãos], deve ser situado em uma época muito mais remota, e está contido, realmente, no germe primordial, de onde emana, certamente, toda a vida vertebrada e, provavelmente, toda a vida animal ou vegetal, que se desenvolveu de modo lento." [2]

Isso é exato no que respeita ao "germe primordial", não o sendo, porém, quanto a datar o mesmo "germe" somente de "uma época muito mais remota" que o homem; pois sua origem remonta a uma distância incomensurável e inconcebível, *no Tempo,* ainda que não no Espaço, da formação mesma do nosso Sistema Solar. O "Aniyâmsam Aniyâsam", como muito bem ensina a filosofia hindu, não pode ser conhecido senão com a ajuda de noções falsas. São os "Múltiplos" que procedem do "Único" — os germes espirituais vivos ou *centros de forças* — cada qual sob uma forma setenária, que primeiramente gera e em seguida dá o IMPULSO PRIMORDIAL à lei de evolução e de desenvolvimento lento e gradual.

Limitando o ensinamento estritamente à nossa Terra, pode-se indicar que, assim como as formas etéreas dos primeiros homens foram inicialmente projetadas em sete zonas por sete *Centros* de Força Dhyân-Chohânicos, assim também há centros de poder criador para cada espécie original das inumeráveis formas da vida vegetal e animal. Não há nisso uma "criação especial" ou um "desígnio", axceto no "plano básico" geral elaborado pela Lei Universal; mas há, certamente, "planejadores", embora estes não sejam nem onipotentes nem oniscientes, no sentido absoluto dos termos. São simplesmente *Construtores,* ou Mações, que trabalham sob o impulso que lhes dá o Mestre Mação incognoscível (em nosso plano) — a VIDA UNA, a Lei. Pertencendo a esta esfera, não lhes cabe intervir em outra, nem têm possibilidade de fazê-lo, pelo menos no presente Manvantara. Que eles trabalham por ciclos e em uma escala de progressão estritamente geométrica e matemática, mostram-no amplamente as espécies animais extintas; e que atuam dentro de um plano quanto aos pormenores das vidas inferiores (espécimes animais secundários, etc.), prova-o suficientemente a história natural. Na "criação" de espécies novas, que algumas vezes se afastam muito do tronco ancestral, como sucede na grande variedade do *gênus Felis* (lince, tigre, gato, etc.), são os "planejadores" que dirigem a nova evolução, acrescentando às espécies certos apêndices, ou suprimindo-os, conforme sejam úteis ou tenham deixado de o ser no novo ambiente. Por isso, quando dizemos que a Natureza provê às necessidades de cada animal ou de cada planta, sejam grandes ou pequenos, estamos usando uma expressão correta. Porque são esses Espíritos terrestres da Natureza que formam a Natureza integral; e, se esta por vezes se engana em seus desígnios, não devemos por isso considerá-la cega, nem censurar-lhe o erro, visto que, possuindo um conjunto de qualidades e atributos *diferenciados,* ela é, por esta simples razão, *condicionada e imperfeita.*

Se não houvesse ciclos de evolução, como um eterno progresso em espiral na Matéria, a par de um proporcional *obscurecimento* do Espírito (embora os dois não sejam senão um), seguindo-se uma ascensão inversa no

(2) *Ibid.*

Espírito e a anulação da Matéria — alternadamente ativa e passiva —, como poderiam explicar-se as descobertas da Zoologia e da Geologia? Como é que, segundo a afirmação autorizada da Ciência, podemos acompanhar os rastros da vida animal, desde o molusco ao grande dragão marinho, desde o mais insignificante verme da terra aos gigantescos animais do período Terciário? Que estes últimos foram ultrapassados, prova-o o fato de que todas as espécies *diminuíram de tamanho, regrediram ou degeneraram*. Se o aparente processo de desenvolvimento, no sentido do menos perfeito ao mais perfeito, e do mais simples ao mais complexo, fosse realmente uma lei universal, em vez de ser uma generalização sobremodo imperfeita de uma natureza meramente secundária no grande processo Cósmico, e se não houvesse os ciclos que se admitem, então a fauna e a flora mesozóicas deveriam trocar o seu lugar com as do período Neolítico mais recente. Eram os plesiossauros e os ictiossauros que devíamos ver evolucionando dos atuais répteis dos rios e mares, e não cedendo o seu lugar aos minguados tipos semelhantes que hoje conhecemos. Também o nosso velho e bom amigo elefante é que devia ser o antecessor fóssil antediluviano, e o mamute da era Pliocena aparecer nas *ménageries*; e devíamos ver o megalônix e o gigantesco megatério, e não a "preguiça", nas florestas da América do Sul, onde os colossais fetos das eras carboníferas substituíram os musgos e as árvores de hoje, inclusive as gigantes da Califórnia, que são todas anãs em comparação com as árvores titãs dos passados tempos geológicos. Certamente os organismos do mundo megasteniano [3] das idades Terciária e Mesozóica devem ter sido *mais complexos e mais perfeitos* que os das plantas e animais microtenianos da idade presente! O driopiteco, por exemplo, é, anatomicamente, mais perfeito e mais apto a um desenvolvimento maior das faculdades cerebrais que o gorila e o gibão modernos. Que significa, pois, tudo isso? Devemos admitir que a constituição de todos esses colossais dragões de terra e mar, e desses gigantescos répteis voadores, não era muito mais desenvolvida e complexa que a anatomia dos lagartos, das tartarugas, dos crocodilos e mesmo das baleias — numa palavra, que a anatomia de todos os animais que conhecemos?

Admitamos, todavia, para argumentar, que todos estes ciclos, raças, formas sectárias de evolução e *tutti quanti* do ensinamento Esotérico não passem de ilusão ou embuste. Fiquemos de acordo com a Ciência e declaremos que o homem — em lugar de ser um "espírito" aprisionado em seu veículo, a *concha* ou corpo, mecanismo gradualmente aperfeiçoado e agora completo para usos materiais e terrestres, segundo pretendem os Ocultistas — é simplesmente um animal mais desenvolvido, cuja forma primária surgiu, em nossa Terra, do mesmo germe primitivo que originou o dragão voador e o mosquito, a baleia e a ameba, o crocodilo e a rã, etc. Nesse caso, deve ter passado por processos de crescimento e evolução idênticos aos de todos os demais mamíferos. Se o homem é um animal, e *nada mais*, um "ex-bruto" altamente intelectual, há de se convir, pelo menos, que foi um mamífero gigantesco no seu gênero, um "megantropo" de sua época. A Ciência Esotérica ensina exatamente que assim aconteceu nas três primeiras Rondas; e

(3) Do grego μεγα = grande, e συένος = força.

nisto, como em muitas outras coisas, mostra-se mais lógica e mais conseqüente do que a Ciência Moderna. Classifica ela o corpo humano juntamente com a criação animal, e o mantém na senda da evolução animal desde o princípio até o fim; ao passo que a Ciência deixa o homem órfão e sem família, filho de pais desconhecidos, um verdadeiro "esqueleto não especializado"! E semelhante erro é fruto da obstinação com que se recusa admitir a doutrina dos ciclos.

A

ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS MAMÍFEROS: A CIÊNCIA E A FILOGÊNESE ESOTÉRICA

Havendo tratado quase exclusivamente da questão referente à origem do homem na precedente crítica do Evolucionismo ocidental, não haverá mal em definirmos agora a posição dos Ocultistas no tocante à diferenciação das espécies. Nos Comentários às Estâncias já aludimos, de modo geral, à fauna e à flora pré-humanas, tendo admitido a exatidão de muitas especulações biológicas modernas, por exemplo, a filiação das aves aos répteis, a verdade *parcial* da "seleção natural" e, em certos aspectos, da teoria da transformação. Resta esclarecermos o mistério da origem das primeiras faunas mamíferas, que M. de Quatrefages se esforça tão brilhantemente por provar que são contemporâneos do *Homo Primigenius* da Idade Secundária.

O problema, bastante complexo, que se relaciona com a "origem das espécies" — e mais particularmente com a dos vários grupos de faunas mamíferas fósseis ou atuais — apresentar-se-á menos obscuro com o auxílio de um diagrama. Ver-se-á então até que ponto os "fatores da evolução orgânica", em que se apoiam os biólogos ocidentais [4], podem ser considerados suficientes para explicar os fatos. Cumpre traçar uma linha demarcativa entre a evolução etéreo-espiritual e as evoluções astral e física. Se os darwinistas se dignassem de considerar a possibilidade do segundo processo, não teriam talvez que lamentar por mais tempo o fato de que:

---

(4) A teoria de Darwin tem sido de tal modo levada ao exagero que até mesmo Huxley se viu uma vez obrigado a exprobrar o "fanatismo" em que estava degenerando. Oscar Schmidt é um bom exemplo do pensador que inconscientemente exagera o valor de uma hipótese. Admite ele (*The Doctrine of Descent and Darwinism*, pág. 158) que a "seleção natural... é em certos casos... insuficiente... e em outros... inútil, porque a solução do problema da formação das espécies é encontrada em outras condições naturais". Afirma também "que os graus intermediários... faltam, o que nos permite *inferir com segurança a transição direta entre os mamíferos não-placentários* e os placentários" (pág. 271); que "estamos inteiramente reduzidos a conjeturas e deduções, no que se refere à origem dos mamíferos" (pág. 268); e fala dos repetidos insucessos dos autores de "genealogias hipotéticas", e mais especialmente de Hæckel, ao mesmo tempo que considera valiosas suas tentativas (pág. 250). Não obstante, assegura (pág. 194) que "o que temos ganho com a doutrina da descendência baseada na teoria da seleção... é o conhecimento da relação que une os organismos entre si, como seres consanguíneos". Será, pois, o conhecimento, diante das concessões que vimos de citar, sinônimo tão somente de conjetura e de teoria?

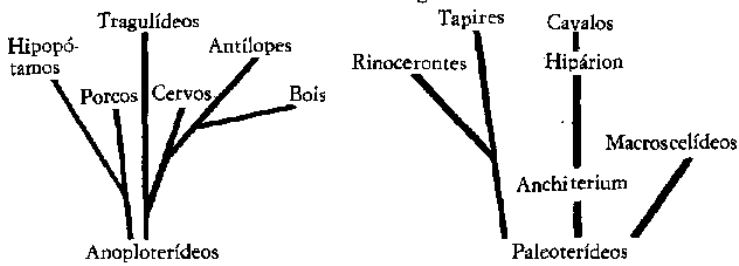
"Estamos inteiramente reduzidos a conjeturas e deduções, no que se refere à origem dos mamíferos." [5]

Atualmente, o vazio reconhecido entre o sistema de reprodução dos vertebrados ovíparos e o dos mamíferos constitui um enigma insolúvel para os pensadores que, como os Evolucionistas, procuram enlaçar todas as formas orgânicas em uma linha ininterrupta de descendência.

Tomemos, por exemplo, o caso dos mamíferos ungulados, já que, segundo se diz, em nenhuma outra divisão possuímos uma coleção tão abundante de materiais fósseis. Foram obtidos tantos progressos neste particular que, em alguns casos, chegaram a ser desenterrados elos intermediários entre os ungulados modernos e os eocenos; um exemplo notável é o que proporcionou a prova completa de que o cavalo de cascos dos nossos dias descende do *anchiterium* tridáctilo do remoto período Terciário. Este módulo de comparação entre a Biologia ocidental e a Doutrina Secreta não podia ser melhor. A árvore genealógica que a seguir apresentamos, e que encarna a opinião geral dos homens de ciência, é a de Schmidt, baseada nas investigações minuciosas de Rutimeyer. Sua exatidão *aproximada,* do ponto de vista do evolucionismo, deixa pouco a desejar.

DIAGRAMA DE SCHMIDT

Mamíferos Ungulados



Neste ponto médio da evolução, a Ciência se detém.

A *raiz* a que se filiam estas duas famílias é desconhecida [6].

A "RAIZ" SEGUNDO O OCULTISMO



Tipos-Raízes primários físico-astrais e bissexuais do reino animal mamífero. Estes foram contemporâneos das primeiras raças Lemurianas — as "RAÍZES DESCONHECIDAS" da Ciência.

(5) *The Doctrine of Descent and Darwinism,* página 268.
(6) *Ibid.,* págs. 273-275.

O diagrama do Professor Schmidt representa o reino explorado pelos Evolucionistas ocidentais, a área em que estão presentes as influências climatéricas, a "seleção natural" e todas as demais causas *físicas* da diferenciação orgânica. A Biologia e a Paleontologia se acham aqui em seu terreno, investigando os numerosos agentes físicos que contribuem tão largamente, como demonstrado por Darwin, Spencer e outros, para a *segregação das espécies*. Neste mesmo domínio, porém, a ação subconsciente da sabedoria Dhyân-Chohânica se encontra na base de todo "incessante esforço para a perfeição", conquanto sua influência esteja bastante modificada pelas causas puramente materiais, que De Quatrefages denomina "o meio" e Spencer "o ambiente".

O "ponto médio da evolução" é aquela fase em que os protótipos *astrais* começam definitivamente a tornar-se físicos e a ficar, por conseguinte, sujeitos aos agentes de diferenciação que operam presentemente ao nosso redor. As causas físicas assumem logo a supremacia com o aparecimento das "vestes de pele" — isto é, do equipamento fisiológico em geral. As formas dos homens e dos outros mamíferos, anteriormente à separação dos sexos [7], eram constituídas de matéria etérea, com uma estrutura inteiramente diferente da dos organismos físicos que comem, bebem, digerem, etc.

As combinações fisiológicas necessárias a estas funções processaram-se quase por completo após a incipiente materialização "física" dos sete Tipos-Raízes do astral, durante a "parada a meio caminho" entre os dois planos de existência. O "plano básico" da evolução estava apenas delineado nesses tipos ancestrais, quando sobreveio a influência das leis terrestres acessórias, que nos são familiares, produzindo a totalidade das espécies mamíferas. Para este resultado, porém, foi necessário o transcurso de evos e evos de lenta diferenciação.

O segundo diagrama representa o domínio dos protótipos puramente etéreos antes de sua descida na matéria grosseira. Convém lembrar que a matéria etérea é o quarto estado da matéria, e tem seu próprio "protilo", como a nossa matéria grosseira. Há vários protilos na Natureza, que correspondem aos diversos planos da matéria. Os dois reinos elementais suprafísicos, o plano da Mente, Manas, ou quinto estado da matéria, e o plano de Buddhi, ou sexto estado, evolveram ambos de um dos seis protilos que constituem a base do Universo Objetivo. Os chamados "três estados de nossa matéria terrestre, conhecidos como "sólido", "líquido" e "gasoso", não são, propriamente falando, mais que *sub*-estados. Quanto à primeira realidade da descida no plano físico, que teve no homem e no animal fisiológicos o seu ponto culminante, dispomos de uma prova tangível nas denominadas "materializações" espíritas.

Em todos estes casos ocorre uma completa imersão temporária do astral no físico. A evolução do homem *fisiológico* desde as raças etéreas do *primeiro*

(7) Ao leitor pedimos não esquecer que, embora os animais — inclusive os mamíferos — se tenham desenvolvido depois do homem e, em parte, com os materiais por ele abandonados, o animal mamífero, sendo-lhe muito inferior, passou a placentário e teve os sexos separados muito antes que o homem.

período da idade Lemuriana — o período Jurássico da Geologia — encontra um perfeito paralelo na "materialização" dos "espíritos" (?) nas sessões espiritistas. No exemplo de "Katie King" do Prof. Crookes, a presença de um mecanismo *fisiológico* — coração, pulmões, etc. — ficou demonstrada de maneira indubitável!

Tal é, em certo sentido, o Arquétipo de Goethe. Ouçamos suas palavras:

"Devemos ter alcançado isso mesmo... todos os nove seres orgânicos perfeitos... (são) formados segundo um arquétipo, que passou apenas por mais ou menos flutuações em suas partes mais persistentes, e que ainda se completa e se transforma, dia a dia, por meio da reprodução."

Parece tratar-se de um pressentimento imperfeito do fenômeno Oculto da diferenciação das espécies, a partir dos Tipos-Raízes *astrais* perfeitos. Seja o que for que possa efetuar todo o *posses comitatus da* "seleção natural", etc., a *unidade fundamental do plano de estrutura* continua praticamente inalterada a despeito de todas as modificações subseqüentes. "A unidade de tipo", que, de certo modo, é comum a todo o reino animal e humano, não representa, como Spencer e outros parecem acreditar, uma prova da consangüinidade de *todas* as formas orgânicas, senão um testemunho da unidade essencial do "plano básico" que a Natureza seguiu na formação de suas criaturas.

Para resumir a questão, podemos também utilizar um quadro dos fatores reais que intervêm na diferenciação das espécies. As fases do processo em si dispensam maiores comentários, pois observam os princípios fundamentais subjacentes ao desenvolvimento orgânico, e não necessitamos de entrar no domínio do biólogo especialista.

FATORES QUE INTERVÊM NA ORIGEM DAS ESPÉCIES, ANIMAIS E VEGETAIS

Os Protótipos etéreos básicos passam ao Físico

O Impulso Dhyân-Chohânico constitui a lei de desenvolvimento "inerente e necessária" de Lamarck, e serve de base a todos os agentes menores.

1. Variações transmitidas por hereditariedade
2. Seleção natural
3. Seleção sexual
4. Seleção fisiológica
5. Segregação
6. Correlação de desenvolvimento
7. Adaptação ao meio (Causação inteligente oposta à mecânica)



Espécies

B

AS RAÇAS PALEOLÍTICAS EUROPÉIAS: DE ONDE VÊM E COMO ESTÃO DISTRIBUÍDAS

É a Ciência contrária à opinião daqueles que sustentam que, até o período Quaternário, a distribuição das raças humanas era muito diferente do que é agora? Está a Ciência em oposição aos que também afirmam que os homens fósseis encontrados na Europa — embora tivessem alcançado um nível de semelhança e de unidade que persiste até hoje, considerados em seus aspectos fundamentais fisiológicos e antropológicos — se distanciam muito do tipo da população que existe atualmente? Littré assim o admite, em um artigo que publicou na *Revue des Deux Mondes* (1.º de março de 1859) sobre a memória intitulada *Antiquités Celtiques et Antediluviennes*, de Boucher de Perthes (1849). Littré ali declara que: (*a*) na época em que viviam na Picardia os mamutes que foram exumados nessa região juntamente com achas feitas pela mão do homem, devia reinar uma primavera eterna em toda a superfície do Globo [8]; a Natureza era o contrário do que é hoje, o que deixa *uma enorme margem para a antiguidade de tais "períodos"*; e depois ele acrescenta (*b*):

"Spring, professor da Faculdade de Medicina de Liège, encontrou em uma gruta perto de Namur, na montanha de Chauveux, muitos ossos humanos, pertencentes a uma raça 'inteiramente distinta da nossa'."

Certos crânios exumados na Áustria apresentam uma grande analogia com os das raças negras da África, segundo Littré; enquanto outros, descobertos nas margens do Danúbio e do Reno, são parecidos com os crânios dos caribes e dos antigos habitantes do Chile e do Peru. Não obstante, nega-se o Dilúvio, seja o da *Bíblia*, seja o Atlântico. Mas outros descobrimentos geológicos posteriores levaram Gaudry a escrever estas palavras decisivas:

"Nossos antepassados eram positivamente contemporâneos do rhinoceros tychorrhinus e do hippopotamus major."

E acrescentou que o solo chamado *diluvial* pela Geologia

"Foi formado, parcialmente pelo menos, após o aparecimento do homem na Terra."

Sobre este ponto Littré finalmente se manifestou. Fez logo sentir a necessidade, tendo em vista a "ressurreição de tantos testemunhos antigos",

(8) Os homens de ciência admitem agora que a Europa gozou nos tempos Miocenos de um clima quente; e nos Pliocenos, ou Terciários mais recentes, de um clima temperado. A afirmação de Littré quanto a uma suave primavera no período Quaternário — a cujos depósitos devem remontar os utensílios de sílex descobertos por M. de Perthes (sendo de notar que desde então o Somme vem erodindo o seu vale numa profundidade de muitas vintenas de pés) — cumpre aceitar-se com as maiores reservas. As relíquias do Vale do Somme são *pós-glaciárias*, e possivelmente indicam a imigração de selvagens durante um dos períodos mais temperados que se intercalaram nos períodos glaciários *menores*.

de serem reexaminadas todas as origens, todas as durações; dizendo ainda que falta estudar uma idade até agora desconhecida, a qual deve corresponder

"ou à aurora da época atual ou, conforme é minha opinião, ao início da que a precedeu."

Os tipos dos crânios encontrados na Europa são de duas espécies, como todos sabem: os ortógnatos e os prógnatos, ou o tipo caucásico e o negróide (tal como só se vê hoje entre as tribos africanas e as tribos selvagens inferiores. O Professor Heer, argüindo que os fatos da Botânica tornam necessária a hipótese da Atlântida, demonstrou que as plantas das aldeias lacustres do período Neolítico são, principalmente de origem africana. Como foram essas plantas aparecer na Europa, se não havia nenhum traço de união entre a Europa e a África? Quantos milhares de anos se passaram desde o tempo em que viveram os dezessete homens cujos esqueletos foram exumados no departamento de Haute-Garonne, como se estivessem de cócoras ao redor dos restos de uma fogueira, com alguns amuletos e pedaços de louças, tendo por companhia o *ursus spelæus*, o *elephas primigenius*, o *auroque* (considerado por Cuvier uma espécie distinta) e o *megaceros hibernicus*, todos mamíferos antediluvianos? Devem por certo ter vivido numa época das mais remotas, que não retrocederia, porém, à idade Quaternária. Ainda resta provar que a antiguidade do homem é muito maior. O Doutor James Hunt, ex-presidente da Sociedade Antropológica, calcula-a em nove milhões de anos. Pelo menos este homem de ciência se aproxima um pouco de nossas estimativas esotéricas, não se levando em conta as duas primeiras Raças etéreas semi-humanas e a primeira parte da Terceira Raça.

Surge, contudo, a pergunta: quem eram estes homens paleolíticos da época Quaternária européia? Eram aborígenes ou representavam o produto de alguma imigração cuja data se perde no ignoto passado? Esta última é a única hipótese aceitável, uma vez que todos os homens de ciência estão de acordo em eliminar a Europa da categoria de "berço possível da humanidade". De onde, pois, se irradiaram as diversas correntes sucessivas de homens "primitivos"?

Os primeiros homens paleolíticos da Europa — acerca de cuja origem nada diz a Etnologia, e cujas características são mesmo imperfeitamente conhecidas, embora classificadas de "simiescas" pelos escritores imaginativos, como Mr. Grant Allen — eram de estirpe puramente atlantes e "áfrico-atlantes" [9]. (Convém não esquecer que nessa época o continente da Atlântida, propriamente dito, não era mais que um sonho do passado.) A Europa dos tempos Quaternários era muito diferente da Europa de hoje, pois estava ainda em processo de formação. Achava-se unida à África do Norte — ou melhor, ao que é agora a África do Norte — por uma língua de terra que se estendia através do atual Estreito de Gibraltar, constituindo a África do

(9) "De onde eles procedem (os antigos homens das cavernas), não podemos dizê-lo" (Grant Allen). "Os caçadores paleolíticos do vale do Somme não tiveram origem naquele clima pouco hospitaleiro, mas se trasladaram para a Europa de alguma região mais propícia" (Dr. Southall, *Epoch of the Mammoth*, pág. 315).

Nore, por assim dizer, um prolongamento da Espanha de hoje, ao tempo que um vasto mar enchia a grande bacia do Saara. Da Atlântida, que em sua maior parte foi submergida no período Mioceno, não restaram senão Ruta e Daitya, e uma ou outra ilha perdida. A origem atlante dos antepassados [10] dos homens que habitavam as cavernas paleolíticas ficou provada com a exumação, na Europa, de crânios fósseis muito parecidos com o tipo caribe das *Índias Ocidentais* e o dos *antigos peruanos;* um verdadeiro mistério para todos os que se recusam a sancionar a "hipótese" de um continente Atlante anterior, que formasse uma ponte sobre o que hoje é um oceano. Que devemos pensar também do fato de que, enquanto De Quatrefages assinala aquela "raça magnífica" dos homens *corpulentos* de Cro-Magnon e os Guanchos das Ilhas Canárias, como representantes de um mesmo tipo, Virchow associa de modo semelhante os Vascos a estes últimos? Independentemente disso, o Professor Retzius demonstra a relação das tribos aborígenes americanas *dolicocéfalas com esses mesmos Guanchos.* Os diversos elos da cadeia de provas são deste modo enlaçados com segurança. Poderiam citar-se fatos semelhantes em grande número. Quanto às tribos africanas — que são vergônteas divergentes dos Atlantes, modificadas pelo clima e as condições do meio — passaram para a Europa através da península que fazia do Mediterrâneo um mar interior. Muitos desses homens das cavernas européias, como os de Cro-Magnon por exemplo, eram raças fortes e formosas; mas, como era de esperar, *o progresso foi quase inexistente* durante todo o vasto período que a Ciência atribui à idade da pedra lascada [11]. O *impulso cíclico descendente* pesa demasiadamente sobre os grupos assim transplantados — acompanha-os o pesadelo do Carma Atlante. O homem paleolítico tem, finalmente, que ceder o lugar ao seu sucessor, e desaparece quase por completo da cena. A este respeito formula o Professor André Lefèbvre a seguinte questão:

"Teria sido mediante uma transição imperceptível que a idade da pedra polida sucedeu à da pedra lascada, ou o foi por alguma invasão de celtas braquicéfalos? A decadência que se produziu nas populações da Vezère, inclusive a diminuição da estatura, teria sido o resultado de cruzamentos violentos, ou de uma retirada para o Norte na trilha do rangífer? Isto pouco importa."

---

(10) A estirpe *puramente* atlante, de que eram em parte descendentes diretos os homens de grande estatura das cavernas Quaternárias, emigrou para a Europa muito antes do período Glaciário; o que ocorreu realmente nos remotos períodos Plioceno e Mioceno da idade Terciária. *Os utensílios de sílex mioceno de Thenay e os rastros do homem plioceno descobertos na Itália pelo Professor Capellini atestam o fato.* Esses colonizadores faziam parte daquela Raça gloriosa de outrora, cujo ciclo, *a partir do período Eoceno, havia começado a descer a escala.*

(11) A habilidade artística desenvolvida pelos antigos homens das cavernas mostra o absurdo da hipótese que os considera como seres próximos do pitecantropus alalus — esse monstro mítico de Hæckel —, absurdo cuja refutação não requer um Huxley nem um Schmidt. Vemos em sua capacidade de gravar um reflexo da civilização atlante, que ressurge por atavismo. Recorde-se que Donelly conceitua a moderna cultura européia como um *renascimento* da civilização atlante. (*Atlantis*, págs. 237-264).

E segue dizendo:

"O leito dos mares subiu; a Europa está completa, sua flora e faúna fixadas. Com a domesticidade do cão, principia a vida pastoral. Entramos naqueles períodos da pedra polida e do bronze, que se sucedem com intervalos desiguais, que se enlaçam em meio a migrações e fusões étnicas, e tanto mais confusos e de mais curta duração quanto menos adiantadas e mais rudimentares eram as idades. As populações primitivas da Europa são interrompidas em sua evolução particular e, sem perecer, se deixam absorver por outras raças; tragadas, por assim dizer, pelas sucessivas ondas humanas que transbordam da África (da Atlântida talvez) [? por evos de anos demasiado tarde] e da fecunda Ásia. De um lado chegam os iberos, de outro os pelasgos, os lígures, os sícanos, os etruscos — todos precursores da grande invasão ariana [Quinta Raça]." [12]

(12) *Philosophy Historical and Critical,* Parte II, pág. 504, cap. "Sobre a Evolução Orgânica".

Seção VI

GIGANTES, CIVILIZAÇÕES E CONTINENTES SUBMERSOS ASSINALADOS NA HISTÓRIA

Em se tratando de afirmativas como as que decorrem do título acima, é de esperar, naturalmente, que o autor apresente, em apoio de quanto diz, provas *históricas*, e não baseadas simplesmente em *lendas*. Será isso possível? Sim; porque existem abundantes provas daquela espécie, bastando apenas que sejam recolhidas e catalogadas para que se constituam em evidência irrecusável aos olhos de quem esteja livre de preconceitos.

Uma vez que o estudante consiga reter e seguir o fio de Ariadna, poderá descobrir por si mesmo esses testemunhos. Apresentamos *fatos* e pontos de referência; cabe ao viandante utilizá-los. *O que aqui se expõe é de todo suficiente para este século.*

Em uma carta a Voltaire, Bailly entende muito natural que as simpatias do "velho e ilustre inválido de Ferney" fossem atraídas para os antigos Brâmanes, aqueles representantes "do conhecimento e da sabedoria". E a seguir emite uma curiosa declaração:

"Mas os vossos brâmanes são bem jovens, se comparados aos seus instrutores arcaícos." [1]

Bailly, que nada sabia dos ensinamentos esotéricos, nem da Lemúria, acreditava, contudo, e sem reservas, na Atlântida perdida e na existência de várias nações pré-históricas e civilizadas, que desapareceram sem deixar traços positivos. Havia ele estudado a fundo os clássicos antigos e as *velhas tradições*, e verificado que as artes e as ciências conhecidas dos que hoje chamamos "os antigos"

"...não representavam aquisições de nenhuma das nações hoje existentes ou que existissem naquele tempo, nem de nenhum dos povos históricos da Ásia...",

e que, apesar da sabedoria dos hindus, sua inegável prioridade durante os primórdios de sua raça tinha que referir-se a um povo ou a uma raça ainda mais antiga e mais instruída que os próprios Brâmanes [2].

(1) *Lettres sur l'Atlantide*, pág. 12.

(2) *Histoire de l'Astronomie Ancienne*, págs. 25 e seguintes.

Voltaire, o maior céptico de sua época, o materialista *por excelência*, partilhava da crença de Bailly. E julgava muito provável que:

"Muito antes dos impérios da China e da Índia, teria havido nações civilizadas, cultas e poderosas, que foram dominadas por uma grande invasão de bárbaros e submergidas novamente em seu primitivo estado de ignorância e de selvageria, ou naquilo que se denomina o estado de natureza pura." [3]

O que em Voltaire não passava de conjetura sagaz de uma inteligência superior era, para Bailly, uma "questão de fatos históricos". Escrevia este último:

"Dou grande importância às antigas tradições conservadas através de uma longa série de gerações."

É possível, dizia ele, que uma nação *estrangeira*, depois de instruir outra nação, houvesse desaparecido sem deixar nenhum traço de sua passagem. Quando lhe perguntavam como podia suceder que essa nação antiga, ou melhor, arcaica, não tivesse deixado pelo menos algum vestígio na memória humana, respondia que o Tempo é um devorador impiedoso dos fatos e acontecimentos. Contudo, a história do Passado nunca se perdeu inteiramente, pois os sábios do Egito antigo a tinham preservado, e "ela ainda se conserva até hoje, em outra parte". Segundo Platão, os sacerdotes de Saís disseram a Solon:

"Não conheceis aquela nobre e excelente raça de homens que outrora habitou o vosso país, e da qual descendeis, vós e o vosso estado atual [4], embora só reste hoje uma pequena fração de tão admirável povo... Estes escritos relatam a força prodigiosa que em tempos idos dominou a vossa cidade, quando uma poderosa expedição guerreira, vinda do oceano Atlântico, se precipitou como uma torrente em fúria sobre toda a superfície da Europa e da Ásia." [5]

Os gregos não eram senão os poucos e debilitados remanescentes daquela nação outrora gloriosa [6].

Que povo era esse? A Doutrina Secreta ensina que foi a sétima e última sub-raça da Raça Atlante, então já absorvida em uma das primeiras sub-raças *do tronco Ariano, que não cessara de se expandir gradualmente pelo continente e ilhas da Europa, logo que estes começaram a surgir dos mares.*

(3) *Lettres sur l'Atlantide*, pág. 15. Tal suposição é verdadeira só pela metade. Houve esses "dilúvios de bárbaros" na Quinta Raça. Em relação à Quarta Raça, foi um dilúvio *bona fide* que a fez desaparecer. Entretanto, nem Voltaire nem Bailly conheciam a Doutrina Secreta do Oriente.

(4) Para uma discussão completa das relações entre os *antigos* Gregos e Romanos, de um lado, e os colonizadores atlantes, de outro, veja-se *Five Years of Theosophy*, págs. 308-346.

(5) *Timœus*, tradução de H. Davis, págs. 326-328.

(6) Como se sabe, a história da Atlântida e de todas as tradições sobre o assunto foi exposta por Platão no *Timœus* e no *Critias*. Platão, quando menino, a recolheu de seu avô Critias, já com 90 anos, que a tinha ouvido, na juventude, de Sólon, amigo de seu pai Dropides (Sólon, um dos sete sábios da Grécia). Parece-nos que não poderia encontrar-se uma fonte mais digna de fé.

Descendo das altas mesetas da Ásia, onde as duas raças haviam procurado refúgio nos dias da agonia da Atlântida, passaram essas correntes humanas a estabelecer-se pouco a pouco nas novas terras e a colonizá-las. A sub-raça imigrante crescera e se multiplicara com rapidez naquele solo virgem, dividindo-se em numerosas famílias raciais, e estas, por sua vez, em nações: o Egito e a Grécia, os Fenícios e os grupos Nórdicos, surgiram assim desta única sub-raça. Milhares de anos depois, outras raças (o que restou dos Atlantes), "amarelas e vermelhas, morenas e negras", principiaram a invadir o novo continente. Houve guerras, em que os recém-vindos foram derrotados, fugindo uns para a África e outros para regiões distantes. Algumas das terras se converteram em ilhas, no passar dos tempos, em conseqüência de novas convulsões geológicas; assim separadas violentamente dos continentes, as tribos e famílias não desenvolvidas da linhagem atlante caíram gradualmente em um estado de selvagismo ainda mais acentuado.

Não encontraram os Espanhóis, nas expedições de Cibola, chefes selvagens *brancos?* E não foi agora confirmada a presença, na Europa, do tipo negro-africano nas idades pré-históricas? A presença de um tipo estrangeiro associado ao do negro, e também ao mongol, constitui a pedra de tropeço da Antropologia. O indivíduo que viveu numa época de incalculável antiguidade em La Naulette, na Bélgica, é um exemplo. Diz um antropólogo:

"As cavernas existentes nas margens do Lesse, no Sudeste da Bélgica, oferecem provas do que foi, talvez, o homem de mais ínfima classe, como o indica a mandíbula de La Naulette. Semelhante homem, no entanto, possuía amuletos de pedra, perfurados a fim de que servissem de adorno; eram eles feitos de psamite, grés que pode ser encontrado hoje na bacia do Gironde." [7]

O homem da Bélgica era, pois, sumamente antigo. O homem que antecedeu a grande inundação — que deixou cobertas as terras altas da Bélgica com um depósito de "lehm" ou argila arenosa de trinta metros sobre o nível dos rios atuais — devia combinar em si os caracteres do turânio e do negro. O homem de Canstadt ou de La Naulette pode ter sido negro, sem nenhuma relação com o tipo ariano, cujos restos são contemporâneos aos do uso das cavernas de Engis. Os habitantes das cavernas de ossos de Aquitânia pertencem a um período muito posterior da história, e podem não ser tão antigos quanto os primeiros.

Se se objetar a estas afirmações que a Ciência não nega a presença do homem sobre a Terra desde uma enorme antiguidade, embora tal antiguidade não possa ser determinada, já que essa presença está condicionada pela duração dos períodos geológicos, cuja idade não se pode precisar; se se argumentar que os homens de ciência se recusam terminantemente a admitir, por exemplo, que o homem houvesse precedido os animais, ou que a civilização date dos primeiros tempos do período Eoceno, ou ainda que jamais houvessem existido gigantes, homens de três olhos, quatro braços e quatro pernas, andróginos, etc.; — então perguntaríamos, por nossa vez, aos obje-

(7) Veja-se o artigo do doutor Carter Blake, "Sobre a Mandíbula de La Naulette", *Anthropological Review,* setembro de 1867.

tantes: "Como o sabeis? Que provas tendes fora de vossas hipóteses pessoais, cada uma das quais pode qualquer dia ser destruída por novos descobrimentos?" E estes descobrimentos futuros hão de certamente provar que, seja qual tenha sido a complexão do primeiro tipo humano conhecido dos antropólogos, não era ele, em absoluto, *simiesco*. O homem de Candstadt e o homem de Engis possuíam igualmente atributos humanos [8]. Tem-se procurado o "elo perdido" na extremidade errada da cadeia; e há muito tempo que o homem de Neanderthal foi relegado "ao limbo de todos os erros precoces". Distaeli dividia os homens em associados dos macacos ou dos anjos. Aqui damos razões em favor de uma "teoria angélica" (como a chamariam os cristãos), aplicável a algumas raças de homens, pelo menos. Em todo caso, admitido que o homem só exista a partir do período Mioceno, o gênero humano não podia ser constituído em sua totalidade dos ínfimos selvagens da idade Paleolítica, tais como os representam hoje os homens de ciência. Tudo o que dizem não passa de especulações arbitrárias, de invenções adrede criadas para servir de apoio e ajustar-se às suas fantasiosas teorias.

Falamos de acontecimentos ocorridos há centenas de milhares de anos, ou melhor, há milhões de anos (se é que o homem data dos períodos geológicos) [9], e não de fatos que se teriam passado durante os poucos milhares de anos da margem pré-histórica admitida pela tímida e sempre cautelosa história. Há, todavia, homens de ciência que chegam quase a comungar em nossa opinião. Desde a corajosa confissão do Abade Brasseur de Bourbourg, ao dizer que:

"As tradições, de que ficaram traços no México, na América Central, no Peru e na Bolívia, sugerem a idéia de que o homem existiu nesses diferentes países ao tempo da gigantesca elevação dos Andes, cuja lembrança conservou",

até os mais recentes paleontólogos e antropólogos, a maioria dos cientistas estão precisamente de acordo com aquela antiguidade. E a propósito do Peru, cabe indagar: já houve alguma tentativa satisfatória para determinar as afinidades e características etnológicas da raça que levantou aquelas construções ciclópicas, cujas ruínas constituem as relíquias de uma grande civilização? Em Cuelap, por exemplo, há ruínas que consistem em

"um muro de pedras lavradas, com 3.600 pés de comprimento, 560 de largura e 150 de altura, formando uma sólida massa nivelada em cima. Sobre esta massa assenta outra com 600 pés de comprimento, 500 de largura e 150 de altura, o que dá ao conjunto uma altura de 300 pés. Havia aí câmaras e celas." [10]

(8) Veja-se De Quatrefages e Hamy, *Crânes des Races Humaines*.

(9) O "homem-símio" do período Mioceno, de Hæckel, é o sonho de um monomaníaco, que De Quatrefages (*Human Species*, págs. 105-113) desfez inteligentemente. Não vemos claramente por que deva o mundo aceitar as lucubrações de um materialista psicófobo — o que implicaria a aceitação, *sob palavra*, de vários animais desconhecidos da Ciência ou da Natureza, como o "sozura" por exemplo, esse anfíbio que nunca existiu em parte alguma, a não ser na imaginação de Hæckel — de preferência às tradições da antigüidade.

(10) Veja-se a coleção de provas reunidas por Donelly para demonstrar que a *colônia peruana* é um ramo dos Atlantes.

Particularidade sobremodo sugestiva é a *flagrante semelhança entre a arquitetura destas construções* colossais e a das nações arcaicas européias. Mr. Ferguson considera a analogia que há entre as ruínas da civilização dos "Incas" e as ruínas ciclópicas dos Pelasgos, na Itália e na Grécia, como coincidência

"das mais notáveis na história da arquitetura... É difícil fugir à conclusão de que pode haver alguma relação entre elas."

A "relação" explica-se mui simplesmente por derivarem os grupos, que projetaram essas construções, de um centro comum, que ficava em um continente, a Atlântida. Só a admissão de tal continente pode conduzir-nos à *solução deste problema e de outros análogos em quase todos os ramos da* Ciência Moderna.

O doutor Lartet, que se ocupou do assunto, resolve a questão declarando que:

"A verdade, por tanto tempo discutida, da coexistência do homem com as grandes espécies extintas [elephas primigenius, rhinocerus tichorrhinus, hyæna spelæa, ursus spelæus, etc.] parece-me de ora em diante inatacável e definitivamente conquistada pela Ciência." [11]

Em outra parte mostramos que essa era também a opinião de De Quatrefages. Disse ele:

"O homem, segundo todas as probabilidades, esteve presente nos tempos Mioceno[s] [12] e, por conseguinte, em todo o período Plioceno. Há razões para crer que se encontrem vestígios dele em tempos ainda mais remotos?... Então pode ter sido contemporâneo dos primeiros mamíferos, remontando à idade Secundária." [13]

O Egito é muito mais antigo que a Europa, segundo a atual configuração desta no mapa. As tribos Atlante-arianas começaram a estabelecer-se ali quando as Ilhas Britânicas [14] e a França nem sequer existiam. É bem sabido que "a língua do Mar Egípcio", ou Delta do Baixo Egito, se converteu gradualmente em terra firme, acompanhando as terras altas da Abissínia; ao contrário destas últimas, que se levantaram de repente, falando-se em *termos relativos*, o Delta *formou-se mui lentamente no curso de longos* séculos, por camadas sucessivas de vasa marinha e de limo depositado ano a ano por um grande rio, o Nilo atual. Entretanto, o Delta, como terra firme, está habitado desde mais de 100.000 anos. Outras tribos, com mais sangue ariano que seus predecessores, chegaram mais tarde do Oriente e o

(11) *Cavernes du Périgord*, pág. 35.

(12) O engenhoso autor de *Atlantis, the Ante-diluvian World*, examinando a origem de várias instituições gregas e romanas, manifesta a convicção de que "as raízes das atuais instituições remontam ao período Mioceno". Sim, e até mesmo a época mais remota, conforme já ficou exposto.

(13) *The Human Species*, pág. 152.

(14) Tais como as conhecemos, bem entendido. Pois não só a Geologia prova que as Ilhas Britânicas *foram quatro vezes submergidas e outras tantas reapareceram*, mas ainda que os estreitos entre elas e a Europa foram terra firme em uma época remota anterior.

conquistaram, em detrimento de um povo cujo próprio nome se perdeu para a posteridade, exceto nos Livros Secretos. A barreira natural de vasa, que fazia afundar no sorvedoiro, lenta e seguramente, todo navio que se aproximasse daquelas costas inóspitas, foi, até alguns milhares de anos antes de Cristo, a melhor salvaguarda dos antigos egípcios, que haviam conseguido chegar ali através da Arábia, da Abissínia e da Núbia, conduzidos por Manu Vinâ, nos tempos de Vishvâmitra [15].

Tão evidente se faz, cada dia que passa, a antiguidade do homem, que até mesmo a Igreja se está preparando para uma *honrosa* rendição e retirada. O sábio Abade Fabre, professor da Sorbonne, já declarou categoricamente que a Paleontologia e a Arqueologia pré-históricas podem descobrir, nas camadas terciárias, quantos vestígios lhes aprouver do homem pré-adâmico, sem dando algum para as Escrituras.

"Não se ocupando de criações anteriores ao último dilúvio, salvo uma [a que, segundo o Abade, produziu o "diluvium"], a revelação da *Bíblia* nos deixa em liberdade para admitir a existência do homem do "diluvium" cinzento, do homem plioceno e até mesmo do homem eoceno. Por outra parte, os geólogos não estão de acordo em considerar como nossos antepassados os homens que habitaram o Globo nessas idades primitivas." [16]

Não parece tão longe, como se supõe, o dia em que a Igreja há de reconhecer que a sua única tábua de salvação está na interpretação oculta da *Bíblia.* E mais de um abade e mais de um eclesiástico se converteram em cabalistas entusiastas, não sendo poucos os que vieram publicamente à arena para, juntamente com teósofos e ocultistas, provar lanças em prol da interpretação *metafísica* da *Bíblia.* Mas, infelizmente para eles, é do lado errado que começam. É aconselhável que, antes de entrar em especulações sobre o aspecto *metafísico* de suas Escrituras, façam o estudo e adquiram a compreensão exata do que se relaciona com o aspecto puramente *físico* — por exemplo, o que elas sugerem no tocante à Geologia e à Etnologia. Porque as alusões à constituição setenária do Homem e da Terra, às sete Rondas e às sete Raças, abundam assim no *Novo Testamento* como no *Antigo,* e podem ver-se tão claramente como o Sol no firmamento para quem as leia no seu sentido simbólico. A que se aplicam as leis de que trata o capítulo XXIII do *Levítico?* Qual o sentido filosófico de todas aquelas oferendas e cálculos simbólicos hebdômados? Como estes:

"Contareis... desde o dia seguinte ao sábado... em que trouxerdes o feixe da oferenda em movimento; sete Sábados se completarão... E oferecereis com o pão sete cordeiros sem mancha, etc." [17]

(15) Veja-se em *Isis sem Veu* (I, 627, ed. inglesa) o que diz Kullûka Bhatta.

(16) *Les Origines de la Terre et de l'Homme,* pág. 454. A isso o Professor N. Joly, de Toulouse, que cita o Abade em seu *Man before Metals,* diz esperar que M. Fabre lhe permita "não estar de acordo com ele neste último ponto" (pág. 186). Outrotanto dizem os Ocultistas; pois, embora pretendam que existe uma enorme diferença na fisiologia e na aparência externa das cinco Raças até agora evolucionadas, sustentam que a espécie humana atual descende de um só e mesmo tronco primitivo, proveniente dos Homens Divinos, nossos antepassados e progenitores comuns.

(17) *Loc. cit., 15,* 18.

Seremos contestados, sem dúvida alguma, quando dissermos que todas essas oferendas "em movimento" e de "paz" eram em comemoração dos *sete* "Sábados" dos Mistérios. Estes Sábados são sete Pralayas entre sete Manvantaras, ou o que chamamos *Rondas;* pois "Sábado" é uma palavra elástica, que significa um período de repouso, de qualquer natureza, como já explicamos em outro lugar. E se isto não parecer suficientemente decisivo, podemos reportar-nos ao versículo que acrescenta:

"Até o dia seguinte ao sétimo Sábado, contareis cinqüenta dias" [quarenta e nove, 7 x 7, fases de atividade, e quarenta e nove fases de repouso, nos sete Globos da Cadeia; a seguir vem o *repouso* do Sábado, o *qüinqüagésimo* dia]; "então apresentareis *uma nova oferenda de carne* ao Senhor." [18]

Quer dizer: fareis uma oferenda de vossa carne ou "vestimenta de pele", e, libertando-vos de vossos corpos, permanecereis espíritos puros. A lei da oferenda, desvirtuada e materializada no correr dos tempos, era uma instituição que vinha dos primeiros atlantes; tendo chegado aos hebreus por intermédio dos "Caldeus", que eram os "homens sábios" de uma *casta,* não de uma nação, — uma comunidade de grandes Adeptos, saídos de seus "Agulheiros de Serpentes", que se havia estabelecido na Babilônia muitos séculos atrás. Se se julgarem que fomos buscar demasiado longe esta interpretação do *Levítico* (que está referto de trechos desfigurados das *Leis de Manu*), recorramos então ao *Apocalipse*. Seja qual for a interpretação que os místicos profanos dêem ao famoso capítulo XVII, com o seu enigma da mulher vestida de púrpura e escarlate; ou apontem os protestantes para os católicos romanos, ao lerem "Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe das Prostitutas e Abominação da Terra", ou atirem os católicos romanos olhares de indignação aos protestantes; — declaram os Ocultistas, em sua imparcialidade, que tais palavras se aplicavam desde o início *a toda e qualquer forma de Eclesiasticismo exotérico* — a antiga "magia cerimonial", com seus terríveis efeitos, e a atual farsa do culto ritualista, inofensivo porque desfigurado. O "mistério" da mulher e da besta representa símbolos do Eclesiasticismo e da Superstição, que destróem a alma.

"A besta... que foi, e não é... e no entanto é. E aqui está a inteligência, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montanhas (sete Continentes e sete Raças), sobre as quais a mulher está sentada."

É a imagem de todas as crenças exotéricas, bárbaras, idólatras, que têm coberto aquele símbolo "com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires" que protestavam e ainda protestam.

"E há sete Reis [sete Raças]; cinco são caídos [inclusive nossa Quinta Raça], e um já é vindo [a Quinta continua], o outro ainda não (as Raças Sexta e Sétima); e quando vier [a Raça "rei"], convém que dure um pouco de tempo." [19]

Há muitas destas alusões apocalípticas; cabe ao estudante, porém, descobri-las por si mesmo.

---

(18) *Ibid.*, 16.
(19) *Op. cit.*, XVIII, 8-10.

Os cinco Reis foram já mencionados anteriormente.

Se a *Bíblia* se une à Arqueologia e à Geologia para demonstrar que a civilização humana passou por três fases mais ou menos distintas, pelo menos na Europa; e se o homem, na América e na Europa, como também na Ásia, data de épocas geológicas — por que então não se há de tomar em consideração o que expõe a *Doutrina Secreta?* Será mais filosófico e mais lógico *não crer,* como Mr. Albert Gaudry, no homem mioceno, e crer que os famosos sílex de Thenay [20] "foram lavrados pelo símio driopiteco", ou crer, como os Ocultistas, que o símio antropomorfo só apareceu muitos séculos depois do homem? Pois, se é admitido e até demonstrado cientificamente que

"Não existia, até a metade do período Mioceno, uma só espécie de mamíferos idêntica a qualquer das espécies atuais" [21],

e que o homem era então exatamente o que hoje é, apenas mais alto e mais atlético do que nós [22], onde, pois, a dificuldade? Que ele não podia ser descendente do símio, do qual não há vestígio antes do período Mioceno[23], é o que, por outra parte, atestam vários naturalistas eminentes:

"Assim, no selvagem dos tempos quaternários, que tinha de lutar contra o mamute com armas de pedra, encontram-se reunidos todos aqueles caracteres craniológicos considerados geralmente como sinais de grande desenvolvimento intelectual." [24]

A menos que o homem surgisse espontaneamente, já dotado com toda a inteligência e sabedoria, de seu antecessor catarrino sem cérebro, não podia ter adquirido este órgão dentro dos limites do período Mioceno, se é que devemos acreditar na palavra do sábio Abade Bourgeois.

No que concerne aos gigantes, se bem que o homem mais alto até agora encontrado entre os fósseis, na Europa, seja o "homem de Menton" (6 pés e 8 polegadas), é possível que ainda venham a ser exumados outros. Nilsson, citado por Lubbock, informa que:

"Em um túmulo da era Neolítica... foi descoberto em 1807 um esqueleto fora do comum."

Atribuíram-no a um rei da Escócia, Albus McGaldus.

---

(20) "Os sílex de Thenay trazem a marca inconfundível da mão de obra humana." (G. de Mortillet, *Promenades au Musée de Saint-Germain,* pág. 76.)

(21) Albert Gaudry: *Les Enchainements du Monde Animal dans le Temps Géologiques,* pág. 240.

(22) Falando dos caçadores de rangíferes do Périgord, diz Joly que "eram de grande estatura, formas atléticas, esqueleto fortemente construído" (*L'Homme avant les Métaux,* pág. 353).

(23) "Nas margens do lago de Beauce", diz o Abade Bourgeois, "o homem vivia cercado por uma fauna que desapareceu por completo (aceratherium, tapir, mastodonte). Com as areias fluviais do Orléanais veio o símio antropomorfo (pliopithecus antiquus); isto é, mais tarde que o homem." (Veja-se *Comptes Rendus* do "Congresso Pré-Histórico" de 1867 em Paris.)

(24) De Quatrefages, *The Human Species,* pág. 312.

E se em nossos próprios dias vemos às vezes homens e mulheres com sete e até nove a onze pés de altura, tal coisa somente prova — segundo a lei de atavismo ou do reaparecimento das características ancestrais — que houve um tempo em que era de nove e dez pés a altura média da humanidade, inclusive em nossas recentes raças indo-européias.

Mas, como o assunto já foi suficientemente tratado em outra parte, podemos passar aos lemurianos e aos atlantes, e ver o que os gregos sabiam a respeito destas primitivas raças, e o que atualmente sabem os modernos.

A grande nação a que aludiam os sacerdotes egípcios, da qual descenderam os antepassados dos gregos da época de Tróia, e que, segundo se afirma, havia lutado contra a raça atlante, certamente que não era, pelo que vemos, uma raça de selvagens paleolíticos. Entretanto, mesmo no tempo de Platão, parece que ninguém, fora do círculo dos sacerdotes e iniciados, guardava uma reminiscência clara das raças precedentes. Os primeiros egípcios se haviam separado dos últimos atlantes muitos e muitos séculos antes; e eles próprios descendiam de uma raça estrangeira, que viera para o Egito uns *400.000* anos atrás [25]; mas os seus Iniciados conservaram todas as suas tradições. Até a época de Heródoto tinham ainda em seu poder as estátuas de 341 reis que haviam governado a sua pequena sub-raça atlante-ariana [26]. Se calcularmos em vinte anos a média de cada reinado, teremos que recuar a duração do império egípcio a cerca de 17.000 anos antes da época de Heródoto.

Bunsen dava à grande pirâmide uma antiguidade de 20.000 anos. A Arqueologia moderna não quer conceder-lhe mais de 5.000 ou, quando muito, 6.000, atribuindo geralmente a Tebas, com suas cem portas, uns 7.000 anos desde a data de sua fundação. E, no entanto, existem tradições que nos mostram sacerdotes egípcios — Iniciados — viajando na direção noroeste *por terra*, via que se converteu mais tarde no Estreito de Gibraltar; seguindo pelo norte e atravessando os territórios que seriam futuras colônias fenícias da Gália meridional; e depois infletindo novamente para o norte, até chegarem a Carnac (Morbihan), de onde retornaram para o ocidente e alcançaram, *sempre viajando por terra*, o promontório noroeste do Novo Continente [27].

---

(25) "Efetuadas sondagens nas terras lodosas do Vale do Nilo, foram descobertos dois ladrilhos cozidos, um à profundidade de 20 jardas e o outro à de 24. Se calcularmos em 8 polegadas por século a espessura do depósito anual formado pelo rio (cálculos mais precisos evidenciaram apenas 3 a 5 polegadas por século), teremos que atribuir uma antigüidade de 12.000 anos ao primeiro destes ladrilhos, e de 14.000 ao segundo. Por meio de cálculos análogos, Burmeister supõe que transcorreram 72.000 anos desde o primeiro aparecimento do homem no solo egípcio, e Draper estima para o homem europeu, que presenciou a última época glaciária, uma antigüidade de mais de 250.000 anos." (*Man before Metals*, pág. 183). Os Zodíacos egípcios testemunham uma observação de mais de 75.000 anos! Note-se ainda que Burmeister se refere só à população do Delta.

(26) Veja-se *Buddhismo Esotérico*, págs. 68-69 (8.ª edição inglesa).

(27) Ou o que hoje são as Ilhas Britânicas, que naquele tempo não se tinham ainda separado do continente. "Os antigos habitantes da Picardia podiam alcançar a Grã-Bretanha sem atravessar a Mancha. As Ilhas Britânicas estavam unidas à Gália por um istmo, que depois submergiu." (*Man before Metals*, pág. 184).

Qual o objetivo dessa longa viagem? E em que época remota teriam ocorrido tais visitas? Os Anais Arcaicos rezam que os Iniciados da segunda sub-raça da família ariana se deslocaram de um a outro país para o fim de inspecionarem a construção de menires e dólmens, de zodíacos colossais de pedra e de recintos funerários onde deviam ser recolhidas as cinzas das gerações futuras. Quando se passou isso? O fato de terem ido da França à Grã-Bretanha *por terra* pode dar uma idéia da época em que seria factível semelhante viagem por *terra firme*.

Era quando

"o nível do mar Báltico e o do mar do Norte eram 400 pés mais altos que hoje. O vale do Somme não tinha a mesma profundidade que agora tem; a Sicília estava unida à África, e a Berbéria à Espanha. Cartago, as pirâmides do Egito, os palácios de Uxmal e de Palenque não existiam ainda, e os ousados navegantes de Tiro e Sidon, que mais tarde iriam empreender os seus perigosos périplos ao longo das costas da África, ainda não eram nascidos. O que sabemos de positivo é que o homem europeu foi contemporâneo das espécies extintas do período Quaternário... que foi testemunha da elevação dos Alpes [28] e da extensão das geleiras; numa palavra, que viveu milhares de anos antes de surgirem as primeiras tradições históricas. É também possível que a contemporaneidade do homem com os mamíferos extintos abrangesse espécies ainda mais antigas... como o *elephas meridionalis* das areias de Saint-Prest, ou pelo menos o *elephas antiquus*, que se supõe anterior ao *elephas primigenius*, e cujos ossos foram encontrados juntamente com sílex lavrados, em várias cavernas inglesas, e associados com os do *rhinocerus hæmitechus*, e até mesmo com os do *machairodus latidens*, de data ainda mais recuada. M. Ed. Lartet é também de opinião que realmente nada tem de impossível a existência do homem na idade terciária." [29]

"Se a idéia "nada tem de impossível", cientificamente, podendo admitir-se que o homem já existia na época Terciária, não há inconveniente em recordar ao leitor que Mr. Croll faz remontar o começo desse período a 2.500.000 anos atrás; mas já houve tempo em que era calculado em 15.000.000 de anos.

E se tudo isso se pode dizer do *homem europeu*, quão maior não será a antiguidade do homem lêmuro-atlante e do atlante-ariano! Toda pessoa culta, que acompanha o progresso da Ciência, sabe do acolhimento reservado aos vestígios do homem da idade Terciária. As calúnias que desabaram sobre Desnoyers em 1863, quando anunciou ao Instituto de França que havia descoberto

---

(28) Ele a testemunhou, e disso conserva reminiscência — escreve um mestre —, porquanto "o desaparecimento final do maior continente [a Atlântida] coincidiu com a elevação dos Alpes" (veja-se *Buddhismo Esotérico*, pág. 73, ed. inglesa). Ao mesmo tempo que desaparecia uma parte da terra firme do nosso hemisfério, surgia dos mares *pari passu* uma fração do novo continente. As tradições de todos os "dilúvios" foram baseadas nesse enorme cataclismo, que se prolongou durante um período de 150.000 anos; mas os judeus construíram sua versão sobre um acontecimento ocorrido mais tarde, em Posseidon.

(29) "Antigüidade da Raça Humana", em *Man before Metals*, de M. Joly, pág. 184.

"nas areias virgens de Saint-Prest, próximo a Chartres, provas da coexistência do homem e do *elephas primigenius*".

são um atestado disso. O descobrimento posterior, em 1867, do Abade Bourgeois, de que o homem já vivia no período Mioceno, e a recepção que lhe deram no Congresso Pré-Histórico de Bruxelas, em 1872, provam que os homens de ciência, em geral, *vêem somente aquilo que desejam ver* [30].

Os arqueólogos modernos tecem especulações *ad infinitum* sobre os dólmens, sua origem e seus construtores; mas a verdade é que nada sabem a esse respeito. E, contudo, esses estranhos monumentos, algumas vezes de tamanho colossal, construídos de pedra bruta — e que geralmente constam de quatro ou cinco blocos gigantescos, unidos entre si —, são vistos juncando a Europa, a Ásia, a África e a América, em grupos ou em fileiras. Encontram-se pedras enormes, colocadas horizontalmente, ora sobre dois, ora sobre três ou quatro blocos, e também sobre seis e sete, como no Poitou. São chamados "altares do diabo", pedras druídicas e túmulos de gigantes. As pedras de Carnac, em Morbihan (Bretanha) — que ocupam quase a extensão de uma milha, em número de onze mil, dispostas em sete fileiras —, são irmãs gêmeas das de Stonehenge. O menir cônico de Loch-maria-ked, em Morbihan, mede vinte jardas de comprimento por cerca de duas de largura. O menir de Champ Dolent (perto de Saint-Malo) se eleva a trinta pés do solo e tem quinze de profundidade na terra. Estes dólmens e monumentos pré-históricos estão em quase todas as latitudes. Vêm-se na bacia do Mediterrâneo; na Dinamarca (entre os túmulos locais, cuja altura varia de vinte e sete a trinta e cinco pés); nas Ilhas Shetland; na Suécia, onde são conhecidos pelo nome de Ganggriften (ou tumbas com corredores); na Alemanha, onde são chamados Hünengräben (tumbas de gigantes); na Espanha, onde se acha o dólmen de Antiguera, perto de Málaga; na África; na Palestina e na Argélia; na Sardenha, com os Nuraghi e as "Sepolture dei Giganti", ou túmulos de gigantes; em Malabar, na Índia, onde são denominados túmulos dos Daityas (Gigantes) e dos Râkshasas, os Homens-demônios de Lankâ; na Rússia e na Sibéria, onde têm o nome de Koorgan; no Peru e na Bolívia, onde são chamados Chulpas ou sepulcros, etc.

Não há país que os não tenha. Quem os construiu? Por que se acham todos relacionados com serpentes e dragões, aligatores e crocodilos? Porque, segundo se acredita, em alguns deles foram encontrados restos do "homem paleolítico", e porque nos montículos funerários da América têm sido descobertos corpos de raças posteriores com os usuais acessórios — tais como colares de osso, armas, urnas de pedra e de cobre, etc. —, daí se concluiu que são túmulos *antigos*! No entanto, os dois famosos montículos, situados um no vale do Mississipi e o outro em Ohio, conhecidos respectivamente pelos nomes de "Montículo do Aligátor" e "Montículo da Grande Serpente",

(30) Como de costume, o "juri" científico não foi unânime; enquanto De Quatrefages, De Mortillet, Worsaæ, Engelhardt, Waldemar, Schmidt, Cappellini, Hamy e Cartailhac reconheceram nos sílex vestígios da mão-de-obra humana, Steenstrup, Virchow e Desor não o admitiram. No entanto, e com exceção de alguns cientistas ingleses, a maioria está com Bourgeois.

nunca foram destinados a servir de túmulos [31]. Afirma-se, porém, com o argumento da autoridade, que os montículos ou dólmens, bem como os seus construtores, são todos "pelasgos", na Europa, e anteriores aos Incas, na América, e não datam de "tempos excessivamente remotos". Não foram construídos por "uma raça de construtores de dólmens", raça *que nunca existiu*, a não ser na imaginação dos primeiros arqueólogos (opinião de Bastian, De Mortillet e Westropp). Finalmente, o ponto de vista de Virchow em relação aos túmulos de gigantes da Alemanha agora é aceito como axioma. Diz este biólogo alemão:

"Só os túmulos é que são gigantescos, não os ossos que encerram."

E à Arqueologia não resta senão inclinar-se e submeter-se à decisão [32].

A circunstância de não se haver encontrado nenhum esqueleto gigantesco nos "tumulos" não é razão para se concluir que nunca eles contiveram restos de gigantes. *A cremação era de uso universal* até uma época relativamente recente — há uns 80.000 ou 100.000 anos. Além disso, os verdadeiros gigantes desapareceram quase todos com a submersão da Atlântida. Alguns autores clássicos, não obstante, aludem freqüentemente a esqueletos gigantes desenterrados no seu tempo, como já tivemos ocasião de mencionar. Por outro lado, os fósseis humanos são ainda tão raros que podem ser contados nos dedos. O mais antigo dos esqueletos até hoje descobertos não vai além de 50.000 ou 60.000 anos [33], e a estatura do homem sofreu redução de 15 a 10 ou 12 pés a partir da terceira sub-raça do tronca ariano, sub-raça que — nascida e desenvolvida na Europa e na Ásia Menor, em outros climas e condições — se fez européia. Desde então, conforme dissemos, vem a estatura diminuindo constantemente. Seria, portanto, mais exato dizer que só os túmulos são arcaicos, e não necessariamente os corpos humanos que foram neles encontrados uma vez e outra; e que esses túmulos, por serem de proporções gigantescas, deviam ter encerrado homens gigantes [34], ou melhor, as cinzas de várias gerações de gigantes.

---

(31) Extraímos de uma obra científica a seguinte descrição: "O primeiro deste animais [o aligátor], desenhado com muita habilidade, não mede menos de 250 pés de comprimento... O interior é formado de uma massa de pedras, havendo-se modelado sobre estas uma argila dura e fina. A grande serpente está representada com a boca aberta no ato de engolir um ovo, cujo diâmetro é de 100 pés na parte mais grossa; o corpo do animal foi traçado em curvas elegantes e a cauda em espiral. O comprimento todo do animal é de 1.100 pés. Esta obra é única... e no velho continente não existe outra que tenha a menor analogia com ela." (Exceto, acrescentamos, o simbolismo da serpente (o Ciclo do Tempo) que traga o ovo (o Cosmos).

(32) Talvez fosse melhor para os *fatos* que tivéssemos mais "especialistas" na Ciência e menos "autoridades" em questões universais. Nunca ouvimos dizer que Humboldt invocasse a sua autoridade para expressar conclusões finais e decisivas no caso dos pólipos ou sobre a natureza de uma excrescência.

(33) É de 57.000 anos a idade atribuída pelo doutor Dowler aos restos de esqueleto humano desenterrados em quatro antigas florestas de Nova Orléans, às margens do Mississipi.

(34) Murray diz que os bárbaros do Mediterrâneo ficavam maravilhados com as proezas dos atlantes. "Sua força física era extraordinária [do que dão testemunho suas

Essas construções ciclópicas não eram tampouco destinadas a servir de sepulcros. As chamadas ruínas druídicas, como as de Carnac, na Bretanha, e de Stonehenge, na Grã-Bretanha, têm relação com os Iniciados viajantes a que nos referimos acima; e estes monumentos gigantes são todos representações simbólicas da História do Mundo. Nada têm de druídicos: são universais. Não os construíram os drúidas, que somente foram os possuidores da herança ciclópica deixada por gerações de poderosos construtores, e "magos" bons ou maus.

Sempre será de lamentar que a História, impugnando *a priori* a existência real dos gigantes, nos tenha conservado tão pouca coisa dos anais da antiguidade que a eles se referem. Contudo, em quase todas as Mitologias — que, afinal de contas, não são mais que História antiga — os gigantes representam importante papel. Na antiga mitologia norueguesa, os gigantes Skrymir e seus irmãos, contra quem lutaram os filhos dos Deuses, eram fatores de relevo na história das divindades e dos homens. A exegese moderna, que considera tais gigantes como irmãos dos anões, e reduz os combates dos Deuses à história do desenvolvimento da Raça Ariana, não tem acolhida senão entre os partidários da teoria Ariana, nos termos em que a interpreta Max Müller. Admitindo que as raças Turânias estivessem representadas por anões (Dwergar), e que uma raça de anões morenos e de cabeça redonda fosse tangida para o Norte pelos loiros escandinavos, ou Æsir — pois os Deuses eram semelhantes aos homens —, vemos que ainda não há, quer na história, quer em obra científica, nenhuma prova antropológica quanto à existência, no Tempo e no Espaço, de uma raça de gigantes.

Que eles existem, porém, relativamente e *de facto*, ao lado dos anões, atesta-o Schweinfurth. Os Nyam-Nyams da África são verdadeiros anões, enquanto os seus vizinhos mais próximos, várias tribos africanas de cor mais clara, são gigantes em comparação com os Nyam-Nyams, e de grande estatura até mesmo entre os europeus, visto que suas mulheres têm todas mais de seis pés e seis polegadas de altura.

Em Cornwall e na antiga Bretanha, as tradições sobre os gigantes são, por outra parte, muito comuns; conta-se que viveram até os tempos do Rei Artur. Tudo isso indica que os gigantes viveram entre os celtas em uma época mais recente que entre os teutões.

Se nos voltarmos agora para o Novo Mundo, veremos tradições que falam de uma raça de gigantes de Tarija, que viveu na vertente oriental dos Andes e no Equador, e que lutou contra os Deuses e os homens. Essas antigas crenças, que valeram a certas localidades o nome de "Los Campos de los Gigantes", coincidem sempre com a existência de mamíferos pliocenos e de costas elevadas pliocenas.

"Todos os Gigantes não estão sob o monte Ossa", e pobre seria, realmente, a Antropologia se pretendesse limitar as tradições dos gigantes à

---

construções ciclópicas], e a terra às vezes estremecia sob os seus passos. O que quer que fizessem, faziam-no rapidamente... Eram sábios, e comunicavam sua sabedoria aos homens." (*Mythology*, pág. 4).

mitologia grega e à *Bíblia*. Os países eslavos, e a Rússia especialmente, são fartos em lendas a respeito dos Bogaterey (gigantes poderosos) de tempos que se foram; e as tradições eslavas, que em sua maioria formam a base das histórias nacionais, as velhas canções e os fastos legendários mais arcaicos, todos falam de gigantes do passado. Podemos, assim, repelir sem receio a moderna teoria que quer fazer dos Titãs meros símbolos representativos das forças cósmicas. Foram eles homens que realmente viveram, quer tivessem vinte ou apenas doze pés de altura. Até os heróis de Homero, que naturalmente pertenciam a uma época muito mais recente da história das raças, parece que manejavam armas de tamanho e peso bem acima das forças do homem mais robusto dos tempos modernos.

> Dos homens que existem em nossa época degenerada,
> Nem duas vezes dez poderiam erguer a potente maça.

Se são humanas as pegadas fósseis descobertas em Carson, Nevada (Estados Unidos da América), indicam homens gigantescos; e de que sejam autênticas não cabe a menor dúvida. É lamentável que as provas científicas modernas da existência de homens gigantes estejam reduzidas a pegadas. Não poucas vezes, esqueletos de gigantes hipotéticos têm sido identificados como pertencentes a elefantes e mastodontes. Mas todos esses erros, anteriores ao desenvolvimento da Geologia, e até mesmo as narrativas de viagem de Sir John Mandeville, que disse ter visto, na Índia, gigantes com cinqüenta e seis pés de altura, só servem para demonstrar que a crença nos gigantes jamais foi erradicada da mente humana.

O que se sabe, o que se admite, é que existiram diversas raças de homens gigantes, tendo deixado vestígios definidos. No *Journal of the Anthropological Institute* [35] diz-se que houve uma raça assim em Palmira, e provavelmente em Midian, sendo a forma dos seus crânios completamente diferentes da dos judeus. Não é improvável que outra raça semelhante existisse em Samaria, e que o povo misterioso, que construiu os círculos de pedra da Galiléia, que lavrou sílex neolíticos no vale do Jordão, e que conservou uma língua semítica antiga muito diferente dos caracteres quadrados dos hebreus, fosse de grande estatura. Não se pode ter confiança nas traduções inglesas da *Bíblia*, inclusive nas modernas edições revistas e corrigidas. Falam elas dos Nephilim, traduzindo a palavra por "gigantes" e acrescentando que eram homens "peludos", provavelmente os grandes e poderosos protótipos dos sátiros posteriores, descritos com tanta eloqüência pelos Padres da Igreja; afirmavam alguns destes padres a seus partidários e admiradores que tinham eles próprios visto os "sátiros" — uns vivos, outros "salgados" e "conservados". Pelo vocábulo "gigantes", adotado como sinônimo de Nephilim, os comentadores logo identificaram estes com os filhos de Anak. Os flibusteiros que se apoderaram da Terra Prometida encontraram ali uma população cuja estatura era muito maior que a deles, e lhe deram o nome de "raça de gigantes". Mas as verdadeiras raças de gigantes haviam desaparecido muitos séculos antes do nascimento de Moisés. Essa gente de grande estatura existiu

(35) Artigo do doutor C. Carter Blake, 1871.

no país de Canaã e até mesmo no de Bashan, e é possível que tivesse representantes entre os nabateus do Madian. Eram muito mais altos que os pequenos judeus. Quatro mil anos antes o formato de seus crânios e a elevada estatura os separavam dos filhos de Heber. E quarenta mil anos atrás seus antepassados podiam ter sido ainda mais gigantescos; quatrocentos mil anos antes suas proporções, comparadas às dos homens de hoje, seriam como as dos habitantes de Brobdingnac em relação aos liliputianos. Os atlantes do período médio foram chamados "os grandes Dragões"; e o primeiro símbolo de suas divindades de tribo, quando os "Deuses" e as Dinastias Divinas os abandonaram, era uma serpente gigante.

O mistério que encobre a origem e a religião dos drúidas é tão grande como o de seus supostos templos, para o simbologista moderno; não, porém, para os Ocultistas iniciados. Seus sacerdotes eram descendentes dos últimos atlantes, e o que se sabe deles basta para autorizar a conclusão de que eram sacerdotes orientais, parentes dos caldeus e dos hindus, ainda que algo mais o fossem. Pode supor-se que simbolizassem as suas divindades como os hindus o fazem com Vishnu e o faziam os egípcios com o seu Deus Misterioso, e ainda como os construtores do Montículo da Serpente, em Ohio, adoravam o seu — isto é, sob a forma de "Poderosa Serpente", emblema da divindade eterna, o Tempo, o Kâla hindu. Plínio chamava aos drúidas "os Magos dos gauleses e dos bretões"; eram, porém, mais do que isso. O autor de *Indian Antiquities* vê muita afinidade entre eles e os brâmanes da Índia. O Doutor Borlase assinala uma estreita analogia com os Magos da Pérsia [36], outros pretendem ver uma identidade com os sacerdotes Órficos da Trácia, simplesmente porque estavam os drúidas relacionados, em seus ensinamentos esotéricos, com a Religião da Sabedoria Universal, e apresentavam assim afinidades com o culto exotérico de todos.

Tal como os hindus, os gregos e os romanos (falamos dos Iniciados), os caldeus e os egípcios, acreditavam os drúidas na doutrina da sucessão dos "mundos" e também na de sete "criações" (de novos continentes) e de transformações da face da Terra; criam ainda em uma noite sétupla e em um dia sétuplo para cada Terra ou Globo. Onde quer que se encontre a serpente com o ovo, essa doutrina estava presente com certeza. Os Dragões são a prova disso. Esta crença era tão universal que, se a respigarmos no esoterismo das diferentes religiões, iremos descobri-la em todas elas. Vê-la-emos entre os arianos hindus e os masdeístas, os gregos e os latinos, e até mesmo entre os antigos judeus e os cristãos primitivos, cujos ramos modernos só compreendem agora o que lêem em suas escrituras. Lê-se no *Book of God* (de Kenealy):

"O mundo, diz Sêneca, fundiu-se e reentrou no seio de Júpiter; e este Deus se concentra em si mesmo por algum tempo e permanece oculto, por assim dizer, completamente imerso na contemplação de suas próprias idéias. Depois vemos que dele surge um novo mundo, perfeito em todas as suas partes. Animais são novamente produzidos. Forma-se uma raça inocente de homens. E a seguir, falando de uma dissolução do mundo,

(36) Acontece que os Magos da Pérsia nunca foram persas, nem mesmo caldeus. Vieram de um país muito distante, que os orientalistas julgam ser a Média. É possível; mas de que parte da Média? Esta pergunta continua sem resposta.

que envolve a destruição ou morte de tudo, ensina ele que, quando as leis da natureza forem sepultadas sob as ruínas, e chegar o último dia do mundo, o Pólo Sul se afundará, esmagando em sua queda todas as regiões da África, e o Pólo Norte cobrirá todos os países situados abaixo do seu eixo. *O Sol, espavorido, perderá toda a sua luz;* o palácio do céu, desfazendo-se em ruínas, produzirá ao mesmo tempo a vida e a morte, e uma espécie de dissolução igualmente tomará conta de todas as divindades, que deste modo retornarão ao seu caos original." [37]

Poder-se-ia supor que estamos lendo a descrição do grande Pralaya, por Parashâra, nos *Purânas*. É quase a mesma coisa, ponto por ponto. Não terá o Cristianismo algo semelhante? Respondemos que sim. Que o leitor abra qualquer edição da *Bíblia* e leia o capítulo III da *Segunda Epístola de Pedro*: encontrará aí a mesma ordem de idéias:

"Nos últimos dias virão escarnecedores... dizendo: Onde está a promessa de sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como estavam desde o princípio da criação. Porque voluntariamente ignoram isto: que pela palavra de Deus os céus existiram desde toda a antigüidade, e a terra surgiu da água e pela água subsiste. E que por tais coisas pereceu o mundo de então, coberto pelas águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem são conservados pela mesma palavra, e reservados para o fogo... os céus, ardendo, serão dissolvidos, e os elementos se fundirão em calor ardente. Nós, porém, aguardamos novos céus e nova terra." [38]

Se apraz aos intérpretes ver no texto acima uma alusão à criação, ao dilúvio e à prometida vinda de Cristo, quando viverem em uma nova Jerusalém Celeste, a culpa não é de "Pedro". O que o autor da epístola significava era a destruição da nossa Quinta Raça por fogos subterrâneos e inundações, e o aparecimento de novos continentes para a Sexta Raça-Raiz. Os que escreveram as Epístolas eram todos versados em simbologia, se não em ciência.

Dissemos em outra parte que a crença na constituição setenária de nossa Cadeia era a mais antiga doutrina dos primitivos iranianos, doutrina que lhes fora transmitida pelo primeiro Zaratustra. É tempo de apresentarmos a prova àqueles parses que perderam a chave do significado de suas Escrituras. No *Avesta*, a Terra é considerada sétupla e tríplice ao mesmo tempo. O Dr. Geiger vê nisso uma *incongruência*, pelas seguintes razões, que ele qualifica de contradições. O *Avesta* alude a três terços da Terra porque o *Rig Veda* menciona:

"Três terras.. Diz-se que estas palavras significam três leitos ou camadas superpostas." [39]

Mas está ele completamente equivocado, como sucede a todos os tradutores profanos. O *Avesta* não copiou a idéia do *Rig Veda*: reproduz simplesmente o Ensinamento Esotérico. Os "três leitos ou camadas" não se referem só ao nosso Globo, mas às três camadas dos Globos de nossa Cadeia Terrestre — duas a duas em cada plano, uma no arco descendente e

(37) *Op. cit.*, pág. 160.
(38) *Op. cit.*, cap. 3, vers. 3-7, 10, 12, 13.
(39) *Civilization of the Eastern Iranians in Ancient Times*, págs. 130, 131.

outra no arco ascendente. Assim, em relação às seis Esferas ou Globos que lhe ficam por cima, a nossa Terra, que é o sétimo e o quarto Globo, *divide-se em sete partes*; ao passo que, em relação aos planos situados abaixo do nosso, ela se divide em *três partes*. Este sentido encontra desenvolvimento e confirmação no texto do *Avesta* e até nas especulações — conjeturas laboriosas e pouco satisfatórias — dos tradutores e comentaristas. Donde se vê que a divisão da Terra, ou melhor, da Cadeia Terrestre, em sete Karshvars não está em contradição com as três "zonas", se traduzirmos esta palavra como "planos". Conforme a observação do Dr. Geiger, tal divisão setenária é sobremodo antiga — a mais antiga de todas — porquanto já os Gâthas falam da "terra dividida em sete partes" [40]. Efetivamente:

"Segundo as manifestações das últimas Escrituras parses, *os sete Kêrshvars devem ser havidos como partes distintas da terra* [como seguramente o são, pois que] *entre eles corre o oceano*, de modo que se torna impossível, como assinalado em vários pontos passar de um Kêrshvar a outro." [41]

O "Oceano" é, naturalmente, o *Espaço*, que era denominado "Águas do Espaço" antes de ser conhecido por Éter. Aliás, a tradução que convém à palavra Karshvar é: Dvipa; e à palavra Qaniratha: Jambudvipa (Neryosrangh, tradutor do *Yasna*) [42]. Mas os orientalistas não tomam em consideração esse fato; e assim vemos que até um masdeísta e parse de nascimento, como o culto tradutor da obra do Doutor Geiger, deixa passar sem reparo, sem uma palavra de comentário, várias observações desse autor sobre tais "incongruências" de que estariam refertas as Escrituras masdeístas. Uma das "incongruências" e "coincidências' diz respeito à semelhança entre a doutrina zoroastriana e a indiana no tocante aos Dvipas — ilhas ou continentes — tal como se vê nos *Purânas*:

"Os Dvipas formam anéis concêntricos, os quais, separados pelo Oceano, rodeiam Jambudvipa, que está no centro; [e] segundo a opinião iraniana, o Karshvar Qaniratha está igualmente situado no centro dos demais. Estes não formam círculos concêntricos, mas cada um deles [os outros seis Karshvars] constitui um espaço peculiar e individual, e deste modo se agrupam [por cima] de Qaniratha." [43]

Ora, Qaniratha — ou melhor, Hvaniratha — não é, como crêem Geiger e seu tradutor, "o país habitado pelas tribos iranianas", e "os outros nomes" não significam "os territórios adjacentes de nações estrangeiras ao Norte, Sul, Este e Oeste", e sim o nosso Globo ou Terra. Pois o significado da frase que se segue à última das que vimos de mencionar, isto é:

"Dois, Voutubarshti e Vouruzarshti, estão ao Norte; dois, Vidadhafsha e Fradadhafsha, ao Sul; Sarahi e Arzahi, a Este e a Oeste",

---

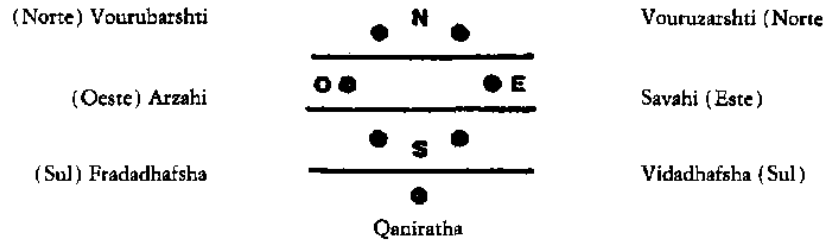
(40) Bûmi haptâita, *Yasna*, XXII, 3. (*Kershvars* também está escrito *Karshvars*.)

(41) Veja-se, por exemplo, o vol. I, página 4, da tradução de Pahlavi; *Bdh.*, XXI, 2, 3.

(42) Nota de Dârab Dastur Pêshotan Sanjânâ, S.A., tradutor da obra do Dr. Wilhelm Geiger: *Civilization of the Eastern Iranians*.

(43) *Op. cit.*, págs. 130, 131.

não é senão a descrição bastante exata da Cadeia do nosso Planeta Terra, representada no *Livro de Dzyan* (XI) da seguinte maneira:



Basta substituir estes nomes masdeístas pelos usados na Doutrina Secreta para termos sob a vista o ensinamento Esotérico. A "Terra" (o nosso mundo) é *tríplice,* porque a Cadeia dos Mundos está situada em três diferentes planos acima do nosso Globo; e é *sétupla,* por causa dos sete Globos ou Esferas que compõem a Cadeia. Daí o outro significado que consta do *Vendidad* (XIX, 39), mostrando que:

"Somente Qaniratha está combinada com *imat,* 'esta' (Terra), enquanto que todos os demais Karshvars estão combinados com a palavra *avat,* 'aquela' ou *aquelas* terras superiores."

Nada mais claro. Outrotanto se pode dizer da interpretação moderna de todas as demais crenças antigas.

Os drúidas compreendiam, pois, o significado do Sol no signo de Taurus, quando, extintos todos os outros fogos no dia 1.º de novembro, só os seus fogos sagrados e inextingüíveis permaneciam iluminando o horizonte, como os dos Magos e os dos masdeístas modernos. E, da mesma forma que a Quinta Raça em seus primórdios, os últimos caldeus, os gregos e até mesmo os cristãos (que ainda hoje o fazem, sem suspeitar o verdadeiro significado), saudavam a Estrela da Manhã, a formosa Vênus-Lúcifer [44]. Estrabão fala de uma ilha próxima da Grã-Bretanha,

"Onde se rendia culto a Ceres e Perséfona, com os mesmos ritos da Samotrácia, e era a Ilha Sagrada de Iarna" [45].

onde ardia um fogo perpétuo. Os drúidas acreditavam no renascimento do homem, não no sentido a que se refere Luciano, de

(44) O Dr. Kenealy, em seu *Book of God,* cita Vallency, que disse: "Fazia apenas uma semana que eu tinha chegado à Irlanda, vindo de Gibraltar... onde estudara hebreu e caldeu com judeus de vários países ...quando ouvi uma jovem camponesa dizer a um aldeão que estava ao seu lado: "Feach an Maddin Nag" (Olha a estrela da manhã), apontando com o dedo o planeta Vênus, o Maddina Nag dos caldeus" (págs. 162-163).

(45) *Lib.* IV.

"Que o mesmo espírito deve animar um novo corpo, não aqui e sim em um mundo diferente",

mas antes em uma série de reencarnações neste mesmo mundo; e, segundo Deodoro, diziam que as almas humanas passam a outros corpos, depois de determinados períodos [46].

Essa doutrina fora transmitida aos arianos da Quinta Raça por seus predecessores da Quarta, os atlantes. Conservaram eles religiosamente as tradições que lhes ensinavam como a Raça-Raiz avita, tornando-se mais arrogante a cada geração, com adquirir poderes super-humanos, fora gradualmente resvalando para o seu fim. E que lhes recordavam o intelecto gigante das raças precedentes, assim como a sua estatura gigantesca.

Tradições que tais são encontradiças em todas as épocas da história, em quase todos os velhos fragmentos da antiguidade que chegaram até os nossos dias.

Aelian conservava um extrato das obras de Teofrasto, escrito no tempo de Alexandre, o Grande. É um diálogo entre Midas, o frígio, e Sileno. Este falava ao primeiro da existência, em idades remotas, de um continente de tão grande extensão que a Europa, a Ásia e a África, comparadas a ele, não passariam de insignificantes ilhas. *Foi o último que produziu* animais e plantas de porte gigantesco. Ali, contava Sileno, os homens alcançavam estatura igual ao dobro da do homem mais alto do seu tempo (o do narrador), e viviam duas vezes mais. Possuíam cidades suntuosas, com templos; e uma destas cidades tinha mais de um milhão de habitantes, havendo nelas ouro e prata em profusão.

A opinião de Grote, de que a Atlântida foi simplesmente um mito, que teve por origem uma miragem — nuvens de um céu resplandecente, com o aspecto de ilhas em um mar de ouro —, é demasiado ingênua para que possa tomar-se em consideração.

A

EXPLICAÇÃO ESOTÉRICA DE ALGUMAS DECLARAÇÕES DOS CLÁSSICOS SOBRE CONTINENTES E ILHAS SAGRADAS

Tudo o que precede era conhecido de Platão e de muitos outros. Mas, porque nenhum Iniciado tinha o direito de divulgar o que soubesse, só algumas alusões chegaram à posteridade. Sendo a missão do filósofo grego instruir mais como moralista do que como geógrafo, etnólogo ou historiador, resumiu ele a história da Atlântida, que abrangia vários milhões de anos, em um só acontecimento, que localizou numa ilha relativamente pequena,

(46) Tempo houve em que o mundo todo, a humanidade inteira, tinha uma só religião, e em que todos falavam "uma só língua". "Todas as religiões da Terra formavam, no princípio, uma só, e emanavam de um mesmo centro" — diz acertadamente Faber.

de 3.000 estádios de comprimento por 2.000 de largura (ou cerca de 350 milhas por 230, que é pouco mais ou menos o tamanho da Irlanda); ao passo que os sacerdotes mencionavam a Atlântida como um continente conquanto alterado em seu contexto geral, tem o selo da verdade [48]. De tão vasto quanto "a Ásia e a Líbia" reunidas [47]. Mas o relato de Platão, conquanto alterado em seu contexto geral, tem o selo da verdade. De qualquer modo, não foi inventado por ele: Homero, que o precedeu de vários séculos, também se refere, na *Odisséia*, aos atlantes e sua ilha. A tradição era, portanto, mais antiga que o bardo de Ulisses. Os atlantes e as Atlântidas da Mitologia estão baseados nos atlantes e nas Atlântidas da História. Tanto Sanchoniaton como Deodoro preservaram a história daqueles heróis e heroínas, não obstante os elementos míticos que se entremearam em seus relatos.

Em nossos próprios dias observamos o fato extraordinário de que personagens relativamente recentes como Shakespeare e Guilherme Tell tenham a existência posta em dúvida, havendo quem tentasse provar que o primeiro é um *non de plume* e que o segundo nunca existiu. Como admirar, pois, que as duas poderosas raças (lemurianas e atlantes) hajam sido, no correr dos tempos, confundidas ou identificadas com alguns povos míticos que tinham o mesmo nome patronímico?

Heródoto fala dos atlantes, povo da África Ocidental, que deram o nome ao Monte Atlas; que eram vegetarianos, e "cujo sono jamais era perturbado por sonhos"; e que ainda

"Maldiziam diariamente o sol, quando nascia e se punha, porque seu excessivo calor os abrasava e atormentava".

Tais manifestações estão baseadas em fatos morais e psíquicos, e não em distúrbios fisiológicos. A história de Atlas nos dá a chave disso. Se o sono dos atlantes não era perturbado por sonhos, assim acontecia porque os primitivos atlantes não tinham a constituição física e o cérebro ainda suficientemente consolidados no sentido fisiológico para permitir que os centros nervosos atuassem durante o sono. No que respeita à outra informação, de que "maldiziam diariamente o sol", não tem ela nenhuma relação com o calor, mas com a degenerescência moral que se desenvolvia ao mesmo tempo que a Raça. Assim o explicam os nossos Comentários:

---

(47) *Critias*, tradução de Davis, pág. 415.

(48) A veracidade de Platão tem sido alvo de ataques sobremodo injustos, até por críticos mais serenos, como o Professor Jewett, ao discutirem o relato sobre a Atlântida. Julgamos, por isso, conveniente invocar o testemunho de um especialista na matéria. Será o bastante para mostrar a posição ridícula a que se expõem esses sofisticadores literários.

"Se o nosso conhecimento da Atlântida fosse mais completo, veríamos, sem dúvida, que, em todos os casos em que os povos da Europa estivessem de acordo com os povos da América, estariam uns e outros de acordo com o povo da Atlântida... Observaríamos a veracidade de tal acordo toda vez que Platão nos dá uma indicação nesse sentido, relativamente à Atlântida. Existia em arquitetura, escultura, navegação, arte de gravar, escrita; no sacerdócio regular e na forma do culto; em agricultura e construção de estradas e canais; sendo lícito supor que a mesma correspondência se estendia a todos os demais aspectos, por menores que fossem." (Donelly, *Atlantis*, p. 164.)

Eles [a sexta sub-raça dos atlantes] usavam encantamentos mágicos até mesmo contra o sol,

e, ante o insucesso, o maldiziam. Aos feiticeiros da Tessália atribuía-se o poder de fazer baixar a Lua, segundo conta a história grega. Os atlantes do último período eram famosos por seus poderes mágicos e por sua perversidade, ambição e audácia em desafiarem os Deuses. Daí as tradições, que foram incorporadas à *Bíblia*, acerca dos gigantes antediluvianos e da Torre de Babel, e que também se encontram no *Livro de Enoch*.

Deodoro menciona um ou dois fatos mais: os atlantes vangloriavam-se de possuir a terra em que todos os Deuses haviam nascido; e ainda de que Urano fora o seu primeiro Rei e quem primeiro lhes ensinara Astronomia. Muito pouca coisa além disso chegou até nós, da antiguidade.

O mito de Atlas é uma alegoria fácil de compreender. Atlas representa os antigos Continentes da Lemúria e da Atlântida, combinados e personificados em um símbolo. Os poetas atribuem a Atlas, como a Proteu, uma sabedoria superior e uma ciência universal, e sobretudo um *conhecimento completo das profundezas do oceano*; isso porque nos dois Continentes viveram Raças instruídas por Mestres *divinos*, e porque foram ambos precipitados no fundo dos mares, onde atualmente estão adormecidos, aguardando o próximo ressurgimento sobre as águas. Atlas é o filho de uma ninfa do oceano, e tem como filha Calipso, o "abismo aquoso". A Atlântida submergiu nas águas, e a sua progênie dorme agora o sono eterno no fundo dos oceanos. A *Odisséia* faz de Atlas o guardião e "sustentáculo" das enormes colunas que separam os Céus da Terra. É o seu "suporte". E como a Lemúria, destruída pelo fogo submarino, e a Atlântida, submergida pelas ondas, pereceram ambas nas profundezas do oceano [49], conta-se que Atlas foi obrigado a deixar a superfície da Terra para reunir-se a seu irmão Jápeto nos abismos de Tártaro[50]. Tem razão Théodore Henri Martin ao interpretar esta alegoria como significando

"[Atlas] em pé no solo firme do hemisfério inferior do universo, sustentando ao mesmo tempo o disco da Terra e a Abóbada Celeste — a envoltura sólida do hemisfério superior."[51]

Porque Atlas é a Atlântida, que sustenta sobre os "ombros" os novos continentes e seus horizontes.

Decharme, em sua *Mythologie de la Grèce Antique*, expressa dúvidas quanto à exatidão da tradução, por Pierron, da palavra de Homero ἔχει com o significado de *sustinet*, por ser incompreensível

(49) Não deviam os cristãos objetar a esta doutrina da destruição periódica dos continentes pelo fogo e pela água, pois São Pedro disse: "...a terra surgiu da água e pela água subsiste; ...por tais coisas o mundo de então pereceu, coberto pela água... mas a terra [está agora] reservada ao fogo" (II, cap. 3, v. 5-7). Veja-se também *Lives of Alchemystical Philosophers*, pg. 4, Londres, 1815.

(50) Veja-se a *Teogonia de Hesíodo*, 507-509, e a *Odisséia*, I, 51-53.

(51) *Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, p. 176.

"Que Atlas possa ao mesmo tempo sustentar várias colunas situadas em pontos diferentes."

Se Atlas fosse um indivíduo, seria realmente estranhável a tradução. Mas como personifica um Continente que, no Ocidente, sustém a Terra e o Céu ao mesmo tempo [52], isto é, firmando o gigante os pés sobre a terra e sustentando com os obros a abóbada celeste — alusão aos picos gigantescos da Lemúria e da Atlântida — o epíteto de "sustentáculo" está correto. O termo *conservator*, para o grego ἔχει, que Decharme, acompanhando Théodore-Henri Martin, entende significar φυλάσσει e ἐπιμελεῖται, não corresponde ao mesmo sentido.

O conceito derivou por certo da cadeia gigantesca de montanhas que se estendia ao longo da borda ou disco terrestre. Tais montanhas tinham as suas raízes fincadas no fundo dos mares, e alteavam as cristas aos céus, onde se perdiam entre as nuvens. Nos antigos continentes havia mais montanhas do que vales. Atlas e o Pico do Tenerife, hoje diminutos remanescentes dos dois continentes desaparecidos, eram três vezes mais altos no tempo da Lemúria e duas vezes no da Atlântida. Ao Monte Atlas chamavam os líbios "Coluna do Céu", segundo Heródoto [53], e Píndaro qualificou o Etna de "Coluna Celeste" [54]. Nos dias da Lemúria, Atlas era um pico situado numa ilha inacessível; então ainda não havia emergido o continente africano. Daquele outro Continente em que a Terceira Raça nasceu, medrou e *caiu* [55], é a única relíquia ocidental que sobrevive, *independente*, pois a Austrália faz hoje parte do Continente oriental. O orgulhoso Atlas, conforme a tradição esotérica, teve a sua terça parte sorvida pelas águas, ficando os dois terços como uma herança da Atlântida.

Sabiam tudo isso os sacerdotes egípcios e o próprio Platão; e só o solene juramento de segredo, que era também extensivo aos mistérios do neoplatonismo, impediu que a verdade fosse conhecida por inteiro [56]. Tão secreto era o conhecimento sobre a última ilha da Atlântida, em verdade — por causa dos poderes super-humanos que possuíam seus habitantes, últimos descendentes diretos dos Deuses ou Reis Divinos, segundo era crença —, que a divulgação de sua existência era punida com a morte. A mesma coisa diz Teopompo em seu mais que suspeito *Meropis*, quando se refere aos fenícios como os únicos navegantes dos mares que banham a costa ocidental da África, viagens que eles rodeavam de tal mistério que muitas vezes chegavam a afundar os próprios barcos, a fim de não ficar nenhum vestígio para os estrangeiros demasiado curiosos.

---

(52) Ésquilo, *Prometheus Vinctus*, p. 351, 429, etc.

(53) IV, 184.

(54) *Pitágoras*, I, 20; Decharme, *op. cit.*, pág. 315.

(55) Não quer isto dizer que Atlas fosse o lugar onde a Terceira Raça caiu (o que se deu ao Norte e no Centro da Ásia); mas tão-somente que Atlas fazia parte do continente.

(56) *Se Diocleciano não houvesse queimado as obras esotéricas dos egípcios no* ano 296 de nossa era, juntamente com os seus livros de Alquimia, "περὶ χυμείας ἀργύρου καὶ χρυσοῦ"; César, 700.000 rolos em Alexandria; Leão, o Isauro, 300.000

Há orientalistas e historiadores (e são a maioria) que, apesar de não se impressionarem de modo algum com as expressões mais cruas da *Bíblia* e com certos fatos que nela são descritos, se mostram profundamente escandalizados com a "imoralidade" dos Panteões da Índia e da Grécia [57]. Poder-se-á dizer que já anteriormente Eurípides, Píndaro e até mesmo Platão exprimiram igual sentimento; que também eles se mostraram irritados com as histórias que se inventavam — "esses miseráveis contos de poetas", no dizer de Eurípides [58].

É possível, contudo, que a razão fosse outra. Para os que sabiam comportar o Simbolismo Teogônico mais de uma chave, era um erro expressar-se em linguagem assim tão crua e equívoca. Porque se o filósofo ilustrado podia discernir o miolo da sabedoria sob a grosseira casca do fruto, e sabia que este escondia as grandes leis e verdades da natureza física e psíquica, assim como o segredo da origem de todas as coisas — o mesmo não sucedia com o profano não iniciado. Para este, o texto literal era a *religião*; a interpretação, um sacrilégio. E a letra não contribuía para edificá-lo nem fazê-lo mais perfeito, vendo o exemplo que lhe davam os seus Deuses. Mas para o filósofo, especialmente o iniciado, a *Teogonia* de Hesíodo é tão histórica quanto o possa ser uma história qualquer. Platão a aceita como tal, e revela, na medida em que o permitem seus juramentos, muitas das verdades ali contidas.

Os atlantes pretendiam que Urano fora o seu primeiro rei; e Platão começa a sua história da Atlântida com a divisão do grande Continente por Netuno, o neto de Urano: mostra isso que houve outros continentes antes da Atlântida, e reis antes de Urano. Netuno, a quem coube o grande Continente, encontrou em uma pequena ilha só um casal humano feito de barro — isto é, o primeiro homem físico *humano*, cuja origem remonta às últimas sub-raças da Terceira Raça-Raiz. O Deus desposou a filha desse

---

em Constantinopla (século VIII); e os maometanos, tudo aquilo em que puseram as mãos sacrílegas — poderia o mundo saber muito mais da Atlântida. A Alquimia teve por berço a Atlântida, e o seu *renascimento* só ocorreu no Egito.

(57) Temos à vista as conferências do Professor Max Müller, *On the Philosophy of Mythology*. Lemos suas citações de Heráclito (460 antes de Cristo), em que se declara que Homero merecia "ser expulso das assembléias públicas e açoitado"; e de Xenófanes, "responsabilizando Homero e Hesíodo pelas superstições populares da Grécia" e acusando-os de terem imputado "aos deuses tudo o que havia de degradante e de escandaloso entre os homens..., atos criminosos como o adultério, o roubo e a fraude". Finalmente, o professor de Oxford cita, baseando-se na tradução de Platão feita pelo Professor Jowett, um trecho em que o filósofo grego diz a Adaimantus (na *República*) do "inconveniente de se declarar aos jovens [do Estado] que não estariam praticando nenhum mal se incorressem nos piores crimes, e que lhes era lícito castigar os próprios pais [como Zeus a Cronos]... do modo que lhes aprouvesse, no que estariam seguindo o exemplo do primeiro e maior dos Deuses... A meu ver, tais histórias *não se recomendam para ser repetidas*." A isto observa o Professor Max Müller que "a religião grega evidentemente era uma religião nacional e *tradicional*, e como tal participava das vantagens e desvantagens *desta forma de crença religiosa*"; ao passo que a religião cristã é "uma religião *histórica* e, em grande parte, individual, possuindo a vantagem de um código autorizado e de um sistema de crenças definido" (pág. 349). Tanto pior se é "histórica", porque o incidente de Lot com suas filhas certamente só teria a ganhar se fosse "alegórico".

(58) ἀοιδῶν τῶδε δυσπῆνοι λόγοι, *Hercules Parens*, 1346, edição de Dindorf.

casal, Clito, e o seu filho primogênito Atlas recebeu como herança a montanha e o continente que tiveram o seu nome [59].

Ora, todos os Deuses do Olimpo, como os do Panteão hindu e os Rishis, eram as personificações septiformes: 1.°, dos Númenos dos Poderes Inteligentes da Natureza; 2.°, das Forças Cósmicas; 3.°, dos Corpos Celestes, 4.°, dos Deuses ou Dhyan Chohans; 5.°, dos Poderes Psíquicos e Espirituais; 6.°, dos Reis Divinos na Terra, ou encarnações dos Deuses; e 7.o, dos Heróis ou Homens Terrestres. Aos Iniciados, em todos os tempos, pertencia a faculdade de discernir qual a forma que se pretendia invocar, dentre as sete deste sistema simbólico e alegórico criado pelos seus predecessores.

Assim, enquanto Urano, ou a Legião que representava este grupo celeste, reinou durante a Segunda Raça e a governou, no seu continente, Cronos ou Saturno regeu os lemurianos; e Júpiter, Netuno [60] e outros mais, na alegoria, combateram pela Atlântida, que era toda a Terra nos dias da Quarta Raça. Posseidon, ou a última ilha da Atlântida — o "terceiro passo" de Idas-pati, ou Vishnu, na linguagem mística dos Livros Secretos — só desapareceu há cerca de uns 12.000 anos [61]. Os atlantes de Deodoro tinham razão em dizer que o seu país, na região que rodeava o Monte Atlas, foi a terra em que "nasceram os Deuses" — isto é, onde "eles encarnaram". Mas só depois da quarta encarnação é que se tornaram reis humanos pela primeira vez.

Deodoro refere-se a Urano como o primeiro rei da Atlântida, confundindo assim, consciente ou inconscientemente, os Continentes; mas, como já dissemos, Platão retifica indiretamente o asserto. O primeiro instrutor dos homens em Astronomia foi Urano, porque é um dos sete Dhyan Chohans do Segundo Período ou Raça. Da mesma forma, no Segundo Manvantara, o de Svârochisha, entre os sete filhos de Manu (os Deuses ou Rishis que presidiam ao desenvolvimento desta Raça), encontramos Jyotis [62], o professor de Astronomia (Jyotisha), um dos nomes de Brahma. Assim também os chineses reverenciaram a Tien (ou o Céu, Uranos), chamando-o seu primeiro professor de Astronomia. Urano deu nascimento aos Titãs da Terceira Raça, e foram estes que o mutilaram, personificados por Saturno-Cronos, porque, havendo os Titãs *caído* na *geração*, quando "a criação por meio da *vontade* foi substituída pela propriação física", não mais necessitavam de Urano.

Que nos seja, neste ponto, permitida e perdoada uma curta digressão.

Como conseqüência do último trabalho erudito de Mr. Gladstone no *Ninety Century*, "Os Deuses Maiores do Olimpo", as idéias do público em

(59) *Critias*, 421.

(60) Netuno ou Posseidon é o Idas-pati hindu, idêntico a Nârâyana (o Agitador das Águas) ou Vishnu, e, tal como este Deus indiano, aparece cruzando todo o horizonte em *três passos*. Idas-pati também quer dizer "o Senhor das Águas".

(61) Carece de fundamento a afirmação de Bailly de que os 9.000 anos mencionados pelos sacerdotes egípcios não representam "anos solares". Bailly nada sabia de Geologia nem de seus cálculos; do contrário, teria falado de outro modo.

(62) Veja-se o *Matsya Purâna*, que o situa entre os sete Prajâpatis do período.

geral sobre a Mitologia grega ficaram ainda mais deformadas e confusas. Atribui-se a Homero um pensamento íntimo, que Mr. Gladstone considera "a verdadeira chave das concepções homéricas", quando esta "chave" não passa de um simples "véu".

"[Posseidon] é, em verdade, essencialmente terrestre... forte e presunçoso, sensual e sumamente invejoso e vingativo."

— mas assim é porque simboliza ele o Espírito da Quarta Raça-Raiz, a Soberana dos Mares, a Raça que vive sobre a superfície dos mares [63], composta de gigantes, os filhos de Eurimedão, a Raça de que saíram Polifemo, os Titãs e os Ciclopes de um olho. Se bem que Zeus reine sobre a Quarta Raça, é Posseidon quem governa, constituindo a verdadeira chave que permite compreender a tríade dos Irmãos Cronides e de nossas raças *humanas*. Posseidon e Nereu são *um* só; o primeiro é o Governante ou Espírito da Atlântida antes de começar a submersão; o segundo o é após a submersão. Netuno é a força titânica da Raça *vivente*; Nereu é o seu Espírito reencarnado na Raça seguinte, a Quinta, ou Raça Ariana; coisa que o sábio helenista da Inglaterra ainda não descobriu, nem sequer vislumbrou. E, no entanto, isso não o impede de aventar umas quantas observações sobre a "habilidade" de Homero, que nunca menciona o nome de Nereu, designação a que só chegamos por via do patronímico Nereides!

Assim a tendência dos mais eruditos helenistas é limitar suas especulações às imagens exotéricas da Mitologia, perdendo de vista o seu sentido íntimo; o caso de Mr. Gladstone é um exemplo flagrante, conforme já assinalamos. Ele é, ao mesmo tempo, uma das figuras mais insignes de nossa época, como homem de Estado, e um sábio dos mais ilustrados que a Inglaterra já produziu. A literatura grega foi o estudo predileto de toda a sua vida. Em meio à agitação dos negócios públicos, ainda encontrou tempo para enriquecer as letras contemporâneas com valiosas contribuições ao estudo dos clássicos gregos, tornando assim aureolado o seu nome perante as gerações vindouras. Como sua admiradora sincera, não pode a autora deixar de sentir vivamente que a posteridade, com reconhecer-lhe a profunda erudição e ciência, julgue, à vista de elementos que *hão de* iluminar então todos os ângulos do Simbolismo e da mitologia, que ele não conseguiu penetrar no espírito do sistema religioso que tanto criticou, situando-se na posição do dogmatismo cristão. Nesses dias futuros, ver-se-á que a chave esotérica dos mistérios da Teogonia cristã, como da Teogonia e da ciência gregas, outra não é senão a Doutrina Secreta das nações pré-históricas, negada por ele e por tantos outros. Só essa Doutrina pode reconstituir o parentesco entre todas as especulações religiosas da humanidade, inclusive entre as chamadas "revelações"; e tal é o ensinamento que insufla o espírito de vida nas figuras simbólicas que povoam o Monte Meru, o Olimpo, o Valhala ou o Sinai. Se Mr. Gladstone fosse mais moço, os seus admiradores poderiam ainda esperar que os seus estudos escolásticos viessem a coroar-se com o descobrimento daquela verdade subjacente. Nas circunstâncias atuais,

(63) *Ilíada*, XXIV, 79.

está ele malgastando as preciosas horas de seus últimos anos em discussões estéreis com esse gigante do livre pensamento que é o Coronel Ingersoll, lutando cada qual com as armas exotéricas retiradas do arsenal do Literalismo *ignaro*. Os dois ilustres contendores estão ambos cegos em relação ao verdadeiro significado esotérico dos textos, que se lançam mutuamente como projéteis, enquanto o mundo só tem a sofrer com mais controvérsias — porque um trabalha para fortalecer as fileiras do materialismo, e o outro as do sectarismo cego da letra que mata.

E agora tornemos ao assunto de que nos vínhamos ocupando.

A Atlântida é muitas vezes mencionada sob outro nome, desconhecido dos nossos comentadores. Grande é o *poder dos nomes* — sabe-se desde que os primeiros homens foram instruídos pelos Mestres *Divinos*. A par disso, traduziu Sólon os nomes "atlantes" por palavras que ele próprio inventou. No que se refere ao continente da Atlântida, convém ter presente que os relatos dos antigos escritores gregos, vindos até nós, não raro são confusos, falando alguns do grande Continente e outros da pequena e última ilha de Posseidon. Tornou-se comum associar todas as informações somente a esta pequena ilha, no que há evidente incorreção, dada a incompatibilidade das diversas referências quanto às dimensões, etc., da Atlântida.

Assim, no *Critias*, diz Platão que a planície ao redor da cidade era, por sua vez, cercada por uma cadeia de montanhas; que a planície era suave e ao nível, tinha forma oblonga e se estendia ao Norte e ao Sul, três mil estádios numa direção e dois mil em outra; e que estava rodeada de um enorme canal ou fosso, com 101 pés de profundidade, 606 pés de largura e 1250 milhas de comprimento [64].

Ora, em outros lugares dá-se o tamanho da *ilha* de Posseidon como sendo, ao todo, igual ao atribuído ali só à "*planície* ao redor da cidade". Está evidente que uma parte do relato se entende com o grande Continente, e a outra com o seu último remanescente, ou seja, a ilha de Platão.

Por outra parte, conta-se que o exército ativo da Atlântida ultrapassava um milhão de homens, e sua marinha dispunha de 1.200 navios e 240.000 homens. Tal afirmativa não pode absolutamente aplicar-se a um pequeno Estado insular com as dimensões da Irlanda!

As alegorias gregas atribuem a Atlas ou à Atlântida sete filhas — sete sub-raças —, cujos nomes respectivos eram Maia, Electra, Taigeta, Asterope, Merope, Alcíone e Celœno. Isso etnologicamente, dizendo-se que elas se casaram com Deuses e foram mães de heróis famosos, fundadores de muitas nações e cidades. Astronomicamente, as Atlântidas se converteram nas sete Plêiades (?). Em Ciência Oculta, esses dois aspectos se relacionam com os destinos das nações, destinos que se acham traçados pelos acontecimentos de suas vidas anteriores, em conformidade com a Lei do Karma.

Três grandes nações da antiguidade pretendiam uma descendência direta do reino de Saturno, ou Lemúria, confundido com a Atlântida alguns milê-

(64) *Critias*, pág. 426.

nios antes da nossa era; eram os egípcios, os fenícios (Sanchoniaton) e os antigos gregos (Deodoro, depois Platão). É fácil ver, porém, que o mais antigo país civilizado da Ásia — a Índia — reivindica a mesma descendência. As sub-raças, conduzidas pela Lei Kármica, ou Destino, repetem inconscientemente os primeiros passos de suas respectivas raças-raízes. Assim como os brâmanes relativamente brancos — quando invadiram a Índia povoada de dravidianos de cor escura — vieram do Norte, assim também a Quinta Raça ariana deve atribuir sua origem às regiões do Norte. A Ciência Oculta mostra que os fundadores das Raças-Raízes, os diversos grupos dos sete Prajâpatis, estavam todos relacionados com a Estrela Polar. Vemos no Comentário:

Aquele que compreende a idade de Dhruva [65]*, que corresponde a 9.090 anos mortais, compreenderá os tempos dos Pralayas, o destino final das Nações, ó Lanu!*

Além do mais, deve ter havido uma boa razão para que uma nação asiática colocasse os seus grandes Progenitores e Santos na Ursa Maior, que é uma *constelação do Norte. Há uns 70.000 anos o Pólo da Terra apontava na direção da extremidade mais afastada da cauda da Ursa Menor*; e muitos milênios mais que os sete Rishis podiam ser identificados com a constelação da Ursa Maior.

A raça Ariana nasceu e se desenvolveu no extremo Norte, embora as suas tribos houvessem emigrado mais para o Sul da Ásia após a submersão do continente da Atlântida. Prometeu é, por isso, filho da Ásia; e o seu filho Deucalião, o Noé grego, — o que criou os homens com as pedras da mãe Terra —, foi chamado o Cita do Norte por Luciano; e a Prometeu fazem-no irmão de Atlas, sendo acorrentado ao Cáucaso no meio das neves [66].

A Grécia tinha o seu Apolo *hiperbóreo*, assim como o seu Apolo *meridional*. De igual modo, quase todos os Deuses do Egito, da Grécia e da Fenícia, como os de outros Panteões, eram de origem setentrional e nascidos na Lemúria, lá para o fim da Terceira Raça, depois que se completou a sua evolução física e fisiológica [67]. Se a história, ao ser transmitida à posteridade, não tivesse sido deformada pelos mitos, poder-se-ia ver que todas as "fábulas" da Grécia estão baseadas em fatos históricos. Os Ciclopes de "um olho só", os gigantes que aparecem na fábula como filhos de *Cœlus* e *Terra* — em número de três, segundo Hesíodo — foram as três últimas sub-raças dos lemurianos, e o "olho único" era uma alusão ao olho

(65) O equivalente deste nome é dado no original.

(66) Conta-se que Deucalião trouxe para a Fenícia o culto de Adônis e de Osíris. Ora, esse culto não é outro senão o do Sol, perdido e reencontrado em seu sentido astronômico. Somente no Pólo é que o Sol desaparece durante um longo período de seis meses, pois na latitude de 68° ele não permanece *morto* se não por quarenta dias, como nas festas de Osíris. Ambos os cultos nasceram no Norte da Lemúria, ou naquele continente de que a Ásia era uma espécie de prolongamento descontínuo, e que se estendia até as regiões polares. Isto foi claramente indicado por Gébelin em suas *Allégories d'Orient*, pág. 246, e por Bailly; embora Hércules e Osíris não sejam *mitos solares*, exceto em um de seus sete aspectos.

da sabedoria [68], pois os dois olhos da face só alcançaram seu completo desenvolvimento, como órgãos físicos, no começo da Quarta Raça. A alegoria de Ulisses, cujos companheiros foram devorados, salvando-se o rei de Ítaca porque vazou com um tição de fogo o olho de Polifemo, baseia-se na atrofia psicofisiológica do "terceiro olho". Ulisses pertence ao ciclo dos heróis da Quarta Raça, e, embora fosse um "Sábio" para esta última, era considerado um celerado pelos Ciclopes pastoris [69]. Sua aventura com os Ciclopes — esta gigantesca e selvagem raça, antítese da requintada civilização da *Odisséia* — é uma reminiscência alegórica da transição gradual da civilização ciclópica de enormes construções de pedra à cultura mais sensual e física dos Atlantes, que por fim ocasionaram às últimas sub-raças da Terceira Raça a perda do seu olho *espiritual*, que tudo penetrava. A outra alegoria, que representa Apolo matando os Ciclopes para vingar a morte de seu filho Asclépios, não se refere às três sub-raças simbolizadas nos três filhos do Céu e da Terra, mas aos Ciclopes hiperbóreos Arimaspes, remanescentes da raça dotada com o "olho da sabedoria". Os primeiros deixaram por toda a parte vestígios de suas construções, tanto no Sul como no Norte; os últimos estavam confinados somente ao Norte. Assim, Apolo — que era, antes de tudo, o Deus dos Videntes, e tinha por dever punir as profanações — os matou (representando suas flechas as paixões humanas, violentas e mortais); ocultando o seu arco atrás de uma montanha nas regiões hiperbóreas [70]. Cósmica e astronomicamente, este Deus hiperbóreo é o Sol personificado, que, durante o curso do ano sideral — 25.868 anos —, muda os climas da superfície da Terra, transformando regiões tropicais em regiões frias e *vice-versa*. O sentido espiritual e psíquico é muito mais importante. Consoante observa mui pertinentemente Mr. Gladstone em seu livro "Deuses Maiores do Olimpo":

"As qualidades de Apolo (juntamente com Atenéia) são impossíveis de compreender sem que se remonte às fontes situadas além dos limites das tradições habitualmente exploradas para a elucidação da mitologia grega." [71]

A história da Latona (Leto), mãe de Apolo, está cheia de significados vários. Astronomicamente, Latona é a região polar e a noite, que dá nascimento ao Sol — Apolo, Febo, etc. Nasceu ela nos países hiperbóreos, onde

---

(67) Os Hiperbóreos, hoje considerados míticos, são descritos (Herod., IV, 33-35; Pausanias, I, 31-32; V, 7, 8; X, 5, 7, 8) como sacerdotes e servidores diletos dos Deuses, e principalmente de Apolo.

(68) Os Ciclopes não são os únicos representantes de "um olho só" na tradição Os Arimaspes eram um povo da Cítia que também só tinha um olho, segundo a tradição (*Géographie Ancienne*, II, 321). Apolo os destruiu com suas flechas.

(69) Ulisses naufragou na ilha de Æaea, onde Circe transformou todos os seus companheiros em porcos, por causa de sua *voluptuosidade*; e ele depois foi arremessado a Ogígia, a ilha de Calipso, onde viveu uns sete anos em relações ilícitas com a ninfa. Ora, Calipso era uma filha de Atlas (*Odiss.*, XII), e todas as antigas versões tradicionais se referem à ilha de Ogígio como situada muito longe da Grécia e no meio do oceano, identificando-a assim com a Atlântida.

(70) Hygin., *Astron. Poétique*, II, cap. 15.

(71) *Nineteenth Century*, julho de 1887.

todos os habitantes eram sacerdotes de seu filho, que lhe celebravam a ressurreição e a descida em seu país cada dezenove anos, ao renovar-se o ciclo lunar [72]. Latona, geograficamente, é o Continente Hiperbóreo e sua Raça [73].

Quando o sentido astronômico cede lugar ao sentido espiritual e divino — Apolo e Atenéia transformando-se em "aves", símbolo e emblema das divindades e anjos superiores — então o resplandecente Deus assume poderes criadores divinos. Apolo converte-se na personificação da clarividência quando envia o duplo etéreo de Enéias ao campo de batalha [74], e possui o dom de aparecer aos seus videntes, sem que o vejam as outras pessoas presentes [75], faculdade aliás de que participam todos os Adeptos de grau elevado.

O Rei dos Hiperbóreos era, portanto, o filho de Bóreas, o Vento do Norte e o Grão Sacerdote de Apolo. A briga de Latona com Níobe — a Raça Atlante —, mãe de sete filhos e de sete filhas, que personificam as sete sub-raças da Quarta Raça e seus sete Ramos [76], alegoriza a história dos dois Continentes. A cólera dos "Filhos de Deus" ou da "Vontade e Ioga", ao verem a constante degradação dos Atlantes, era grande [77]; e o significado da destruição dos filhos de Níobe pelos filhos de Latona — Apolo e Diana, as divindades de luz, sabedoria e pureza, ou, astronomicamente, o Sol e a Lua, cuja influência ocasiona mudanças no eixo da Terra, dilúvios e outros cataclismos cósmicos — torna-se assim muito claro [78]. A fábula referente às

(72) Diod. Sic., II, 307.

(73) Para estabelecer uma diferença entre a Lemúria e a Atlântida, os escritores antigos mencionavam esta última como Atlântida Setentrional ou Hiperbórea, e a primeira como Meridional. Assim, diz Apolodoro (*Mitologia*, Livro II): "As maçãs de ouro levadas por Hércules não estavam, como pensam alguns, na Líbia, e sim na Atlântida hiperbórea." Os gregos naturalizavam todos os Deuses de que se apropriavam, tornando-os helenos, no que são ajudados pelos modernos. De modo semelhante, tentam os mitólogos identificar o rio Erídano com o rio Pó, na Itália. No mito de Faetonte, conta-se que, ao morrer, suas irmãs verteram ardentes lágrimas, que caíram no Erídano e se transformaram em âmbar! Ora, o âmbar só é encontrado nos mares do Norte, no Báltico, Faetonte, encontrando a morte quando transportava calor às estrelas geladas das regiões boreais, despertando no Pólo o Dragão enregelado e sendo precipitado no Erídano, é uma alegoria que se refere diretamente às mudanças de clima naqueles tempos remotos, quando as terras polares se converteram de zona glacial em uma região dotada de clima temperado e ameno. O usurpador das funções do Sol, Faetonte, projetado no Erídano pelos raios de Júpiter, é uma alusão à segunda mudança que ocorreu naquelas plagas, quando a terra, onde "florescia a magnólia", voltou a ser a região desolada e inóspita do extremo Norte e dos gelos eternos.. Esta alegoria abrange, portanto, os sucessos de dois Pralayas, e, se bem compreendida, deveria ser uma demonstração da imensa antiguidade das raças humanas.

(74) *Ilíada*, XVII, 431-453.

(75) *Ibid.*, 322-336.

(76) Veja-se Apolódoro quanto a este número.

(77) Veja-se nesta obra, vol. III: "Os Filhos de Deus e a Ilha Sagrada".

(78) Tão oculto e místico é um dos aspectos de Latona que ela reaparece até mesmo no *Apocalipse* (XII, 1), sob o aspecto da mulher vestida com o Sol (Apolo), tendo a Lua (Diana) sob os pés, e que, estando grávida, "sofria e gritava com as dores do parto, na ânsia de dar à luz". Um grande Dragão vermelho postava-se diante da mulher, pronto para devorar a criança. Ela dá ao mundo o homem-menino que devia governar todas as nações com o seu cetro de ferro, e que logo foi conduzido para o

lágrimas incessantes de Níobe, a qual, por causa de sua dor, Zeus transforma em uma fonte — a Atlântida coberta pelas águas —, é um símbolo não menos significativo. Níobe, convém recordar, é filha de uma das Plêiades, ou Atlântidas, e, conseqüentemente, neta de Atlas [79], porque representa as últimas gerações do Continente condenado.

É bem verdadeira a observação de Bailly, quando diz que a Atlântida exerceu enorme influência na antiguidade. Acrescenta ele:

"Se estes nomes mítimos não passam de alegorias, tudo o que há neles de verdade procede então da Atlântida; se a fábula é uma tradição real — ainda que alterada —, toda a história antiga é então a sua história." [80]

Tanto é assim que as velhas escrituras — em prosa ou em verso — estão cheias de reminiscências dos lêmuro-atlantes, as *primeiras* Raças físicas, embora fossem a Terceira e a Quarta na ordem de evolução da Quarta Ronda em nosso Globo. Hesíodo alude à tradição referente aos homens da Idade de Bronze, os quais Júpiter havia formado de madeira de freixo e que tinham corações mais duros que o diamante. Revestidos de bronze da cabeça aos pés, passavam a vida em combates. De tamanho descomunal, dotados de uma terrível força, de seus ombros saíam braços e mãos invencíveis, diz o poeta [81]. Tais eram os gigantes das primeiras Raças físicas.

---

trono de Deus — o Sol. A mulher foge para o deserto, sempre perseguida pelo Dragão, que, voando outra vez, lança água da boca, como uma torrente; mas vem a Terra em socorro da mulher e absorve a torrente; e foi o Dragão fazer guerra contra os demais da semente da mulher que guardam os mandamentos de Deus (veja-se o *Apocalipse*, XII, 1-17). Quem quer que leia a alegoria de Latona perseguida pela vingança da ciumenta Juno não poderá deixar de reconhecer a identidade das duas versões. Juno envia Píton, o Dragão, para perseguir e destruir Latona, e devorar o seu filho. Este último é Apolo, o Sol, pois o homem-menino do *Apocalipse*, "que devia governar todas as nações com um cetro de ferro", não é certamente o doce "Filho de Deus", Jesus, mas o Sol físico, "que governa todas as nações". O Dragão é o Pólo Norte, que vai pouco a pouco expulsando os primitivos lemurianos das terras que se tornavam cada vez mais hiperbóreas e impróprias a ser habitadas por aqueles que se estavam rapidamente convertendo em homens físicos, dadas as variações climáticas supervenientes. O Dragão não queria permitir que Latona "desse à luz", isto é: que o Sol aparecesse. "Ela é expulsa do Céu e não encontra lugar onde possa dar à luz", até que Netuno, o Oceano, compadecendo-se, imobiliza a ilha flutuante de Delos — a ninfa Astéria, até então oculta de Júpiter sob as ondas do Oceano —, para dar refúgio a Latona; e ali vem ao mundo o brilhante Deus Délio, o Deus que, tão logo aparece, mata Píton, o frio e o gelo das terras árticas, em cujos anéis letais toda vida se extingue. Em outras palavras: Latona-Lemúria transforma-se em Níobe-Atlântida, sobre a qual reina seu filho Apolo, ou o Sol — com um cetro de ferro, em verdade, pois que os atlantes *maldiziam* o seu excessivo calor, conforme o relato de Heródoto. A alegoria está reproduzida em seu outro sentido místico (outra das sete chaves) no capítulo do *Apocalipse* citado anteriormente. Latona converte-se realmente em uma deusa poderosa, e vê o seu filho objeto de culto (culto solar) em quase todos os templos da antiguidade. Em seu aspecto oculto, Apolo é o patrono do número sete. Nasceu no sétimo dia do mês, e os cisnes de Myorica nadam sete vezes ao redor de Delos, cantando o feito; e a lira do Deus tem sete cordas — os sete raios do Sol e as sete forças da Natureza. Mas tudo isto é apenas o sentido astronômico, ao passo que o sentido do que antes se mencionou é puramente geológico.

(79) Veja-se Ovídio, *Metamorfoses*, VI.

(80) *Lettres sur l'Atlantide*, pág. 137.

Os iranianos têm no *Yasna*, IX, 15, uma referência aos últimos atlantes. Reza a tradição que os "Filhos de Deus", ou Grandes Iniciados da Ilha Sagrada, se valeram do Dilúvio para libertar a Terra de todos os feiticeiros que havia entre os atlantes. No mesmo versículo Zaratustra é invocado como um dos "Filhos de Deus":

"Tu, ó Zaratustra, obrigaste todos os demônios [feiticeiros], que antes vagavam pelo mundo sob formas humanas, a se esconderem na terra" [Ajudaste a submergi-los.]

Os lemurianos, como também os primeiros atlantes(estavam divididos em duas classes distintas — os "Filhos da Noite" ou das Trevas, e os "Filhos do Sol" ou da Luz. Os livros antigos nos falam de terríveis batalhas entre uns e outros, quando os primeiros, deixando seu país de Trevas, de onde o Sol partira havia muitos meses, desceram de suas regiões inóspitas e "tentaram separar violentamente os Senhores de Luz" de seus irmãos menos favorecidos das zonas equatoriais. Poder-se-á objetar que os antigos nada sabiam sobre a longa noite de seis meses das regiões polares. Até mesmo Heródoto, mais instruído que os outros, só faz referência a um povo que dormia durante seis meses do ano e se mantinha acordado nos seis meses restantes. No entanto, sabiam muito bem os gregos que havia ao Norte um país em que o ano estava dividido em um dia e uma noite, de seis meses cada, conforme o diz claramente Plínio [82]. Falam eles dos Cimérios e dos Hiperbóreos, e fazem uma distinção entre os dois povos. Os primeiros habitavam o Palus Mæotis, entre 45 e 50 graus de latitude. Plutarco explica que eram só uma *pequena parte* de uma *grande nação* expulsa pelos Citas, nação que se deteve perto do Tanaís, depois de *haver atravessado a Ásia*.

"Aquelas multidões guerreiras viviam outrora em terras à beira do oceano, no meio de florestas densas e *sob um céu tenebroso*. Ali é quase a cabeça do pólo; ali *noites longas e dias longos dividem o ano*." [83]

Quanto ao shiperbóreos, são povos que, segundo a expressão de Solino Polyhistor,

"Semeiam pela manhã, fazem a colheita ao meio-dia; reúnem os frutos à tarde, e os armazenam em suas grutas durante a noite." [84]

Até os autores do *Zohar* conheciam aquele fato, pois está escrito:

"No Livro de Hammannunah, o Velho (ou o Ancião), lemos... que há na Terra alguns países que estão iluminados, enquanto outros estão na escuridão; estes têm dia quando é noite para aqueles; e há países onde é sempre dia, ou onde a noite não dura mais que alguns instantes." [85]

A ilha de Delos, a Astéria da mitologia grega, nunca foi situada na Grécia, porquanto este país não existia naquele tempo, nem sequer em sua

(81) Hesíodo, *Opera et Dies*, v. 143.
(82) *Hist. Nat.*, IV, 12.
(83) *Marius*.
(84) *Op. cit.*, C. 16.
(85) Isaac Meyer, *Qabbalah*, pág. 139.

forma molecular. Vários autores têm sustentado que se tratava de um país ou uma ilha muito maior que as pequenas porções de terra que vieram a formar a Grécia. Tanto Plínio como Deodoro da Sicília a colocam nos mares do Norte. Este último chama-a Basiléia, ou "Real" [86]; o outro, Plínio, dá-lhe o nome de Osericta [87], palavra que, segundo Rudbeck [88], tinha

"nas línguas nórdicas um significado equivalente a Ilha dos Reis Divinos, ou Deuses-Reis" —

ou ainda a "Ilha Real dos Deuses", porque lá haviam nascido os Deuses, isto é, as Dinastias Divinas dos Reis da Atlântida eram de lá originárias. Que os geógrafos e geólogos a procurarem entre o grupo de ilhas descoberto por Nordenskiold em sua viagem do "Vega" às regiões árticas [89]. Os Livros Secretos nos ensinam que *o clima mudou de uma vez naquelas regiões,* desde que os homens habitaram essas latitudes hoje quase inacessíveis. Eram um Paraíso antes de se converterem num Inferno; o tenebroso Hades dos gregos e o Reino Glacial das Sombras, onde a escandinava Hel, a Deusa-Rainha do país dos mortos, "reina nas profundezas do Helheim e no Niflheim". Foi, entretanto, o lugar em que nasceu Apolo, o mais brilhante dos Deuses do Céu — astronomicamente —, assim como o mais iluminado dos Reis Divinos que governaram as nações primitivas, no seu sentido humano. A *Ilíada,* fazendo expressa menção deste último fato, diz que Apolo apareceu quatro vezes em sua própria forma (como Deus das quatro Raças) e seis vezes em forma humana [90], isto é, associado às Dinastias Divinas dos primitivos lemurianos não separados.

Foram esses primeiros e misteriosos povos, seus países (que hoje são inabitáveis) e também o nome dado ao "homem", tanto morto como vivo, que proporcionaram oportunidade a que os ignorantes Padres da Igreja inventassem o Inferno, transformando em ardente calor o frio glacial daqueles sítios [91].

---

(86) Deod., II, 225.

(87) *Op. cit.,* XXXVII, 2.

(88) Vol. I, págs. 462-464.

(89) Estas ilhas foram encontradas "cobertas de restos fósseis de cavalos, ovelhas, bois, etc., entre gigantescos ossos de elefantes, mamutes, rinocerontes", etc. Se não havia homens sobre a Terra naquele tempo, "como é que se achavam cavalos e ovelhas em companhia dos enormes antediluvianos?", pergunta um Mestre em uma carta (*Budismo Esotérico,* página 70, 8.ª ed. inglesa). A resposta está acima, no texto.

(90) *Op. cit.,* IV, 239-262.

(91) Uma boa prova de que todos os Deuses, crenças religiosas e mitos vieram do Norte, que foi também o berço do homem *físico,* encontra-se em várias palavras sugestivas que tiveram origem entre as tribos do Norte e que ainda hoje são empregadas no sentido original; mas, embora em outros tempos todos os povos falassem "a mesma língua", os gregos e os latinos atribuíram significados diferentes a essas palavras. Uma delas é *mann, man,* um ser vivo, e *manes,* homens mortos. Os lapões ainda hoje chamam aos seus cadáveres *manee* (*Voyage de Renard em Laponie,* I, 184); *Manus* é o antepassado da raça alemã; o *Manu* indostânico, o ser pensante, derivado de *man,* assim como o *Menes* egípcio e *Minos,* o Rei de Creta, juiz das regiões infernais depois de sua morte — todos procedem da mesma palavra ou raiz.

É naturalmente evidente que nem os hiperbóreos, nem os cimérios, os arimaspes ou mesmo os citas — que os gregos conheciam e com os quais se comunicavam — foram os nossos atlantes, de cujas últimas rub-raças eram, porém, descendentes. Os pelasgos foram certamente uma das raças-raízes da Grécia futura, e o remanescente de uma sub-raça da Atlântida. Platão assim dá a entender quando a eles se refere, e está positivado que o nome vem de *pelagus*, o "grande mar". O Dilúvio de Noé é astronômico e alegórico, mas não é mítico; pois o relato se baseia na mesma tradição arcaica dos homens (ou melhor, das nações) que se salvaram, durante os cataclismos, em canoas, arcas e navios. Ninguém ousaria pretender que o Xisuthrus caldeu, o Vaivasvata hindu, o Peirun chinês — o "Amado dos Deuses", que escapou à inundação em uma canoa — ou o Belgamer sueco, por quem os Deuses fizeram o mesmo no Norte, sejam todos personagens idênticos; mas as respectivas lendas se originaram todas da catástrofe que abrangeu tanto o Continente como as ilhas da Atlântida.

A Alegoria sobre os gigantes antediluvianos e suas práticas de feitiçaria não é um mito. Em verdade, os acontecimentos bíblicos *são* revelados. Não, porém, pela voz de Deus entre os relâmpagos e trovões no Monte Sinai, nem por um dedo divino escrevendo os anais em tábuas de pedra; mas simplesmente por meio da tradição *oriunda* de fontes pagãs. Não era certamente o *Pentateuco* o que Deodoro repetia, ao escrever sobre os Titãs — os gigantes nascidos do Céu e da Terra, ou melhor, nascidos dos Filhos de Deus que tomaram por esposas as filhas dos homens que eram formosas. Ferécides tampouco citava o *Gênesis* quando dava minúcias a respeito desses gigantes, minúcias que não se encontram nas escrituras judias. Disse ele que os hiperbóreos pertenciam à Raça dos Titãs, raça que descendia dos primitivos gigantes, cujo berço fora essa mesma região hiperbórea. Os Comentários dos Livros Sagrados explicam que a referida região era o extremo Norte, as Terras Polares de hoje, o primeiro Continente Pré-Lemuriano, que naqueles tempos compreendia a Groenlândia, o Spitzberg, a Suécia, a Noruega, etc.

Quem eram, pois, os *Nephilim* do *Gênesis* (VI, 4)? Houve homens paleolíticos e neolíticos na Palestina, em idades anteriores aos acontecimentos registrados no Livro dos Princípios. A tradição teológica identifica os Nephilim com homens cobertos de pêlos ou sátiros, sendo estes últimos míticos na Quinta Raça, ao passo que os primeiros foram históricos tanto na Quarta como na Quinta Raça. Já esclarecemos em outra parte o que foram os protótipos destes sátiros, e falamos da bestialidade da Raça atlante em seus primórdios e em seu período final. Qual o significado dos amores de Posseidon sob tal variedade de formas *animais*? Transformou-se em um delfim para conquistar Anfitrite; em um cavalo para seduzir Ceres; em um carneiro para enganar Teofânia, etc. Posseidon não é só a personificação do Espírito da Raça da Atlântida, mas também a dos vícios destes gigantes. Gesênio e outros escritores ocupam-se largamente do significado da palavra Nephilim, e explicam muito pouco; mas os Anais Esotéricos mostram que essas criaturas cobertas de pêlos eram os últimos descendentes das

Raças lêmuro-atlantes que engendraram filhos com fêmeas de animais, de espécies há muito extintas, produzindo assim homens mudos, "monstros", conforme a expressão das Estâncias.

Pois bem: a Mitologia, baseada na *Teogonia* de Hesíodo, que não é senão uma exposição poética de tradições reais, ou de história oral, fala de três gigantes, Briareu, Coto e Giges, que viviam em um país tenebroso, onde Cronos os aprisionara por se terem rebelado contra ele. No mito, todos os três possuíam cem braços e cinqüenta cabeças; estas representavam as raças, e os braços as sub-raças e as tribos. Se se atentar em que na Mitologia quase todos os personagens são Deuses ou semideuses, e também reis e simples mortais em seu segundo aspecto [92], e em que se trata, em ambos os casos, de símbolos das terras, das ilhas, dos poderes da natureza, dos elementos, das nações, das raças e das sub-raças, compreender-se-á o Comentário Esotérico. Nele se diz que os três gigantes são três terras que mudaram de forma várias vezes, a cada novo cataclismo ou sempre que um Continente desaparecia para dar lugar a outros. Todo o Globo passa por convulsões periódicas, e já se verificaram quatro desde o aparecimento da Primeira Raça. Contudo, e não obstante *já* ter sido assim *transformada* a superfície da Terra em cada uma das vezes, a conformação dos Pólos Ártico e Antártico sofreu pouca alteração. As terras polares soldam-se umas às outras, ou se separam formando ilhas e penínsulas, mas permanecem sempre as mesmas. É por isso que a Ásia Setentrional é chamada "a Terra Eterna ou Perpétua", e a Antártida "a Sempre Vivente" e "a Escondida"; ao passo que as regiões do Mediterrâneo, do Atlântico, do Pacífico e outras desaparecem e reaparecem por turnos, abaixo e por cima das Grandes Águas.

Desde que primeiro surgiu o grande Continente da Lemúria, os três gigantes polares ficaram aprisionados em seu círculo por Cronos. Sua prisão está rodeada por um muro de bronze, e a saída efetua-se através de portas fabricadas por Posseidon — ou Netuno; isto é, por mares que eles não podem cruzar; e nessa região úmida, onde reinam trevas eternas, definham os três irmãos. A *Ilíada* aí localiza o Tártaro [93]. Quando os Deuses e os Titãs se revoltaram por sua vez contra Zeus — a divindade da Quarta Raça — o Pai dos Deuses lembrou-se dos gigantes aprisionados, que poderiam ajudá-lo a vencer os Deuses e os Titãs, e a precipitá-los no Hades; ou, em linguagem mais clara, a afundar a Lemúria, entre relâmpagos e trovões, no fundo dos mares, a fim de dar lugar à Atlântida, que também estava destinada a submergir e desaparecer [94]. O levantamento geológico e o dilúvio da Tessália foram uma repetição, em pequena escala, do grande cataclismo;

(92) Assim, por exemplo, Giges ou Gias é um monstro de cem braços e cinqüenta cabeças, um semideus segundo uma versão, e, segundo outra, um Lídio, sucessor de Candaule e rei do país. O mesmo se vê no Panteão indiano, onde os Rishis e os Filhos de Brahmâ renascem como simples mortais.

(93) *Op. cit.*, VIII, 13.

(94) Os continentes perecem pelo *fogo* e pela *água*, alternadamente: ora por terremotos e erupções vulcânicas, ora por submersão e em virtude de um grande deslocamento das águas. Os nossos continentes deverão perecer pela primeira espécie de cataclismos. Os constantes terremotos destes últimos anos podem ser um sinal.

e, por estarem impressos na memória dos gregos, estes os confundiram com o destino da Atlântida em geral. Assim também a guerra entre os Râkhasas de Lanka e os Bhâratas, o recontro dos atlantes e arianos no curso de sua luta suprema, ou o conflito entre os Devs e os Izeds ou Peris, converteram-se, muitos séculos depois, na luta dos Titãs, separados em dois campos inimigos, e, mais tarde ainda, na guerra entre os Anjos de Deus e os Anjos de Satã. Os fatos históricos transmudaram-se em dogmas teológicos. Escoliastas ambiciosos, homens de uma pequena sub-raça, nascida ontem, e um dos ramos mais recentes do tronco Ariano, empreenderam a tarefa de subverter o pensamento religioso do mundo, e o conseguiram. Durante cerca de dois mil anos impuseram à humanidade pensante a crença na existência de Satã.

Mais de um helenista, porém, se acha hoje convencido — como convencidos estavam Bailly e Voltaire — de que a *Teogonia* de Hesíodo tinha base em fatos históricos [95]. Torna-se, por isso, mais fácil aos Ensinamentos Ocultos abrir caminho até a mente dos homens pensadores. Esta a razão por que nos decidimos a incluir estas passagens da Mitologia, no presente Apêndice, para ilustrar a nossa discussão sobre o saber moderno.

Os símbolos que se vêem em todos os credos exotéricos são outros tantos sinais de verdades pré-históricas. A terra ensolarada e feliz, berço das primeiras raças humanas, tem sido, várias vezes, ora hiperbórea, ora "saturnina" [96]; mostrando assim a Idade de Ouro e o Reino de Saturno sob aspectos multiformes. Suas características apresentavam, realmente, vários aspectos: climáticos, etnológicos e morais. Porque a Terceira Raça, a lemuriana, deve ser dividida fisiologicamente em duas partes: a primeira, andrógina; a segunda, bissexual; e o clima de suas terras partilhava de uma primavera eterna e de um eterno inverno, vida e morte, pureza e impureza. O ciclo das lendas é incessantemente transformado pela imaginação popular. Pode-se, contudo, expurgá-lo da escória que foi aderindo em seu caminho através das nações e das inumeráveis mentes que fizeram acrescentar suas próprias e exuberantes elucubrações aos fatos originais.

Deixando de lado por um instante as interpretações gregas, podemos buscar outras e mais amplas corroborações nas provas científicas e geológicas.

---

(95) Veja-se *Mythologie de la Grèce Antique*, de Decharme.

(96) Denis, o geógrafo, nos diz que o grande mar situado no norte da Ásia era chamado Glacial ou Saturnino (V, 35). Orfeu (V, 1077) e Plínio (IV, 16) confirmam a informação, indicando que o segundo nome se deve aos gigantes que habitavam aquela região. E a Doutrina Secreta explica os dois assertos, dizendo que todos os continentes se formaram de Norte a Sul; e que, assim como a súbita mudança de clima fez diminuir de estatura a raça que ali havia nascido, detendo o crescimento, assim também, mais alguns graus para o Sul, causas diversas haviam sempre produzido os homens mais altos de cada nova humanidade ou raça. Ainda hoje se observa a mesma coisa. Os homens mais altos que se vêem atualmente são os dos países do Norte, enquanto que os mais baixos são os asiáticos do Sul — hindus, chineses, japoneses, e outros. Comparem-se os siques, de elevada estatura e habitantes do Pundjab, os afegãs, os noruegueses, os russos, os alemães do Norte, os escoceses e os ingleses com a média dos europeus continentais. Verifica-se também que os gigantes da Atlântida, e portanto os Titãs de Hesíodo, são todos homens do Norte.

SEÇÃO VII

PROVAS CIENTÍFICAS E GEOLÓGICAS DE VÁRIOS CONTINENTES SUBMERSOS

Não será demais — com vistas aos que entendem ser a tradição de uma Atlântida miocena perdida, um "mito ultrapassado" — acrescentar algumas admissões científicas sobre este ponto. Em verdade, a Ciência é quase indiferente em tais questões. Em todo caso, há cientistas que pensam ser mais filosófico um agnosticismo prudente, no tocante aos problemas geológicos que se referem ao remoto passado, que uma negativa *a priori*, ou mesmo generalizações precipitadas com base em dados incompletos.

Entretanto, podemos assinalar dois casos sobremodo interessantes, ocorridos recentemente, que "confirmam" certas passagens da carta de um Mestre publicada no *Budismo Esotérico*. A eminência das autoridades não será posta em dúvida (sublinhamos os tópicos que se correspondem):

I

Extrato do *Budismo Esotérico*, pág. 73, 8.ª edição inglesa.

"O afundamento da Atlântida (continente e ilhas) começou no período mioceno... alcançando seu ponto culminante com o desaparecimento final da parte maior do continente, *o que coincidiu com a elevação dos Alpes*, e terminando quando desapareceu a última das ilhas formosas mencionadas por Platão." [1]

I

Extrato de uma Conferência de W Pengelly, F. R. S., F. G. S.

"Teria existido, conforme alguns acreditaram, uma Atlântida, continente ou arquipélago de grandes ilhas, que ocupava a área do Atlântico Norte? Talvez nada haja de antifilosófico nesta hipótese. Pois, desde o momento em que os geólogos declaram que *'os Alpes adquiriram 4.000 pés, e em alguns sítios mais de 10.000, de sua presente altitude a partir do começo do período Eoceno'* (Lyell, *Principles*, pág. 256, 2.ª edição), *é possível que uma depressão pós-miocena tenha arrastado a hipotética Atlântida para o fundo de insondável abismo.*" [2]

(1) Veja-se também *The Mahâtmâ Letters to A. P. Sinnett*, pág. 155.

(2) Depois de havermos citado alguns exemplos de divagações da Ciência, é-nos particularmente grato registrar a concordância neste caso especial. Se a confrontarmos com o reconhecimento expresso pela Ciência (e a que nos referimos em outra parte) da ignorância dos geólogos no tocante à duração *aproximada* dos períodos, o seguinte

II

Extrato do *Budismo Esotérico*, pág. 67, 8.a edição inglesa.

"A Lemúria... não deve confundir-se com a Atlântida, assim como a Europa não se confunde com a América. Aqueles dois Continentes afundaram-se e desapareceram sob as águas, com sua alta civilização e seus deuses; entre ambas as catástrofes transcorreu um período de ... 700.000 anos. A Lemúria atingiu o seu apogeu e chegou ao seu fim mais ou menos na época que precedeu os primeiros tempos do período Eoceno, visto que a sua Raça foi a *Terceira*. Podem-se observar *os restos daquela que foi outrora uma grande nação em alguns aborígenes de cabeça achatada da Austrália.*" [3]

II

Extrato de um artigo da *Popular Science Review*, V, 18, pelo Prof. Seemann, Ph. D., F. L. S., V. — P. A. S.

"Seria prematuro afirmar, por não ter sido apresentada ainda nenhuma prova, *que o homem não existisse na idade Eocena*, especialmente porque se pode demonstrar que *uma raça de homens, a mais ínfima que se conhece, coexiste com os restos da flora Eocena que ainda sobrevivem no continente e nas ilhas da Austrália.*"

Extrato do *Pedigree of Man*, pág. 81.

"Hæckel, que admite inteiramente a realidade de uma Lemúria hoje desaparecida, considera também *os australianos como descendentes diretos dos lemurianos. Formas persistentes dos dois troncos [os seus troncos lemurianos]* sobrevivem ainda, segundo todas as probabilidades: do primeiro, nos papuas e nos hotentotes; do segundo, nos *australianos* e em uma das divisões dos malaios'."

Com respeito a uma civilização anterior, da qual *uma parte* desses australianos de baixa condição representa o último ramo sobrevivente, é sumamente sugestiva a opinião de Gerland. Comentando a religião e a mitologia das tribos, escreve ele:

"A condição atual dos australianos faz recordar que tiveram uma civilização mais adiantada. Em nenhum outro ponto esse fato aparece mais claramente provado que no domínio da religião. Parece que ainda se vislumbram os últimos e bruxuleantes clarões de um passado que brilhou... É de todo falso que entre os australianos não haja nenhum sinal de religião ou mitologia; mas a religião degenerou inteiramente." [4]

Quanto à opinião de Hæckel sobre a relação entre os australianos e os malaios, como dois ramos de um mesmo tronco, erra ele quando classifica os australianos com os demais. Os malaios e os papuas formam um grupo *mesclado*, resultante do cruzamento das sub-raças atlantes inferiores com a

---

trecho se mostrará altamente instrutivo: "Não podemos sequer indicar uma data *aproximada* para o período mais recente, em que o nosso hemisfério do Norte se cobriu de gelos. Segundo Mr. Wallace, essa época pode ter ocorrido há não mais de setenta mil anos, enquanto outros lhe atribuem uma antigüidade de duzentos mil anos pelo menos; e ainda outros há que aduzem fortes argumentos em apoio de que só um milhão de anos seriam suficientes para as mudanças que se verificaram após aquele acontecimento." (Fiske, *Cosmic Philosophy*, I, 394, ed. 1874.) O Professor Lefèbvre também nos apresenta sua estimativa, que é de cem mil anos. Está claro, pois, que, se a Ciência moderna se mostra incapaz de determinar a data de uma época tão relativamente recente como a do período Glaciário, lhe falece autoridade para infirmar a Cronologia Esotérica referente aos períodos das Raças e às idades geológicas.

(3) Veja-se também *The Mahâtmâ Letters*, pág. 155.

(4) Citado em *Doctrine of Descent and Darwinism, de Schmidt*, págs. 300-301.

sétima sub-raça da Terceira Raça-Raiz. Do mesmo modo que os hotentotes, descendem eles indiretamente dos lêmuro-atlantes. Um dos fenômenos mais significativos — para aqueles pensadores concretos que exigem uma prova *física* do Karma — é que as raças humanas mais inferiores se estão extinguindo rapidamente, o que se deve em grande parte à extraordinária esterilidade de que são tomadas as mulheres quando pela primeira vez entram em relações com os europeus. Efetua-se um processo de dizimação em todas as partes do Globo entre as raças "cuja hora soou"; precisamente naqueles grupos — observe-se bem — considerados pela Filosofia Esotérica como representantes senis de nações arcaicas desaparecidas. Não é exato dizer que a extinção de uma raça inferior seja *invariavelmente* devida às crueldades e abusos cometidos pelos colonizadores. A mudança de alimentação, a embriaguez, etc., contribuem em larga escala; mas os que têm semelhantes causas como uma explicação completa e suficiente para o enigma não podem enfrentar a acumulação maciça de fatos que ora se apresenta. O próprio materialista Lefèbvre declara:

"Nada há que possa salvar aqueles que terminaram o seu ciclo. Seria preciso prorrogar-lhes o destino... *Os povos mais relativamente preservados, os que se defendem com mais vigor, os havaianos e os maoris, não têm sido menos dizimados que as tribos exterminadas ou corrompidas pela intrusão européia.*" [5]

Exatamente; mas não é o fenômeno, aqui confirmado, um exemplo da operação da Lei Cíclica, dificilmente explicável pela dialética materialista? De onde procede o "ciclo do destino" e a ordem que aqui se menciona? Por que essa esterilidade (Karma) ataca e faz desaparecer certas raças, ao "chegar a sua hora"? A resposta de que ela se deve a um "descompasso mental" entre a raça colonizadora e a raça aborígene é claramente evasiva, porque está longe de explicar a "súbita interrupção da fertilidade" que tão freqüentemente acontece. A extinção dos autóctones havaianos, por exemplo, constitui um dos mais misteriosos problemas de nossa época. Cedo ou tarde a Etnologia terá que reconhecer, com os Ocultistas, que a verdadeira solução deve ser buscada através de uma perfeita compreensão do modo de operar do Karma. Segundo observa Lefèbvre,

"Aproxima-se o tempo em que não restarão mais do que três grandes tipos humanos."

Esse tempo virá antes da aurora da Sexta Raça-Raiz; os três tipos serão: o branco (arianos, Quinta Raça-Raiz), o amarelo e o negro africano — com seus cruzamentos (divisões atlante-européias). Os peles-vermelhas, os esquimós, os papuas, os australianos, os polinésios, etc., vão-se extinguindo pouco a pouco. Os que sabem que cada Raça-Raiz percorre uma escala de sete sub-raças, de sete ramos cada uma, compreenderão o "porquê". A maré montante dos Egos que reencarnam os vãos deixando para trás, a fim de colher experiência em grupos mais desenvolvidos e menos senis; de modo que sua extinção é uma necessidade kármica. De Quatrefages apresenta algu-

(5) *Philosophy Historical and Critical*, pág. 508.

mas estatísticas surpreendentes e *inexplicáveis* no tocante à extinção das raças [6]. É que nenhuma solução que não seja de caráter ocultista pode explicá-lo.

Estamo-nos, porém, afastando do nosso objetivo direto. Ouçamos agora o que diz o Professor Huxley sobre a questão dos continentes desaparecidos, no Atlântico e no Pacífico.

Eis o que escreve em *Nature*:

"Que eu saiba, não há nada, entre as provas biológicas ou geológicas de que hoje dispomos, que faça improvável a hipótese segundo a qual *uma área do fundo do Oceano Atlântico ou do Pacífico, tão grande quanto a Europa,* haja sido levantada à altura do Monte Branco, para depois baixar novamente em época posterior ao período Paleozóico — se houver razões bastantes para supô-lo." [7]

Quer dizer: nada há que se contraponha a uma prova *positiva* do fato; e, portanto, nada há contra os postulados geológicos da Filosofia Esotérica. O Doutor Berthold Seemann nos assegura, na *Popular Science Review* que:

"Os fatos que os botânicos reuniram para reconstituir os mapas perdidos do Globo são bem compreensíveis; e não recuaram eles ante a demonstração da existência, em tempos idos, de grandes extensões de terra firme em lugares hoje ocupados por vastos oceanos. Os muitos e surpreendentes pontos de contato entre a flora atual dos Estados Unidos e a da Ásia Oriental os induzem a supor que, durante o presente estado de coisas, já existira uma comunicação continental entre o Sudeste da Ásia e a América Ocidental. A singular correspondência entre a flora atual do Sul dos Estados Unidos e a flora linhita da Europa também os leva a crer que no período Mioceno a Europa e a América estavam ligadas por uma faixa de terra firme, de que a Islândia, Madeira e outras ilhas do Atlântico seriam remanescentes; numa palavra, que a história da Atlântida, contada a Sólon por um sacerdote egípcio, não é mera ficção, mas se apóia em sólida base histórica... A Europa do período Eoceno recebeu as plantas que se disseminaram sobre montanhas e planícies, vales e margens dos rios (geralmente da Ásia), não exclusivamente do Sul nem do Este. O Ocidente deu igualmente sua contribuição; e, se naquele período esta foi de pouca monta, mostra, em todo caso, que estava sendo construída a ponte que, em época posterior, devia facilitar de maneira tão notável a comunicação entre os dois continentes. Naquele tempo, algumas plantas do Continente ocidental principiaram a chegar à Europa através da Atlântida, que, segundo todas as probabilidades, começava [?] a elevar-se acima do Oceano." [8]

E em outro número da mesma revista [9] um artigo de Mr. W. Duppa Crotch, M. A., F. L. S., sob o título "The Norwegian Lemming and its Migrations" (O Coelho Norueguês e suas Migrações), alude ao mesmo assunto:

---

(6) *Human Species,* págs. 428 e seguintes.

(7) Artigo "The First Volume of the Publications of the Challenger", pág. 2, 4 de novembro de 1880.

(8) *Op. cit.*, artigo "Australia and Europe formely one Continent" (Austrália e Europa, antigamente um Continente), V, 19, 25. Incontestavelmente, é um fato e uma confirmação do conceito esotérico da Lemúria, que naqueles tempos não só abrangia uma considerável extensão do Oceano Índico e do Oceano Pacífico, mas também se estendia ao redor da África do Sul, no Atlântico-Norte. Sua parte atlântica converteu-se depois na base geológica da futura morada dos atlantes da Quarta Raça.

(9) *Ibid.*, I, 143.

"É provável que houvesse terra ali onde hoje se movem as ondas do imenso Atlântico? Todas as tradições o afirmam; os antigos anais egípcios mencionam a Atlântida, conforme nos dizem Estrabão e outros. E o próprio Saara representa o leito de um antigo mar; as conchas encontradas em sua superfície provam que, em tempos não mais remotos que os do período Mioceno, um mar se agitava sobre o que é agora um deserto. A viagem do "Challenger" comprovou a existência de três grandes cordilheiras [10] no Oceano Atlântico [11], uma das quais se estende por mais de três mil milhas, e espigões laterais, ligando-as entre si, podem explicar a maravilhosa semelhança das faunas das ilhas do Atlântico... [12]

O continente submerso da Lemúria, no lugar que é hoje o Oceano Índico, acredita-se que dê a explicação das muitas dificuldades suscitadas pela distribuição da vida orgânica; e creio que se há de reconhecer que a existência de uma *Atlântida Miocena* é capaz de elucidar questões de muito mais interesse [perfeitamente!] que a migração dos coelhos. Em todo caso, se for possível demonstrar que existiu terra firme, em eras passadas, onde agora o Atlântico-Norte agita suas ondas, ter-se-á encontrado não só a causa destas migrações, aparentemente suicidas, mas ainda uma prova colateral de que o que chamamos instinto não é senão a herança cega, e por vezes prejudicial, de uma experiência anteriormente adquirida."

Dizem que, em certas épocas, multidões daqueles animais se atiram no mar e vão nadando, até que perecem. Procedentes de todas as partes da Noruega, o poderoso instinto que neles sobrevive através das idades, como uma herança de seus progenitores, os impele a buscar um continente que existiu outrora, mas que agora jaz submerso no oceano, onde encontram o seu túmulo.

Em um artigo de crítica a *Island Life*, de Mr. A. R. Wallace, obra que trata principalmente da questão da distribuição dos animais, escreve Mr. Starkle Gardiner:

"Por um processo de raciocínio que se apóia numa extensa exposição de fatos de diferentes espécies, chega ele à conclusão de que a distribuição da vida sobre a terra, tal como a vemos hoje, se verificou sem ajuda de mudanças importantes na posição relativa dos continentes e dos mares. Contudo, se aceitarmos sua opinião, teremos de admitir que a Ásia e a África, Madagascar e a África, a Nova Zelândia e a Austrália, a Europa e a América, já estiveram unidas em alguma época não muito remota geologicamente, e que houve ligações sobre mares de uma profundidade de 1.000 braças; devemos, porém, considerar "puramente gratuita e absolutamente oposta a todas as provas de que dispomos" [!!] a suposição de que a Europa temperada e a América temperada, a Austrália e a América do Sul, estivessem alguma vez unidas, exceto pelas vias do Círculo Polar Ártico ou Antártico, e de que terras agora separadas por mares de mais de 1.000 braças de profundidade já estivessem também interligadas.

---

(10) Veja-se o relatório publicado sobre a expedição do "Challenger"; e também *Atlantis*, de Donnelly, págs. 468 e 46-56, cap. "The Testimony of the Sea".

(11) Até o cauteloso Lefèbvre fala da existência de homens Terciários em "países, ilhas e continentes que então floresciam e depois foram submergidos"; e noutro lugar refere-se a "uma possível Atlântida", para explicar fatos etnológicos (*Philosophy Historical and Critical*, págs. 478 e 504). Mr. Donnelly observa com rara intuição que "a civilização moderna é atlante... A faculdade inventiva da era presente toma a si, por delegação, a grande obra da criação, no ponto em que a deixou a Atlântida milênios atrás" (*Atlantis*, pág. 177, 24.ª ed.). Também atribui a origem da cultura à época Miocena. Deve-se, porém, buscá-la nos ensinamentos dados aos homens da Terceira Raça pelos seus Reis Divinos, em uma idade remotíssima.

(12) Uma semelhança igualmente "curiosa" pode ver-se entre as faunas das Índias Ocidentais e a da África.

Há de convir-se que Mr. Wallace conseguiu explicar as características principais da distribuição da vida atual sem necessidade de um traço de união entre as costas do Atlântico ou as do Pacífico, salvo através dos Pólos; apesar disso, não posso deixar de pensar que *alguns fatos seriam mais facilmente explicáveis admitindo-se a existência* anterior de uma ligação entre a costa do Chile e a Polinésia [13] e entre a Grã-Bretanha e a Flórida, ligação de que constituem indícios os bancos submarinos que se estendem entre uma e outra dessas regiões. Nada se argúi contra a possibilidade de tais relações mais diretas, e não existe nenhuma razão de ordem física que impeça a elevação do leito do oceano, qualquer que seja a profundidade. A rota que se supõe [de acordo com as hipóteses anti-Atlântida e anti-Lemúria de Wallace] terem seguido as floras da América do Sul e da Austrália, para se fundirem, está semeada de obstáculos quase insuperáveis; e a chegada aparentemente repentina de um número de plantas subtropicais americanas em nossas floras Eocenas necessita de um traço de união mais ao sul da linha atual de 1.000 braças; e *não há razão para que, uma vez posta em ação uma força elevadora no centro de um oceano, ela cesse de atuar antes que se forme um continente.* A ação de tais forças tem levantado acima das águas, em tempos geológicos relativamente recentes, as montanhas mais altas da terra. O próprio Mr. Wallace admite repetidamente que o fundo dos mares se alteou de 1.000 braças, e que ilhas têm emergido de uma profundidade de 3.000 braças; e a suposição de que as forças elevadoras têm poder limitado creio que é, servindo-me da expressão de *Island Life*, "puramente gratuita e absolutamente oposta a todas as provas de que dispomos" [14].

O "pai" da Geologia inglesa, Sir Charles Lyell, era partidário da uniformidade, em suas opiniões sobre a formação continental. Vejamos o que ele diz:

"Os professores Unger (*Die Versunkene Inset Atlantis*) e Heer (*Flora Tertiaria Helvetiæ*) defenderam com fundamentos botânicos *a existência anterior de um Continente Atlântico durante uma parte do período Terciário*, por oferecer a única explicação plausível que se pode imaginar da analogia entre a flor miocena da Europa Central e a flora atual da América Oriental. Por outro lado, o Professor Oliver, depois de mostrar quantos dos tipos americanos, descobertos na Europa em estado fóssil, são comuns ao Japão, inclina-se pela teoria, que o Dr. Ase Gray foi o primeiro a formular, de que a emigração das espécies, a que se deve a comunidade de tipos na flora dos Estados orientais da América do Norte e na flora miocena da Europa, ocorreu quando havia uma comunicação por terra da América com a Ásia Ocidental, entre os paralelos quinze e dezesseis de latitude, ou seja, ao sul do estreito de Behring, seguindo a direção das ilhas Aleutas. Deste modo podiam elas ter aberto caminho, em qualquer época, fosse Miocena, Pliocena ou pós-Pliocena, antes do período Glaciário, para o território de Amur, na costa oriental da Ásia do Norte." [15]

As dificuldades e complicações inúteis de que aí se lança mão, a fim de evitar a hipótese de um Continente Atlântico, são demasiado transparentes para que passem despercebidas. *Se as provas botânicas fossem as únicas*, o ceticismo seria em parte razoável; mas, no caso, todos os ramos da Ciência convergem para um mesmo ponto. A Ciência tem incorrido em grandes erros, e expõe-se a outros ainda maiores, não admitindo a existência de nossos dois Continentes agora invisíveis. Tem negado até o que é inegável, desde o tempo do matemático Laplace aos nossos dias, e isto faz apenas

(13) A parte do Pacífico do gigantesco continente da Lemúria, batizado "Pacificus" pelo Dr. Carter Blake, o antropólogo.

(14) "Subsidence and Elevation", *Geological Magazine*, págs. 241-245, junho de 1881.

(15) *Antiquity of Man*, pág. 492.

alguns anos [16]. Cabe-nos invocar a autoridade do Professor Huxley, quando diz que nada há de improvável *a priori* quanto a possíveis provas em apoio desta crença. Agora, porém, que *se apresentam provas positivas*, estará disposto o eminente homem de ciência a admitir o corolário?

Atacando o problema de outro ângulo, Sir Charles Lyell nos diz:

"Em relação à cosmogonia dos sacerdotes egípcios, recolhemos muitas informações de escritores de seitas gregas, que tomaram quase todas as suas doutrinas do Egito, e entre outras a da destruição e renovação sucessivas do mundo [catástrofes *continentais*, não cósmicas] [17]. Sabemos por Plutarco que era este o tema de um dos hinos de Orfeu, tão celebrado nos tempos fabulosos da Grécia. Ele o trouxera das margens do Nilo; e vemos em seus versos, tal como nos sistemas indianos, que se atribui um período definido à duração de cada um dos mundos sucessivos [18]. Os retornos das grandes catástrofes eram determinados pelo período do Annus Magnus, ou grande ano, ciclo composto das revoluções do Sol, da Lua e dos planetas, e que termina quando todos eles voltam a encontrar-se juntos no mesmo signo de onde se supõe que partiram em alguma época remota... Sabemos, principalmente pelo *Timæus* de Platão, que os egípcios acreditavam estar o mundo sujeito a conflagrações e dilúvios ocasionais. A seita dos estóicos adotou por completo o sistema das catástrofes destinadas em determinados intervalos a destruir o mundo. Estas, diziam eles, eram de duas classes: o cataclismo, ou destruição pelo *dilúvio*, que varre inteiramente a raça humana e aniquila toda a produção animal e vegetal da natureza, e a *ecpyrosis*, ou *conflagração*, que destrói o próprio globo [vulcões submarinos]. Dos egípcios importaram a doutrina do aviltamento gradual do homem desde que se afastou do estado de inocência [simplicidade nascente das primeiras sub-raças de cada Raça-Raiz]. No fim de cada era os deuses já não podiam suportar a maldade dos homens [degenerescência pela prática da magia e animalidade grosseira dos atlantes], e um entrechoque dos elementos ou um dilúvio os aniquilava; depois de tal calamidade, Astréia voltava a descer à Terra para fazer renascer a Idade de Ouro [aurora de uma nova Raça-Raiz]." [19]

Astréia, Deusa da Justiça, é a última das divindades que abandona a Terra, quando os Deuses se retiram e são *de novo levados ao Céu por Júpiter*. Mas, assim que Zeus afasta da Terra Ganimedes — a personificação da *concupiscência* — o Pai dos Deuses lança outra vez Astréia sobre a Terra, onde ela cai *de cabeça*. Astréia é Virgo, a constelação do Zodíaco. Astronomicamente tem um significado mui claro, e que dá a chave do sentido oculto. É, porém, inseparável de Leo, o signo que a precede; e das Plêiades e suas irmãs as Híades, das quais Aldebaran é o brilhante chefe. Todas estas se acham relacionadas com as renovações periódicas da Terra,

---

(16) Quando Howard leu perante a Sociedade Real de Londres um relatório das primeiras investigações sérias que se fizeram sobre os aerólitos, o naturalista genebrês Pictet, que esteve presente, comunicou à Academia Francesa de Ciências, quando regressou a Paris, os fatos ali expostos. Mas foi imediatamente interrompido pelo grande astrônomo Laplace, que gritou: "Pare! Já temos o suficiente quanto a essas *fábulas*, e sabemos tudo sobre elas", o que sobremodo magoou Pictet. Os raios de forma globular, ou centelhas, só foram admitidos pela Ciência depois que Arago demonstrou a sua existência. De Rochat diz (*Forces Non-definies*, pág. 4): "Todos se recordam da desventura do Dr. Bouillaud na Academia de Medicina, quando declarou que o fonógrafo de Edison não passava de um *truque de ventríloquos*!"

(17) *Mythologie Egyptienne*, de Pritchard, páginas 177, 182, 193.

(18) Plutarco, *De Defectu Oraculorum*, cap. XII.

(19) *Principles of Geology*, I, 9, 10.

no que diz respeito aos seus continentes; inclusive o próprio Ganimedes, cujo nome astronômico é Aquarius. Já foi dito que, enquanto o Pólo Sul é o "Abismo" (ou as regiões infernais, em sentido figurado e cosmológico), o Pólo Norte é, geograficamente, o primeiro Continente; mas, em sentido astronômico e metafórico, o Pólo Celeste, com sua Estrela Polar no Céu, é Meru, ou o Assento de Brahma, o Trono de Júpiter, etc. Isso porque, na época em que se diz que os Deuses abandonaram a Terra para subir ao Céu, a eclítica estava em paralelo com o meridiano, e parte do Zodíaco parecia descer do Pólo Norte para o horizonte-norte. Aldebaran achava-se então em conjunção com o Sol, como acontecera há 40.000 anos, por ocasião da grande festividade comemorativa do Annus Magnus a que se referiu Plutarco. Desde aquele ano — há 40.000 anos — verificou-se um movimento retrógrado do equador, e há cerca de 31.000 anos Aldebaran estava em conjunção com o ponto equinocial da primavera. O papel atribuído a Tauro, inclusive no Misticismo Cristão, é por demais conhecido, dispensando qualquer referência. O famoso Hino de Orfeu, sobre o grande cataclismo periódico, deixa claro todo o sentido esotérico do acontecimento. Plutão, no Abismo, arrebata Eurídice, picada pela Serpente Polar. Então Leo, o Leão, é vencido. Ora, quando o Leão "está no Abismo", ou sob o Pólo Sul, Virgo, o signo imediato *o acompanha; e, quando ela se acha por baixo do horizonte-sul, desde a* cabeça até a cintura, aparece *invertida.* Por outra parte, as Híades são a constelação da chuva ou do *Dilúvio;* e Aldebaran — o que segue ou *sucede* às filhas de Atlas, as Plêiades — olha para baixo através do olho de Tauro. Partindo deste ponto da eclítica é que foram iniciados os cálculos do novo ciclo. Deve ainda o estudante ter presente que, quando Ganimedes (Aquarius) se eleva no céu ou acima do horizonte do Pólo Norte, Virgo ou Astréia, que é Vênus-Lúcifer, desce de cabeça para baixo no horizonte do Pólo Sul, ou no Abismo — *Abismo,* ou Pólo, que é também o Grande Dragão ou o Dilúvio. Que o estudante exercite sua intuição, associando estes fatos; nada mais se pode dizer. Observa Lyell:

"A relação entre a doutrina das catástrofes sucessivas e as repetidas degenerescências do caráter moral da raça humana é mais íntima e natural do que à primeira vista se pode imaginar. Pois, quando prevalece um estado social inculto, todas as calamidades são consideradas pelo povo como castigos de Deus, provocados pela maldade dos homens... Do mesmo modo, no relato feito a Sólon pelos sacerdotes egípcios sobre a submersão da ilha da Atlântida nas águas do oceano, após os repetidos abalos de um terremoto, vemos que *o fato aconteceu por haver Júpiter presenciado a depravação moral dos habitantes.*" [20]

De todo exato; mas também não é certo que todas as verdades Esotéricas eram apresentadas ao público, pelos Iniciados dos templos, *sob a forma de alegorias?* "Júpiter" é a personificação daquela imutável Lei Cíclica que detém a tendência de cada Raça-Raiz a cair depois de haver alcançado o zênite de sua glória [21]. Temos que admitir o ensinamento alegórico, a não

(20) *Ibid.*

(21) A Lei Cíclica da Evolução das Raças é muito mal acolhida pelos homens de ciência. Basta a simples menção de uma "civilização primitiva" para excitar a fúria dos darwinistas; pois, é claro, quanto mais recuarem no passado a cultura e a ciência,

ser que nos filiemos à opinião singularmente dogmática do Professor John Fiske, de que o mito

"... é uma explicação dada pela mente inculta a algum fenômeno natural; não é uma alegoria nem um símbolo esotérico; em vão se desgasta o engenho [!!] que procura ver nos mitos os restos de uma requintada ciência primitiva — o que é só uma explicação, e nada mais. Os homens primitivos não tinham nenhuma ciência profunda que perturbar por meio de alegorias" — [como é que sabe, Mr. Fiske?] — "e nem eram tão pedantes para falar por enigmas, quando podiam alcançar o objetivo usando de linguagem clara." [22]

Ousamos dizer que a linguagem dos povos iniciados era muito mais "clara", e sua Ciência-Filosofia bem mais compreensível e satisfatória, assim para as necessidades físicas como para as *espirituais* do homem, que a terminologia e o sistema elaborados pelo mestre de Mr. Fiske: Herbert Spencer. Qual é, porém, a "explicação" de Sir Charles Lyell para o "mito"? Certamente que ele de modo algum advoga a idéia da origem "astronômica", como pretendem certos escritores.

Há completa divergência entre os dois intérpretes. A solução de Lyell é a seguinte: Não acreditando em transformações produzidas por cataclismos, pela ausência (?) de dados históricos merecedores de fé, e em razão de sua acentuada preferência pelo conceito de uniformidade das mudanças geológicas [23], eis como ele procura explicar a "tradição" da Atlântida:

1.º As tribos bárbaras associam as catástrofes a um Deus vingador, que pune as raças imorais.

2.º Daí resulta que as novas raças, em sua fase inicial, sejam logicamente virtuosas.

---

tanto mais se torna precária a base da teoria da origem simiesca do homem. Mas, como diz Jacolliot: "Seja o que for que haja no fundo dessas tradições [continentes submersos, etc.], e qualquer que tenha sido o lugar em que florescia uma civilização mais antiga que as de Roma, Grécia e Índia, certo é que tal civilização existiu, e é da maior importância para a Ciência achar-lhe os vestígios, por mais débeis e fugidios que sejam." (*Histoire des Vierges; les Peuples et les Continents Disparus*, pág. 15.) Donnelly provou o fato com premissas mais claras; os evolucionistas, porém, não querem saber disso. Uma civilização *miocena* joga por terra a teoria da "idade universal da Pedra" e a do progresso *contínuo* do homem a partir do estado animal. E no entanto o caso do Egito, pelo menos, vai de encontro às hipóteses correntes. Ali não há "idade de Pedra" visível, mas uma admirável civilização, que sobe de ponto à medida que as nossas perquirições mais se aprofundam no seu remoto passado.

(22) *Myths and Myth-Makers*, pág. 21.

(23) Os anais da maioria das nações, senão de todas, registraram a ocorrência de violentos cataclismos menores e terremotos colossais. As forças que levantam e submergem continentes sempre estiveram atuantes. Toda a costa da América do Sul se elevou de 10 a 15 pés e voltou a baixar no espaço de uma hora. Huxley demonstrou que as Ilhas Britânicas já quatro vezes estiveram sob o oceano, subindo e povoando-se outras tantas. Os Alpes, os Himalaias e todas as cordilheiras foram o resultado de depósitos acumulados no fundo dos mares e erguidos por forças titânicas à altura atual. O Saara era o leito de um mar mioceno. Durante os últimos cinco ou seis mil anos, as costas da Suécia, Dinamarca e Noruega foram levantadas de 200 a 600 pés. Na Escócia há praias elevadas com dunas e rochas isoladas em derredor, que dominam a orla hoje minada pelas vorazes ondas. O Norte da Europa continua ainda a erguer-se acima do mar, e a

3.º A fonte primitiva do fundamento geológico da tradição foi a Ásia, continente sujeito a violentos tremores de terra. Histórias exageradas eram, assim, transmitidas de geração em geração através dos séculos.

4.º O Egito, embora livre de terremotos, fez basear seus notáveis conhecimentos de geologia nessas mesmas tradições de cataclismos.

Uma "explicação" engenhosa, como soem ser todas as da espécie! Mas provar uma coisa negativa é sabidamente uma tarefa difícil. Os estudantes da Ciência Esotérica, que conhecem quais eram realmente os recursos de que dispunham os sacerdotes egípcios, não necessitam de tão cerebrinas hipóteses. Demais, se um teórico de imaginação fértil pode sempre encontrar *uma solução razoável para os problemas que, em um ramo da Ciência*, parecem exigir a hipótese de mudanças periódicas por meio de cataclismos sobre a superfície do nosso planeta, o crítico imparcial, não especialista, há de reconhecer que é imensamente difícil relegar as provas acumuladas — provas arqueológicas, etnológicas, geológicas, tradicionais, botânicas e até biológicas — quanto à existência de antigos continentes que submergiram. Quando cada Ciência luta por sua própria conta, perde-se quase invariavelmente de vista a força acumulativa da prova.

Em *The Theosophist* escrevemos:

"Temos o testemunho das mais antigas tradições de povos diversos e mui distanciados entre si: as lendas da Índia, da Grécia antiga, de Madagascar, Sumatra, Java, a de todas as ilhas principais da Polinésia, assim como as lendas das duas Américas. Os selvagens e as tradições da literatura mais rica do mundo — a literatura sânscrita da Índia — são unânimes em asseverar que existiu há tempos, no Oceano Pacífico, um grande continente, que foi tragado pelo mar [24] em uma convulsão geológica [Lemúria]. E é nossa firme convicção... que a maior parte das ilhas, senão todas elas, desde o arquipélago malaio à Polinésia, são fragmentos daquele imenso continente submerso. Tanto Malaca como a Polinésia, situadas nos dois extremos do Oceano, e que, quanto o registre a memória do homem, nunca tiveram nem podiam ter relações entre si, nem sequer conhecimento uma da outra, conservam, não obstante, a tradição, comum a todas as ilhas e ilhotas, de que os seus respectivos territórios se estendiam antigamente até muito longe no mar, e de que no mundo não havia mais que dois grandes continentes, um *habitado por homens amarelos e outro por homens negros. Como castigo de suas* intermináveis lutas, tragou-os o Oceano, por ordem dos Deuses.

Apesar do fato geográfico de que a Nova Zelândia, as ilhas Sandwich e as de Páscoa se acham a uma distância de 800 a 1.300 léguas entre si; apesar de que — segundo todos os testemunhos — nenhuma delas, inclusive também as ilhas inter-

---

América do Sul apresenta o fenômeno de costas elevadas, numa extensão de mais de 1.000 milhas, variando a altura hoje entre 100 e 1.000 pés sobre o nível do mar. Por outro lado, a costa da Groenlândia vem-se afundando rapidamente, tanto que os seus habitantes evitam construir nas cercanias do mar. Todos estes fenômenos são certos. Por que, pois, *em lugar destas mudanças graduais, não podia ter havido um violento* cataclismo em épocas remotas, quando em nossos dias vemos ocorrerem catástrofes semelhantes, em menor escala, de que é exemplo o caso da Ilha de Sonda com a destruição de 80.000 malaios?

(24) Acerca da opinião de Jacolliot, após longas viagens através das ilhas da Polinésia, e das provas que apresenta de um grande cataclismo geológico sucedido antigamente no Oceano Pacífico, veja-se a sua *Histoire des Vierges; Peuples et Continents Disparus*, pág. 308.

mediárias, como as Marquesas, as da Sociedade, Fiji, Taiti, Samoa, etc., pudesse comunicar-se uma com as outras antes da chegada dos europeus, porque não era ali conhecida a bússola; apesar disso, os habitantes de cada uma e de todas sustentam que seus respectivos países se estendiam muito além para o Ocidente, do lado da Ásia.

Ademais, todos falam, com ligeiras diferenças, dialetos que promanam evidentemente do mesmo idioma; entendem-se com relativa facilidade; têm crenças religiosas e superstições idênticas, e quase os mesmos costumes.

E, como a maior parte das ilhas polinésias só faz um século que foram descobertas, sendo o próprio Oceano Pacífico desconhecido dos europeus até a época de Cristóvão Colombo; e porque não tenham aqueles insulares cessado de repetir sempre as velhas tradições, desde que os europeus pisaram aquelas terras pela primeira vez, parece-nos de todo em todo lógico que a nossa teoria esteja mais próxima da verdade que outra qualquer. O acaso teria que mudar de nome e de significação, se tudo isso fosse devido ao acaso." [25]

O Professor Schmidt, defendendo a hipótese da existência passada da Lemúria, escreve:

"Há uma grande série de fatos, relacionados com a geografia e com os animais, que só se explicam pela hipótese da existência anterior de um Continente Meridional, de que a Austrália é um remanescente... [A distribuição das espécies] indica que a terra desaparecida do Sul teria sido também o país de onde se originaram os makis de Madagascar." [26]

Mr. A. R. Wallace, em seu livro *Malay Archipelago*, chega a esta conclusão, depois de passar em revista as provas disponíveis:

"A conclusão que devemos tirar destes fatos é, incontestavelmente, que todas as ilhas situadas a leste de Java e Bornéu constituem a parte essencial de um continente anterior, Australiano ou Pacífico, ainda que algumas talvez não estivessem unidas a ele. Tal continente deve ter-se feito em pedaços, antes que as Ilhas Ocidentais se separassem da Ásia, e também, provavelmente, antes que a parte extrema do sudeste da Ásia se elevasse sobre as águas do Oceano, tendo em vista que, conforme se admite, uma boa porção de Bornéu e Java é de formação geográfica muito recente." [27]

Segundo Hæckel:

"É provável que a Ásia Meridional não fosse o primeiro berço da raça humana, e sim a Lemúria, continente que ficava ao Sul da Ásia, e que submergiu mais tarde nas águas do Oceano Índico." [28]

Em certo sentido Hæckel tem razão, no tocante à Lemúria, "berço da raça humana". *Foi* nesse Continente que habitou o primeiro grupo humano *físico* — os Homens do fim da Terceira Raça. Anteriormente a essa época, as Raças estavam muito menos consolidadas, e tinham uma estrutura fisiológica inteiramente diversa. Hæckel estende a Lemúria desde as *ilhas da Sonda até a África, e de Madagascar para leste até a Índia Superior.*

---

(25) Agosto de 1880, pág. 279.
(26) *Doctrine of Descent and Darwinism*, págs. 236 e 237. Veja-se também a longa argumentação constante das págs. 231 a 235, sobre o mesmo assunto.
(27) *Op. cit.*, I, 22-23, ed. 1869.
(28) *Pedigree of Man*, pág. 73.

O eminente paleontólogo Professor Rütimeyer diz:

"Quanto à suposição de que marsupiais quase exclusivamente herbívoros e insetívoros, preguiças, tatus, tamanduás e avestruzes tiveram outrora um verdadeiro ponto de concentração num Continente Meridional, cujos vestígios estariam representados pela flora atual da Terra do Fogo e da Austrália, pode-se classificar de inverossímil tal hipótese no momento em que Heer reconstitui aos nossos olhos, dos respectivos restos fósseis, as antigas florestas do Estreito de Smith e do Spitzberg?" [29]

E agora, que já examinamos, em linhas gerais, a atitude da Ciência sobre as duas questões, cremos que seria interessante darmos um resumo dos fatos isolados de maior relevo, que depõem a favor da tese fundamental dos etnólogos esoteristas: a realidade da Atlântida. A da Lemúria é tão largamente aceita que nos parece escusado levar mais longe a sua discussão. Mas, no que toca à Atlântida, vemos que:

1.º As floras miocenas da Europa apresentam as mais surpreendentes e numerosas analogias com as floras dos Estados Unidos. Nas florestas da Virgínia e da Flórida existem magnólias, tulipas, azinheiras, plátanos, etc., que correspondem, ponto por ponto, à flora Terciária européia. Como se teria efetuado a emigração, se excluirmos a hipótese de um Continente Atlântico que formasse uma ponte de comunicação entre a América e a Europa? A "explicação" proposta, de que as mudas teriam viajado através da Ásia e das Ilhas Aleutas, não passa de suposição gratuita, que evidentemente cai por terra ante o fato de que a maior parte desta flora só aparece a *Leste* das Montanhas Rochosas. Isso também infirma a idéia de uma emigração transpacífica. Fala-se atualmente em continentes europeus e em ilhas que estariam situadas ao Norte.

2.º Crânios desenterrados nas margens do Danúbio têm uma *notável semelhança* com os dos caribes e dos antigos peruanos (Littré). E na América Central foram descobertos monumentos em que figuram cabeças e caras de *negros*. Como explicar estes fatos, senão pela teoria de uma Atlântida? O que é hoje o Noroeste da África já foi outrora ligado à Atlântida por uma rede de ilhas, das quais muito poucas subsistem.

3.º Segundo Farrar, o "idioma *singular*" dos Bascos não tem afinidade com nenhuma outra língua européia [30], e sim com

"as línguas aborígenes do grande continente oposto [a América], e só com estas" [31].

O Professor Broca é da mesma opinião.

---

(29) Citado em *Doctrine of Descent and Darwinism*, de Schmidt, pág. 238.

(30) Para maiores informações sobre o isolamento dos bascos e seu parentesco etnológico, veja-se *Man before Metals*, de Joly, pág. 316. B. Davis inclina-se a admitir, partindo de um exame dos crânios dos guanchos das Ilhas Canárias e dos bascos modernos, que uns e outros pertencem a uma raça peculiar daquelas *antigas ilhas*, de que são as Canárias tudo o que resta! É um passo diante, em verdade. De Quatrefages e Hamy atribuem também *um só tipo* aos homens de Cro-Magnon, do Sul da França, e aos guanchos — proposição que traz implícito certo corolário que ambos os autores não desejam aceitar.

O homem paleolítico europeu dos tempos miocenos e pliocenos foi um atlante puro, conforme dissemos antes. Os Bascos, naturalmente, datam de época posterior; mas suas afinidades, já o mostramos aqui, representam uma contribuição valiosa no sentido de provar a procedência original de seus remotos antepassados. A "misteriosa" afinidade entre a sua língua e a das raças drávidas da Índia será entendida pelos que acompanharam a nossa súmula das formações e mudanças continentais.

4.° *Nas Ilhas Canárias foram encontradas pedras com signos esculpidos semelhantes aos descobertos nas margens do Lago Superior.* Esta prova levou Berthollet a pressupor a unidade de raça dos homens primitivos das Ilhas Canárias e da América [32].

Os Guanchos das Ilhas Canárias eram descendentes em linha reta dos Atlantes. Este fato explica a *elevada estatura* que apresentam seus antigos esqueletos, bem como os de seus congêneres europeus, os homens paleolíticos de Cro-Magnon.

5.° Todo marujo experiente que navegue no insondável oceano ao largo das Ilhas Canárias há de perguntar a si mesmo quando e como se formou este grupo de pequenas ilhas vulcânicas e rochosas, rodeadas de todos os lados por aquela vasta extensão de água. Muitas indagações desse gênero deram ensejo à expedição do famoso Leopoldo von Buch, no primeiro quartel do presente século (XIX). Alguns geólogos sustentam que as ilhas vulcânicas subiram diretamente do fundo do oceano, cuja profundidade na vizinhança imediata das ilhas varia de 6.000 a 18.000 pés. Outros propendem a ver nestes grupos — inclusive a Madeira, os Açores e as Ilhas de Cabo Verde — os restos de um gigantesco continente submerso, que outrora ligava a África à América. Estes últimos homens de ciência apoiavam sua hipótese em uma soma de provas recolhidas dos velhos "mitos". "Superstições" antigas, como a mirífica Atlântida de Platão, o Jardim das Hespérides, Atlas sustentando o mundo sobre os ombros, mitos que se relacionam todos com o Pico de Tenerife, não encontraram boa acolhida por parte da Ciência céptica. A identidade das espécies animais e vegetais, mostrando a existência anterior de uma comunicação entre a América e o grupo de ilhas que ainda subsistem, teve um melhor tratamento — pois a hipótese de haverem sido arrastadas pelas ondas, no Novo Mundo ao Antigo, era demasiado absurda para se manter por muito tempo. Só recentemente, porém, e muitos anos depois de publicado o livro de Donnelly, é que a teoria veio a ter mais probabilidades de se converter em um fato aceito. *Os fósseis descobertos na costa oriental da América do Sul provou-se agora que pertencem às formações jurássicas, sendo quase idênticos aos fósseis jurássicos da Europa ocidental e da África do Norte. A estrutura geológica de ambas as costas é também quase a mesma;* sendo muito grande a semelhança entre os pequenos animais marinhos que vivem nas águas menos profundas da América do Sul, da África Ocidental e das costas do sul da Europa. Todos estes fatos concorrem para convencer

(31) *Families of Speech.*
(32) Veja-se Benjamin: *The Atlantic Islands*, página 130.

os naturalistas de que existiu, em idades pré-históricas remotas, um continente que se estendia, através do Oceano Atlântico, desde a costa da Venezuela até as Ilhas Canárias e a África do Norte, e de Terra-Nova até perto da costa da França.

6.º A grande semelhança entre os fósseis jurássicos da América do Sul e os da África do Norte e da Europa ocidental é um fato bastante surpreendente por si mesmo, e que não encontra explicação, a não ser com uma Atlântida que servisse de ponte de comunicação entre os dois lados do Oceano. E por que *há também uma semelhança tão acentuada entre a fauna das (hoje) solitárias ilhas do Atlântico?* Por que os espécimes da fauna brasileira, apanhados por Sir C. Wyville Thompson, se parecem com os da Europa ocidental? Por que a semelhança entre tantos grupos animais da África Ocidental e das Índias Ocidentais? Por outra parte:

"Quando se comparam os animais e as plantas do Velho e do Novo Mundo, ninguém pode deixar de surpreender-se com a identidade que apresentam; todos, ou quase todos, pertencem aos mesmos gêneros, e muitos, inclusive em suas espécies, são comuns aos dois continentes... o que indica procederem de um centro comum [a Atlântida]." [33]

Segundo a Ciência, o cavalo é originário da América. Grande parte, pelo menos, dos "elos perdidos há tempos", que o relacionam com as formas inferiores, foram descobertos nas camadas geológicas da América. Como penetrou o cavalo na Europa e na Ásia, se não havia comunicação por terra sobre o espaço oceânico? E, se se afirmar que o cavalo teve origem no Velho Mundo, como foi que passaram à América formas tais como o hipário, etc., na hipótese de emigração?

Ainda:

"Buffon havia... notado que as faunas da África e da América se repetiam; que, por exemplo, o lhama é uma forma débil e mais nova do camelo, e o puma do Novo Mundo representa o leão do Antigo." [34]

7.º A citação que damos a seguir diz respeito ao número 2; mas o seu significado é tal, e o seu autor se reveste de tamanha autoridade, que merece uma referência à parte:

"Em relação aos dolicocéfalos da América, sustento uma hipótese ainda mais ousada, a saber: que têm estreita afinidade com os guanchos das Ilhas Canárias e com as populações atlânticas da África, mouros, tuaregues, coptos, que Latham engloba sob o nome de egípcio-atlantes. Encontramos a mesma forma de crânio nas Ilhas Canárias, em frente da costa africana, e nas Ilhas Caraíbas, na costa que dá para a África. A cor da pele, nas populações de ambos os lados do Atlântico, é de um moreno avermelhado." [35]

Se, pois, os Bascos e os homens das cavernas de Cro-Magnon são da mesma raça que os Guanchos das Ilhas Canárias, segue-se que há também

(33) *Westminster Review*, janeiro de 1872.
(34) Schmidt: *Doctrine of Descent and Darwinism*, página 223.
(35) Professor Retzius: *Smithsonian Review*, 1859, pág. 266.

uma relação entre os primeiros e os aborígenes da América. Tal é a conclusão que se impõe à vista das investigações independentes de Retzius, Virchow e De Quatrefages. As afinidades atlantes daqueles três tipos se tornam evidentes.

8.º As sondagens levadas a efeito pelos navios "Challenger" e "Dolphin" mostraram uma grande cordilheira, com umas 3.000 milhas de extensão, que, elevando-se dos profundos abismos do Atlântico, e partindo de um ponto próximo às Ilhas Britânicas, se dirige para o Sul, contorna o Cabo Verde, e continua para o Sudeste, ao longo da costa ocidental africana. Essa cordilheira tem uma *altura média* de 6.000 pés, e emerge sobre o nível das águas nos Açores, na ilha da Ascensão e em outros lugares. Nas profundezas do Oceano, perto dos Açores, descobriu-se como que a armação do que em outros tempos foi um bloco maciço de terra [36].

"As desigualdades, as montanhas e os vales da superfície nunca poderiam ter sido produzidos pela aglomeração de sedimentos ou por elevações submarinas, segundo as leis conhecidas; mas, pelo contrário, devem ter sido o resultado de agentes operando acima do nível das águas." [37]

É bem provável que existissem anteriormente faixas de terra unindo a Atlântida à América do Sul em algum ponto acima da foz do Amazonas, e à África perto do Cabo Verde; não sendo improvável que também existisse uma comunicação semelhante com a Espanha, segundo a opinião de Donnelly [38]. Que houvesse ou não esta última comunicação, pouco importa, pois o que hoje é o Noroeste da África constituía — antes da elevação do Saara e da ruptura da passagem de Gibraltar — um prolongamento da Espanha. Conseqüentemente, nenhuma dificuldade se apresenta quanto ao modo por que se terá verificado a emigração da fauna européia, etc.

Dissemos o bastante do *ponto de vista* puramente científico, sendo inútil, uma vez que o assunto foi já desenvolvido segundo as linhas do Conhecimento Esotérico, aumentar mais a quantidade de provas. Para concluir, vem a pêlo citar as palavras de um dos mais intuitivos escritores de nossa época, como admiravelmente esclarecedoras das opiniões dos Ocultistas, que aguardam pacientemente a aurora do próximo dia:

"Só agora começamos a compreender o passado; há cem anos o mundo nada sabia a respeito de Pompéia ou Herculano; nada sobre o parentesco lingüístico que une as nações indo-européias; nada quanto ao sentido das inúmeras inscrições gravadas nos túmulos e nos templos do Egito; nada acerca do significado dos textos cuneiformes da Babilônia; nada sobre as maravilhosas civilizações reveladas pelas ruínas do Iucatan, do México e do Peru. Estamos no limiar. A investigação científica avança a passos de gigante. Quem sabe se daqui a cem anos não estarão os grandes museus do mundo adornados com jóias, estátuas, armas e utensílios da Atlântida, e não conterão as biblio-

(36) Vejam-se ás pesquisas do barco "Dolphin" dos Estados Unidos, e outras.

(37) *Scientific American*, 28 de julho de 1877.

(38) Veja-se a sua carta *Atlantis*, pág. 46, embora dela conste apenas um fragmento do *real* Continente.

tecas as traduções de suas inscrições, projetando uma nova luz sobre a história passada da raça humana e sobre todos os grandes problemas que deixam atualmente perplexos os pensadores?" [39]

E agora vamos à

CONCLUSÃO

Passamos em revista as antigas tradições dos povos, a doutrina dos ciclos cronológicos e psíquicos, de que essas mesmas tradições são a prova tangível, e muitos outros assuntos que, ao primeiro relance, podem parecer fora de lugar neste livro. Mas, em verdade, são necessários.

Falar sobre os anais e as tradições secretas de tantas nações, cujas próprias origens sempre estiveram no terreno das suposições e das provas meramente dedutivas, e discorrer sobre as crenças e a filosofia de raças mais que pré-históricas, não representam mui fácil tarefa, como seria, por exemplo, se se tratasse apenas da filosofia e da evolução de uma raça particular.

A Doutrina Secreta foi propriedade comum de milhões e milhões de homens nascidos sob climas diversos, em tempos de que a História não quer ocupar-se, e aos quais os Ensinamentos Esotéricos atribuem épocas que se não compadecem com as teorias da Geologia e da Antropologia. O aparecimento e a evolução da Ciência Sagrada do Passado perdem-se na noite dos tempos; e até mesmo o que é histórico — ou seja, o que se encontra esparso aqui e ali na antiga literatura clássica — é atribuído pela crítica moderna a uma deficiência de observação dos escritores antigos, ou à superstição decorrente da ignorância da antiguidade.

Impossível, portanto, discutir este assunto como se fosse a evolução de uma arte ou de uma ciência em alguma nação histórica bem conhecida. Só apresentando ao leitor provas em grande número, capazes de demonstrar que, em todas as épocas, fossem quais fossem as condições de civilização e de conhecimento, as classes ilustradas se fizeram o eco, mais ou menos fiel, em cada nação, de um sistema idêntico e de suas tradições fundamentais — é que podemos levá-lo a certificar-se de que tantas correntes de uma mesma água devem ter uma fonte comum, da qual fluíssem. Que fonte era essa? Dizem que os acontecimentos futuros projetam sua sombra com antecedência; se assim é, os acontecimentos passados devem ter deixado seus traços São estas sombras do remoto Passado e suas fantásticas silhuetas sobre a tela exterior de todas as Religiões e Filosofias que nos permitem, comprovando-as e comparando-as à medida que avançamos, encontrar finalmente o corpo que as produziu. O que todos os povos da antiguidade aceitavam, constituindo a base de suas crenças e religiões, só podia ser o reflexo da verdade e dos fatos. Como dizia Haliburton,

"Se ouvirdes apenas uma das partes, permanecereis na obscuridade; se ouvirdes as duas partes, tudo ficará esclarecido."

---

(39) Donnelly, *Atlantis*, pág. 480.

Até agora o público somente conheceu e ouviu uma das partes, ou melhor, as opiniões parciais de duas classes de homens diametralmente opostas, cujas proposições preliminares ou premissas respectivas diferem consideravelmente, mas cujas conclusões são idênticas: os cientistas e os teólogos. Dá-se aos leitores a oportunidade de ouvir a outra parte e de conhecer assim a defesa dos acusados e a natureza dos seus argumentos.

Se se deixar o público com suas velhas opiniões, a saber: de um lado, que o Ocultismo, a Magia, as lendas de antanho, etc., são frutos da ignorância e da superstição; e, de outro lado, que tudo quanto sai da esfera ortodoxa é obra do demônio — qual será o resultado? Por outras palavras: se a literatura teosófica ou mística não fosse ouvida nestes últimos anos, o presente livro teria mui poucas probabilidades de ser lido com imparcialidade. Tê-lo-iam proclamado, e muitos ainda o farão, um conto de fadas tecido com problemas abstrusos e sem nenhuma base sólida; bolhas de sabão que se desfazem ao menor toque de um raciocínio sério. De tal coisa nem mesmo os escritores antigos, *supersticiosos e crédulos,* falam em termos claros e inequívocos, e os próprios símbolos não trazem indício algum de semelhante sistema. Este seria o veredicto unânime. Mas, quando se provar de modo irrefutável que a afirmativa dos povos asiáticos sobre a existência de uma Ciência Secreta e de uma História Esotérica do mundo assenta em fatos reais; que, embora desconhecidas das massas, e sendo um mistério velado até para as pessoas instruídas — porque nunca possuíram a chave que lhes permitisse compreender as numerosas alusões dos clássicos antigos —, não são contos de fadas, mas sim uma realidade; então a presente obra será simplesmente a precursora de muitas outras do mesmo gênero.

Diz-se que as chaves até hoje descobertas por alguns eminentes eruditos são demasiado obscuras e não passam de testemunhos silenciosos de que existem realmente mistérios por trás do véu, aos quais não se pode ter acesso senão com uma nova chave. E este é um asserto que não pode ser facilmente posto de lado, porque encontra apoio em inumeráveis provas. Como ilustração, apresentaremos um exemplo tirado da história da Franco-Maçonaria.

Ragon, sábio e ilustre mação belga, em seu livro *Maçonnerie Occulte,* acusa os maçons ingleses, com ou sem razão, de terem materializado e desonrado a Maçonaria, baseada primitivamente nos Mistérios Antigos, porque adotaram, em virtude de uma noção errônea da origem da sociedade, os nomes de "Franco-Maçonaria" e "Franco-Maçons". Diz que o erro se deve àqueles que relacionaram a Maçonaria com a *construção* do Templo de Salomão. E, escarnecendo a idéia, acrescenta:

"O francês sabia perfeitamente, quando adotou o título de Franco-maçom, que não se tratava da construção de nenhuma parede, mas percebeu, sim, que, iniciado nos Mistérios velados sob o nome de Franco-Maçonaria, os quais só podiam ser a continuação ou renovação dos Antigos Mistérios, ele se convertia em um *maçon* à maneira de *Anfião* ou de *Apolo*. E não sabemos nós que os antigos poetas iniciados, ao falarem da *fundação de uma cidade*, queriam significar o estabelecimento de uma doutrina? Assim é

que Netuno, deus do raciocínio, e Apolo, deus das coisas ocultas, se apresentaram como *maçons* perante Laomedon, pai de Príamo, para ajudá-lo a construir a cidade de Tróia, isto é, a estabelecer a *religião troiana*." [1]

Tais frases de duplo sentido *(veladas)* são muito freqüentes nas obras dos antigos escritores clássicos. Se quiséssemos, assim, demonstrar, por exemplo, que Laomedon foi o fundador de um ramo dos Mistérios Arcaicos, em que a alma material encadeada à Terra, ou o Quarto Princípio, estava personificada pela infiel esposa de Menelau, a formosa Helena, e se Ragon não acudisse a corroborar a nossa palavra, poderiam replicar-nos que nenhum autor clássico fala em semelhante coisa, e que Homero se refere a Laomedon como tendo construído uma *cidade*, e não fundado um *Culto Esotérico* ou MISTÉRIOS. Com exceção de alguns raros Iniciados, quem hoje é capaz de entender o verdadeiro sentido destas expressões simbólicas?

Mas, embora tenhamos feito a indicação de muitos símbolos mal interpretados que se relacionam à nossa tese, resta ainda por vencer mais de uma dificuldade. O mais importante destes obstáculos é o da cronologia; não se pode, contudo, evitá-lo. Prensada entre a cronologia teológica, de um lado, e a dos geólogos, de outro; acossada por todos os antropólogos materialistas, que assinam ao homem e à Natureza idades que só condizem com suas próprias teorias, — que podia a autora fazer mais do que fez? Considerando que a Teologia situa o Dilúvio em 2.448 anos antes de Cristo, e a Criação do Mundo em um passado de apenas 5.890 anos; considerando que investigações minuciosas pelos métodos da Ciência "exata" levaram os geólogos e os físicos a fazer remontar a formação da crosta terrestre a uma época que varia entre dez milhões e mil milhões de anos [2] (uma diferença realmente *insignificante*!); e considerando que os antropólogos reclamam, para suas divergências de opinião sobre a data do aparecimento do homem, a margem de 25.000 a 500.000 anos; — que pode fazer aquele que estuda a Doutrina Oculta, senão apresentar corajosamente ao mundo os cálculos Esotéricos?

Mas, para assim proceder, necessário foi recorrer à confirmação de algumas provas "históricas", apesar de sabermos todos o que valem as chamadas "provas históricas". Com efeito. Quer tenha o homem aparecido na Terra há 18.000 ou há 18.000.000 de anos, isso pouco importa à história profana, pois que ela só principia dois mil anos antes de nossa era, e, assim mesmo, ainda se debate, desamparada, entre o malogro e o aturdimento das opiniões contraditórias, que se destróem mutuamente ao seu redor. Não obstante, em razão do respeito à Ciência exata, em que geralmente foram educados os leitores, permaneceria sem sentido até mesmo aquele curto período do Passado, se os Ensinamentos Esotéricos não fossem corroborados e apoiados ato contínuo — *sempre que possível* — pela referência a nomes históricos pertencentes aos chamados tempos históricos. E este o guia único que se pode dar ao principiante, antes que lhe seja permitido penetrar nos meandros,

---

(1) *Orthodoxie Maçonique Suivie de la Maçonnerie Occulte et de l'Initiation Hermétique*, pág. 44.

(2) Consultem-se Mr. Huxley e Sir. William Thompson.

que ele mal conhece, do sombrio labirinto das idades pré-históricas. Essa necessidade foi preenchida. Espera a autora, tão somente, que a sua atitude, ditada pelo desejo de sempre fazer acompanhar de provas, antigas e modernas, que lhe roborem os assertos relativos a um Passado arcaico e nada histórico, não venha a fazê-la alvo da acusação de haver misturado, sem ordem nem método, os diferentes e mui distanciados períodos da história e da tradição. A forma literária e o método tinham que ser sacrificados no interesse da clareza e da exposição geral.

Para levar a cabo a tarefa que se propôs, precisou a autora de recorrer ao processo não usual de dividir cada volume em três partes [3], das quais só a primeira é a história seguida, ainda que fragmentária, da Cosmogonia e da Evolução do Homem sobre este Globo. Mas estes dois volumes servem como um PRÓLOGO a fim de preparar o espírito do leitor para o que virá depois [4]. Ao tratar da Cosmogonia e, em segundo lugar, da Antropogênese da Humanidade, mister se fazia mostrar que nenhuma religião, desde a mais antiga, foi inteiramente baseada na ficção; que nenhuma foi objeto de revelação especial; que o dogma, exclusivamente o dogma, foi o que obliterou a verdade original; e, finalmente, que nenhuma doutrina de procedência humana, nenhuma crença, por mais consagrada que esteja pelo costume e pelo tempo, se pode comparar em santidade com a religião da Natureza. A chave da Sabedoria, capaz de abrir as maciças portas que conduzem aos arcanos dos mais recônditos Santuários, só no seio da Natureza pode ser encontrada; e este seio acha-se nas regiões assinaladas pelo grande vidente do século passado: Emanuel Swedenborg. Ali está o Coração da Natureza, esta urna sacrossanta de onde saíram as primeiras raças da Humanidade primitiva, e que é o berço do homem *físico*.

Tal é a suma das crenças e doutrinas das primeiras Raças arcaicas, constantes de seus anais até agora mantidos em segredo.

Nossas explicações, contudo, estão longe de ser completas; e não pretendemos haver apresentado o texto integral, nem havê-lo decifrado com o auxílio de mais de três ou quatro chaves, das sete que compõem a interpretação Esotérica — e isso mesmo só o fizemos em parte. A obra é demasiado gigantesca para que uma só pessoa possa tomá-la sobre os ombros e realizá-la até o fim. Estes dois volumes [5] representam apenas o trabalho de um desbravador que abriu caminho por entre a mata quase impenetrável da floresta virgem do País do Oculto. O primeiro passo consistiu em derrubar e arrancar pela raiz os mortais Upas, as árvores da superstição, do preconceito e da ignorância presunçosa, de modo que ambos os volumes fossem para o estudante um prelúdio de outras obras. Assim, o nosso principal escopo foi simplesmente a preparação do terreno. Esperamos tê-lo conseguido.

---

(3) Nas edições de 1888 e 1893.

(4) Como H. P. B. faleceu antes de poder completar os dois volumes prometidos, o texto dos manuscritos restantes se encontra no volume V (edição inglesa), anteriormente volume III da edição de 1897.

(5) Os dois volumes da edição inglesa formam os volumes I a IV da presente edição.

Enquanto os resíduos das idades não forem eliminados da mente dos Teósofos, a quem dedicamos estas páginas, é impossível que cheguem a compreender o ensinamento de caráter mais prático que se contém no terceiro volume [6]. Do acolhimento que os Teósofos e os Místicos dispensarem aos dois primeiros volumes dependerá, portanto, a publicação do último volume [7].

SATYAT NASTI PARO DHARMAH

NÃO HÁ RELIGIÃO SUPERIOR À VERDADE

— Fim do volume IV —

(6) Volumes V e VI da presente edição.

(7) Veja-se "Como foi escrita a DOUTRINA SECRETA", volume I.

NOTAS ADICIONAIS

Opus Operatum, pág. 49.

Esta expressão técnica encerra o significado de: havendo-se completado a obra (de caridade ou sacrifício). Veio a ser usada quase exclusivamente com o sentido teológico de "o ato confere a fraça independentemente da pessoa que a recebe".

Pistis Sophia, pág. 134, nota.

Este importante documento foi traduzido por G. R. S. Mead, discípulo e secretário de Mme. Blavatsky, e competente erudito em Grego. Apareceu pela primeira vez em *Lucifer* (revista editada por Mme. Blavatsky) no começo de abril de 1890, pág. 107. Mais tarde foi publicado em livro pela Theosophical Publishing House, em Londres, 1896.

Harmonia do Diapasão, pág. 145.

Lembra um estudante que a harmonia do diapasão contém somente seis tons; e, mais, que o número total de tons mencionados no texto parece somar 6 1/2. (Veja-se *Pythagoras*, pág. 93, Wheaton, Ill., U.S.A., Theosophical Press, 1938.)

Bagavadam, etc., pág. 189.

Bagavatam, Paccham Rûdu (Ritu) Ayanam são termos de coloquiais do Tamil correspondentes às palavras sânscritas Bhagavatam, Paksha, Ritu e Ayana.

O Rajah impenetrável, pág. 190.

Rajah (Rajah) é outra forma de Rajas. Significa "pó" no sânscrito clássico; e na linguagem Védica quer dizer *loka* ou mundo.

Manu-Vina, pág. 315.

Veja-se *Ísis sem Véu*, I, pág. 627, onde a história de Manu-Vina é contada como segue: "Sob o reinado de Vishvamitra, primeiro rei da Dinastia de Soma-Vanga, em conseqüência de uma batalha que durou cinco dias Manu-Vina, herdeiro dos antigos reis, tendo sido abandonado pelos brâmanes, emigrou com os seus companheiros, passando através de Arya e dos países de Barría, e foi chegar às praias de Masra" (*History of India*, de Kullúka-Bhatta). Indubitavelmente este Manu-Vina e Menes, o primeiro rei egípcio, são idênticos.

Arya é Eran Pérsia; Barria é a Arábia; e Masra era o nome do Cairo, que hoje é chamado Masra, Musr e Misro...

O Sistema Periódico dos Elementos, pág. 196.

Veja-se a folha seguinte.

O SISTEMA PERIÓDICO DOS ELEMENTOS

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	(O)
1 H 1,008								2 He 4,00
3 Li 6,94	4 Be 9,02	5 B 10,82	6 C 12,00	7 N 14,07	8 O 16,10	9 F 19,0		10 Ne 20,2
11 Na 23,00	12 Mg 24,32	13 Al 26,97	14 Si 28,06	15 P 31,04	16 S 32,07	17 Ll 35,46		18 A 39,94
19 K 39,10	20 Ca 40,07	21 Sc 45,10	22 Ti 47,9	23 V 51,0	24 Cr 52,01	25 Mn 54,93	26 Fe 27 Co 28 Ni 55,84 58,97 58,69	
	29 Cu 30 Zn 63,57 65,38	31 Ga 69,72	32 Ge 72,6	33 As 74,96	34 Se 79,2	35 Br 79,92		36 Kr 82,92
37 Rb 85,45	38 Sr 87,63	39 Y 89,93	40 Zv 91,25	41 Nb 93,5	42 Mo 96,0	43 Ma	44 Ru 45 Rh 46 Pd 101,7 102,9 106,7	
	47 Ag 48 Cd 107,88 112,4	49 In 114,8	50 Sn 118,7	51 Sb 121,76	52 Te 127,5	53 I 126,92		54 I 130,2
55 Cs 132,81	56 Ba 137,37	Terras Raras 57-71	72 Hf 178,6	73 Ta 181,5	74 W 184,0	75 Re	76 Os 77 Ir 78 Pt 190,9 193,1 195,2	86 Nt (222,0)
	79 Au 80 Hg 197,2 200,6	81 Tl 204,4	82 Pb 207,20	83 Bi 209,00	84 Po (210)	85 —		
87 —	88 Ra 225,97	89 Ac (227)	90 Th 232,15	91 Pa (230)	92 U 238,2			

Terras raras (57-71): La, Ce, Pr, Nd, (Il), Sm, Eu, Gd, Tb, Dy, Ho, Er, Tu, Yb, Lu. O número diante do símbolo de cada elemento é o seu "número atômico"; o número em baixo é o seu peso atômico (os isótopos não foram levados em conta). Os algarismos romanos ao alto indicam o número da coluna. (Bernhard Bavink, *The Anatomy of Modern Science*, Londres, Bell & Co., 1932.)

Esta tábua foi fornecida pelo Prof. D. D. Kanga.

BIBLIOGRAFIA

Livros existentes na Biblioteca de Adyar e cujas citações foram verificadas.

Anugitâ, The. Trad. K. T. Telang, M.A. Da série *Sacred Books of the East,* Oxford. Clarendon Press, 1908.

Asgard and the Gods. Dr. W. Wagner, adaptação de M. W. MacDowell, Londres. Swand, Sonnenschein, Le Bas and Lowry, 1886.

Atlantis. The Antediluvian World. Ignatius Donnelly. Nova York. Harper and Brothers, 1882.

Bhagavad Gitâ, The. Trad. K. T. Telang. Da série *Sacred Books of the East,* Oxford. Clarendon Press, 1908.

Book of God, The. (Keneally). Reeves and Turner. Sem data.

Climate and Time. James Croll. Londres. Dalby, Isbiston & Co., 1875.

Coming and Evolution of Life, The. H. E. Crampton, Londres. Chapman and Hall.

Descent of Man, The. Charles Darwin. John Murray, 1890.

Esoteric Buddhism. A. P. Sinnett, 8.ª ed., Londres. The Theosophical Publishing House, 1918.

Esprits, Des. J. E. De Mirville. Paris. H. Vrayet de Surcy. 1863.

Five Years of Theosophy. The Theosophical Publishing Society, 1885.

Hindu Pantheon, The. Edward Moor, F. R. S. Londres. J. Johnson, 1810.

Human Species, The. A. De Quatrefages. Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 5.ª ed., 1890.

India: What can it Teach us? F. Max Müller, K. M. Londres. Longmans Green & Co. 1883.

Iranians, Civilizations of the Eastern. Dr. W. Geiger, trad. Dârâb Dastur Peshotan Sangânâ, B. A. Londres. Henry Frowde, 1885-86. 2 vols.

Isis Unveiled. H. P. Blavatsky. New York. J. W. Mouton, 1886.

Kabbalah, The. Adolf Franck; revisão e trad. do Dr. T. Sossnitz, Nova York. The Kabbalah Publishing Co. 1926.

Kabbalah Unveiled, The. Trad. S. I. MacGregor Mathers. Londres. George Radway, 1887.

Life and Religion, New Aspects of. Henry Pratt, M.D. Londres. Williams and Norgate. 1886.

Maçonnerie Occulte, La. J. M. Ragon. Paris. E. Dentu. 1853.

Mahâtmâ Letters to A. P. Sinnett, The. Compiladas por A. Trevor Barker. Londres. Rider & Co. 1930.

Man Before Metals. N. Joly. Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. 1892.

Man's Place in Nature. T. H. Huxley. Londres. Macmillan & Co. Ltd. 1900.

Modern Science and Modern Thought. S. Laing. Londres. Chapman and Hall, Ltd. 1902.

Modern Zoroastrian, A. S. Laing. Londres. F. V. White & Co. 1887.

Mythical Monsters. Charles Goul. Londres. W. H. Allen & Co. 1886.

Natural Genesis, The. Gerald Massey. Londres. Williams and Norgate. 1883.

Paracelsus. Franz Hartmann, M. D. Londres. George Redway. 1887.

Phallicism. Hargrave Jennings. Londres. George Redway, 1884.

Psychology, The Principles of. Herbert Spencer. Londres. Williams and Norgate. 3.ª ed. 1881.

Qabbalah. Trad. Isaac Meyer, LL. B. Filadélfia. Publicada pela Autora. 1888.

Religions of India, The. A. Barth, trad. Rev. J. Wood. Londres. Trubner & Co. 1882.

Sacred Mysteries among the Mayas and Quichés. A. Le Plongeon. Nova York. Robert Macoy. 1886.

Select Specimens of the Theatre of the Hindus. Trad. do original sânscrito por H. H. Wilson, 3.ª edição, 2 vols. Estes dois volumes correspondem aos volumes XI e XII das obras de Horace Hayman Wilson. Londres. Trubner & Co. 1871.

Source of Measures, The. J. Ralston Skinner. MS.

Source of Measures, The Key to the Hebrew-Egyptian Mystery. J. Ralston Skinner. Filadélfia. David MacKay Company. (Sem data.)

Vishnu Purâna, The. Trad. H. H. Wilson, edit. Fitzedward Hall. Londres. Trubner & Co. 5 vols. 1864-70.

World-Life or Comparative Geology. Alexander Winchell. Chicago. S. C. Griggs & Co. 1883.

Zend-Avesta, The. Trad. J. Darmesteter. Da série *Sacred Books of the East.* Oxford. Clarendon Press. 1880.

OUTROS LIVROS PARA REFERÊNCIA

Fragments of a Faith Forgotten. G. R. S. Mead. Londres. The Theosophical Publishing House. 1906. 2.ª ed.

Pistis Sophia. G. R. S. Mead. Londres. John M. Watkins. 1921.

Echoes from the Gnosis. G. R. S. Mead. Theosophical Publishing Society. 1907-18. 11 volumes, incluindo: *Hymn of Jesus, The,* vol. VI, *Mysteries of Mithra,* vol. V, *Chaldean Oracles,* vols. VIII, IX, *Hymns of Hermes,* vol. II.

Gnosis or Ancient Wisdom in the Christian Scriptures, The. William Kingsland. Londres. George Allen & Unwin Ltd. 1936.

Graces of Interior Prayer, The. Rev. A. Poulain, Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd.

Science of Living, The. Alfred Adler. Londres. George Allen & Unwin Ltda.

Creative Evolution. Henri Bergson, Londres. Macmillan & co. Ltda.

Psychology of the Unconscious. C. G. Jung. Paul Kegan, Trench, Trubner & Co. Ltda. 1919.

Social Psychology. William McDougall, F. R. S. Londres. Methuen & Co. Ltd. 1924. 19.ª ed.

Psychology. The Study of Behaviour. William McDougall, F.R.S. Londres. Williams & Norgate.

Psychology, Principles of. William James. Londres. Macmillan & Co. Ltd. 1891. 2 vols.

Ego and the Id, The. Sigmund Freud. Londres. Hogarth Press.

Science and New Civilization. R. A. Milligan. Londres. Scribner's. 1930.

Evolution in Science and Religion. R. A. Milligan. Londres. Oxford University Press. 1937.

Time, Matter and Value. R. A. Milligan. Londres. Oxford University Press. 1932.

Birth of Indian Psychology and its Development in Buddhism, The. Mrs. Rhys Davids, D. Litt. Londres. Luzac & Co. 1936.

Philosophy of Religion, Lectures on the. G. W. F. Hegel. Trad. E. B. Spiers, B. D. Londres. Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. 1895. 2 vols.

Science of Thought, The. F. Max Müller. Londres. Longmans, Green & Co. 1887.

Age of the Earth, The. Arthur Holmes, D. Sc., A.R.C.S. Londres. Ernest Benn, Ltd.

Earth and its Cycles, The. E. W. Preston, M. Sc. Londres. The Theosophical Publishing House. 1931.

Essays upon Heredity. Dr. August Weismann. Trad. autorizada; edit. Edward B. Poulton, M.A., F.L.S., F.G.S. Oxford. Clarendon Press. 1889.

History of the Devil, The. Dr. Paul Carus. Chicago. The Open Court Publishing Co. 1900.

Science and Music. Sir J. Jeans. Londres. Cambridge University Press. 1937.

History of Babylon, A. Leonard W. King, Litt. D.F.S.A. Londres. Chatto & Windus. 1919.

Teutonic Mythology. Viktor Rydberg, Ph.D. Trad. do sueco por Rasmus B. Anderson, LL.D. Londres. Swan Sonneschein & Co. 1889.